

COLEÇÃO BÍBLICA



JOÃO ROATTA

O mistério da palavra de Deus

Deus,
tendo falado
outrora
muitas vezes
e de muitos modos
a nossos pais
pelos profetas,
últimamente
nêstes dias,
falou-nos
por meio de seu Filho,
a quem constituiu
herdeiro de tudo,
por quem criou
também os séculos.

Hebreus, 1,1

EDIÇÕES PAULINAS

<http://www.obrascaticas.com>

PRINCIPIOS — EXPERIÊNCIAS — CONSELHOS
DOS "SANTOS HOMENS DE DEUS"

PARA RECEBER COM FRUTO A PALAVRA DE DEUS

AGIÓGRAFOS. — Moisés — Josué — Samuel — Davi — Jó — Amós — Oséias — Isaías — Miquéias — Sofonias — Habacuc — Jeremias — Ezequiel — Daniel — Zacarias — Malaquias — Neemias — Jesus filho de Sirac — Autores dos Provérbios, da Sabedoria, do Primeiro livro dos Macabeus.

S. Mateus — Marcos — Lucas — João — Paulo — Pedro — Tiago — Conclusão do Apocalipse.

ROMANOS PONTIFICES, PADRES, DOUTORES, ESCRITORES E ESCRITORAS DA IGREJA. — Autor da Didakê — S. Clemente Romano — S. Inácio Mártir — S. Policarpo — Autor da Carta a Diogneto — S. Justino — S. Teófilo — S. Irineu — Clemente de Alexandria — Tertuliano — Orígenes — S. Cipriano — Latâncio — S. Antônio Abade — S. Hilário — S. Efrêm Sirio — S. Atanásio — S. Basílio — S. Cirilo de Jerusalém — S. Gregório Nazianzeno — S. Gregório Niseno — S. Ambrósio — S. João Crisóstomo — A. Prudêncio — S. Jerônimo — S. Agostinho — S. Nilo Abade — S. Paulino de Nola — S. Cirilo de Alexandria — S. Pedro Crisólogo — S. Vicente de Lérins — S. Leão Magno — S. Máximo de Turim — S. Cesário de Arles — S. Bento Abade — Cassiodoro — S. Gregório Magno — S. Isidoro — S. João Clímaco — S. Máximo Confessor — S. Ildefonso — S. Beda Venerável — S. André de Creta — S. João Damasceno — S. Teodoro Estudita — S. Pedro Damião — S. Anselmo — S. Bernardo — Pedro Lombardo — Inocêncio III — S. Francisco de Assis — S. Antônio de Lisboa — S. Tomás de Aquino — S. Boaventura — S. Alberto Magno — S. Gertrudes — Dante Alighieri — S. Catarina de Sena — S. Bernardino de Sena — S. Antonino — Tomás de Kempis — S. Francisco Xavier — S. Tomás de Vilanova — S. Inácio de Loiola — B. João de Ávila — S. Teresa de Ávila — S. João da Cruz — P. J. Anchieta — S. Lourenço de Brindisi — S. Roberto Belarmino — S. Francisco de Sales — Blaise Pascal — P. Antônio Vieira — Bossuet — S. Grignon de Monfort — S. Paulo da Cruz — S. Afonso de Liguori — P. H. Lacordaire — S. Antônio Claret — S. J. Bosco — Card. Newman — S. Teresa do Menino Jesus — Leão XIII — S. Pio X — Bento XV — Pio XI — Servo de Deus P. Giaccardo — Pio XII — João XXIII — P. Tiago Alberione.

PE. DR. JOÃO ROATTA SSP.

O MISTÉRIO DA PALAVRA DE DEUS

EDIÇÕES PAULINAS

SEI 11.100.000

UNIVERSIDADE

DE SÃO PAULO

N I H I L O B S T A T
Sancti Pauli, 30 Junii 1961
PE. PAULO PAZZAGLINI, SSP
Censor ad hoc

I M P R I M A T U R
Sancti Pauli, die 26 Julii, a. 1961
† ANTONIUS MARIA
Archiepiscopus Coadjutor

Direitos reservados à Pía Sociedade de São Paulo
Praça da Sé, 180 - Caixa Postal 8107 - SÃO PAULO

1961

AO CARÍSSIMO PADRE ANDRÉ FERRERO SSP
POR OCASIÃO DE SUAS BODAS DE PRATA SACERDOTAIS
(15-8-1936 — 15-8-1961)
E A TODOS OS PADRES E RELIGIOSOS PAULINOS
CUJA VIDA É POSTA A SERVIÇO
DA «PALAVRA DE DEUS».

Contamos com a colaboração
dos Revmos. Padres

Vicente Pedroso (São Paulo)
Ângelo Costa, CSJ (Pôrto Alegre)
Afonso Bandeira (Pelotas, RS)

do ilustre Professor

Alceu Masson (S. Sebastião do Caí, RS)

da Senhorita

Lígia Marília Fornari (São Paulo)

e com a dedicada participação de

Bernardino Assis Fernandes
da Pia Sociedade de São Paulo

“ N U V E M D E T E S T E M U N H A S ”

Hebreus 12,1.

No undécimo capítulo aos Hebreus, São Paulo traça em grandes linhas o panorama histórico da fé, baseando-se nos nomes de maior relêvo do tempo antigo e nos resultados, impressionantes pela variedade e heroísmo, da adesão deles a Deus. Logo em seguida, encaminhando seu escrito para a conclusão e querendo estimular os fiéis a empreenderem com energia “a carreira que lhes é proposta”, resume tudo em dois têrmos que se lhe tornam argumento eficazíssimo: temos, diz êle, uma autêntica “nuvem de testemunhas”, e delas estamos tão rodeados, a ponto de permanecer sem evasivas:

“por isso também nós, envoltos como estamos por uma tão grande nuvem de testemunhas, desvencilhemo-nos de tudo aquilo que nos envolve e corramos com paciência a carreira que nos é proposta, olhando o autor e aperfeiçoador da fé, Jesus” (1).

A palavra revelada, “semente” e “fermento”, destina-se a um grande desenvolvimento no tempo e no espaço, seja pela manifestação crescente do seu conteúdo, seja pelos frutos sempre novos que produz. Ora, entre tôdas as páginas reveladas, aquela do capítulo undécimo da Carta aos Hebreus é das que propõem do modo mais evidente o tema de seu desenvolvimento: jamais irá faltar a geração daqueles que poderão afirmar com São Paulo:

“Animados pelo mesmo espírito de fé expresso nas palavras: “cri, por isso falei”, também nós cremos e por isso falamos” (2):

de modo que a nuvem das testemunhas se agiganta com o tempo, tornando-se sempre mais densa de conteúdo e de eficácia.

São Paulo dirigia seu incentivo a cristãos provavelmente chamados a submeter sua fé à prova de sangue; porém a oportunidade de seu convite não parece menor neste tempo, em que as fileiras de batalha se tornam tão categóricas e ameaçadoras, que para os cristãos é extremamente benéfica a certeza de serem assediados e

(1) Hebreus 12, 1-2.

(2) 2. Coríntios 4, 13.

como que impulsionados por uma grande nuvem de testemunhas, cuja deposição sempre bate válidamente sôbre a tecla da fé. No grande drama que põe em causa a liberdade do homem e a própria existência cristã no mundo, as testemunhas de cada época histórica nos falam com a máxima concórdia: elas continuam a dizer e a insistir com unanimidade:

Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé (1).

Observemos bem: êles dizem "fé": usam portanto aquêle termo forte e inconfundível que define a posição da vida humana diante de Deus que fala; intendem aquela virtude cristã que se substancia tôda da "palavra de Deus".

Descobrimos, por conseguinte, ao mesmo tempo, que no fundo de cada luta e no fundamento de cada vitória acha-se a "palavra de Deus".

Muitos cristãos do nosso tempo estão retomando contato com a palavra de Deus: pelo menos demonstram maior interêsse pelo livro que a contém. O passo que leva da indiferença ao interêsse é promissor: mas o passo decisivo é só aquêle que do interêsse conduz à fé.

É a êste segundo passo que nos impele a nuvem das testemunhas: e êste livro, em particular, tem o objetivo de pôr-nos em contato com as máximas testemunhas da palavra de Deus.

O MISTÉRIO DA PALAVRA

Tudo depende portanto da autenticidade da nossa relação com a palavra de Deus: ela, no conteúdo e no modo com que se apresenta, tem algo de altamente misterioso: imergir-se-lhe — o que constitui a fé — significa revestir-se de um valor e de uma potência que nos transcende e nos transforma.

Mas qual é o mistério da palavra de Deus?

Se nos determos ainda no âmbito da Carta aos Hebreus podemos colhêr-lhe já alguma enunciação: várias alusões do Apóstolo começam a estimular o nosso pensamento, colocando-o diretamente diante da amplidão e da profundidade da palavra divina.

(1) 1. João 5, 4.

O HORIZONTE DA PALAVRA

Reflitamos sobre êstes três períodos:

1. Hebreus 1,1: "Deus, depois de haver falado antigamente muitas vêzes e de muitos modos aos nossos pais por meio dos Profetas, nestes últimos tempos falou por meio do Filho, que constituiu herdeiro de tôdas as coisas, e por meio do qual fêz também os séculos".
2. Hebreus 1,3: "O Filho, esplendor da glória, imagem da substância de Deus, sustêm tudo com a sua palavra potente".
3. Hebreus 11,3: "Pela fé sabemos que o mundo foi criado com a palavra de Deus".

Têrmos de extrema sobriedade: oferecem-nos portanto as primeiras misteriosas realidades da palavra. Tudo nela tem origem, explicação, desenvolvimento: o ato criador e as sucessivas fases da organização cósmica são frutos da palavra ("*aptavit saecula verbo*"); a evolução dos seres para um fim, no harmônico entretecer-se de leis físicas e históricas é devida à palavra de Deus ("*portans omnia verbo virtutis suae*"); os tempos da história humana ("*olim — multifariam — novissime, diebus istis*") são ritmados e unificados pela palavra. O universo, racional e físico, está portanto todo na dependência da palavra de Deus e, antes, surge como um desenvolvimento dela.

Que é pois a palavra de Deus?

Apresenta-se-nos, em primeiro aspecto, como uma exigência potente, infalível, cuidadosa, à qual os seres respondem com o vir à existência, com seu dinamismo universal, na sucessão ordenada dos tempos.

Estas respostas, a Bíblia no-las põe sob os olhos.

Nas sublimidades celestes os seres angélicos, que estão no vértice da criação, aparecem essencialmente como uma resposta à palavra: "Anjos dêle, galhardos executores de suas ordens, prontos a tôda sua palavra" (1).

O universo visível responde com seu comparecer à existência: "Êle disse e se fêz; êle ordena e tudo existe" (2).

A variedade dos seres e dos fenômenos, ligados pelo multiforme complexo das leis naturais, responde com incessante e ordenado dinamismo: "Fogo, granizo, neve, neblina, vento impetuoso, executores de sua palavra" (3).

Não é tudo. A Bíblia nos deixa entrever até respostas futuras,

(1) Salmo 102, 20.

(2) Salmo 32, 9.

(3) Salmo 148, 8.

para nós completamente misteriosas. Com toda a certeza, como coisas já vistas, além das vicissitudes do tempo humano, entidades novas pela forma e pelo conteúdo estão prontas a dizer o seu sim: "Vi um céu e uma terra nova" (1), anuncia entre as suas visões o autor do Apocalipse. Isso sucederá quando a palavra de Deus, terminado o programa desta fase particular da manifestação divina, continuar firme e ativa no seu dinamismo eterno: "Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão" (2).

Estas primeiras indicações, aliás freqüentes nas páginas reveladas, mostram o fundo misterioso do quadro, de um azul infinito, em que o nosso olhar se perde: elas nos oferecem a existência do mistério, mas como velado na superabundância da luz, semelhante às estrélas que cintilam no nosso firmamento, claras aos nossos sentidos, misteriosas para o nosso conhecimento.

O que vem a ser então a palavra de Deus? O crente continua ainda mais atentamente na sua sondagem e nas suas descobertas.

OS VALORES ABSOLUTOS DA PALAVRA

S. Agostinho gostava de atingir a palavra de Deus mesmo por uma outra direção. Freqüentemente, com singular penetração, considerava a palavra do homem, dela permanecendo maravilhado e preocupado. Dizia então: "Eis que não se pode suficientemente explicar toda a força que tem a palavra do homem; e vós me perguntais: Que é a palavra de Deus?" (3).

É procurando elevar a palavra do homem à sua máxima perfeição, depois de a ter libertado dos graves defeitos que a limitam, que podemos atingir uma idéia qualquer da palavra de Deus. A revelação, de fato, nos apresenta certo número de valores absolutos da "palavra", valores estes que, muitas vezes, manifestam-se precisamente no contraste com todo o relativo e o defeituoso que há na palavra humana. Aqui colhemos-lhe os termos mais correntes nas páginas inspiradas.

1. A palavra de Deus é soberanamente *potente e realizadora*. — Sendo a expressão direta da Sabedoria, que, "única, pode tudo, e, inalterável em si, renova todas as coisas" (4), "a palavra de Deus está cheia de poder e ninguém pode dizer-lhe: por que fazes deste modo?" (5). É sobre este valor primário da palavra de Deus, que Abraão, a primeira entre as testemunhas, baseou sua fé: "Absolutamente cõscio (*plenissime sciens*) que Deus é tão potente que

(1) Apocalipse 21, 1.

(2) Mateus 24, 35.

(3) Sermo 237, 4. — PL 38, 1124.

(4) Sabedoria 7, 27.

(5) Eclesiastes 8, 4.

pode efetuar tudo o que prometera: eis por que a sua fé lhe foi imputada como justiça" (*).

2. A palavra de Deus é intimamente *penetrante e eficaz*. — Jeremias ouviu-a revelar-se-lhe como "fogo", como "martelo que despedaça as pedras" (*) e a Carta aos Hebreus nos dá a notíssima definição: "viva e eficaz é a palavra de Deus e mais afiada do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e das medulas, e perscruta os pensamentos e as intenções do coração e não há nada que fique invisível diante dela" (*).

3. A palavra de Deus é singularmente *sóbria e essencial*. — Nela não há nada demais: tudo nela tem um valor preciso. O livro de Jó traz êste pensamento: "Tu litigas contra Deus por que não responde a tôdas as tuas palavras? Deus fala uma só vez e não repete uma segunda vez aquilo que disse" (*). E S. Paulo faz notar, escrevendo aos Romanos: "Deus executará e apressará com justiça o que disse, e será de poucas palavras (*verbum brevium*) sôbre a terra" (*).

4. A palavra de Deus é sapientemente *ordenada e previdente*. — Êste ponto revelou-se com particular insistência e clareza ao Profeta Isaías: entre outras coisas êle nos refere estas palavras de Deus: "Sim, sou eu Deus, e não há outros; não pode haver um semelhante a mim, que anuncia desde o princípio as últimas coisas, e muito tempo antes as coisas ainda não existentes, e digo: os meus desígnios triunfarão, todo o meu desejo será cumprido" (*). S. Paulo por sua vez transmite ao discípulo Tito um pensamento sôbre a rigorosa administração que Deus faz de sua palavra no tempo: "Deus, o qual não mente, prometeu antes que começassem os séculos, mas manifestou a sua palavra no tempo estabelecido" (*).

5. A palavra de Deus é absolutamente *veraz e justa*. — É o reverso da maior parte das palavras humanas, e S. Paulo escreve-o sem reticência: "Deus é veraz, mesmo que todo homem seja falaz" (*). É por isso que à palavra de Deus não se pode ajuntar nem tirar: "Tôda palavra de Deus é purificada no fogo... não ajuntar nada à sua palavra para não ser repreendido e desmentido" (*). No

(1) Romanos 4, 21-22.

(2) Jeremias 23, 29.

(3) Hebreus 4, 12-13.

(4) Jó 33, 13-14.

(5) Romanos 9, 28.

(6) Isaías 46, 9-10.

(7) Tito 1, 3.

(8) Romanos 3, 4.

(9) Provérbios 30, 5-6.

Apocalipse, já em projeção eterna, temos um cântico de “povos reunidos” que exclamam, além dos umbrais do tempo: “Saudação e glória e potência ao nosso Deus, por que verdadeiros e justos são os seus juízos” (1).

6. A palavra de Deus é maravilhosamente *fiel e cumpridora*. — Já o cantava Balaão ao filho de Sefor: “Deus não é homem para que possa mentir, não é filho de homem para que se contradiga. Talvez êle disse e não fêz? Prometeu e não cumpriu a sua palavra?” (2). Cantava-o também Davi, o mais sublime dos salmistas: “O Senhor é fiel em tôdas as suas palavras e santo em tôdas as suas obras” (3). A fidelidade é como um sigilo, colocado precisamente no último capítulo da Sagrada Escritura, sôbre tôda a revelação: “Estas palavras são fidelíssimas e verdadeiras” (4).

7. A palavra de Deus é perenemente *firme e indefectível*. — A Igreja abre e fecha cada ano litúrgico com esta declaração, que resume e confere um valor eterno a tudo aquilo que aí se desenvolve: “Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão” (5). O livro dos Provérbios sublinha a diferença entre a íntima instabilidade do homem e a perene firmeza da palavra de Deus: “Muitos são os desígnios do coração do homem, mas é a vontade do Senhor aquela que tem valor” (6). Isaías nos propõe esta verdade em termos de fortíssimo contraste: “A erva seca, a flor cai: mas a palavra de nosso Senhor permanece eternamente” (7).

8. A palavra de Deus é livremente *senhora e árbitra*. — Ninguém se lhe pode opor, pedindo contas: por que fazes isto? (8). Do juiz infalível e imparcial, ela tem um símbolo na espada: “Eis o que diz aquêle que tem a espada de dois gumes... combaterei contra êles com a espada da minha bôca” (9). Jó no seu tormento chegou a reconhecer êste supremo domínio divino: “Quem pretenderá ensinar a ciência a Deus, o qual julga os celestes?” (10). O próprio Cristo confere à sua palavra a alta missão de juiz: “Quem me despreza e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue: a palavra por mim anunciada, aquela o julgará no derradeiro dia” (11).

9. A palavra de Deus é admiravelmente *vital e fecunda*. — É conhecida a troca de palavras entre Cristo e o adversário na

(1) Apocalipse 19, 2.

(2) Números 23, 19.

(3) Salmo 144, 13.

(4) Apocalipse 22, 6.

(5) Mateus 24, 35; Lucas 21, 23.

(6) Provérbios 19, 21.

(7) Isaías 40, 8.

(8) Eclesiastes 8, 4.

(9) Apocalipse 2, 12-16.

(10) Jó 21, 22.

(11) João 12, 48.

solidão do deserto: às solicitações do tentador, o Filho de Deus responde: “Está escrito: não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (1). S. Pedro confessou a Cristo: “Tu tens palavras de vida eterna” (2). E Cristo acrescentou: “As minhas palavras são espírito e vida” (3). De resto, a palavra de Deus é “semente” que produz fruto, é “fermento” que leveda a massa, é “água” que sobe à vida. Todas as imagens mais expressivas da vida são aplicadas à palavra. E S. Paulo observa-lhe a fecundidade experimentalmente: “A palavra de verdade do Evangelho... chegou... frutifica, cresce” (4).

10. A palavra de Deus é misteriosamente *profunda e inexaurível*. — Na sua nascente e na sua profundidade, ela subtrai-se ao homem: “quem assistiu ao conselho do Senhor e viu e ouviu as palavras d’ele? Quem as considerou e as ouviu?” (5). É uma pergunta do Profeta Jeremias, que se ouvirá depois dizer por Deus: “Eu te anunciarei coisas grandes e certas que tu ignoras” (6). Há palavras de Deus, como por exemplo a “palavra da cruz”, que para alguns são “escândalo”, para outros, “estultícia” (7). Há palavras que são apreendidas por poucos, e só por especial favor de Deus: “Nem todos compreendem esta palavra, mas somente aquêle a quem foi concedido” (8). Há palavras profundíssimas e indizíveis ao homem: aquelas, por exemplo, que S. Paulo percebeu na sua rápida experiência de Paraíso: “Ouvi palavras arcanas, que não é lícito ao homem proferi-las” (9). A íntima e eterna palavra de Deus será todo um mistério sublime e exaltador para o homem.

11. A palavra de Deus, enfim, é supremamente *honorífica e beatificadora* para o homem: ao ponto de S. Paulo resumir toda a grandeza de seu povo, já rejeitado, no fato de que “a eles foram confiadas as palavras de Deus” (10); e que Jesus, o Sirácide, eleva ao Excelso esta invocação: “Enche Sião de tuas inefáveis palavras!” (11).

Mas mesmo aqui, nesta altura, aparece um novo e diverso aspecto, estridente, que nos sugere um outro lado do mistério da palavra. Chamá-lo-emos de o drama da palavra de Deus.

(1) Mateus 4, 4.

(2) João 6, 69.

(3) João 6, 64.

(4) Colossenses 1, 6.

(5) Jeremias 23, 18.

(6) Jeremias 33, 3.

(7) 1. Coríntios 1, 23.

(8) Mateus 19, 11.

(9) 2. Coríntios 12, 4.

(10) Romanos 3, 2.

(11) Eclesiástico 36, 16.

Ó DRAMA HISTÓRICO DA PALAVRA

Na criação à *imagem* deu-se um fato importantíssimo: a palavra de Deus deu a palavra ao homem. Isso no mistério que estamos estudando, representa o lado mais amável, mais liberal, mais esplêndido. No homem a palavra vem representar conjuntamente a racionalidade, a liberdade, a autodeterminação, o ofício de representação universal: mas sobretudo significa o convite para um nobilitante diálogo com Deus. Da parte de Deus, em vez, a palavra livremente concedida ao homem implica a soberana e condescendente aceitação do drama ao qual a sua palavra criadora e providente inevitavelmente teria ido ao encontro na relação com a nova palavra da criatura.

Tal drama, de fato, determinou-se desde os primeiros passos do homem. Nascendo do encontro da soberana palavra de Deus, e da livre palavra do homem, êle constitui o sentido de tóda a história da qual fazemos parte, o princípio da nobreza ou da infelicidade humana, e o mistério histórico em que estamos envolvidos.

Ainda a Carta aos Hebreus nos oferece, de passagem, a síntese mais clara e concisa da posição humana diante da palavra de Deus: dois térmos estabelecem os dois extremos da história:

fili subtractionis, in perditionem:

quem se *subtrai* à palavra de Deus e perde a sua existência;

fili fidei, in odquisitionem animae:

quem lhe dá sua *adesão* e conquista, valorizando-a ao máximo, a sua existência (*).

Aqui temos o alinhamento fundamental da humanidade. É natural que entre os dois extremos se desenvolva tóda a complexa vicissitude de afastamentos e de retornos, de adesões e de arrependimentos, de fraquezas e de entusiasmos, de incompreensões e de clarezas, que constituem as inumeráveis mudanças, continuamente cambiantes, das vicissitudes humanas. Mas é outro tanto natural que tudo termine com o resolver-se e compor-se nos dois extremos supraditos, que na sua sobriedade, oferecem tóda a clareza do drama. A Bíblia nos dá com freqüência exemplos realizados nos dois extremos.

Abraão, indivíduo isolado, aderiu plenamente à palavra de Deus e por isso mesmo tornou-se transmissor de infinitas bênçãos para a história humana: “Na tua descendência serão abençoadas tódas as nações da terra, porque Abraão obedeceu à minha voz” (*); ao

(1) Hebreus 10, 39.

(2) Gênesis 26, 4-5.

contrário, todo um povo, conquanto ao corrente da palavra de Deus, deliberadamente dela se desfaz (*"verbum Domini proiecerunt"*) (1), estultamente se ergue em toda a autonomia de sua própria palavra (*"faciemus omne verbum quod egredietur de ore nostro"*) (2) e se vota à catástrofe.

Multidões de homens amorosamente procuram e infinitamente se deliciam com a palavra de Deus: "Quão doces são ao meu paladar as tuas palavras! Melhor que o mel para a minha boca!" (3). Outros chegam a tal extremo de recusa e de obstinado fechamento ao ponto de constranger o Verbo de Deus encarnado a declarar-lhe em face: "Procurais matar-me porque a minha palavra não penetra em vós" (4).

O Apocalipse já nos antecipa o cântico da humanidade nobre e bela que aderiu à palavra de Deus: ela se exprime diante dEle como o "rumor de muitas águas e o retumbar de um grande trovão... como um concerto de harpistas que tocam seus instrumentos" (5): é a eterna, solene e artística resposta humana a Deus. Mas, pelo contrário, aparece, em toda a força de uma autonomia obstinada e eternamente desarrazoada, um grande número de homens, postos sob prova decisiva, que "pela dor mordem a língua, e blasfemam o Deus do céu por causa de suas dores e feridas: mas não se convertem de suas obras" (6).

Este drama da palavra é todo exposto do início até ao fim dos tempos, na Sagrada Escritura. A palavra de Deus nos diz tudo sobre a palavra do homem, sobre a mútua correlação das duas palavras, sobre seus contrastes trágicos, sobre o triunfo final daquela misteriosa palavra que deu caminho a tudo e levará tudo à prevista conclusão: "Eu sou A e Z, primeiro e último, princípio e fim" (7).

A ONDA DA UNIDADE

No fluxo deste drama universal, o homem vem portanto a encontrar-se em um confuso entrelaçamento de canto e de blasfêmias, de adesões e de revoltas: descobre ondas sonoras contrastantes, que

- (1) Jeremias 8, 5.
- (2) Jeremias 44, 16.
- (3) Salmo 118, 103.
- (4) João 8, 37.
- (5) Apocalipse 14, 2.
- (6) Apocalipse 16, 10-11.
- (7) Apocalipse 22, 13.

se agitam e se cruzam na atmosfera do mundo, voltadas a captar e orientar a atenção dos homens. Todo o esforço e o interesse de cada homem consciente consiste em distinguir aquela onda segura, com frequência linear e constante, sem altibaixos, e que, impermeável às vicissitudes do tempo, "se estende vigorosa de uma à outra extremidade" (1): só esta onda poderá ser inspiradora e guia ao homem. Há momentos em que, para distingui-la ocorre a máxima atenção: mas sensibilizando-se gradualmente à sua transmissão, revelar-se-lhe-á magnificamente o timbre e as características: ela é a *onda da unidade*, aquela em que se encontra toda a *nuvem das testemunhas* de todos os tempos e de todos os lugares.

Momentos de excepcional privilégio, instantes de intensa vida extratemporal tem já oferecido a mortais a audição da onda da unidade na sua expressão livre, completa, definitiva: dela temos cenas impressionantes na história da santidade e nos livros da Revelação.

Na segunda metade do século XV, na floresta de Ranft (Suíça), S. Nicolau de Flüe, o grande inspirador daquela livre confederação, teve esta visão:

Um homem com aparência de peregrino chegou da parte de onde surge o sol: tendo-se aproximado, parou e cantou: Aleluia! A sua voz recolhida por mil ecos, ressoou no espaço e tudo o que estava no Empíreo, tudo o que estava entre o céu e a terra, o acompanhava no canto, como se a um pequeno órgão se associasse um órgão gigantesco. Então percebeu levantar-se e depois calar-se três vozes distintas: eram como as vibrações de uma mola de aço vigorosamente destendida... Entretanto Nicolau viu o peregrino transformar-se em um ser maravilhoso, de uma beleza sobre-humana. Seus olhos pousaram sobre Nicolau, que pôde avistar um outro espetáculo. O monte Pilatus abateu-se sobre si mesmo, desceu ao nível dos vales, e diante do caminhante se abriu o mundo: mas foi como se diante dele aparecessem todas as iniquidades da terra. Uma multidão esterminada estava ali, e atrás da imensa multidão humana surgiu, de repente, gigantesca, a "Verdade". Todos se voltaram e olharam. Sobre o coração de cada um se manifestou um como horrível tumor do tamanho de dois punhos juntos. Este tumor é o egoísmo que perde as gentes ao ponto de tornar a vida do homem mais insuportável do que o fogo. Tomadas de angústia, aquelas gentes iam e vinham: finalmente viu-as desaparecerem dementes, cheias de furor e de vergonha. E a Verdade ficou só" (2).

Como se vê, aparece um princípio de unificação (a verdade) e um método de adesão (humildade e obediência) que são de maneira diversa aceitos ou refutados: há um cântico solidário em que se fundem, entre o céu e a terra, todos os seres; e há, pelo contrário, uma dolorosa fuga na dispersão.

(1) Sabedoria 8, 1.

(2) A. ANDREY, *Bruder Klaus* (S. Nicola della Flüe), Poliglotta Vaticana, 1945, pág. 157.

Por sua parte, o velho de Patmos, em sucessivos quadros do Apocalipse, nos põe diante dos olhos o eterno côro da unidade:

“Uma multidão, que ninguém podia contar, de toda nação e tribo, e povo e linguagem: eles estavam diante do trono e diante do Cordeiro, em vestes brancas e com palmas nas mãos e gritavam com grande voz e diziam: “A salvação ao nosso Deus, que está sentado sobre o trono e ao Cordeiro...” (1).

Este grande côro final da unidade, prepara-se gradualmente por todos aqueles que no tempo sabem inserir-se na onda da palavra de Deus.

* * *

Este livro, que se apresenta como uma seleta ou uma coletânea de trechos sobre a palavra de Deus, não nasce porém como um simples acervo de pensamentos: os 554 trechos que o compõem são como as indicações ou os momentos característicos de um discurso unitário que é infinito, concatenado, profundo, e abrange os milênios: muitos tomam parte nêle, possuindo bem o argumento e enriquecendo-o com sua contribuição pessoal; há acenos de muitas vozes e de muitos estilos que, à guisa dos motivos e dos instrumentos de música, se fundem na unidade superior da sinfonia. Os 554 trechos sintonizam-se todos na onda da “Palavra de Deus”.

Os elementos fundamentais dêste discurso unitário poderão facilmente verificarem-se no complexo: mas preferimos dar-lhes antecipadamente a indicação e aprofundar-lhes um pouco o sentido, a fim de que, diante do correr do grande rio secular, torne-se mais fácil sensibilizar-se aos seguintes temas de unidade que o compõem integralmente:

1. *unidade no tempo* (heri — hodie — in saecula).
2. *unidade na forma* (unum corpus).
3. *unidade no método* (qui adhaeret Domino unus spiritus est).
4. *unidade no fruto* (ut unum sint — unius labii).
5. *unidade no magistério* (unus Magister).
6. *unidade na inteligência amorosa* (una perfecta mea — fulgens corona).

Cada uma das sucessivas unidades, sobre a qual a nuvem das testemunhas entra no mais perfeito acôrdo, vem precisar mais am-

(1) Apocalipse 7, 9-10.

plamente a precedente: e tôdas no conjunto oferecem as características indispensáveis para que cada um saiba introduzir-se convenientemente no *mistério da palavra de Deus*.

1. *Unidade no tempo*

Este primeiro tipo de unidade pode passar despercebido ou ser subestimado, mas é para se lhe dar o justo valor, porque tem uma importância fundamental. O que não se encontra nesta unidade não é divino; fica fora do mistério da palavra por êstes dois motivos: 1. quem tem em mão tôda a história humana e a dirige sem interrupção, é a Sabedoria, a qual "se estende vigorosamente de uma extremidade a outra e tudo dispõe com suavidade" (1). Se alguma voz "não era", ou "não é mais", ou não tem a virtude de ser "nos séculos", não está sôbre a onda da palavra de Deus; 2. porque a palavra de Deus, por sua própria natureza, não suporta pausas ou reinícios: ela se identifica com a continuidade e a constância: "*Verbi tui caput constantia est: o tema fundamental da tua palavra é: constância*" (2).

Uma forte antítese contida no Apocalipse, nos faz compreender bem êste princípio. Cristo, eterna palavra de Deus, é representado freqüentemente com esta característica forma descritiva: "*Aquêle que é, que era, e que há de vir, o Onipotente*" (3): isto é, a Palavra compreende o passado, o presente e o futuro, unindo tudo na mais perfeita unidade. É uma definição que se aplica só a Cristo.

Por contraste, eis um ser formidável, impressionante, com um poder de atração notabilíssimo, até ao ponto de que sua imagem chegue a incendiar-se em muitos homens e nações: ("*characterem eius in frontibus suis et in manibus suis*") (4). Sua bôca tem os caracteres da potência: ("*os eius sicut os leonis*") (5); diz coisas grandes e a gente se lhe conforma: "Quem se lhe poderá opor? Foi-lhe dada uma bôca que proferia coisas grandes e blasfêmias..." (6). Mas eis que esta onda potentíssima se quebra e falta à prova do tempo. A sua definição é esta: "*fuit et non est*" (7), "*erat et non est*" (8). Qualquer interpretação que se deva dar à excepcional per-

(1) Sabedoria 8, 1.

(2) Salmo 118, 160.

(3) Apocalipse 1, 8.

(4) Apocalipse 20, 4.

(5) Apocalipse 13, 2.

(6) Apocalipse 13, 4-6.

(7) Apocalipse 17, 8.

(8) Apocalipse 17, 8; 17, 11.

sonagem, ou sistema, ou ciclo histórico, o resultado é este: é uma onda sobre a qual se erra a sintonizar-se: falta-lhe a fundamental *unidade no tempo*.

A unidade de tempo, misteriosamente está na posse daquele que é, que era e que há de vir: e S. Paulo, sempre na Carta aos Hebreus, define-o com precisão histórica:

“Jesus Cristo ontem e hoje, êle também nos séculos” (1).

Alguns Padres da Igreja, com as suas reflexões, nos ajudam a entrever esta unidade em Cristo. São Máximo, falando aos fiéis de Turim, no século V, explicava-se nestes termos:

“Cristo é o *Hoje* e diz-se assim porque êle, como uma luz sempre atual e ininterrupta, abraça todos os séculos: por esta mesma continuidade de esplendor, êle nos parece como se fôra um único dia. Razão pela qual também o Profeta dizia: “Mil anos aos teus olhos são como um só dia”. Cristo é um só dia porque nêle há uma única eterna divindade: êle é o *Hoje*, porque enquanto não se lhe subtraem as coisas passadas pela velhice delas, assim não lhe passam despercebidas as futuras por não ser ainda conhecidas; antes, como uma luz potentíssima, abrange tudo, penetra tudo, e possui todos os elementos de todos os tempos como que os tivesse diante de si no mais pleno presente” (2).

E S. Ambrósio, um século antes, ensinava aos fiéis de Milão:

“Se todo o desenvolvimento do mundo se pode considerar como um grande dia, terá portanto através dos séculos suas horas, e talvez os séculos mesmos sejam as suas várias horas. Ora, são doze as horas do dia: justamente pois no mistério, o dia é Cristo e as suas doze horas são os Apóstolos, que de vez em vez, variamente, refulgem do lume celeste, como com distintas sucessões de graças” (3).

Ora, a *nuvem das testemunhas* é exatamente aquela que integra e dá todo o seu relêvo à unidade do tempo. Esta nossa resenha, que foi feita apenas por indicações, visa, antes de tudo, refletir de modo sensível, evidente, esta unidade e continuidade, acompanhando as testemunhas na sua ordem cronológica, que se estende desde Moisés, quase um milênio e meio antes de Cristo, a João XXIII, quase dois milênios depois da vinda histórica do *Hoje* no mundo. Nesta extensão de milênios, corre a onda ininterrupta da palavra de Deus e uma infinidade de testemunhas nela se sintonizam harmoniosamente: de Moisés a João XXIII corre, variamente expresso mas inalterado, o mesmo pensamento: um visa preparar; o outro, apresentar a unidade central constituída por Cristo “ontem e hoje”.

Ontem era a unidade que se ia construindo através das “muitas

(1) Hebreus 13, 8.

(2) Sermo 36 (8º in Paschate). — PL 57, 605 C.

(3) Expositionis in Lucam lib. 7, 222. — PL 15, 1849 B.

vêzes” e dos “muitos modos” que coligaram os séculos. O mistério destas sucessivas intervenções da palavra comovia Agostinho, que no *De Civitate Dei* admirava estas “certas pequenas pausas transitórias dos tempos, nas quais, com as vozes de uma língua humana, falou sílaba por sílaba aquêle que na sua natureza, não corporalmente mas espiritualmente, não sensivelmente, mas inteligentemente, não temporalmente, mas por assim dizer, eternamente, não começou nem terminou jamais de falar” (1).

Quando Cristo, luz do mundo, vier corporalmente entre os homens, unificará e dará valor completo a tudo o que nestas pequenas pausas dos séculos passados fôra antecipado pela palavra de Deus.

Cristo, presente historicamente no mundo, deposita a palavra de Deus: para ela, a partir de então, orientam-se todos os séculos. Os Apóstolos inspirados, anunciam, interpretam, escrevem infalivelmente tudo quanto êle disse. Dos Apóstolos aos nossos dias, pois, as testemunhas continuam a conservá-la, venerá-la, penetrá-la, apresentá-la, mantendo-se sôbre a onda de Deus.

Para a palavra de Deus trata-se portanto realmente de um grande *dia* que se estende nos séculos: “*Ipse et in saecula*”. O trabalho continua sempre intenso, linear, ininterrupto, mesmo se, como é óbvio, no dia há horas de maior produção e horas de maior folga. Há horas ou tempos em que depois da oculta e indispensável fadiga da pesquisa e das anotações, depois de um lento trabalho espiritual e cultural, o pensamento pode fluir correntemente sôbre o papel com frutuossíssima produção. Isso sucede também no grande dia de Cristo: aconteceu, por exemplo, na excepcional manhã do século IV, depois da profunda meditação e maturação dos primeiros três séculos de sofrimento; foi de nôvo assim, no século XIII, após a dificultosa subida pelos duros degraus da alta Idade Média, em que se esboçavam e se unificavam os elementos da nossa civilização cristã, e depois dos esplêndidos movimentos dos séculos XI-XII; foi ainda assim em uma magnífica hora de reação ao aparente abatimento, no século XVI; e todos vêem como é intenso o trabalho cristão no século em que vivemos, no contraste com “palavras grandes” que de várias proveniências chegam a impressionar, e na busca de uma síntese panorâmica do pensamento moderno em tórno da palavra de Deus.

A unidade permanece evidente: ela se mantém intacta pela palavra de Deus que unifica os séculos: “Um dia transmitiu-a a outro dia” (2), e uma hora, à outra hora. Os Apóstolos transmiti-

(1) *De Civitate Dei* lib. 10, c. 15. — PL 41, 293.

(2) Salmo 18, 3.

ram-na aos Padres; os apologetas que a defenderam denodadamente passaram-na aos catequistas, que a expuseram longamente; os Papas e os Bispos transmitiram-na de suas cátedras a todo o mundo; os Santos a fizeram resplandecer de todos os modos e em todos os ambientes; os monges passaram-na literalmente de mão em mão, protegendo-a, transcrevendo-a e comentando-a no silêncio de suas fortalezas espirituais, implantadas em todo o caminho da civilização humana; os artistas a erigiram nos templos, a esculpiram nos mármore, exaltaram-na sôbre as telas e sôbre as paredes, graciosamente douraram-na nos manuscritos, e cantaram-na nos poemas; os amantes da ciência a verificaram na história, a controlaram na psicologia humana, a comprovaram nas pesquisas arqueológicas e lingüísticas, no confronto dos códices, no estudo dos tempos e das civilizações que estiveram em relação com a palavra; os missionários levaram-na aos velhos e novos continentes da existência humana; as legislações dela freqüentemente se impregnaram; muitíssimos homens receberam-na sem interrupção, sôbre ela construindo a sua vida.

É só por esta unidade que ainda hoje no mundo, em meio ao inevitável drama aceito por Deus, a sua palavra, talvez como nunca, “corre e é glorificada” (1). É quiçá verdadeira como nunca a palavra do Salmo 67: “O Senhor dá a notícia: as mensageiras são numerosíssimas” (2).

O homem moderno diante da palavra e da “nuvem das testemunhas”, deve estudar bem esta unidade no tempo. Ele deve guardar-se atentamente daquilo que “não era”, porque virá a faltar; deve haurir segurança de juízo daquilo que “não é” mais; e deve tornar-se intimamente sensível àquilo que, pela sua concórdia de princípios com a palavra de Deus, tem fundada previsão de poder durar nos séculos.

2. *Unidade na forma*

Quem quisesse verificar imediatamente esta segunda unidade das testemunhas diante da palavra de Deus, poderia antecipar um rápido exame dos seguintes números de nossa coletânea, ligando-os mentalmente entre si: 55 (Didakê), 59 (Clemente Romano), 63-64-65 (Inácio M.), 67 (Policarpo), 76 (Teófilo), 77-78-80-81-82 (Irineu), 87 (Clemente Alexandrino), 93 (Tertuliano), 109 (Cipriano), 124 (Hilário), 131 (Efrém), 140-141 (Atanásio), 159-160

(1) 2. Tessalonicenses 3, 1.

(2) Salmo 67, 12.

(Cirilo de Jerusalém), 167 (Gregório Nazianzeno), 209-231-232 (Agostinho), 264-267-268 (Pedro Crisólogo), 270 (Vicente de Lérins).

O testemunho continua com a mesma força e clareza em todos os séculos seguintes; bastam-nos, porém, agora, estas poucas indicações e propositalmente nos detemos no número 270, porque as palavras de S. Vicente de Lérins são conhecidíssimas: elas se nos apresentam como um resumo, acertado, embora imperfeito, do pensamento dos séculos precedentes e como codificado para uso dos tempos futuros.

O que sobressai nos mencionados trechos, é isto: uma consciência vigilante, clara e firme na defesa da unidade da palavra de Deus: uma advertência feita com toda a força possível: deve-se receber e manter a palavra de Deus na unidade: fora da unidade ela é falsificada: não somente, então perde seu valor profundo e autêntico, mas geralmente termina acionada contra seu mesmo fim: por culpa do homem é levada a separar em vez de unir.

Qual é, portanto, o sentido certo desta unidade na forma?

É este: Cristo, unidade de medida do tempo, desenvolveu uma idéia, programou uma forma orgânica, na qual concentrou todo o mistério de sua palavra. O Filho de Deus, como emanção adequada de sua missão no mundo, constituiu sobre a terra a *forma da unidade*: expressou-lhe a idéia, formou-lhe a consciência, compôs-lhe a estrutura, garantiu-lhe a base e o vértice. A palavra de Deus é ao mesmo tempo o vínculo e o objeto desta unidade.

Nas supremas palavras com o Pai, Jesus Cristo expressará o plano desta visão unitária:

“Rezo também por aqueles que hão de acreditar em mim, por meio de sua palavra (*a palavra dos Apóstolos, primeiro núcleo da unidade cristã*): que todos sejam uma só coisa, como tu és em mim, ó Pai, e eu em ti; que eles também sejam uma só coisa em nós, a fim de que o mundo creia que tu me mandaste...” (1).

Portanto: o sinal de que o Filho de Deus passou visivelmente pelo mundo é constituído pela unidade: Ele constituiu-lhe a forma viva, que é a *Igreja*. Todos sabem que a Igreja, no seu mesmo conceito, é a *unidade*: sua própria etimologia diz: “convoco, reúno”, e sua profunda definição, “Corpo de Cristo”, que nos foi dada por S. Paulo, no-la apresenta como a unidade humana vivente com seu Chefe divino.

A “nuvem das testemunhas” encontra-se toda, declaradamente, nesta segunda unidade, e com insistência impressionante ela afirma que a palavra de Deus se encontra toda na Igreja, forma da unidade divina no mundo.

(1) João 17, 20-21.

E fora desta forma? A palavra pode ter sômente duas alternativas: levar o homem à unidade ou esvaecer nas mãos do homem, perdendo muito da profundeza e eficácia do seu mistério.

A instância desta unidade é hoje tão aguda e por outro lado o testemunho dos séculos com relação a ela, tão forte, que a devemos procurar entender convenientemente. Devemos procurar chegar a compreender, porque seria fundamentalmente inválida e ineficaz, uma relação com a palavra de Deus, mantida conscientemente fora da unidade. Ajudar-nos-á para isso, ascender até o nascer e o formar-se desta idéia e dêste organismo, emanação direta de Cristo, autor da palavra.

PALAVRA E REUNIÃO

Deveremos, logo em seguida, relevar êste fato: a constituição da Igreja, como reunião da multiplicidade humana em redor da unidade divina, inicia-se no mesmo momento em que se inicia a palavra direta do Filho de Deus: quando Cristo começa a falar, Cristo começa a reunir, constituindo o primeiro núcleo essencial da unidade: as duas coisas se apresentam como inseparáveis, uma da outra. Penetrar o sentido desta fusão inicial, entre palavra e reunião, é importante, para se compreender a secular exigência de unidade em tôrno da palavra de Deus.

Jesus Cristo entende, evidentemente, que o grupo por êle escolhido se torne o depositário do que êle tem de transmitir aos homens: êle deverá garantir, material e formalmente, a palavra para tôda a humanidade.

"Manifestei o teu nome aos homens que me confiaste no mundo: eram teus e os entregaste a mim e êles observaram tua palavra. Agora souberam que tudo o que me deste vem de ti, porque as palavras que me deste eu as dei a êles; e êles as receberam e verdadeiramente reconheceram que eu vim de Deus e acreditaram que tu me mandaste. Rezo por êles... Pai Santo, guarda em teu nome aquêles que me confiaste, para que sejam uma só coisa conosco" (1).

Pois que o mundo foge da unidade, o grupo dos Apóstolos é portanto afastado do mundo: "*de mundo non sunt*" (2): colocado na esfera do Filho de Deus poderá tornar-se o ponto de referência de tôda a reunião humana, em tôrno da palavra de Deus.

(1) João 17, 6-11.

(2) João 17, 16.

"Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu, mas porque não sois do mundo e eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia" (1).

De fato, a defesa da unidade será sempre muito árdua e marcada por uma contínua resistência ao espírito do mundo: mas o magistério apostólico será o ponto de vista exato, aos que buscarem a união com Deus. Ao encerrar-se o primeiro século cristão, S. João dar-lhe-á a última nota revelada:

"Eles (os primeiros hereges) são do mundo e por isso falam de mundo e o mundo os ouve: nós, ao invés, somos de Deus. *Quem conhece a Deus, ouve-nos; quem não é de Deus não nos ouve.* Daí conhecemos o espírito de verdade e o espírito de erro" (2).

Agora é interessante analisarmos as fases sucessivas do programa, como foi atuado por Cristo, durante os três anos do seu ministério público. Segundo nosso modo de ver, êle passa por três fases distintas e complementares:

- a) formação da consciência unitária dos Apóstolos, no contato cotidiano com a palavra de Deus;
- b) constituição da forma de unidade nos seus quatro elementos essenciais: doutrinal, moral, jurídico, apostólico;
- c) introdução do princípio divino, como garantia absoluta da unidade humana na palavra.

a) A EXPERIÊNCIA, ESCOLA DE UNIDADE

Os Apóstolos tiveram, antes de mais nada, uma experiência pessoal direta de quanto o contato com a palavra de Deus, mesmo quando o homem está bem disposto, pode estar cheio de insídias: entre a exigência doutrinal e moral da palavra de Deus e a alma humana que se apresenta a êsse contato há desproporção; o homem corre o perigo de a querer no próprio nível, em vez de se querer elevar ao seu. Pequenas preocupações imediatas, inteligência tarda, relutância a certos mistérios, pequenas paixões que se aninham em tôdas as almas e que facilmente desviam a atenção da beleza do pedido divino, para ninharias internas e perigosas; cansaço, mentalidades longamente orientadas em outro sentido; limites na própria preparação cultural e na própria visão histórica... Os Evangelhos advertem-nos de que os Apóstolos passaram por essa experiência sucessiva de três anos, sob a vigilante correção do Mestre. Êles chegaram a compreender muito bem que o coração humano acha-se

(1) João 15, 19.

(2) 1. João 4, 5-6.

pouco preparado, é superficial, é volúvel; a palavra de Deus não estaria segura no meio da humanidade, sem uma certa garantia de conservação e de interpretação; os homens mudá-la-iam adaptando-a aos próprios gostos, fechariam os olhos sôbre suas páginas mais profundas, reduzi-la-iam a ser “de mundo”. Ao anúncio de uma verdade tão fundamental para a história humana como a da redenção mediante a Cruz, os Apóstolos conservaram-se totalmente impermeáveis:

“Eles não compreendiam estas palavras: e eram para eles tão obscuras que não as podiam compreender; e nada entendiam do que se lhes dizia” (1).

Precisamente em si, portanto, os Apóstolos, que foram escolhidos para “estar desde o princípio à disposição da Palavra” (2), fizeram a clara constatação de que a palavra deverá estar vinculada a um princípio de conservação material e formal, para poder com segurança introduzir o fermento divino na massa dos homens.

Mas uma experiência ainda mais forte, vinha aos Apóstolos da sua assistência de três anos, ao drama da palavra, no seu contato com todos os tipos de adversários. Eles viram a palavra de Deus atacada por tôdas as paixões humanas: hipocrisia, interesse, paixão imunda, astúcia legal e política; viram-na camuflada, ridicularizada, condenada: e tudo isso, justamente na hora em que pessoalmente o Filho de Deus estava a participá-la à humanidade, com a perfeição moral e a luz sublime que dimanava da sua pessoa, com a autoridade que deixava maravilhados todos os que tinham a ventura de ouvi-lo e com a prova freqüente do milagre.

O drama da palavra de Deus, descrito tão fortemente nas páginas do Evangelho, inevitavelmente teria tido continuação nos séculos. Os mesmos Apóstolos, mandados para a evangelização do mundo, ter-lhe-iam tido as mais terríveis confirmações.

Tudo o que nasce “*ex sanguinibus*” (3): a voz da tribo, da nação, da raça, das casas reinantes, das famílias, grandes por nobreza e por patrimônios: tudo, numa palavra, o que se prende fortemente à sua origem humana, teria causado um assalto variado e contínuo à palavra de Deus, porque a palavra não é “de mundo”;

tudo o que nasce “*ex voluntate carnis*”: o ímpeto da paixão, tôdas as modalidades da luxúria, com as muitas febres que causam na vida humana de cada dia; o apêgo às coisas da terra, que marca de materialismo o pensamento dos homens e dá origem à ciência e

(1) Lucas 9, 45.

(2) Lucas 1, 2.

(3) João 1, 13.

à prudência típica da carne, impermeável à atmosfera de Deus: tudo isso ter-se-ia exercitado em contínua prova de força, contra a pureza e a sublimidade da palavra;

tudo o que nasce "*ex voluntate viri*": o orgulho, o poder e o super-poder humano; todos os tipos de ditadura; toda a autonomia não controlada do homem, teriam encontrado um obstáculo invencível na Palavra do único verdadeiramente poderoso: o ataque à palavra de Deus teria sido inevitavelmente levado com todas as forças. Somente a unidade, emanção de Deus, teria podido salvar a palavra de Deus no seu drama contínuo, através dos séculos.

Era natural que a consciência dos Apóstolos se tornasse gradativamente cônica do perigo de uma leitura e de uma interpretação isolada da palavra, deixada portanto à pobreza, aos limites, à fraqueza de compreensão e de aceitação de cada qual; que percebesse os perigos da heresia, escolha ditada pela paixão, pela interpretação parcial, pela adaptação a particulares situações propícias a pessoas e a classes isoladas; que abrisse os olhos ao perigo evidente de recusa da palavra por parte de pessoas poderosas, de organizações políticas, de grupos de ciência e de ação, que a teriam combatido até a morte. No início do Novo Testamento, tudo isso se ia delineando.

O princípio unitário, o grupo dos homens "*consummati in unum*" (1) era destinado a manter a palavra de Deus no seu ser integral, na sua alçada universal, no seu equilíbrio, na sua força redentora.

b) O EDIFÍCIO DA UNIDADE

A esta experiência, Jesus Cristo acrescentava ao mesmo tempo, toda a obra organizadora do seu pensamento unitário: tal obra pode-se pensar como o resultado de quatro elementos principais: 1. o elemento *doutrinal*, com a unificação da palavra em Cristo; 2. o elemento *moral*, com o ensino e a prática da virtude unitiva da caridade; 3. o elemento *social-jurídico*, estabelecendo Pedro único chefe e fundamento do edifício e dando-lhe as chaves da infalibilidade; 4. o elemento *apostólico*, com a missão precisa de unificar o mundo, por meio da palavra, no único rebanho de Cristo. Daí origina-se uma como pirâmide, cujos quatro lados, bem coerentes entre si, convergem idêntica e perfeitamente para o ponto geométrico do vértice, expressão simples e perfeita da unidade.

1. *Primeiro elemento*. — A palavra de Deus, que tinha unido os séculos de preparação a Cristo, devia encontrar plena unidade nêle que lhe era o complemento e a revelação integral. Os A-

(1) João 17, 23.

póstolos assistiram a esta obra de unificação e de esclarecimento doutrinal e nos narram que ela teve quatro manifestações:

a) na sinagoga de Nazaré, o Filho de Deus tomando em suas mãos o livro sagrado, lendo e comentando a passagem escolhida do Profeta Isaías, consagra de forma solene e bem expressiva o texto bíblico antigo, confirmando-lhe o bom uso e orientando-o à plenitude de interpretação futura. A palavra escrita, por êle muitas vêzes e de muitos modos inspirada, vem agora tôda às mãos de Cristo, que a confia aos Apóstolos: alguns dêles, sob a mesma fôrça inspiradora de Deus, completar-lhe-ão a redação, para os séculos;

b) na férrea discussão com os fariseus, saduceus, doutôres da lei, Cristo tira a palavra escrita dos limites impostos pelo homem, liberta-a de qualquer interpretação muito prêsa ao tempo, livra-a de conceitos puramente nacionais, arranca-a para sempre à interpretação privada, à manobra de uma classe ou de um povo e mantém-lhe o sentido universal. S. Isidoro comparará esta obra à limpeza dos poços feita pelo Patriarca Isaac (Cf. n. 309);

c) em todo instante de sua pregação e em cada ato de sua obra, Cristo dá à palavra antiga o toque de perfeição, dando-lhe o justo sentido e completando-a mediante a revelação dos mistérios. A Escritura antiga era motivo a se desenvolver e completar: por isso Cristo, em todos os momentos afirma esta intenção: “a fim de que se cumpra a Escritura” (1). Êle não veio destruir, mas completar (2). Mesmo diante de posições, que os Apóstolos no momento não compreendem, a atitude de Cristo continua firme: “Como se cumprirão então as Escrituras que anunciam que assim deve acontecer?” (3). Os Apóstolos são, portanto, testemunhas de que Cristo, nas palavras e nos fatos, põe sua firma autêntica, em cada passo da revelação. — Muitos, na história, manter-se-ão firmes no Antigo Testamento e rejeitarão o Nôvo; outros pensarão dever pôr em contraste as duas partes integrantes da revelação divina, velha e nova; alguns fá-las-ão mesmo provir de dois princípios opostos. Cristo, autor dos dois Testamentos, funde ambas na sua esplêndida unidade e as entrega ao núcleo vivo e organizado de sua Igreja;

d) enfim, no Tabor, na presença dos seus íntimos, Cristo canoniza a revelação antiga, que se apresenta ao seu lado, em esplendor: Moisés e Elias, lei e profetas, fazem parte integrante do momento supremo em que se dá a proclamação divina do *Único Mestre*: êles estão decididamente na unidade.

(1) João 17, 12; 19, 24; passim.

(2) Mateus 5, 17.

(3) Mateus 26, 54.

Na primeira face da pirâmide está, portanto, a unificação de todo o pensamento de Deus, em Cristo e na Igreja.

2. *Segundo elemento.* — É constituído pela doutrina e pela virtude da caridade, vínculo de união. A caridade é exatamente a plenitude, o sentido total da palavra revelada: por isso, é o alicerce de toda a pregação de Jesus Cristo. O mandamento novo que ele dá a seus discípulos é o da unidade no amor. O sinal que ele deixa no mundo em testemunho de si mesmo, é o da união na caridade: “Por isso reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (1). A atenção que ele põe em livrá-los das pequeninas invejas e encaminhá-los ao sentido da unidade; o conceito de governo que lhes confia, como um serviço de amor à comunidade humana; a participação que lhes oferece, no sacramento da unidade, com o comer e beber, na mesa do amor, o corpo e o sangue do Filho de Deus, autêntica consumação na unidade: eis as principais indicações daquele outro elemento fundamental da unidade: o cimento divino na grande construção do Filho de Deus.

Este elemento tem uma relação direta e inconfundível com a palavra. S. Agostinho nos dirá no *De Doctrina Christiana*:

“Tudo sintetiza-se nisto: fazer-nos entender que a plenitude e o fim da lei e de todas as Escrituras divinas são o amor de Deus e o amor do próximo...”

Quem, portanto, pensa ter compreendido as Escrituras divinas ou uma parte qualquer delas, de tal modo que com a sua compreensão, não edifique esta dupla caridade, para com Deus e para com o próximo, esse indivíduo, na realidade, ainda não compreendeu. Se alguém, ao invés, delas tem tal compreensão que se torna própria para edificar a caridade, embora não entenda com perfeição o que naquele lugar quis dizer o autor inspirado, que ele está lendo, seu erro não é prejudicial e ele não mente... Quem se engana em uma determinada interpretação, por meio da qual edifica a caridade que é o fim do preceito, erra, do mesmo modo que aquele que, por erro saiu fora do caminho, mas, através dos campos, chega ao mesmo ponto para onde leva o caminho perdido. Mas é preciso corrigi-lo: deve-se fazê-lo compreender quanto é útil não se perder a estrada, para que com o hábito de errar, não lhe aconteça pôr-se por um caminho falso ou até mesmo perverso” (2).

No número 378 da nossa resenha, encontraremos idêntica afirmação de S. Tomás de Aquino, sobre a relação íntima da caridade com a palavra de Deus:

“Nota que o afastar-se da caridade é causa de falsa doutrina: quem não ama a caridade cai no erro”.

(1) João 13, 35.

(2) De Doctrina Christiana lib. 1, 39-40. — PL 34, 34.

Isso faz-nos compreender a complementaridade dos diversos elementos postos em ato por Cristo, para a organização da unidade em redor da palavra de Deus.

3. *Terceiro elemento.* — É a organização social e jurídica da unidade, mediante o governo da Igreja. Cristo baseia tudo em um único fundamento: Pedro, a rocha escolhida por Deus, deverá governar nos séculos, a construção dinâmica de Deus.

Cristo procede gradativamente também aqui. No primeiro encontro com Simão, deixa-lhe entrever um desígnio: “Tu serás chamado Cefas” (1). Diante da profissão de fé na divindade de Jesus Cristo, eixo de toda a revelação, inspirada a Pedro pelo mesmo Pai celeste, Cristo expressa integralmente o seu programa:

“Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela...” (2).

Diante da grande crise que desabarà sobre os Apóstolos nas horas do Calvário, símbolo e resumo de todas as crises pelas quais passará a fé cristã, Cristo dá a Pedro a incumbência de confirmar a todos, também os Apóstolos, na fé:

“Eu rezei por ti, Pedro, a fim de que tua fé não se esmoreça: e tu, uma vez convertido, confirma teus irmãos” (3).

Depois, preparando-se para deixar a terra, Cristo confere a Pedro o primado real (4): primado que acompanha toda a evolução do grande edifício de Cristo no mundo e todo o tempo em que houver cordeiros e ovelhas a se apascentarem em nome de Deus. Os outros Apóstolos tomam nota e nos descrevem estes vários momentos da vontade de Cristo; Pedro, por sua vez, começa a executar o seu primado: no dia de Pentecostes o Espírito Santo consagra-o e o lança, por primeiro entre os demais, à função que se transmite sucessivamente em toda a história da Igreja.

Somente a paixão humana virá variamente chocar-se contra este alicerce da construção de Cristo, tão intimamente ligada à sorte da palavra de Deus no mundo.

4. *Quarto elemento.* — A fachada final, majestosa, à construção da unidade, Cristo no-la dá na hora de sua partida, quando apresenta aos Apóstolos o mundo inteiro, que apesar de todas as diferenças que o dividem e subdividem, deve ser feito um: “Ide

(1) João 1, 42.

(2) Mateus 16, 18.

(3) Lucas 22, 32.

(4) João 21, 15-17.

por todo o mundo, pregai o Evangelho a tôdas as criaturas" (1). Deve haver "um só ovel e um só pastor" (2), uma única escola, um único organismo vivo: "*unum corpus, multi sumus*" (3): a multiplicidade composta na unidade da Igreja e de Deus.

Quando, portanto, os Apóstolos se lançarem às grandes estradas, já traçadas para ligar externamente a humanidade, levarão consigo um único meio, a palavra de verdade e de unidade. S. João dar-nos-á nestes têrmos o sentido preciso, altíssimo, da missão apostólica no correr de todos os tempos:

"O que vimos e ouvimos, nós vo-lo anunciamos, a fim de que vós também estejais em comunhão conosco e a nossa comunhão esteja com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo" (4).

c) INFUSÃO DO PRINCÍPIO DIVINO

Era uma construção de Deus: "todo o edifício bem construído eleva-se para formar o templo santo do Senhor, sôbre o qual também vós estais justamente edificados, para vos tornardes, mediante o Espírito, morada de Deus" (5). Será suficiente, para lhe firmar a unidade, a clara consciência dos Apóstolos e a organização assim preparada pelo Filho de Deus? Devemos dizer que a unidade é privilégio de Deus e o homem a possui sômente como dom de Deus: por isso no organismo da unidade humana devia-se inserir uma força de coesão divina: sômente então haveria tôda garantia e o organismo, tornando-se divino-humano, poderia enfrentar com tôda segurança as vicissitudes da história. Só assim resultaria perene a verdadeira "forma da unidade".

A introdução do elemento divino na cuidadíssima construção preparada com os Apóstolos, foi a terceira fase da obra unificadora de Cristo. Êle a realizou em três momentos essenciais, que continuam sempre na história da Igreja: "Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo" (6). — Os três momentos são:

- a) a oração de Cristo pela unidade;
- b) o carisma para entender a Escritura;
- c) a vinda do Espírito Santo, unificador das línguas humanas, alma da Igreja, divino princípio de tôda a unidade.

Nestes três momentos a forma da unidade "é revestida de virtude do alto" (7) e constitui-se em princípio de ação perene entre os homens.

- (1) Marcos 16, 15.
- (2) João 10, 16.
- (3) 1. Coríntios 10, 17.
- (4) 1. João 1, 3.
- (5) Efésios 2, 21.
- (6) Mateus 28, 20.
- (7) Lucas 24, 49.

a) Antes de tudo a oração de Cristo pela unidade: êste simples fato dá tôda garantia, porque a oração de Cristo é efficacíssima: "Sei bem que me ouvís sempre" (1), dissera Cristo ao Pai. Essa oração foi feita para Pedro, base da unidade e para todos os Apóstolos, primeiro núcleo da unidade. Para Pedro a oração pede a estabilidade e a infalibilidade, para confirmar em todos os tempos os irmãos na fé: "Eu rezei por ti, Pedro, a fim de que não te venha a faltar a fé: e tu, uma vez convertido, confirma teus irmãos" (2). Para os Apóstolos há a grande oração do Cenáculo: "Eu nêles e tu em mim; a fim de que sejam *perfeitos na unidade* e conheça o mundo, que tu me amaste e os amaste como me amaste a mim" (3).

Êste primeiro momento introduz, na unidade humana, o interesse e a eficácia divina.

b) O segundo momento está particularmente ligado à palavra de Deus: Cristo concede aos Apóstolos o *sentido das Escrituras*: isso significa que lhes garante o pensamento de Deus, com um carisma todo particular, dom específico ao colégio apostólico e por isso ao magistério eclesiástico. O Evangelho de S. Lucas fala-nos dêste carisma divino, concedido logo depois da realização de todo o mistério de Cristo no mundo:

"Estes são os raciocínios que vos fiz quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito de mim, na lei de Moisés e nos Profetas e nos Salmos (eis portanto a Bíblia, nas três partes, em referência substancial ao Cristo). Então abri-lhes a mente para entenderem as Escrituras" (4).

A Igreja terá o dever estrito de não renunciar a êste carisma divino: dêle há de usar para apascentar o povo dos crentes e diante de todo perigo para a verdade cristã. S. Pedro, primeiro Papa, desde o princípio excluirá claramente tôda a prática contrária a êste carisma fundamental; ninguém se poderá arrogar a interpretação da palavra de Deus, que pertence de direito e de dever a quem recebeu êsse dom na unidade do corpo da Igreja:

"Notai, antes de tudo, que nenhuma Profecia da Escritura é de interpretação particular; porque, não foram pronunciadas por vontade humana, as profecias, mas inspirados pelo Espírito Santo, falavam os santos homens de Deus" (5).

c) Eis-nos no último ato, definitivo, para a unidade: o Pentecostes. A palavra de Deus é comunicação pessoal de Deus, é

(1) João 11, 42.

(2) Lucas 22, 32.

(3) João 17, 23.

(4) Lucas 24, 44ss.

(5) 2. Pedro 1, 20-21.

mistério e profundidade de Deus, é pensamento é vontade de Deus, é desígnio completo de Deus sobre a história humana: tem largura, comprimento, altura e profundidade imperscrutáveis ao homem. Só pode ela ser confiada a homens assistidos por Deus, por êle tocados com o fogo, por êle sempre acompanhados e mantidos estreitamente unidos em Cristo e na Igreja. O Pentecostes, por isso, é o grande batismo da unidade: "Sereis batizados no Espírito Santo" (1); é serem "revestidos da fôrça do alto" (2). Daí em diante, se o homem haurir naquela unidade, receberá o pensamento, o querer, o mistério integral de Deus; mas tudo o que êle vier a possuir ou construir fora dessa forma de Deus, não poderá presumir valor de coisa divina: fôsse essa embora a palavra de Deus: tendo-a fora do carisma divino, êle estará exposto a perdê-la, a privá-la do seu autêntico valor, com o processo natural do tempo: tudo tenderá a se reduzir a fenômeno natural, subordinado, portanto, às leis comuns, desagregadoras do tempo. O "sensus ut intelligerent Scripturas" depende da plenitude do Espírito.

Ora, o Espírito é por sua natureza o unificador: êle é aquela mesma chama de amor que, para nos expressarmos com os termos ardentes de S. Bernardo, constitui "o beijo do Pai e do Filho: beijo suavíssimo, mas secretíssimo" (3). O vínculo da unidade divina, é agora mandado para que seja o vínculo da unidade humana. Sua chama, que pousa sobre a cabeça dos Apóstolos, funde-os: o Espírito une o Corpo de Cristo como a alma une o corpo do homem, vivificando-o. Além do fogo que consome "in unum", há ainda o grande prodígio das línguas, segundo nascimento social do gênero humano. A unidade dos homens realiza-se na palavra: Jesus Cristo justamente a previu e destinou como laço de união. Ora, no dia de Pentecostes todos ouvem como se fôsse na sua própria língua: o mistério da unidade já teve sua realização: e Pedro, ponta visível da unidade divina no mundo, ergue-se e divinamente movido começa a apregoar a mensagem que Jesus Cristo tinha deixado como depósito à sua Igreja.

Desde aquêlo momento, o Espírito Santo e os Apóstolos, união divino-humana, dão em conjunto o previsto testemunho da eterna Palavra: "O Espírito dará testemunho de mim, e vós também me dareis testemunho, porque estivestes comigo, desde o princípio" (4).

Esta é a inquebrantável *forma de unidade*, a Igreja una, na qual concordará conscientemente a nuvem das testemunhas: e

(1) Atos 1, 5.

(2) Lucas 24, 49.

(3) In Cantica Canticorum 8, 1. — PL 183, 811 A.

(4) João 15, 26-27.

S. Paulo, na Carta aos Efésios, deixar-nos-á esta expressão forte e propositadamente completa:

"Procurai conservar a unidade do espirito com o vinculo da paz: um só corpo, um só espirito, como a uma só esperança fostes chamados, com a vossa vocação. Um só Deus e Pai de todos, que está sôbre todos, que está em tôdas as coisas e especialmente em todos nós" (1).

Receber a palavra de Deus na unidade da forma, significa, portanto, recebê-la com esta idéia, com esta disposição de alma, neste organismo, imersos nesta forma divina, emanação do Cristo.

É inútil acrescentarmos a viva preocupação que caracteriza o trabalho missionário dos Apóstolos e que nos é expressa sobretudo por S. Paulo e S. João. Quando a palavra começa a se expandir pelo mundo, constitui, é verdade, a *comunhão dos santos*, mas o drama que tinha acompanhado a pregação de Cristo, renasce inteiro diante da pregação dos Apóstolos. Quando Paulo chegará a Roma, centro dos seus desejos, ser-lhe-á dito claramente, ao primeiro contato: esta é uma doutrina à qual "*ubique contradicitur*" (2).

Enquanto S. Paulo ante a tomada de posição do anti-Cristo, princípio de tôda a divisão, enfraquecimento ou corrupção do princípio revelado, escreve a Timóteo, confiando-lhe os perigos a que a palavra está exposta:

"tempo virá em que a gente não poderá suportar a sã doutrina, mas, para secundar as próprias paixões e pelo prurido de ouvir, criará uma multidão de mestres: mas não quererão ouvir a verdade e irão em pós de fábulas" (3).

S. João, por sua vez, expressar-se-á com esta severa exigência:

"se alguém fôr ter convosco e não tiver esta doutrina, não o recebais em casa, ou melhor, nem mesmo o saudeis, porque quem o saúda participa das más obras dêle" (4).

Estas páginas dolorosas, as últimas da revelação escrita, e os vinte séculos da história cristã, dão-nos a maneira de bem compreender quão indispensável era a providência, posta em ato por Jesus Cristo, "*ut unum sint*": sábio esforço divino-humano realmente indispensável ao mistério da palavra de Deus.

Releiam-se agora as passagens da Didakê (55) onde a primeira cristandade se põe de sobreaviso contra quem a visa destruir com outra doutrina; de S. Clemente Romano (59), que vigorosamente

(1) Efésios 4, 3-5.

(2) Atos 28, 22.

(3) 2. Timóteo 4, 4.

(4) 2. João 10-11.

concentra tudo sobre os Apóstolos, expressão certa da vontade de Deus; de S. Inácio Mártir (63-64-65), que declara encontrar a morte quem se põe fora da caridade e da vida da Igreja; de S. Policarpo (67), que põe de sobreaviso, contra quem perverte as palavras do Senhor; de S. Teófilo (76), que vê nas Igrejas as ilhas de salvação, no mar agitado do mundo; tome-se conhecimento dos trechos de S. Irineu (78-82), que nos dão uma pequena idéia da ardorosa defesa da unidade feita por este grande campeão do episcopado; veja-se o trecho 87 de Clemente Alexandrino, sobre a grandeza e segurança oferecida pela unidade, princípio da construção divina entre os homens; suba-se, aos poucos, através de Tertuliano, Cipriano, Hilário, Efrém, até o outro grande campeão da unidade, S. Atanásio de Alexandria; através de todas as outras vozes da tradição, suba-se até S. Agostinho, cume excelso na história do pensamento cristão, que tão profundamente sentiu, viveu e transmitiu o pensamento da unidade: aos seus trechos 231-232, referidos como rápida indicação do seu pensamento sob este aspecto, acrescente-se aqui o que ele escrevia a Saturnino e Eufrates, no ano 412, onde temos uma das mais belas expressões da unidade na forma:

"Se o que nos une, fôsse uma casa, poderíamos dizer com toda a exatidão que estamos unidos: quanto mais estivermos, portanto, unidos, sabendo que estamos em um só corpo! E a mesma Verdade, que nos garante que estamos na união de uma só casa, porque a Sagrada Escritura nos diz igualmente que a Igreja é o Corpo de Cristo e a Casa de Deus!" (1).

O testemunho da unidade que se desenvolve em fórmulas tão nítidas e irrefutáveis, acompanhou com constante clareza a Igreja no tempo. Em certos momentos da história, a unidade teve que ser vigorosamente defendida, porque correu gravíssimos perigos e sofreu sérios danos: na obra de reparação aos males causados pelas desuniões as santas testemunhas estiveram sempre em primeira linha.

O século passado viu a Igreja dar um acentuado ressalte à sua unidade original com a definição da infalibilidade pontificia, no Concílio Vaticano. À distância de um século, nos agitados dias em que vivemos, o princípio da unidade exerce uma nova e mais profunda solicitação, em vista da celebração do Concílio Vaticano II: o desejo universal da "reunificação" é, a seu modo, uma forte exaltação da unidade desejada e já inicialmente cumprida por Cristo. As amargas experiências da história cristã serviram, uma vez mais, para que se compreendesse quanto é difícil a obra de atrair os homens à unidade, quanto fôra indispensável que Jesus Cristo dispusesse no mundo a forma da unidade divina, e quanto precisa de

(1) Epistolarum classis III: epistola 142 (Saturnino et Euphrati), 1. — PL 33, 584.

humildade, de vigilância e de profunda posse da palavra de Deus para conseguí-la e depois para mantê-la.

Postos diante da palavra de Deus, base de nossa vida e única válida defesa de uma verdadeira civilização, ninguém pode fechar os ouvidos à onda da unidade: o testemunho secular é demais evidente, para que seja lícito desconhecê-lo. Prescindir desta forma estabelecida por Deus, significaria começar a discordar do pensamento seu num ponto fundamental: daí por diante ninguém poderia mais garantir ao homem o pensamento de Deus. Prova disso é o fato de que, lendo, estudando e manuseando com assiduidade o livro da palavra de Deus fora da garantia da unidade, pôde-se chegar não só a cancelar a idéia do demônio, que é o adversário de Deus, mas até mesmo a suprimir a realidade divina de Jesus Cristo, que é o Filho de Deus

3. *Unidade no método*

Não se trata do método científico ou técnico para as pesquisas, o estudo ou a exegese bíblica. Na coletânea de escritos que apresentamos há, em primeiro plano, os nomes dos mais insignes cultores dos estudos bíblicos, como Orígenes, S. João Crisóstomo, S. Jerônimo, S. Agostinho, S. Tomás de Aquino, Leão XIII, Pio XII: êles deram direção sempre mais avançada ao grande trabalho de interpretação da palavra de Deus, orientando largas correntes de pesquisa e de pensamento em tórno da Escritura. Mas êstes mesmos homens diante de todos aquêles que se utilizaram sèriamente da palavra de Deus, resultam os melhores modelos daquele método mais profundo e mais geral em que se encontra tôda a nuvem das testemunhas: a adesão da vida, isto é, a disposição da alma humana que vai direta ao objetivo da palavra revelada, ou seja, à união com Deus.

Em tôda obra, o método é determinante: segundo a etimologia da palavra, método é o *caminho* que se palmilha: se se erra o caminho, não se chega ao resultado; se o caminho é incerto, reserva dificuldades e o resultado sobrevém incerto; se o caminho é bom, o resultado é garantido.

Em relação com a unidade de que temos apenas terminado de escrever, o método pode preceder ou seguir: se precede, como aconteceu para bom número de pessoas na história cristã (valham por

todos, nos dois extremos da era cristã, os nomes de S. Justino e do Cardeal Newman), então o justo método dispõe a compreender e procurar a unidade, o que se traduzirá na pertença à Igreja: na maioria dos casos, o método da adesão vital à palavra de Deus é fruto de uma sincera participação à forma da unidade, como autênticos filhos da Igreja.

MÉTODO DA FÉ

O método por excelência das testemunhas de todos os séculos é, pois, o da *fé*, ou adesão, em verdadeira entrega de vida, à palavra de Deus. Cremos que a expressão mais forte e mais evidente desta adesão nos possa vir de uma similitude por contraste, que S. Paulo estabelece entre um fato de adesão carnal e a união com Deus: “Não sabeis que quem se une com uma meretriz torna-se um só corpo com ela? Foi dito: os dois se tornam uma só carne: quem em vez se une ao Senhor é um só espírito com êle” (1). Assim é a verdadeira fé: expressão de uma total adesão, que leva à união de pensamento, de vontade e de ação com Deus. Quem nos deu os termos perfeitos desta disposição que brota da profunda unidade de um espírito humano, foi Maria Santíssima: “Eis aqui a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra” (2): isso quer dizer que a palavra teve, como nunca, uma vida à sua total disposição.

Percorrendo os trechos sobre a palavra de Deus, poder-se-á ver que a insistência sobre o método da adesão vital constitui incessante convite de todos os crentes responsáveis que se sucederam na história. Querendo examinar-se-lhes o pensamento, poder-se-á relevar que o seu convite salienta-se deste modo:

o que resume a atitude do homem consciente diante da palavra de Deus é a *fé* ou adesão total: esta disposição pode-se dizer autêntica e produtiva se parte da *humildade*, da *sinceridade de coração* e da *purificação da vida*. Se a adesão de fé é tal, então resulta viva e operante e se exprime como *obediência amorosa*, como *atuação prática da palavra*, como *nutrimento* contínuo da palavra de Deus. Enfim, esta disposição total torna-se fecunda e assegurada pela *oração*, para solicitar o magistério íntimo da graça.

Neste quadro se resume a grande variedade e insistência de sugestões que se recolhem, a mancheias, das páginas dos santos leitores da palavra de Deus.

A síntese do método dos santos é, pois, a *fé*: de fato, essa cons-

(1) 1. Corintios 6, 16-17.

(2) Lucas 1, 38.

titui o pedido essencial dos dois Testamentos. A Sabedoria advertia, no início de seu discurso:

“Ele se faz encontrar pelos que não o tentam, e se manifesta aos que crêem nêle” (1);

e o Eclesiástico, depois de ter indicado, como prova, as obras grandiosas de Deus, concluía:

“Não sejas incrédulo à sua palavra” (2).

No Novo Testamento, esta exigência está expressa de modo ainda mais profundo: Jesus Cristo vem para advertir que a fé é a “obra” essencial:

“Então lhes disseram: que devemos fazer para praticar as obras de Deus? Jesus lhes respondeu: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que êle mandou” (3).

No panorama de sua sublime Carta aos Hebreus, S. Paulo observa que muitíssimos ouviram a palavra de Deus: mas tal contato não lhes serviu de nada por falta da adesão de fé:

“De nada lhes serviu a palavra ouvida, por não ser acompanhada da fé dos ouvintes” (4).

Êle, ao invés, se congratula com os tessalonicenses porque tomaram a posição justa, desde o princípio:

“Por isso, nós rendemos contínuas graças a Deus, porque vós, recebendo a palavra de Deus, pregada por nós, não a aceitastes como palavra de homem, mas sim, como é verdadeiramente, como palavra de Deus e ela mostra sua eficácia em vós, que crêstes” (5).

Destarte, a fé é perfeitamente focalizada: ela é a noção e a aceitação exata do que se nos apresenta como *palavra de Deus*, em contraposição com a *palavra do homem*. S. Cipriano dirá firmemente ao seu leitor do tratado *De Mortalidade*:

“Ora, Deus fala contigo e tu, pérfido, duvidas por falta de fé? A quem se afasta dêste mundo Deus promete a imortalidade e a eternidade, e tu duvidas disso? Isso quer dizer que tu não conheces quem é Deus; isso significa ofender, com o pecado de incredulidade, a Cristo, Mestre da fé; isso significa não ter fé, exatamente na casa da fé, vivendo na Igreja” (6).

(1) Sabedoria 1, 2.

(2) Eclesiástico 16, 29.

(3) João 6, 28-29.

(4) Hebreus 4, 2.

(5) 1. Tessalonicenses 2, 13.

(6) De mortalitate 6. — PL 4, 607 C.

HUMILDADE, SINCERIDADE, PURIFICAÇÃO

Verdadeiro prelúdio da fé e seu indispensável fundamento é a *humildade*: ela dá ao homem o sentido das proporções e o coloca na real posição diante de Deus:

"A tua ciência para mim é maravilhosa: é tão elevada que não poderei alcançá-la" (1).

Antes que o livro de Jó (cap. 28) e o de Baruque (cap. 3) nos oferecessem notabilíssimas páginas sobre a tremenda fadiga humana em busca da sabedoria e do reto caminho, quase em contraposição à síntese do bom método, que é a humildade de quem teme a Deus, já o livro do Deuteronômio tinha admoestado com simplicidade:

"Deus amou os povos: todos os santos estão na sua mão, e aqueles que se aproximam de seus pés receberão a sua doutrina" (2).

S. Agostinho insistirá muito sobre a indispensável premissa da humildade, diante da palavra de Deus:

"Confessa tua enfermidade, queda-te paciente diante do médico. Apegando-te à sua humildade, elevas-te com ele. Não que ele se eleve na sua qualidade de Verbo, mas sim que te elevas tu, pelo fato de te apegares a ele cada vez com maior firmeza. Começarás a compreender titubeando, com vacilações; depois compreenderás com mais segurança e clareza. Não cresce ele, mas tu avanças, chegando a parecer que ele está caminhando contigo. E assim, irmãos. Crêde nas prescrições de Deus, segui-as e vos será dada maior capacidade de compreensão. Não sejais presumidos, não queirais antepor a ciência ao preceito de Deus, a fim de que não fiquéis mais débeis, em vez de mais fortes. Observai as árvores. Primeiramente procuram a profundidade do solo, a fim de crescerem depois para o alto. Fixam raízes no solo humilde, a fim de elevar o caule para o céu. Apóiam-se em alguma coisa que não seja a humildade? E tu, mesmo sem caridade e sem humildade, queres compreender as coisas excelsas. Mesmo sem raízes, queres expandir-te no espaço. Isso não representa incremento; significa unicamente ruína" (3).

A humildade assegura a *sinceridade* de coração, virtude tão imitadora de Deus: ela é a ausência de obstáculos à penetração da palavra: o campo está livre, a sementeira é possível. A palavra de Deus desce, então, de bom grado:

"O Senhor fala amigavelmente com os simples" (4).

(1) Salmo 138, 6.

(2) Deuteronômio 33, 3.

(3) Sermo 117, 17. — PL 38, 671.

(4) Provérbios 3, 32.

Jesus Cristo advertirá que a palavra, semente vital, frutifica só lá onde se pode encontrar "*in corde bono et optimo*" (1).

"Eis, tu amas a sinceridade do coração" (2), é o reconhecimento que Davi fazia a Deus enquanto procurava purificar a mancha do seu pecado e cortar a raiz do mal.

Dai nasce, portanto, a necessidade de uma *purificação da vida*: esta atitude, que faz parte do método dos santos, teve sua mais alta expressão simbólica na queimadura dos lábios de Isaías, durante a teofania que o consagrou ministro da palavra. Para receber a palavra com segura adesão, precisa purificar-se. A insistência do testemunho secular sobre este ponto é exigente. S. Máximo, o Confessor, advertia:

"Há umas como escamas arraigadas nos olhos da alma, que impedem de aderir e de se repousar sobre a sincera palavra de verdade: sejam estas escamas, idéias que aderem, como arraigando-se em um corpo, à letra nua da Sagrada Escritura, ou sejam talvez pontos de vista particulares concernentes às coisas visíveis, nascidas das impressões dos sentidos e promiscuidas de afeições e de sensualidade" (3).

"*Castificantes*": S. Pedro sintetiza tudo com esta única palavra: "Castificai vossas almas com a obediência de amor" (4).

OBEDIÊNCIA AMOROSA, ATUAÇÃO PRÁTICA. NUTRIMENTO COM A PALAVRA

Se as premissas da fé são feitas de humildade, de sinceridade de coração e de purificação interna, então a fé assume todo o seu dinamismo e se traduz em verdadeira adesão, movimento profundo de uma alma ativa, que se concretiza na obediência amorosa, na atuação prática da obra requerida e na busca contínua de se alimentar com a palavra.

Há quem apresente a eterna relação beatificante do Pai e do Filho como uma relação de *palavra-resposta*, segundo o valor transcendental e eterno que tais termos podem assumir em Deus (5). O Filho é a resposta substancial ao Pai, que eternamente diz a palavra. Tal resposta, como ele parcialmente no-lo revelou no mundo, é uma condescendência toda amorosa: "Faço sempre aquilo que é de seu agrado" (6); é uma resposta efetiva, plena realização do pedido paterno: "Cumpri a obra que me deste para fazer" (7); e é

(1) Lucas 8, 15.

(2) Salmo 50, 8.

(3) Capitulum Theologiae et Oeconomiae, cent. II, 75. — PG 90, 1159 B.

(4) 1. Pedro 1, 22.

(5) M. SCHMAUS, *Le ultime realtà*. Edizioni Paoline, Alba, 1960, pág. 491ss.

(6) João 8, 29.

(7) João 17, 4.

como um insaciável desejo de voltar a se alimentar diariamente da vontade do Pai: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e assim executar sua obra" (1).

Estes três elementos, substância do método divino, devem encontrar-se integralmente no método dos homens. A obediência amorosa é uma solicitação muito freqüente da revelação:

"Tu serás como um filho obediente do Altíssimo e ele terá compaixão de ti mais do que uma mãe" (2).

É a atitude sempre indicada por Deus. Na expressão imaginosa do livro dos Provérbios temos esta relação entre palavra e docilidade:

"Brinco de ouro brilhante é sábio conselho em dócil ouvido" (3).

O versículo 11 do Salmo 44: "Ouve, ó filha, olha e inclina o ouvido" foi sempre propício para preciosas admoestações e foi desenvolvido em verdadeiras obras-primas sob a pena de alguns apaixonados da palavra de Deus, para indicar todo o abandono da alma ao Senhor que fala.

Cristo dá tal importância a esta atitude, a ponto de considerar quem presta boa atenção à sua palavra como membro íntimo de sua família, como a sua própria Mãe Santíssima:

"Eis minha mãe e os meus irmãos: pois, quem faz a vontade do meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe" (4).

Este passo já nos chama à demonstração da verdadeira fé mediante a atuação prática, ou obediência efetiva, como a chama S. Francisco de Sales (cf. n. 455). Quando Jesus Cristo e S. Paulo nos incitam a "fazer" a verdade conhecida (5), eles querem que entendamos que a fé na palavra não pode ser compreendida senão como um empenho real da vida. Originam-se daqui as claras admoestações de S. Paulo e de S. Tiago:

"Não são justos diante de Deus aqueles que ouvem a lei, mas aqueles que a põem em prática e que serão justificados" (6).

"A fé, se não tem as obras, é morta em si mesma. Alguém poderá dizer: Tu tens a fé e eu tenho as obras; está bem; mostra-me tua fé sem as obras e eu te mostrarei a minha fé pelas obras" (7).

Sendo, pois, a fé um dinamismo que nasce todo inteiro da palavra de Deus, surge a necessidade de defender e alimentar em

(1) João 4, 34.

(2) Eclesiástico 4, 11.

(3) Provérbios 25, 12.

(4) Mateus 12, 50.

(5) João 3, 21. — Efésios 4, 15.

(6) Romanos 2, 13.

(7) Tiago 2, 17-18.

si mesmos a palavra com ininterrupto abastecimento. É a atitude que o primeiro Salmo perfila com uma imagem original, que teve a mais larga fortuna junto a todos os grandes expositores da Bíblia: a imagem da árvore ao longo da corrente das águas:

"Feliz o homem... que se compraz na lei do Senhor, sôbre a qual vai meditando dia e noite: êle é como uma árvore plantada ao longo da corrente das águas, que a seu tempo não deixará de produzir fruto: as suas fôlhas não caem e êle tem êxito feliz em tudo aquilo que faz" (1).

Passando em revista a resenha dos trechos que apresentamos, compreender-se-á perfeitamente o que se entende com êste aprofundar as raízes ao longo das águas: é a disposição contínua ao estudo, à penetração lenta e segura da palavra de Deus, que incrementará substancialmente a nossa vida.

ORAÇÃO

O método da fé tem ainda uma expressão lógica e indispensável para proporcionar ao homem a doce e inefável intervenção de Deus, a fim de compreender e submeter a vontade à palavra; êste elemento fecundante é a oração.

Notável parte da Bíblia é constituída pela oração: o Salmo mais longo não é senão uma longa prece a Deus exprimindo-lhe o amor à palavra e pedindo-lhe a posse dela e sua prática eficaz. Também a oração de Cristo versa sôbre a finalidade da palavra: pede que ela realize a união com Deus, a união com a Igreja. E todos os séculos, desde a sugestão de S. Justino ao hebreu Trifão,

"reza, para que se te abram as portas da luz" (2)

até à recomendação de João XXIII, por ocasião do 50º aniversário do Pontifício Instituto Bíblico:

"não basta só o estudo: precisa invocar o lume confortador do Espírito Santo "qui omnia scrutatur, etiam profunda Dei" e a assistência de seus dons de sabedoria e de conselho, de ciência e de piedade: seja, pois, a oração o alimento e o conforto de vossa vida de estudiosos" (3),

é toda uma seqüência de convites ao exercício constante da oração, para que Deus queira tornar-nos dignos de seu colóquio.

Concluiremos precisamente a resenha de nossos trechos de ins-

(1) Salmo 1, 1-3.

(2) Dialogus cum Triphone J. — PG 6. 491 C.

(3) Osservatore Romano 19-2-1960.

piração bíblica com duas breves orações destinadas a abrir e fechar a leitura cotidiana da palavra de Deus. Essas são usadas continuamente na família religiosa paulina.

Nesta *adesão vital*, tão completa e sem reservas, temos portanto o grande método praticado e firmemente seguido por todos os grandes amantes da palavra de Deus. O homem que conseguir ler a palavra com este método, ou pelo menos empenhar-se, enriquecer-se-á sem medida. Acontecer-lhe-á como aos santos: saberá sempre voltar-se à disposição daquele empaste inicial feito por Deus, que não era nada senão terra árida, até que não foi tornado vivo e falante pelo sôpro de Deus: como no início, esperará sempre que a palavra de Deus lhe renove e lhe acresça o sôpro potente da vida e lhe estampe cada dia mais profunda a imagem do pensamento, da liberdade e da unidade divina.

É este o sentido franco da disposição dos santos: e S. Hilário faz-se-lhe intérprete nestes termos, que referimos no número 113 da coletânea:

"Estendo as minhas mãos para ti: a minha alma tem sede de ti, como terra sequiosa" (Sl 142,6): uma terra sequiosa é árida, estéril e sempre ansiosa por ser irrorada pela chuva da palavra divina. Já Moisés nos havia dado esta imagem: "Cresça como chuva a minha doutrina, espalhe-se como orvalho a minha palavra, como aguaceiros sobre a erva, e como gotas de água sobre a verdura" (Dt 32,2). A alma requeimada e sequiosa é logo penetrada pela chuva da doutrina escritural: e então seca e ávida como era pela aridez da natureza, reverdece com frutos férteis, chegando a embeber-se da palavra de Deus" (1).

4. *Unidade no fruto*

Todos os trechos que apresentamos provêm das páginas dos "santos homens de Deus" (2). Crescidos no terreno da unidade e acrisolados ao método da adesão vital, os santos são as verdadeiras primícias da palavra de Deus.

É verdade que um Tertuliano, esplêndido assertor da palavra, pode ter concluído menos felizmente a sua carreira: o seu testemunho, perturbado por se ter êle subtraído à unidade fundamental na forma, permanece igualmente forte. É verdade que na resenha secular aparecem também dois vultos atuais pela excelência de seu testemunho: mas o primeiro dêles, o "santo Padre", é o mestre au-

(1) Tractatus in Psalmum 142, 7. - PL 9, 840 B.

(2) 2. Pedro 1, 21.

têntico da santidade nestes anos da vida da Igreja; e ao segundo se condiz uma afirmação bem pensada do Padre Lacordaire, quando a alguém que lhe perguntava por que não fundasse, na França, uma nova ordem, conformada com os tempos, em vez de restaurar a velha Ordem Dominicana, respondeu: "A graça de ser fundador de uma ordem é a mais alta e a mais rara que Deus concede a seus santos (e eu não a recebi)" (1).

Estamos, pois, diante do complexo grandioso da santidade, que realiza o versículo bíblico mais evidentemente programático sobre a palavra de Deus:

"Santifica-os na verdade: a tua palavra é verdade" (2).

O objetivo adequado da palavra de Deus é a santificação, isto é, a suprema maturação do homem.

A oração de Cristo tem, por conseguinte, uma esplêndida eficácia nos séculos: do núcleo unitário e fecundo de sua palavra saíram raios de uma variedade infinita. Um dia, quando Cristo vier fechar a história humana com o juízo final, poderá muito bem ser "glorificado nos seus santos e aparecer admirável em todos os crentes" (3).

1. OS SANTOS DA PALAVRA

Ora, a santidade é sempre um fruto da palavra de Deus que de modo vário fermenta a massa humana: mas na presente resenha atinge-se somente aquela limitada categoria de Santos, que pela sua vocação específica conseguiram colocar por escrito ou sugerir o bom testemunho à palavra. É um grupo escolhidíssimo, mas igualmente numeroso, que abrange todos os tempos, acompanhando a história da palavra de Deus.

A série abre-se naturalmente com Moisés, grande na santidade ("*in fide et lenitate sanctum fecit illum*") (4), ao qual Deus confiou, primeiro entre todos, a missão de redigir a sua palavra:

"Pôs em sua mão os mandamentos, uma lei salutar e sábia, para ensinar a Jacó os seus decretos, as suas ordens e as suas normas em Israel" (5).

e se estende até a época atual, de Pio XII, que, elevando pela primeira vez um santo às honras dos altares, comprazia-se em chamar a atenção do mundo

(1) *Mémoire pour le rétablissement en France de l'Ordre des Frères Prêcheurs*, cap. 2. — *Oeuvres*. Paris 1872, vol. IX, pág. 112.

(2) João 17, 17.

(3) 2. Tessalonicenses 1, 10.

(4) Eclesiástico 45, 4.

(5) L. c., vers. 5.

"a refletir nas maravilhas espirituais de que o Evangelho é extraordinário artifice" (1).

Neste longo desfilar de séculos, que supera de muito a três milênios, vivem diante do olhar da humanidade, símbolos imortais do fruto da palavra, êstes homens de elcção.

Passam, primeiramente, os hagiógrafos, escolhidos de tôda a categoria social: reis, chefes, juizes, sábios, mestres, pastôres, pescadores, grandes e pequenos filhos de um povo eleito por Deus, para os quais a sublime maturação da vida realizou-se pelo fato que, para êles "*factum est Verbum Domini*": o contato de fogo com a palavra de Deus trabalhou-os profundamente, igualando-os todos na superior forma de santidade.

Entrevê-se de S. Pedro e S. Clemente Romano até o Papa Pio XII e João XXIII, através das imortais figuras de S. Leão e de S. Gregório Magno, tôda a série dos Pontífices Romanos, que sucedendo-se na cátedra da unidade, tiveram nas mãos e administraram, sob o govêrno do Espírito, a chave autêntica da palavra de Deus.

De S. Inácio, S. Policarpo, S. Teófilo através de S. Ambrósio, S. Atanásio, S. João Crisóstomo, S. Agostinho e prosseguindo até S. Francisco de Sales e S. Afonso Maria de Ligório, desenvolve-se a série dos santos Bispos, depositários e núncios da palavra, formadores e guardas da unidade em tôrno da cátedra de Pedro, testemunhas e autores do surgir das cátedras da palavra de Deus em tôdas as cidades do mundo, suscitadores das organizações da cultura humana como emanção da divina palavra civilizadora, mestres da humanidade no sentido mais amplo e duradouro do termo.

Passam os homens da escola, cuja vida foi todo um serviço às letras divinas e humanas: são os amantes da palavra, que de S. Justino, o filósofo, através de Clemente Alexandrino, Orígenes, S. Jerônimo, Cassiodoro, ascendem até Pascal, que preluda aos leigos, testemunhas da luz nos tempos modernos.

Vêm os poetas, enamorados da palavra de Deus até à santidade, que a cantaram com os acentos e as línguas mais diversas, como nos provêm da Síria, com S. Efrém, de Constantinopla e do retiro de Arianzo com S. Gregório Nazianzeno, da sede de Nola com S. Paulino, da Espanha com o magistrado Aurélio Prudêncio, da Florença Medieval a que aspira o coração de Dante, que traça o seu altíssimo poema vagando no exílio; das praias do Brasil, apenas descoberto, onde Anchieta escreve suas métricas homenagens à Virgem e à palavra de Deus.

E eis a grande multidão dos religiosos, humildes e zelosos

(1) Cf. n. 539 da coletânea.

guardas e intérpretes do verbo revelado. Eles pertencem à antiga Igreja Oriental, como S. João Clímaco, S. Máximo, o Confessor, S. João Damasceno, S. Teodoro Estudita, representantes das multidões que transcorreram a sua vida na meditação e na defesa da palavra. Pertencem ao Ocidente cristão, onde, nascidos no amor da revelação pela Regra de S. Bento de Nôrcia, destacam-se, entre todos, os testemunhos de S. Gregório Magno, de S. Beda, o Venerável, de S. Pedro Damião, de S. Anselmo, de S. Bernardo, entre milhares de monges beneditinos que se assinalaram pelo seu culto à palavra de Deus. Surgem, depois, novas instituições de vida religiosa como nôvo testemunho de santidade e de vigorosa interpretação da palavra de Deus: tais como S. Francisco de Assis, com seus S. Antônio, S. Boaventura, S. Bernardino de Sena, S. Lourenço de Brindisi; tais como S. Domingos com seus S. Tomás de Aquino, S. Alberto de Colônia, S. Antonino de Florença, Padre Lacordaire; tais como S. Inácio de Loyola com seus S. Roberto Belarmino, S. Francisco Xavier, Padre Vieira, Padre Anchieta; até que se chega às fundações mais recentes que têm origem de santos profundamente impregnados de palavra de Deus, quais são aquêles de que reproduzimos trechos na nossa resenha: S. Francisco de Sales, S. Afonso de Ligório, S. Luís Grignon de Monfort, S. Paulo da Cruz, S. Antônio Maria Claret, S. João Bosco: exemplos, também êses, entre muitos.

Não passará despercebida a presença de algumas santas, nobilíssimos símbolos de tôdas as amantes da palavra de Deus, daquelas cujo pé pousou limpidamente sôbre a terra e cuja mão se adestrou nas glórias da palavra: S. Gertrudes, dona do estilo, engenhosa discípula de Deus, como ela mesma gosta de se definir, totalmente impregnada da palavra revelada; S. Catarina de Sena, que aprende as letras diretamente do Mestre Divino e parece escrever com a tinta do próprio sangue; S. Teresa de Ávila, autêntico doutor, que declara ter-lhe dito seu Espôso eterno, que o verdadeiro mal que aflige a humanidade é a falta do conhecimento da Sagrada Escritura; S. Teresinha de Lisieux, que no admirável encanto de sua autobiografia nos revela o seu excepcional processo espiritual como fruto das inspirações que lhe provém dos livros sagrados e que afirma alguma gentilíssima atração tentada por Deus com o povo por êle eleito ter conseguido realizar-se na sua vida, na distância de muitos séculos, com extraordinário esplendor de graça.

De alguns santos conhecemos mais particularmente, e podemos ler na coletânea, o momento em que uma determinada palavra da Bíblia desceu "viva como uma espada de dois gumes" e chegou a operar "a divisão entre juntas e medula": diante da leitura do prólogo do Evangelho de S. João, S. Hilário se converte à fé; diante do versículo 21, capítulo 19 de S. Mateus, S. Antônio Egipciano

inicia a excepcional disciplina espiritual que o vê na luta do deserto até 106 anos; diante dos versículos 13-14 do capítulo 13 da Carta aos Romanos S. Agostinho determina-se à total renovação de seu espírito; ajoelhado diante da Bíblia e abrindo-a em oração, S. Francisco de Assis tem o sentido do infinito vôo espiritual que se efetuará nos últimos dois anos de sua vida; diante do versículo 26 do capítulo 16 do Evangelho de S. Mateus, ouvido freqüentemente, S. Francisco Xavier se transforma de professor em Paris em evangelizador do Oriente; diante do capítulo 13 da primeira Carta aos Coríntios, uma alma, impulsionada por infindos desejos como a de S. Teresinha de Lisieux, encontra a profunda paz do espírito; diante de poucos versículos dos Salmos e de Isaías, um homem da fibra de Pio XI transcorre todo o dia de seus setenta anos, respeitando um conhecido motivo bíblico e programando o fruto do eventual último decênio de sua vida apostólica.

Para cada um se cumpriu a oração do divino Formador dos homens: "Santifica-os na verdade: a tua palavra é verdade" (1). Eis, portanto, bem esclarecido, êste quarto motivo unitário de nossa resenha: a unidade no fruto.

2. A PALAVRA DOS SANTOS

Mas a relação da palavra com a santidade, e por isso, a excepcional unidade no fruto, tem um segundo aspecto, sôbre o qual não se deve absolutamente passar por alto. Êsse pode ser definido nestes têrmos: a palavra de Deus, através do fruto da santidade, chega a reunir e a revalorizar plenamente a palavra do homem.

Se refletirmos sôbre êsse ponto, podemos notar que o contato com a palavra de Deus levou cada um dos santos a encontrar na sua palavra, a unidade pessoal, a reproduzir o sentido da unidade social e a exprimir o sentido íntimo da união com Deus. Com efeito, o esforço principal da vida dos santos foi o de compenetrar-se, de traduzir em ato e de referir ao mundo a palavra de Deus: "Se alguém fala — dizia S. Pedro — fale como se dissesse as palavras de Deus" (2): a palavra de Deus, inserida assim, através do dinamismo e da ascensão de muitas vidas, na palavra humana, recriou a tríplice unidade: da pessoa, do ambiente social, da relação entre o homem e Deus.

Para compreender êstes três pontos é mister subir outra vez à nascente da palavra humana, que se encontra no fato da *criação à imagem*.

(1) João 17, 17.

(2) 1. Pedro 4, 11.

A palavra de Deus, por quanto diz respeito à humanidade, começou com esta declaração: “façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e domine...” (1). Deus é inteligência puríssima, é vontade soberana, é liberdade sem limites, é unidade simples, absoluta. Deus fala eternamente na intimidade de sua natureza e sua palavra é a pessoa do Verbo: o Verbo é, pois, a Imagem perfeita de Deus (“Imago Dei”): o homem, em vez, é feito à *imagem*: tem, em si certo molde divino, o princípio racional de que provém a vontade livre, do qual nasce, plena manifestação de racionalidade, a palavra; como se dá em Deus, a palavra nasce dentro do homem, de princípio profundo de racionalidade, mas pela natureza humana associada ao corpo, a palavra se manifesta orgânicamente por fora para comunicar-se. É claro que a natureza da palavra é de ser a *imagem* autêntica do homem, como o Verbo é a Imagem pleníssima do Pai; ela será, por isso, a expressão da íntima unidade humana; ao mesmo tempo, pois que o homem é constituído ente social (foi-lhe dado, para se desenvolver em sociedade, um “adjutorium simile sibi”) (2), a palavra será o vínculo da unidade social; mas a doutrina da *imagem divina* nos diz sobretudo que a palavra, pura e imediata expressão de racionalidade, será o vínculo de comunicação entre o homem e Deus.

O fato da racionalidade põe o homem na possibilidade de escolher e de se orientar livremente com relação ao seu fim; o fato de que o homem é à *imagem* o põe na via de um progresso infinito, que com a intervenção amorosa de Deus, o elevará enfim à eterna semelhança com seu Criador: “Seremos semelhantes a êle, porque o veremos como êle é” (3). Mas esta liberdade fundamental da natureza, e o infinito impulso para o progresso puseram o homem diante de alternativas que o podiam ainda conduzir a gravíssimas conseqüências: e o homem caiu. A sua palavra também nesta condição permanece integralmente a sua imagem: sòmente que, a partir daquela queda, ela chega a fotografá-lo freqüentemente no seu profundo dissídio, ao invés que na sua unidade interna e, por conseguinte, a própria palavra no-lo mostra nas suas desastrosas divergências sociais e na sua perigosíssima dissensão com Deus.

Se o livro da Sabedoria inicia advertindo-nos de que “a bôca que mente dá a morte à alma” (4), isso quer dizer que a bôca ou a palavra leva a cabo e revela no íntimo de sua vida racional uma

(1) Gênesis 1, 26.

(2) Gênesis 2, 18.

(3) 1. João 3, 2.

(4) Sabedoria 1, 11.

cisão que fende a própria unidade da natureza humana, e que tal cisão é o princípio da morte: a divisão interna, de fato, é levada muitas vezes ao ponto de se tornar realmente a destruidora da pessoa. Deus, cujo ser essencialmente uno, detesta tudo o que infringe a unidade, detesta esta cisão humana: "Eu detesto a boca bilingüe" (1).

O homem é esplêndido, é autenticamente êle, é verdadeiramente racional, é de todo repouso e de plena garantia ao próximo, quando as suas palavras, obedecendo à sua natureza, chegam a pescar no fundo de um bom pensamento e de um bom coração e lhe correspondem exatamente. O homem nunca é uno, nunca é digno de estima como neste caso; e é o caso dos santos.

Uma complacência infinita se desprende então diante desta unidade humana, tão bem constituída. Então se realiza à perfeição aquêle esplêndido versículo dos Provérbios:

"Águas profundas são as palavras de um homem.
regato transbordante, nascente de vida" (2);

então, são plenamente justificados os matizes elogiosos à palavra que se apresentam aqui e ali nas páginas sagradas; porque nada é exaltado com tanto desvelo; de modo tal que o livro do Eclesiástico recama prazenteiramente:

"Flauta e harpa produzem doce melodia,
porém, mais ainda a língua sincera" (3),

e o livro dos Provérbios reforça:

"fruta de ouro sôbre prato de prata
é uma palavra dita a seu tempo" (4),

e continua:

"Haja ouro, haja grande abundância de pérolas:
mas vaso precioso são os lábios do sábio" (5);

"Favo de mel são as palavras elegantes,
doçura da alma e saúde do corpo" (6).

Compreendemos assim também as entusiásticas expressões de muitos santos, quando acontecia encontrarem-se com autênticos homens. Veja-se destas frases de S. Basílio, como êle reitera a sua admiração diante desta encantadora unidade humana:

- (1) Provérbios 8, 13.
- (2) Provérbios 18, 4.
- (3) Eclesiástico 40, 21.
- (4) Provérbios 25, 11.
- (5) Provérbios 20, 15.
- (6) Provérbios 16, 24.

"Eu vi tua alma no escrito: de fato, nenhum pintor consegue reproduzir tão plenamente a efigie de uma pessoa, como a palavra consegue manifestar o íntimo do pensamento" (2);

"O regato de água nos mostra o indicio de sua nascente: a natureza da palavra é a de indicar-nos e desenhar-nos o peito de onde promana" (3);

"As palavras são as verdadeiras imagens dos homens" (4).

A GRADUAL CISÃO DO HOMEM

Ora, o distúrbio da bela fisionomia do homem e a sua conseqüente diminuição e infelicidade tem início lá onde o homem começa a afastar-se desta unidade fundamental da palavra, flutuando através de crescentes manifestações de superficialidade e rebaixando-se pelas infindas graduações da divisão interna, até à mudez e animalidade: o homem pode até chegar a ser a *imagem* dum jumento em vez de a imagem de Deus: "É de se comparar aos jumentos irracionais, tendo-se tornado semelhante a êles" (5).

Dêste último grau da descida humana, em que é como que extinta a racionalidade e as vidas resultam praticamente mudas, há alusões em S. Pedro, que fala de "bêstas irracionais, destinadas pela natureza a serem presas e a morrerem, blasfemando as coisas que ignoram" (6) e em S. Judas que a êstes seres humanos transformados em brutos dedica um verso trágico: "Blasfemam tudo aquilo que não conhecem e de tudo aquilo que, como mudos animais, naturalmente conhecem, abusam para corromper-se" (7).

Entre os dois extremos, da racionalidade viva, consciente, una, que se reflete na palavra e se traduz nas obras, e êste extremo de irracionalidade há tôda a gama do resvalar, da consunpção e da desnaturalização da palavra humana, imagem de tôda a fraqueza e de todo o mal da família humana.

a) *mentira*

Começa-se aos poucos. Às vêzes, basta uma surpresa e a palavra já cede: sinal de que o homem desuniu-se internamente: já não é êle. S. Pedro, homem íntegro como poucos, colhido de improviso desune-se e diante de uma serva, declara prontamente que parece convicto: "Jamais conheci aquêle homem (Cristo)" (8). A

(1) Epistolarum classis II: epist. 163. — PG 32, 634.

(2) Sermo II de doctrina et admonitione, 4 (in appendice Symeonis Metaphrastae). — PG 32, 1142.

(3) Epistolarum classis I: epist. 9, 1. — PG 32, 267.

(4) Salmo 48, 13, 21.

(5) 2. Pedro 2, 12.

(6) Judas, 10.

(7) Mateus 26, 72.

espôsa de Abraão, bela e nobre figura, improvisa uma mentirinha até diante de Deus: "Eu não ri", declara com presteza: mas Deus não aceita as discordâncias íntimas do homem, desagradam-lhe em todos os casos e rebate: "Nada disso: tu riste" (1).

A imagem começa a se descorar nestas fraquezas que violam a unidade humana. A Bíblia deve tomar nota, antes de tudo, desta fraqueza universal: "Eu disse consternado: todo homem é falaz" (2).

b) *vanilóquio*

Pôsto nesta linha de vulneração de sua bela unidade inicial, o homem muitas vezes não cuida mais de pescar justamente no profundo e se torna inexpressivo, descolorido, põe-se à mercê do vento; pouco a pouco o homem se poderia entrever como qualquer coisa que desliza: enquanto a verdadeira força está em unificar, o homem tamarela e se dispersa: escapam-lhe uma infinidade de palavras; adverte-se o contraste tão felizmente expresso pelo Eclesiástico:

"Os sábios têm a boca no coração,
os estultos têm o coração na boca" (3).

Abrem-se as cataratas do vanilóquio: e o livro de Jó contém boas batidas sobre esta tremenda superficialidade, sem conclusão, sem ponto de partida nem de chegada:

"Não terão fim jamais estas palavras de vento?" (4).

"Antes procurai compreender, depois falaremos" (5).

"Até que podia crer que dissesse alguma coisa, estava atento, mas agora..." (6).

O autor do Eclesiástico, pois, quando quer descrever todo o ridículo da invencível efusão a que o homem chega a constranger-se, fazendo-a sua ocupação total e urgentíssima, torna-se chasqueador e sai com estas comparações:

"Ouviste uma palavra? Morra contigo;
Está tranqüilo de que não te fará estourar!
Por uma palavra padece dores o estulto,
como para o menino a parturiente.
Seta cravada na coxa carnosa,
tal é uma palavra nas entranhas do ignorante" (7).

(1) Gênesis 18, 15.

(2) Salmo 115, 15.

(3) Eclesiástico 21, 26.

(4) Jó 16, 3.

(5) Jó 18, 2.

(6) Jó 32, 12.

(7) Eclesiástico 19, 10-12.

O falador não pode mais deter-se, torna-se incapaz de contrôlo, e deve emitir a todo custo: e tudo aquilo que diz, como produto de inflação, perde valor. Naturalmente quem chega a perder valor é o próprio homem: a certo ponto o juízo sobre ele está feito: também quando disser alguma coisa de belo e de bom não terá mais gosto:

"Como o coxo tem, em vão, belas pernas,
assim, as sentenças graves não ficam bem na boca do estulto" (1)

S. Paulo, esforçado em fazer penetrar do melhor modo a palavra de Deus, sóbria, unitária, profunda, gemia, vendo passar em grande número os faladores:

"Muitos vaniloquos, sedutores... transtornam tôdas as casas...
precisa obturar-lhes a boca" (2),

e notava também a procissão das mulheres que

"não tendo nada que fazer, habituam-se a vagar pelas casas, e não somente desocupadas, mas tagarelas, e curiosas e falando do que lhes não convém" (3).

c) *soberba e desdobraimento*

A fraqueza humana manifesta-se, antes de tudo, nesta grandíssima superficialidade, mas passa depois para formas mais graves. Perdido o forte liame consigo mesmo, o homem tem necessidade de fortificar-se na sua insensatez e, por isso, levanta a voz. Começa a "multiplicar, gloriando-se, as palavras soberbas" (4); sua língua se erige e assume fisionomia: "Na boca do estulto há a vara do orgulho" (5). O homem tem necessidade de sentir-se e declarar-se totalmente autônomo: "De nossa língua nos faremos fortes: temos com nós os nossos lábios: quem é o senhor de nós?" (6).

Daí por diante o mal da língua se torna horror e não há mais limites, enquanto a divisão interna se faz cada vez mais profunda: o sentido da palavra desaparece e não há mais nada que tenha uma base, nem mesmo o juramento, que é sagrado:

"O discurso de quem jura e perjura faz arrepiar os cabelos" (7):

- (1) Provérbios 26, 7.
- (2) Tito 1, 10.
- (3) 1. Timóteo 5, 13.
- (4) 1. Samuel 2, 3.
- (5) Provérbios 14, 3.
- (6) Salmo 12, 5.
- (7) Eclesiástico 27, 15.

o homem torna-se odioso, dividido em dois: "bilingüe", é a expressão clássica da revelação: "Todo pecador é provado como tal pela dupla língua" (1). Isso se manifesta de maneiras diferentes: "Com a boca bendizem, com o coração amaldiçoam" (2); "dizem e não fazem" (3): a palavra, em suma, não tem mais correspondência nem com o coração, nem com a vida; e chega-se a ver o apóstata, aquele que, mais do que todos, exprime uma terrível cisão contra si mesmo, que "procede com a perversidade sobre os lábios, faz sinais com os olhos, estrophia os pés, fala com os dedos" (4): toda uma destruição da pessoa.

d) *engano com o nome de Deus*

Encontra-se, pois, na história humana, quem vai mais além, a ponto de expedir palavras do homem como palavras de Deus, caso dos mais deploráveis de cisão do princípio unitário que rege a sociedade:

"Coisas espantosas — exclama Jeremias —,
coisas que têm algo de prodigioso aconteceram sobre a terra:
Os profetas profetizaram mentiras,
os sacerdotes os aplaudiram
e o meu povo ama semelhantes coisas.
Que castigo, pois, afinal não virá sobre ele?" (5).

e) *da palavra ao sangue*

Não é mais causa de admiração que se encontre algo que saiba diretamente de sangue: "As palavras dos ímpios são ciladas à vida" (6). De modo que se chega ao extremo das traições mais sanguinolentas. Caím, que abre a história do delito, diz ao irmão um simples e aparentemente ingênuo "saímos fora" (7), atrás do qual há uma alma regurgitante de ódio e a maça do primeiro delito; e Judas com as respeitadas palavras "Ave, Rabbi" (8) e com um beijo introduzirá na cena humana a tropa do deicídio.

f) *revolta contra Deus*

Há ainda uma coisa. Uma fria declaração, sem outra explicação no Eclesiástico, diz:

- (1) Eclesiástico 5, 11.
- (2) Salmo 61, 5.
- (3) Mateus 23, 3.
- (4) Provérbios 6, 12ss.
- (5) Jeremias 5, 30-31.
- (6) Provérbios 12, 6.
- (7) Gênesis 4, 8.
- (8) Mateus 26, 49.

"Há uma maneira de falar comparada à morte" (1):

interpretam-na geralmente como seja a blasfêmia, a revolta contra Deus: isto é, a cisão da imagem do princípio sublime e sacratíssimo de sua unidade, do doador da racionalidade e da palavra.

Esta é a história do afastamento humano do seu princípio: ela mostra o homem, variamente desfeito na sua fisionomia unitária, em profundo dissídio com a imagem divina que traz impressa no seu íntimo.

A CISÃO SOCIAL

Naturalmente, como se entreviu, tal perversão humana, sendo a palavra o grande meio de relação entre os homens, incide tremendamente sobre a sociedade: a palavra será o veículo, a criadora do mal:

"Morte e vida na posse da língua" (2).

Aparece agora, no decorrer das páginas escriturais, todo um assustador entrelaçar-se de figuras que deixam entrever tudo que existe nos bastidores tenebrosos da história humana.

Observe-se, na rápida passagem, uma "*rêde aos pés* dos outros, estendida com adulações e fingimentos" (3); uma "*fossa*" preparada pelo "inimigo que tem doce sobre os lábios" (4); os "*aparelhos* cruéis do fraudulento, que máquina intrigas para arruinar com discursos mentirosos os mansos" (5); uma "*maça com espada e seta aguda*, agitada pelo homem que diz falso testemunho contra o próximo" (6); gente que "distende a língua como *arco* de mentira" ou como "*flecha* que fere" (7); gente que sussurra no obscuro: "vinde, *firamo-lo* com a língua" (8); apresentam a língua "como *navalha* afiada" (9); depois é todo um "atirar *flechas* às ocultas, improvisamente", um "afiar a língua como *espada*, distendendo o arco com *amargas setas*" (10); sibilam "*línguas agudas* como a da serpente, o veneno de áspides

- (1) Eclesiástico 23, 12.
- (2) Provérbios 18, 21.
- (3) Provérbios 29, 5.
- (4) Eclesiástico 12, 15.
- (5) Isaías 32, 7.
- (6) Provérbios 25, 18.
- (7) Jeremias 9, 3, 8.
- (8) Jeremias 18, 18.
- (9) Salmo 51, 4.
- (10) Salmo 53, 4-6.

sob lábios” humanos (1); e “se a serpente *morde em silêncio*, nada tem diferente da serpente o detrator oculto” (2). O filho de Sirac agradece a Deus por tê-lo subtraído “ao laço da língua malvada e dos lábios que tecem enganos” (3). Davi julga poder solicitar a Deus: “Depressa, Senhor, *desune-lhes as línguas*, porque vejo rixas e discórdias na cidade” (4), e Jeremias chega a esta terrível descrição: “Todo irmão fará de tudo para suplantar o irmão; e todo amigo agirá com fraude; todo homem procurará burlar o irmão; não dirão a verdade entre si: exercitaram a sua língua em dizer mentiras” (5). S. Paulo alertará os cristãos diante de toda “*raiz amarga*, que não disturbe e infete a muitos” (6). Dez exploradores sobre doze, enviados por Moisés para trazer alguma notícia sobre a terra prometida, fazem mal, com suas palavras: “*dissolveram* o coração do povo” (7), causando tristezas sem fim, paradas injustificadas, perda de tempo infinitamente precioso. Assistimos a cidades postas em ruína por más línguas: “O homem linguarudo é terrível na sua cidade” (8); a discórdias semeadas entre os chefes com graves conseqüências: “o homem perverso suscita litígios: o falador põe em desacôrdo os príncipes” (9). O Eclesiástico, para resumir, nos traça êste penoso quadro, porém, real, sobre o poder da palavra:

“Maldito o murmurador e o homem de dupla língua,
 porque arruína muitos que viviam em paz entre si.
 A língua maldita inquietou a muitos,
 e os dispersou de nação em nação;
 destruiu cidades fortes e abateu as casas dos grandes.
 A má língua lançou fora de casa as mulheres varonis
 e privou-as dos frutos de seus trabalhos.
 Aquêlê que a atende não terá descanso
 e não terá uma morada tranqüila
 Golpe de vara faz pisadura,
 mas golpe de língua rompe os ossos.
 Muitos morreram passados a fio de espada,
 mas não tantos quantos caíram transpassados pela língua.
 Feliz aquêlê que está livre da má língua,
 que não passou pelo seu furor,
 e não atraiu sobre si o seu jugo,
 e não foi prêso pelas suas cadeias;
 porque o seu jugo é um jugo de ferro,
 e suas cadeias são cadeias de bronze;
 a morte que ela causa é uma morte desgraçadíssima,
 e é preferível a sepultura a ela” (10).

- (1) Salmo 139, 4.
- (2) Eclesiástico 10, 11.
- (3) Eclesiástico 51, 3.
- (4) Salmo 54, 10.
- (5) Jeremias 9, 4-5.
- (6) Hebreus 12, 15.
- (7) Josué 14, 8.
- (8) Eclesiástico 9, 25.
- (9) Provérbios 16, 28.
- (10) Eclesiástico 28, 13ss.

RECONSTRUÇÃO DA PALAVRA

É sobre este fundo tão negro, sobre este contínuo e universal abomínio da palavra humana, transformada de princípio de unidade em princípio de divisão e de morte, que se destaca, por contraste, toda a obra dos santos, cuja palavra no curso de uma vida em constante renovação e progresso, plasma-se profundamente da palavra de Deus, e torna-se, assim, princípio de unificação. Os santos, com a palavra de Deus, tornam-se, em Cristo, restauradores da palavra humana: eles a reconduzem à imagem autêntica da unidade interna do homem, usam-na forte e sapientemente como meio de união entre os homens; sublimam-na em meio humilde mas agradável de união entre o espírito e Deus.

a) *unidade pessoal*

Enquanto a palavra não é, muitas vezes, senão um grande meio de dissipação e de desequilíbrio interno, o Santo faz aquilo que dizia Agostinho, reentrado, como ele notava, da sua "dispersão e deformidade" (1): começam a dar valor às palavras: "Nas palavras não procuram as palavras, mas a verdade" (2); voltam a atingir às "águas profundas" (3); molham a boca no coração (4); firmam seus lábios na verdade ("*labium veritatis firmum erit in perpetuum*") (5); põem o justo freio, aquêle da verdadeira religiosidade, a qual se manifesta claramente na palavra humana (6); vêm a ser os homens da prudência ("*qui moderatur labia sua prudentissimus est*") (7); têm na boca o govêrno e a guarda de sua vida (8); e na gradual substancialidade, sabedoria e sinceridade de sua palavra chegam a semelhar-se com Cristo, Modêlo supremo, Verbo eterno, que Paulo decididamente imita enquanto é o "Assim", o "Amém":

"Como Deus é fiel, o nosso discurso no meio de vós não está entre o sim e o não: porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que vos foi pregado por nós, por mim, por Silvano e por Timóteo, não foi "sim" e "não": nêle houve só o "sim"; de fato, quantas são as promessas de Deus, todas têm nêle o seu "sim" e é, portanto, por meio dêle dito o "amém" a Deus para a nossa glória" (9).

É a total reconstrução, em Cristo, da palavra humana.

(1) Confessionum lib. 12, 16 (23). — PL 32, 834.

(2) De Doctrina Christiana lib. IV, c. 11. — PL 34, 100.

(3) Provérbios 18, 4.

(4) Eclesiástico 21, 29.

(5) Provérbios 12, 19.

(6) Tiago 1, 26: "Se alguém julga-se religioso sem refrear a sua língua, seduz o próprio coração e a sua religião é vã".

(7) Provérbios 10, 19.

(8) Provérbios 13, 3: "Quem protege a sua boca conserva a sua vida".

(9) 2. Coríntios 1, 18-20.

b) *unidade social*

Entra assim em função tôda a reta e óbvia finalidade social da palavra, que S. Agostinho declarava da seguinte maneira:

"As palavras foram criadas não para que os homens se enganem uns aos outros, mas para que cada um passe ao outro a bondade dos seus pensamentos" (1).

Pela obra dos santos começa, portanto, a operar-se a salvação social e renascem na união as cidades, terrivelmente abatidas pelo mal:

"A cidade será exaltada pela bênção dos justos, ela que foi aruinada pela maldição dos ímpios" (2).

Quantas vêzes os santos tiveram literalmente a missão de pacificadores de cidades! Onde o multiloquo gera o pecado e a dispersão, o santo reata, com sua palavra sábia, essencial, efficacíssima: de forma que enquanto S. Paulo afirmava aos Coríntios que "na Igreja queria antes dizer cinco palavras inteligíveis de modo a poder instruir também os outros do que dez mil palavras de língua desconhecida" (3), S. Agostinho dando normas ao doutor cristão ajuntava, para realçar esta construtiva sobriedade: "portanto, aquêle que ensina, evitará tôda palavra que não ensina" (4).

Tudo é ordenado a construir, a cimentar. S. Paulo é verdadeiramente incansável nesta solicitação:

"Não saiam de vossa bôca discursos maus, e se tendes discursos bons que edifiquem a fé, dizei-os para fazer bém a quem vos ouve" (5).

Introduz-se claramente na Igreja o princípio da "caritas fraternitatis" (6) tôda fundada na palavra e a mesma noção profundíssima de Igreja servirá para afastar da desunião ou da mentira:

"Abandonai tôda mentira; fale cada um a verdade a seu próximo, porque sois *membros uns dos outros*" (7).

Pelo fim do primeiro século, o Apóstolo S. João nos deixará ainda expressa em si mesmo esta admirável função unitária e beatificante da palavra, vínculo entre o homem santo e seus semelhantes:

(1) Enchiridion c. 22. — PL 40, 243.

(2) Provérbios 11, 11.

(3) 1. Coríntios 14, 19.

(4) De Doctrina Christiana lib. IV, c. 9 (24). — PL 34, 100.

(5) Efésios 4, 29.

(6) Romanos 12, 10; 1. Tessalonicenses 4, 9; Hebreus 13, 1 etc.

(7) Efésios 4, 25.

“Teria muitas coisas para vos escrever, mas não quis fazê-lo com papel e tinta, porque espero ir ter convosco e falar-vos oralmente, a fim de que a vossa alegria seja completa” (1).

Esta grande razão de ser da palavra, isto é, a alegria profunda do mútuo liame entre as pessoas, êle tinha aprendido da própria bôca do Verbo: a frase de Jesus Cristo se tinha incidido no coração do jovem Apóstolo:

“Eu vos disse estas palavras a fim de que em vós permaneça a minha alegria e a vossa alegria seja perfeita” (2);

de fato, na unidade, Deus goza e se acha presente: “Onde estiverem dois ou três congregados em meu nome, aí estarei eu no meio dêles” (3).

c) *unidade do espírito com Deus*

A palavra, enfim, é exaltada pelos santos, ao grau de relação unitiva com Deus e nisto volta a tôda a pureza da sua origem e à sua alta perfeição e finalidade. Deus fala amavelmente ao homem e o santo é quem lhe sabe dar a reta resposta, em união de amor. Parece realizar-se então a linda expressão dos Provérbios:

“Dá um beijo nos lábios quem dá uma resposta boa” (4).

O santo, que está reconquistando todo o sentido da unidade, vive totalmente para esta resposta e procura aperfeiçoá-la e torná-la cada dia mais agradável: “Possam ser-lhe agradáveis as minhas palavras!” (5). Ele como Cristo se torna o “Amém” de adesão, até o ponto de reunir tôdas as suas potências em plena fusão e chegar a uma explosão unitária de todo o seu ser inteligente e cômico:

“Tôdas as minhas forças dirão: Senhor, quem te iguala?” (6).

É a total unificação do ser humano, em si, com o próximo, em Deus: unificação a que visa precisamente o mandamento essencial dado por Deus:

“Ama o Senhor teu Deus com *todo* o teu coração, e com *tôda* a tua alma e com *tôdas* as tuas forças, e com *tôda* a tua inteligência: e o teu próximo como a ti mesmo” (7).

(1) 2. João 12.

(2) João 15, 11.

(3) Mateus 18, 20.

(4) Provérbios 24, 26.

(5) Salmo 103, 34.

(6) Salmo 34, 10.

(7) Lucas 10, 27.

Todo santo, a esta altura, na medida de sua graça pessoal e à imitação do Verbo, "Imagem", se transforma também êle profundamente à imagem, e através desta, como que através do Filho, Deus continua a falar ao mundo. O homem pode tornar-se quase a bôca de Deus: "Separando o precioso do vil, tu serás como a minha bôca" (1).

S. Paulo, no Nôvo Testamento, definirá esta excepcional nobilitação da palavra humana:

"Fazemos as vêzes de embaixadores de Cristo, como se Deus exortasse por nosso meio" (2);

mas já no Antigo Testamento Davi podia selar seus cantos com esta suprema declaração:

"O Espírito de Deus fala em mim e sôbre a minha língua está a sua palavra" (3).

A nuvem das testemunhas, tôda por inteiro, canta-nos esta unidade de fruto com que se glorifica, na palavra de Deus, a produção dos santos e a renovada palavra do homem.

Vidas esplêndidamente unitárias, fruto da palavra de Deus, os santos foram as personalidades mais claras e mais bem configuradas de cada século, fundidas na palavra de Deus e desenvolvidas, todavia, em diversos modos, como as flôres e os frutos mais variados e mais belos do único princípio da luz e do calor solar.

A língua austeramente silenciosa de S. Antônio no deserto, a língua sapiente de S. Agostinho na cátedra de Hipona, a língua ordenada de S. Tomás nas aulas de Roma e de Paris, a língua zelosa de S. Francisco Xavier nas plagas orientais, a língua amorosa de S. Teresinha na clausura de Lisieux, a língua de Pio XII, "orador pentecostal", como o tinha qualificado o seu predecessor, encontram-se plenamente fundidas na "palavra de Deus".

É o grande milagre produzido por esta onda da unidade que reconduziu a humanidade, misteriosamente, a ser, num sentido nôvo, aquela mesma dos primeiros tempos:

"Uma só língua, com as mesmas palavras" (4).

(1) Jeremias 15, 19.

(2) 2. Coríntios 5, 20.

(3) 2. Samuel 23, 2.

(4) Gênesis 11, 1.

5. *Unidade no magistério*

Este termo — magistério — é de tamanho valor, que Jesus Cristo aplicou-o muitas vezes a si mesmo, e é tão exatamente indicativo da unidade de ação sua e da Igreja que êle o reservou para si, definindo:

“Um é o vosso Mestre, Cristo” (1).

Desta *unidade no magistério* os máximos doutôres da Igreja nos dão mui claramente o sentido. S. Agostinho termina a sua imensa produção literária com os livros das *Retratações*, exame de consciência sôbre os próprios escritos, feito diante de tôda a Igreja. Tomando a pena para êste último trabalho, êle nos faz a seguinte declaração:

“Ora, o que me resta a fazer é julgar a mim mesmo diante do único Mestre, aquêle do qual tenho que evitar o juízo sôbre tôdas as ofensas que lhe fiz. Eu julgo que os mestres tornam-se muitos só quando êles sentem entre si em modo diverso e contrário. Quando, ao invés, todos êles dizem as mesmas coisas e dizem a verdade: então êles se encontram no magistério do único Mestre verdadeiro. O erro dos “muitos mestres” não é quando dizem muitas coisas que procedem dêle, mas quando ajuntam muitas coisas próprias: porque dêste modo, do multilóquio caem depois no vanilóquio” (2).

Êste é o precioso sentido da unidade no magistério, que permitiu a S. Agostinho dizer e escrever uma infinidade de coisas de supremo interesse, permanecendo em plena união com Cristo. Êle, como de resto todos os demais santos e doutôres da Igreja, percebeu uma realidade de grande equilíbrio, fruto verdadeiramente raro entre os mestres da humanidade, que têm origem na santidade da Igreja: “Se sou doutor, sou-o de tal modo que não sou indócil” (3). Mestre grandíssimo, porque tornou-se cada dia mais profundamente discípulo de Cristo Mestre.

Por sua vez, S. Jerônimo, comentando a declaração de Cristo: “Um é o vosso Mestre”, assim nos define o seu pensamento:

“Uma coisa é ser pai e mestre por natureza, outra por condescendência (de Deus)... Nós dizemos mestre de alguém pela sua união com o verdadeiro Mestre (*ex consortio veri Magistri*). Para não repetir muitas vezes: Como o fato de que Deus é por natureza uno e uno é o seu Filho não impede que também outros, por adoção, sejam chamados a ser *deuses* e *filhos*, assim a pre-

(1) Mateus 23, 10.

(2) *Retractationum*, in prologo. — PL 32, 384-385.

(3) *Sermo* 244, 2. — PL 38, 1149.

sença de um único Pai e Mestre não prejudica o fato de que outros, por condescendência, sejam chamados pais e mestres" (1).

É o sentido que os santos tiveram em comum da sua união e dependência da cátedra de Jesus Cristo. Todos focalizaram-se exatamente neste sentido: por isso, resulta tão evidente sua unidade de ação: todos souberam tomar lugar "*in consortio veri Magistri*".

Para dar o sentido integral dêste quinto tema unitário que dirigiu nossa coletânea, devemos dizer que a unidade de magistério é dupla: a) por um lado se manifesta na concórdia de seu ensinamento em Cristo; b) por outro lado é a celebração desta mesma unidade ideal em Cristo, princípio de todo o magistério: tem-se destarte uma extraordinária exaltação de *Cristo Mestre*, a quem, sobretudo os santos escritores estão erigindo um imperecível monumento na história humana.

A BIBLIOTECA DA FÉ

A primeira expressão desta unidade, que vê tôdas as testemunhas orientadas ao ensino da palavra de Deus a seus irmãos, é fruto da fé e da caridade: quando estas virtudes se radicam profundamente, não podem não ser fortemente ativas. No início desta introdução tínhamos citado as palavras de S. Paulo, que se aplicam aos santos:

"animados pelo mesmo espírito de fé, expresso nas palavras "cri, por isso, falei" nós também cremos, por isso, falamos" (2).

Ora, todos os santos, nos modos mais variados, entregaram-se ao magistério: a fé os manteve unidos no princípio; a caridade os animou com palpitante interesse por todos os irmãos. Uma feliz expressão de S. Anselmo nos dá uma preciosa indicação do magistério cristão, enquanto é sempre intimamente movido por uma delicada e boa intenção para com os outros:

"Quando encontro algo que não sabia, súbitamente e de bom grado dele participo a quem não sabe" (3).

É inútil demorar sobre este ponto. Cada um de nós tem, nos seus olhos, a imagem dos santos, todos entretidos a falar, a escrever, a testemunhar: tendo entrado na luz compreenderam sua missão, tão

(1) In Evangelium Matthaei, lib. 4, c. 23, 8.

(2) 2. Coríntios 4, 13.

(3) Liber de fide Trinitatis et de Incarnatione Verbi, praefatio. — PL 158, 261 B.

bem expressa no prólogo de S. João: “para dar testemunho da luz” (1).

Seja-nos suficiente falar de um grande resultado secular da sua ação concorde em Cristo. Eles tornaram mais intensa, e se fôsse possível, mais duradoura a *comunhão dos santos*, introduzindo no *tesouro da Igreja* um enorme valor, talvez não demasiadamente considerado sob êste aspecto: tal valor é constituído pela imensa *biblioteca da fé*, que é a biblioteca do único Mestre.

Em qualquer cidade, em qualquer organização de ensino, uma biblioteca nunca deixa de ser considerada por todos como um grande tesouro, indispensável para o progresso de tôda a comunidade. Eis, no tesouro da Igreja, nascer e crescer dia a dia a grande biblioteca, que foi conservada com inteligência e com amor excepcional. Em tôrno do livro de Deus ela agrupa e conserva todos os escritos que se referem à palavra de Deus dando-lhe testemunho; ela, freqüentemente por mérito dos santos, também cuidou das veias menores em que podia correr uma verdade, seja embora simples, nascida do esforço humano em procura dela. A Igreja fêz-se aqui um tesouro preciosíssimo de que faz participante tôda a humanidade. Êste tesouro nasceu, em sua substância, do profundo impulso do único inspirador, Cristo, Alfa e Ômega “em que se escondem todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (2).

Haurindo rapidamente aqui e ali em alguns livros desta interminável coleta, dêles transcrevemos trechos: são êstes pensamentos que chamam a nossa atenção sôbre a fé na palavra de Deus. Pequeno símbolo. A biblioteca é muito ampla: a palavra de Deus fêz-se objeto de tais atenções e determinou uma tão generosa produção que hoje a vida de um homem não chega a abraçar tudo, mas deve circunscrever-se ao pouco: que também é maravilha.

A PIRÂMIDE DO MAGISTÉRIO

O segundo aspecto da unidade no magistério é êste. Todos de modo explícito ou implícito, mas seguro, promovem e conseguem uma finalidade que se vai mostrando com contornos sempre mais precisos: a glorificação do único Mestre. Ergue-se uma excelsa pirâmide de testemunhos, feitos de palavras e de vidas, em cujo vértice unitário encontramos o Mestre, origem da palavra e formador das vidas.

Êle mesmo se tinha definido “Único”, numa declaração que os séculos ainda não explicaram totalmente: “Um é o vosso Mestre, o Cristo” (3);

(1) João 1, 8.

(2) Colossenses 2, 3.

(3) Mateus 23, 10.

no cenáculo, no íntimo de sua Igreja incipiente, tinha canoni-
zado este termo tão expressivo: "Vós me chamais Mestre e dizeis
bem: eu o sou de verdade" (1);

sobre um fastígio glorioso transformara-se em luz, êle "luz do
mundo", farol da lei antiga e dos Profetas, e a voz daquele que
lhe comunica eternamente a sua palavra tinha então declarado ao
mundo: "É êle, ouvi-o!" (2);

elevando-se de nosso solo, e dando o supremo mandamento à
sua Igreja a tinha pôsto diante do mundo inteiro, com a incumbência
de levá-lo todo à sua escola: "Ide, ensinai a tôdas as gentes" (3).

Os séculos humanos, nos seus esforços de civilização e de pro-
gresso, não sabem quanto dependem destas declarações do Filho de
Deus, isto é, das realidades fundamentais que elas incluem. Mas
a "nuvem das testemunhas", aquela que com os Apóstolos merece
que se lhe aplique a generosa sentença de Jesus Cristo: "Vós sois
a luz do mundo" (4), provê, através dos séculos, a colocá-las ao cor-
rente da humanidade mais atenta. Dêste esforço de estudo e de
penetração de todos os melhores, nasce o monumento ao "mestre",
que com o tempo virá a revelar-se numa grandiosidade e numa
perfeição digna da palavra eterna de Deus e de tôda a humanidade
excelente, que procurou reproduzir em si a imagem do Filho de Deus.

Na biblioteca da Igreja, o material sobre o "Mestre" é imenso.
Encontrar-nos-íamos decerto diante de uma grande riqueza se ob-
servássemos com cuidado tudo aquilo que já foi pôsto em obra,
para esta grande construção secular, se relevássemos e aproximás-
semos um ao outro os temas que aí aparecem, desde o primeiro
escritor inspirado até aos nossos dias. Tais temas partem todos da
criação à imagem, certíssimo fundamento de todo magistério, esten-
dem-se ao exame do grande livro do universo, cantado por Moisés,
por Davi, por Jó, pelo filho de Sirac, por S. Paulo, por Clemente
Alexandrino, por S. João Crisóstomo, por S. Agostinho, por S. Tomás
de Aquino, por Pio XII e se desenvolvem depois infinitamente no
estudo direto do magistério como se revela na pessoa do Verbo en-
carnado e como se desenvolve na Santa Igreja.

Os limites desta introdução nos impedem, porém, esta exposição,
que somente pode ser objeto de um estudo à parte.

Na coletânea dos trechos que apresentamos, há todavia nume-
rosos acenos sobre Cristo Mestre, que nos podem oferecer certa idéia
do material que se pode encontrar nas páginas dos apaixonados da

(1) João 13, 13.

(2) Marcos 9, 6.

(3) Mateus 28, 19.

(4) Mateus 5, 14.

palavra de Deus. Percorram-se sob êste perfil, os trechos 57 (S. Clemente Romano), 62 (S. Inácio M.), 70 (Carta a Diogneto), 72 (S. Justino), 75 (S. Teófilo), 82 (S. Irineu), 85 (Clemente Alexandrino), 96 (Orígenes), 101-107-110 (S. Cipriano), 130 (S. Efrém), 151-156 (S. Basílio), 170 (S. Gregório Nisseno), 172 (S. Ambrósio), 184-186 (S. João Crisóstomo), 202 (S. Jerônimo), 215-216-219-228-229-230-232-238-241 (S. Agostinho), 269 (S. Pedro Crisólogo), 272-276 (S. Leão Magno), 296-297-298 (Cassiodoro), 305 (S. Gregório M.), 319 (S. Ildefonso), 327 (S. Beda), 333 (S. João Damasceno), 336 (S. Teodoro Estudita), 360-362 (S. Bernardo), 380-386 (S. Tomás de Aquino), 399 (S. Boaventura), 403 (S. Alberto Magno), 405-406-407-408-409 (S. Gertrudes), 413 (S. Catarina), 423 (S. Tomás de Villanova), 435 (S. Teresa de Ávida), 468-469-471 (Bossuet), 495 (S. Antônio Claret), 509 (S. Teresa de Lisieux), 536-537 (P. Giaccardo), 551-552 (P. Alberione).

E para dar, ao menos, uma prova entre as mais recentes da contribuição ativa e consciente que cada um dos grandes que acreditaram na palavra, leva à secular glorificação do Mestre divino, vejamos-se êstes poucos acenos tirados da imensa obra do Papa Pio XII, de imortal memória. Quem conhece um pouco o pensamento dos séculos antigos, vê como em Pio XII se conflua cuidadosamente o pensamento dos vários tempos cristãos, e o descobre todavia, em Pio XII, no modo usado por todo inteligente discípulo de Cristo, expresso em forma nova e personalíssima, a qual não faz que enriquecer, tornando-a mais bela e preciosa, a unidade católica do magistério.

Sejam suficientes êstes pontos.

a) O Papa, antes de tudo, é o órgão autêntico e contínuo do magistério sempre atual de Cristo no mundo:

“Nós somos o seu representante sôbre a terra; somos o órgão por meio do qual faz ouvir a sua voz aquêle que é o único Mestre de todos: “Ecce dedi verba mea in ore tuo”, o Cristo, o Verbo eterno do Pai, nascido da Virgem Imaculada, trono, cátedra da divina sabedoria” (1).

b) Cristo é o Mestre verdadeiramente universal:

“Sua sabedoria infinita torna-o Mestre do céu e da terra, dos Anjos e dos homens” (2).

c) Releva-se a mão do Artista divino na criação do cosmos:

“O que é isto, senão o mais evidente demonstrar que faz o mundo, de ter dentro de si a mão daquele Mestre invisível em si mesmo,

(1) *Atti e discorsi di Pio XII*, Edizioni Paoline, Roma, vol. XII, pág. 361.

(2) *O. c.*, vol. III, pág. 296.

mas que fala na obra, o Deus onisciente, ordenador do universo com arte suma?" (1).

"O homem, continuando indefessamente nas suas pesquisas e nos seus estudos, descobrirá sempre melhor as plantas dos pés e as sílabas traçadas pelo dedo de Deus" (2).

d) Este Mestre eterno, que estabeleceu tudo ordenadamente na criação, fêz-se depois Mestre visível entre os homens. Ele, que colocou sua "primeira cátedra e sua primeira escola de Mestre divino da humanidade em Belém", exprimirá, com tôda a sua presença no mundo, o mais sublime dos magistérios:

"Falar-nos-á com a admirável eloquência dos lábios no templo de Jerusalém, no monte e no lago, nos campos e nas estradas, nas casas e nas cidades da Galiléia e da Judéia; nos falará com a surpreendente eloquência dos milagres; nos falará no cenáculo, no hórto de sua agonia, na sublime cátedra da cruz onde com alto brado chamará e atrairá a si o universo, para que o adore como vencedor no "admirável duelo" com a morte, e a fim de que de seu patíbulo os discípulos façam o estandarte da conquista do mundo à fé em Cristo que justifica o ímpio" (3).

e) Cristo é o Mestre que vive no coração da Igreja e opera a sua mais íntima formação através de sua entrega amorosa na Eucaristia: é de lá que emana para o jovem a arte de se fazer homem perfeito:

"Tal arte tem um Mestre: "Magister vester unus est, Christus": Jesus é este Mestre admirável, manso e humilde de coração, sapientíssimo e potentíssimo, que de si mesmo alimenta os seus discípulos porque a sua carne é verdadeiramente comida e o seu sangue é verdadeiramente bebida. A sua escola é um altar: o seu altar é uma mesa onde se saboreia o pão do céu, que tem tôdas as doçuras" (4).

f) Atualmente Cristo exercita seu grande magistério entre a humanidade por meio da Igreja:

"Amiga da verdade, a Igreja admira e ama o progresso do saber igualmente como o progresso das artes e de tôda coisa que vê bela e boa para exaltar o espírito e promover o bem. Não é talvez a própria Igreja o progresso divino no mundo e a mãe do maior progresso intelectual e moral da humanidade e da vida civil dos povos? Ela continua nos séculos como Mestra de verdade e de virtude, lutando contra os erros, não contra os errantes, não destruindo, mas edificando, plantando rosas e lírios sem arrancar oliveiras e louros... Como cada arte, assim tôda ciência serve a Deus, porque Deus é "scientiarum Dominus et docet hominem scientiam". Na sua alta escola o homem tem dois livros. No caderno do universo a razão humana estuda, em busca da verdade

(1) O. c., vol. III, pág. 302.

(2) O. c., vol. X, pág. 37.

(3) O. c., vol. III, pág. 328.

(4) O. c., vol. III, pág. 276.

das coisas boas, feitas por Deus; no caderno da Bíblia e do Evangelho o intelecto estuda ao lado da vontade em busca de uma verdade superior à razão, sublime com o íntimo mistério de Deus, só a ele conhecido. Na escola de Deus encontram-se filosofia e teologia, palavra divina e paleontologia, a divisão da luz das trevas e a astronomia, "a terra em eterno fixa" e seu giro em torno do sol, o olhar de Deus e o olhar do homem. A bondade de Deus, qual mãe, quase balbucia a linguagem humana para fazer reter ao homem a excelsa verdade que lhe manifesta numa escola de verdades amigas que o exaltam e o tornam, no estudo da natureza e da fé, discípulo de Deus. Tal escola é pois feita pela Igreja sua escola e seu magistério" (1).

g) O magistério divino para o homem, terá pois sua consagração na eternidade dos céus:

"Oh! quando nos será concedido elevar-nos ao alto e ser discípulos de tão grande Mestre e contemplá-lo e ouvi-lo; e na sua inefável escola e na sua luz divina, com o olho da alma, conhecer o magistério e a arte, a causa e os efeitos, a matéria, as formações e a ordem de quanto está esparso e compreendido no céu e na terra, de quanto é mundo e natureza; e no volume das eternas e infinitas idéias do Verbo divino entender tudo, no átimo de um olhar, mais do que aquilo que se poderia fazer em mil anos de estudo, e melhor do que se possuíssemos a inteligência de todos os mais fortes engenhos sobre a terra e mais perfeitamente do que se olhássemos as coisas em si mesmas: "Quando veniam et apparebo ante faciem Dei?" (2).

Traços tão fugitivos nos dão todavia o sentido da poderosa síntese cristã que coaduna e harmoniza tudo no magistério de Cristo: aí convergem, entrevê-se bem, todos os elementos da revelação e da natureza, da penetração teológica e filosófica e o enorme progresso científico realizado no desenrolar dos séculos.

Este segundo aspecto, examinado apenas por alguns acenos, da unidade do magistério, isto é, a contribuição universal ao conhecimento e à exaltação do único Mestre, por reflexo imediato torna mais evidente o primeiro aspecto, já examinado: é claro que tôdas as santas testemunhas da palavra de Deus, tomadas tão inteiramente pelo sentido integral do magistério eterno de Jesus Cristo, não podem não penetrar-se intimamente de sua doutrina, de sua lei, de seu exemplo. Nisto resultará cada vez mais unificada e ampla a ação cristã no mundo, tanto mais vigorosa quanto mais haurir conscientemente na unidade de princípio, que é o Unigênito de Deus, ao qual todos somos chamados a ouvir.

Os santos compõem esta forte unidade no magistério pela precisa consciência que lhes foi comum, de não dever dar, nunca, uma

(1) O. c., vol. I, pág. 300.

(2) O. c., vol. I, pág. 306.

doutrina ou uma norma própria, mas sempre só aquela do Filho de Deus. São Beda, aproximando entre si duas intuições, do Velho e do Novo Testamento, nos leva assim a esta doutrina magnífica: O Deus

verdadeiras descobertas no mistério divino, e exaltam ainda, unânimemente, o generoso conteúdo da Palavra de Deus.

A palavra revela assim, gradativamente, o profundo sabor da sua sobriedade e essencialidade divina: e este tema de unidade, que tem por objeto a criatura "única perfeita" (1), forma portanto o motivo mais íntimo e mais avançado em que se encontram tôdas as santas testemunhas da palavra. Depois de terem-se inserido em Cristo na fundamental unidade do tempo; depois de terem penetrado na unidade da forma e tê-la defendido esforçadamente em favor da palavra de Deus; depois de se terem encontrado na unidade de método, que introduz a palavra na vida, enriquecendo assim o corpo místico de Cristo; depois de se terem revestido e unificado na palavra com o esplendor da santidade; depois de se terem congregado na unidade do magistério para comunicar ao mundo a palavra de Deus, ilustrando-a cada um com seu estilo e na alta medida das suas possibilidades, agora mostram-se unidos na penetração sápie e prudente do mistério, sob o evidente guia do Espírito Santo, na intimidade da Santa Igreja católica.

O capítulo mariano é tal que não podia nascer ou ser desenvolvido senão na unidade. Na casa de Deus, construída pelos Cristãos, ("*quae domus sumus nos*") (2), a Mãe de família, Mãe da cabeça e dos membros teria sido compreendida, amada e honrada, gradativamente, só com o desenvolver-se da sabedoria dos filhos seus: são os filhos que compreendem, amam e cantam a sua Mãe: e o fazem na medida do crescimento, que os coloca mais em posição de apreciar os valores de coração, de inteligência, de vida, de destino de sua Mãe. Fora da unidade do lar doméstico pode-se haver um obséquio de passagem, mas não uma investigação nem um autêntico interesse filial.

Ora, a unidade descobre atentamente Maria na sua própria raiz, e a vê, fulgente coroa, nos seus últimos acabamentos.

MARIA NA UNIDADE

1. *Unidade no tempo*: como vimos, esta unidade se mede e se resume no momento de sua plenitude, quando aparece historicamente o *Hoje*. E é S. Paulo que associa estes três conceitos: plenitude-Cristo-Maria:

"Na plenitude dos tempos, Deus mandou seu Filho nascido de Mulher" (3).

(1) Cântico dos Cânticos 6, 8.

(2) Hebreus 3, 6.

(3) Gálatas 4, 4.

Aquêle “que é, que era e que há de vir”, é levado no seio da Virgem Mãe, que o dá à luz entre os homens. Também Maria, portanto, já que Deus não se confia ao caso, foi predestinada com seu Filho divino desde tôda a eternidade para aquêle *Hoje*, centro precioso dos tempos: ela é a “*primogênita entre tôdas as criaturas*” (1), como nos dirá a Igreja que lhe sabe aplicar os têrmos da sabedoria: ela pois *era*. Ela além disso é com Cristo, porque continua a apresentá-lo e gerá-lo nas almas, também através da palavra de Deus; ela será *nos séculos*, pois que não poderá não ter seu efeito o anúncio da palavra de Deus: “Tôdas as gerações me chamarão bem-aventurada” (2).

Na onda unitária dos séculos temos, por conseguinte, em primeiro plano, com Cristo, a Virgem Mãe que se estende com o Filho a todos os tempos, sintetizando-os no mistério da Encarnação.

Mas encontramos Maria na unidade de tempo também para ter-se-lhe inserido com tôdas as santas testemunhas: ela tirou do seu peito inspirado as notas mais sublimes do canto humano a Deus: o *Magnificat*, canto que, por sua vez, se estende aos séculos, preludiado, como foi, nas mais antigas páginas reveladas, pelo cântico da outra Maria à frente do povo de Deus, e pelos cânticos das outras mulheres antigas que a prefiguravam; foi elevado nos seus têrmos revelados nos dias misteriosos da Encarnação, lá na plenitude dos tempos; e foi elevado continuamente nos séculos em tons cada vez mais novos, majestosos e solenes na família dos fiéis, onde é repetido infinitas vêzes no dia. Poder-se-ão ler com referência a isso, os trechos de S. Lourenço de Brindisi (n. 445) e de S. Luís Grignon de Monfort (n. 479).

2. *Unidade na forma.* Eis a grandeza da Virgem no seu fundamento. O Verbo veio para realizar a obra da unificação humana? É no seio da Virgem que se iniciou e se cumpriu o co-núbio entre a divindade e a humanidade. S. Gregório Taumaturgo no-lo definiu:

“Veio do alto o Verbo divino e no teu santo seio cumpriu a re-forma de Adão” (3);

e S. André de Creta completa-lhe assim o pensamento:

“De lá a natureza humana percebeu os prelúdios da felicidade e recebeu a primeira aproximação com a divindade” (4).

Geradora da Cabeça, ela uniu, pois, a Deus todos os membros do corpo místico: é em Maria que se completa a Igreja, unidade hu-

(1) Eclesiástico 24, 5.

(2) Lucas 1, 48.

(3) Homilia I in Annuntiationem B. Virginis. — PG 10, 1151 B.

(4) In Annuntiationem B. Virginis, oratio V. — PG 97, 883 A.

mana e divina. O binômio Igreja-Maria é sempre mais aprofundado no processo do pensamento teológico. Veja-se, a título de referência, a passagem de S. Pedro Crisólogo (n. 264) sobre Maria e a Igreja, unidas na imissão do fermento na massa humana: fermento que é a altíssima palavra santificadora de Cristo. Maria está, por conseguinte, à primeira nascente da unidade, sendo a Mãe da unidade da Igreja, corpo de Cristo; ao mesmo tempo, sob outro aspecto, ela é um fruto desta unidade: sobretudo no fato de cada vez mais solene cumprir-se da exaltação mariana prevista pela palavra de Deus.

3. *Unidade no método.* Como foi visto, é Maria quem dá os termos mais expressivos e reais do bom método: ela oferece o puro modelo da adesão vital à palavra que se lhe revela: "Faça-se em mim segundo a tua palavra" (1). Toda a adesão dos homens será boa na medida em que reproduzir esta atitude da Virgem, que permitiu à palavra de Deus apresentar-se encarnada ao mundo. É a fé autêntica, com o seu tecido de humildade, de sinceridade, de pureza; é a verdadeira obediência de amor, a total expressão da obra, e o nutrimento cotidiano da palavra, motivo, este último, sobre o qual gostam de entreter-se os Padres (cf. o belo trecho de S. Beda, n. 325); é o hábito da oração, cuja nobilidade e cuja força se adverte no cântico do Magnificat. Maria é o verdadeiro método da adesão à palavra de Deus, vivido no modo perfeito.

4. *Unidade no fruto,* isto é, a santidade. Maria é a Rainha de todos os santos! O Card. Newman (n. 505) nos dirá da altíssima relação entre santidade e palavra revelada em Maria. Santa Catarina de Sena tem uma das mais enérgicas expressões para dizer da intimidade entre a pessoa de Maria e a verdade de Deus:

"Ó Maria, sê tu bendita entre todas as mulheres, nos séculos afora, porque hoje tu nos deste de tua farinha. Hoje a verdade está unida e misturada com a nossa humanidade" (2).

E se pense nestoutro belo testemunho de S. Gregório Taumaturgo:

"Tu conheces, ó Maria, as coisas escondidas aos Patriarcas e aos Profetas. Aprendeste, ó Virgem, aquilo que era oculto até aos anjos. Ouviste, ó santíssima, aquilo que ninguém, nem sequer inspirado pelo Espírito Santo divino, mereceu ouvir. Moisés e Davi, Isaías e Daniel e todos os outros Profetas deram anúncios concernentes a êle; mas não souberam o modo e a razão. Tu só, ó santíssima Virgem, recebes em ti os mistérios que a todos foram ocultados e deles compreendes a causa" (3).

(1) Lucas 1, 38.

(2) Em: JORGENSEN, *Santa Catarina da Siena*, Torino 1940, pág. 469.

(3) Homilia I in Annuntiationem B. Virginis. — PG 10, 1150 B.

Depois do Filho de Deus, não há unidade perfeita e absoluta entre palavra e alma como em Maria, imagem tóda bela de Deus. Tôdas penetradas e santificadas pelas palavras de Deus, as palavras de Maria, sóbrias, simples e prudentes, representam em sumo grau o vínculo da caridade com o próximo; cada palavra de Maria brota daquela profundidade misteriosa de que falam os Provérbios: "Águas profundas, regato transbordante, nascente de vida" (1); e nunca como no caso da Virgem as palavras são "favos de mel: doçura ao coração e salubridade ao corpo" (2): são palavras belas e benéficas. Nas palavras de Maria há enfim a plena e total união com Deus: a sua alma é todo um magnificar a Deus que lhe fêz coisas grandes.

Maria é "a única perfeita" de Deus, e manifestação suprema da unidade humana: é, por isso, que é tóda bela e imaculada: a unidade é nascente de tóda beleza, de tóda graça e de tóda compostura e perfeição.

5. *Unidade no magistério.* — Ao lado de Cristo Mestre, imediatamente temos Maria, reveladora, trono, cátedra do seu magistério. Muitas vêzes ouvimos que os grandes mestres do pensamento cristão não só chamam Maria com o apelativo de Mestra, como faz por exemplo S. Ambrósio:

"Primeiro estímulo ao saber é a nobreza do Mestre: há algo de mais nobre que a Mãe de Deus? Há algo de mais esplêndido do que ela, que foi escolhida pelo próprio Esplendor?" (3);

mas a designam no conceito de cátedra de Cristo, como faz, depois dos santos Padres, Pio XII:

"O Verbo eterno do Pai, nascido da Virgem Imaculada, trono, cátedra da divina Sabedoria" (4).

Eis, portanto, que Maria *refulge* verdadeiramente como a *coroa* de tóda unidade humana, colocada, como está, no centro do tempo, no centro da Igreja, expressão do verdadeiro método e do verdadeiro fruto da palavra de Deus; símbolo e cátedra do magistério que Deus desenvolve nos seus santos, através dos séculos da história dos homens; máxima indicação da inteligência amorosa com a qual os Santos, na Igreja de Deus, se unem para uma profunda penetração do sublime mistério da palavra.

(1) Provérbios 18, 4.

(2) Provérbios 16, 24.

(3) De Virgíribus lib. II, 7. — PL 16, 220 B.

(4) *Atti e discorsi di Pio XII*, E. P., Roma, vol. XII, pág. 361.

UM HINO À UNIDADE

Examinadas, a título de introdução, estas seis grandes unidades a que nos incita a nuvem das santas testemunhas da palavra de Deus, nos parece ser bom concluir estas considerações com um dos mais belos hinos à unidade que se encontram na preciosa biblioteca da Igreja. É o alado pensamento do grande orador francês, P. Henrique Lacordaire (cujo primeiro centenário da morte se transcorre no próximo mês de novembro): êle o escrevia pela metade do século passado, lá do centro da Igreja Católica.

“Eu vejo em Roma a unidade vivente do cristianismo; e tu sabes que a unidade, em si, é a mais maravilhosa das coisas: ela é a própria forma dos seres, aquilo pelo qual tudo vive, tudo se conserva, tudo se renova e se aperfeiçoa: Deus mesmo não pode ser mais bem definido do que se lhe aplicando sobre todos os aspectos a idéia da unidade. Por unidade de essência êle é espírito; por unidade de tempo êle é eterno; por unidade de lugar êle é imenso; por unidade de visão êle é a ciência infinita: êle, em todos os sentidos, é a unidade: não porém uma unidade estéril, incapaz de gerar sem destruir-se. Ele tem em si mesmo um Filho inseparável de si: do Pai o qual é o Princípio e do Filho o qual é a Imagem, nasce o Amor que tudo realiza, sem que a unidade divina por esta expansão de si em si mesma, perda nada de sua indestrutível imutabilidade. Ao contrário, se nos é lícito exprimir-nos assim, ela proveita, porque o triunfo da unidade está exatamente no vencer a multiplicidade.

Todos os seres que Deus fez, receberam dêle, em diversos graus, o poder da unidade, e êles perecem se cessam de a possuir na medida em que lhes é necessária segundo o seu grau específico de perfeição. Os germes que vemos disseminados na superfície da terra, onde produzem esta admirável variedade de plantas que ornem a nossa morada, outra coisa não são senão forças de unidade que atraem a si e se incorporam unidades inferiores, como a água, o ar, a luz, que se decompõem essas mesmas em outras unidades subordinadas, até que afinal se chegue aos extremos limites do ser, àquelas unidades amorfas que nós chamamos elementos, sem saber no fundo que coisa sejam. Assim, do ser divino ao ser elementar, do Incompreensível ao incompreensível, se estende uma ininterrupta cadeia de unidade, pela qual os superiores atraem os inferiores, para lhes comunicar uma vida mais elevada e conduzi-los, de obra-prima em obra-prima, até Deus, princípio e fim, Alfa e Ômega, que mediante a encarnação do Verbo reconduz à sua unidade suprema tôdas as naturezas criadas, espírito e corpo.

A unidade, forma do ser, é também a forma da verdade, porque a verdade não é senão o ser enquanto é conhecido: e o ser, presente à inteligência, não pode mostrar-se que como êle é, isto é, *uno*; e assim como os seres são ligados entre si, assim as verdades são ligadas entre si, de modo que todo o esforço da inteligência é o de descobrir as relações das coisas, como todo o esforço da vida é de estabelecer estas relações. Como o defeito

de unidade é o sinal da morte, do mesmo modo é o sinal do erro.

Enfim, a unidade é a forma do belo; nada é belo senão aquilo que é uno, ou, em outros termos, senão aquilo que é harmonioso. Fazei passar no vosso espírito diversos gêneros de belezas conhecidos ao homem e os vereis resplandecer todos do caráter da unidade. Que sentido têm dez mil soldados esparsos aqui e além pelas estradas nos seus rudes uniformes? Colocai-os em fila e observai! Que sentido têm um milhão de pedras esquadradas, espalhadas ao acaso por terra? Componde uma figura, e observai! Ao contrário, paraí a vossa atenção sôbre qualquer coisa de perfeito, por exemplo, sôbre a face do homem, onde se reflete a vida, a luz, cada conexão do corpo, tudo aquilo que faz dêste semblante sublime o ponto de encontro do belo visível e do belo intelectual, a obra-prima da beleza criada: observai atentamente, e das várias unidades maravilhosas de que se compõe sua unidade total, subtrai-lhe uma só, por exemplo, a unidade da vista, e olhai!

A unidade não é o belo em si, como não é o ser e a verdade em si; mas ela é sua forma necessária, a condição sem a qual não existe o ser, não existe a verdade, não existe a beleza, e por conseguinte não existe a vida, não existe a inteligência, não existe o amor. Porque a vida é o resultado ou o térmo do ser, a inteligência é o resultado ou o térmo da verdade, o amor é o resultado ou o térmo do belo; e Deus, que é a soberana unidade, é também a soberana vida, a soberana inteligência, o soberano amor.

E eis a oração que Jesus Cristo dirigiu ao Pai na vigília de sua morte, depois de ter dado o seu corpo e o seu sangue aos seus discípulos, para estabelecer entre êles e êle uma divina unidade: *"Eu não rogo sômente por êles, mas também por aquêles que não de crer em mim por meio da sua palavra: para que sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também êles sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste"* (1).

De fato, a unidade sendo a forma e a condição do ser, do verdadeiro e do belo em tôdas as ordens possíveis, do elemento a Deus, Jesus Cristo, enviado para ser o reparador da humanidade decaída, não podia pedir para os homens nada mais do que isto: que fôsem uno na sua pessoa, uno entre si, uno com Deus e êle mesmo se constituía mediador desta unidade santa que os homens tinham perdido por causa de seu pecado. Êle lhes tinha trazido do céu a vida, a inteligência e o amor: a vida na sua sacra pessoa, a inteligência na sua palavra, o amor no seu sacrifício: tudo em si só, a fim de que em comunhão com êle, sob êste triplice aspecto, fôsem todos uma só coisa nêle, e por conseguinte entre êles e com Deus, a fim de que uma só vida, uma só inteligência, um só amor, saído de Deus, passando por Cristo, corresse como um só rio nas entranhas da humanidade.

Este mistério viu-se e se vê realizar-se cada dia sôbre a terra. É de se admirar quanto os homens lhe tenham odiado: êles crucificaram-lhe o autor. Mas não se pode matar nem a vida, nem a inteligência, nem o amor: se se experimenta matá-los, só se obtém o resultado que se lhes dá maior esplendor: e em favor da obra de Cristo verificou-se que aquilo que de pior os homens podem fazer contra, ultrajar, mutilar, matar, servirá só para reuni-la e fortificá-la.

Em meio a infinitas divisões de raças, de povos, de línguas, de costumes, de climas, de idéias, em meio às trevas saturadas de prazer e de orgulho, eternos inimigos da unidade, neste mundo em suma, presenciou-se a formação de um povo que não tinha

(1) João 17, 20-21.

por confins nem praias nem montanhas, que de uma extremidade à outra do mundo não só reconhecia as mesmas leis e os mesmos governantes, mas nutria os mesmos pensamentos e o mesmo querer, mais unido êle por um ato de escolha continuamente renovado, de quanto não sejam unidas em si as nações, por imprescindíveis necessidades. Então o setentrão se inclinou para o meio-dia, e o Oriente disse ao Ocidente: "Nós nos conhecemos!" O pobre se sentou ao lado do rico sem ofendê-lo; o filósofo foi instruído pelo artesão, sem se admirar de saber menos do que êle; o pequeno amou o grande e o grande amou o pequeno; o homem civil enxugou as lágrimas do selvagem; foram encontrados amigos para tôdas as misérias, e misérias para saciar todo amor; nasceram as virgens; os solitários se tornaram povos; houve mártires mais potentes do que os reis; a força caiu sob a fraqueza; o escravo tornou-se livre sem ter requerido a liberdade; e em todo o mundo foi notório que não havia mais que uma só fé, um só batismo e um só Senhor. A Igreja católica estava no mundo: o seu germe, deposto desde as origens no seio de Adão e desenvolvido através dos séculos, tinha enfim recebido do sangue derramado sobre êle do amor eterno, um principio de unidade mais potente que tôdas as divisões, e corria a plenos borbotões nas veias cansadas do gênero humano.

Mas ocorria a esta Igreja universal, destinada a passar por tôdas as vicissitudes dos tempos, uma força que conservasse em si a triplice unidade de vida, de inteligência e de amor que tinha recebido do seu divino Artífice: porque não basta ter recebido: é necessário conservar. Se Jesus Cristo tivesse permanecido visível sobre a terra, seria êle mesmo a força que teria atraído tudo a si, o centro do qual teriam partido e ao qual teriam afluído, para novamente expandir-se, todos os raios da unidade. Mas não tinha julgado bom tornar perene a sua presença visível entre nós: só tinha querido deixar-nos sua pessoa escondida sob o símbolo da vida e a sua palavra recolhida na tradição e nas Escrituras: coisas tôdas que, não se podendo defender por si mesmas contra a divisão, tinham necessidade de um depositário que fosse uno e permanente, que fosse o órgão supremo da palavra evangélica e a nascente invisível da comunhão universal. Ocorria que Jesus Cristo, embora permanecendo, no alto do céu, o misterioso ligame de sua Igreja, tivesse neste mundo um Vigário que lhe fosse o ligame visível, o oráculo vivente, a unidade mãe e direttriz. De todos os milagres êste era o maior que se devia realizar e entre os acontecimentos que excedem o homem, de que está cheia a história do cristianismo, não há nenhum outro que dê tanto para meditar, e no qual o braço de Deus chegue a revelar-se mais claramente.

Como colocar em meio ao mundo, para que seja chefe de uma religião única e de uma sociedade difundida em toda parte, um homem sem defesa, um ancião que será tanto mais ameaçado quanto mais o desenvolvimento da Igreja no mundo fizer crescer a inveja dos príncipes e o ódio dos inimigos? Como coligar a sorte da religião a uma só cabeça, que o primeiro soldado que vem pode fazer saltar com um só golpe, ou que a carícia de um imperador pode seduzir? Como salvar esta cabeça preciosa de tantas paixões que deviam acumular-se contra ela, por parte da impiedade, do cisma, da heresia, das guerras, das vicissitudes infundas dos impérios e das idéias, e afinal da incerteza de um futuro que um dia ou outro pode destruir tudo? Que fim tiveram os patriarcas de Constantinopla, os metropolitas de Moscou, os califas muçulmanos? Aquêles que refletirem nesta dificuldade

Atendo-se somente ao conhecimento dos homens, e dos quefazeres de seu tempo, acha-la-ão considerável; e os que a examinarem à luz da história ficarão admirados de que tenha sido vencida. Mas, justamente, foi vencida" (1).

COMO LEREMOS A PALAVRA DE DEUS?

A nuvem das testemunhas — da qual tivemos prazer de antecipar esta preciosa página sobre a unidade — chama-nos portanto, todos, ao grêmio da unidade, a fim de que, sinceramente impregnados dêste sentimento divino, nos possamos encontrar com as melhores disposições diante da palavra de Deus. Toca a cada um de nós dar-lhes plena atenção, para nos inserirmos, por nossa vez, na *onda indestrutível da unidade*.

Pode muito bem ser, que o testemunho ou uma passagem particular de um ou de outro destes santos escritores disponha-nos mais proficuamente ante a palavra de Deus: é o escopo desta coleção. O contato com santos leitores da revelação pode ser muito útil e a coleção dos seus pensamentos, posta ao lado da Bíblia, poderia tornar-se muito proveitosa, fortalecendo-nos na unidade, objeto da palavra.

Seja-nos permitido fazer êste precioso augúrio de bem ao trabalho que se teve em reunir os diversos trechos e na sua publicação.

Como leremos, portanto, a palavra de Deus?

LEITURA NA UNIDADE

a) inserindo-nos na *unidade do tempo* lê-la-emos sabendo que é moderníssima, de plena atualidade: ela é o produto do *Hoje* e quando a multidão de notícias que se sucedem para nos interessar vivamente dia a dia, em breve lapso de tempo já estiver mui longe da memória ou do interesse da nossa alma, a palavra de Deus ainda estará ali, viva, nova, sem ocaso. Teremos, portanto, sempre as palavras de Deus como a mais bela e a mais interessante das notícias: "Como se Deus as escrevesse no instante em que são lidas", sugere-nos P. Alberione (veja n. 552).

(1) Lettre sur le Saint-Siège. — *Oeuvres*. Paris (Possiergue) 1872. Vol. IX, pág. 7-14.

b) inserindo-nos na *unidade da forma* leremos a palavra de Deus, sabendo que a estamos lendo em uma casa, em um templo, em um organismo cheio de inteligência e de vida: em vez de nela nos tornarmos estranhos, procuraremos penetrá-la cada vez mais, na certeza de encontrar naquela unidade, sôbre aquelas mesmas páginas, que nos confortam e nos adverte, os olhos e o coração das pessoas que as amaram e as continuam a entender conosco, na mesma Casa de Deus: Inácio, Agostinho, Leão, Bernardo, Tomás, Afonso, Pio...; tôdas as pessoas mais belas da história humana. Uma dessas magníficas pessoas de nossa Casa, o Doutor melifluo, São Bernardo, ensina com certeza que se continua na eternidade a penetração e o gôsto perfeito de saborear as páginas da verdade, estudadas durante esta vida.

"Assim, assim mesmo não tenho a menor dúvida que será no céu como leio aqui na terra: e a alma, com tôda certeza experimentarã então o que aqui encontramos nas páginas: embora a página não consiga exprimir tudó o que então poderemos experimentar" (1).

Trata-se da plena experiência final da palavra revelada. — Com elas, no calor unânime de uma mesma escola, teremos um estímulo excepcional, para aprendermos o que Deus se digna ensinar na sua Igreja;

c) inserindo-nos na *unidade do método* não faremos de nossa leitura, apenas um motivo de curiosidade vã e superficial, mas um ato profundíssimo de adesão a Deus: exercitaremos a *fé* com a "nuvem das testemunhas"; ser-nos-á inútil discutirmos muito sôbre êste ou aquêle particular da Bíblia, ou nos vangloriarmos do conhecimento que dela possuímos; mas ser-nos-á útil aquilo que, humildemente compreendido e aceito "em coração bom e perfeito" nos colocará deveras na realidade da nossa vida;

d) inserindo-nos na *unidade do fruto* leremos a Bíblia admirando os Santos, puro produto da palavra de Deus e rezaremos para que também para nós seja eficaz a oração de Jesus Cristo ao Pai: "Santifica-os na verdade; tua palavra é verdade"; alimentar-nos-emos do fruto da palavra de Deus, mesmo na nossa palavra, imagem de nós mesmos: para que se torne nobre, sincera, vínculo de verdadeira união com todos os irmãos, princípio de tôda resposta conveniente aos chamados de Deus;

e) inserindo-nos na *unidade do magistério*, leremos a palavra pensando na possibilidade de a comunicar também aos nossos irmãos; tornar-nos-emos assim, "testemunhas da luz" e responderemos ao

(1) In Cantica cant. sermo 52, 2. — PL 183, 1030 C.

convite de Cristo: "que produzais fruto!" (1). Não deixaremos, portanto, de ter presente a grave advertência de Santo Agostinho: "De que serve comer espiritualmente, alimentar-se da palavra de Deus, se não se consegue a edificação dos outros?" (veja n. 240);

f) inserindo-nos na *unidade da inteligência amorosa*, leremos a Bíblia, deixando penetrarem-lhes as palavras na alma, à maneira de Maria: "Ela conservava tôdas estas coisas meditando-as em seu coração" (2): sòmente então a Sagrada Escritura revelar-nos-á detalhadamente todos os valores que ainda faltam na nossa vida e saberá dar-nos, no momento oportuno, a resposta adequada para cada um dos problemas, com que nos defrontaremos em nossa existência.

LEITURA ALÉM DO TEMPO

Lendo a palavra de Deus que se estende além do tempo, realizaremos muitas vèzes o lógico esforço de nos afastarmos de tudo o que nos rodeia, de nos libertarmos até de nós mesmos, para nos fixarmos em Deus e deixar que sua palavra opere livremente em nosso íntimo. Nestas condições experimentaremos tôda a verdade e tôda a oportunidade desta descrição de S. Paulo:

"A palavra de Deus é viva e eficaz e mais afiada que uma espada de dois gumes e penetra até a divisão da alma e do espírito, e também das juntas e da médula e perscruta os pensamentos e as intenções do coração" (3):

se penetrar assim no nosso Eu pessoal, com livre curso, mesmo quando seu corte pode ser doloroso, o resultado será bom. O Bem-aventurado João de Ávila (veja n. 433), com muitos outros, aliás, preveniu-nos de que a palavra de Deus não chega a fazer todo o bem a que é destinada, se não descer dêste modo, penetrante e dolorosa, até à medula. É possível, ou melhor, é fácil contentarmo-nos conosco mesmos, fossilizarmo-nos, cohonestar muitas coisas: é muito fácil organizarmo-nos só naturalmente e, por isso mesmo, ineficazmente: a consequência seria a desunião interna e a ineficácia da vida. Deixando lugar à palavra divina em um íntimo contato diário com Deus, realizar-se-á a renovação contínua que já exigia dos primeiros fiéis aquêle grande manejador da espada da palavra, que foi S. Paulo: "Renovai-vos no espírito de vossa mente" (4).

A leitura da Bíblia é destinada, antes de tudo, e sempre, à promoção eterna da nossa vida pessoal; sem ela, arrisca-se a construir sôbre a areia, em vez de em pedra sólida.

(1) João 15, 8.

(2) Lucas 2, 51.

(3) Hebreus 4, 12.

(4) Efésios 4, 23.

LEITURA NO TEMPO

Muitas vezes, porém, não preferimos presenciar de fato de que
o tempo tenha a vida a parte para o momento histórico. Não há de
deixar a leitura da Bíblia e a leitura da história, pois se não for

*Quem se vangloria, vanglorie-se disto:
De saber e conhecer que eu sou o Senhor,
que exerço misericórdia e julgo e justiça sobre a terra;
De todas as coisas que não se podem ver.* (1)

sua vez ("ego mihi magna quaestio"): e compreenderemos que muitas vezes é bem verdade o que se afirma na revelação: "Minhas vias não são como as vossas, diz o Senhor" (1).

Eis, por isso, para a conclusão, o sábio conselho de Santo Hilário (n. 117), diante do mistério da palavra de Deus:

"Começa, continua, persiste; bem sei que não chegarás ao fundo, mas congratular-me-ei, porque caminhas" (2).

* * *

Os trechos e suas respectivas citações, exceto as bíblicas, são em sua máxima parte provenientes dos textos patrísticos de Migne (Patrologia grega e latina - PG - PL) e da Biblioteca dos Autores Cristãos (B. A. C.) editada em Madri, durante os últimos quinze anos.

Nem sempre foi possível, por causa de circunstâncias de tempo e de lugar, recorrer-se a textos mais modernos e a edições mais criticamente atualizadas. Sob diversos aspectos permitimo-nos dizer com Santo Agostinho, na carta em que apresentava o De Trinitate, que ultimaram-se as coisas "non ut volui sed ut potui" (3): mas, apraz-nos pensar que a substância da coleção possa ser boa e corresponder ao seu objetivo.

São pequenas migalhas, mas preciosas: elas levam-nos a ingressar, com maior confiança, na grande Biblioteca da Santa Igreja.

São Paulo — Cidade Paulina — 21 de maio de 1961, Pentecostes.

P. J. ROATTA

da Pia Sociedade de São Paulo.

(1) Isaias 55, 8-9.

(2) De Trinitate lib. II, 10. — PL 10, 58 C.

(3) L. c. — PL 42, 818.

«EU LHES TRANSMITI AS PALAVRAS QUE ME DESTE
E ÊLES AS RECEBERAM,
E CONHECERAM VERDADEIRAMENTE QUE SAÍ DE TI
E CRERAM QUE TU ME ENVIASTE».

João, 17,8.

MOISÉS

PALAVRA: ARGUMENTO DA VIDA.

1. “Ouve, ó Israel: O Senhor é nosso Deus, é o único Senhor. Ama o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de tôda a tua alma, e com tôdas as tuas fôrças.

Estas palavras que hoje te recomendo, estejam fixas no teu coração:

tu as ensinarás aos teus filhos,
as meditarás enquanto te encontras em tua casa,
enquanto andas pelo caminho,
ao estares no leito e ao levantar-te,
as atarás à tua mão como um sinal,
elas estarão como um frontal diante de teus olhos;
escrevê-las-ás sôbre o limiar de tua casa
e sôbre tuas portas”.

Deuteronômio 6,4-9

ANÚNCIO DO MESTRE.

2. “O Senhor teu Deus te suscitará um profeta, semelhante a mim, da tua nação, do meio de teus irmãos; ouvi-lo-ás, como pediste ao Senhor, teu Deus, em Horeb, no dia da reunião, dizendo:

— Que eu não torne mais a ouvir a voz do Senhor, meu Deus, e que eu não veja jamais êste grande fogo, para não morrer.

A êste respeito, o Senhor me disse:

— Fizeram bem em falar assim. Eu farei surgir do meio de seus irmãos um profeta semelhante a ti; e lhe porei na bôca as minhas palavras, êle lhes comunicará tudo o que eu lhe mandar. Qualquer pessoa que não quiser ouvir as minhas palavras, que êle dirá em meu nome, eu me vingarei dela”.

Deuteronômio 18,15-19.

PALAVRA FÁCIL, VIZINHA, ÍNTIMA.

3. “Este mandamento, que hoje te imponho, não é demasiado difícil para ti, nem longe de ti.

Não se encontra no céu, de modo que possas dizer:

— Quem de nós pode subir ao céu, para no-lo trazer, e o ouçamos e o ponhamos em prática?

Não se encontra além-mar, para que não devas dizer:

— Quem poderá passar o mar e no-lo trazer para que possamos ouvi-lo e executar o que nos é mandado?

Mas a coisa está mais perto de ti: está na tua bôca e no teu coração, para que possas cumpri-la”.

Deuteronomio, 30,11-14.

JOSUÉ

PALAVRA: PRINCÍPIO DE AÇÃO.

4. “Não se afaste de tua bôca êste livro da lei, medita-o dia e noite para seres correto no cumprir tudo o que nêle está escrito; assim serás feliz na tua emprêsa e terás bom sucesso.

Não to ordenei eu? Sê forte, sê corajoso, não tenhas mêdo nem temor, porque o Senhor, teu Deus, estará contigo em qualquer lugar para onde fores”.

Josué 1,8-9.

SAMUEL

FALA, SENHOR!

5. “O Senhor chamou:

— Samuel?!

Respondeu:

— Eis-me aqui — e correu a Heli e disse-lhe:

— Eis-me, pois me chamaste.

E Heli:

— Não te chamei; volta e dorme.

E Samuel retirou-se e dormiu.

O Senhor voltou novamente a chamar Samuel:

— Samuel?!

E Samuel levantou-se e foi ter com Heli, dizendo:

— Eis-me, pois me chamaste.

Respondeu:

— Não te chamei, meu filho; volta a dormir.

Samuel não tinha conhecimento do Senhor, ainda não lhe tinha sido revelada a palavra de Deus.

Voltou o Senhor a chamar Samuel pela terceira vez; e levantando-se foi ter com Heli e lhe disse:

— Eis-me, pois me chamaste.

Compreendeu então Heli que Deus chamava o menino. Disse portanto a Samuel:

— Vai dormir. E se alguém te chamar, dize-lhe: “Fala, Senhor, que teu servo ouve”.

Samuel retirou-se a dormir no seu aposento.

Entrou, pois o Senhor e chamou-o como havia feito as outras vezes:

— Samuel! Samuel?!

E Samuel respondeu-lhe:

— Fala, que teu servo ouve.

E o Senhor a Samuel:

— Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual, todo o que a ouvir ficar-lhe-ão a retinir ambos os ouvidos”.

Primeiro de Samuel 3,4-11.

DAVI

PRATA FINÍSSIMA.

6. As palavras do Senhor são palavras sinceras,
prata refinada no crisol,
refinada sete vêzes.

Salmo 11,7.

OURO FINÍSSIMO, MEL VIRGEM.

7. A lei do Senhor é perfeita,
conforta a alma;
a prescrição do Senhor é firme,
instrui o rude.
Os preceitos do Senhor são retos,
deleitam o coração;
o preceito do Senhor é sincero,
dura eternamente;
Os juízos de Deus são verazes,
todos justos,
são mais para desejar do que o ouro,
do que o ouro finíssimo,
mais doces do que o mel,
do que o mel virgem.

Salmo 18,8-11.

ALEGRE E AGRADÁVEL PALAVRA DE PERDÃO.

8. Eis que te comprazes na sinceridade do coração;
e me ensinas a sabedoria no meu íntimo.
Purifica-me com o hissope e serei purificado;
lava-me e serei mais cândido do que a neve.
Faze-me ouvir tua alegre e agradável palavra,
e exultarão os ossos que aquebrantaste.
Afasta o teu olhar dos meus pecados,
e apaga tôdas as minhas culpas.
Cria em mim, ó Senhor, um coração puro,
e infunde em mim um novo espírito constante.
Não me afastes de tua presença,
e não retires de mim o teu Espírito Santo.

Salmo 50,8-13.

PROVÉRBIOS

BASE DE FORMAÇÃO.

9. “Meu filho, guarda as minhas palavras,
e esconde em teu coração os meus preceitos.
Observa os meus mandamentos e viverás,
guarda a minha instrução como a pupila de teus olhos.
Traz-a ligada aos teus dedos,
escreve-a na tábua de teu coração.
Dize à sabedoria: — “Tu és minha irmã”;
e chama tua parenta a inteligência!”

Provérbios 7,1-4.

SABEDORIA DE QUEM OUVE.

10. “Quem presta atenção à palavra será feliz;
e o que confia no Senhor, ditoso!
Quem é sábio de coração será chamado prudente;
e a suavidade no falar torna mais eficaz a doutrina.”

Provérbios 16,20-21.

PRIMEIRA CONDIÇÃO.

11. Ele não olha aquêle que se julga sábio.

Jó 37,24.

AO HOMEM O SILÊNCIO.

12. Falou o Senhor a Jó, dizendo:

Quererá o censor contender com o Onipotente?
Quem pretende corrigir a Deus, responda a tudo.

Respondeu Jó ao Senhor:

Eis-me bem pequenino; que te posso responder?
Ponho a mão sôbre a minha bôca.
Disse uma coisa? Não replicarei.
Disse duas? Não continuarei.

Jó 39,31-35.

AMOS

POTÊNCIA.

13. Não, o Senhor Deus não faz nada sem revelar o seu segredo aos seus servos, os Profetas.

O leão rugiu:

quem não terá medo?

O Senhor Deus falou:

quem não profetizará?

Amós 3,7-8.

FOME E SÊDE.

14. Eis que vem dias, diz o Senhor Deus,
que eu mandarei fome ao país,
não fome de pão ou sede de água,
mas fome de ouvir a palavra de Deus;
andar-se-ão vagando de mar a mar,
e do setentrião ao oriente,
vagar-se-á em busca da palavra divina
sem encontrá-la.

Naquele dia desfalecerão de fome
as lindas donzelas e os bravos jovens,
aquêles que juram pelo pecado de Samaria,
e dizem: — “Viva o teu deus, ó Dan,
e viva o teu dileto, Bersabée”,
cairão para nunca mais se levantar.

Amós 8,11-14.

OSÉIAS

INTELIGÊNCIA.

15. Quem é sábio entenderá isto,
quem é inteligente o reconhecerá:
que os caminhos do Senhor são retos
e os justos por êles andarão,
enquanto os prevaricadores nêles tropeçarão.

Oséias 14,10.

ISAÍAS

PERENIDADE.

16. Diz uma voz: — Grita!

E eu: — Que devo gritar?

— Que todo ser humano é como o feno,

e todo o seu valor é como a flor do campo.

Seca o feno, cai a flor,

mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente.

Isaiás 40,6-8.

NUTRIMENTO.

17. Todos vós que tendes sede, vinde às águas,
mesmo os que não têm dinheiro.

Vinde, comprai, abastecei-vos sem despesa
e sem paga, de vinho e de leite.

Por que gastais dinheiro em coisas que não são alimento,
e as vossas fadigas no que não vos sacia?

Ouvi-me e tereis boa alimentação,
e a vossa alma se deleitará nos manjares deliciosos.

Inclinai o vosso ouvido e vinde a mim,
ouvi e a vossa alma viverá.

Isaiás 55,1-3.

FRUTO.

18. Como cai do céu a chuva e a neve
e não voltam para lá sem ter irrigado a terra
e tê-la fecundado e feito germinar,
dar semente para semear e pão para alimentar:
assim será a minha palavra, saída de minha boca:
não voltará a mim vazia,
mas antes operará tudo que me agrada,
e obterá o efeito para o qual a enviei.

Isaías 55,10-11.

O HUMILDE AGRADA.

19. Para quem olharei eu?
Para o humilde, para o contrito de coração,
e para quem venera a minha palavra.

Isaias 66,2.

MIQUÉIAS

VOZ CLARA.

20. A voz do Senhor clama à cidade,
e a salvação tem nome: "temor".

Miquéias 6,9.

SOFONIAS

CADA MANHÃ.

21. No meio da cidade está o Senhor,
o Justo, que não comete iniquidade;
cada manhã dá a sua sentença,
como a luz que não se apaga.

Sofonias 3,5.

HABACUC

RESPOSTA.

22. Estarei alerta,
fazendo minha sentinela;
olharei para ver o que me será dito,
que coisa há de responder à minha querela.

E o Senhor me respondeu e disse:

— Escreve a visão, e bem claro sôbre tábuas,
para que se possa ler correntemente,
porque a visão atesta um término
e fala do fim sem mentir:

“Se tardar, espera-o;
que virá sem falta.

Eis que sucumbe quem não tem em si o ânimo reto;
enquanto o justo viverá com a sua fé”.

²⁰¹³⁷
Habacuc 2,1-4.

JEREMIAS

DEUS NO ATO DE DAR A PALAVRA.

23. O Senhor dirigiu-me a palavra, dizendo:

— Antes que eu te formasse no ventre materno, pensei em ti; antes que tu saíesses do seio dela, te santifiquei: e te destinei como Profeta entre as nações.

E eu disse:

— Ah! Senhor Deus! eu não sei falar, porque sou jovem demais.

E o Senhor a mim:

— Não digas: “Sou jovem demais”, porque a tudo o que eu te enviar, irás; e tudo o que te mandar dizer, dirás. Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te salvar, diz o Senhor!

E o Senhor estendeu a mão, tocou-me a bôca e disse-me:

— Eis que eu ponho em tua bôca as minhas palavras.

Jeremias 1,4-9.

FOGO E MARTELO.

24. Que comparação há entre a palha e o trigo?
Não são as minhas palavras como o fogo,
e como um martelo que quebra as pedras?

Jeremias 23,28-29.

EZEQUIEL

COME O LIVRO.

25. — Tu, filho do homem, ouve o que te digo: não sejas rebelde como esta casa; abre tua bôca e come tudo o que eu te dou.

Olhei e eis que uma mão estava estendida para mim, na qual se achava um livro enrolado. Abriu-o diante de mim; estava escrito por dentro e por fora, e viam-se escritas nêle lamentações e canções tristes e maldições! E disse-me:

— Filho do homem, come tudo o que achares; come êsse livro e vai falar aos filhos de Israel.

Então abri a bôca e êle me deu a comer aquêle livro, dizendo:

— Filho do homem, o teu ventre se alimentará e encher-se-ão as tuas entranhas dêste livro que te dou.

Eu comi-o e êle na minha bôca tornou-se doce como o mel. Depois êle me disse:

— Filho do homem, vai à casa de Israel e anunciarás as minhas palavras. Porque tu não és enviado a nenhum povo de linguagem obscura, nem de língua desconhecida, mas à casa de Israel; nem a povos numerosos de linguagem obscura, e de língua desconhecida, cujas palavras não possas entender; se a êsses fôsses enviado, êles te ouviriam. Mas os da casa de Israel não te querem ouvir a ti, por que não me querem ouvir a mim; pois a casa de Israel tem uma fronte desavergonhada e um coração endurecido. Mas eis que eu te dei um rosto mais firme que os seus rostos, e uma fronte mais dura que as suas frentes. Eu te dei um rosto duro como diamante e como a pederneira; não os temas nem tenhas mêdo diante dêles, porque é uma casa rebelde.

Ezequiel 2,8-9; 3,1-9.

A VOZ É BELA, MAS NINGUÉM OUVE.

26. Quanto a ti, filho do homem, os filhos do teu povo, que falam de ti junto dos muros e às portas de suas casas, dizem uns para os outros cada um falando com seu vizinho:

— Vinde e ouçamos qual é a palavra que vem do Senhor.

Vêm ter contigo como em comícios e se sentam diante de ti aquêles de meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas depois não põem em prática, porque as convertem em assuntos de suas canções, enquanto que seu coração corre atrás das riquezas. Eis que para êles tu és uma canção deliciosa:

“A voz é bela, e de maestro é o tanger das cordas”.

Êles ouvem as tuas palavras, mas quanto ao pô-las em prática é que não fazem.

Quando, porém, suceder o que foi predito, saberão então que havia um profeta no meio dêles.

Ezequiel 33,30-33.

DANIEL

NO INÍCIO DA SÚPLICA SAIU UMA PALAVRA.

27. “Inclina, Deus meu, o teu ouvido, e ouve! Abre os teus olhos e vê a nossa desolação, e a cidade sôbre a qual se invoca o teu nome; porque nós, prostrando-nos em terra diante de tua face, não fazemos estas súplicas baseadas em alguns merecimentos de nossa justiça, mas sim na multidão de tuas misericórdias. Ouve, Senhor! Senhor, perdoa! Senhor, atende-nos e põe mãos à obra! Não proteles mais, por amor de ti mesmo, meus Deus! porque o teu nome é invocado na tua cidade e no teu povo.

Quando ainda falava, e orava e confessava os meus pecados e os pecados do meu povo de Israel, e quando prostrado apresentava as minhas súplicas na presença do meu Deus a favor do santo monte de Deus; quando eu, digo, ainda não tinha bem acabado as palavras da minha súplica, eis que aquele Homem, Gabriel, que eu já tinha visto voando rapidamente, tocou-me no tempo do sacrifício da tarde. Perto de mim, falou desta maneira:

— Daniel, agora vim para fazer-te entender plenamente. No início de tua súplica saiu uma palavra, e eu vim para ta descobrir: porque tu és predileto. Põe portanto tôda a tua atenção na palavra e procura entender a visão”.

Daniel 9,18-23.

ZACARIAS

NÃO FOI POR MINHA ORDEM.

28. — Devo eu continuar a pôr luto durante o quinto mês, observando a abstinência como faço há muitos anos?

Então me foi dirigida a palavra do Senhor nestes têrmos:

— Fala a todo o povo do país e aos sacerdotes e dize-lhes:

O jejum e o luto que vós fizestes durante o quinto e o sétimo mês nestes setenta anos, o haveis feito talvez por minha ordem?

E quando então vós recomeçardes a comer e a beber não é talvez coisa que diz respeito só a vós mesmos?

Porventura não devem ser feitas as coisas que o Senhor proclamou por meio dos Profetas que passaram, quando Jerusalém era habitada em paz e também as cidades das cercanias, o Nigeb e as campinas?

E foi dirigida a palavra do Senhor a Zacarias nestes têrmos:

— Assim falou o Senhor dos exércitos:

Julgai com equidade e cada um de vós exerça com seu irmão obras de misericórdia e de compaixão. Não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre; nenhum trame no seu coração maus desígnios contra o seu próximo.

Êles, ao invés, não quiseram ouvir e antes se retiraram, dando-me as costas, e taparam seus ouvidos para não ouvirem. Tornaram seu coração duro como um diamante, para não ouvirem a lei, nem as palavras que o Senhor dos exércitos lhes dirigiu em seu próprio espírito, por meio dos Profetas que nos precederam.

Por isso grande foi a indignação contra eles por parte do Senhor dos exércitos. De fato, como eles não deram ouvidos quando ele gritava-lhes, assim quando eles gritarem eu não os ouvirei, diz o Senhor dos exércitos. Eu os dispersarei por todos os reinos que lhes são desconhecidos.

Zacarias 7,3-14.

MALAQUIAS

LÁBIOS DO SACERDOTE

29. A lei da verdade estêve em sua bôca e a iniquidade jamais se achou em seus lábios. Com integridade e retidão comportou-se comigo e afastou muitos do mal!

Com efeito, olha-se nos lábios do sacerdote e ciência e instrução espera-se de sua bôca, porque êle é o mensageiro do Senhor dos exércitos.

Vós, ao invés, tendes desviado e escandalizastes muitos na observância da lei; tornastes nula a aliança que eu tinha feito com Levi, diz o Senhor dos exércitos.

Malaquias 2.6-8.

NEEMIAS

FESTA EM TÔRNO DA PALAVRA.

30. Vindo o sétimo mês e estando todos os filhos de Israel nas suas cidades, congregou-se todo o povo como um só homem na praça que está diante da porta das águas e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da lei de Moisés, que o Senhor tinha prescrito a Israel.

E Esdras, o sacerdote, levou pois a lei para diante da multidão dos homens e das mulheres e de todos os que a podiam entender, no primeiro dia do sétimo mês. E leu naquele livro claramente no meio da praça diante da porta da água, desde a manhã até o meio-dia, voltado para os homens, para as mulheres e a quantos podiam entender; e todo o povo prestava atenção à leitura do livro da lei.

Estava Esdras, o escriba, sôbre um púlpito de madeira, adrede feito para isso, e junto dêle, à sua direita, estava Matatia, Seméia, Anania, e Uria, e Helcia, e Maasia; e à sua esquerda Fadaia, Misael, e Melquias, e Hasum e Hasbadana, Zacarias e Mosolão. Então Esdras, o escriba, abriu o livro diante de todo o povo, porque êle estava mais alto do que todo o povo; e logo que o abriu, todo o povo se pôs em pé.

Esdras bendisse o Senhor, o grande Deus, e todos responderam levantando as mãos: "Amém! Amém!" e adoraram o Senhor, prostrando-se com o rosto em terra.

Os levitas Josué, Bani, Serebia, Jamim, Acud, Sabbatai, Odia, Maasia, Kelita, Azarias, Josabed, Hanan, Falaia procuravam que o povo ficasse cada um no seu lugar, para ouvir a lei. Lia-se o livro, isto é, a lei de Deus, distinta e claramente para se compreender a leitura.

Disse então a todo o povo o governador e Esdras, o sacerdote e escriba, e os levitas, que despertavam a atenção do povo:

— Hoje é o dia consagrado ao Senhor, nosso Deus; não estejais tristes, nem choreis.

Porque todo o povo, ouvindo as palavras da lei, chorava. Depois disse-lhes:

— Ide, comei carnes gordas, e bebei vinho misturado com mel, e mandai quinhões aos que não têm nada preparado para si; porque êste dia é um dia santo do Senhor.

Não vos aflijais, a alegria do Senhor é a nossa fortaleza.

E os levitas impunham silêncio, dizendo:

— Estai calados e não vos aflijais, porque êste dia é santo.

E todo o povo foi comer e beber, e mandou quinhões, e entregou-se à grande alegria, porque tinham entendido as coisas que lhes tinham sido anunciadas.

Neemias 8,1-12.

JESUS, FILHO DE SIRAC

A M O R.

31. A sabedoria infunde vida em seus filhos,
e toma debaixo de sua proteção os que a buscam.
Quem a ama, ama a vida,
e quem a busca gozará da complacência do Senhor.
Quem a ela se apega colhe louros,
e põe a sua habitação nas bênçãos do Senhor.
Ministros do Santuário, são os ministros dela,
e Deus ama quantos a amam.
— Quem me ouve julga com equidade,
e o que me seguir habitará as minhas íntimas moradas.
Se tiver confiança em mim, me possuirá,
e a minha posse será confirmada em seus filhos.
Porque tratarei com êle em incógnito
e o porei à prova;
temor e trepidação lhe incutirei,
escandalizá-lo-ei com tentações.

Mas apenas me tenha acolhido em seu coração
e as minhas instruções tenha guardado,
Voltarei o rosto, o farei feliz,
e lhe descobrirei os meus segredos.
Se retroceder, o rejeitarei,
e o entregarei ao poder dos ladrões.

Eclesiástico 4.17-19.

SABEDORIA

ONIPOTÊNCIA.

32. Quando tudo repousava num silêncio profundo,
e a noite estava no meio de seu curso,
tua palavra onipotente, baixando do céu, do teu trono real
saltou, inflexível guerreiro,
no meio daquele país de extermínio,
trazendo, aguda espada, o teu impreterível decreto.

Sabedoria 17,14-16.

MACABEUS

CONFÔRTO.

33. A nossa consolação está nos livros sagrados, que temos em nossas mãos.

Primeiro dos Macabeus 12,9.

SÃO MATEUS

FUNDAMENTO.

34. Todo aquêle que ouve estas minhas palavras e as põe em prática,
será semelhante ao homem prudente,
que construiu a sua casa sôbre a rocha.
Caiu a chuva torrencial,
transbordaram os rios,
sopraram os ventos
e investiram contra aquela casa,
e ela não caiu,
porque estava fundada sôbre a rocha.

Todo aquêle que ouve estas minhas palavras e as não observa,
será semelhante ao homem estulto,
que construiu a sua casa sôbre a areia.
Caiu torrencialmente a chuva,
transbordaram os rios,
sopraram os ventos
e investiram contra aquela casa,
e ela ruiu,
e foi total a sua ruína.

Mateus 7,24-27,

ETERNIDADE.

35. Passarão o céu e a terra,
mas as minhas palavras não passarão.

Mateus 24,35.

SÃO MARCOS

PALAVRA "SEMENTE" OU PRINCÍPIO DE VIDA.

36. Ensinava-lhes muitas coisas por meio de parábolas, e dizia-lhes, segundo sua maneira de ensinar:

— Ouvi!

Eis que saiu o semeador a semear. E enquanto semeava, uma parte da semente caiu ao longo do caminho, e vieram as aves do céu e comeram-na. Outra caiu no pedregulho, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque não havia profundidade de terra; mas ao sair o sol foi tostada pelo calor e, como não tinha raiz, secou. Outra caiu entre os espinhos; e cresceram os espinhos e a sufocaram, e não deu fruto. Outra enfim caiu em boa terra, e deu fruto, vingou e cresceu; e um grão dava trinta, outro sessenta, e outro cem.

E dizia:

— Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Quando se encontrou a sós, os seus seguidores com os doze interrogavam-lhe acêrca da parábola. Êle lhes dizia:

— A vós é confiado o mistério do reino de Deus; mas aos que são de fora, tudo se lhes propõe em parábolas, a fim de que olhem e não vejam, ouçam mas não entendam; por mêdo que se convertam e lhes seja perdoado.

E disse-lhes:

— Não entendeis vós esta parábola? E como entenderéis tôdas as parábolas? O semeador semeia a palavra. As sementes caídas ao longo do caminho simbolizam aquêles que ouvem a palavra; e quando acabam de ouvir, logo Satanás vem e leva embora a palavra semeada

nêles. Do mesmo modo, aquêles que recebem a semente em terreno pedregoso, são os que, tendo ouvido a palavra, recebem-na com gôsto; não tendo porém raiz em si mesmos e sendo inconstantes, sobrevindo qualquer tribulação ou perseguição por causa da palavra, sucumbem imediatamente.

Os que recebem a semente entre os espinhos, representam outros: são os que ouvem a palavra, mas os cuidados das coisas mundanas, a ilusão das riquezas e outros afetos desordenados sufocam a palavra e assim ela permanece sem frutificar.

Os que recebem a semente em boa terra, são os que ouvem a palavra e a acolhem, e fazem frutificar, quem trinta, quem sessenta, quem cem.

Marcos 4,2-20.

MISSÃO.

37. Por último apareceu aos onze, enquanto estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não tinham acreditado nos que o tinham visto ressuscitado.

Depois disse-lhes:

— “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a tôda a criatura. Quem crer e fôr batizado se salvará; quem não crer será condenado”.

Marcos 16,14-15.

SÃO LUCAS

ADESÃO VITAL.

38. Disse então Maria:

— “Eis a serva do Senhor!

Faça-se em mim segundo a tua palavra”

Lucas 1,38.

A CHAVE.

39. Jesus disse-lhes:

— “Ó estultos e tardos de coração para crer tudo o que anunciaram os Profetas! Porventura, não era necessário que o Messias sofresse tais coisas e assim entrasse na sua glória?”

E começando por Moisés e discorrendo por todos os Profetas, explicava-lhes o que dêle se encontrava dito em tôdas as Escrituras. Assim se aproximaram da aldeia para onde caminhavam, e êle fingiu que ia para mais longe. Mas êles o constrangeram dizendo:

— “Fica conosco, porque se faz tarde e o dia já declina”.

Então entrou com êles. Aconteceu que, estando sentado com êles à mesa, tomou o pão, e o abençoou, e partiu e lho dava. E diante daquele ato abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no. Mas êle desapareceu da vista dêles; e êles diziam entre si:

— “Não é verdade que nós sentíamos abraçar-se-nos o coração, quando êle nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?”

Lucas 24 25-32.

SÃO JOÃO

PLENITUDE.

40. A todos que o receberam
deu poder de se tornarem filhos de Deus,
aos que crêem no seu nome,
que não nasceram do sangue,
nem da vontade da carne,
nem da vontade do homem,
mas de Deus.

E o Verbo se fêz carne
e habitou entre nós;
e nós vimos a sua glória,
glória qual o Unigênito tem do Pai,
pleno de graça e de verdade.

.....
Sim, da plenitude dêle,

todos nós recebemos,

graça sôbre graça.

Porque a lei foi dada por meio de Moisés,

a graça e a verdade

veio por meio de Jesus Cristo.

Ninguém jamais viu a Deus;

o Unigênito que está no seio do Pai,

êle mesmo é que o manifestou.

João 1,12-18.

O JUÍZO PELA PALAVRA.

41. Eu vim ao mundo como luz, a fim de que todo o que crer em mim não fique nas trevas.

E se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não julgo; porque não vim julgar o mundo, mas para salvar o mundo.

O que me rejeita e não acolhe as minhas palavras, tem quem o julgue: a própria palavra que eu anunciei julgá-lo-á no último dia; porque eu não falei de mim mesmo, mas o Pai que me enviou, êle mesmo me estabeleceu o que devo dizer e o que devo ensinar.

Por isso, as coisas que eu vos digo, digo-as tais e quais me disse o Pai.

João 12,46-50.

BASE DE FÉ.

42. Ainda muitos outros milagres, que não são escritos neste livro, operou Jesus na presença de seus discípulos.

Êstes, porém, foram escritos para que vós creiais que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, e a fim de que, crendo, tenhais a vida em seu nome.

João 20.30-31.

SÃO PAULO

PALAVRA DE DEUS.

43. Sem cessar agradecemos a Deus, que tendo vós conhecido a palavra de Deus, que ouvistes de nós, a abraçastes não como palavra de homens, mas qual é na realidade, palavra de Deus, que opera sua eficácia em vós que tendes fé.

Primeira aos Tessalonicenses 2,13.

DIFUSÃO.

44. Ó irmãos, orai por nós, a fim de que a palavra de Deus se propague e seja glorificada como é entre vós.

Segunda aos Tessalonicenses 3,11.

DEVER.

45. Não tenho o de que me gloriar se anuncio o Evangelho;
é dever que me incumbe,
e ai de mim se eu não evangelizar!

Primeira aos Coríntios 9,16.

ARMA POTENTE.

46. As armas de nossa milícia não são carnis, mas sim potentes em Deus para destruir as fortificações.

Com elas nós dissipamos os sofismas e toda a soberba que se levanta contra a ciência de Deus, e reduzimos à sujeição todo intelecto, na obediência a Cristo.

Segunda aos Coríntios 10,4-5.

FORMAÇÃO.

47. Tu persevera...

Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras, que te podem instruir para a salvação, pela fé que está em Jesus Cristo.

Tôda a Escritura divinamente inspirada é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para formar na justiça; a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para tôda obra boa.

Segunda a Timóteo 3,14-17.

ESPADA DE DOIS GUMES.

48. A palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que a espada de dois gumes; e chega até à separação da alma do espírito, das juntas e das medulas, e discerne os pensamentos e as intenções do coração; para ela não há criatura alguma invisível à sua vista, mas tôdas as coisas estão a nu e a descoberto aos olhos daquele, a quem devemos dar contas.

Hebreus 4,12-13.

SÃO PEDRO

TUDO COM RELAÇÃO A CRISTO.

49. Acêrca de tal salvação inquiriram e indagaram os Profetas, que predisseram a graça que se vos destinava, procurando descobrir qual o tempo e quais as circunstâncias indicadas pelo Espírito de Cristo, que estava nêles, quando preanunciava os padecimentos destinados a Cristo e as glórias que se lhe seguiriam. A êsses foi revelado que, não para si, mas para vós eram dispensadores daquelas coisas que agora vos são anunciadas por aquêles que pelo Espírito Santo, enviado do céu, vos pregaram o Evangelho, no qual os mesmos Anjos desejam penetrar com seus olhares.

Primeira de S. Pedro 1,10-12.

PEDRA DE TROPÊÇO.

50. Lê-se na Escritura:

— “Eis que eu ponho em Sião uma pedra principal (angular), escolhida, preciosa; e o que crer nela não será confundido”.

Para vós que tendes fé, honra; para os incrédulos, ao contrário, é “a pedra rejeitada pelos construtores, mas que tornou-se cabeça do ângulo”,
“pedra de tropêço, e pedra de escândalo”.

Êles, indócéis à palavra, aí tropeçam.

Primeira de S. Pedro 2,6-8.

OBRA DO ESPÍRITO.

51. Não foi indo atrás de engenhosas fábulas que vos fizemos conhecer a potência e a vinda do Senhor Nosso Jesus Cristo, mas porque fomos espectadores de sua grandeza.

Com efeito, êle recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da majestade da glória desceu a êle uma voz:

— “Êste é meu Filho dileto, objeto de minhas complacências, ouvi-o”;

e estas palavras, nós as ouvimos vir do céu, estando com êle no monte santo.

E assim temos uma confirmação da palavra profética, à qual fazeis bem em prestar atenção, como a uma lucerna que alumia num lugar escuro, até que venha o dia, e a estrêla da manhã nasça em vossos corações.

Sabei, antes de tudo, que tôda profecia contida na Escritura não está sujeita a uma interpretação particular; porque a profecia nunca foi dada pela vontade dos homens, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.

Segunda de S. Pedro 1,16-21.

SÃO TIAGO

GERADOS COM A PALAVRA.

52. Não vos enganeis, meus caros irmãos: tôda a dádiva excelente e todo o dom vem do alto e descende do Pai das luzes, no qual não há mudança nem sombra da vicissitude.

Por sua vontade nos gerou com a palavra da verdade, a fim de que sejamos como que as primícias de suas criaturas.

Saibais, caríssimos irmãos. Todo homem deve estar pronto para escutar, porém, tardo para falar, e tardo para se irar, porque a cólera do homem não põe em prática a justiça de Deus.

Por isso, renunciando a tôda a impureza e abundância de malícia, recebei com mansidão a palavra enxertada em vós, a qual pode salvar as vossas almas.

Ponde em prática a palavra e não vos contenteis em ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos; porque se alguém ouve a palavra e não a pratica, é semelhante ao homem que olha no espelho seu rosto nativo, porque considerou-se e tendo-se retirado, logo esqueceu como era. Ao contrário, quem fixa sua vista na lei perfeita, a lei da liberdade, e nela perseverar, não sendo ouvinte esquecediço, mas executor da obra, êsse será feliz nas suas ações.

Tiago 1,16-25.

APOCALIPSE

AS PALAVRAS SÃO AUTÊNTICAS, DE DEUS:
AI DE QUEM TIRA, AI DE QUEM AJUNTA!

53. E disse-me:

— Estas palavras são muito certas e verdadeiras, e o Senhor Deus dos espíritos dos Profetas enviou o Anjo a mostrar aos seus servos as coisas que devem acontecer dentro de pouco tempo.

Eis que venho, a tôda a pressa. Bem-aventurado o que guarda as palavras da profecia dêste livro.

Sou eu, João, o ouvinte e o espectador destas coisas. Depois de as ter ouvido e visto, prostrei-me aos pés do Anjo que mas mostrava, para o adorar. Êle, porém, disse-me:

— Não, vê bem; eu sou servo como tu e os teus irmãos Profetas, e como aquêles que guardam as palavras dêste livro. Adora a Deus.

E juntou:

Não seles as palavras da profecia dêste livro, porque o tempo está próximo. Aquêles que prejudica, prejudique ainda; o que é impuro, continue na impureza; e o que é justo, justifique-se mais, e aquêles que é santo, santifique-se mais.

Eis que venho depressa, e a minha recompensa está comigo, para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o "A" e o "Z", o primeiro e o último, o princípio e o fim. Bem-aventurados aquêles que lavam suas vestes no sangue do Cordeiro, para terem parte na árvore da vida, e entrarem pelas portas na cidade. Fora os cães e os feiticeiros, e os impudicos, e os homicidas, e os idólatras, e todo o que ama e pratica a

mentira. Eu, Jesus, enviei o meu Anjo, para vos atestar estas coisas nas igrejas. Eu sou a raiz e geração de Davi, a estrêla resplandecente da manhã.

O Espírito e a Espôsa dizem: — Vem!

E quem ouve, diga: — Vem!

E o que tem sêde, venha; e o que quer receba de graça a água da vida.

Eu declaro a todo aquêle que ouve as palavras proféticas dêste livro, que, se alguém lhes ajuntar (alguma coisa) Deus o castigará com as pragas descritas neste livro.

E se alguém tirar qualquer coisa das palavras dêste livro profético, Deus lhe tirará a sua parte no livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro.

Quem faz estas declarações, diz:

— Sim, venho depressa.

Amém. Vem, Senhor Jesus.

Apocalipse 22,6-21.

“Não é esta, diletos filhos, a primeira tarefa do Sacerdócio católico, a de comunicar a doutrina dos dois Testamentos, e fazê-la penetrar nas almas e nas vidas?

Os Padres da Igreja primitiva, quem foram êles, senão sobretudo leitores e intérpretes da Sagrada Escritura diante de todo o mundo?”

JOÃO XXIII

25/11/1958.

DIDAKÊ

(escrita entre 70 e 90)

HONRA A QUEM NOS DÁ A PALAVRA DE DEUS.

54. “Meu filho, dia e noite lembrar-te-ás daquele que te prega a palavra de Deus: honra-o como ao Senhor, porque onde se prega a majestade do Senhor, aí se encontra o Senhor”.

Didakê, c. IV, 1.

A INSÍGNIA DA VERDADE ESTÁ EM QUEM PROCURA CONSTRUIR.

55. “Se alguém, presente entre vós, vos ensina tudo aquilo que foi dito antes, recebei-o; mas se o mestre pervertido vos ensinasse outra doutrina, procurando destruir, não deveis ouvi-lo; se porém procura aumentar a justiça e o conhecimento do Senhor, recebei-o como se fôra o Senhor”.

O. c., c. XI, 1.

TUDO COMO NO EVANGELHO.

56. “Corrigi-vos mutuamente, não com ira, mas de um modo pacífico, como vêdes no Evangelho.
As vossas orações, as esmolas e tôdas as ações, fazei-as como vêdes no Evangelho de Nosso Senhor”.

O. c., c. XV, 3-4.

DIDAKÊ ou “Doutrina dos doze Apóstolos” é o escrito mais antigo que se conserva na Igreja, ao lado dos livros inspirados. Não se lhe conhece o autor. Através de antigos testemunhos e do exame dos 16 capítulos que a constituem, pode-se estabelecer a época de sua composição entre os anos de 70 a 90, isto é, antes ainda que fôsse fechada a revelação com os últimos escritos do Novo Testamento. Tanto mais relevante é o valor deste livrinho, que mostra o pensamento, as preocupações, a prática normal das igrejas apostólicas.

SÃO CLEMENTE ROMANO

Papa de 92 a 101

EM CRISTO, "A INTELIGÊNCIA ABRE-SE COMO FLOR À LUZ".

57. "Esta é a via, caríssimos, em que encontramos nossa salvação, Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote das nossas oblações, o padroeiro e o auxílio de nossa fraqueza.

Por meio d'ele contemplamos a sublimidade dos céus; por meio d'ele vemos como num espelho a imaculada imagem de Deus; por meio d'ele os olhos de nosso coração se abriram; por meio d'ele o nosso intelecto antes curto e obscurecido, desabrocha como flor à luz; por meio d'ele o Senhor quis fazer-nos saborear a sabedoria imortal, porque êle, "sendo irradiação da majestade de Deus, é superior aos Anjos, tanto quanto o nome que herdou eleva-se sobre êles" (*Hebr* 1,3-4).

Epistola ad Corinthios. 36. — PG I. 279 B.

RESPONSABILIDADE.

58. "Notai, irmãos, quanto maior é a sabedoria de que fomos acreditados dignos, tanto maior é o perigo ao qual estamos expostos".

O. c., 41. — PG I. 291 A.

TUDO "ORDENADAMENTE DA VONTADE DE DEUS".

59. "Os Apóstolos foram enviados para levar a boa-nova de Nosso Senhor Jesus Cristo. Jesus Cristo foi enviado pelo Pai. Cristo então vem de Deus e os Apóstolos, de Cristo. Êles pro-

S. CLEMENTE, provavelmente o mesmo de que fazem alusão as Cartas de S. Paulo (*Flp* 4,3), foi o quarto Papa (Pedro, Lino, Cleto, Clemente). Discípulo dos Apóstolos em Roma, segundo Tertuliano foi ordenado pelo próprio S. Pedro. Foi Papa do ano 92 a 101 e, conforme uma antiga tradição bem baseada, morreu mártir. A *Carta aos Coríntios*, único escrito certo de S. Clemente, revela nêle um vigoroso homem de govêrno, um supremo Pastor inteiramente côncio de sua missão sôbre tôda a Igreja e um profundo conhecedor da S. Escritura de que haure tôda a substância de seu escrito. A *Carta aos Coríntios* se compõe de 65 capítulos: tem por objetivo, como já as Cartas de S. Paulo aos Coríntios, restabelecer a paz e a disciplina naquela igreja, sempre um tanto agitada.

cedem portanto ordenadamente da vontade de Deus. Recebido então o seu mandato, convencidos pela Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo e confirmados na fé pela palavra de Deus, com a garantia do Espírito Santo, foram anunciar a boa-nova e a aproximação do reino de Deus”.

O. c., 42. — PG. I, 291 A.

SANTO INACIO MARTIR

Bispo de Antioquia
(de 69 a 107)

COMPLETAMENTO GERAL NO EVANGELHO.

60. “Meu refúgio é o Evangelho, que é para mim como a carne de Jesus, e os Apóstolos que são para mim o colégio presbiteral da Igreja. Amemos também os Profetas, porque também eles preanunciaram o Evangelho, confiaram em Cristo e o esperaram, e na fé nêle encontraram a salvação; unidos estreitamente a Jesus Cristo, santos dignos de amor e admiração, merecem receber o testemunho e serem incluídos no Evangelho da esperança comum.

Se alguém vos explicar o Evangelho no sentido do judaísmo não deveis ouvi-lo”.

Ad Philadelphenses, 5 — PG 5. 699 C.

EXCELÊNCIA DO EVANGELHO.

61. “Os sacerdotes eram dignos de veneração, mas muito mais digno é o Sumo Sacerdote, guarda do Santo dos Santos, único a quem foram confiados os segredos de Deus.

Ele é a porta do Pai pela qual entraram Abraão, Isac, Jacó, os Profetas, os Apóstolos e a Igreja. Tôdas essas coisas têm uma única finalidade: a nossa união com Deus.

O maior documento que nos resta dêsse grande Bispo dos primeiros tempos da Igreja são as *sete cartas*, escritas por êle enquanto era conduzido a Roma como prisioneiro, onde teria recebido o martírio. Essas cartas destinam-se às igrejas de Roma, Éfeso, Magnésia, Tralles (hoje Sultan-Hissar), Filadélfia, Esmirna e ao Bispo desta última cidade, S. Policarpo. São escritos de uma clarividência e de uma fôrça excepcionais, e nos revelam seu autor em caracteres de fogo: devem ser incluídos entre as páginas mais comoventes e mais fortes de tôda a literatura cristã. Daí emerge uma profunda posse e amor à palavra de Deus, um vivo senso da Igreja, uma forte união mística com Cristo. — Inácio foi discípulo dos Apóstolos Pedro e Paulo e foi feito Bispo de Antioquia no ano 69. Exerceu seu fecundo ministério pastoral até o momento do martírio, que teve lugar em Roma, no ano 107, sob o imperador Trajano, muito provavelmente no Coliseu. Consoante sua célebre expressão aos romanos, tornou-se assim “trigo de Cristo, moído nos dentes das feras”. Em tôrno dos restos de seus ossos, transladados para Antioquia, foi imediatamente iniciado o culto que manteve viva a recordação dêsse grandíssimo sucessor dos Apóstolos.

Mas no Evangelho há alguma coisa ainda mais excelente, isto é, a vinda do Salvador, de Nosso Senhor Jesus Cristo, a sua Paixão e Ressurreição.

Os profetas, caros a Deus, preanunciaram-no; mas o Evangelho é o completamento da vida eterna”.

Ad Philadelphenses, 9. — PG 5. 700 C.

CRISTO MESTRE NA PALAVRA E NO SILÊNCIO.

62. “Sòmente um é o Mestre, que disse e foi feito; também as obras que êle fêz no silêncio, são dignas do Pai.

Aquêlê que compreende a palavra de Deus, pode compreender também seu silêncio e chegar assim à perfeição; êle com sua palavra agirá e com o silêncio será conhecido”.

Ad Ephesos, 15. — PG 5. 658 A.

“ADVOGADOS DA MORTE”.

63. “Alguns, por ignorância, o desconhecem, ou melhor é êle que os rejeita porque são advogados da morte, antes que da verdade.

Não foram convencidos pelos Profetas, nem pela Lei de Moisés, nem até agora, pelo Evangelho, nem pelo sofrimento de cada um de nós”.

Ad Smyrnaeos, 5. — PG 5. 711 A.

FORA DA CARIDADE E DA VIDA DA IGREJA NÃO EXISTE VERDADE.

64. “Observai como é contrária ao pensamento de Deus a conduta dos que professam o êrro sôbre a graça de Jesus Cristo, a qual veio até nós. Não se importam com a caridade, nem com a viúva, nem com o órfão, nem com o oprimido, nem com quem está prisioneiro ou livre, nem com quem tem fome ou sede.

Ficam longe da Eucaristia e da oração, porque não querem reconhecer que a Eucaristia é a carne do Nosso Salvador, Jesus Cristo, aquela carne que padeceu pelos nossos pecados e que o Pai, na sua bondade, ressuscitou. Êstes, que negam o dom de Deus, encontram a morte na mesma contestação

dêles. Seria melhor para êles que praticassem a caridade, para depois ressuscitar.

Permaneçei unidos aos Profetas, especialmente ao Evangelho!”

Ad Smyrnaeos, 6-7. -- PG 5. 711 B.

PENSAMENTO DOS BISPOS, PENSAMENTO DE CRISTO,

65. “Jesus Cristo, princípio inseparável de nossa vida, é o pensamento do Pai, mesmo como os Bispos, colocados até nos lugares mais longínquos da terra, são uma só coisa com o pensamento de Jesus Cristo”.

Ad Ephesios. 3. -- PG 5. 647 A.

SÃO POLICARPO

Bispo de Esmirna
(70 - 155)

FÉ, "MÃE DE TODOS NÓS".

66. "Nem eu, nem outro igual a mim poderá alcançar a sabedoria do bem-aventurado e glorioso Paulo, que, quando estava entre vós, diante dos homens do seu tempo, ensinou com tanta exatidão e firmeza a palavra da verdade, e, de longe, escreveu-lhes cartas com a meditação das quais podeis confirmar a fé que vos foi entregue. Esta fé é mãe de todos nós".

Ad Philippenses, 3. — PG 5, 1007 B.

FIRMES NA DOCTRINA PRIMITIVA.

67. "Quem rejeita o testemunho da cruz vem de satanás. Quem perverte as palavras de Deus, adaptando-as aos seus desejos maldosos e nega a ressurreição e o juízo, este é o primogênito de satanás. Portanto abandonando a vaidade do mundo e os falsos ensinamentos, voltemos à doutrina que nos foi confiada desde o início".

O. c., 7. — PG 5, 1011 B.

S. POLICARPO é-nos conhecido sobretudo pela breve *Carta aos Filipenses*, em resposta àquela que eles se apressaram em remeter-lhe durante a passagem de S. Inácio Mártir. A carta, de grande simplicidade, contém uma exortação moral em resposta ao desejo expresso pelos cristãos de Filipos. S. Policarpo fôra eleito Bispo de Esmirna pelos próprios Apóstolos; último dentre os grandes discípulos dos Apóstolos, viu chegar-se-lhe em tórno muitos, desejosos de ouvir o fiel testemunho da primitiva Tradição. Entre esses, um dos mais assíduos, foi S. Irineu, o futuro Bispo de Lião, que conservou grande admiração e fidelidade às recordações e aos princípios da Tradição, tão bem transmitidos em herança pelos Apóstolos aos santos Bispos da Igreja primitiva. — S. Policarpo foi a Roma lá pelo ano de 155, para ter um encontro com o Papa S. Aniceto. Ao retornar ao Oriente, recebeu a coroa do martírio com a idade, ao que parece, de 86 anos.

CARTA A DIOGNETO

(II século)

DOCTRINA NOVA, HOMEM NOVO.

68. "Vamos, purifica antes a ti mesmo de tôdas as razões que prendem o teu intelecto, despoja-te do costume que te engana, transforma-te quase desde o comêço, num homem novo, porque estás ficando discípulo de uma doutrina que, como tu mesmo disseste, ela também é nova.

Observa, não sômente com os olhos do corpo, mas também com a mente".

Epistola ad Diognetum. c. 2. -- PG 2, 1167 C.

O DESÍGNIO DE DEUS NA REVELAÇÃO.

69. "Tendo êle concebido grande e inefável designio, comunicou-o sômente ao Filho. Durante todo o tempo, portanto, em que ocultava no mistério e guardava seu sábio propósito, parecia que não se importasse e não pensasse em nós. Mas, quando por meio de seu Filho amado, revelou e manifestou o que tinha preparado desde o princípio, ofereceu-nos contemporaneamente tudo, de participar de seus benefícios, e de ver e interpretar as coisas, que ninguém de nós nunca teria podido supor".

O. c. c. 8. — PG 2, 1179 A.

O VERBO RENOVA SEMPRE O SEU MAGISTÉRIO.

70. "Quem, verdadeiramente instruído e feito amigo do Verbo, não procurará aprender dum modo claro o que, por meio do Verbo foi claramente mostrado aos discípulos? O Verbo mes-

A carta a Diogneto é um precioso escrito apologético que remonta ao século II. Os 12 lindos capítulos de estilo clássico, dos quais não se conhece o autor, nem tão pouco quem seja Diogneto, o destinatário, respondem algumas questões propostas pelo próprio Diogneto: por quais motivos os cristãos se mantêm separados dos pagãos e dos judeus; qual seja o seu sistema de vida; e por que o cristianismo se é divino como afirma, tenha aparecido tão tarde na história. Respondendo às questões propostas, o autor não só se revela hábil escritor, mas se faz ver profundamente imbuído daquele íntimo sentimento do mistério cristão e daquela clara consciência eclesiástica, que caracterizava tão eficazmente o cristianismo dos primeiros séculos.

mo, aparecendo-lhes, manifestou-o, falando abertamente, não compreendido pelos incrédulos, mas explicando-se aos discípulos, que por êle considerados fiéis, conheceram os mistérios do Pai. Por isso, êle mandou o Verbo para vir ao mundo. E o Verbo, desprezado pelo mundo judaico, ensinado pelos Apóstolos, foi acreditado pelos povos.

Existia desde o princípio e apareceu novo e foi reconhecido antigo, e sempre novo renasce nos corações dos santos. Êle é o eterno, reconhecido hoje como Filho, por meio do qual a Igreja se enriquece, e a graça dilatando-se multiplica-se nos santos, infundindo intellecto, revelando os mistérios, preanunciando os tempos, alegrando-se pelos crentes, e doando-se aos que a procuram, e não quebraram os votos da fé nem ultrapassaram os confins marcados pelos Padres.

Portanto, inaltece-se o respeito da lei, a graça dos Profetas é reconhecida, a fé dos Evangelhos é firmemente baseada, é conservada a Tradição dos Apóstolos e exulta a graça da Igreja.

Se não contristares esta graça, hás de conhecer aquilo que o Verbo explica por meio daqueles que êle quer, quando quer”.

O. e. e. 11. — PG 2. 1183 A.

SÃO JUSTINO, FILÓSOFO, MÁRTIR

(† 165)

ORAÇÃO.

71. “Reza para que te sejam abertas as portas da luz”.

Dialogus cum Tryphone Judæo, 7. — PG 6, 491 C.

É UMA DOCTRINA QUE MERECE O SANGUE.

72. “A nossa doutrina revela-se mais elevada do que qualquer outra doutrina humana, porque veio tôda do Verbo, o Cristo que apareceu para nós, corpo, Verbo e alma.

Tudo o que de bom disseram e revelaram os filósofos e os legisladores, elaboraram-no com dificuldade descobrindo e contemplando parte do Verbo. Mas sendo que nem tudo conheceram do Verbo que é Cristo, muitas vêzes disseram também coisas em contradição entre êles mesmos. . .

Condenaram Sócrates que dizia: “Não é fácil encontrar o Pai e o Criador do universo, e depois de encontrado, não é

S. JUSTINO, o primeiro filósofo cristão, nasceu na Palestina no começo do século II, proveniente de família pagã. Sua vida é assinalada por uma generosa busca da verdade. Ele mesmo conta a sucessiva passagem nas várias escolas dos peripatéticos, dos pitagóricos, dos platônicos, até que não teve, em Cesaréia da Palestina, o famoso encontro com o velho (cuja narrativa se encontra no capítulo 8 do *Diálogo com Trifão*), encontro que lhe abriu a porta à verdade cristã: esta despertou na alma muito bem disposta de Justino tal maravilha, e um tão crescente amor, que desde então o teve todo a seu serviço, como filósofo e defensor, até o supremo testemunho do martírio. As obras de S. Justino são o citado *Diálogo com Trifão*, no qual demonstra a verdade sobretudo por meio das profecias, e as *duas apologias* em defesa dos cristãos, dirigidas, a primeira ao Imperador Antonino Pio e a seu filho Marco Aurélio; a segunda ao próprio Marco Aurélio, o famoso filósofo, feito imperador. Tais escritos devem datar dentre os anos de 150 a 160. — Denunciado pelo filósofo cínico Crescente, Justino sofreu o martírio em Roma, ao que parece no ano de 165. Seu espírito tão reto, tão sincero, ofereceu-se totalmente a Cristo como Mestre, como Verbo. As suas páginas, não ainda perfeitas, mas em muitas partes sublimes e sempre entusiastas e sinceras jamais cessarão de participar seu convite a todo o espírito de boa vontade, para que se dedique com a palavra, com a pena e com a vida à defesa e à manifestação da verdade revelada por Cristo.

sem perigo revelá-lo a todos". Nosso Cristo, porém, resolveu esta dificuldade, com o seu poder.

Ninguém foi persuadido por Sócrates a morrer por aquela doutrina sua, mas no Cristo, conhecido em parte também por Sócrates (porque era o Verbo e é aquêle que está em tudo e que pela boca dos Profetas predisse o futuro, e êle mesmo, quando se fêz Homem como nós, ensinou estas coisas), não somente os filósofos e os letrados creram, mas os operários, e a gente simples, desprezaram opiniões, medo e a morte porque êle é a virtude do Pai inefável e não uma construção da razão humana".

II. Apologia pro christianis. 10. — PG 6. 459 B.

POSSUI UMA TERRÍVEL MAJESTADE.

73. "Considerando no meu íntimo as suas palavras eu reparava que esta era a única filosofia certa e útil.

Se sou filósofo é neste sentido e por esta causa.

Desejaria que todos, entrando em uma ordem de pensamento semelhante ao meu, não se afastassem da doutrina do Salvador.

Esta doutrina de fato possui como uma terrível majestade e é plenamente indicada para mover os que se afastam do verdadeiro caminho. Para os que a meditam, é suavíssimo descanso. Se portanto te preocupas contigo mesmo, se anseias salvar-te e confias em Deus, é possível que chegues a viver feliz: isto, de fato, reentra nas tuas possibilidades: isto logo que tiveres reconhecido Cristo e que fôres introduzido nos seus mistérios"...

Dialogus c. Tr., 8. — PG 6. 491 D.

CRISTO: TERRENO NOVO, BONITO E FÉRTIL.

74. "Lavrai-vos um terreno novo e não semeai entre os espinhos" (*Jer 4,3*). Conheci Cristo! e eis o vosso terreno novo, terreno bonito e fértil nos vossos corações".

Dialogus c. Tr., 28. — PG 6. 535 B.

SÃO TEÓFILO

Bispo de Antioquia
(† depois de 180)

ÚNICO PROCEDIMENTO COM O MESTRE: ENTREGA TOTAL.

75. “Qual é o doente que poderá adquirir a saúde se não se entrega a um médico? Ou também: qual arte, qual disciplina é possível aprender, se não se põe totalmente nas mãos de um mestre? Portanto: se o agricultor confia-se à terra, se o marinheiro ao barco, se o doente ao médico: não quererás entregar-te a ti mesmo a Deus, do qual recebeste provas tão claras e tão numerosas?”

Aut. Autolyceum. III. 1. 8. PG 6. 1038 A.

A VERDADE NAS MARAVILHOSAS ILHAS DA IGREJA.

76. “Como o mar se não tivesse continuamente a contribuição dos rios e das fontes, desde há muito tempo teria secado e acabado totalmente pela salinidade, assim o mundo; se não tivesse recebido a lei de Deus e os Profetas, dos quais nascem e brotam a mansidão, a misericórdia, a justiça e a doutrina dos santos mandamentos de Deus, a esta hora, já teria desaparecido pela sua iniquidade e pelo amontoar-se dos seus pecados. E como no mar há ilhas habitáveis, ricas de água salubre, frutíferas, com portos e estações que são a salvação dos que se encontram na tempestade; assim Deus ao mundo flutuante e arquejante pelos pecados, deu lugares de reunião, isto é, santas igrejas nas quais, semelhantes aos portos das ilhas acessíveis, conserva-se a doutrina da verdade, em que se refugiam os que procuram a salvação, os que se tornaram amantes da verdade e desejam afastar-se da ira e do juízo de Deus.

Dêste antigo Bispo escritor, restam-nos poucas notícias certas. Oriental, nascido perto do Eufrates, recebeu todavia uma finíssima educação grega. Converteu-se com a leitura da Bíblia. Foi Bispo de Antioquia depois de 169 e viveu ao menos até o ano de 180, porque dessa data êle faz alusão nos seus escritos. Escreveu muito: entre outros, comentários ao Livro dos Provérbios e aos Evangelhos. Mas as vicissitudes do tempo nos fizeram chegar só a sua obra apologética *A Autólico*, em três livros. É quanto basta para nos revelá-lo não só como um santo Bispo, atento na defesa de seu rebanho, e na comunicação da verdade cristã, mas a nos fazê-lo estimar como escritor elegante, de cultura muito vasta e de pensamento original. Crê-se que sua apologia tenha sido escrita pelo ano de 180.

Do mesmo modo também, como existem outras ilhas completamente rochosas e sem água, sem vegetação, cheias de animais ferozes e são inabitadas, que se levantam para a perdição dos marinheiros e dos que naufragaram; rochedos contra os quais destroçam-se os navios e perecem os que lá querem habitar, da mesma forma existem doutrinas erradas, quero dizer as heresias, das quais quem se aproxima inevitavelmente morre. Elas não seguem o farol da palavra da verdade; mas, como os piratas, depois de terem carregado os navios, levam-nos contra os referidos rochedos para que se percam, assim acontece aos que se desprendem da verdade; são destruídos pelo erro”.

Ad Autolyeum, lib. II, 14. — PG 6, 1075 A.

SANTO IRINEU

Bispo de Lião
(† 202)

FIRME OPOSIÇÃO A QUEM RECORTA AS ESCRITURAS.

77. “A êste, único que até agora teve abertamente a ousadia de recortar as Escrituras e se opor a Deus mais descaradamente do que qualquer outro, opor-nos-emos de forma direta, atacando-o com seus mesmos escritos; e com o favor de Deus o demoliremos com as palavras do Senhor e dos Apóstolos que êle conserva e das quais se serve.

Agora tivemos necessariamente de mencioná-lo, porque saibas que todos os que de algum modo adulteram a verdade e ofendem a doutrina da Igreja, são discípulos e sucessores de Simão Mago, o Samaritano.

Para seduzir o próximo, não colocam à frente o nome des-

A primeira notícia sobre este insigne Bispo das Gálias, no-lo apresenta sacerdote da diocese de Lião (então governada por S. Fotino), em viagem para Roma, levando uma carta da Igreja de Lião ao Papa S. Eleutério, no ano de 177. — S. Irineu nascera na Ásia Menor (por volta de 130?); fôra assíduo freqüentador dos discípulos imediatos dos Apóstolos, especialmente de S. Policarpo. Deus destinava-o a transmitir na Igreja por todos os séculos o vivo senso inicial da unidade da Igreja e da Tradição apostólica. Transferira-se para as Gálias muito provavelmente como missionário apostólico. — Ao retornar de Roma, após a viagem mencionada (entretantes S. Fotino morria mártir) foi elevado à sede episcopal de Lião. Sua obra principal foi a de estender a fé na região que administrava: tarefa que efetuou com atividade incansável. S. Irineu interveio ainda, ao lado do Papa, na disputa sobre a data pascal, surgida entre Roma (Papa S. Vitor) e o Oriente. Êle desempenhou papel de santo intermediário. Mas o apostolado secular de S. Irineu através de seus escritos (*Exposição da verdade cristã*, cartas, homilias) e especialmente nos cinco livros do *Adversus Haereses*, é o de ter-se feito dique contra a heresia, com os sólidos princípios da revelação cristã. Êle foi o martelo da primeira grande heresia nascida para perturbar a Igreja: o gnosticismo. Em tal escrito êle exprime com tanto vigor e clareza os princípios doutrinários sobre a Igreja, sobre o primado romano e sobre o valor indispensável e irremovível da Tradição apostólica, que as heresias de toda espécie, dado a força deste testemunho tão claro, tão antigo e por isso tão válido, encontrarão sempre, em S. Irineu, um obstáculo intransponível. Não admira que as relíquias de S. Irineu, cuidadosamente conservadas na igreja de Lião, tenham sido dispersas pelos calvinistas em 1562. A fiel igreja de Lião as havia conservado até então, desde 202, data do martírio desse glorioso Pastor da Igreja.

se seu mestre; mas de fato ensinam as suas sentenças; sim colocam à frente para provocar, o nome de Cristo Jesus, mas depois, introduzindo de modo vário a impiedade de Simão, matam muitos, difundindo malamente as suas opiniões através do Nome bom e oferecendo-lhes, por meio da doçura e da honra dêsse Nome, o amargo, o mortífero veneno da serpente, príncipe da apostasia”.

Adversus haereses, lib. I. c. 27. 4. — PG 7. 659 B.

QUATRO EVANGELHOS COMO QUATRO COLUNAS DA IGREJA.

78. “São quatro as partes do mundo em que nos encontramos; quatro são os ventos principais; e a Igreja está espalhada sôbre tôda a terra; e sendo que a coluna e a base da Igreja é o Evangelho e o Espírito de vida: é lógico que a Igreja tenha quatro colunas, que insuflam por tôda a parte incorruptibilidade e vivifiquem os homens.

Assim: o Verbo, artífice de tudo, que se assenta sôbre os Querubins e contém em si tudo, manifesto aos homens, deu-nos o quadriforme Evangelho, penetrado por um único Espírito”.

Adversus haereses, lib. III. c. 11. 8. — PG 7. 885 A.

O ANTIGO TESTAMENTO ESCLARECIDO EM CRISTO.

79. “Quem lê com atenção as Escrituras, encontrará que nelas se fala de Cristo, e que nelas é prefigurada a nova vocação. É mesmo isto o tesouro escondido no campo, isto é, neste mundo (“o campo é o mundo” *Mt 13,38*): o tesouro é Cristo, escondido nas Escrituras, em que era figurado por meio de tipos e figuras.

É claro que tudo isto não pode ser compreendido pela inteligência humana, até que o que devia se completar não tenha chegado a completar-se: a vinda de Cristo. Por isso, dizia-se ao Profeta Daniel: “Fecha as palavras, sigila o livro até o tempo determinado; muitos procurá-lo-ão e aumentará a compreensão. E acabada a dispersão, terão conhecimento de tudo” (*Dan 12,4*). Assim também Jeremias tinha dito: “São coisas que se compreenderão nos últimos dias” (*Jer 30,24*).

De fato, tôda a profecia, antes que tenha efeito, resulta aos homens um enigma, coisa ambígua. Mas quando chega o tempo, e realiza-se tudo o que fôra anunciado, então as profecias têm explicação fluente e certa de tudo: explicação que se refere à vinda do Filho de Deus sob forma humana. E, quando então é lida pelos cristãos, é verdadeiramente como

o tesouro escondido no campo, que é colocado na justa luz e explicado pela cruz de Cristo, que enriquece o sentido humano, e manifesta a sabedoria de Deus, fazendo conhecer o que êle estabeleceu em favor dos homens e incrementando o reino de Cristo, e preanunciando a herança da santa Jerusalém, e fazendo logo conhecer que o homem que ama a Deus será por êsses feitos, tão glorioso, que os outros não poderão mais fixá-lo, como também dissera Daniel: "Os que compreendem, resplandecerão como a limpidez do céu, e muitos justos se transformarão em estrélas do céu pelos séculos e além" (*Dan* 12,3).

Como portanto dissemos, quem lê as Escrituras (porque Cristo depois da ressurreição da morte assim se uniu aos discípulos para lhes demonstrar com as Escrituras mesmas que "era necessário que o Cristo sofresse e assim entrasse na sua glória, que se pregasse o perdão dos pecados em seu nome, por tôda a parte" (*Lc* 24,46-47), quem lê as Escrituras neste sentido, será consagrado discípulo; será "semelhante ao pai de família que do seu tesouro sabe tirar coisas novas e antigas" (*Mt* 13,52).

Adversus hæreses, lib. IV. c. 26. 1. — PG 7, 1052 B.

A VERDADE REVELADA, GARANTIDA NA SUCESSÃO DA IGREJA DOS APÓSTOLOS.

80. "A Igreja alimenta tais presbíteros, dos quais o Profeta já dizia: "Colocarei os teus príncipes na paz, e os teus Bispos na justiça" (*Is* 60,17). Também dêles o Senhor dizia: "Qual será o servo fiel, bom e sábio que o Senhor coloca como chefe de sua família, para alimentá-la a seu tempo? Bem-aventurado aquêle servo que o Senhor, chegando, encontrar agindo desta forma" (*Lc* 12,42-43). É dêstes, lá onde se encontram, que Paulo ensina: "Deus colocou na Igreja antes os Apóstolos, em segundo lugar os Profetas, em terceiro lugar os Doutôres" (*1 Cor* 12,28). Por isso, onde são colocados os carismas de Deus, é aí que precisa aprender a verdade, onde há a sucessão da Igreja dos Apóstolos, onde se consta o modo são e irrepreensível de vida e a entrega inadulterada e incorruptível da palavra. Êstes de fato levam a crer no amor ao Filho de Deus, que estabeleceu tantas coisas para nós e nos expõem, sem perigo algum, as Escrituras: expõem-nas sem blasfemar a Deus, sem desonrar os Patriarcas, sem desprezar os Profetas".

Adversus hæreses, lib. IV. c. 26. 5. — PG 7, 1055 C.

A LUZ DE CRISTO CONSIGNADA À IGREJA.

81. “Certamente a pregação da Igreja é verdadeira e firme, de tal modo que em todo mundo é indicada uma única e idêntica via de salvação. A ela foi entregue a luz de Deus; e é por isso que a sabedoria de Deus, com que salva todos os homens, “é exaltada nas encruzilhadas, opera livremente nas praças, é ensinada sôbre os altos muros e se faz ouvir incessantemente nas assembléias das cidades” (*Prov. 1,20-21*). A Igreja de fato prega a verdade por tôda a parte: e esta é a sua lâmpada: ela leva consigo a luz de Cristo”.

Adversus hæreses, lib. V, c. 20, 1. — PG 7, 1177 B.

“ALIMENTAR-SE NAS ESCRITURAS” NO SEIO DA IGREJA.

82. “Os que deixam a doutrina da Igreja, acusam de incapacidade os santos presbíteros, sem considerar que vale muito mais um bom religioso inculto do que um blasfemo e impudente sofista. Assim são todos os hereges e todos os que julgam saber um pouco mais do que a verdade; seguem tudo o que mencionamos, seguem por caminho diferente, de diferente índole, sem firmeza; gente, que diante das mesmas coisas, não consegue manter o mesmo pensamento, conduzidos aqui e ali como cegos guiados por cegos; e que portanto, justamente caem no escondido abismo da ignorância, “sempre procurando e nunca possuindo a verdade” (*2 Tim 3,7*).

É preciso, por isso fugir suas sentenças e alertar-se para não se tornar vítimas dêles; é preciso, ao invés, aproximar-se da Igreja e no seu seio deixar-se educar, e alimentar-se nas Escrituras do Senhor. Porque a Igreja é plantada como o Paraíso neste mundo: “comereis portanto de tôda a espécie de árvore que está no Paraíso” (*Gên 2,16*), diz o Espírito de Deus; isto é, vos nutrireis de tôda a Escritura de Deus; porém não vos alimenteis dela com espírito soberbo, e não toqueis em nada da completa dissensão herética. Não toqueis porque êles afirmam que conhecem o bem e o mal; e sôbre Deus, que os criou, lançam seus ímpios achados. Sentem, portanto, além da medida certa de sentir. Por isso, o Apóstolo já dizia: “Não saber mais do que é necessário saber, mas saber com prudência” (*Rom 12,3*), para que não aconteça que alimentando-nos dêsse seu conhecimento, que trai a medida da sã sabedoria, não sejamos expulsos do Paraíso da vida, em que Deus introduz os que ouvem o seu preceito”.

Adversus hæreses, lib. V, c. 20, 2. — PG 7, 1177 C.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Mestre do Didascaléion
(150 - 216)

FRUTO DA ESCRITURA: PURIFICAÇÃO DA VIDA.

83. “Sendo que a vida feliz nos é apresentada por preceitos, é indispensável que nós todos para conseguí-la, não compreendamos mal nada daquilo que foi dito, nem desvalorizemos qualquer parte, mesmo mínima, de tudo o que foi escrito.

Um dos mais interessantes frutos da força conquistadora da “palavra de Deus” foi o aparecimento, no século II, da famosa escola catequética de Alexandria, o Didascaléion. Alexandria do Egito era um dos maiores centros culturais do Império Romano e sede da mais famosa biblioteca do tempo. Depois que S. Marcos Evangelista aí fundou a Igreja, a palavra de Deus, desceu profundo e depois amadureceu de um modo tão feliz ao ponto de investir a cultura greco-romana em uma de suas mais ativas sedes. Na história cristã, Alexandria, sobretudo com seus S. Atanásio e S. Cirilo, será um grande farol luminoso. Mas entre a semente preciosa de S. Marcos e a esplêndida colheita dos santos Atanásio e Cirilo, haverá o precioso crescimento através da Escola, onde brilharão os nomes de S. Panteno, de Clemente Alexandrino e de Orígenes. — De S. Panteno (a “abelha da Sicília”), não nos chegaram escritos. Ao invés, Clemente, seu discípulo e sucessor na direção da Escola, é um grande escritor. Crê-se que tenha nascido em Atenas pelo ano de 150. Como S. Justino, converteu-se na generosa busca da verdade, que o levou através da Itália, da Síria, da Palestina, até chegar à Escola de Panteno na Alexandria. Aí o seu pensamento e a sua vida encontraram o objetivo desejado. Subiu a cátedra do Didascaléion por volta do ano de 200. Desencadeada a perseguição de Septímio Severo, a Escola foi fechada (203) e Clemente refugiou-se na Ásia Menor, onde parece ter vivido até o ano de 216. Afora a seleta bíblica das *Hypotyposes* e a belíssima homília “*Qual rico se salvará?*”, a obra de Clemente se desenvolve através de uma trilogia que, nascendo em um ambiente de grande cultura, queria ser como a ponte entre o pensamento grego e o cristão e ao mesmo tempo um grandioso monumento a Cristo na sua sublime realidade de “único Mestre”. — Já todos os escritores precedentes, especialmente S. Justino e S. Irineu, tinham apresentado o “Mestre” em termos entusiásticos e profundos: então Clemente queria desenvolver-lhe o conceito por completo e apresentá-lo em forma dinâmica na sua grande trilogia: 1. *Protréptico* aos gregos (Cristo, nôvo Orfeu, que com o fascínio de suas palavras, cativa os homens); 2. *O Pedagogo* (Cristo, pedagogo, isto é, disciplinador e construtor da vida humana); 3. *O Didáscalo* (o Mestre, aperfeiçoador do homem até ao

Devemos, ao invés, deixar-nos conduzir aonde vai o Verbo: porque se nos afastarmos d'êle, acontecerá inevitavelmente que acabaremos em algum mal eterno.

Mas se seguirmos a divina Escritura, pela qual entram os que crêem para se tornar semelhantes a Deus, conforme as possibilidades concedidas ao homem, então não se pode viver indiferentemente: precisa se purificar, com tôdas as fôrças, dos prazeres e desejos maus, precisa cuidar sèriamente da alma e perseverar ao lado de Deus só".

Stromatum lib. II, c. 5. — PG 8, 1146 C.

A VERDADE GREGA E A "VERDADE" DO FILHO DE DEUS.

84. "Como muitos homens que movimentam um navio não podem dizer-se muitas causas, mas uma única causa que resulta de muitos elementos, enquanto que cada um d'êles não é a causa pela qual o navio anda, mas o é juntamente com os outros; assim também a filosofia, sendo busca da verdade, contribui para o conhecimento da verdade, não como causa única da compreensão, mas causa e cooperadora, junto com outros elementos, ou, se quisermos, causa "concausativa".

Assim também: como a felicidade é uma e resulta de muitas virtudes; e ainda: como para se aquecer tem valor o sol, o fogo, o banho, a roupa, assim também acontece com a verdade: sendo uma, existem muitos elementos que servem para a sua conquista: não pode, porém, ser encontrada sem o auxílio do Filho (de Deus).

Exemplifiquemos ainda mais: se bem considerarmos, a virtude potencialmente é unitária, mas acontece que, especifi-

grau máximo do conhecimento, isto é, até à conformação com Deus). Idéia grandiosa, bem explanada nas duas primeiras obras e não levada ao grau de clareza e de precisão talvez por êle querida, na terceira obra, intitulada *Stromatos* (ou tapeçaria). É, todavia, a terceira obra, conquanto em meio de inevitáveis confusões, uma grande fonte de cultura, de idéias, de esplêndido otimismo cristão. Não estava ainda ajustada na sua profundidade e nos seus termos a doutrina trinitária e cristológica da Igreja. Esta síntese sôbre o "Mestre" era, por isso, em certo sentido prematura. Insistir sôbre senões desta obra foi necessário, em tempos antigos, para d'êles guardar-se. Retomar a visão otimista e cultural de Cristo Mestre, que sobressai com tamanhos horizontes em Clemente de Alexandria, poderá ser útil tarefa para quem estuda, em nossos tempos, Cristo como Mestre. Clemente, de sua antiga e nobre cátedra, continuará a dar a sua luminosa contribuição.

cando-se nas coisas, em algumas chama-se prudência, em outras temperança, em outras magnanimidade, ou também justiça. Assim com a verdade: ela é uma, mas na geometria é verdade geométrica, na música é musical, e na reta filosofia é a filosofia grega; a verdade, porém, aquela autêntica e completa, é uma só: a que não pode ser alcançada por ninguém, e que nos foi ensinada pelo Filho de Deus. . .

Por isso, a verdade grega, também se teve o mesmo nome de "verdade", todavia distingue-se muito da nossa, seja pela grandeza dos conhecimentos, seja pela evidência da demonstração, seja pela intrínseca virtude divina, como também por outros elementos.

Porque nós somos ensinados por Deus, nós que temos aprendido realmente as Escrituras Sagradas com o Filho de Deus: e é por isso que eles não podem comover as almas como nós, mas somente com método e disciplina completamente diferente".

Stromatum lib. I, c. 20. — PG 8, 814 B.

NAS SAGRADAS ESCRITURAS: TRANSFORMAÇÃO NA IMAGEM DO MESTRE.

85. "Como quem se entrega ao magistério de Isômaco torna-se agricultor, quem vai com Lampsaco torna-se navegador, quem se entrega a Caridemos torna-se comandante; de Simão aprende-se a equitação, de Perdice como se vende, de Crábulo a arte de hospedar; com Demóstenes torna-se orador, com Homero poeta, com Pirro intrigante, com Arquelau dançarino, com Crisipo dialético, com Aristóteles físico, com Platão filósofo: assim também quem obedece ao Senhor, e por meio d'ele segue as Escrituras que nos foram entregues, transforma-se plenamente na imagem do Mestre: chega a viver como Deus na carne. Mas esta altura não podem conseguir os que não seguem Deus que conduz: e ele conduz pelas Escrituras divinamente inspiradas".

Stromatum lib. VII, c. 16. — PG 9, 539 C.

BELJO SÔBRE A ORELHA.

86. "Os que pervertem a casta audição da fé com muitas fantasias, acabam ficando surdos à verdade e inúteis; e caem por terra. Assim, não é sem motivo que dizemos às crianças que beijem os amigos agarrando-se às suas orelhas, com isto significando tácitamente que o sentido do amor comunica-se pelo ouvido. Ora, Deus é amor, que se faz conhecer aos que o amam; do mesmo modo que, sendo fiel, entrega-se aos que são fiéis na disciplina; portanto é necessário que nós perma-

neçamos unidos a êle intimamente pelo divino amor, na contemplação como de semelhante a semelhante, escutando as palavras de verdade com pureza e longe do êrro, como as crianças que ficam a ouvir-nos”.

Stromatum lib. V, c. 1. — PG 9, 27 B.

UNIDADE DA ESCRITURA NA UNIDADE DA IGREJA.

87. “Os que constroem ensinamentos ímpios e os passam aos outros, e não usam retamente as palavras divinas, mas sim de um modo perverso, não entrarão no reino dos céus, e não permitirão aos que vão enganando que cheguem à verdade. Assim êles, que não possuem a chave para entrar, mas uma chave falsa, ou, como costuma-se dizer, uma chave contrária, com a qual não entram como nós, tirando o véu através da Tradição do Senhor, mas procuram entrar cavando uma passagem ou ocultamente abrindo uma brecha no muro da Igreja, tornam-se com a transgressão da verdade, príncipes e guias de mistérios ímpios. Não é nada difícil demonstrar o fato de que êles se tenham organizado muito mais tarde do que a Igreja Católica. . .

Sendo assim as coisas, é claro que se separaram da antiga e verdadeira Igreja, e assim também os que são posteriores a êles; nasceram como novidade com o passar dos anos estas heresias, que levam marca adulterina.

Disto que foi dito, parece-me claro que uma é a verdadeira Igreja, a que é realmente antiga, em cujo catálogo estão inseridos os que são justos conforme o desígnio (de Deus). Havendo um só Deus, e sendo um só o Senhor, é portanto sumamente venerável o que há em si mesmo louvor de unidade e que é imitação do princípio, que é uno. Por isso está incluída na herança do Uno a Igreja que é una, aquela que as heresias pretenderiam fracionar na multiplicidade.

Portanto, na essência e no pensamento e no princípio e na excelência dizemos que uma só é a antiga e católica Igreja, que vive na unidade de uma única fé, que resulta de dois Testamentos, ou melhor, do Testamento que é uno mas apropriado às diversas idades da história, durante as quais Deus, por sua vontade, através de um único Senhor, reúne os que são escolhidos, os que Deus predestinou, tendo-os previsto justos antes da constituição do mundo.

Doutro lado, também a grandeza da Igreja, como base de construção, vem tôda da unidade, com a qual supera as outras coisas, e nada há que seja semelhante ou igual a ela”.

Stromatum lib. VII, c. 17 — PG 9, 546 C. — 551 A.

TERTULIANO

(150 - 240?)

ABSORÇÃO DA PALAVRA.

88. “A palavra fêz-se carne: é de se desejar, por amor da vida, devorar-se com o ouvido, ruminar-se com o intellecto, digerir-se com a fé”.

De resurrectione carnis, c. 37, — PL 2. 894 A.

ARTIFÍCIO E VERDADE.

89. “(Os hereges) têm um certo artifício, pelo qual persuadem antes de ter ensinado. A verdade, ao invés, persuade manifestando-se, na sua simplicidade, sem um especial revestimento”.

Adversus Valentinianos, lib. I, c. 1. — PL 2. 579 A.

QUINTO SEPTÍMIO FLORENTE TERTULIANO nasceu na África, em Cartago, pelo ano 150, de família pagã: o pai era centurião da legião pro-consular. Um excepcional temperamento e uma formação clássica e doutrinal esplêndida, fazem de Tertuliano um dos escritores mais fortes e mais incisivos de todos os tempos. Ele foi chamado o criador da língua teológica latina, e é ainda hoje um grande mestre. Sua educação, todavia, não fôra cristã; êle se converteu pelo ano de 195, depois dos quarenta anos: tanto mais notável a profundidade de pensamento e a extrema exatidão de expressão que êle alcançou no campo doutrinal. Fôra jurisconsulto e o longo e subtil exercicio da palavra e da pena, ficou-lhe sendo instrumento precioso em defesa da fé católica. Provavelmente foi sacerdote: mas seu temperamento, um tanto extremista, seu rigorismo misto de iluminismo, tornou-lhe difficil o justo equilíbrio da disciplina e da obediência eclesiástica e no ano 206 começou a se aproximar da seita de Montano, para se afastar desdenhosamente da Igreja, no ano de 213. Terminou por se tornar chefe, em Cartago, de uma seita cujos últimos adeptos foram reconduzidos à Igreja, dois séculos depois, por S. Agostinho. Tertuliano teve uma produção excepcional, que se ressentia, como é natural, das diferentes fases pelas quais passou a sua fé: esplêndida, em todo caso, sua obra de apologeta católico, com 14 escritos que a distinguem, dentre as quais sobressaem o *Apológico*, grande obra prima, a *Prescrição dos hereges*, a *Oração* e a *Penitência*. Outras 12 obras pertencem ao período semi-montanista do autor (206-212). Menor e mais fatigada é a obra de Tertuliano, definitivamente montanista. Este habilíssimo e altivo combatente da pena, de quem nos entristece o desvio herético que lhe desequilibrou a vida, está, porém, sempre vivo na memória da Igreja, que se valeu e se vale com veneração, de seus escritos, tão eficazes na defesa da

RENOVAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO.

90. “Jesus Cristo, Nosso Senhor, a nós, discípulos do Novo Testamento, deu uma nova forma de oração. Mesmo sob êste aspecto era preciso pôr vinho novo em odres novos e aplicar pano novo em veste nova (cf. *Mt* 9,16-17). De resto, tudo que existira antes, ou foi mudado, como a circuncisão, ou suprido, como o resto da lei, ou realizado, como a profecia, ou aperfeiçoado como a mesma fé. Tôdas as coisas carnis foram espiritualmente renovadas pela nova graça, com a chegada do Evangelho, expulsor de todo o sentido da passada velhice”.

De oratione, c. 1. — PL 1, 1252 A.

AI DE QUEM ACRESCENTA E DE QUEM TIRA!

91. “Adoro a plenitude da Escritura, com a qual se me manifestam o Criador e suas obras. No Evangelho, além disso, encontro a própria Palavra, ministra e árbitra do Governante. Nunca porém se me foi dado ler, que Deus tenha feito as coisas, servindo-se de alguma matéria preexistente. A oficina de Hermógenes, explique-nos onde isso está escrito. Mas se não está escrito, tenha mêdo daquele “Ai!” ameaçado tanto a quem acrescenta como a quem tira” (cf. *Apc* 22,18-19).

Adversus Hermogenem, c. 22. — PL 2, 242 B.

AUTÊNTICA SELEÇÃO DIANTE DA VERDADE.

92. “Que há de semelhante e de comum entre o cristão e o filósofo? Entre um discípulo da Grécia e um aluno do céu? Entre quem olha o nome e a fama terrena e quem aspira conquistar a verdadeira vida? Entre quem se sacia de palavras e quem se baseia na realidade dos fatos? Entre quem procura e quem destrói? Entre quem é sequaz e quem é adversário do êrro? Entre quem falseia e estraga a verdade e quem, ao invés, completa-a, reforça-a e a demonstra? Que podem ter de comum os que procuram esconder, tirar o ver-

fé e na exaltação da palavra divina! — S. Cipriano lia-lhe os escritos, todos os dias; mil e quatrocentos anos depois, um outro grande Bispo, Bossuet, encontrará em Tertuliano vigor e profundeza que o auxiliarão a se tornar um dos maiores oradores e escritores do cristianismo. S. Jerônimo diz que Tertuliano chegou à extrema velhice, mas não se sabe o ano de sua morte.

dadeiro e quem, ao contrário, vela pela conservação e pela salvação da verdade mesma?”

Apologeticus adversus gentes, c. 46. — PL 1, 580 A.

NASCE UMA IGREJA COM A PARTICIPAÇÃO
DE UMA IDÊNTICA DOCTRINA.

93. “Integrado o Colégio Apostólico com Matias (escolhido pela sorte ante a autoridade de uma profecia dos Salmos de Davi), conseguida a fôrça prometida pelo Espírito Santo, para agir e falar, antes do mais intimaram a fé em Jesus Cristo e estabeleceram igrejas pela Judéia, depois, saindo pelo mundo, promulgaram pelas nações a mesma doutrina de uma fé idêntica e assim fundaram em tôdas as cidades as igrejas das quais tôdas as outras hauriram a geração da fé e a semente de doutrina, como a recebem todos os dias as igrejas novas, precisamente para serem igrejas: dêste modo, elas também passam a ser apostólicas, como filiadas às igrejas dos Apóstolos. Portanto, temos muitas e insignes igrejas: mas é una, aquela que remonta aos Apóstolos e da qual provém tôdas”.

De præscriptionibus, c. 20. — PL 2, 37 A.

ORÍGENES

Mestre do Didascalion
(185-255)

PRECISA REZAR PARA QUE SE ABRA A ESCRITURA.

94. “Tomemos cuidado para que não se tenha o véu sobre o coração, não somente quando se lê Moisés, mas também quando se lê São Paulo. E é evidente: se ouvimos com ne-

ORÍGENES nasceu em Alexandria, pelo ano de 185. Seu pai, S. Leônidas, que o teve como um verdadeiro tesouro de Deus, iniciou-o desde pequenino nas Escrituras, que serão o digníssimo campo de seu alto ensinamento. Orígenes mostrava tal precocidade de inteligência e de amor à palavra de Deus, que o pai, enquanto o pequeno dormia, descobria-lhe o peito e o beijava como habitação do Espírito Santo. Quando o pai foi feito prisioneiro, o pequeno Orígenes lhe escreveu, exortando-o ao martírio. — Assumiu a cátedra catequética em substituição a Clemente Alexandrino, aos 18 anos de idade. Entre as vicissitudes de perseguições e de lutas espirituais, chegou a um tal desenvolvimento de ascetismo que o levou a exagerações contra si mesmo. Nunca cessou de informar-se amplamente e de aprofundar a revelação. Em 212 visitou a “antiquíssima Igreja dos Romanos”, visitou a Grécia, a Síria, a Palestina, a Arábia. No ano de 218 começou sua grande obra de escritor e essa foi de tal continuidade e abundância que um de seus alunos, o rico Ambrósio, colocou-lhe à disposição toda uma organização de estenógrafos e copistas. A fama de Orígenes difundiu-se rapidamente por toda a Igreja. Em 230, na Palestina tinha sido ordenado sacerdote: mas isso, ao seu retorno ao Egito, havia-o exposto a uma penosa luta, que tinha terminado por constrangê-lo a sair do Egito, e o tinha levado a abrir uma outra escola, tornada celeberrima, em Cesaréia da Palestina. Por uma vintena de anos ele ensinou nessa escola. Aí teve famosos discípulos, entre os quais, S. Gregório Taumaturgo. Durante a perseguição de Décio, sofreu vários tormentos por causa da fé. Sobreviveu ao martírio e morreu em Tiro em 255. — A obra de Orígenes é colossal em volume, variedade e genialidade. No campo bíblico abrange imensos trabalhos críticos (Hesapla etc.) e exegéticos (de uma extensão infinda); seguiu-se o grande trabalho teológico intitulado *Peri Archon* (Dos princípios) em quatro livros: uma das obras mais discutidas durante as lutas doutrinárias dos séculos sucessivos. Depois vem o trabalho apologético *Contra Celsum* e enfim escritos ascéticos como *De Oratione* e *Exhortatio ad martyrium*. A correspondência de Orígenes foi quase toda perdida. Em torno de seu nome e de sua obra (sobretudo do *Peri Archon*) acendeu-se uma longa e dura luta: ver-se-ão homens do calibre de um S. Jerônimo, fervorosos admiradores e tradutores de suas obras, a defenderem-se a todo custo da tacha de “origenismo”. É que a obra deste sumo escritor não foi imune de de-

gligência, se não temos interêsse para nos instruir e para compreender, pode ficar coberta como de um grande véu não só a Escritura da lei e dos Profetas, mas também a dos Apóstolos e dos Evangelhos.

Eu, aliás, às vêzes tenho mêdo de que pela demasiada negligência e obtusidade de coração, os divinos volumes não só nos permaneçam cobertos com um véu, mas sejam até mesmo fechados e sigilados. Portanto não só é necessário que consagremos o nosso estudo em aprender as Escrituras Sagradas mas é também necessário suplicar a Deus, e insistir dia e noite, para que o Cordeiro da tribo de Judá apareça, e tomando o livro sigilado, se digne abri-lo. Ele é, de fato, quem abre as Escrituras, e abrindo-as acende os corações dos discípulos, até o ponto de fazer-lhes dizer: “Mas não ardia o nosso coração dentro de nós, quando nos abria as Escrituras?” (*Lc 24,32*).

In Exodum. hom. 12. 4. — PG 12. 385 C.

PALAVRA COMO VERME QUE RÓI.

95. “Alguém poderá objetar: — Dizes que o maná é a palavra de Deus: porque então cria vermes?

E respondo assim: os vermes poderiam vir mesmo da palavra de Deus. E eis de que modo. Jesus disse: “Se eu não tivesse vindo e não tivesse falado a êles, não teriam pecado” (*Jo 15,22*). Daí se infere que se alguém peca depois de ter recebido a palavra de Deus, é a mesma palavra que nêle se transforma em verme, que sempre rói na sua consciência, e corrói lá no recôndito do seu peito”.

In Exodum. hom. 7. 6. — PG 12. 347 B.

feitos e de erros, que na gradual obra de determinação da fé cristã e de seus têrmos deviam ser diligentemente evitados: de um lado portanto operava contra Orígenes o vigilante cuidado da Igreja na defesa da verdade, tarefa que precede tôdas as possíveis considerações humanas: mas doutro lado intervinha também uma certa exagerada afoiteza de homens que, por um zêlo levado um pouco além do necessário, levaram injustamente o nome de Orígenes a símbolo de heresia. A Igreja está no justo equilibrio: e sem aceitar os pontos imprecisos ou errôneos de seu imenso trabalho, alegra-se secularmente com sua obra de excepcional valor, colocando-o sempre entre seus maiores filhos. Na Encíclica “Providentissimus Deus”, sôbre os estudos bíblicos, o Papa Leão XIII exaltava ainda Orígenes, elogiando a “viva penetração de seu espírito e os ininterruptos trabalhos realizados” e afirmando que “nas suas numerosas obras e nos seus imensos “Hesaplos” beberam quase todos os seus sucessores”.

DIZER "BEM": MESTRE!

96. "Consideremos a proposta do tentador: "Mestre, qual é o maior mandamento da lei?" (Mt 22,36). — Dizia "mestre" com a intenção de tentar; não dizia essa palavra como discípulo de Cristo. E a diferença tornar-se-á mais clara com isto que vamos dizer.

Pensa: o pai é pai de seu filho, e ninguém o pode propriamente chamar pai senão seu próprio filho; e a mãe é mãe da sua filha, e nenhuma outra além desta a poderia propriamente chamar mãe. Assim o mestre: ele é mestre de seu discípulo e o discípulo é discípulo do seu mestre: por isso, não há quem possa dizer bem "mestre", se não fôr seu próprio discípulo. E repara: é exatamente por isso (pelo motivo que não todos os que dizem "mestre", o dizem bem, mas só os que têm real disposição para aprender dêle), que dizia aos seus discípulos: "Vós me chamais Mestre e Senhor, e *dizeis bem*, porque eu o sou". Os discípulos de Cristo portanto lhe diziam mestre "bem", e, aceitando a sua palavra, chamam-no bem Senhor. Por esse motivo o Apóstolo justamente dizia: "Para nós há um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo foi feito, e nós por ele" (I Cor 8,6). E considera ainda um particular. Ele não disse: "para o discípulo basta ser como o mestre", mas "como *seu* mestre". Se, portanto, há alguém que da palavra não aprende e a ela não se entrega de toda a sua alma, de modo que a sua árvore agrade, e nestas condições diz "mestre", este é irmão do fariseu, que tenta Cristo, dizendo-lhe, por sua vez, "mestre".

In Matthæum, comment. series, 2. — PG 13, 1601 D.

PROGRESSO DA PALAVRA NA VIDA.

97. "Entenderemos a palavra semeada em cada alma como a videira plantada pelo chefe de família (e o complexo das coisas que ajudam à salvação como a vinha).

Ora, observemos as videiras: há um tempo em que criam as folhas; outro em que começam a mostrar frutos pequeninos, em embrião; depois um outro em que esses frutos tomam a forma bem clara de bagos; depois o tempo em que tomam côr; até que chega o tempo certo, de vindimar os frutos maduros e prontos, para tirar dêles o vinho.

Da mesma maneira: a primeira parte da vida do homem, compreendida na infância, apresenta-se como a videira privada de qualquer outro produto, mas que possui a vida; quando a

razão começa a se abrir e aperfeiçoar-se, é, então, o tempo em que começam a aparecer as flôres, e quanto mais a alma é cultivada, tanto mais a videira carrega-se de uvas magnificamente viçosas, que já nestes primeiros inícios emanam suave perfume de futura virtude; aquelas uvas em seguida crescem, e começam a se apresentarem azêdas, não maduras ainda, à imagem daquele abrir-se curioso, duma malícia não profunda nem imutável, mas azêda, através da qual, necessariamente se passa, e que por si só não é dirigida ao pior, pelo contrário, se assim podemos dizer, é uma premissa de virtude. Se a malícia, porém, continuasse, e não se abrisse a outras vias de virtude, mas continuasse a pisar no mesmo lugar, querendo se consolidar naquele desenvolvimento, a uva então ficaria mesmo azêda e não madura, e quem dela comesse, para dizer com o Profeta, seus dentes ficariam irritados. Quem, porém, caminha realmente para o melhor, começa a tomar a côr, também se ainda não está maduro. Nesta boa condição há progresso decisivo, quando a videira bem cultivada dá fruto, com bagos repletos de caridade, e de alegria, e de paz, e de paciência e de tôdas as outras coisas enumeradas pelo Apóstolo e em mil outros lugares das Escrituras. Há uma uva desta espécie: “Bem-aventurados os pobres de espírito”; e desta outra espécie: “Bem-aventurados os que choram”; e ainda: “Bem-aventurados os mansos” e depois esta: “Bem-aventurados os pacíficos”; e afinal ainda esta: “Bem-aventurados os limpos de coração”: e como poderia enumerar tôda a variedade de bagos que contém em si as Bem-aventuranças?

Disse tudo isto com uma certa redundância, porque sentia necessidade de compreender e explicar suficientemente aquela passagem: “Tendo chegado o tempo dos frutos” (*Mt 21,34*).

In Matthæum, t. XVII, 8. — PG 13, 1502 A.

O BOM TERRENO.

98. “Despojando-te do velho homem e revestindo-te do novo, que se refaz no conhecimento” (*Col 3,9-10*), farás de ti mesmo um terreno novo; e quando êste terreno novo estiver pronto, então recebe as sementes dos mestres, da lei, dos Profetas, das Escrituras evangélicas, das palavras dos Apóstolos, e atira-as na alma, cultivando-as depois com a recordação e a meditação. Parecerá, então, que tenha tido como uma vegetação espontânea: mas na realidade, tudo isto não crescerá simplesmente por causa da tua lembrança, mas porque Deus dará o

incremento: "Eu plantei, Apolo irrigou, Deus deu incremento" (1 Cor 3,5). Quem terá podido entender as Escrituras, êste terá feito o seu nôvo terreno, e tendo feito isto, evidentemente não semeou entre os espinhos. Estas sementes não se tornam espigas ipso facto, mas por disposição de Deus, como se lê no Evangelho de S. Marcos, "primeiro erva, depois espiga, por último grão", (Mc 4,28), para ser recolhido".

In Jeremiam, homil. 5, 13. — PG 13, 314 B.

LUZ E SEUS GRAUS.

99. "Como o sol e a lua alumiam os nossos corpos, assim Cristo e a Igreja alumiam as nossas mentes. Seremos, porém, alumizados com uma condição: de não ser cegos de mente. Inútilmente o sol e a lua batem sôbre os olhos materiais dos cegos, êstes não podem receber a luz; assim também Cristo: oferece a sua luz às nossas mentes, mas no fim nos alumiará se não tivermos cegueira de mente para impedi-lo. E se isto acontecesse, então precisaria que os que são cegos, seguissem Cristo, gritando com insistência: "Tende piedade de nós, Filho de Davi!" (Mt 9,27), para recuperar antes de tudo a vista e depois ser alumizados pelo esplendor da sua luz.

Todavia, também os que enxergam, não todos são alumizados por Cristo do mesmo modo, mas cada um conforme a sua medida, isto é, conforme a capacidade que tem de receber a fôrça da luz. Aqui também é como com os olhos de nosso corpo: não são alumizados todos igualmente pela luz do sol, mas se alguém sobe mais alto, e se coloca num lugar mais em vista, poderá contemplá-lo em cheio, já quando nasce, e portanto receberá muito mais esplendor e calor; assim também a nossa mente: quanto mais alta e excelsa estiver a sua aproximação de Cristo, quanto mais de perto se oferecer ao fulgor da sua luz, com tanto maior magnificência e clareza Cristo irradiar-lhe-á as suas luzes, como já tinha feito dizer pelo Profeta: "Aproximai-vos de mim, e eu aproximar-me-ei de vós, diz o Senhor" (Tg 4,8).

In Genesim, homil. 1, 7. — PG 12, 151 C.

NÃO A SABEDORIA DO MUNDO MAS A GRAÇA DA PALAVRA.

100. "Paulo fala não com palavras persuasivas de sabedoria carnal, mas pela graça que lhe foi entregue.

Há mesmo muita diferença entre quem fala com graça e quem fala com sabedoria humana. Pela experiência mesmo

o constatamos: homens eruditos e eloqüentes, poderosos não sòmente nas palavras, mas excelentes sob qualquer aspecto, dizem na Igreja muitíssimas coisas, recebem rasgados elogios, mas ninguém dos ouvintes recebe compunção por aquilo que disseram, nem se aproxima da fé, nem é excitado ao temor de Deus com a lembrança do que ouviu; afasta-se, ao invés, com o ouvido acariciado por um certo deleito e suavidade.

Pelo contrário, muitas vêzes há homens de pouca eloqüência, que não retocam muito os seus sermões, mas com palavras simples e sem enfeites convertem muitos infiéis à fé, conduzem muitos soberbos à humildade, infligem nos pecadores o estímulo para a conversão. E êste é o sinal, como nos diz nesta altura o Apóstolo, de que falam pela graça que lhes fôz confiada”.

In Epist. ad Romanos, lib. IX. 2. — PG 14, 1208 B.

SÃO CIPRIANO

Bispo de Cartago
(210 - 258)

ORAÇÃO E LEITURA.

101. “Alterna a oração e a leitura, fala com Deus e escuta-o; só êle seja teu mestre, só êle regule tua conduta. Quem possui a riqueza de Deus, não será reduzido à pobreza por ninguém; quem estiver cheio dos dons celestes jamais morrerá de miséria”.

Epistola ad Donatum, 15. — PL 4, 226 A.

FÉ, COM DEUS QUE FALA!

102. “Ora, Deus fala contigo, e tu, pérfido, vacilas por falta de fé? Deus promete a imortalidade e a eternidade a quem

Nascido em Cartago, por volta de 210, CIPRIANO converteu-se ao Cristianismo na idade de 35 anos. De família distinta, tivera fina educação, que o levava a grande habilidade de escritor. Cipriano converteu-se com o auxílio do sacerdote Ceciliano e, catecúmeno, entregou-se fervorosamente à nova vida. Ordenado sacerdote pouco depois do Batismo, por aclamação popular em 249, torna-se Bispo de Cartago. Tendo escapado à perseguição de Décio, teve cerca de 10 anos de intensa atividade pastoral, tôda pontilhada de escritos preciosos, relativos ao cuidado espiritual do seu rebanho e às questões que agitaram não pouco o difícil período de seu govêrno: a questão dos sacrificados e dos libeláticos (cristãos que, por debilidade, tinham cedido à imposição de sacrificarem, durante a perseguição); a guerra que lhe moveram Novato e Felicíssimo, seus inimigos pessoais; o cisma romano de Novaciano, que teve repercussões na África; e a grande luta doutrinal acêrca do Batismo daqueles que já tinham sido batizados por heréticos. — Em 257 Cipriano foi exilado por causa da fé pelo procônsul Paterno, para Cúribi. No ano seguinte o procônsul Galério Máximo condenou-o à morte e a 14 de setembro de 258 foi decapitado diante de todo o povo. — De S. Cipriano, restam-nos 13 tratados vários, breves e substanciosos entre os quais, notáveis, *A Unidade da Igreja Católica*, sempre fundamental sôbre o argumento; *a Oração Dominical*, explicação do Pater Noster; *o Hábito das Virgens*, exortação ao bom espírito, para as pessoas consagradas a Deus. Além disso, restam-nos umas oitenta cartas, testemunhas de seu zelo pastoral. No centro do pensamento e da atividade de S. Cipriano acha-se o grande princípio da unidade da Igreja, fora da qual não há fé, nem salvação: “Não pode ter Deus por pai quem não tem a Igreja por mãe”.

se afasta dêste mundo, e tu duvidas disso? Isso significa que tu não conheces de maneira nenhuma quem é Deus: isso significa ofender com o pecado de incredulidade a Cristo, Mestre da fé; isso significa faltar com a fé, na casa da fé, conquanto vivendo na Igreja”.

De mortalitate. 6. — PL 4. 607 C.

SÍNTESE GERAL NO AMOR.

103. “Com o seu magistério nos ensinou junto a união e o amor: nestes dois preceitos resumiu todos os Profetas e a lei” (cf. *Mt* 22,40).

De catholicæ Ecclesiæ unitate. 15. — PL 4. 528 A.

FIRME ADESÃO À PALAVRA DE DEUS.

104. “Insistir sobre as suas palavras, aprender e fazer tudo o que êle ensinou e fêz: eis o nosso dever. Doutro lado: como pode dizer que se entregou completamente a Cristo quem não faz o que êle mandou fazer? Ou de que lugar chegará ao prêmio da fé, quem não quer ter fé na direção superior?”

É inevitável; permanecerá incerto, vagando, será lançado aqui e ali, vencido pelo espírito do êrro, como pó que o vento levanta; e para quem não tem a verdade de uma estrada certa, é perfeitamente inútil caminhar”.

De catholicæ Ecclesiæ unitate. 2. — PL 4. 511 C.

OS SALMOS ALEGREM A REFEIÇÃO FRUGAL.

105. “Já que nos encontramos em férias e sem ocupações, por todo o tempo que nos sobra depois do entardecer, passemos alegremente o serão e a hora do jantar não seja, nem essa, privada da graça celeste. A refeição seja feita ao som dos Salmos, e já que tu tens uma memória tenaz e uma bela voz, começa o canto como é de praxe”.

Epistola ad Donatum. 16. — PL 4. 227 A.

MAIS A PALAVRA DO QUE A BELEZA!

106. “Não é lícito a nenhum cristão e, com maior razão, a nenhuma virgem estimar a beleza e a glória da carne; ela deve procurar somente a palavra de Deus e permanecer unida aos bens que duram eternamente”.

De habitu virginum. 6. — PL 4. 453 B.

MESTRE NAS PALAVRAS E NOS FATOS.

107. “Aquilo que acontece agora e acontecerá no futuro não nos foi predito no Evangelho do Senhor, o qual como Mestre nas palavras e nos fatos, ensinava o que se devia fazer e operava o que tinha ensinado?”

De lapsis, 7. — PL 4, 486 A.

NÃO DEPENDE DO HOMEM.

108. “O Evangelho não pode ser válido ou dúbio a bel-prazer”.

De lapsis, 20. — PL 4, 497 B.

IGREJA: ESPLÊNDIDO PRINCÍPIO DE UNIDADE.

109. “A Igreja é una e se multiplica no espaço em virtude do incremento de sua fecundidade. E como o sol tem muitos raios, mas uma só é a luz, como a árvore tem muitos ramos, mas um é o tronco sólidamente radicado no terreno, como muitos regatos nascem da mesma fonte e conservam a sua unidade de origem também se por abundância de água se multipliquem ainda: e se tu desvias um raio de sol, êste não dará mais luz, porque a unidade da luz não suporta cisão alguma, e se tu cortas um ramo da árvore, êle não produzirá, e se tu separas o regato da fonte êle seca, assim também a Igreja de Jesus Cristo: cheia de luz, lança os seus raios em todo o mundo; mas uma só é a luz, que se difunde por tôda parte, sem apartar-se de sua unidade; a Igreja estende largamente os seus ramos por tôda a terra, expande por tôdas as latitudes suas águas correntes: um só, porém, é o tronco, uma só a nascente, uma só a mãe fecunda de cujo seio todos nós saímos, de cujo leite fomos nutridos, de cuja alma recebemos a vida”.

De catholicæ Ecclesiae unitate, 5. — PL 4, 517 A.

EVANGELHO: MAGISTÉRIO COMPLETO.

110. “Os preceitos do Evangelho, irmãos caríssimos, outra coisa não são senão magistérios divinos, fundamentos para construir a esperança, firmeza para fortificar a fé, alimento para esquentar o coração: formam na terra as mentes dóceis dos que crêem, e acompanham-nas aos reinos celestes.

Deus quis dizer muitas coisas e ser ouvido por meio dos Profetas seus servos; mas são muito mais as coisas que nos diz o Filho, as coisas que a palavra de Deus que foi nos Pro-

fetas, diz a viva voz, não mais ordenando que se prepare o caminho da vinda, mas chegando êle mesmo em pessoa e abrindo-nos e mostrando-nos o caminho: assim, que, nós que fomos desleixados e cegos andando nas trevas da morte, alumiados pela luz da graça podemos andar pelo bom caminho da vida com o guia e a direção de nosso Senhor.

Êle, entre outras salutares admoestações e preceitos divinos, com que providenciou à salvação do seu povo, pessoalmente entregou a forma de oração: êle mesmo nos instruiu sôbre o que devemos pedir rezando. Quem nos fêz viver, ensinou-nos também a rezar, com aquela mesma benevolência com que se dignou dar, oferecer tudo o mais: de modo que, quando falamos ao Pai com a oração e as palavras que nos ensinou o Filho, possamos ser ouvidos mais fâcilmente”.

De oratione dominica, 1-2. — PL 4, 537 A.

L. C. FIRMIANO LATÂNCIO

Retor
(250 - † depois de 317)

SOBRIEDADE DE DEUS QUE FALA EXIGE SOBRIEDADE NO HOMEM QUE ESCUTA.

111. “Vão à procura do que tem o poder de agradar aos ouvidos: e de fato o que é doce e suave persuade mais facilmente e, enquanto agrada, permanece estável em nosso espírito.

Talvez Deus, artífice do pensamento, da voz e da palavra, não pudesse falar mais eficaz e copiosamente do que todos? Mas a divina Providência quis que, o que tem natureza celeste, se apresentasse livre de todo o ornato supérfluo e de todo brilho de palavra, de modo que a todos fôsse possível compreender o que o Senhor pregava universalmente. Por isso, quem aspira à verdade e não quer ir de encontro a enganados, atire para longe de si os prazeres prejudiciais e culpáveis, que prendem a si o espírito, como os alimentos doces e agra-

LATÂNCIO é o sobrenome do famoso retor Lúcio Firmiano, chamado o *Cícero cristão*. Nascido na África, pelo ano 250, descendente de família pagã, seguiu a carreira literária, em que alcançou grande distinção por seus escritos. Foi professor na cidade imperial de Nicomédia, depois de 292. Parece que sua conversão ao Cristianismo data do ano 300. As perseguições contra os cristãos reduziram-no a grande pobreza. Conseguiu novamente dedicar-se ao ensino, somente depois do edito de liberdade, concedido à Igreja por Constantino: antes, era tal a sua fama no campo literário, que o mesmo Constantino o quis, em 317, como mestre de seu filho Crispo. Não se sabe o ano da morte de Latâncio. É uma satisfação ver-se êsse homem, que, iniciando-se no pensamento cristão aos 50 anos, mesmo não podendo obviamente alcançar aquela profundidade de pensamento teológico que possuem os outros grandes escritores da época, o mais das vezes Pastôres da Igreja, todavia, com elevação de engenho, com esplendor de estilo, com exatidão de princípios e com boa visão da nova civilização cristã, põe tôda a sua bela formação humana e literária a serviço da “palavra” com sucesso perene: testemunha viva daquela força intrínseca da palavra divina que, segundo S. Paulo, torna “prisioneiro todo intelecto, reduzindo-o à obediência devida a Cristo” (2 Cor 10,5). Obra-prima de Latâncio são os sete livros das *Divinas Instituições*. Dêle resta-nos ainda o tratado *De Ira*, continuado por outro, a *Morte dos Perseguidores*, que demonstra o castigo de Deus, já evidente neste mundo, àqueles que se opõem à religião cristã. S. Jerônimo dá uma lista de várias outras obras de Latâncio que, porém, não chegaram até nós.

dáveis aliciam o corpo; prefira-se o verdadeiro ao falso; prefiram-se as coisas eternas, às de breve duração; o que é útil ao que pode ser agradável.

Nada possa ser agradável para se ver, a não ser o que corresponde a uma linha de piedade e de justiça: só agrade escutar-se aquilo que pode alimentar o espírito e torná-lo melhor. E não se deve voltar a algo de vicioso e de errôneo, êste sentido que nos foi dado a fim de que possamos compreender os ditames da doutrina divina.

Se é agradável ouvir-se a suavidade de um canto e a doçura de uma poesia, seja-nos agradável escutarmos cantar e louvar ao Senhor; nisso consiste o verdadeiro prazer, que é companheiro e está próximo da virtude: êle não é caduco e breve, como as satisfações, que desejam aquêles que são indulgentes para com o corpo, à maneira de animais, mas é perpétuo e agrada e conforta sem interrupção alguma. Se alguém ultrapassar os limites marcados para o prazer e procurar nêle apenas a satisfação pura e simples, êsse individuo caminha para a morte, porque, como na virtude acha-se a vida imortal, a morte mora no prazer. Quem tiver preferido as coisas terrenas ficará privado do que é imortal e eterno; quem tiver desejado o que é próprio da terra, jamais terá o que é divino”.

Divinarum Institutionum lib. VI. 25. -- Pl. 6. 713 B.

SANTO ANTÔNIO ABADE

(250 - 356)

EFICÁCIA DO EVANGELHO EM UMA VIDA.

112. “Depois da morte dos pais, sòzinho com uma irmã ainda pequena, e com a idade de dezoito a vinte anos, cuidou da casa e da irmãzinha.

Mas não passaram ainda seis meses da morte dos pais, que indo, como de costume, à Missa dominical, e pensando consigo mesmo nos Apóstolos que tinham deixado tudo para seguir o Salvador, e nos outros dos Atos dos Apóstolos que, tendo vendido tudo, levaram o dinheiro aos pés dos Apóstolos para que fôsse distribuído aos pobres, e meditando sôbre quanta esperança devia ser posta nos céus para éstes; entretido nestes pensamentos, entra na Igreja, e acontece mesmo que se estava lendo o Evangelho, naquelas palavras do Senhor ao rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e vem e segue-me, e terás um grande tesouro nos céus” (*Mt* 19,21).

Então, Antônio, como se aquelas palavras tivessem sido lidas de propósito para êle, saindo quanto antes da função religiosa, distribui de presente aos conterrâneos as propriedades que tinha herdado de seus velhos (possuía trezentos “aruras”, férteis e muito amenas), para não ter preocupações para si e para a irmã. Vendidos também os bens móveis, distribuiu aos pobres a grande quantia recebida, reservando apenas alguma coisinha para a irmã.

ANTÔNIO nasceu em Coma, junto ao Nilo, no Egito Médio, no ano de 250. Como recolhemos da vida escrita por S. Atanásio e da qual citamos o trecho relativo à vocação, foram algumas palavras do Evangelho que determinaram esta santidade, que ficou tão luminosa no curso dos séculos todos. Antônio santificou-se no deserto, entre duras tentações, às quais resistiu com intrepidez: muitíssimos que procuravam a Deus, tornaram-se seus discípulos. No ano de 311, durante a perseguição de Maximino, dirigiu-se para Alexandria a fim de encorajar os cristãos. Mais uma vez voltou a Alexandria em 335, a convite de S. Atanásio, por ocasião da luta contra os arianos, e a sua presença surtiu bom resultado. Depois destas breves manifestações de atividades apostólicas reenrava com renovado alento no deserto. Em 340 assistiu à morte de S. Paulo, o primeiro eremita. Teve vida ultracentenária, falecendo em 356.

. . .Entrando outra vez na Missa dominical, ouviu o Senhor que dizia no Evangelho: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã” (Mt 6,34). Não resistindo ficar aí, saiu e distribuiu o pouco que ainda tinha entre os mais necessitados. Entregou depois sua irmã a virgens conhecidas e fiéis, e apresentando-a ao Partenon, para que fôsse educada, diante de sua casa começou desde então uma vida ascética e cuidando somente de si mesmo, levava pacientemente uma vida austera”.

S. Atanasius: Vita S. Antonii, 2. — PG 26, 842 B

SANTO HILÁRIO

Bispo de Poitiers - Doutor da Igreja
(315 - 367)

A CHUVA DA PALAVRA SÔBRE A ARIDEZ DA ALMA.

113. “Estendo as minhas mãos para ti: a minha alma tem sede de ti, como terra sequiosa” (*Sl* 142,6): uma terra sequiosa é árida, estéril e sempre ansiosa por ser irrorada do alto. A alma do santo, consciente de sua natureza, deseja ser irrigada pela chuva da palavra divina. Já Moisés nos havia dado esta imagem: “Cresça como chuva a minha doutrina, espalhe-se como orvalho a minha palavra, como aguaceiros sôbre a erva, e como gôtas de água sôbre a verdura” (*Dt* 32, 1-2). A alma requeimada e sequiosa é logo penetrada pela chuva da doutrina escritural: e então, sêca e ávida como era pela aridez da natureza, reverdece com frutos férteis, através do conhecimento da palavra de Deus”.

Tractatus in Psalmum 142. 7. — PL. 9, 840 B.

PALAVRA LUCERNA.

114. “O teu ôlho é a lucerna de teu corpo” (*Mt* 6,22): entendemos aqui o corpo da Igreja, que forma exatamente um

SANTO HILÁRIO nasceu em Poitiers, de rica família pagã, que o encaminhava a uma brilhante carreira literária. Tornou-se retor. Hilário converteu-se (coisa notável!) com a leitura do Prólogo ao Evangelho de S. João. Recebeu o Batismo aos 30 anos. Ordenado sacerdote, ascendeu à cátedra episcopal de Poitiers em 353-54. A guerra ariana estava no apogeu: Hilário tomou decididamente parte nela e acabou no exílio, na Frígia, durante quatro anos. Retornou à sé, em 360 e aplicou-se de corpo e alma na disciplina e formação de sua Igreja, tendo porém sempre em vista a heresia que passou a combater ainda por dois anos na Itália, ao lado de S. Eusébio de Vercelli, e contra a qual escreveu muito. Seus escritos o tornam, em ordem cronológica, o primeiro Doutor da Igreja. Entre eles sobressai o *De Trinitate*, em 12 livros. Realizou trabalhos escriturais, sôbre S. Mateus e sôbre os Salmos. São Jerônimo fala de um seu livro de hinos, o qual todavia se perdeu juntamente com tôda a correspondência e outras obras de sua autoria. Vigoroso escritor, rico de convicção e de profundidade, foi definido por S. Jerônimo, que o admirava muito e o classificava entre os grandes mestres da eloquência, com esta imaginosa frase: “O Ródano da eloquência latina”. Santo Hilário morreu a 13 de janeiro de 367. Foi oficialmente declarado Doutor da Igreja por Pio IX, em 1851.

só corpo em Cristo, enquanto nós somos reciprocamente os seus membros. A palavra de Deus é ôlho e lucerna antes de mais nada para cada um em particular: mas logo o homem apostólico se transforma em lucerna para todo o corpo, isto é, para a Igreja: porque todo o corpo não é pé, ou ôlho, ou mão.

Ora, se os olhos, a parte mais resplandecente de todo o corpo e por isso mesmo proeminentes sôbre os outros membros, fôssem encerrados nas trevas, isto é, se as lucernas dos Apóstolos não ardessem, se o próprio lume fôsse fechado nas trevas, quão grande seria a noite de todo o resto do corpo! João, pregador da penitência, foi lucerna para os judeus, e para os pagãos, tanto que o Senhor disse dêle: "Ele era uma lâmpada ardente e luminosa" (*Jo 5,35*). Temos o lume da doutrina: exultemos nêle, não por uma hora, mas para sempre; não por um certo tempo, mas eternamente. Aquelas felizes virgens, aquelas prudentes provedoras de óleo, sômente elas entraram no tálamo com o espôso, ao lume de suas lâmpadas: tôdas as outras, negligentes e descuidadas, ficaram excluídas daquela entrada".

Tractatus in Psalmum 118. lit. 14. 4. -- PL 9, 591 B.

CONHECIMENTO DE DEUS É DÁDIVA DE DEUS.

115. "Aquilo que precisamos saber de Deus, é necessário aprender de Deus: Deus não pode ser conhecido se não se faz conhecer êle próprio.

Teremos talvez uma formação bem adiantada quanto às ciências naturais; poderemos também ter inocência de vida: tudo isso ajudará, sem dúvida, a boa disposição da alma, mas por si só, não poderá jamais, dar-nos o conhecimento de Deus".

De Trinitate lib. V. 21. -- PL 10, 143 B.

PALAVRA SÔBRE O CAMINHO DA VIDA.

116. "Lâmpada para os meus passos é a tua palavra, e luz para os meus caminhos" (*Sl 118,105*). O salmista sabe que se não fôr iluminado pela palavra de Deus, não poderá evitar estas trevas corporais e a escura noite dêste século: sabe que existem por tôda parte pedras para se tropeçar, armadilhas têsas, ocultos perigos de fossas. Quem sai à noite, leva a lucerna diante de si e olha atentamente onde põe os pés: assim cada um de nós, diante do curso de qualquer obra, se faz preceder da lucerna da palavra de Deus, que traz acesa em si mesmo.

Cada doutrina celeste nos serve de guia na viagem da vida: nessa noite do mundo ela deve brilhar sempre diante de nós, enquanto pensamos, falamos ou trabalhamos”.

Tractatus in Psalmum 118, litt. 14, 2. — PL 9, 590 B.

ÚTIL O ESTUDO DO MISTÉRIO.

117. “Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; nem alguém conhece o Pai senão o Filho, e aquêle a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27). Introduze-te tu também, nesse segrêdo, e entre o único Deus ingênito e o único Deus unigênito, imerge-te tu mesmo nesse mistério de uma natividade imperscrutável. Começa, continua, persiste: sei bem que não chegarás, mas me congratulo porque caminharás. Aquêle que piedosamente seguir as coisas infinitas, ainda que não tenha a possibilidade de atingir o fim, todavia, progredirá para sua própria vantagem”.

De Trinitate lib. II, 10. — PL 10, 58 C.

A INSÍDIA DA FALTA DE ATENÇÃO.

118. “Frequentemente, para não dizer sempre, nos acontece, por nossa fraqueza, receber com negligência o que ouvimos ler nas nossas igrejas, porque os ouvidos e o espírito estão viajando muito longe daquilo que é dito: e por essa nossa falta de atenção ao ouvir, se nos envilece a dignidade das frases celestes. Quando durante o tempo da leitura, estamos fazendo cálculos, ou irritando-nos por qualquer motivo, ou pensamos nas injúrias, ou sonhamos comodidades, ou coisas semelhantes, completamente absortos nessas ocupações, os ouvidos são surdos e a mente imbecil. Naquela situação, se qualquer coisa do que é lido encontra por acaso o caminho dos nossos ouvidos, o espírito, tão concentrado em outro tipo de pensamentos, não colhe a fôrça íntima do que é lido: não percebendo o valor daquelas palavras, estima-las-á obviamente como de pouca importância, de nenhuma autoridade”.

Tractatus in Psalmum 135, 1. — PL 9, 768 C.

HUMILDE CUIDADO NO APRESENTAR A PALAVRA DE DEUS.

119. “Devemos evitar atentamente o que é quase um hábito no nosso modo de falar, isto é, de expor a palavra de Deus com promíscua facilidade de expressões: comunicando o que temos aprendido ou lido, devemos render honras ao Autor, com

todo o cuidado na nossa palavra. Para entender o comportamento que devemos ter com a doutrina celeste, observemos o costume de um officio humano. Quem interpreta as palavras do rei e leva ao conhecimento do povo os seus decretos fá-lo com diligência e cautela, em harmonia com o seu officio, para proteger a dignidade do rei, de modo que tudo seja lido e ouvido com aprêço e quase com sentido sagrado. Ora, quanto é necessário que nós, oferecendo ao conhecimento humano as palavras de Deus, tornemo-nos dignos dêste cargo!

Somos como um órgão do Espírito Santo, no qual deve exprimir-se a variedade da palavra divina e a amplidão da sua doutrina. É necessário ter grande cuidado para não dizer nada de vil, temendo realmente esta sentença: "Maldito o que faz com negligência a obra do Senhor" (*Jer* 48,10); ao contrário, devemos recordar que é oferecido um prêmio à solicitude e diligência daqueles que, com reverência e temor, encaram as Sagradas Escrituras como palavra de Deus e a insinuam nas mentes de quem escuta com a devida dignidade. Diz o Senhor: "Para quem olharei eu, senão para o pobrezinho, o contrito de coração, o que teme as minhas palavras?" (*Is* 66,2). Deveria ser assim: os pregadores pensar que não estão falando a homens, e os ouvintes, refletir que aquilo que ouvem não são palavras de homens, mas de Deus, constituições divinas, leis de Deus; e que a ambos deveres convém a máxima reverência. É verdadeiro perigo falar com descuido ou ouvir negligentemente os tesouros de Deus, dos sacramentos ocultos, do testamento eterno. Tudo deve-se confiar às almas, recomendar-se bem aos sentidos: não há nada nas palavras de Deus que não deva ser cumprido; e tudo o que é dito traz em si a exigência de ser transformado em ação. As palavras de Deus são decretos".

Tractatus in Psalmum 13. 1. — PL 9, 295 A.

O SALMO NAS ENTRANHAS.

120. "É necessário aprofundar o Salmo nas entranhas, escrevê-lo no coração, gravá-lo na memória; e êste tesouro, tão abundante na sua brevidade, devemos conquistá-lo e trazê-lo conosco dia e noite: de modo que conquistada essa opulência como viático para a eternidade, e habitando a Igreja, possamos um dia viver serenos na glória do corpo de Cristo".

Tractatus in Psalmum 14. 17. — PL 9, 308 B.

RIQUEZA.

121. “A palavra de Deus é rica e, posta diante da compreensão humana, oferece uma grandíssima abundância de colheita; entendida com simplicidade ou penetrada bem a fundo, é necessária para cada movimento ascensional da nossa vida”.

In Mattheum, c. 12, 12. — PL 9, 987 C.

IMPORTÂNCIA DA CONDUTA PARA ATINGIR O CONHECIMENTO.

122. “É preciso não desprezar a ordem das expressões; se esta não é considerada com atenção, não se atinge a ordem da felicidade que elas nos propõem. O Salmo (118) não começa dizendo: “Bem-aventurados aqueles que perscrutam os ensinamentos de Deus”, mas com esta outra afirmação: “Bem-aventurados aqueles cujo caminho é imaculado”. Tornados, antes de tudo, firmes os costumes, e orientados segundo os critérios comuns de probidade, à procura da inocência, penetra-se no caminho da verdade; vem então a investigação dos ensinamentos de Deus, aos quais a alma se entrega pura e imaculada.

Um outro Profeta também nos recordava esta ordem de coisas: “Semeai para vós na justiça e segai para o fruto da vida, e iluminai-vos com a luz da ciência” (*Os* 10,12). Antes da iluminação procura-se semear: antes devemos semear o sistema de nossa vida, à espera de bons frutos, depois, começando-se a recolher, iluminamo-nos com o lume da ciência. Esta, portanto, é a ordem: semeadura, colheita, iluminação. Muitos de nós quereriam apressar-se e tornar-se luminosos antes de ter semeado e ceifado, enquanto, ao invés, tal semeadura e tal colheita são exatamente a premissa indispensável para receber a luz”.

Tractatus in Psalmum 118, litt. 1, 1. — PL 9, 504 A.

COM TODO O CORAÇÃO.

123. “É necessário que não seja negligente a penetração das palavras divinas: por isso, se diz: “Bem-aventurados os que guardam as suas prescrições, e de todo o coração o buscam” (*Sl* 118,2). Não pode ser feito só com meios termos o estudo da doutrina celeste: é necessário perscrutar as palavras divinas com todo o coração. Há coisas que não são de Deus: mas, quando percebemos que uma coisa é de Deus devemos investigá-la a fundo, com o coração livre de qualquer outro pensamento”.

Tractatus in Psalmum 118, litt. 1, 9. — PL 9, 507 C.

MÍSERAS APARÊNCIAS DE VERDADE.

124. “O Espírito diz claramente que nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, que com hipocrisia propagam a mentira, e tem cauterizada a sua consciência” (1 *Tim* 4,1-2).

Que proveito se poderá auferir da doutrina, se se procura muito mais o que agrada que não o que se deve saber? Que espécie de doutrina religiosa será esta: não desejar conhecer o que se deve e organizar uma doutrina de acôrdo com as próprias comodidades? Estas coisas são suficientes para mostrar as disposições dos espíritos sedutores e para confirmar tôda a falsidade de uma religião simulada. De fato, à deserção da fé, segue-se uma mentirosa hipocrisia, para que a piedade, que a consciência perdeu, conserve-se ao menos nas palavras. Porém esta mesma piedade simulada, torna-se mais ímpia com todos os enganos da palavra, corrompendo a santidade da fé com a organização de uma falsa doutrina, porque esta sua doutrina é instituída obedecendo mais aos desejos das más inclinações que à fé evangélica. Agitados por pruridos nos ouvidos, enquanto pelo impaciente prazer de ouvir, se titilam, sob um novo tipo de pregação, conforme o seu desejo, totalmente longe de ouvir a verdade, orientam-se decididamente para as fábulas: procuram dar às coisas que dizem uma aparência de verdade, enquanto as coisas verdadeiras não conseguem sentir, nem dizer”.

De Trinitate, lib. X, 2. — PL 10, 345 C.

SANTO EFRÉM SÍRIO

Doutor da Igreja
(306 - 372)

AMO E BELJO O TEU EVANGELHO.

125. “Amo e beijo o teu Evangelho, Senhor, que me alimenta faminto. Eu desejo a tua palavra, pois, tendo sede, se transforma para mim em admirável manancial. À tua mesa convidado todos os que quero: mas deixo-lhe sempre mais abundância da que encontrei. Alimento-me junto a muitos outros e é como se estivesse só. Bebo junto a uma multidão e tenho a impressão de que te ocupasses só de mim. Portanto, que te poderei dar senão a minha própria pessoa, em pleno consenso e concórdia com a tua palavra?”

ALIMENTO.

126. “Procura aprender os dogmas das divinas Escrituras com todo esforço e dedicação. Todos os dias somos obrigados a nutrir o nosso corpo, e lhe preparamos alimentos bem apetitosos, enquanto talvez descuidemos completamente do alimento da alma: ao contrário seria mais razoável, irmãos diletos em Cristo, descuidar um pouco do alimento da carne com vantagem para o alimento da alma no Espírito Santo.

S. EFRÉM nasceu em Nisibis (Mesopotâmia), por volta de 306. A sua foi uma grande vida de anacoreta, em que alternou estudo e contemplação. Por ordem do Bispo Tiago, esteve durante certo tempo à frente da escola catequética de Nisibis. Parece que tenha permanecido simples diácono por toda a vida. Diante das invasões dos persas, todos foram obrigados a fugir e S. Efrém retirou-se para Edessa, cidade que estava sob o domínio romano, onde passou seus últimos anos, até à morte, em 372. — Sob esta robusta fisionomia de asceta, brilha a alma ardente de um místico, e de um poeta; entre os Doutores da Igreja, S. Efrém é o maior cantor de Deus. Quase toda a sua obra é escrita em forma de poesia. Escreveu *Comentários* bíblicos, discursos e hinos exegéticos, polémicos e dogmáticos; panegíricos sobre os santos dos dois Testamentos, discursos morais, elegias. Grande e profunda foi sua devoção a Maria; clara a sua doutrina sobre a Igreja, esposa mística de Cristo. Os seus conterrâneos expressaram-lhe a mais profunda admiração com estes títulos grandiloquentes: “Doutor do universo, Coluna da Igreja, Bóca eloqüente, Profeta dos sírios, Harpa do Espírito Santo”. — Foi declarado Doutor da Igreja universal pelo Papa Bento XV, em 1920.

Come todos os dias o pão que te dá a divina sabedoria e bebe a água que jorra da pedra espiritual, de modo que a tua mente seja fortalecida e o intelecto fique iluminado: porque o prazer dos alimentos corporais acaba logo; quando o bocado atravessou a garganta já se dissipa todo o resto de sua suavidade e sabor”.

SOM DE TROMBETA.

127. “Tem as Escrituras divinas em função de uma trombeta. Como o som da trombeta convoca os soldados, assim o som das divinas Escrituras reúne os nossos pensamentos no temor de Deus: podemos de fato considerar os nossos pensamentos como soldados, que opõem resistência aos inimigos do Rei.

Ainda: como a trombeta com seus sons de guerra excita a alacridade dos bravos soldados contra os inimigos, assim as divinas Escrituras te fazem disposto a qualquer boa ação e te dão maior ímpeto e vigor na luta contra as más paixões e contra os vícios.

Por isso, meu irmão, faze tudo o que puderes para deter-te freqüentemente diante daquelas páginas, para que elas dêem unidade aos teus pensamentos, enquanto o inimigo com recursos maliciosos procuraria dispersá-los sugerindo outros não tão bons, ou introduzindo preocupações, ou talvez ainda apresentando coisas prósperas e alegres: porque na sua astúcia e no seu engano faz de tudo para desviar o homem de Deus”.

SINAL DE DOENÇA.

128. “Quando perceberes que comesas a não encontrar mais prazer na leitura das palavras de Deus e a enfasiar-te com as admoestações espirituais então saibas que a tua alma já se acha em grave doença. É exatamente o início da insipiência: aqueles que disso adocem, terão como fruto a morte”.

NUTRIA-SE DO LEITE DE MARIA.

129. “Louva a voz que se encarnou, louva o Verbo do Altíssimo, que se fêz carne; e vós, membros e sentidos do nosso corpo, reconhecei e rendei graças a êle, por cuja vinda, a nossa estrutura renasceu integralmente para uma nova vida.

Maria trazia o pequeno Menino, que ocultava em si uma

ciência, que para exprimi-la não teriam bastado tôdas as línguas; e José entre os seus braços trazia aquêlê que escondia em si uma natureza anterior a tôdas as coisas. O Supremo se fêz como o menor, ocultando as riquezas de sabedoria e de ciência com as quais teria provido o mundo. O Altíssimo se nutria do leite de Maria, êle que teria amamentado todo o mundo com a efusão de sua imensa liberalidade”.

In Natalem Domini sermo III. Opera omnia syriace et latine. t. II.
Roma 1740, pág. 411 B - C.

UM É O MESTRE.

130. “Irmãos caríssimos, se esmorecem homens que são, todavia, celebérrimos pela doutrina, quais serão então os perfeitos mestres de sabedoria que poderemos consultar? Não sei quem haja, que possa reivindicar para si o magistério da sabedoria, além do Mestre divino, que vos apresento como o único que deva ser ouvido. Êle pode aumentar em nós a ciência em que êle é superabundante; é aos seus ensinamentos que os beatos no céu devem tôda a felicidade de que estão gozando. Aproximemo-nos então de tão grande Mestre: êle é a própria Sabedoria de Deus Pai, gerada por um admirável mistério de divina fecundidade, fora de tôda medida de tempo e de sucessão; a sua majestade, confiada às línguas dos homens e dos anjos se avilta, porque a sublimidade de sua grandeza não se ajusta ao intellecto humano, nem pode ser perscrutada a fundo sem perigo de temeridade”.

ORGANIZAÇÃO DA VERDADE NA IGREJA.

131. “Salve, Igreja, alegrada pelo corpo da verdadeira doutrina, no qual é belo ver a constituição dos membros, a integridade da verdade, a confiança nas promessas, a coroa dos triunfos.
A verdade forma sua cabeça sublime, os dois Testamentos são como as suas duas mãos generosas e liberais, os Apóstolos formam os seus sentidos anunciadores das coisas; completam tudo os demais homens santos, os justos, os Profetas”.

NÃO SOMOS JUÍZES DA PALAVRA.

132. “A palavra do Senhor deleitava admiravelmente os simples, os bem dispostos, enquanto perturbava os astuciosos, os insensíveis; os primeiros, livres de posições pessoais, deram fé à sua palavra; os outros, escravos da sua atitude tortuosa e

multiforme, lançaram-se ao litígio e se puseram à procura de questões. Perguntavam-se: “Como poderá êste dar-nos de comer o seu corpo?” (Jo 6,53). A libido da questão tirou-lhes a possibilidade de servirem-se do remédio de vida imortal. É preciso estar bem atentos, para que a culpa de um tal tipo de incredulidade não nos leve a um tal castigo. Os divinos oráculos não devem ser submetidos à prova do nosso cadinho”.

Adversus scrutatores, sermo 54, opera omnia (E. R.) 1743, t. III, pág. 102.

EXPRESSÕES À VIRGEM.

133. “Ó Maria, livro misterioso, que ninguém pode ler; exemplo de virgindade expresso sem estar escrito, visão preciosa dos Profetas, púrpura tecida por Deus, evidentíssimo cumprimento de tôdas as profecias; bôca eloqüente dos Apóstolos... abre o meu ouvido, afim de que acolhendo com o sentido e com a mente as palavras das Santas Escrituras, que são mais doces que o mel puríssimo, tornado por ti forte, possa traduzi-las em prática na minha vida”.

Preces ad Delparam; prec. IV, Opera omnia graece et latine, Roma 1748, t. III, pág. 530 D.

SANTO ATANÁSIO

Bispo de Alexandria - Doutor da Igreja
(295 - 373)

DESDE A AURORA, COM O LIVRO DE DEUS.

134. “De noite e de dia não se afaste de tua bôca a palavra de Deus. Seja sempre teu empenho a meditação das divinas Escrituras. Toma o Saltério, aprende os Salmos. O despontar do sol encontre o Livro em tuas mãos”.

De Virginitate. 12. — PG 28. 266 A.

PALAVRA É VIDA.

135. “Tua palavra vivificou-me” (Sl 118,50). Nada há que faça viver a alma racional de sua vida específica como a palavra de Deus. De fato, enquanto cresce a palavra de Deus,

Na história da Igreja, S. ATANÁSIO é uma das figuras que mais impressionam pela firme consciência da própria missão perante a doutrina revelada e a Igreja, pela energia indomável de seu caráter, pela profundidade do pensamento, e por tudo o que de dramático e venturoso caracterizou sua longa atividade episcopal em Alexandria do Egito. Nasceu em 295, recebeu o leitorado em 312, o diaconado em 318, e foi durante 10 anos precioso auxiliar do Bispo S. Alexandre. Atanásio subiu à cátedra episcopal de Alexandria em 328. Sua lendária figura de Bispo põe-se em evidência secular, pela luta quase desesperada e solitária em prol da ortodoxia, contra a grave heresia do *Arianismo*, que invadia a Igreja e que tinha conseguido pôr ao próprio serviço, também potências de ordem temporal.

Assim, Atanásio, o grande campeão da doutrina da Trindade, e da divindade do Verbo, entrega-se a uma longa, tenaz e profunda atividade de Doutor, através de seus numerosos escritos; ao mesmo tempo sofre calúnias, exílios, perseguições, fugas, vicissitudes, que o vêem até escondido por cinco meses, em um sepulcro: tudo pela justa causa da Igreja e da fé. Mandado pela primeira vez ao exílio por Constantino, em Trevires, de 335 a 337, Atanásio sofreu ainda dois longos exílios por ordem do imperador Constâncio II, de 339 a 346, e de 356 a 361. A década de ouro, relativamente pacífica, do seu episcopado, passou-se entre êstes dois longos exílios. Voltando à sua sede, depois de 361, êle sofreu ainda outros dois breves exílios, mais tarde: por oito meses em 363, até à queda de Juliano, o Apóstata; e entre 365-366, teve o quinto exílio, sob o imperador Valente: foi neste breve período que êle ficou escondido, às portas de Alexandria, parece, no monumento sepulcral de seu pai. Este grande Bispo, Doutor da Igreja, morreu a 2 de maio de 373.

concebida e guardada na alma do homem, crescem proporcionalmente tôdas as outras coisas, que têm relação com a verdadeira vida”.

In Psalmum 118. 50. — PG 27. 487 D.

HARMONIA DOS SALMOS E HARMONIA DA ALMA.

136. “Para que no nosso íntimo, não existam contrastes, é preciso que a alma que, para nos expressarmos com S. Paulo, tem a mentalidade de Cristo, regule-se pela razão, como guia e por ela domine os afetos do coração e os membros do corpo. a fim de que tudo se subordine à razão. Assim, segundo o officio que tem o plectro na música, também no homem, transformado em Saltério, e completamente voltado ao espírito, todos os membros, com todos seus movimentos, obedecerão à razão em dócil serviço à divina vontade. Dêsse ânimo bem harmonizado e sereno é imagem e tipo, a harmoniosíssima leitura dos Salmos”.

Epistola ad Marcellinum. 28. — PG 27. 39 B.

NA ESCOLA DE CRISTO. GARANTIA DE VITÓRIA.

137. “Se há alguém que duvida da vitória sôbre a morte, aceite a fé em Cristo, passe à sua escola e então, há de verificar como é débil a morte, e como já foi vencida. De fato, muitos que antes não queriam crer, mas até zombavam de nós, depois de terem crido, desprezaram a morte, com tanta fôrça, que chegaram a ser mártires de Cristo”.

Oratio de Incarnatione Verbi. 28. — PG 25. 146 A.

PALAVRA, IDÔNEA A CADA MOMENTO DA VIDA ESPIRITUAL.

138. “As fôrças dos homens e das criaturas são fracas, são miseráveis: há porém uma fôrça, superior aos homens e incriada, que é rica e incompreensível, não está sujeita a dissolução e é sempiterna. Essa fôrça opera a salvação, não sômente de um

S. Atanásio escreveu várias obras apologéticas e doutrinárias. Entre essas: a *Apologia contra os Arianos*, o *Discurso contra os gregos*, o *Discurso sôbre a Encarnação do Verbo*. Fêz a exposição dos *Salmos*, escreveu um pequeno Tratado sôbre a *Virgindade*; ditou a *Vida de S. Antônio Abade*, que êle muito bem tinha conhecido. Conservaram-se também várias cartas atanasianas, de grande valor doutrinal.

modo: sendo rica opera por meio de sua palavra, de muitos modos: o Verbo, não obrigado nem solicitado por nós, rico e múltiplo como é, opera com adaptação multiforme de si mesmo, segundo as possibilidades de cada alma.

O Verbo é potência e sabedoria de Deus; e a sabedoria, como o afirma Salomão, sendo una, tudo pode; imanente em si, tudo renova. Se se aproxima das almas santas, torna profetas êstes amantes de Deus; com os que não sabem ainda caminhar em terra firme, exerce funções de ovelha, que amamenta (comparação de que S. Paulo usa: “dei-vos de beber leite, não alimento sólido” (1 *Cor* 3,2); para os que saíram do estado pueril, mas ainda se acham tomados de imperfeições, será alimento plenamente adaptado às suas necessidades (expressão usada também por S. Paulo: “quem é fraco alimente-se de hortaliças” (*Rom* 14,2); mas logo que começar a caminhar com firmeza, em um trilho mais perfeito, o homem não continuará a se nutrir dêstes alimentos: êle comerá do pão racional e de alimento de carne. Está escrito: “Para os perfeitos há alimento sólido: para aquêles que já têm os sentidos bem fortalecidos” (*Hebr* 5,14).

Por isso, quando a palavra é semeada, não germina na vida humana um simples fruto, que depois desaparece, mas um fruto que amarelando e amadurecendo, chega a produzir o número cem” (cf. *Mc* 4,8).

Epistolae heortasticae, X, 4. — PG 26. 1398 D.

INFLUXO SOCIAL DA VERDADE DIVINA.

139. “Uma vez as divinas Escrituras deram êste anúncio: “Transformarão as espadas em relhas e as lanças em foices, nem haverá mais guerra entre povo e povo, nem mesmo falarão mais em fazer guerras” (*Is* 2,4). Coisa não incrível, se também hoje observamos que os bárbaros, aos quais é inata a ferocidade dos costumes, se enquanto ainda imolam aos ídolos, enchem-se de furor uns contra os outros e não conseguem passar nem mesmo uma hora sem espada; quando, ao invés, ouvirem a doutrina de Cristo, passam das guerras ao trabalho dos campos e em vez de ter sempre a espada nas mãos, estendem-nas em oração; e deixam também de combater entre si, para se armarem, ao invés, contra o diabo e seus adeptos, aos quais vencem com a pudícia e com a fôrça da alma”.

Oratio de Incarnatione Verbi, 52. — PG 25. 187 C.

CONTINUAMENTE EM AÇÃO O PAI DA MENTIRA.

140. “Veio o diabo e a cada heresia disse: “Eu sou o Cristo; a verdade está comigo”; e o antigo tentador obrigou tôdas, em conjunto e a cada uma, a mentir. Justamente isso impressiona: enquanto tôdas as heresias se combatem entre si, querendo cada qual defender seus postulados, há uma única coisa em que plenamente estão de acôrdo: no mentir. Não por nada tôdas têm um mesmo pai, que em tôdas semeou a mentira (cf. *Jo* 8,44).

Todo aquêle, por isso, que é fiel discípulo do Evangelho, e está em condições de discernir os dons espirituais e edificou a casa de sua fé sobre rocha firme, êsse é sólido e será defendido contra seus êrros”.

Epistola ad Episcopos Aegypti et Libyae, 4. — PG 25, 547 A.

NA UNIDADE A VERDADEIRA DOUTRINA.

141. “(A divisão) têm origem sòmente no diabo e mais do que de mestres é insígnia de taverneiros.

Ê verdadeira aquela doutrina que os padres nos transmitem, que traz a marca dos verdadeiros mestres; os quais fundam-se no acôrdo comum, sem divisão interna, sem afastamento dos padres.

Os que são orientados para a divisão, devem ser considerados não verdadeiros, mas maus mestres. Os gentios, que não concordam, mas discordam entre si, são faltos de verdadeira doutrina. Os santos, ao invés, e os que são realmente mensageiros da verdade, concordam, não discordam entre si: êles, embora tenham existido em tempos diversos, tiveram, todavia, um só e único fim: todos eram Profetas de um só Deus e com o máximo acôrdo anunciavam o mesmo Verbo”.

De decretis Nicenae Synodi, 4. — PG 25, 422 C.

DISCÍPULOS DOS SANTOS.

142. “O que cada um dos santos (Apóstolos) recebeu, transmite-o, imutavelmente, por causa de sua docilidade acêrca dos mistérios da doutrina. O Verbo ordena-nos que sejamos seus discípulos: e é muitíssimo conveniente que êles nos sejam mestres e que nos aproximemos sòmente dêles, porque sòmente a êles foi confiada a palavra, aquela palavra que deve ser celebrada com todo louvor. Êles foram discípulos que não ouviram de outros, mas tendo visto e tendo sido ministros da palavra, transmitiram até nós as coisas ouvidas de Cristo”.

Epistolae heortasticae, II, 7. — PG 26, 1370 C.

SÃO BASÍLIO, O GRANDE

Bispo de Cesaréia - Doutor da Igreja
(330 - 379)

DE DEUS À IGREJA, DA IGREJA ÀS ALMAS.

143. “Os oráculos divinos são nossos: e pela Igreja de Deus são lidos em tôdas as reuniões, como um presente que nos foi mandado por Deus, a fim de que deveras tornem-se, para as almas, o alimento fornecido pelo Espírito”.

Homilia in Psalmum 59. 2. — PG 29, 463 B.

GRAVAÇÃO DAS FORMAS DIVINAS.

144. “Se, como é necessário, o conselho de Deus deve introduzir-se firmemente nos nossos espíritos, é indispensável que

São Basílio nasceu em Cesaréia de Capadócia, por volta de 330, de família rica e profundamente cristã. Cultivou sua preparação literária em Cesaréia, em Constantinopla e em Atenas: nesta última cidade encontrou-se com o compatriota São Gregório de Nazianzo, ao qual ligou-se para sempre por íntima amizade. Tornou-se professor de letras: mas a presença ativa de sua santa irmã Macrina o aproximou de Deus resolutamente. Visitou, então, os grandes solitários do Egito, da Síria, da Mesopotâmia, e de volta vendeu tudo que possuía e entregou-se à vida religiosa, organizando-a também para muitos outros através das Regras por êle compostas. O Bispo Eusébio de Cesaréia o ordenou sacerdote em 362. Em 370 sucedeu a Eusébio na cátedra episcopal. Os nove anos do seu governo espiritual foram fecundíssimos: organizou o clero e a vida litúrgica, criou escolas de arte e ofícios, abriu hospitais, desenvolveu grande atividade de formação cristã, sobretudo através das suas maravilhosas homilias. Combateu fortemente a heresia ariana e desenvolveu vigilante ação pela unidade da Igreja. São Basílio foi um Bispo excepcional, que reuniu em si as mais variadas e belas qualidades. Escreveram que êle foi “um dos homens mais equilibrados de tôda a história da Igreja”: homem de doutrina e de ação, filósofo, clássico, orador e teólogo. Escreveu obras ascéticas para a formação dos monges, de tal importância que fazem lembrá-lo como o verdadeiro pai do monaquismo oriental. No campo doutrinário escreveu a obra *Contra Eunómio* e um tratado sobre o *Espirito Santo*. Deixou grande número de homilias (sobre o *Hexameron* e sobre os *Salmos*) e outros discursos. Morreu antes dos 50 anos, a 1º de janeiro de 379. São Basílio, que detém o justo título de “grande”, é um dos maiores Doutôres e a Igreja grega sempre o coloca em primeiro lugar entre os seus *Doutôres Ecu-mênicos* (os outros são S. Gregório Nazianzeno e S. João Crisóstomo, ao lado dos quais a Igreja Latina põe S. Atanásio).

antes se dissipem do nosso interior os pensamentos simplesmente humanos. Como faz aquêlo que está para escrever em tabuazinhas de cêra: antes aplaina-as perfeitamente, para poder imprimir, a seu gôsto, as formas que quiser: do mesmo modo, o coração que quer receber com a máxima clareza os oráculos divinos, deverá tornar-se puro de tôda aspereza de pensamentos contrários”.

Homilia in Psalmum 32. 7. — PG 29. 342 A.

REMÉDIO É A PALAVRA; ÓLEO É A PALAVRA;
ATADURA É A PALAVRA.

145. “As feridas são os cismas na Igreja, as marcas são os corações hipócritas, a tumefação é a soberba do espírito, o qual enche-se de uma tôla estima de si, e, portanto, se levanta contra os ensinamentos de Cristo.

O remédio calmante é a palavra simples e suave, que cura as veias muito entumescidas; o óleo é a palavra piedosa e compassiva que abranda o falso, simulado e áspero sentimento de doutrinas hipócritas e dissimuladas; a atadura, enfim, é a palavra que mantém a unidade das tendências que inclinavam-se a diferenciar-se”.

In Isaiam prophetam. c. 1. 18. — PG 30. 147 C.

SUPREMO RESPEITO ÀS ESCRITURAS.

146. “Para quem considera o juízo de Cristo e sabe quão perigoso é subtrair ou acrescentar qualquer palavra ao que nos foi transmitido pelo Espírito Santo, torna-se indispensável não tentar introduzir por própria iniciativa qualquer novidade, mas ater-se ao que nos foi precedentemente anunciado pelos santos. Ousar introduzir coisas que não foram admitidas, nem pela praxe normal, nem pelo uso das Escrituras, não é sinal de perigosa loucura?”

Adversus Eunomium, lib. II, 8. — PG 29. 586 B.

PRIVADOS DA LUZ, PRIVADOS DA PALAVRA,
PRIVADOS DA VERDADE.

147. “Comerão os frutos das suas obras” (Is 3,10). — Fruto das suas obras é o cativo da Babilônia e a dispersão, a destruição do templo e o desvanecer das suas glórias, o rubor dos seus rostos, o qual não lhes permite erguer os olhos a Deus, pelo seu crime contra o Unigênito. Perderam então a antiga

confiança, sem ter mais nem profetas nem culto; após ter ligado o Verbo, ligado a Verdade, a luz, o Salvador, o Médico, o Libertador (e tudo isso é Cristo, considerado sob seus múltiplos aspectos), ficaram privados da luz, da palavra, da verdade: vivem no pecado, são doentes incuráveis. Tais são os frutos das suas obras que eles comem”.

In Isaiam prophetam, c. 3, 114. — PG 30, 303 B.

NÃO SE ENCONTRA NELA A MENOR IMPUREZA.

148. “Não sejas daqueles que amam o barulho, que gostam muito de perambular, que procuram a cidade: sejas, ao contrário, amante da solidão, desejoso de ficar sempre junto de ti mesmo, fora de toda distração: sejas como todo aquele que julga seu dever fundamental a oração, a salmodia. E nem descuides da leitura, sobretudo do Novo Testamento.

Há, às vezes, quem sofra prejuízo na leitura do Velho Testamento: isto não é pelo fato de que aí sejam escritas coisas prejudiciais, mas pelo fato de que o espírito de quem recebe prejuízo está enfermo. Todo pão é feito para alimentar bem, mas pode fazer mal aos enfermos. Assim “toda Escritura é divinamente inspirada e útil” (2 Tim 3,16) e “não há nela algo de contaminado” (Sab 7,25): a menos que alguém veja alguma coisa como contaminada; então isso torna-se de veras contaminado para ele”.

Epist. classis I: epistola 42, 3 (ad Chilonem discipulum suum). — PG 32, 354 A.

A ESCRITURA É ESTÍMULO À PROCURA.

149. “Quem nos criou... quis que nas Escrituras houvesse obscuridades, a fim de que exercitássemos a mente para vantagem nossa. E em primeiro lugar para que a mente ocupando-se nisso, se mantivesse distante de pensamentos vulgares; em segundo lugar, porque aquilo que mais custa mais agrada; e porque aquilo que mais tarda a vir, permanece mais tempo conosco; e daquilo que procuramos com facilidade gozamos menos, e pouco se aprecia o que se tem na mão; e quem é o dono, pouco se preocupa com seus pertences”.

In Isaiam prophetam, prooemium, 6. -- PG 30, 127 C

ALTO PRINCÍPIO PARA QUERER O SILÊNCIO.

150. “Aquele que nos criou, nos proviu com o uso da palavra de modo que revelemos os pensamentos do coração um ao outro,

e cada um, dada a nossa natureza social, manifeste-os ao seu próximo, libertando-os da sua intimidade, como das células onde estão guardados. Se fôssemos feitos de pura alma, por certo nos comunicaríamos dentro de nós por meio dos próprios pensamentos; mas a alma encerrada no invólucro carnal, tem necessidade de palavra para trazer à luz as coisas que existem na parte mais recôndita da mente. Por isso a nossa mente, quando percebe o sentido de qualquer coisa, logo a palavra, como que perpassando o ar sobre um barquinho, transmite esta qualquer coisa de quem fala à quem escuta. Se houver uma grande quietude e tranqüilidade, então a palavra ascenderá aos ouvidos dos discípulos como a um pôrto plácido e tranqüilo; caso contrário, o tumulto excitado dos ouvintes se oporá como se se tratasse de uma tempestade que a detém no ar, obrigando-a a uma espécie de naufrágio. Dai portanto tranqüilidade à palavra mediante o silêncio. Nêle vos chegará qualquer coisa de útil; e talvez não vos ireis daqui sem qualquer coisa de bom. A palavra de verdade é de difícil compreensão, e pode facilmente passar despercebida aos desatentos”.

Homilia in illud: "Attende tibi Ipsi". — PG 31, 198 C.

SEMENTE E FILIAÇÃO ESPIRITUAL.

151. “Entre semente e filhos há naturalmente uma estreita afinidade: da semente se desenvolvem os rebentos, não só fisicamente falando, mas também espiritualmente, desenvolvendo-se, quem recebe a doutrina, desde os germens do ensinamento até tornar-se semelhante àquele que ensina; e são portanto chamados filhos (isto é) filhos do reino, (Mt 8,12) quando tendo recebido as sementes salutares crescem segundo aquelas; ou filhos da Geena, (Mt 23,15) se de sementes de doutrinas perversas, tornam-se merecedores da danação”.

In Isalam prophetam. c. J. 16. — PG 30, 143 A.

EXALTAÇÃO DA PARTICULAR DIDÁTICA DIVINA NO “LIVRO DOS SALMOS”.

152. “Tôda Escritura é divinamente inspirada e útil” (2 Tim 3,16) e por isso foi escrita pelo Espírito Santo: para que todos os homens pudessem escolher, como em uma farmácia que cuida das almas, o que nos é necessário para nossas enfermidades. Diz realmente a Sagrada Escritura que “a cura impede muitos pecados” (Ecl 10,4).

Uma coisa ensinam os Profetas, outra os historiadores, outra a lei, outra aquêlê tipo particular de exortação que se encontra por exemplo nos Provérbios. Mas, tudo o que de útil se encontra nos outros livros, o livro dos Salmos no-lo oferece reunido: anuncia as coisas futuras, leva as almas aos fatos da história, prescreve o modo justo de proceder, sugere tudo o que devemos fazer. Numa palavra, êste livro é como um prontuário geral, que oferece cuidadosamente a cada um, o que a cada um é necessário: eis, de fato, que dá remédio às velhas chagas da alma, restitui pronta saúde às feridas recentes, reanima o que sofre, conserva o que se pôde manter incólume e íntegro. Enfim, êste livro, quanto depende dêle, domina os afetos maus, que de maneira variada assediam o curso da vida humana; e faz tudo isso usando de uma suavidade harmônica e suscita certo prazer que gera pensamentos honestos.

O Espírito Santo vendo que era difícil conduzir o gênero humano à virtude e que ao contrário, pela tendência que temos para o prazer somos mais inclinados a desprezar o bom caminho, o que fêz? Desposou à verdade a doçura da harmonia, de modo que pela juncundidade e suavidade das coisas sentidas, sem o perceber, absorvêsemos-lhes a utilidade. Não de outra forma procedem os sábios médicos, quando devem administrar uma poção amarga a quem dela sente repugnância: muitas vêzes adoçam a borda do cálice com mel. Aquelas harmoniosas melodias dos Salmos foram portanto pensadas, a fim de que aquêles que ainda são crianças na idade, ou jovens de costumes, enquanto têm somente a impressão de cantar, de fato todavia ensinem suas próprias almas. É coisa rara que alguém, sobretudo quem é pouco diligente, conserve na memória palavras dos Apóstolos ou dos Profetas: ao invés, os oráculos dos Salmos modulam-se mesmo em casa, cantarolam-se mesmo nas praças. E mesmo, se alguém estivesse muito agitado, com febre muito alta, mal o Salmo começa sua obra de suavização, logo o mal acalma-se e elimina-se a aspereza da alma.

O Salmo é tranqüilidade das almas, é árbitro de paz, é disciplinador de pensamentos turbulentos. Como reprime a escandescência e a alteração da alma, assim refreia também a lascívia. O Salmo concilia as amizades, põe de acôrdo os dissidentes e introduz gentileza entre inimigos. Quem poderia considerar inimigo alguém com o qual se uniu para cantar a Deus, em uma única fusão de vozes? Por isso o Salmo concilia o máximo dos bens, a caridade, tendo descoberto um vín-

culo para favorecer a uma alegre concórdia e congregar um povo na sinfonia de um só côro.

O Salmo afugenta os demônios, solicita o patrocínio dos anjos, dá armas contra os temores noturnos, é descanso nas fadigas do dia, é segurança dos pequenos, é ornamento dos jovens, é alegria dos anciãos, é decôro convenientíssimo das mulheres.

O Salmo enche de vida as solitudes, enquanto favorece a ordem nas praças. O Salmo é comêço para os incipientes, é incremento para os que progridem, é garantia para os perfeitos; é a voz da Igreja, é a alegria dos dias de festa, enquanto gera também aquela tristeza, segundo Deus, que dá salvação.

De fato o Salmo faz derramar lágrimas mesmo a um coração de pedra. O Salmo é ocupação de anjos, é conversação celeste, é perfume espiritual.

Oh! sábia iniciativa do Mestre, o qual soube oferecer-nos a arte, na qual, ao mesmo tempo, pudéssemos cantar e aprender as coisas necessárias e pelas quais tanto mais se imprimissem nas almas os mandamentos de Deus!"

Homilia in Psalmum 1, 1-2. — PG 29, 210 A.

SAPATOS GASTOS.

153. "As vossas vestes não sejam rotas e os sapatos nos vossos pés não sejam gastos pelo tempo" (*Dt 29,5*). — Os sapatos eram símbolo da preparação ao Evangelho de paz. O Novo Testamento, feito por Jesus, permanece novo e não envelhece nunca. Quanto mais fazemos uso dêle e dos sapatos, tanto mais tornam-se novos, porque quanto mais aprofundamos a fé em Cristo, tanto mais faz-se em nós sempre mais recente e nova a compreensão do Evangelho".

In Isaiam prophetam, c. 3, 125 — PG 30, 322 A.

"A PALAVRA QUE RESOLVERIA TODOS OS PROBLEMAS...".

154. "Afastado o "admirável conselheiro", (*Is 9,5*) fica naturalmente afastado também o "inteligente ouvinte". Onde não há dinheiro não é necessário o cambista. Todavia é deplorável que quando existe a palavra, rica de espiritualidade e que resolveria todos os problemas, não haja quem a aprenda com inteligência, por falta de ouvidos na alma, como o Senhor

exige para ouvir as suas palavras, dizendo: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (*Mt 11,15*).

In Isaiám prophetam, c. 3, 107. — PG 30, 291 B.

PINTURA MORAL.

155. “O melhor meio para conhecermos o nosso dever é a meditação das Escrituras divinamente inspiradas. Nelas encontram-se preceitos sôbre as coisas a fazer, ou exemplos dos santos homens, quase como pinturas animadas de uma vida vivida de acôrdo com os ditames divinos, propostas como modelo a quem quiser fazer o bem.

Portanto, qualquer ponto em que alguém se ache imperfeito, se se entregar assiduamente àquela meditação, encontrará o remédio adequado, apropriado à sua enfermidade, como em uma bem fornecida farmácia.

O amante da castidade lê com freqüência a história de José, e com êle aprende lições cheias de temperança, notando que não só se abstém daquele deleite particular, mas que está habitualmente seguro na virtude. Aprende a fortaleza com Jó, o qual, tendo-lhe sido tiradas tôdas as coisas que antes possuía, e de rico que era, ficando na miséria, privado de repente de sua bela prole, não só continuou o mesmo de antes, conservando o ânimo invicto, mas nem mesmo irritou-se contra o Senhor quando os amigos que tinham vindo consolá-lo, chegaram a dizer-lhe coisas pesadas e submeter à análise sua dor. Quem deseja fundir a clemência juntamente com a magnanimidade, de modo que, rebelando-se diante do pecado, seja, todavia, clemente diante do homem, êste encontrará então Davi, que sendo magnânimo nos feitos guerreiros, é clemente e sereno ao tratar os inimigos; encontrará também Moisés que se insurge com tôda energia contra aquêles que tinham pecado contra Deus, mas suporta com calma as calúnias voltadas contra êle.

Diante das Escrituras deve acontecer como aos pintores que quando reproduzem imagens de uma realidade, observam com insistência o exemplar, esforçando-se por reproduzir-lhe a forma exata na sua obra: assim também aquêle que deseja tornar-se perfeito sob os vários aspectos da virtude, deve olhar êstes exemplos dos santos como imagens vivas e eficazes e imitá-las fazendo tudo que aí ache deva ser imitado”.

Epist. classis I: epistola 2, 3. — PG 32, 227 B.

UM SISTEMA DE DEUS PARA ABRIR OS OUVIDOS.

156. "A disciplina do Senhor abriu-me os ouvidos" (*Is* 50,5). Como as crianças que atendem aos estudos com negligência, se acontece serem estimuladas pelas repreensões de mestres e pedagogos, tornam-se muito mais diligentes e recebem com nova disposição o que lhes é ensinado; e as palavras que a criança não escutava antes da correção agora, em vez, em virtude de uma boa punição, fazem-se ouvidas, entendidas e gravadas na memória: assim acontece àqueles que não escutam a palavra de Deus e negligenciam ou desprezam a sua doutrina. Quando Deus lhes mandar um castigo e forem flagelados pelas desgraças dêste mundo, então, finalmente, receberão no seu íntimo, como se ouvissem pela primeira vez, aquelas coisas que sempre tinham ouvido acêrca dos preceitos divinos, sem nunca tê-las compreendido. Por isso diz: "A disciplina do Senhor abriu-me os ouvidos".

Homilia in principium Proverbiorum. 5. -- PG 31. 395 B.

SÃO CIRILO

Bispo de Jerusalém - Doutor da Igreja
(313 - 386)

ACONSELHA AO IMPERADOR A MEDITAÇÃO DO EVANGELHO.

157. “No Evangelho de S. Mateus, o Salvador, comunicando aos seus Apóstolos, notícias de coisas futuras e falando, por meio deles, também aos seus sucessores, dizia, da maneira mais explícita: “Aparecerá então no céu o sinal do Filho do Homem” (Mt 24,30). Tomando na mão, como de costume, o divino Livro dos Evangelhos, aí encontrarás escrito o testemunho antecipado de tudo isso. E eu te exorto, senhor, a servir-te dele com meditação mui freqüente, também para tôdas as outras coisas que aí ordenadamente são expostas: porque as coisas ditas pelo nosso Salvador exigem ser entendidas com muita diligência, unida à piedade, para que não nos exponhamos aos perigos que nos prepara o poder inimigo”.

Epistola ad Constantium Imperatorem. VI. — PG 33, 1171 B.

S. CIRILO nasceu em Jerusalém, no ano 313; foi monge e teve boa preparação para seu ministério, sobre a Sagrada Escritura. O ano 348 foi o mais profícuo de sua vida, quando pregou as famosas 24 catequese que o imortalizaram, dando-lhe o lugar merecido entre os Doutores da Igreja. Talvez naquele mesmo ano tenha sido elevado à Cátedra de Jerusalém. O tempo de seu episcopado foi muito agitado por conflitos jurídicos e doutriniais. Cirilo foi exilado pela primeira vez em 357-58; voltou a Jerusalém no reinado de Juliano, o Apóstata, e foi testemunha dos inúteis esforços feitos por êsse imperador para reedificar o templo de Jerusalém. Outro exílio de 11 anos sofreu Cirilo, sob o imperador Valente (367-378). No ano 381 S. Cirilo participou do grande Concílio de Constantinopla, em cuja conclusão os Bispos encarregados da relação ao Papa S. Dâmaso, escreveram a seu respeito estas palavras: “Fazemo-lo ainda saber que o Bispo da Igreja de Jerusalém, mãe de tôdas as Igrejas, é o venerável e a Deus caríssimo Cirilo, o qual há tanto tempo foi regularmente eleito pelos Bispos da sua província e enfrentou, em vários lugares, diversos combates contra os arianos”. Os escritos de S. Cirilo de Jerusalém, além de uma carta ao imperador Constâncio, reduzem-se às citadas 24 catequese que êle pregou na Quaresma do ano 348, para preparar os “Iluminandos” ao solene Batismo que se conferia na Vigília pascal. As catequese, que passam em revista os vários artigos do Símbolo, são ao mesmo tempo de grande simplicidade e de uma notável riqueza doutrinal. S. Cirilo morreu no ano 386. Foi declarado Doutor da Igreja pelo Papa Leão XIII, em 1882.

ESCRITURA, BASE DA FÉ.

158. “Sôbre os santos e divinos mistérios da fé nada devemos dizer que não tenha base nas divinas Escrituras nem apresentar coisas que se apóiem sômente em probabilidades e sôbre argumentos humanos, bem ajustados. E tu não creias nem em mim mesmo, que te estou ensinando estas coisas, se elas não te forem demonstradas como baseadas nas divinas Escrituras. Esta nossa fé, à qual devemos a nossa salvação, não se origina de uma argumentação humana, mas adquire tôda a sua fôrça da demonstração das divinas Escrituras”.

Catechesis IV, 17. — PG 33, 475 B.

A IGREJA GARANTE-NOS OS LIVROS SAGRADOS.

159. “Se te acontece ouvir algum herege que despreza a Lei e os Profetas, opõe-lhe a voz salvadora do Senhor: “Não vim destruir a Lei, mas aperfeiçoá-la” (*Mt 5,17*). Com muita atenção ouve também da Igreja, quais são os Livros do Velho Testamento e quais os do Novo: e não te ponhas a ler nenhum livro apócrifo. Não conheces ainda os livros admitidos e reconhecidos por todos, e por que queres perder tempo em coisas duvidosas e discutidas?”

Catechesis IV, 33. — PG 33, 495 A.

NORMA PARA O FILHO DA IGREJA.

160. “Medita atentamente e insiste sôbre os Livros que lemos com tôda certeza na Igreja: os Apóstolos eram muito mais prudentes e mais religiosos do que tu e também os antigos Bispos prepostos à Igreja, que no-os transmitiram: tu, portanto, sendo filho da Igreja, não subvertas as leis estabelecidas. . .
O que não se lê nas igrejas, não o leias também em particular”.

Catechesis IV, 35-36. — PG 33, 498 C; 502 A.

SÃO GREGÓRIO NAZIANZENO

Bispo de Constantinopla - Doutor da Igreja
(330 - 390)

PALAVRA DE DEUS COMO O SOL.

161. "Meu cabelo encaneceu e os membros pelas rugas já sulcados se vão para o declínio duma vida acidentada.
Muitos males provou meu coração:
prelibei bem raras alegrias: muito breves, na verdade.
Jamais porém vi glória tão grande, tão excelsa
como esta de aderir à sublime divindade.
Única glória para mim cara fôra a eloquência, a qual sorvi
no Oriente, no Ocidente, e em Atenas, honor da Grécia.
Nela esforcei-me tanto, demoradamente; e ainda assim
em terra constrangi-a, vencida aos pés de Cristo:
fi-la ceder de pronto à palavra de Deus que obscurece

S. GREGÓRIO nasceu no ano 330 nas cercanias de Nazianzo. Realizou diligentíssimos estudos em Cesaréia, Alexandria e Atenas. Nesta última cidade, onde encontrou-se com S. Basílio, tornou-se mestre de retórica. Só em 359 recebeu o batismo e foi atraído a solidão do Iris por S. Basílio. Alma extremamente delicada, tenra e tímida, sofreu e aceitou com dificuldade cada passo decisivo e cada responsabilidade a que foi conduzido na vida: o sacerdócio em 362 e o episcopado em Sásima em 371, por vontade de S. Basílio. Mas de 374 a 379 o prepotente desejo de solitude prevaleceu sobre tudo e fugiu para o mosteiro de S. Tecla em Selêucia, na Isáuria. Foi a necessidade particular da grande Igreja de Constantinopla que moveu os cristãos daquela Igreja, ajudados por S. Basílio, a procurá-lo e arrastá-lo àquela cátedra. Isso aconteceu em 379. Aí êle resplandeceu verdadeiramente como uma lucerna sobre o candelabro. E paulatinamente, do nada, soube conquistar pela santidade da vida e o excepcional encanto de sua eloquência, tãda a elite da cidade. Por acontecimentos particulares do Concilio de Constantinopla em 381, êle teve que abandonar sua sede episcopal. Passou o último tempo de sua vida na sua possessão de Arianzo. Foi então que escreveu tôdas as suas magníficas composições poéticas. Restam-nos de S. Gregório, 45 discursos, obras-primas de eloquência e de doutrina. Esses escritos lhe valeram o título todo seu de "teólogo". Muito ampla e variada a obra poética, entre a qual há também 1949 versos "de vita sua". — Chegaram-nos 240 cartas que seguramente lhe pertencem. — Profundidade de pensamentos, sublimidade de sentido, nobilidade e perfeição de estilo tornam agradável para sempre o magistério dêste grande Bispo escritor, que justamente faz parte dos "quatro grandes" da Igreja oriental.

os discursos mais persuadentes do espírito humano,
tal como o sol que ao esplendor no alto
ofusca o brilho dos outros luminares”.

Poëmata ad alios: VII (ad Nemesium), vers. 37-49. — PG 37, 1553 A.

CRISTO E O ESTUDO.

162. “Toma por guia de teus estudos a Cristo, que é de vida
viva Palavra: Êle, que é superior a tôda palavra”.

Poëmata ad alios: V (Nicobuli pátris ad filium), vers. 265-66. — PG 37, 1540 A.

FINALIDADE SUPREMA DA ESCRITURA.

163. “Dar asas à alma; arrancá-la do mundo e entregá-la a
Deus; e a divina imagem ou conservá-la se existe, ou fortifi-
cá-la se é fraca, ou reproduzi-la se está apagada; receber no
domicílio do coração Cristo por meio do Espírito; e, resumindo
tudo, fazer do homem, conquista suprema, como um Deus e
conquistar para êle a felicidade eterna: — a isto visa o ma-
gistério da lei; a isto os Profetas, colocados entre a lei e Cristo;
a isto Cristo, completador e fim da lei”.

Oratio II. Apologetica, 22-23. — PG 35, 431 B.

O AMOR FACILITA O CONHECIMENTO.

164. “Minha doutrina não admite fé indecisa:
ater-se firme à revelação, êste é valor supremo.
Quem tiver amado será também amado:
e quem fôr amado terá por hóspede o próprio Deus.
Não pode não haver luz onde Deus está presente:
pois, condição primeira da luz é conhecer a luz.
Assim o amor nos facilita o conhecimento;
e esta é a senda reta que nos conduz à superior verdade,
mais válida que subtilezas das humanas palavras”.

Poëmata moralia, X (de virtute), vers. 978-986. — PG 37, 751 A.

DOS LIVROS À VISÃO DE DEUS.

165. “Com os sagrados livros, com os divos Profetas,
com os oráculos de Cristo, anunciador sublime,
em mente esculpidos pelo fulgor do Espírito Santo,
e tendo, no coração puro, possibilidade de ver o Deus excelso

(pois é só assim que a invisível Deidade conhecer podemos)
 nos, instruídos nas coisas celestiais, iluminados, tendemos aos
 [bens supernos,
 quanto a mortais é possível conhecer o eterno Deus.
 Dificilmente o olhar humano penetra as nuvens,
 por quanto tenha de acuidade: entretanto lucraremos mais rico
 [conhecer:
 pois que prêmio do desejo será o objeto mesmo do desejo”.

Poëmata ad alios: VII (Ad Nemesium), vers. 113-122. — PG 37, 1559 A.

REUNIR O MUNDO NAS LEIS DE CRISTO.

166. “Cristo não restringiu-se à fraca voz de poucos homens,
 nem o tempo dissipou-lhe a fama, qual etéreo fumo
 que num instante no céu esvanece.
 Esta é lei de glória débil, que rápida se desfaça.
 Mais célebre é Cristo hoje perante todos,
 num continuado crescendo através dos tempos.
 Eu creio, virá um dia em que o mundo em suas leis estringirá:
 assim diz a divina profecia: e profecia se cumpre,
 submetida, no tempo, ao arbítrio de Deus.
 Tudo que me ensinou o doce Cristo, lume divino,
 eu anuncio, manifestando de sua doutrina os fundamentos:
 a deidade, a criação do mundo, o universal guia
 pelo qual sempre rege os mundos o Verbo do grande Deus”.

Poëmata ad alios: VII (ad Nemesium), vers. 291-303. — PG 37, 1574 A.

FÁCIL IMPRUDÊNCIA HUMANA DIANTE DA PALAVRA DE DEUS.

167. “A situação é sobremaneira confusa. Estamos tão mal colocados, a ponto que muitos dentre nós — para não dizer todos — mesmo antes de cortar o cabelo pela primeira vez, antes de ter vencido a balbúcie infantil, de ter pisado os átrios divinos, de saber, ao menos, os nomes dos Livros sagrados, de conhecer o caráter e os autores do Antigo e do Nôvo Testamento (e também não quero dizer, antes de nos ter libertado do barro e purificado as manchas da alma que nos tinham sido impressas pelo pecado), se tivermos aprendido duas ou três palavras, e isto não como fruto de estudo, mas por tê-las ouvido pronunciar, ou se apenas passamos em vista Davi, ou mal vestimos o pálio, e cingido, como fazem os filósofos, dando-nos um certo aspecto espiritual, uma crisálida, mais do que outra coisa! oh! desejo de grandeza! espírito cheio de si!

oh! Samuel sagrado desde o berço! Já somos sábios, já somos mestres, sublimes nas coisas divinas, os primeiros entre os escribas e os legisperitos! E nos arrogamos o título de celestes, desejamos que os homens nos saudem como "mestres". Julgamos, sem atinarmos com o significado, que tudo deva ser entendido espiritualmente, quando (na realidade) não passam de sonhos e fantasias e, por cima de tudo, ainda nos ressentimos quando não recebemos coroas de louros!"

Oratio II. Apologetica. 49. — PG 35. 458 B.

SÃO GREGÓRIO NISSENO

Bispo de Nissa
(335 - 395)

ORAÇÃO PROPICIATÓRIA DIANTE DO GRANDE MAR DA PALAVRA DE DEUS.

168. “Eis: temos em vista o grande mar da consideração das palavras divinas: desta navegação esperamos grandes frutos de conhecimento; e esta nave animada, a nossa Igreja, tôda concentrada em si mesma, está para fazer-se ao largo, atenta como é às riquezas que promete o nosso dizer. Porém, a nossa palavra, que funciona como capitão, não tomará o timão, antes que tôda a equipagem desta nave tenha apresentado os seus votos a Deus para que espire favoravelmente sôbre nós a aura do Espírito Santo, mova o fluxo dos pensamentos e acompanhe o nosso dizer, como que favorecido por uma próspera navegação: assim, conduzidos ao largo pela contemplação, conquistaremos resultados preciosos: os frutos do conhecimento. Isto, diga-se ainda, se as vossas preces conseguirem que a sagrada brisa

Irmão de S. Basílio, o Grande, GREGÓRIO nasceu por volta de 335. Orientou-se para a literatura e tornou-se professor em sua cidade natal, Cesaréia. Sob o forte e maravilhoso influxo de seu irmão S. Basílio e de S. Gregório Nazianzeno, deixou logo o mundo e viveu no seu mosteiro, em Iris, por mais de um decênio. Dali saiu em 371, para ser Bispo de Nissa, na Capadócia. Menos dotado do que seu irmão mais velho como homem de ação, Gregório colocou-se em grandíssima evidência, por ocasião de alguns Concílios, sobretudo do Concílio de Constantinopla em 381, onde foi saudado como “Coluna da ortodoxia”. Foi extraordinário orador e a côrte imperial de Constantinopla chamava-o para os discursos das grandes ocasiões. O Patriarca Fócio, séculos mais tarde, dirá que “nenhum retor tem uma frase tão brilhante, tão doce aos ouvidos”. — Entre as obras do Nisseno, temos: *Discurso catequético*, alguns discursos *Contra os arianos* e *Contra Apolinário*, escritos dogmáticos e várias obras escriturais, entre as quais o notável *Liber de Hominis opificio*, homílias sôbre os *Salmos*, sôbre a *Virgindade*, numerosos discursos ascéticos, e discursos vários. Restam-nos dêle também 26 cartas. — S. Gregório Nisseno, morto em 395, fecha a tríade excepcional de Bispos, santos e doutôres da Igreja da Capadócia, na qual S. Basílio é a base, o inspirador, o organizador completo e sábio; S. Gregório Nazianzeno, íntimo dos dois irmãos é, no sentido mais apropriado do têrmo, o teólogo e o poeta; S. Gregório Nisseno é o místico e o filósofo, dois atributos que nêle se compõem em rara e admirável unidade.

acompanhe a nossa palavra, e faça inchar as velas para a grande navegação”.

In Cantica Cantic. Homilia 12. — PG 44, 1015 B.

O EXEMPLO DA ABELHA.

169. “A abelha foi posta diante de nós, como aquela que honra a sabedoria. Ela nos ensina que convém não nos abstermos de nenhuma boa disciplina, e que, sobrevoando o prado das páginas inspiradas por Deus, deve-se recolher de cada uma delas como se recolheria do pólen das flôres para formar-se a sabedoria, fabricar-se no próprio interior, em uma espécie de colméia, a cêra e colocar o fruto desta procura das múltiplas disciplinas nas células bem divididas da memória, como em outros tantos canalzinhos que se intersecam no favo de mel. Assim com o exemplo desta abelha sábia, cujo favo é doce e cujo ferrão é inócuo, devemos prover-nos continuamente desta preciosa operação de virtude. Faz realmente ótimas aquisições quem sabe depois transformar o que recolhe com seu suor em bens eternos e os seus trabalhos, orientados para a salvação da alma, os distribui entre os reis e os sábios. Uma tal alma é desejável ao espôso, clara e insigne aos Anjos porque apesar de sua debilidade leva a cumprimento a virtude, e honra a sabedoria”.

In Cantica Cantic. Homilia 9. — PG 44, 950 A.

O ESPÍRITO SANTO FAZ OBRA DE ARTE PEDAGÓGICA POR MEIO DA ESCRITURA.

170. “Creio não errar chamando o Espírito Santo com o título de “mestre”, tendo sido dito: “Ele vos ensinará tôdas as coisas” (Jo 14,26). Ora, êsse formador de nossas almas não tem outro escopo, nem outro verdadeiro interêsse senão salvar aquêles que estão errando na vaidade desta vida, e levá-los à verdadeira vida.

Qualquer que se tenha estabelecido uma finalidade a atingir, estabelece também uma ordem lógica indispensável a dar à finalidade visada um desenvolvimento programático.

Observemos a atividade dos escultores e dos estatuários: o seu fim é adaptar a pedra à imagem de alguém. Evidentemente a sua obra não pode começar pelo fim: êstes sabem proceder na sua arte com uma ordem indispensável, sem a qual não obteriam algo de bom e a sua fadiga seria inútil. Antes de tudo trata-se de seccionar o mármore daqueles outros

blocos que lhe são aderentes; depois de aplainar as saliências e eliminar as partes inúteis à efetuação da imagem pensada: assim, exige-se, antes de tudo, estudo e suor para subtrair aquelas partes da pedra, após o que começa-se a ter como que um certo esbôço, por cuja representação o artista deu-se ao trabalho. Neste ponto, passando ao uso de instrumentos menores e mais finos, começa a polir as asperezas do mármore, e portanto, a imprimir à matéria que tem entre as mãos, a semelhança do protótipo a executar. Deve então aperfeiçoar, lustrar, e dar a última mão à superfície do mármore, e torná-la perfeita: complexo de ações com as quais o artista leva a termo tudo o que era previsto para a obra empreendida.

E com o homem acontece exatamente dêste modo: sendo que a nossa natureza, por obra dos prazeres inferiores, como que se converteu em pedra, eis que a instrução e a obra de formação, tarefa verdadeiramente de um mestre, nos esculpe, nos aperfeiçoa à imagem de Deus, tendendo gradativamente ao seu fim com um programa bem estudado e determinado antecipadamente. Antes (o Espírito) nos corta, extirpando de nós tôda semelhança com a pedra, quero dizer, a malícia, que por certo hábito tornou-se-nos uma segunda natureza; depois procura tirar a matéria supérflua; então começa a plasmar a matéria útil à semelhança do Exemplar: corta e remove tôda a aspereza que não deixaria delinear-se a imagem; e com uma obra de sutil disciplina de pensamentos e de novos conhecimentos, limando e modelando a nossa mente sôbre o desenho da virtude, esculpe em nós o Cristo, à semelhança do qual fomos modelados desde o princípio, e ao qual devemos ser agora outra vez configurados.

Qual é então a ordem desta escultura a que nos estamos dedicando? Na primeira parte dos Salmos, fomos como que destacados do mau caminho; no que segue, ao invés, com programa bem traçado dá-se início ao nosso modelamento sob todos os aspectos.

A ordem dos Salmos resulta, portanto, do fato de que o Espírito Santo, como foi dito, tem como finalidade formar as nossas almas pela virtude... Ora, no exemplo da escultura por nós referido, a arte para confeccionar a estátua exige muitos instrumentos, nem todos semelhantes no tipo e na forma, porque, aliás, enquanto um dêles tem a ponta esférica, outro tem a forma de serra, outro de martelo, outro tem a forma de um semi-círculo e cada um dêles é útil à obra de arte no momento oportuno. Assim, ao nosso Mestre que tem por

programa formar as nossas almas à semelhança de Deus, a variedade dos Salmos é como a variedade dos instrumentos de escultura; e o uso destes instrumentos dispõe-no o exato programa de ação”.

In Psalmos, tractatus II, 11. — PG 44, 542 D.

A BÔCA À NASCENTE.

171. “A alma que se une a Deus, não chega a enfadar-se do alto prazer: quanto mais goza, mais veemente se lhe acende o desejo. Pois que as palavras do Espôso “são espírito e vida”, e quem se congutina com o espírito torna-se espírito e quem se une à vida passa da morte à vida, em harmonia com o que disse Deus, por isso, a alma virgem deseja aproximar-se à fonte da vida espiritual.

Ora, a fonte é a bôca do Espôso, donde emanam as palavras de vida eterna que enchem a bôca de quem as aspira, como fazia o Profeta aspirando o Espírito na sua bôca (*Sl* 118,131). Quem quiser beber na fonte, é necessário então que encoste a bôca na água: ora a fonte é o Senhor, que disse: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (*Jo* 7,37) e é por isso, que a alma quer encostar a bôca à bôca de onde emana a vida, dizendo: “Receba eu um ósculo de sua bôca” (*Cânt* 1,1); e aquêle que tem êsse manancial para todos e quer que todos sejam salvos, não deixa que nenhum daqueles que se salvam seja privado dêste beijo: beijo que se torna purificação de qualquer mácula”.

In Cântica Cantic. Homília I. — PG 44, 778 D.

SANTO AMBRÓSIO

Bispo de Milão - Doutor da Igreja
(333 - 397)

ÚNICO MESTRE, AQUELE QUE NÃO APRENDEU
PARA PODER ENSINAR.

172. “Não reivindico a mim mesmo a glória dos Apóstolos: e quem o poderia fazer, senão aqueles que foram escolhidos pelo

S. AMBRÓSIO cronologicamente é o primeiro entre os quatro máximos doutores da Igreja Latina. Nasceu em Tréviri em 333 e quando ficou órfão de pai, que era prefeito do pretório pelas Gálias, sua mãe levou o menino a Roma com os irmãos Sático e Marcelina, para dar-lhes uma perfeita educação. Tendo feito acuradíssimos estudos literários, Ambrósio ingressou na carreira administrativa. Em 373 era governador da Ligúria e da Emília, quando em Milão, onde residia, foi aclamado Bispo pela voz do povo: persuadido também pelos outros Bispos e pelo próprio Imperador, teve que submeter-se à “vox populi”. O extraordinário acontecimento desta escolha mostra claramente o dedo de Deus: Ambrósio tornar-se-á um dos maiores Bispos e Doutores da Igreja. Era apenas catecúmeno: foi imediatamente batizado e recebeu em seguida as ordens sagradas a 7 de dezembro de 374. — É conhecido seu sábio e forte govêrno, que se opôs tenazmente à penetração do arianismo e em alguns momentos viu-o com o indicador erguido, mesmo diante do imperador Teodósio. Nos seus mais de vinte anos de episcopado deu tal impulso a todos os aspectos da vida cristã que deixou à própria sede de Milão um prestígio imorredouro. Grande orador, foi sobretudo na pregação que êle exercitou profunda influência. S. Agostinho deve muito à eloquência pastoral de S. Ambrósio na determinação de sua conversão: “Estava todo raptado pelas suas palavras... deleitava-me com a suavidade de sua eloquência”. Ambrósio organizou as práticas de culto, através de uma grande obra litúrgica: e em Milão celebra-se ainda hoje conforme a liturgia dita justamente “ambrosiana”. O amplo uso dos hinos na Igreja universal remonta à iniciativa de S. Ambrósio. — No campo bíblico, escreveu vários livros sobre as grandes figuras do Antigo Testamento, como Abraão, Isaac, Jacó, etc. Escreveu uma bela obra sobre o *Hexameron* com intento moral e com estilo agradável; fez abundantes comentários aos *Salmos* e sobre o *Evangelho de S. Lucas*. Outras obras de S. Ambrósio: *Os ofícios dos Ministros*; tratados sobre a fé, sobre o *Espírito Santo*, sobre a *Encarnação*, sobre os *Sacramentos*, sobre a *Penitência*. S. Ambrósio escreveu ainda preciosos tratados ascéticos, particularmente sobre a *Virgindade*. Enfim restam-nos umas 90 cartas de tema moral, teológico, ascético. — S. Ambrósio passou à glória eterna a 4 de abril de 397. — Não se pode não sublinhar com grande

Filho de Deus? Não ambiciono nem mesmo a graça dos Profetas, a virtude dos Evangelistas, a vigilância dos Pastôres: o que eu desejo adquirir é somente a diligência e a compreensão das Escrituras divinas, o que o Apóstolo enumerou entre os deveres dos santos: e também esta, procuro-a para aprender, encontrando-me na necessidade de ensinar.

Um só é verdadeiramente Mestre, o Único que não teve de aprender o que depois deveria ensinar aos outros: os homens, ao invés, aprendem antes de se porem a ensinar e recebem d'êle o que devem passar aos outros!

Mas, nem mesmo isso se verificou para mim: de fato, levado ao sacerdócio tendo sido tirado dos tribunais e afastado das insígnias da administração pública, tive de vos começar a ensinar o que eu ainda não tinha aprendido. E assim aconteceu-me que comecei a ensinar antes de ter começado a aprender. Agora, ao mesmo tempo, devo então aprender e ensinar: porque, quanto ao aprender, antes não tive tempo”.

De officiis ministrorum, lib. I, 3-4. — PL 16, 27 B.

VALOR DAS PALAVRAS DIVINAS.

173. “Quando lêes o Evangelho, medita sôbre o que lêes, como sábio e não como estulto: te alumie o esplendor da eterna Sabedoria.

São palavras, é verdade: mas elas purificam, elas esclarecem, elas confortam, elas vivificam. Por isso Pedro dizia: “Senhor, com quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,69) e não te deixaremos”.

Expositio in Psalmum 39, 16. — PL 14, 1114 C.

A VERDADEIRA RACIONALIDADE DA VIDA VEM-NOS DA PALAVRA DE DEUS.

174. “Nossa mente fique sempre com êle: jamais se afaste de seu templo, jamais se separe da sua palavra. Estejamos sem-

admiração o fato dêste homem, que elevado a uma sede episcopal importantíssima sem alguma possibilidade de preparação doutrinal, deu-se, como Bispo, ao estudo da doutrina sagrada sob o guia do Padre Simpliciano que foi depois seu sucessor, e isso êle fêz tão intensamente e tão humildemente ao ponto de conseguir, ainda em meio das infindas preocupações externas do ministério episcopal, tudo aquilo que brevemente abordamos neste sumário sôbre a sua obra.

pre atentos à leitura da Escritura, à meditação, à oração: de modo que a palavra “daquele que é” sempre opere em nós: e nós, todos os dias, entrando na Igreja ou rezando em casa, possamos começar tôdas as nossas coisas e terminá-las nêle.

Assim, o grande dia que constitui tôda nossa vida terá nêle seu início e sua finalização: porque, como para o início da vida a salvação é crer e iniciar-se em Deus, assim é necessária a perseverança até o fim.

Ora, a diligência é a característica de um espírito bem formado: dêste modo a mente humana, atenta à palavra de Deus, nada fará de irrazoável, de que se origine tristeza, mas, ao contrário, sempre senhora de todos os seus atos, saberá conservar inalterada a alegria de uma consciência reta”.

De Abraham, lib. II, 22. — PL 14, 488 A.

ESCRITURA, REFÚGIO.

175. “O remédio para qualquer tédio é Cristo e a divina Escritura: e êste é também o único refúgio nas provas”.

De Interpellatione Job et David, lib. II, c. 4, 18. — PL 14, 857 D.

O CÁLICE INEBRIANTE.

176. “Ora presta atenção como fêz o Senhor para opor-se ao ardil do demônio. O demônio tinha logrado um pela comida da fraude, com intuito de lograr, assim, todo o mundo; Jesus, com comida de saúde, remiu todos, restaurando também aquêle primeiro que fôra enganado. O demônio tinha excogitado o cálice de ouro de Babilônia, com que, quanto mais se toma, tanto mais aflige o tormento da sede: e sendo que a bebida dêle não podia saciar, quis torná-la atraente à base de ouro, no intuito de fazê-la tomar: para infundir o veneno, acrescentou o auxílio do metal. Ao contrário Jesus tirou água de uma pedra e todos tomaram: os que tomaram em símbolo ficaram saciados; os que tomaram na realidade, foram inebriados: uma ebriedade ótima, qual é aquela que dando letícia e vivacidade não tira a clareza do espírito; uma ebriedade sã, para apressar a alma sóbria no reto caminho; uma ebriedade tôda apta para fecundar no espírito o dom da vida eterna.

Toma, portanto, neste copo, a respeito do qual o Profeta dizia: “O teu cálice inebriante, como é nítido!” (Sl 22,5). Não te deixes seduzir pelo cálice de Babilônia, embora seja de ouro: tu não estás tomando no cálice da sabedoria? não será êste cálice muito mais precioso do que o ouro e a prata?

Toma em dois copos, quer dizer, do Velho e do Novo Testamento: num e noutro absorves Cristo. Toma Cristo, videira; toma Cristo, pedra que efunde água; toma Cristo, fonte de vida; toma Cristo, rio cujo ímpeto alegra a cidade de Deus; toma Cristo, que é paz; toma Cristo, de cujo íntimo jorram rios de água doce; toma Cristo, absorvendo o sangue da tua redenção; toma Cristo, bebendo suas palavras: sua palavra é o Novo Testamento.

A Escritura divina se toma, a Escritura divina devora-se quando nas veias da mente, quando nas potências da alma se introduz o suco da eterna Palavra. Porque “não só de pão vive o homem, mas de cada palavra que sai da bôca de Deus” (*Mt 4,4*).

Toma a palavra, mas toma-a com ordem certa. Antes saboreia o Antigo Testamento, mas logo em seguida toma no Novo, porque quase parece que o Antigo esteja apressando, quando diz: “Galiléia das gentes, partes da Judéia, povo que caminhava nas trevas, olhai para a grande luz: vós que morais em regiões de morte, logo mais brilhará a luz sôbre vós” (*Is 9,1-2*).

Toma ligeiro, portanto, para que te resplandeça a grande luz: luz não ordinária, não a do dia, não a do sol ou da lua: mas a luz que afugenta as trevas da morte”.

Expositio in Psalmum 1, 33. — PL 14, 983 B.

POR QUE DESANIMASTE?

177. “Deus dirá a quem desanimou durante o caminho: qual foi o motivo que te fêz desanimar? Não tenho partido os pães, não os tenho abençoado, não tenho mandado distribuí-los? Mas tu, por que recusaste recebê-los?

Quantos, entre os presentes também, desanimarão durante o caminho, e depois destas palavras, que embora sejam nossas, todavia, sendo que ninguém pode dizer “Senhor Jesus senão no Espírito Santo” (*1 Cor 12,3*), devem ser consideradas pão: quantos, digo, desanimarão e fornicando por becos oblíquos, acabarão por fim nas ruas dos gentios! E fôsse sômente um e não muitos! Mas, também se alguém desanima, não é Deus o autor do desfalecimento: êle distribui a todos os que se apresentam, sejam quatro, sejam cinco mil”.

Expositionis in Lucam lib. VI, 77-78. — PL 15, 1775 B.

SEM LUZ NÃO SE ANDA.

178. “Dê sempre luz a tua lâmpada. Cristo chama a atenção dos que fazem uso da lâmpada, dizendo aos que não a utilizam continuamente: “Estejam cingidos os vossos rins e acesas as tochas” (Lc 12,35).

Não nos limitemos a gozar na luz por pouco tempo; faz assim quem ouve a palavra na Igreja e fica contente, mas saindo, esquece o que ouviu e não se importa. Dêste modo, anda na casa sem luz, e acaba caminhando nas trevas e praticando, por isso, as obras das trevas: satisfazendo a gula e embebedando-se, em lascívia e impudicícias, em rixas e ciúmes, trajado com os vestidos do diabo e não de Cristo. É isto que acontece quando não resplandece a luz da palavra.

Então: não negligenciemos nunca a palavra de Deus, da qual nascem para nós tôdas as virtudes e da qual vem o desenvolvimento de tôdas as obras. Se os membros do nosso corpo não podem agir bem sem luz (os pés nas trevas vacilam, as mãos erram), quanto mais devem ser dirigidos à luz os caminhos da nossa alma e os movimentos do espírito!

A alma também tem as suas mãos que devem se mexer bem (como Tomé, desejoso de encostar a mão nos vestígios da ressurreição do Senhor): isto somente acontece se resplandece a luz da palavra, sempre presente. Esta lâmpada fique acesa diante de cada palavra nossa, diante de cada ação. Todo o nosso caminho ande com esta luz”.

Expositio in Psalmum 118, XIV, 12. — PL 15, 1467 D.

COMO MARIA, DEVEMOS GERAR A PALAVRA.

179. “Repare: Maria não duvidou, mas acreditou, e por isso recolheu o fruto da fé: “Bem-aventurada tu que acreditaste!” (Lc 1,45).

Bem-aventurados também vós, que sentis e acreditais: qualquer um que crê, concebe e gera a Palavra de Deus, dando a reconhecer as obras de Deus.

Em cada um haja a alma de Maria para glorificar o Senhor; em cada um haja o espírito de Maria para exultar em Deus. Se pela carne uma só é a Mãe de Cristo, pela fé porém, Cristo é fruto de todos: cada alma recebe o Verbo de Deus, se, imaculada e forte contra os vícios, sabe guardar com pudor intemerado a sua beleza”.

Expositionis in Lucam lib. II, 26. — PL 15, 1642 C.

TENS OS MELHORES CONSELHEIROS À DISPOSIÇÃO.

180. “Querendo adquirir um terreno ou negociar uma casa, tu te aconselhas com alguém que tem prática e estudas com atenção tudo o que é necessário fazer; e para que não aconteça errar, nem confias totalmente em ti mesmo. Agora tu deverias negociar a ti mesmo, a tua vida: então debes conhecer o preço, debes saber quem és, qual o teu valor, o que queres adquirir para ti: não um terreno, não uma quantia de dinheiro, não jóias, mas sim Cristo Jesus, com quem não se pode comparar nenhuma quantia, tesouro nenhum.

Escolhe então conselheiros: Moisés, Isaías, Jeremias, Pedro, Paulo, João, e o próprio grande conselheiro Jesus Filho de Deus: êle te propõe a aquisição de um Pai. Fala com êles, troca idéias, pensa sôbre isso o dia todo, como fazia Davi: êste, para êle, era verdadeiramente o único pensamento!”

Expositio in Psalmum 118, XIII, 7. — PL 15, 1454 C.

CRISTO, DIA DA HUMANIDADE: OS APÓSTOLOS,
AS SUAS DOZE HORAS.

181. “Se todo o desenvolvimento do mundo se pode considerar como um grande dia, terá também, no decorrer dos séculos, suas horas: ou melhor, os séculos mesmos serão suas várias horas.

Ora, são doze as horas do dia: justamente, por isso, em mistério, o dia é Cristo e suas doze horas são os Apóstolos, os quais, cada um por sua vez, brilham de luz celeste, como em distintas sucessões de graças”.

Expositionis in Lucam lib. VII, 222. — PL 15, 1849 B.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

Bispo de Constantinopla - Doutor da Igreja
(344 - 407)

INCENSO E FOGO: PALAVRA E ALMA.

182. “As divinas Escrituras nos dão o seu verdadeiro valor não na multiplicidade das palavras, mas na sua força intrínseca.

S. João nasceu na Antioquia, em 344. Seu pai, alto funcionário imperial (“magister militum orientis”), morreu pouco depois de seu nascimento e sua mãe, viúva aos vinte anos, dedicou-se totalmente à educação do filho, que cresceu piedoso, num desenvolvimento bem equilibrado. Teve os melhores mestres de letras e de filosofia da época. Pelo ano de 370, o Bispo Melézio ordenou-o leitor: João entregou-se a uma profunda vida ascética, ficando todavia com a mãe. Em 373 fugiu para não se deixar ordenar e em 374, talvez com a morte da mãe, retirou-se para as montanhas próximas de Antioquia para viver na solidão. Em 381 Melézio conseguiu ordená-lo diácono e depois Flaviano, sucessor de Melézio, ordenou-o sacerdote, aos 42 anos de idade, dando-lhe o encargo de pregador. Por 12 anos exerceu aquêlo officio, refulgindo de tal luz e fôrça que a cristandade conheceu-o e continua a reconhecê-lo sob o título de *Crisóstomo*, ou “bôca de ouro”. Em 398 foi colhido de surpresa e feito Bispo de Constantinopla. Pastor sábio e zelosíssimo, soube elevar-se fortemente também contra os abusos e os vícios: e foi então que a debilidade humana de alguma altíssima personagem da côrte e a baixa entrega que tinha origens bem localizadas na Alexandria do Egito, uniram-se para fazer desaparecer da cena o Crisóstomo: êste foi aprisionado a 20 de junho de 404 e exilado para Cucuso em Tauro, no meio de grandes sofrimentos. Roma, com o Papa S. Inocêncio I, enfrentou decididamente a causa do Crisóstomo, que teve grande consolação: mas por isso e também pelas freqüentes visitas que o Santo recebia, os seus inimigos obtiveram de fazê-lo transferir para mais longe, no Cáucaso. O pobre perseguido morreu durante a viagem, a 14 de setembro de 407, pronunciando estas palavras: “Glória a Deus em tudo”. — A produção de S. João Crisóstomo é extensíssima: mencionaremos somente algumas obras entre as principais e mais conhecidas: o tratado sobre o *Sacerdócio*; sobre a *Virgindade*; sobre a *Disciplina*; escritos vários sobre a religião e sobre a Providência, contra os pagãos; restam 240 cartas, tôdas provenientes de seu exílio. Sua produção oratória é infinda: discursos de circunstância; discursos sobre mistérios, nas festas litúrgicas principais; panegíricos: entre os mais notáveis sobretudo os sete que celebram S. Paulo. Sobre a Bíblia teve a seguinte produção: 76 homilias sobre Gênesis; 9 sobre Ana, mãe de Samuel; 3 sobre Davi e Saul; 2 sobre a obscuridade dos Provérbios; 6 sobre Isaías; 90 homilias sobre

O incenso, por sua natureza emana um aroma agradável: mas apenas quando o colocas sobre brasas é que dá todo o seu perfume.

Assim é também com a Escritura: por si mesma é suavíssima: mas quando invade a alma, como se colocada num turbulo, enche então tôda a casa com uma fragrância deliciosa”.

Homilia in illud “Hoc scitote etc.”, 3. — PG 56, 274.

O ANZOL DA PALAVRA DIVINA.

183. “Um publicano, de súbito, torna-se evangelista. Como e por quê?

“Passando Jesus, viu Mateus sentado no telônio, e disse-lhe: Segue-me!” (Mt 9,9).

Poder da palavra! Lançado o anzol, fêz prisioneiro o soldado, mudou o barro em ouro. O anzol penetrou, “e logo levantando-se o seguiu” (l. c.).

Moralmente, estava bem em baixo e subiu o cume da virtude.

Portanto, meus queridos, ninguém perca a confiança na sua salvação: porque o mal comportamento não é um mal que nos foi colocado dentro pela natureza: podemos escolher, estamos livres. És publicano? Podes tornar-te evangelista. És um blasfemo? Podes também tornar-te apóstolo. És um ladrão? Podes também roubar o céu. És um mago? Podes adorar a Deus. Não há nenhuma miséria que não possa ser resolvida com a penitência”.

Homilia in dimissionem Chananæ, 2. — PG 52, 451.

ANTIGO TESTAMENTO: PREPARAÇÃO PARA O MESTRE.

184. “Disse então êle: “Eis que venho!” (Sl 39,8).

“Então...” Quando? Quando chegou o tempo de uma doutrina mais perfeita. As coisas menos perfeitas deviam ser aprendidas de seus servos, porém, as mais sublimes, as que são superiores à natureza humana, do próprio Autor da Lei. Paulo,

S. Mateus; 89 sobre S. João; 55 sobre os Atos dos Apóstolos; 250 sobre as Cartas de São Paulo, o melhor comentário feito no decurso da história cristã sobre as Cartas do Apóstolo. A rica fonte dêste imenso rio de bem, passado através da lingua e da pena do Crisóstomo é unicamente a Sagrada Escritura. Tal rio continua a correr solene como alimento da civilização cristã.

por isso, dizia: “Muitas vêzes e de muitos modos, outrora Deus falou aos nossos pais, por meio dos Profetas: nestes últimos tempos, nos falou por meio de seu Filho, que constituiu herdeiro de tudo, pelo que fêz também os séculos” (*Hebr 1,1-2*). E João também: “A lei nos foi dada por Moisés, a graça e a verdade nos vieram por meio de Jesus Cristo” (*Jo 1,17*). Êste é, portanto, o louvor máximo da lei: ter preparado a natureza humana para tão exímio Mestre”.

Adversus Judæos, oratio VII, 2. — PG 48, 819.

RIQUEZAS E FRUTOS DAS ESCRITURAS.

185. “O campo é gracioso, o jardim é matizado, porém, muito mais interessante ainda é a leitura da divina Escritura. Lá há flôres que murcham, aqui sentenças vivas; lá sopra o zéfiro, aqui a aura do Espírito; lá há cêrca de espinhos, aqui proteção da divina Providência; lá cantam as cigarras, aqui os Profetas modulam a voz; lá a aparência dá prazer, aqui tira-se grande utilidade. O jardim é limitado num certo lugar, a Escritura está por tôda parte; o jardim está sujeito às mudanças das estações, as Escrituras no inverno e no verão estão carregadas de fôlhas e de frutos.

Portanto: entreguemo-nos à leitura das Escrituras: dedicando-se-lhe bem, a Escritura afasta a tristeza e introduz a alegria, tira a malícia e fortifica as raízes das virtudes e no meio do tumulto dos afazeres não nos deixa como os que estão indecisos, na sua tristeza. O mar se embrabece e tu navegas tranqüilo, tens como pilôto a leitura das Escrituras, e a tentação das ocupações não conseguirá quebrar o timão”.

Homilla de capto Eutropio et de divitiarum vanitate, 1. — PG 52, 395.

COMEÇA A LER: DEUS DAR-TE-Á O MESTRE.

186. “Não comprehendes o conteúdo (da Bíblia): mas como chegarás enfim uma vez a compreendê-la, se não comesas nem a olhá-la superficialmente? Toma o livro na mão, lê a história tôda, e lembrando-te bem do que já conheces, procura esclarecer pouco a pouco o que está menos claro, voltando muitas vêzes sôbre o assunto. Depois, se lendo também muitas vêzes não consegues compreender o conteúdo, procura alguém que saiba mais, busca um mestre, fala com êle a respeito do que está escrito, mostra a fortíssima aplicação que puseste. Se Deus vê que pões esta boa vontade, não desprezará a tua vigilância e solicitude: e se também, homem ne-

nhum pudesse esclarecer o que pedes, Deus acabaria fazendo-o, sem dúvida nenhuma.

Lembra o Eunuco da rainha da Etiópia, homem de língua diferente, sobrecarregado de infinitas preocupações, cercado de trabalho por todo lado, o qual também se não entendia tudo o que lia, sentado na sua carroça, lia. Podes imaginar quanta diligência tinha êle em casa, se êle manifestava assim tanta na viagem! Se caminhando não queria se subtrair à leitura, muito mais terá sido na tranqüilidade de sua casa! Também, se embora não entendesse muito, êle lia, e não deixava de ler, imaginemo-nos depois de ter pegado o sentido!

De fato, não compreendia o que estava lendo. Ouve o que lhe pergunta Filipe: "Compreendes o que lê?" (*At* 8,30). Êle, a esta pergunta não se deixa dominar pelo pudor ou pela vergonha, mas confessa clara e evidente a sua incapacidade, acrescentando: "Como poderia, se ninguém mo explica?" (*Ibid*). Não tinha ainda quem lhe abrisse o caminho, contudo lia: mesmo por isso, não demorou em ter um guia. Deus viu sua boa disposição, estimou seu estudo, e logo mandou-lhe um mestre. Filipe não está sempre presente, é verdade: mas há sempre o Espírito que moverá Filipe. Não descuidemos a nossa salvação, meus queridos: tudo foi escrito para advertência de nós, aos quais foi dado viver na última fase dos tempos" (*1 Cor* 10,11).

De Lazaro, concio III, 3. — PG 48, 995.

NÃO PODE NÃO TER EFEITO A PALAVRA DE DEUS.

187. "A leitura da Escritura é um grande baluarte contra o pecado: quando pelo contrário a ignorância das Escrituras é precipício e báratro; grande perigo de não se salvar é a ignorância total das divinas leis: é mesmo isto que provoca as heresias, que favorece a vida corrupta, que marca a saída para uma grande confusão de coisas nobres e de coisas aviltantes.

Porque não pode, repito, não pode acontecer que alguém fique sem frutos se participa assiduamente e com atenção da leitura. Eis, também uma parábola só (do pobre e do rico epulão) que vasto campo de considerações nos abriu! Como melhorou a nossa alma! Por que, positivamente eu sei, muitos saíram melhores destas considerações! Há também alguns que, por enquanto, não tiveram muito fruto, é verdade, mas também é verdade que desde o dia em que começaram a presenciar e a ouvir, fizeram progresso a olhos vistos.

E esta também não é coisa pequena, que possa ser descui-

dada: ter passado nem que seja um só dia na contrição dos pecados, ter dado importância à sabedoria celeste, ter permitido à alma que, saindo um pouco das preocupações mundanas, respirasse tranqüila. E se assim fizermos nas várias reuniões sem estar ausentes, a assiduidade em ouvir causará em nós um bem verdadeiramente notável e grande”.

L. e.

SABE DE COR TODO O ESPORTE E NÃO SABE
QUANTAS SÃO AS CARTAS DE S. PAULO.

188. “É isto que sobretudo gera uma grande negligência e uma espécie de torpor: que não lemos as Escrituras por completo, mas só escolhendo aqui e ali algum trecho que nos parece mais claro, sem nos preocupar do todo. Isso mesmo foi que introduziu as heresias: o não cuidar do conjunto, e julgar alguma coisa como supérfluo ou menos necessário. Entretanto, porém, nos entregamos com todo entusiasmo a outros estudos, não só de coisas supérfluas, mas às vezes inúteis também e prejudiciais, deixando de lado, e desprezando o aprofundamento das Escrituras.

Por exemplo, os que são loucos pelas corridas, e gemem na torcida, saberiam dizer nome, raça, grupo, pátria e grau de forma de cada cavalo com precisão absoluta; conhecem-lhe a idade, descrevem o estilo de corrida, a sua possibilidade de vitória, que depende também do cavalo com que se emparelha; sabem dizer qual é o cavalo que sairá daquele setor particular do hipódromo, e qual seria o jóquei com que se poderia vencer e bater o adversário.

Os que freqüentam o circo não têm menos paixão, antes pelo contrário, tornam-se ainda mais fanáticos, são fãs dos artistas que se exibem no palco, dum modo indecoroso, e das bailarinas; conhecem-lhe a família, a pátria, a escola em que se formaram, e uma infinidade de outros particulares. Mas, nós, se nos perguntarem quantas e quais são as cartas de S. Paulo, nem sabemos dizer o número. Se há alguém que acerta o número, se fôsse interrogado sobre quais cidades receberam estas cartas, ficaria sem saída nenhuma.

Aquêle tal de eunuco e bárbaro, atarefado por não poucas preocupações e incumbências, era tão assíduo aos seus livros, que não os deixava nem viajando, mas estudava a Escritura sentado no seu veículo; nós que talvez nem tenhamos a mínima parte das coisas dêle, para fazer, espantamo-nos diante

dos nomes das cartas: e isso também se todos os domingos nos encontramos aqui e ouvimos o sagrado sermão”.

In illud: "Salutate Priscillam et Aquilam", homil. I, 1. — PG 51, 187.

A ESCRITURA É O VERDADEIRO PARAÍSO.

189. “A leitura da Escritura é um prato espiritual, um autêntico paraíso de delícias, de muito superior ao famoso paraíso. Este paraíso Deus não o plantou na terra, mas nas almas dos crentes; não o colocou no Éden, ou num determinado lugar do Oriente, mas alarga-se sobre a terra e alcança os limites mais afastados.
190. a) *Abrange o mundo todo.* Para compreender esta afirmação, ouve o que diz o Profeta Davi: “Seu som saiu por tôda a terra; as suas palavras chegaram até os confins do mundo” (Sl 18,5). Se fôres aos indianos, os primeiros que recebem o beijo do sol nascente, se fôres ao oceano ou às ilhas britânicas; se navegares para o Ponto Eusino ou se te encaminhares para as zonas mais austrais, ouvirás que todos falam das verdades que a Escritura contém: em idioma diferente, mas com identidade de pensamento. Esses povos diferem pela língua, não pelo espírito religioso; falam baramente, mas pensam com bom sentido interno: têm solecismos, mas possuem costumes de piedade autêntica.
- Imaginas a amplidão dêste paraíso, que chega até os confins do mundo? Não há serpente, está imunizado das feras, é defendido pela graça do Espírito Santo.
191. b) *Superabundância de águas.* Tem também uma fonte, como no antigo paraíso, uma fonte da qual nascem, não apenas quatro, mas uma infinidade de rios; esta fonte dá origem não ao Tigre e Eufrates, não ao egípcio Nilo ou ao índico Ganges, mas a inumeráveis derivações. Quem no-lo diz? Deus mesmo, que nos presenteou com êstes rios: “Quem crê em mim, como diz a Escritura, brotarão do seu seio rios de água viva” (Jo 7,38). Vê, portanto, que daquela fonte não quatro, mas infinitos rios fluem. E é para admirar não só a quantidade, mas a natureza daqueles rios: porque nêles não são águas que correm, mas dons do Espírito Santo. Esta fonte divide-se nas almas de todos os fiéis e não diminui; subdivide-se e não se consome; dispersa-se e não decrece: inteira com todos, inteira em cada um. Os dons do Espírito Santo são assim. Queres

conhecer a uberdade destas derivações? Interessas-te por conhecer a natureza das águas? qual o motivo por que não são semelhantes às águas comuns, mas de muito melhores e mais admiráveis?

Ouve ainda Cristo que fala à Samaritana, é saberás por que a fonte é tão rica: “A água que eu dou, tornar-se-á nêla fonte de água que sobe na vida eterna” (Jo 4,14). Não disse “que sai”, ou “que brota”, mas “que sobe”, dizendo-nos, com êste subir, tôda a abundância. Jorram e por tôda a parte irrompem aquelas águas nascentes, que não podem mais ser contidas no seio do manancial, mas vencidas pela pressão dos jorros, derramam por todos os lados o que irrompe. Por isso, emprega o têrmo “que sobe”, e não que brota, para fazer compreender a superabundância das águas. Queres agora conhecer a natureza destas águas? Conhecê-las-ás usando-as: porque não são úteis sòmente para esta vida mas também para a futura.

Freqüentemos, portanto, êste paraíso: sentemo-nos bem perto da fonte, para que não nos aconteça o que aconteceu a Adão, sermos lançados fora do paraíso; não aceitemos nenhum conselho perigoso, para não cair no engano do diabo: fiquemos dentro: aí encontra-se muita proteção. Permanecemos parados aí, na leitura desta Escritura.

192. c) *O resultado de ficar perto das águas.* De fato, como os que ficam perto da fonte sentem o benefício daquela frescura, e aumentando o calor mergulham muitas vêzes a cabeça, tirando assim o calor, e dando um alívio à tortura da sêde: porque na fonte, aí perto, há remédio para tudo: assim é para aquêle que fica sentado ao lado da sagrada fonte das Escrituras: sentir-se-á estorvar pela chama da desonesta libidinagem, mas mergulha a alma naquelas ondas e com facilidade vence a chama; será ameaçado pela furiosa ira que toma conta do coração como estôpa queimando, mas atira-lhe um pouco de água e logo doma a importunidade da ira, e como que no meio das chamas a alma se sentirá livre de qualquer pensamento, lendo as Sagradas Escrituras. É por êste motivo que também Davi, aquêle grande Profeta, sabendo de quanta utilidade nasce da leitura da Sagrada Escritura, compara quem nela se aplica e quem nela se entretém em colóquio, a uma árvore, que sempre floresce, plantada como está à beira de onde correm as águas; diz: “Bem-aventurado aquêle que se apraz na divina lei, e dia e noite a medita. É como árvore,

plantada à beira das águas, que dá a seu tempo os seus frutos, e não vê murchar as suas fôlhas” (Sl 1,1-3). De fato, como a árvore, plantada à beira das águas, que tem raízes perto dos regatos, sendo irrigada sem parar pela abundância das águas, não pode ser prejudicada pela temperatura, nem teme os raios solares quando começam a esquentar, nem padece por causa de uma temperatura elevada pelo calor estivo, porque tendo em si suficiente umidade, logo afasta e resolve a externa e ameaçadora veemência de todo raio solar; assim também a alma que se senta à beira das Sagradas Escrituras é irrigada sem parar, e enquanto absorve aquêlê néctar precioso e o fresco orvalho do Espírito Santo, resiste invicta a tôdas as dificuldades da situação humana: seja a doença, seja o desaforo, seja a calúnia, seja os vitupérios, seja os gracejos, seja o sentido mesmo da preguiça, seja que todos os males da terra se atirem contra aquela alma, ela fácilmente afastará o incêndio das agitações contrárias, porque o consôlo que vem da leitura das Escrituras tornou-a resistente. Não há altura de glória, nem majestade de poder, nem presença de amigos, e nenhuma outra coisa humana que possa consolar um espírito tomado pela tristeza, como a leitura das Sagradas Escrituras. E isto por quê? Porque tôdas as outras coisas são caducas, estão sujeitas a desaparecer: então está destinado a desaparecer também o consôlo que podem dar: mas a leitura da Escritura é colóquio com Deus. Se quem sofre vem consolado por Deus, há alguma coisa dêste mundo que possa rechaçá-lo na dor?

Permanecemos então na leitura, não só nestas duas horas (porque não nos dá garantia suficiente esta simples audição), mas sempre: cada um na sua casa, tome na mão os Livros Sagrados, e se deseja garantir para si um fruto suficiente e duradouro da Sagrada Escritura, percorra o sentido das coisas ouvidas. Veja-se que aquela árvore, que tem raízes perto dos rios, não se entretém com as águas só por duas horas ou três: fica dia e noite: e é por isso, que ela, porquanto ninguém pense a irrigá-la, tem fôlhas verdes e frutos abundantes: é plantada nos riachos, e tira a umidade com as raízes, e como através das suas íntimas artérias, traz consigo benefício a todo o corpo: e assim acontece a quem lê as Sagradas Escrituras e fica à beira da água: também se não tivesse ninguém que lhe desse explicações, pelo simples fato da leitura freqüente, teria benefício como a árvore por meio das raízes”.

193. d) *Penetração lenta e segura da água salutar.* “Por isso, nós, que conhecemos as vossas incomodações, ocupações, pro-

blemas vários, acompanhamo-vos gradualmente, para compreender as Escrituras, de maneira que com a lentidão da exposição, se grave mais firmemente a lembrança do que se vai dizendo. Se a chuva caísse com veemência, alagaria a superfície da terra, mas não penetraria na profundidade: mas se se ensinua, devagar, um pouco por vez, descendo como azeite além da crosta da terra, pelos seus canaliculos, quase como se fôsse pelas veias, chegará muito profundo para enriquecer de umidade as suas entranhas e fecundá-la para melhor produção. Por isso, nós infundimos em vossas almas esta chuva espiritual bem devagar: porque as Escrituras são semelhantes a nuvens espirituais; mas suas vozes, e seus sentidos, também se semelhantes à chuva, tem um valor infinitamente mais alto: por êste motivo infundimos esta chuva espiritual com vagar, para que as palavras possam penetrar-vos até o fundo. E assim acontece que, porquanto já sejam quatro dias que iniciamos a exposição, não pudemos ainda exaurir uma frase: e continuamos batendo sempre sôbre as primeiras palavras. Mas é melhor se, lavrando o terreno com diligência, aí encontramos abundante tesouro de coisas necessárias, que não percorrer uma grande superfície de terreno indo à frente inútilmente, sem resultados.

Sei que muitos não gostam desta lentidão, mas é uma queixa com a qual não me importo: interessa-me sômente o que vos é útil. Se alguém pode caminhar mais depressa, espere os irmãos que vão mais devagar; aos mais rápidos é possível esperar, mas aos outros não é possível apressar-se. S. Paulo também dizia que não se deve exigir pressa de quem é fraco, porque de fato não se levantaria logo a uma perfeição mais sublime: por isso, pedia que os mais fortes se adaptassem às fraquezas dos doentes” (1 Cor 8,9).

De utilitate lectionis Scripturarum. In principium Actorum III, 1-2. — PG 51, 87-90.

NÃO O LUGAR, NEM A BÔCA, MAS O CORAÇÃO.

194. “O que é mais importante: que os Livros estejam num determinado lugar, ou tratar do que se encontra nos Livros? É evidente: é muito melhor se se sabe falar daquilo que se acha nos Livros e se o conteúdo deles fica na alma.

Agora, responda-me: quando o diabo dizia palavras da Escritura, com isso talvez se santificasse na bôca? Não, certamente: ficou sendo diabo como antes. E os demônios: quando pregavam e diziam: “Êstes homens são servos de Deus altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação” (At 16,17),

por isso colocamo-los já ao lado dos Apóstolos? Não será, de certo, por este modo de falar, que nós os condenaremos e os odiaremos menos. Portanto: se o pronunciar as palavras bíblicas, por si só, não santifica, será que santifica o fato de guardar os Livros em algum lugar? Por nada”.

Adversus Judæos or. VI. 6. — PG 48, 913.

OVELHAS SIM, MAS NÃO SEM RAZÃO.

195. “Ouvi, vos rogo, todos vós que vos preocupais com esta vida: procurai os livros que vos são indispensáveis à salvação da alma. Se não quereis outros, buscai ao menos o Nôvo Testamento, os Atos dos Apóstolos, os Evangelhos: mestres perpétuos. Quando vos surpreender uma dor, então recorreí ao depósito dos medicamentos e hauri alívio. Se sobrevier um dano, a morte, a perda de pessoas caras: então, não olheis somente as medicinas, mas tomai tôdas e recebei-as na vossa mente.

A causa de todos os males é a seguinte: não conhecer as Escrituras. Vamos à guerra sem armas e como poderemos nos defender? É muita coisa se nos salvarmos com as armas: é absurdo o pensamento da salvação sem as armas.

Não deixeis tudo por nossa conta: é verdade que sois ovelhas, mas dotadas de razão, aliás, bem dotadas nesse sentido: e também S. Paulo vos ordena muitas coisas. Aquêles que recebem a doutrina não é que tenham somente que ouvir durante toda a vida: se aprendes apenas, nunca aprenderás de fato. Não fiques aqui como quem deveria só sempre aprender, porque, com esta disposição, não aprenderias nunca profundamente: comporta-te como um que deve chegar ao aproveitamento máximo, para depois ensinar aos outros.

Responde-me: nas diferentes disciplinas e artes não está fixado um certo limite de tempo para chegar a uma conclusão? E assim, estabeleçamos todos um certo tempo: porque se sempre só se deseja aprender, é sinal de que não se aprende nada”.

In epistolam ad Colossenses, c. III. hom. 9. 1. — PG 62, 362.

AURÉLIO PRUDÊNCIO

poeta cristão
(348 - 410)

VENERAÇÃO COMOVENTE DO TEXTO SAGRADO.

196. "Trazei os secretos anais; entregai, abri o Livro
que Isaías escreveu, com a inspiração de Deus:
podemos examinar, seguir podemos os traços de pena
que fêz aquela mão áurea com caracteres celestes.

Retirai-vos, enquanto prostrado adoro os caracteres luzídios,
enquanto, chorando, venero-o e docemente os beijo.
A alegria dá lágrimas, a alegria nos faz chorar:
chegou o dia prometido, chegou o dia anunciado
por esta passagem, em que a Virgem Mãe,
sabendo-o o Espôso, guardião de sua integridade,
deu ao mundo e me pôs sob os olhos o meu Emanuel".

Apotheosis, vers. 594-604. — PL 59, 970 B.

AURÉLIO PRUDÊNCIO CLEMENTE nasceu na Espanha (talvez em Saragoça) em 348. Magistrado imperial, nos últimos anos de sua vida deixou ofícios e honras, peregrinou aos túmulos dos mártires romanos e se entregou à celebração da fé através de obras de alta inspiração poética. Em 405, publicou êle mesmo o elenco de seus escritos, que apresentou como obra de reparação de sua vida passada. A sua conversão data de entre 395 a 400. Parece que a data de sua morte deva-se colocar em 410. — Os seus poemas são: *Cathemerinon liber*, em 12 cantos (dos quais foram tomados alguns hinos litúrgicos da festa dos Inocentes até a Epifania); *Peristêphanon*, 14 cantos destinados cada um a um mártir romano ou espanhol; *Psychomachia*, apresentação dramática da luta entre as virtudes cristãs e os vícios pagãos em tórno da alma; *Contra Symmachum*, em dois livros de cerca de 1800 hexâmetros para a confutação do paganismo que tinha naquele tempo um declarado assertor em Simmaco, prefeito de Roma. — Outros trabalhos: *Apotheosis*, em 1085 hexâmetros, sôbre a divindade de Cristo; *Hamartigenia*, em 960 hexâmetros, sôbre a origem do pecado. — Luminoso, portanto, o fechar-se desta vida que em poucos anos soube ainda dar a Deus e à Igreja o quanto em a precedente vida mediocre ou dissipada não tinha sabido dar.

SÃO JERÔNIMO

Doutor máximo em Sagrada Escritura
(347 - 420)

QUEM DESCONHECE A ESCRITURA NÃO CONHECE A CRISTO.

197. “Segundo o Apóstolo Paulo, “Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus” (1 Cor 1,24). Por conseguinte, quem desconhece a Escritura não conhece nem o poder nem a sabedoria de Deus. Desconhecer a Escritura é não conhecer a Cristo”.

In Isalam prophetam. prologus. — PL 24, 17 B.

BIBLIOTECA.

198. “Cada vez que sentava à mesa, suas palavras sempre tinham como objetivo propor alguma coisa interessante: ouvia de bom grado, respondia com respeito, aceitava bem cada observação, não refutava com aspereza aquilo que não era certo, e quem se lhe punha ao contrário, procurava mais ensiná-lo do que vencê-lo. Ademais, com aquela ingênua modéstia que

JERÔNIMO nasceu em Stridona (atual Iugoslávia), no ano de 347. Fêz excelentes estudos clássicos em Roma. Depois de certa crise juvenil, passou a levar vida religiosa na cidade de Aquiléia. Em seguida transferiu-se para um deserto situado a pouca distância de Antioquia, e ali, entre excepcionais penitências, realizou acurados estudos, preparando-se assim para sua alta missão de biblista. Ordenou-se sacerdote no ano de 378. Estêve dois anos em Constantinopla para ouvir S. Gregório Nazianzeno. Regressou a Roma em 382 e trabalhou como secretário do Papa S. Dâmaso. No ano 385 foi para a Palestina, visitou os lugares santos, e terminou por se instalar num mosteiro junto à gruta de Belém, no qual passou os últimos 35 anos de sua vida, dedicando-se a estudar, traduzir e explicar a Sagrada Escritura. Deixou-nos a tradução da Bíblia que é conhecida pelo nome de “Vulgata”; consagrou-se à exegese de grande parte dos Livros Santos, principalmente das Cartas de S. Paulo e do texto de autoria dos Profetas. Homem de formidável têmpera de lutador, enfrentou em polémica diversos hereges. Ficaram-nos dele numerosas homilias, três biografias de santos e o famoso “*De viris illustribus*”, primeiro esboço de uma história da literatura cristã. Nas 125 magníficas cartas que nos deixou, é extensa a parte ascética, revelando-o experimentado e eficiente diretor espiritual. Está incluído entre os quatro principais doutôres da Igreja latina, e a Igreja o venera como “Doutor máximo na exposição da Sagrada Escritura”.

era um maravilhoso ornamento de sua idade, manifestava com tôda simplicidade de onde lhe vinham as várias sentenças: com isso êle procurava evitar a glória de uma sua própria erudição: mas justamente por reflexo, daí se conseguia reconhecê-lo eruditíssimo. Dizia: isto é de Tertuliano, aquilo de Cipriano: isto, ao invés, é de Latâncio, enquanto aquela outra sentença é de Hilário. Assim disse Minúcio Feliz, assim Vitorino e daquele outro modo Arnóbio. E alguma vez citava também a mim, porque me queria bem, conhecendo a amizade que me ligava a seu tio. Em virtude de assídua leitura e meditação constante, tinha feito de seu coração a biblioteca de Cristo”.

Epistola 60, 10 (Ad Heliodorum, super Nepotiani Presbyteri morte). — PL 22, 595.

CALOR DAS PALAVRAS.

199. “Nas palavras do Evangelho, sempre o espírito junta-se à letra. O que, à primeira vista, nos parece frio, se o tocamos percebemos que tem calor”.

In Evangelium Matthæi, lib. II, c. 14, v. 14. — PL 26, 103 A.

NUTRIÇÃO PELA PALAVRA.

200. “Lê, freqüentemente, a divina Escritura, ou antes, conserva-a sempre em tuas mãos. Aprenderás assim o que poderás ensinar; conseguirás “aquela palavra fiel que é conforme à doutrina aprendida, tornando-te capaz de exortar os outros segundo a sã doutrina, e refutar os que a contradizem” (*1ª Tm* 1,9). “Mantém-te firme no que aprendeste e naquilo de que formaste convicção, por saberes muito bem de quem o aprendeste” (*2ª Tm* 3,14); estando tu “sempre pronto a satisfazer quem te peça as razões da esperança e da fé que existem em ti” (*1ª Pdr* 3,15). Que as tuas obras não contradigam as tuas palavras, a fim de que, ao falares do púlpito, não haja alguém que, estando abaixo de ti, possa objetar-te: — Por que motivo não fazes o que recomendas que façamos? Interessante mestre êsse que discute a respeito do jejum com a barriga cheia. Condenar a avareza é coisa que até um ladrão pode fazer. Sejam concordes a boca, os pensamentos e as mãos do Sacerdote de Cristo”.

Epistola 52, 7 (ad Nepotianum). — PL 22, 533.

LEITURA PROFUNDA.

201. “Tudo o que lemos nos livros divinos, tem esplendor e clareza na própria côdea; mas é mais doce no miolo. Quem quiser comer a noz, quebre-lhe a casca”.

Epistola 58, 9 (ad Paulinum). — PL. 22, 585.

A SEMENTE.

202. “Filhinhos meus, por quem eu sinto novamente as dores da parturição, até que Jesus Cristo se forme em vós” (*Gal* 4,19).

Com quanta dificuldade e com quantos sofrimentos seriam os filhos expelidos das entranhas maternas, já o anunciava a primeira maldição, pelas palavras: “Em dores darás à luz os filhos” (*Gên* 3,16). E então, Paulo, querendo representar ao vivo a solicitude dos mestres para com os discípulos, e as suas angústias cheias de amor, dado o receio de que os discípulos não cheguem a se salvar, exprime-se como vimos: “Filhinhos meus, pelos quais sofro as dores da parturição”. Em outra passagem, tinha falado como pai: “Ainda que tendes dez mil mestres em Cristo, não tendes todavia muitos pais” (*1 Cor* 4,15). Agora, porém, fala em Cristo não apenas como pai, mas como se fôsse mãe, para que saibamos reconhecer nêle a ânsia e a piedade própria das mães e dos pais. Entretanto, de modo semelhante exprimiu-se Moisés a respeito de seu povo: “Porventura concebi eu todo êste povo, acaso o terei gerado eu?” (*Núm* 11,12).

Que havemos de dizer? Existe entre nós alguém que se sinta assim ansioso pela salvação dos discípulos, e que se aflija a seu respeito, não por poucas horas, ou quando muito por dois ou três dias, mas durante tôda a vida, até que Jesus Cristo esteja formado nêles? O exemplo tomado da mulher parturiente, que concebeu e desenvolveu em si a semente humana, merece que o consideremos com especial atenção, para podermos entender o que se pretende que seja entendido. A natureza não é de molde a nos fazer corar; pelo contrário, é digna de que a veneremos.

Nas entranhas da mulher é lançada uma primeira porção de matéria seminal informe, para que penetre nos sulcos interiores e venha a aderir quase conglutinando-se, no fundo do seio materno (coisa de que o Profeta, lembrado da sua origem, dizia, exclamando: “Viram os teus olhos o meu corpo sem forma” (*Sl* 138,16), e depois, no decurso de nove meses, sobrevindo a coagulação do sangue, o futuro homem é deter-

minado, ganha corpo, nutre-se, toma forma, até que, recebendo o útero o impulso vital, a criança é dada à luz no devido tempo, e assim vem a nascer entre muitas dificuldades, dificuldades que todavia não serão menores depois, para que a criança possa ser mantida viva. Pois coisa semelhante ocorre com a semente, que é a palavra de Cristo. Caída que seja na alma de quem escuta, passa, crescendo, pelos vários graus de desenvolvimento e (superando as suas muitas particularidades, porquanto facilmente se poderá transferir a descrição física para a compreensão do fato espiritual) mantém-se em estado dúbio, enquanto a pessoa que assim concebeu, não chega à parturição.

Entretanto o trabalho ainda não chegou ao fim. No caso, não basta dar à luz. Daí em diante começa outro encargo, o de ministrar alimentação assídua à infância lactente e depois doutrinação cristã adequada à idade.

Ainda algumas observações. O fato de que da união matrimonial não cheguem a nascer filhos, freqüentemente pode depender de que o elemento fecundante careça de eficácia, de que a mulher estéril não retenha a secreção prolífera, ou de que ambos os cônjuges sejam inaptos para a procriação. É, porém, comum serem fecundos os dois. Ora bem. No que diz respeito à semente da palavra de Deus, os quatro casos de que falamos atrás, também se verificam em tôda a exatidão do seu valor: pode suceder que o mestre cumpra inteiramente o seu dever, continuando porém, estéril o discípulo; ou que o discípulo tenha boas disposições, perdendo-se entretanto, a semente, por incapacidade do mestre; ou então que não sejam dotados de boas disposições tanto quem recebe instrução como quem ensina. E raramente acontece que o mestre e o discípulo tenham afinidades tão perfeitas que o primeiro consiga ensinar tanto quanto o segundo possa aprender, ou, pelo contrário, que o discípulo seja capaz de assimilar tudo o que o mestre tenha possibilidade de lhe transmitir.

No entanto, eis que nos apresentamos todos como mestres. Nem sequer sabemos qual será o salmo que nos cumprirá citar em determinado caso, qual a parte do texto profético, qual o capítulo da lei, e, apesar disto, com incrível solenidade nos abalançamos a interpretar coisas de que nunca tivemos a necessária compreensão. Não nos empenhamos em que o Cristo seja formado no povo; não cuidamos de que cada um de nossos ouvintes, regressando à sua casa, leve em si a semente da palavra de Deus”.

In epistolam ad Galatas. lib. II. c. 4. v. 19. — PL 26, 411 B.

AS ESCRITURAS SÃO OS CAMINHOS DE DEUS.

203 “Qual é o sábio que compreenderá estas coisas? Quem tem inteligência para compreendê-las? Porque são retos os caminhos do Senhor” (*Os 14,10*).

Ora, sabemos que os caminhos do Senhor são as páginas do Antigo e do Novo Testamento, a compreensão das Sagradas Escrituras. Quem anda por esses caminhos se não se converter ao Senhor e não lhe fôr tirado o véu semelhante ao que esteve pôsto sôbre os olhos de Moisés, não poderá encontrar o caminho reto. Mas se disser como Davi: “Tira o véu dos meus olhos, e eu considerarei as maravilhas da tua lei” (*Sl 118,18*), saberá andar por esses caminhos e nêles encontrará a Cristo. E então compreenderá que os judeus e os hereges (os quais a Escritura reúne sob a denominação de prevaricadores e ímpios) andam aos tropeços pelos caminhos de que falamos, e se enfraquecem e se dirigem para a perdição, dando-nos a entender o que está escrito no Evangelho: “Eis que êste é pôsto para ruína e ressurreição de muitos em Israel” (*Lc 2,34*).

In Osee lib. III, c. 14, v. 10. — PL. 25. 946 B.

DIVINAS ESCRITURAS, VESTES LUMINOSAS DA TRANSFIGURAÇÃO.

204. “Segundo a verdade que está em Jesus” (*Ef 4,21*). A verdade não esteve em nenhum dos patriarcas, em nenhum dos profetas, em nenhum dos Apóstolos; ela só esteve em Jesus. Os outros tinham conhecimento parcial das coisas, profetizavam apenas em parte e tudo viam como que por inãtermedió de um espelho, em enigma (*1 Cor 13,12*). Sômente em Jesus apareceu a verdade de Deus, a qual afirma em absoluta certeza: “Eu sou a Verdade” (*Jo 14,6*). Àqueles que nêle crêem, ela oferece a liberdade; quem receber a Verdade é pela Verdade libertado. Por isso, a própria Verdade tomou forma de escravo e se humilhou, obedecendo ao Eterno Pai até à morte. E fê-lo para libertar o escravo. Efetivamente, “ondê está o Espírito de Deus, aí também está a liberdade” (*2 Cor 3,17*).

Se, pois, nós interessa a maneira de ser dos que são livres em Jesus, se fazemos empenho em conhecer a fisionomia da verdade, subamos com êle ao monte da Transfiguração, e ali o observemos. Alcancemo-lo no momento em que se transformam as suas vestes, ou seja, as Escrituras que falam a seu respeito; na passagem em que Moisés e Elias, isto é, a lei e

os Profetas, são vistos no resplendor da glória (*Mt 17*). Enquanto o Senhor não sobe o monte e não se transmuda o seu aspecto, a lei mantém-se aqui em baixo entre as imundícies, e jazem na desolação os Profetas. Mas quando Jesus se eleva ao céu e quando as suas vestes entram a se transformar, e a mente do escravo se torna livre e resplandecente, então acontece que se transformam também o rosto e as vestes de Moisés e Elias”.

In epistolam ad Ephesios. lib. II. c. 4. v. 21. — PL. 26, 539 B.

QUE SIGNIFICA “APRENDER A CRISTO?”

205. “Não aprendestes assim a Cristo, se é que o ouvistes e fostes ensinados nêle” (*Ef 4,20*). Se todos aquêles que parece ouvirem a Cristo, realmente o ouvissent, jamais o Apóstolo teria dito aos efésios e a todos aquêles a quem havia revelado os mistérios de Cristo: “Se é que o ouvistes”. Aprender a Cristo é o mesmo que aprender a virtude; escutá-lo não difere em nada de escutar a sabedoria, a justiça, a fortaleza, a temperança, ou tudo o que se pode dizer de Cristo.

Por conseguinte, quem escutou a Cristo e o aprendeu, não andarà na vaidade de seu próprio senso nem procederà na escuridão das idéias e não será arrancado da vida de Deus; possuirà a verdadeira ciência, em virtude da qual, removida a ignorância e separadas das luzes as trevas mentais, desaparecerà tôda a cegueira dos olhos de seu coração. Nestas condições, não se entregará à impudícia nem se darà às imundícies próprias da avareza e não ultrapassará os limites da honestidade matrimonial. Se por vêzes lhe ocorrer sentir-se um tanto afetado de alguma paixão, sentirà o padecimento que a sua chaga provoca e sofrerà o remorso de sua consciência por ter obscurecido a pureza da alma imaculada.

Aprendamos, pois, a Cristo, e escutemo-lo. Se soubermos de alguém que possa dizer: “Quereis pôr à prova o Cristo que fala em mim?” (*2 Cor 3,13*), corramos a êle, dia e noite fi-quemos suspensos dos seus lábios, recolhendo as suas palavras. Ê Jesus Cristo que fala; são palavras do Espírito Santo as que nos oferecem; porque “Deus estabeleceu na Igreja primeiramente os Apóstolos, em segundo lugar os Profetas e em terceiro lugar os Doutôres” (*1 Cor 12,28*). Mas também não se exclui que, às vêzes, Cristo mesmo fale em nosso espírito, que nos ensine pessoalmente, sem se servir dos lábios alheios; com a condição, porém, de que não estejamos em pecado e que o

nosso corpo não tenha então caído em faltas, pois neste caso poderá estabelecer-se nêle a sabedoria”.

In epistolam ad Ephesios, lib. II, c. 4, v. 20. — PL 26, 538 B.

FALTANDO A PALAVRA, DESFALECERÁ A VIRGINIDADE.

206. “Naquele dia desfalecerão as formosas virgens” (*Am* 8,13). Consideram-se, aqui, virgens prudentes e belas, as que trazem consigo a luz da virtude e são recebidas no tálamo do espôso. Desfalecerão, porém, as virgens que não ouvirem as palavras do Senhor. Depreendemos disto que, se não houver sempre abundância de doutrinação na Igreja, desaparecerá o pundonor, morrerá a castidade e lá se irão as outras virtudes. Porque não poderão nutrir-se da palavra do Senhor”.

In Amos, lib. III, c. 8, v. 13. — PL 25, 1054 D.

BELO ELOGIO DE S. JERÔNIMO.

207. “Sabes dar ânimo como pai, sabes ensinar como autêntico mestre, sabes persuadir como um Pontífice. Vieste a nós não com a severidade das punições, mas com espírito de benignidade, com a brandura da mansuetude, de modo que se nos manifestasse logo no comêço a humildade de Cristo, o qual salvou o gênero humano, não com relâmpagos e raios, mas chorando no presépio e sofrendo em silêncio na cruz. Tinhas lido o que em símbolo fôra dito a seu respeito: “Lembra-te, Senhor, de Davi e de tôda a sua mansuetude” (*Sl* 131,1), e que depois nêle se cumpriu: “Aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração” (*Mt* 11,29). E assim, colhendo dos livros sagrados muitas sentenças que enaltecem a paz, e fazendo voar o espírito, como diligente abelha, sôbre os vários campos da Sagrada Escritura, transmitiste em elocuições de artista o que era suave e adequado à concórdia”.

Epistola 82, 1 (Ad Theophilum). — PL 22, 736.

PALAVRAS SEMELHANTES A AGUILHÕES;
BREVES E ACESSÍVEIS PALAVRAS.

208. “As palavras dos sábios são como agulhões — e como cravos profundamente pregados, os trechos dos autores — e são-nos dadas por um só pastor” (*Ecl* 12,11).

Sábios, são tanto os Profetas como os Apóstolos. Note-se o seguinte: está dito no Eclesiastes que as palavras dos sábios

são pungentes, não que apalpam ou fazem carinhos com a suavidade das mãos macias. Aos pecadores e aos que não se decidem a fazer penitência, infligem elas mal-estar. E até os ferem. Por conseguinte, se existem palavras que não ferem, mas agradam aos ouvintes, essas não são palavras de sábio. As palavras dos sábios dão-nos estímulo; provocam conversão dos pecadores; são firmes, são proferidas no concílio dos santos, são comunicadas por um só pastor e têm fundadas as suas sólidas raízes. Sou de opinião que aquêle que ainda não era Paulo, mas Saulo, foi penetrado dêsse estímulo na estrada do êrro, porque ouviu que lhe diziam: "É penoso para ti recalcitrar contra o estímulo" (*At 9,5*).

"Filho meu, não procures coisa alguma além dessas palavras. Não se termina de compor livros; e o estudo demasiado é aflição da carne" (*Ecl 12,12*). Além do que contém essas palavras, que nos são dirigidas por um só Pastor, e são aprovadas pelo conselho e pelo consenso dos sábios, não debes fazer nem reivindicar nada, filho meu. Segue os vestígios deixados pelos antigos, não discordes da autoridade dêles. Por outro lado, a quem se interessa por muitas coisas, sucederá que há de acabar deparando com uma série interminável de livros. E êsses livros também poderão levá-lo ao êrro. E perderá tempo e trabalho em tais leituras. O Eclesiastes aconselha-nos que procuremos a sobriedade e a norma de tomar em maior consideração o sentido dos textos do que as palavras, contra o costume dos filósofos e doutôres do mundo, que se esforçam em fazer aceitar a falsidade de suas asserções com palavreado superabundante e repleto de vaidade. As divinas Escrituras, ao contrário, são concentradas em breves sínteses, e quanto mais avultam em sentido, tanto mais se reduzem nas palavras. Porque Deus fêz completa e abreviada a palavra sôbre a terra (*Rom 9,28*), e essa sua palavra "está perto, está em nossa bôca e em nosso coração" (*Rom 10,8; Dt 30,14*).

Comment. in Ecclesiasten. c. 12, v. 11. — PL 23, 1170 B.

SANTO AGOSTINHO

Bispo de Hipona - Doutor da Igreja
(354 - 430)

HUMILDADE E AMOR DIANTE DAS ESCRITURAS.

209. "Sejam meus castos deleites as vossas santas Escrituras, e não me engane eu nelas nem com elas engane à pessoa alguma".

Confessionum lib. XI, c. 2. — PL. 32, 810.

AURÉLIO AGOSTINHO nasceu na África, em Tagaste a 13 de novembro de 354, de família de média categoria. O pai recebeu o batismo só no momento da morte. A mãe, S. Mônica, teve, como é sabido, influxo determinante na vida espiritual do filho. Agostinho estudou em Tagaste, Madaura e Cartago. Aos 20 anos deu-se ao ensino literário e exerceu esse ofício por 12 anos, em Tagaste, em Roma (383) e em Milão. Nesta última cidade teve lugar sua longa crise religiosa, que auxiliada pelas lágrimas da mãe e pelas palavras de S. Ambrósio, teve sua maravilhosa solução em setembro de 386, quando uma voz misteriosa lhe ofereceu a página decisiva da Carta aos Romanos. Passou na solidão de Cassiciaco junto de Milão. Na Páscoa de 387 recebeu o batismo das mãos de S. Ambrósio. Entrou novamente em Tagaste em 388; distribuiu seus bens aos pobres e iniciou vida religiosa. Em 391, de surpresa, foi escolhido Sacerdote para Hipona, onde o Bispo Valério lhe confiou o ofício de pregador. Começou assim sua grande atividade de apóstolado, que foi definitivamente consagrada em 396, através do episcopado na cidadezinha de Hipona, onde permaneceu até 28 de agosto de 430, data de sua santa morte. Seu corpo, para ser subtraído à ruína dos bárbaros, foi levado para Sardenha ao tempo de S. Fulgêncio e mais tarde, por Liutprando, rei dos Longobardos, foi transferido para Pavia, na Igreja de S. Pedro, objeto de perene veneração. — Os trinta e quatro anos deste episcopado projetam uma luz imensa sobre toda a Igreja, por todos os tempos. S. Agostinho é certamente o maior escritor que a humanidade possuiu (afora a particular grandeza dos autores inspirados); e a revelação se transfunde nas suas milhares de páginas, suscitando aí todas as reações, os reflexos, os problemas, as respostas, as profundidades, as ousadias. S. Agostinho é um oceano sem limites: homens espiritualmente impreparados aí se perdem num desastroso naufrágio, como Lutero e Jansênio; homens piedosos e solidamente formados como S. Anselmo, S. Bernardo, S. Boaventura, Bossuet e uma infinidade de outros aí se alimentam até se tornarem maravilhosos reflexos nas suas obras; S. Tomás de Aquino, o grande Mestre da Igreja, canaliza o melhor da inexaurível abundância agostiniana nos quadros organizados de suas Sumas, à mais fácil disposição de todo o filho da Igreja. A Igreja, toda inteira, continua a dessedentar-se na fonte agostiniana; e muitos espíritos inquietos encontram nas obras deste Doutor o es-

“A SUA PROFUNDIDADE, DEUS MEU, É MARAVILHOSA!”

210. “Que admirável é a profundeza das vossas Escrituras! A sua superfície, como para nos atrair a lê-las, se oferece com agrado a nós, que não somos mais que meninos no que respeita à sua inteligência; mas a sua profundidade, Deus meu, é maravilhosa. Eu a não posso considerar sem horror; mas horror de respeito, e tremor de amor. Forte ódio tenho a seus inimigos! Oh! E se quisésseis, para que o não fôsem, matá-los com a vossa espada de dois fios, grande prazer teria eu de os ver morrer assim, para viverem em vós”.

Confessionum lib. XII, c. 14 — PL. 32, 832.

“TOMA E LÊ; TOMA E LÊ”: A PÁGINA DA CONVERSÃO.

211. “Estando nisto, ouvi uma voz da casa, que estava ali perto, como se fôsse não sei se de menino, ou menina, com uma canção, que dizia, e repetia muitas vêzes: Toma e lê; toma e lê; e eu, mudado o rosto, entrei a considerar, se porventura os meninos costumavam cantar semelhante cantiga em algum jôgo; e não me lembrava de a ter ouvido em parte alguma; e reprimindo o ímpeto das lágrimas, me levantei, não entendendo ser-me mandada outra coisa divinamente, senão que abrisse o livro, e que lêsse o primeiro capítulo, que se me oferecesse. Porque tinha ouvido de Antônio, que de uma lição do Evangelho, que acaso ouvira, fôra admoestado, como se a

título ao grande retôrno e à desejada ascensão para Deus. — Obras: *As Confissões*, em 13 livros, manifestação de sua vida até a conversão; *De civitate Dei*, em 22 livros, grande visão de Teologia da História; *De Trinitate*, em 15 livros, profundo estudo sôbre o mistério: cada uma delas é uma obra prima de altíssimo valor. Outros títulos: *Os solilóquios*, *O Mestre*, *A verdadeira Religião*, *A utilidade de crer*, *A Doutrina cristã*; o *Catecismo aos rudes*, e mil outros escritos, entre os quais 270 cartas e um grande número de sermões. — No campo bíblico são muitos os trabalhos que santo Agostinho fêz diretamente sôbre problemas escriturais. De sua exposição bíblica ao povo, em forma de pregação, restam especialmente os 124 tratados sôbre o Evangelho de S. João e cêrca de 200 discursos chamados “*Enarrationes in Psalmos*” de uma incomparável riqueza espiritual. — Nas *Retractationes*, obra de grande sabedoria e humildade, S. Agostinho nos dá o elenco de seus escritos, revisionando-os sob os aspectos que ao Autor pareciam débeis, incertos ou errôneos: magnífica conclusão dêste grande Bispo que foi, com justiça, cognominado “Águia”, mas que ao mesmo tempo é o verdadeiro Doutor e o Santo da humildade.

êle fôsse dito o que se lia: "Vai, e vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e veni, e segue-me, e terás um tesouro nos céus" (*Mt* 19,21); e que com êste oráculo se convertera a vós. De sorte, que com pressa voltei ao lugar onde estava Alípio, porque ali tinha deixado o livro do Apóstolo. Arrebatei-o, li em silêncio o primeiro capítulo que se ofereceu a meus olhos, o qual dizia: "Não caminheis em comeres, e beberes, não em camas, e desonestidades, não em porfias, e contendias; mas vesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado demasiado do vosso corpo" (*Rom* 13,13-14).

Não quis ler mais, nem era necessário, porque logo com o fim desta sentença fugiram de mim tôdas as trevas de dúvida, como se em meu coração fôsse difundida uma luz de segurança. Então pondo ali um dedo, e outro não sei que sinal, fechei o livro, dando conta do que passara a Alípio com rosto alegre; e êle também me contou o que em si passara, e eu não sabia. Pedi-me que lhe mostrasse o que eu lera e mostrei-lhe: viu-o êle, e leu ainda mais adiante do que eu tinha lido, sem saber o que se seguia; e seguia-se: "Recebi o fraco na fé" (*Rom* 14,1); o que êle referiu, e me disse assim; mas êle foi confirmado com esta admoestação, e com o seu bom propósito, conforme seus costumes, nos quais havia muito tempo que me levava vantagem; e assim nos ajuntamos sem alguma demora desassossegada. Partimos em busca de minha mãe, e lhe contamos o caso, e todo o negócio como passara; a qual se alegrou e regozijou, e triunfou, e vos deu louvores, e bendisse".

Confessionum lib. VIII. c. 12. — PL 32, 762.

DISPOSIÇÃO INICIAL.

212. "Confessa-te cego, se queres merecer a luz".

Enarratio in Psalmum 65. 5. — PL 36, 790.

MÉTODO SEGURO E PROGRESSIVO.

213. "Em todos êstes livros, aquêles que temem a Deus, aquêles que são mansos, é a vontade de Deus que procuram.

Com relação a Bíblia, como dissemos, a primeira coisa a que se deve atender, é de conhecer-lhe os livros, senão para ter logo uma plena compreensão, pelo menos para os ler, para os imprimir na memória, e para que não nos fiquem desconhecidos. Depois devem ser investigadas com grande cuidado e diligência aquelas normas de bem viver e aquelas regras

de fé que na Escritura se apresentam com tôda clareza: coisas que se encontrarão com tanta maior abundância, quanta fôr maior a capacidade de quem lê: nessas passagens, que a Escritura nos apresenta abertamente, encontram-se todos os preceitos que contém a fé e a norma dos costumes, a esperança e a caridade de que tratamos nas páginas precedentes.

Neste ponto, tornando-se-nos familiar o modo de falar das divinas Escrituras, pode-se continuar, atendendo à penetração e discussão das coisas que são mais obscuras, tomando-se o exemplo das mais claras, para se chegar a compreender as frases, mesmo as mais obscuras; de modo que o testemunho das sentenças evidentes faça desaparecer as dúvidas sôbre as incertas.

Nesta aplicação tem grande valor a memória: mas, se ela faltar, não é com êstes conselhos que a poderemos dar”.

De doctrina christiana lib. II, c. 9 (14). — PL 34, 42.

DIANTE DO ESTUDO ESCRITURAL SEMPRE VALE A SENTENÇA:

“A CIÊNCIA INFLA, A CARIDADE EDIFICA”.

214. “O estudioso da Sagrada Escritura, quando a começa a investigar, nunca deixe de refletir naquele princípio esculpido pelo Apóstolo: “A ciência infla, a caridade edifica” (1 Cor 8,1): somente assim conseguirá compreender que, por mais rico que saia do Egito (símbolo do saber humano), todavia se não tiver feito a Páscoa (símbolo do mistério divino), não poderá ser salvo. Ora, nossa Páscoa, imolou-se Cristo, e a imolação de Cristo nada mais nos ensina que o que êle mesmo clama, como se se dirigisse àqueles que êle vê trabalhar no Egito, sob Faraó: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e vos aliviarei. Tomai sôbre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e encontrareis alívio para vossas almas, porque meu jugo é suave e meu pêso, leve” (Mt 11,28-29).

De doctrina christiana lib. II, c. 41 (62). — PL 34, 64.

GRAÇA, TOQUE EFICAZ DO MAGISTÉRIO DIVINO.

215. “Confessei por que caminhos andei, e apagaste os meus erros; ensina-me agora os teus caminhos. Ensina-me de tal modo que eu faça o que é de minha obrigação, não apenas que eu saiba o que devo fazer”.

Enarratio in Psalmum 118, sermo 10, 3. — PL 37, 1526.

MAGISTÉRIO DE DEUS, MAGISTÉRIO INTEGRAL.

216. “(O homem) é auxiliado de modo que não só venha a ter conhecimento do que há por fazer, mas também chegue a fazer o que aprendeu que deve ser feito. E por isso, quando Deus ensina, não o faz só por meio do texto da lei, mas sim mediante a graça do Espírito Santo; ensina de maneira que não somente vejamos com a inteligência o que aprendemos, mas também o desejemos com a vontade, e o ponhamos em realização com as obras. Este divino sistema de magistério é feito de tal modo que não somente fica fortalecida a potência natural de querer e fazer, mas vem de Deus o próprio querer e o próprio fazer”.

De gratia Christi lib. I, c. 14. — PL 44, 368.

NA LEITURA, DEUS FALA.

217. “A tua oração é locução que se dirige a Deus: quando lês, Deus fala contigo; quando rezas, tu falas com Deus”.

Enarratio in Psalmum 85, 7. — PL 37, 1088.

AO ESPELHO DA ESCRITURA.

218. “Ouve como ouvirias a ti mesmo. Ouve como se estivesses fitando o olhar num espelho: o espelho das Escrituras. Se te olhares na Escritura como te vês no espelho, a tua fisionomia nela se refletirá. Tu perceberás que, na esperança, és semelhante a certos membros de Cristo que cantaram essas coisas: e tu mesmo, por tua vez, com tais membros te entregará ao canto”.

Enarratio in Psalmum 123, 3. — PL 37, 1041.

MAGISTÉRIO DE HUMILDADE, INTRODUÇÃO À ESCOLA DE CRISTO.

219. “Não quis ensinar os outros a serem o que êle mesmo não era; não quis ordenar coisa alguma que não fizesse. Vejo-te, ó bom Jesus, com os olhos da fé que me abriste, vejo-te como se estivesses pregando em presença do gênero humano, no momento em que pronunciaste aquelas palavras: “Vinde a mim, aprendei de mim”. Filho de Deus, por quem tudo foi feito, e Filho do homem que assim te fizeste para todos, imploro-te que me digas: devemos ir a ti para aprender o quê? “Que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29). Resumiram-se então aqui todos os tesouros de sabedoria e ciên-

cia ocultos em ti, por devermos considerar como grande coisa que és manso e humilde de coração? Tão grande coisa é ser pequeno, que se não fôsse realizada por ti, que és tão grande, absolutamente não se poderia aprender? É assim mesmo”.

De sancta virginitate, 35. — PL. 40, 416.

PROGRESSO REAL SÓ NA HUMILDADE.

220. “Compreende a humildade de Cristo, aprende a ser humilde, não te deixes tomar de soberba. Confessa a tua enfermidade, queda-te paciente diante do médico. Apegando-te à sua humildade, elevas-te com êle. Não que êle se eleve na sua qualidade de Verbo, mas sim que te elevas tu, pelo fato de te apegares a êle cada vez com maior firmeza. Começarás a compreender titubeando, com vacilações; depois compreenderás com mais segurança e clareza. Não cresce êle; és tu que avanças, chegando a parecer que êle está caminhando contigo.

É assim, irmãos. Crêde nas prescrições de Deus, segui-as, e vos será dada maior capacidade de compreensão. Não sejais presumidos, não queirais antepor a ciência ao preceito de Deus, a fim de que não fiquéis mais débeis, em vez de mais fortes. Observai as árvores. Primeiramente procuram a profundidade do solo, a fim de crescerem depois para o alto. Fixam raízes no solo humilde, a fim de elevar o caule para o céu. Apóiam-se em alguma coisa que não seja a humildade? E tu, mesmo sem caridade e sem humildade, queres compreender as coisas excelsas. Mesmo sem raízes, queres expandir-te no espaço. Isso não representa incremento; significa unicamente ruína”.

Sermo 117, 17. — PL. 35, 671.

O GRANDE MISTÉRIO DA PALAVRA DE DEUS NO HOMEM.

221. “Quem poderá explicar êste mistério com palavras? Quem o compreenderá? Como se farão demonstrações a seu respeito? Eu, que falo, sou homem, e falo a homens. Falo como fraco que sou, e falo a mais fracos. Não obstante, irmãos meus, muno-me de coragem, pois pretendo dizer-vos algumas palavras sôbre o mistério a que aludo; mas como atino a vê-lo, como em espelho e em enigma, segundo chego a entendê-lo no coração.

A minha palavra deseja ir a vós e não encontra veículo adequado. Veículo da palavra é o som da voz. O que eu

digo dentro de mim, intento dizê-lo também a vós, mas faltam-me as palavras. Efetivamente, quero falar-vos da palavra de Deus. Mas que palavra é esta? Qual é a sua grandeza? “Tudo foi feito por meio dela” (Jo 1,3). Vêde as obras e atemorizai-vos de quem as fez: “Tudo foi feito por meio dela!”

Concentra-te comigo, fraqueza humana, concentra-te! Compreendamos se pudermos, ao menos as coisas humanas. Também nós que falamos, somos homens, e falamos a outros homens, emitindo sons de vozes. Levamos o som da nossa voz ao ouvido dos homens; através do som e da compreensão do som, de certo modo através do ouvido, nós introduzimos no coração alheio. Assim, dizemos daqui o que podemos, e como podemos. Façamos, pois por compreender. Porque se nem sequer conseguimos esforçar-nos por compreender a nós mesmos, que deveremos dizer no tocante à palavra a que me referi?

Eis que me ouvis. Estou falando. Se alguém sai e lhe perguntam lá fora o que se está fazendo aqui, ser-lhe-á respondido: — O Bispo está falando. Estou falando da palavra. Mas que digo eu? De que palavra estou falando? Palavra mortal acêrca de palavra imortal; palavra mutável acêrca de palavra imutável; palavra passageira acêrca de palavra eterna. Contudo vós a ouvis, esta minha palavra. Já vos havia dito: a palavra é integral, em tôda a parte. Eis que falo convosco. O que eu digo chega a todos. Ora, se o que digo chega a todos, por ventura é sinal de que dividistes entre vós o que eu digo? Se eu vos ministrasse alimento, não para vós saciar a mente, mas sim para vos encher o estômago, dando-vos pão com que matásseis a fome, por ventura não deveríeis dividir entre todos vós os meus pães? Acaso todos os meus pães poderiam chegar a todos? Se eles fôsem dados a um, talvez já outros não os poderiam receber. Estou falando, e todos vós recebeis as minhas palavras. Mas ainda é necessário ser mais preciso: *todos* recebeis *tôdas* as palavras, isto é, tôdas as palavras chegam a todos, tôdas a cada um. Ó maravilha da minha palavra! Que será então a palavra de Deus? Ouvi ainda. Falei eu, o que eu disse chegou a vós e não se separou de mim; foi a vós e não me deixou. Antes de proferir o que disse, eu o possuía e vós não. Disse-o e vós começastes a tê-lo; e eu não o perdi. Ó prodígio da minha palavra!

Que será então a palavra de Deus? Partindo de pequenas coisas, fazei idéia das coisas grandes. Considerai as coisas terrenas e louvai as celestiais. Sou um ser criado e vós também sois seres criados. No entanto sucedem tantos prodígios resul-

tantes da minha palavra: no meu coração, na minha bôca, na minha voz, nos vossos ouvidos, nos vossos corações.

Que é o criador? Ó Senhor, ouve-nos. Renova-nos, já que nos fizeste. Torna-nos bons, já que nos fizeste homens esclarecidos!"

Sermo 120 (De verbis Joannis: In principio erat Verbum), 2-3 — PL 38, 677.

A ALTÍSSIMA FUNÇÃO DA PALAVRA SACRAMENTAL.

222. "Já estais puros, em virtude da palavra que vos anunciei" (Jo 15,3). Por que motivo, em vez disto, não diz o evangelista: estais puros em virtude do batismo que vos purificou; mas diz: em virtude da palavra que vos dirigi; a não ser porque, também na água, o que atua é a palavra? Tirai a palavra, e que vem a ser a água, senão apenas água? Acrescentai a palavra à matéria, e também a matéria se tornará parte integrante do sacramento, tornando-se quase palavra visível. E efetivamente, disse Jesus, enquanto lavava os pés dos discípulos: "Quem já se lavou não tem necessidade de lavar-se senão os pés, pois está todo limpo" (Jo 13,10). Donde vem todo êsse poder da água, que, tocando o corpo, purifica o coração, senão é da eficácia da palavra, e não sòmente porque ela é pronunciada, mas sim porque nela se crê?

De resto, na mesma palavra, uma coisa é o som que se extingue rapidamente, e outra é a virtude que permanece. "Esta é a palavra da fé que pregamos, diz o Apóstolo. — Porque se alguém confessar com a sua bôca que Jesus é o Senhor e crer no seu coração que Deus ressuscitou dos mortos, será salvo. Realmente, com o coração se crê na justificação, mas com a bôca se pronuncia a palavra da salvação" (Rom 10,8-10)...

Lêde ainda S. Paulo e vereis o que acrescenta a respeito da Igreja: "Para santificá-la, purificando-a na ablução de água, pela palavra" (Ef 5,26). Ao simples elemento que é a água, e ao escorrer dêsse elemento sôbre o batizando, certamente não se atribuiria o efeito da purificação, se não o acompanhasse a virtude da palavra.

E sòmente na Igreja de Deus, a qual tem fé, oferece, ben-diz e derrama a água, a virtude da palavra encerra o poder de purificar uma criança que nem sequer está em condição de crer na justificação e de pronunciar as palavras da salvação.

E tudo isto ocorre por motivo daquela palavra a que aludiu o Senhor: "Já agora estais puros em virtude da palavra que eu vos disse" (Jo 15,3).

In Joannis Evangelium, tract. 20, 3. — PL 35, 1340.

223. “Queiras ou não queiras, ela, a palavra, é o teu adversário, e adversário em que jamais encontrarás coisa nenhuma que seja de incriminar.

Podes fazê-la tua amiga, se quiseres.

O teu adversário é a palavra de Deus. Quer a diga um pecador, quer a diga um justo, é palavra de Deus, é inatacável. É o teu adversário. “Põe-te de acôrdo com êle enquanto percorreis juntos o caminho” (*Mt 5,25*). O caminho é esta vida.

É adversário de todos os maus a palavra de Deus. Parece-te pouco que, podendo ela ficar na sua beatíssima e sacratíssima sede, tenha vindo a ti, para estar a teu lado ao longo da existência? Que ouve por bem acompanhar-te, de modo que enquanto caminhas e podes fazê-lo, regularizes a tua situação e fales e digas: — Quando e como terminarei o caminho?

Pois quando tiveres terminado a viagem, não encontrarás ninguém com quem possas tratar da tua causa: “O adversário te levará ao juiz, o juiz te remeterá ao executor de justiça, e êste te mandará para a prisão. E dali não sairás enquanto não tiveres pago até o último quadrante” (*L. c.*).

A palavra de Deus está contigo. É como um adversário teu no caminho. Está em ti promover a conciliação. Que reclama êsse adversário, para que entres em acôrdo com êle? Que exige? Sòmente a tua salvação? Caminha êle com seus inimigos e quer que se ponham de acôrdo com êle: fiat!

Ainda não estamos no fim do caminho. Por que esperar que chegue o fim?”

Sermo 387 (De correptione proximi), 1. — PL 39, 1698.

PALAVRA, EFICAZ REMÉDIO.

224. “É bem diversa a imagem de um imperador, quando a vemos gravada em moeda ou quando a vemos reproduzida em um filho seu. Há, no caso, imagem e imagem. Numa vê-se a reprodução de maneira muito diferente da que se vê em tôdas as outras.

Tu também és moeda de Deus, mas de espécie muito superior: moeda que tem inteligência e vida, para que se dê conta de que traz consigo uma efigie, e saiba de quem é a imagem. A moeda, pròpriamente dita, não sabe que traz a efigie do imperador.

Portanto, como comecei a dizer, Deus não te quer ver

assim como és; ama-te, porém, tal qual deseja que venhas a ser.

Por isto te exorta a que te transformes. Concorda com Deus. Começa com um ato de boa vontade, faze o esforço para reconhecer as tuas imperfeições. Isto será para ti o início do acôrdo com a palavra de Deus: principiar com reconheceres o que és. Quando tiveres começado a fazer isto, verás que, não se comprazendo Deus em ver-te dêsse modo, já estarás começando a amar a Deus como êle é.

Observemos um doente. Mostra-se êle muito impaciente por se encontrar em tal situação, e, assim sendo, primeiramente procura entrar em acôrdo com o médico, justamente porque também o médico se aborrece por encontrá-lo doente, e se propõe a curá-lo, visto que o próprio médico sente que êle esteja febricitante. E o médico combate a febre, para livrar da aflitiva situação o enfêrmo.

E agora toca a nós. Avareza, libidinagem, ódio, concupiscência, luxúria, avidez de espetáculos, são tôdas febres da tua alma, e com o teu médico debes ter-lhes aversão. Assim procedendo, estarás em harmonia com o médico. Entrega-te aos cuidados dêle, e de bom grado atendas ao que te prescreve. E dêsse modo, quando começamos a recuperar a saúde, compreendemos como são boas as ordens recebidas. Embora os alimentos não agradem a certos convalescentes, êles devem comer até fartar-se: a coisa chega a tal ponto que consideram a hora da refeição como a pior de tôdas. Não obstante, impõem-se a decisão de concordar com o médico, e, ainda que contrariados e indispostos, dominam-se e comem alguma coisa. Depois que ficam sãos, com quanta avidez não aceitarão quantidades muito maiores do alimento de que agora, doentes, apenas se servem em pequena porção e com grande relutância. Mas como se dá a sua cura? Porque sentiram aversão à febre, porque concordaram com o médico, e porque, médico e doente, entraram em combinação para combater a febre.

Quando também nós dizemos estas coisas, não sentimos aversão senão pelas vossas febres; antes, em nós também, abomina as nossas febres a palavra de Deus, aquela palavra com que deveis concordar. Que somos nós, senão pessoas na necessidade de serem libertadas convosco, de serem convosco curadas? Por conseguinte, não leveis em conta a pessoa que vos fala, mas sim a palavra de Deus. E não vos tomeis de prevenção contra os remédios que vos são oferecidos, pois não há maneira de poder dispensá-los”.

CHAVE DA CIÊNCIA PARA DAR INGRESSO,
NÃO PARA IMPEDIR DE ENTRAR.

225. “Não conheceis nem a mim nem a meu Pai, e também não tendes em vós a palavra de Deus” (*Jo* 8,19). É uma asserção que está de acôrdo com aquela outra: “Vós vos apoderastes da chave da ciência, mas não entrastes nem deixastes entrâr” (*Lc* 11,52). A palavra de Deus estava nas Escrituras que liam; mas não a tinham nêles mesmos. Se a tivessem em si mesmos, não apenas teriam entrado, como também teriam permitido que entrassem os outros. Não entrar significa, aqui, não compreender. É a razão por que não conheciam nem a êle (Jesus) nem a seu Pai. Não que se tivessem desacostumado a falar sôbre o que liam, ou seja, de Deus e do Cristo. É que não compreendiam o que liam.

Por conseguinte a importância de entrar consiste nisto: em não se satisfazer com a compreensão superficial, mas em chegar ao conhecimento profundo”.

Contra adversarium legis et prophetarum lib. II, c. 5 (19). — PL 42, 649.

É MELHOR CANSAR-NOS DE COMER DO QUE MORRER
POR INANIÇÃO.

226. “Admitamos que seja fatigante, não só pregar a palavra da verdade, como também ouvi-la. Mas é fadiga que suportaremos com boa vontade, se nos recordarmos da sentença inicial do Senhor e da nossa verdadeira situação. Apenas isto. Já ao começar o gênero humano, o homem ouviu que lhe era dito, não por um homem falaz, não pelo demônio sedutor, mas pela própria verdade procedente da boca de Deus: “Com o suor do teu rosto comerás o teu pão” (*Gên* 3,19).

Se a palavra de Deus é o nosso pão, pois então suemos ao escutá-la, para não morrermos por falta de alimento”.

Enarratio in Psalmum 32, sermo 2. 1. — PL 36, 286.

A VERDADE NÃO TE INTERESSA? QUE TE INTERESSE
A LIBERDADE.

227. “Se vos mantiverdes na minha palavra, sereis verdadeiramente discípulos meus” (*Jo* 8,31). Assim sendo, para o discípulo, não basta estar perto, é necessário que esteja no interior da palavra. Não foi dito: “se ouvirdes a minha palavra”; ou ainda: “se louvardes a minha palavra”. Vêde que foi dito: “Se vos mantiverdes na minha palavra, sereis verdadei-

ramente discípulos meus, e conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres" (*L. c.*). Que dizemos nós, irmãos? Manter-se na palavra de Deus é cansativo ou não é? Se é, podeis esperar uma grande recompensa; se não é, receberéis a recompensa gratuitamente. Fiquemos, pois, em Deus, que em nós permanece. Nós, se não permanecermos nêle, cairemos; êle, porém, se deixar de permanecer em nós, não ficará sem morada. É que sabe perfeitamente estar em si mesmo, êle que nunca sai de si. Não aconteça ao homem, entretanto, ficar em si, o homem que se perdeu a si mesmo. . .

Que recompensa! Conheceréis a verdade. Poderá alguém dizer: — De que me serve conhecer a verdade? "Mas a verdade vos tornará livres" (*L. c.*). Se a verdade não te interessa que te interesse a liberdade".

Sermo 134, 1-2. — PL 38, 743.

UM SÓ É O MESTRE.

228. "Enviaste-me discípulos, e eu devo ensinar-lhes o que ainda não aprendi. Ensina-me, pois, o que devo ensinar. Já são muitos os que me pedem que ensine e eu lhes confesso que, além de muitas outras coisas, também desconheço êste assunto (a origem da alma). E pode ser que, envergonhando-se de fazê-lo na minha presença, todavia digam de si para si: "És mestre em Israel e ignoras isso?" (*Jo 3,10*): exatamente o que o Senhor disse a um daqueles que se ufanavam do título de Rabino e que foi procurar o Mestre durante a noite, provavelmente porque se envergonhava de aprender, êle que estava habituado a ensinar. De mim direi, porém, que gostaria muito mais de ouvir um mestre, do que colocar-me na posição de ser ouvido como mestre. Recordo-me perfeitamente do que Jesus disse àqueles que escolhera dentre todos: "Não vos façais chamar de rabinos, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo" (*Mt 23,8*). Não foi outro quem instruiu a Moisés por intermédio de Jetro; outro não foi quem instruiu também a Cornélio por meio de Pedro, que veio primeiramente; nem foi outro quem instruiu também a Pedro, por meio de Paulo, que veio depois. Provenha a verdade de quem quer que seja, sempre é dita por liberalidade daquele que é a própria verdade. Que dizer, então, se ainda desconhecemos assuntos tais (como a origem da alma) se ainda não conseguimos dar-lhes solução, e isto nem rezando, nem lendo, nem refletindo? Devemos saber não só com quanta caridade nos cumpre instruir os ignorantes, mas também com quanta humildade devemos

aprender daqueles que sabem. Ensina-me, pois o que devo ensinar”.

Epístola 166 (ad Hieronymum), 9. — PL 33, 724.

CÁTEDRA NO CÉU; MAGISTÉRIO ÍNTIMO,
NO CORAÇÃO DO HOMEM.

229. “Não tendes necessidade de que alguém vos ensine, porque na sua unção êle vos ensina tôdas as coisas (1 Jo 2,27). Que estamos, pois fazendo, ó irmãos, quando vos instruimos? Já que a unção dêle vos instrui sôbre tôdas as coisas, aqui estamos a trabalhar sem motivo. E por que elevamos tanto a voz? Basta que vos confiemos à sua unção, e ela vos instruirá.

Mas agora pergunto a mim mesmo, e também o pergunto ao próprio Apóstolo (que se digne escutar esta insignificante criatura que lhe dirige uma pergunta); indago, pois, ao Apóstolo João: “Tinham a unção aquêles a quem falavas? Disseste que a unção os teria instruído sôbre tôdas as coisas. Por que então escreveste aquela carta? Que lhes ensinavas? Com que assuntos os entretinhas? Que pregavas?”

Irmãos, já tendes aqui um grande mistério: o som das nossas palavras fere os ouvidos: o Mestre está no interior das pessoas. Não penseis que alguém aprenda alguma coisa de outra pessoa; podemos admoestar os outros com a nossa voz; mas se quem ensina não está no interior dêles, é vão o ruído que as nossas palavras produzem. Quereis compreendê-lo, irmãos? Porventura não chegam a todos vós as palavras que estou dizendo? e sem embargo, quantos sairão daqui sem as terem compreendido! No que está em meu poder, falei a todos. Mas os ouvintes nos quais não responde aquela unção interior, os ouvintes que não são instruídos pelo Espírito Santo, voltarão para casa sem ter aproveitado as minhas palavras. Os ensinamentos ministrados exteriormente constituem auxílio, são advertências. Mas aquêle que instrui os corações tem a sua cátedra no céu: refiro-me ao Senhor. Por isto disse êle no Evangelho: “Não chameis de mestre a ninguém na terra. Só o Cristo é vosso Mestre” (Mt 23,10).

Agora, pois, ausente qualquer pessoa, êle vos fale no interior de vós mesmos: também se houver alguém ao vosso lado, dentro de vós não tendes nenhum dos vossos semelhantes. Que Jesus Cristo esteja nos vossos corações. Esteja a sua unção nos corações, de modo que os corações sedentos não fiquem na solidão e não sejam privados do manancial onde possam desse-

dentar-se. É, pois, o Mestre interno quem ensina: Cristo ensina, a sua inspiração ensina. Onde está a sua inspiração, a sua unção, as palavras, externamente, fazem rumor inútil.

Assim, irmãos, estas palavras que dizemos exteriormente exercem a mesma função do agricultor no trato das árvores: trabalha êle de fora, rega e cultiva com todo o cuidado. Mas o que vem de fora, seja o que fôr, acaso forma o fruto? Quem reveste de fôlhas os ramos nus será porventura aquêlle que atua de fora? Acaso consegue êle realizar alguma coisa semelhante ao que faz o que está no interior? Mas neste caso quem é que faz? Ouvi o agricultor Apóstolo: compenetrai-vos do que somos e ficareis conhecendo o mestre interior: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o incremento. Não importa quem planta, nem quem rega, mas sim Deus, que dá o incremento” (1 Cor 3,6-7). O que dizemos a vós é isto: quer plantemos, quer irreguemos com a palavra, não somos nada. Quem tudo faz é aquêlle que dá incremento, Deus, ou seja, a unção daquele que vos instrui em tôdas as coisas”.

In Epistolam Joannis ad Parthos, tract. 3 (13). — PL 35. 2004.

MESTRE EM TUDO.

230. “Ouve o Mestre que reza: aprende a rezar. Êle rezou para te ensinar a rezar: êle, por isso sofreu, para te ensinar a sofrer; para isso ressuscitou, para te ensinar a esperar a ressurreição”.

Enarratio in Psalmum 56, 5. — PL 36, 665.

MÚTUA GARANTIA ENTRE A ESCRITURA E A IGREJA.

231. “Embora dêste caso particular não se possa citar um exemplo claro, das Escrituras canônicas, todavia, estamos certos, mesmo neste caso, de possuir justamente a verdade daquelas Escrituras, enquanto fazemos o que já existe na prática em tôda a Igreja, aquela Igreja que, precisamente é garantida pela autoridade das mesmas Escrituras. Como, portanto, a Escritura não pode enganar, todo aquêlle que teme errar ante a obscuridade de uma questão, apele para a Igreja, porque a Escritura garante a Igreja sem a menor ambiguidade. Se então duvidas de que estas Santas Escrituras garantem aquela Igreja, que se difundiu com copiosíssima abundância entre tôdas as gentes (se disso não duvidasses não estarias mais nas fileiras dos donatistas) eu te cumularei de uma infinidade de testemunhos, tirados justamente das Escrituras, de modo que,

se não quizeres teimar e ser renitente, por tua direta convicção chegarás a esta conclusão”.

Contra Crescentum Donatistam lib. I, c. 33 (39). — PL 43, 466.

NO PEITO DA IGREJA OS DOIS TESTAMENTOS.

232. “Que é crescer? Progredir. Que é decrescer? Minguar. Todo aquêlê que sabe que nasceu, saiba ser pequeno e criança; apegue-se àvidamente ao seio de sua mãe, e depressa crescerá.

Esta mãe é a Igreja. Em seu peito estão os dois Testamentos da divina Escritura. Dêles jorra o leite de todos os mistérios desenvolvidos no tempo, para a nossa salvação; de modo que qualquer um, nutrido e tornado forte, chegue a comer o alimento que é êste: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (*Jo 1,1*).

O nosso leite é Cristo humilde, o nosso alimento é o mesmo Cristo igual ao Pai. Nutre-te de leite, para te alimentares de pão”.

In Epistolam Joannis ad Parthos, tract. 3, 1. — PL 35, 1998.

PRIMEIRAMENTE CRÊDE. DEPOIS SERÃO EXAMINADOS TODOS OS PORMENORES DAS ESCRITURAS.

233. “Respondemos como nos foi possível a tôdas as perguntas apresentadas.

Faça-se cristão quem as propôs, para que não lhe suceda que, enquanto espera esgotar primeiramente tôdas as questões dos livros santos, chegue ao fim de sua existência, antes de ter passado da morte à vida.

Sim, pode-se tolerar que, antes de estar impregnado pela virtude dos Sacramentos cristãos, indague a respeito da ressurreição dos mortos. Talvez ainda se possa conceder que tenha procedido bem informando-se a respeito das razões por que Jesus Cristo só veio à terra depois de tanto tempo, e a respeito de outras questões, quer relevantes quer de pouca importância, nas quais as outras estão contidas. Mas se começa a interrogar que sentido têm as palavras: “Com a medida de que vos servistes para medir, sereis vós também medidos” (*Mt 7,2*) ou então, como foi levantada a questão de Jonas, antes de se fazer cristão pensa em tratar de tôdas as outras questões, então não tem o senso exato da condição humana ou da idade a que já chegou.

Inúmeros pormenores existem que não deve-se intentar

de resolver antes de aceitar a fé, para que a vida não termine sem fé. E vice-versa, uma vez possuída a fé, é bom estudar com o máximo empenho as questões concernentes à religião, pois assim as almas dos crentes hão de sentir piedosa satisfação e profundo prazer. E se alguma coisa ficar sem explicação, será isto suportado com serenidade, sem perigo para a fé”.

Epístola 102 (ad Deogratias), 38. — PL 33, 385.

PORTADORES DE LIVROS.

234. “Em que opróbrio caíram os judeus? O judeu leva consigo o códice para que o cristão creia. Tornaram-se êles os nossos portadores de livros, assim como os servos costumam levar, junto aos patrões, os manuscritos dêstes. Os primeiros, levando os livros, fatigam-se; os segundos, lendo, repousam. Chegaram a êste ponto os judeus”.

Enarratio in Psalmum 56, 9. — PL 36, 666.

SELEÇÃO DOS VERDADEIROS CRENTES EM FACE DA PALAVRA DE DEUS.

235. “A primeira seleção entre os discípulos de Cristo foi feita em face de estranhas palavras do Mestre.

Disse êle: “Quem não comer a minha carne e não beber o meu sangue, não terá em si a vida” (Jo 6,54). Os discípulos, não o compreendendo, puseram-se a murmurar: “Dura linguagem essa! Quem pode ouvi-la?” (Jo 6,61).

Qualificando de dura a linguagem do Mestre, retiraram-se. Ficaram com Jesus doze discípulos. E tendo êstes dado a entender ao Mestre que os outros se haviam escandalizado de suas palavras, perguntou êle: “Quereis vós também retirar-vos?” Falou Pedro: “A quem havemos de ir? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68-69). Compreendei — nós vo-lo imploramos, pequenos — aprendei a piedade. Será que Pedro já percebia o sentido oculto das palavras do Senhor? Não, ainda não. Contudo, acreditava piamente em serem boas as palavras que não entendia.

Nestas condições, quando é dura a linguagem e ainda não a entendemos, continuará a ser dura para os ímpios; mas, por efeito da piedade, far-se-á branda para ti. Porque virá a se dissolver e se tornará em óleo, e penetrará até a medula dos teus ossos...

Ês pequeno, ainda não comprehendes os segredos da palavra. Talvez o pão te esteja vedado, de modo que ainda deves

nutrir-te de leite. Entretanto, não te tomes de prevenção contra os seios maternos; elles te tornarão capaz de comer à mesa, para a qual ainda não estás preparado”.

Enarratio in Psalmum 54, 23-24. — PL 36, 643.

OBRIGAÇÃO DE FAZER; OBRIGAÇÃO DE DIZER.

236. “Não querem os homens fazer o que quer a palavra de Deus. E eu que direi sabendo que precisamente a palavra de Deus é adversário do homem, porque dá ordens? Dizendo isto, receio tornar-me eu mesmo adversário de algumas pessoas. E então? Aquêles que me incute temor dê-me ânimo para falar, a fim de que eu não receie as querelas dos homens. Os que entendem não manter a castidade conjugal, mas se excedem, não querem que eu fale sobre este assunto. Entretanto, queiram elles ou não, eu falarei. Porque se não vos exorto a concordar com o adversário, serei eu que me porei em desacôrdo com êle. Quem vos ordena fazer as coisas, é o mesmo que nos impõe a obrigação de falar. Se vós não fazendo o que êle manda fazer, vos tornais seus adversários, não dizendo nós o que êle manda dizer, nos tornaremos adversários dêle”.

Sermo 9 (De decem chordis), 3. — PL 38, 77.

INTIMIDADE ENTRE ANTIGO E NOVO TESTAMENTO.

237. “No Antigo Testamento está oculto o Novo; no Novo Testamento está a manifestação do Antigo”.

De catechizandis rudibus, c. 4 (8). — PL 40, 315.

CHEGANDO-SE AO FIM, ESTÁ-SE COMO NO PRINCÍPIO.

238. “Tão grande é a profundeza dos textos sagrados, que mesmo se applicássemos todo o nosso tempo, com o mais acurado estudo e agudeza de engenho na tentativa de conhecê-los bem, isto desde a meninice até a idade mais avançada, sempre existiria matéria nova para progredirmos. Entendamo-nos. Não é que deparemos tôda essa dificuldade para conseguir o que interessa à nossa salvação. Mas o caso é que, uma vez possuída a fé de que não podemos prescindir para viver com piedade e retidão, depois, para progredir, resta-nos aprender uma tão grande quantidade de coisas, e coisas envôltas em sombras de mistério, e além do mais, oculta-se tal amplitude de sabedoria não só nas palavras, mas também nas coisas

que ainda existem por compreender, que mesmo para os que alcançam a mais dilatada longevidade, para os dotados da maior inteligência e para os que se dedicam ao estudo com inigualável ardor, sucede que devem chegar à conclusão do que está dito na própria Escritura: “Quando o homem tiver terminado, é então que começará” (*Eclo* 18,6).

Epistola 137 (ad Volusianum), 3. — PL 33, 516.

MATERNIDADE DIVINA OPERADA PELA FÉ.

239. “A Bem-aventurada Virgem Maria, concebeu pela fé aquêle que deu a luz pela fé. Quando, de fato, enquanto se lhe prometia o Filho, perguntou como isso poderia acontecer, já que, não conhecia homem... recebeu esta resposta do Anjo: “O Espírito Santo descerá sobre ti e cobrir-te-á a virtude do Altíssimo; por isso, o Santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus” (*Lc* 1,35). Tendo o Anjo dito estas palavras, ela cheia de fé, concebendo a Cristo antes na mente, que não no seio, respondeu: “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (*l. c.*). Faça-se, isto é, seja concebido na virgem sem semente viril; nasça de Espírito Santo, em mulher íntegra Aquêle no qual virá renascer do Espírito Santo a Igreja íntegra. O Santo que nascerá de mulher humana, sem homem por pai, será chamado Filho de Deus; por que Aquêle que nasceu de Deus Pai, sem mãe alguma, admiravelmente, foi necessário que se tornasse Filho do homem, que nascesse naquela carne em que ainda pequeno, saiu por vísceras fechadas, naquela mesma carne na qual depois, feito grande, teria entrado após a Ressurreição, por portas fechadas.

São coisas admiráveis, porque são divinas; são inefáveis porque imperscrutáveis; não é suficiente para as explicar a boca do homem, porque o coração do homem não é suficiente para as compreender.

Maria creu, e nela realizou-se o que tinha crido. Creiamos nós também, afim de que o que foi feito nos possa ser de auxílio”.

Sermo 215 (in redditione Symboli), 4. — PL 38, 1074.

DA PALAVRA DEVE NASCER APOSTOLADO.

240. “Que adianta comer espiritualmente, ou seja, alimentar-se com a palavra de Deus, se daí não resulta a edificação de outrem? Do mesmo modo, de nada valeu ao servo negligente

do Evangelho receber o talento e escondê-lo, sem conseguir lucros para Deus”.

De opere Monachorum, c. 1, 2. — PL 40, 550.

JESUS CRISTO ESCREVEU?

241. “Cumpre-nos discutir uma questão que alguns soem levantar: a razão por que o Senhor nada escreveu, tornando-se por isto necessário recorrer a outros que escreveram a respeito dêle. Falam nisto especialmente os pagãos que não se atrevem a inculpar diretamente a Nosso Senhor Jesus Cristo ou blasfemá-lo e que nêle reconhecem extraordinária sabedoria, mas sabedoria de homem apenas; e pensam que os seus discípulos atribuíram ao Mestre mais do que deviam, chegando a dizê-lo Filho de Deus e Verbo de Deus, por quem tudo foi criado, e não vacilando em apresentá-lo Uno com Deus Pai: e outras coisas semelhantes, que se encontram nos escritos dos Apóstolos, onde aprendemos que devemos prestar culto a Jesus como a Deus Pai. Concordam êles, os pagãos, que Jesus seja louvado como homem sapientíssimo, mas discordam de que seja venerado como Deus.

Quando, pois, perguntam por que êle não escreveu parece quererem dar a entender que estariam dispostos a acreditar no que êle mesmo tivesse escrito, não no que outros anunciaram, por sua livre vontade a respeito dêle...

O Filho de Deus, através do homem em que se tornou, é a cabeça de todos os discípulos, que são como que membros do seu corpo. Por isto quando os discípulos escreveram o que Jesus mostrou e ensinou, não se pode dizer que êle não tenha escrito: os seus membros executaram o que lhes foi dado conhecer, por ditado da cabeça: tudo o que Jesus quis que lêssemos a respeito de seus atos e suas palavras, fêz com que os discípulos o escrevessem como se fôsse de sua mão.

Quem compreende esta conjunção de unidade e êste mistério de membros concordes em diversos misteres, sob a direção de uma só cabeça, não compreenderá de outro modo aquilo que lê, nos Evangelhos, escritos por narrações dos discípulos, tal como se tivesse visto escrever a própria mão do Senhor, que faz parte do seu próprio corpo”.

De consensu Evangelistarum, c. 7 (n. 11-12). — PL 34, 1047; et c. 35 (n. 54) PL 34, 1070.

A PALAVRA, PENETRANTE COMO A ESPADA, PRINCÍPIO E SÍMBOLO DE TÔDAS AS PROFUNDAS PENETRAÇÕES DIVINAS. ORAÇÃO SUBLIME DE ADESAO.

242. “Contra a minha alma profundamente desejosa de voar para ti, opõem-se muitas coisas que a perturbam com o seu alarido. Senhor, a teu mando, cale-se tudo, quede-se silenciosa consigo mesma até a minha alma, passe por cima de tudo, deixe para trás tôdas as coisas, e chegue a ti, e em ti somente, Criador de tôdas as coisas, fite os seus olhos de fé, adira a ti, pense em ti, em ti medite, te contemple, ponha-te à frente de seus olhos, no seu íntimo torne a pensar em ti, verdadeiro e sumo bem, em ti que és a sua eterna delícia.

Muitas são as contemplações possíveis, com as quais a alma devota de tua Divindade admiravelmente se alimenta. Mas em nenhuma delas se deleita a minha alma e encontra repouso como em ti mesmo, como nos momentos em que somente pensa em ti e te contempla. Como é grande, Senhor, a multidão das delícias que há em ti e que admiravelmente infundes nos corações dos que te amam. Como é maravilhosa a bigidez do teu amor, que gozam aquêles que fora de ti nada amam, nada buscam, nem em coisa alguma desejam pensar sequer. Felizes aquêles para quem és a única esperança, e para os quais a obra de maior importância é a oração. Bem-aventurado quem se queda solitário e em silêncio, que insiste em se vigiar dia e noite, e, mantido ainda neste frágil e insignificante corpo, todavia já consegue antegozar um pouco a felicidade que há em ti.

Por aquelas chagas salvíficas que recebeste na cruz para a nossa salvação, por aquelas chagas de que jorrou o precioso sangue que nos remiu, rogo-te: fere esta minha alma pecadora, pela qual apesar de tudo te dignaste morrer, fere-a com o poderoso dardo de fogo da tua superabundante caridade. “É realmente viva a palavra de Deus e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes” (*Hebr 4,12*). Tu, raio eleito, tu, gládio acutíssimo, que com o teu poder consegues perfurar o duro escudo do coração humano, traspassa o meu coração com o raio do teu amor de modo que te diga a minha alma: — Estou ferida por teu amor, foi-me aberta tal chaga com o teu amor, que dela brotam lágrimas dia e noite. Golpeia-me, Senhor, eu te imploro, golpeia esta minha mente duríssima com a piedosa mas forte lança da tua afeição, e sobe com o teu poder até o extremo da minha intimidade, até fazeres sair da minha cabeça tanta água e dos meus olhos uma fonte de lá-

grimas que corram continuamente, por causa do grande desejo de contemplar a tua beleza; para que eu chore dia e noite, sem receber consôlo algum nesta vida, para que mereça ver-te no tálamo celeste, amado e bellissimo espôso, meu Deus e meu Senhor; para que, vendo o teu rosto glorioso, admirável e bellissimo, cheio de tôda doçura, eu te adore súplice, com aquêles que a tua majestade elegeu, e aí finalmente, repleto de júbilo celestial e de inefável e eterna exultação, possa eu também exclamar com os que te amam: “Eis que vejo o que tanto queria ver; o que esperava ter possuo agora; o que era objeto dos meus anelos agora é meu”. É que estou unido no céu àquele que aqui embaixo, na terra, amei com tôdas as minhas fôrças, a quem aderi com todo o arrebatamento, aquê-le que louvo, bendigo e adoro, que vive e reina nos séculos dos séculos. Amém”.

Liber Meditationum, c. 37. — PL 40, 935.

SÃO NILO, O SINAÍTA

Abade
(† 430)

A DOÇURA DO MEL.

243. “Existem alguns que chamam “abelhas” os Profetas: e o seu alvéolo é a divina Escritura. Será bom portanto prestar atenção ao que diz Salomão: “Meu filho, come o mel, para que te sejam adoçadas as fauces da alma” (*Prov 24,13*).

Alimento doce, semelhante ao mel é a leitura e a meditação das palavras do Espírito”.

Epistolarum lib. I, 262 (Naucratio). — PG 79, 179 B.

PALAVRA DE DEUS NA ALMA DOS SANTOS.

244. “A parte sublime da alma dos santos assemelha-se a uma pena ou a um livro em que Deus escreve as coisas que devem ser ensinadas ao povo. Por isso, o Profeta Habacuc diz: “Escreve a visão sôbre a tabuinha” (*Hab 2,2*): de fato, o santo, entrando na própria mente e fixando os olhos em si mesmo, completamente ocupado no seu interior, descobre na sua mente as coisas aí escritas por Deus, e assim as transmite ao povo”.

Epistolarum lib. I, 108 (Flaviano). — PG 79, 130 B.

ATENÇÃO COM A SERPENTE INTELECTUAL.

245. “Não percebes as insídias do diabo, que todavia te esforças para não admitir? Ei-lo aí para sugerir aos teus pensamentos que não terás fruto algum em fazer passar os livros, e assim com a tua medonha negligência e com o esquecimento dos divinos preceitos, êle te arranca o ôlho da mente, e tira-te tôda a boa indústria de pensamento, de que sômente nasce, a

Há confusão a respeito dêste antigo escritor, ao qual se atribuem muitas obras: segundo antigas notícias NILO teria sido alto oficial da côrte de Teodósio, retirando-se, ao depois, para o Monte Sinai com o filho Teódulo, e se tornando objeto de notáveis aventuras. As notícias mais controladas nos falam, ao invés de S. Nilo como abade de um mosteiro de Ancira, na Galácia: fiel discípulo de S. João Crisóstomo, escritor de coisas ascéticas e seguro conhecedor das Escrituras. Resta dêle mais de um milheiro de cartas e numerosos tratados sôbre as virtudes cristãs e sôbre o monaquismo. Parece que S. Nilo tenha vivido até 430.

tempo certo, qualquer ação bem dirigida. É uma serpente intelectual! Naas significa serpente; aquêle Naas que outrora ameaçou os israelitas de arremessar a todos êles o olho direito, isto é, de tirar todo o bom pensamento.

Ora, da leitura das cartas divinamente inspiradas derivam para o homem muitas utilidades. Se portanto almejas conservar o olho da alma, e aumentar o poder da vista, orientar-te para o melhor e ter a vitória sôbre o péssimo conselheiro Naas, o Amonita, que tens dentro de tí: não sejas negligente, não sejas preguiçoso na leitura das Sagradas Escrituras”.

Epistolarum lib. II, 198 (Numenio Poimati). -- PG 79. 303 C.

SÃO PAULINO

Bispo de Nola
(353 - 431)

DEIXA ENFIM AS MUSAS! ERGUE-TE
PARA OS LIVROS SAGRADOS!

246. “Quero agora, com os sagrados Livros, dar matéria
aos teus cantos, e ouvir-te, inflamado de Deus, mercê de Cristo,
ofertar ao Pai supremo falares sublimados.
Acheга-te sózinho, e em gestas divinais o peito apóia,
começa a erguer da terra os teus sentidos, a mergulhar-te
[em Deus!
De súbito, nova luz, ao romper do céu, espargirá um clarão,
e n'alma oferta, o Divino Espírito entrará de leve,
auras alegres estremecer-te-ão até as entranhas.
Eia! Pega a lira! Agita êste peito fecundo!
Volta-te a elevados feitos! Deixa o hábito mesquinho
de ordinários carmes! Visões mais excelsas te convidam!
Não me cantes mais de Párides o julgamento, nem digas
falsas lutas de gigantes, pueris histórias de passada idade,
vãs ilusões, brinquedos de infantes.

MERÓPIO PÔNCIO ANÍCIO PAULINO nasceu em Bordéus, de uma das
mais ilustres famílias patrícias de Roma. Teve uma rápida carreira
política: ainda juvenzinho foi senador; tornou-se cônsul em 378, e a
seguir, governador da Campânia, com sede em Cápua ou em Nola.
Convertiu-se e recebeu o batismo somente no ano 390. Distribuiu então
os enormes bens que possuía na Aquitânia e foi para à Espanha, onde
o Bispo de Barcelona o ordenou sacerdote, no ano 394. No ano imediato
retornou a Nola, onde se entregou a uma vida de grande austeridade.
Aí o elegeram Bispo, no ano 399, e até sua morte, ocorrida em 431,
pastoreou a grei, que a Igreja lhe confiara, com uma solicitude e cari-
dade que se tornaram célebres. Pelas informações de seus antigos bió-
grafos, e sobretudo pelas cartas por êle escritas que chegaram até nós
(num total de cinqüenta), transparece em Paulino um verdadeiro pastor
de almas, dum candor, caridade e doçura surpreendentes. Ótimo escri-
tor e poeta, teve êle relações de amizade com os maiores personagens
de seu tempo, entre os quais figuram S. Ambrósio, S. Jerônimo e S.
Agostinho.

A obra de S. Paulino, exceto as cartas, um sermão sobre a caridade
e a narração da paixão de S. Genésio de Arles, está escrita em poesia.
Restam-nos 36 poemets, catorze dos quais foram dedicados, ano por
ano, à nova glorificação de S. Félix de Nola. Os restantes poemets
foram-lhe inspirados por várias circunstâncias.

O rolar dos anos já te tornou bem mais profundo!
 Sorri, homem maduro, sôbre as musas esvaecentes,
 e conforme à própria idade de costumes mais castos
 e segundo o aspecto do teu semblante venerável
 seja o que cantares. Eia! dá vida a pensamentos divinos!
 Herdaste por falsas gestas renomado vulto?
 Tributaram-te os vazios feitos um nome excelso
 quando, em fluentes versos ficções envelhecidas cantavas,
 ou quando em terrenos fastos de reis insignes e triunfadores
 prestavas culto opulento de altissonante fala?
 Já não mais: quanto maior ressalto os novos feitos
 te renderão, concedendo-te da língua o exercício,
 santo te plasmando! vida e louvor conjuntamente conquistarás!
 Enquanto sapientes leis e prodígios veros assinalares
 do Altíssimo, aprenderás a ser mais caro ao Deus excelso;
 começarás então a amar o que crendo admiras;
 e êsse teu amor a Deus te é retribuído em Cristo!
 Embora tenha ressoado a tuba em que cantaste até hoje
 ora entoe, sublime, celebrações divinas! [coisas vãs,

.....
 Rogo-te agora: aqui o teu estudo e o teu esforço,
 aqui a leitura e os escritos: canta de Deus sublimes
 [empreendimentos!

Escreve os inícios, do Verbo os feitos e do mundo criado;
 o caos que antecede o dia; crepúsculos iniciais de luzes;
 e quanto hão de revelar-te de Deus os volumes santos.
 Tudo o que dito ou feito está; o rolar dos séculos,
 os fatos acontecidos através de elementos vários;
 o que descreveu Moisés, insculpindo nas pedras da Lei;
 tudo o que a Lei nova do evangélico pacto nos ensina,
 desvendando mistérios reclusos no tempo, mistérios do Cristo.
 Então, sim, ter-te-ei qual divino poeta! Então, sim,
 ser-me-ão os teus poemas bebida leve dum licor suave.
 Quando destilarem divinos néctares de supernas fontes
 proclamando ao Cristo Senhor do mundo,
 revelando teu espírito movido por divino sôpro;
 quando eu recolher os frutos teus de mente e de palavra,
 então a ti, com quem me alegro, a mim unido em eterno pacto,
 a ti, a quem me achego com fortes laços indestrutíveis,
 que não se rompem ao desfazerem-se os mortais traços,
 a ti me estreitarei, num penhor perpétuo de fraternal amor”.

Poema 22 (ad Jovium), vers. 1-33; 148-167. — PL 61, 603; 607.

UM SALVAMENTO ESTUPENDO, ATRAVÉS
DAS CARTAS DE S. PAULO.

247. Outro fato estupendo, pelo qual concluir tu possas
como a graça bafejou a Martiniano:
reflete, ó meu irmão, a Deus tributa glória,
acolhe nos teus braços confrade assim tão santo!

No calmo retornar da jangada junto ao pôrto,
pelo estridor, ao longo de arenosa praia,
sacudido do letargo, se anima finalmente,
reentra em si mesmo, inteiro se desperta,
e voltando-se, descobre junto ao peito
as Cartas do Apóstolo das gentes.
Naquele terrível instante, lançando de si o que trazia,
incônciamente conservara o santo Livro.
Ou, quem sabe, o Livro mesmo, vivo pelo Santo Espírito,
acostara-se-lhe ao peito, sem que êle o advertisse.
Reflete, amigo: quem, senão o Cristo, ao servo,
custódio assim tão válido ofertara?
Êle próprio afirma: nem mesmo lhe veio o pensamento,
naquela iminência grave de infortúnio,
de pôr consigo a salvo
as fôlhas santas, reclusas na equipagem.
E se ao menos de salvá-las cogitasse
qual tempo disporia em forte busca?
Mas foi o Mestre, sim, foi Paulo, ali presente,
na substância das Epístolas sagradas,
a salvá-lo das traçoceiras mãos da morte.
Nova graça o céu, portanto, deu a Paulo:
afastar de mortais abismos outros homens.
De outrora, o mesmo poder de graças
dispensado ao Apóstolo navegante
agora o céu lhe outorga, através de seus escritos,
em prol de Martiniano e a todos quantos
na fuga se agregaram aos cristãos e perseguidos
salvando àquele feliz predestinado
que já o naufrágio de ímpias gentes segregara.

Poema 24 (de naufragio Martiniani), vers. 263-297. — PL 61, 620.

SAO CIRILO

Bispo de Alexandria - Doutor da Igreja
(† 444)

DAS TREVAS À LUZ FECUNDA.

248. “Tudo estava envôlto em trevas e caligem, e Satã, o dragão de mil cabeças, tinha difundido por todo o mundo uma espécie de frigidíssimo gêlo hibernal e, entorpecendo a mente de todos com um frio mortal, tinha reduzido todos os habitantes da terra a sequazes de ímpias doutrinas. Passou o inverno e foi dissipada aquela antiga e tétrica caligem, que tudo envolvia. Despontaram raios cintilantes: e Cristo, sol de justiça, tudo ilumina com seus raios espirituais e socorre-nos de tôdas as maneiras, não permitindo que se continue a permanecer tolhidos pelo frio do pecado, mas ao contrário, aquece-nos de fervor espiritual, como diz também Paulo, Apóstolo divino.

Nós, que éramos estéreis como árvores sêcas e despojados de tôda flor, fomos renovados para a vida; fomos enriquecidos como campos férteis e dotados de tôda a variedade de erva, pelas palavras evangélicas, pelos escritos dos santos Apóstolos e também por aquêles que apresentam a imagem de antigui-

De S. CIRILO, nascido com tôda probabilidade em Alexandria, de família que lhe deu esmeradíssima educação, não temos muitas notícias, antes de sua elevação à Sé de Alexandria, em 412. Caráter enérgico, integral, não somente tomou com o máximo vigor a defesa da sua Igreja, de qualquer perigo, mas transformou-se em magnífico lutador em prol de tôda a Igreja, afirmando vitoriosamente contra Nestório a unidade de pessoa e a dupla natureza em Cristo: doutrina que juntamente com a da Maternidade divina de Maria foi solenemente recebida e proclamada em Éfeso, no Concílio Ecumênico de 431, no qual Cirilo teve parte determinante, no campo doutrinal e a direção do Concílio mesmo, representando o Papa, S. Celestino I. — Por essa grande obra de afirmação da doutrina católica e pelo complexo riquíssimo de seus escritos, S. Cirilo tornou-se o Doutor da Encarnação. São numerosas as obras por êle escritas contra a heresia; tem também vários escritos exegeticos: sobretudo brilha o seu *Comentário ao Evangelho de S. João*. Restam-nos de S. Cirilo 88 cartas e numerosas homilias (156 sôbre o Evangelho de S. Lucas). A homilia mais famosa de S. Cirilo foi a quarta, entre as sete pronunciadas no Concílio de Éfeso e na qual defende-se e celebra-se maravilhosamente a divina Maternidade de Maria. — S. Cirilo morreu em 444. Foi proclamado oficialmente Doutor da Igreja pelo Papa Leão XIII, a 28 de julho de 1882.

dade nas sombras e figuras que foram apresentadas por Moisés e anunciadas pelos Profetas, com relação a Cristo e pelas quais fomos preparados de modo egrégio para conhecer o mistério. Portanto, a abelha espiritual e industriosa, isto é, o ânimo sábio e generoso, sobrevoe intensamente esta terra rica e fecunda, e cuide, para seu uso, com essa oportuna colheita, de acumular em si, como em favos dulcíssimos, um grande conhecimento de Deus, isento de engano e livre de qualquer defeito”.

Homilia paschalis XVI. 3. — PG 77. 751 D.

PALAVRAS TINGIDAS DE GRAÇA.

249. “Quem vem da terra, manifesta sua origem e fala da terra” (*Jo 3,31*). Não é igual a faculdade de persuasão do terrestre e do supremo Deus do universo... Quem vem do alto, como Deus, faz penetrar a palavra nos ouvidos dos discípulos, tingida de uma graça divina e inefável. Quanto mais alto está por natureza, tanto mais é eficaz”.

In Joannis Evangelium lib. II (c. 3. 31). -- PG 73. 271 B.

COLHEITA DE FLÔRES.

250. “Como os agricultores, no tempo indicado, colhem nos campos tôda a variedade de flôres, as mais perfumadas, e depois de hàbilmente reunidas em cestinhos, apresentam-nas como homenagem a seus senhores, que as recebem com prazer e agradecem, admirados de sua beleza e disposição, assim nós, que temos o dever de ensinar, colhemos na divina Escritura, como se fôra num belo campo, para oferecermos, um ramalhete, não de flôres, que murcham tão depressa, mas de palavras e de doutrinas que pelo Espírito Santo encerram em si uma imarcessível beleza de piedade para com Cristo e exalam, com grande suavidade, um abundante perfume de mistério”.

Ad religiosissimas reginas de recta fide. oratio altera, 1. — PG 76. 1338 C.

DOM DE INTELIGÊNCIA.

251. “Vejo um extraordinário concurso de ouvintes bem dispostos (a igreja se nos apresenta repletíssima) mas o mestre é pobre: todavia, aquêle que dá ao homem bôca e língua, poderá dar-nos uma reta inteligência: êle disse, de fato, em alguma passagem das Escrituras: “Abre tua bôca e eu a encherei” (*Sl 80,11*).

Homiliae diversae: XII (in occursum D. N. Jesu Christi). -- PG 77. 1039 D.

INSISTIR COM A PALAVRA.

252. “Escrever as mesmas coisas, para mim, não é pêso, ao passo que para vós, é necessário”, disse em algum lugar (*Flp* 3,1) o divino Paulo, instruído pelas próprias palavras do Salvador. Como nas chagas profundas não se usa de um só remédio, mas de vários, e se renovam êles continuamente, assim à alma longínqua e ferida, penso que os mestres devem prodigalizar diligentes e contínuos cuidados: não bastará para a abrandar, uma advertência, mas a mesma deverá ser repetida muitas vêzes, talvez até com as mesmas palavras. Assim faz o Salvador: inculcando muitas vêzes aos judeus as mesmas coisas, di-las de modo variado, ora em enigma e obscuramente, ora pondo de lado qualquer envólucro, clara e abertamente, de modo que se não crerem, não escapem à condenação; de modo que os maus pereçam tendo nas mãos a espada, em seu próprio prejuízo”.

In Joannis Evangelium, lib. IV (c. 6, 51-52). — PG 73, 563 A.

DUREZA DE CORAÇÃO.

253. “Houve novamente discórdia entre os judeus” (*Jo* 10,19). A palavra do Senhor desce aos corações dos ouvintes e, se os encontra pelo menos um pouco penetráveis, logo os modifica e os leva a bons hábitos: mas, se encontra corações duros, de certo modo, choca-se e é rejeitada. Por isso, quem tiver disposto sua alma à benevolência, receberá bem a palavra do Senhor; quem tiver outras disposições, não a receberá. Algo de semelhante aconteceu aos judeus. Depois de ter ouvido as palavras do Senhor, dividiram-se; os de coração acessível, movem-se já para a salvação: os outros, duros, tornam-se mais enfermos do que antes”.

In Joannis Evangelium, lib. VII et VIII fragm. (c. 10, 19). — PG 74, 14 B.

CÊRA MOLE.

254. “Como sôbre uma cêra muito mole imprime-se profunda e claramente a figura do sinête, assim a palavra de Deus grava-se mais fâcilmente nos corações ternos dos homens; por isso, o mau é chamado “duro de coração” (*Is* 46,12). São portanto instruídos os discípulos de engenho aberto, que ruminam as palavras da divina Escritura, nutrindo a si mesmos com um conhecimento mais escolhido e dispondo-se assim com firmeza à fé”.

In Joannis Evangelium, lib. II (c. 2, 21-22). — PG 73, 238 A.

PASTÔRES.

255. “Caminhando de região em região e de cidade em cidade, estabeleceram muitos outros pastôres de almas em vários grupos, encarregando-os de cuidar das ovelhas racionais: apascentá-las nas melhores pastagens, em lugares férteis, e levá-las a pontos fluorescentíssimos, isto é, à Sagrada Escritura. Porque a palavra de Deus é alimento suficiente para a vida da alma. Compreendamos, portanto, ditas aos pastôres espirituais estas palavras: “Cuida do campo verdejante, corta a erva e recolhe o feno a tempo, para que as ovelhas te forneçam as vestes”.

Glaphirorum in Genesis, lib. 4, 3. — PG 69, 198 B.

A VERDADE É DIFÍCIL.

256. “É muito difícil descobrir-se a beleza da verdade; e ela não se revela a muitos, mas somente àqueles que a investigam com mente íntegra e com ânimo sincero e a guardam, como um verdadeiro tesouro celeste; de modo que, obtendo-a, podem ouvir: “Bem-aventurados são os vossos olhos, que vêem e os vossos ouvidos que ouvem” (*Mt 13,16*). E todavia, não devemos deixar de lado nenhuma tentativa: colocando, ao invés, tôda a esperança em Cristo, enfrentaremos fadigas, mesmo superiores às nossas fôrças”.

Thesaurus de Sancta et consubstantiali Trinitate. Prologus. — PG 75, 10 A.

CONTINUA-SE A LANÇAR A RÊDE.

257. “De um fato bem claro, realizado milagrosamente à maneira de tipo ou imagem, os Apóstolos deviam tornar-se certos de que sua fadiga não teria sido sem prêmio, nem teria ficado sem fruto o esforço por eles feito em lançar a rêde do magistério evangélico: ou melhor, com seu trabalho teriam apanhado grande abundância de peixes e por tôda a parte. Considera isto, todavia. Não podendo Simão e seus companheiros puxar a rêde, e vencidos pelo temor, não ousando falar, por que a admiração os tornara mudos, fizeram sinal aos outros companheiros para que os ajudassem a carregar todo o produto da pescaria, para um lugar seguro. Muitos ajudaram o trabalho dos santos Apóstolos e ainda os ajudam, e de modo todo especial, aqueles que pregam as Sagradas Escrituras dos santos Evangelhos: e depois dêles os outros pastôres e mestres que dirigem os povos e os que conhecem as verdades dos dogmas. Continua-se a lançar a rêde com Cristo, que dá valor à obra

e que chama à conversão aqueles que, como diz a Escritura, se encontram em alto mar, isto é, vivem no meio das tempestades dos vagalhões do mundo”.

In Lucam, c. 5. 4. — PG 72. 554 C.

PÃO E ÁGUA.

258. “Recebemos “do céu um pão que dá a vida ao mundo” (Jo 6,33): assim, tornamo-nos fortes em Cristo; e depois, conquistamos fontes de águas incorruptíveis, que são os escritos dos santos Apóstolos. É Isaías quem assim os apresenta dizendo: “Apanhareis água, com alegria, das fontes do Salvador” (Is 12,3): são verdadeiramente fontes de salvação, que nos comunicam a palavra vivicante e salvadora e nos anunciam o mistério de Cristo e iniciam todo o mundo nos mistérios celestes”.

In Amos, tom. I, 21. — PG 71. 447 D.

QUEM NÃO COMPREENDE ESCARNECE.

259. “É hábito constante dos ignorantes: condenar uma doutrina mais elevada, criticar uma contemplação que eles, como sublime, não podem alcançar. Fazem isso porque não entendem: quando deveriam, ao invés, fazer todo o possível para entender e aguçar a mente a fim de seguir as coisas que se dizem e não, ao contrário, resistir a uma doutrina tão sábia e chamar de duras, palavras que, ao invés, devem admirar. Acontece-lhes a mesma coisa que aos que não têm dentes: obrigados a se servir de alimentos moles, muitas vezes, desprezam as iguarias mais apetitosas e às vezes zombam do que é bom, julgando, com isso, esconder a deficiência que os obriga a deixar alimentos melhores. Assim, os alunos mal preparados ou de curta inteligência, não apreciam o saber quando, pelo contrário, deveriam adquirir muitos conhecimentos, com muitos suores e generoso estudo”.

In Joannis Evangelium, lib. IV (c. 5, 61-62). — PG 73. 598 B.

O CAMINHO DE CRISTO NAS ESCRITURAS.

260. “Sabeis para onde vou e conheceis o caminho” (Jo 14,4).
“Irei antes de todos, disse êle, para preparar um lugar no céu: mas se vos apraz chegar um dia àquela mansão e julgais poder entrar naquela cidade superna e lá viver com os espíritos celestes, conheceis o caminho para lá, isto é, co-

nheceis-me: aquela graça admirável, vós a obtereis somente por meio de mim, e não, por meio de algum outro: nenhum outro poderá abrir-vos o céu, nem vos tornará fácil a obtenção de um lugar totalmente inacessível aos habitantes da terra: somente eu, único e verdadeiro Verbo, posso fazê-lo: por isso, o Profeta Jeremias, em espírito, queria exatamente mostrar-nos este caminho, quando dizia: “Permanecei nos caminhos e vede e interrogai as estradas do Senhor, que existem, desde todos os tempos; e vede qual é o bom caminho e nêle caminhai e encontrareis a purificação para vossas almas” (*Jer* 6,16).

Ora, os caminhos e as estradas do Senhor, no pensamento do Profeta, são os livros salvadores dos Profetas: mas, se alguém a êles aplicar o ânimo, encontrará o bom caminho, isto é, Cristo, pelo qual se insere a perfeita santificação em nossas almas. Nós, de fato, fomos santificados pela participação do Espírito Santo. Mas, também o Profeta Isaías, em altas vozes, anunciava-nos Cristo dêste modo: “Ali haverá um caminho limpo e será chamado caminho santo” (*Is* 35,8). “Ali” entende-se por “agora”, isto é, no tempo da Encarnação do Unigênito. “Agora” abriu-se-nos um caminho puro e santo: seguindo por êle, muitos, a seu tempo, verão a esplêndida cidade dos santos, a Jerusalém livre. Acrescenta novamente o divino salmista, como dirigindo-se a Deus Pai: “Estabelece-me uma lei, Senhor, no teu caminho” (*Sl* 26,11). Deseja ser instruído na lei de Cristo, não desconhecendo que poderá subir à cidade superna, se fôr acompanhado, no caminho reto, mediante a doutrina do Evangelho.

Não seria difícil aduzirem-se ainda muitos outros testemunhos dos Profetas através dos quais nos seria afirmado que o caminho santo se deve entender por Jesus Cristo. Não será necessário porém, creio, demorar-nos em coisas de tão grande evidência”.

In Joannis Evangelium. lib. IX (c. 14. 4). — PG 74. 186 C.

SÃO PEDRO CRISÓLOGO
Bispo de Ravena - Doutor da Igreja
(† 450?)

FRUTO DA GRAÇA.

261. “O nosso Deus queira conceder a mim a graça de dizer; a vós o desejo de ouvir”.

Sermo 96 (de parabolis zizaniorum). — PL 52, 471 C.

A PALAVRA ETERNIZA OS HOMENS.

262. “O demônio, autor do mal, não promete coisas boas, mas somente as más; o costume dêle não é dar a vida, mas matar; e certamente não quer que os homens sejam eternos, quando nem gostaria que fôsem temporais. É portanto muito claro que Cristo não seja “demônio”, mas sim Deus, que restitui a vida que já tinha entregue, e que com a sua palavra torna eternos os homens que o diabo com a sua persuasão tinha completamente sujeitado ao tempo”.

Sermo 131 (de Deo, ut videatur, etc.). — PL 52, 559 C.

TEMOS QUE MERECEER O DOM DA PALAVRA.

263. “Deus, que faz falar, quer também o silêncio; e ordena o silêncio, êle que insere a palavra; a palavra divina manda, não obedece, porque Deus é a Palavra e por isso não fala

S. PEDRO, nascido na Imola, (perto de Bolonha) pelo início do século V, tornou-se Bispo de Ravena em 433. Foi metropolitano durante o império de Galla Placídia e Valentiniano III. As notícias acêrca de sua vida são escassas. Restam-nos a testemunhar sua admirável eloquência que lhe granjeou o título de “Crisólogo” (*aureus sermocinator*) 176 sermões breves, elegantes, vigorosos. Geralmente êsses são em temas bíblicos, desenvolvidos primeiramente em senso literal e depois com aplicações em sentido alegórico, “ad altiore[m] intelligentiam”. Entre os escritos de S. Leão Magno conserva-se também uma célebre carta de S. Pedro Crisólogo ao monge herético Eutique que se lhe tinha dirigido por ter apoio: aí, de maneira cortez e clara se exalta a função única da Igreja Romana: “O beato Pedro que vive e preside na sua sede, oferece a verdade da fé a quem a procura; nós, por amor da paz e da fé, fora do consentimento do Bispo de Roma, não podemos aceitar causas relativas à fé”. Parece que S. Pedro Crisólogo tenha morrido jovem, em 450. Bento XIII, em 1729, declarou-o Doutor da Igreja.

quando é mandado, mas quando manda êle, não quando se exige, mas quando êle oferece, não quando o queremos obrigar, mas quando êle quer vir.

Portanto, irmãos, ouvi a palavra quando chega; esperai-a quando não chega; recebei-a quando se vos oferece; rezai quando se nega a vir: porque o mestre recebe de Deus o que o ouvinte sabe merecer”.

Sermo 86 (de annuntiatione et conceptione Joannis Baptistae). — PL 52, 441 C.

A IGREJA, COM A ESCRITURA, E A VIRGEM MARIA COM O SEU SEIO, OFERECEM O FERMENTO À HUMANIDADE.

264. “Cristo quis nascer para que, como por meio de Eva tinha entrado a morte para todos, assim por meio de Maria voltasse a vida para todos. Maria completa em si o tipo dêste fermento, lhe oferece a semelhança, lhe esclarece a figura quando do alto recebe o fermento do Verbo, e no seu seio virginal dêle rega a carne humana, ou melhor no seu seio a transforma tôda em massa celeste.

Mas examinemos também o segundo sentido desta figura do fermento. A mulher que toma o fermento é a Igreja; o fermento que ela toma é o mistério da doutrina celeste; as três medidas em que se diz que dividiu e colocou o fermento são a lei, os profetas, os evangelhos, onde o sentido divino se esconde, e se oculta nas parábolas: o crente o pode recolher ao incrédulo, pelo contrário, fica escondido”.

Sermo 99 (de parabola fermenti). — PL 52, 479 A.

PROFUNDA DIDÁTICA DO ENSINO POR PARÁBOLAS.

265. “Se as palavras e os feitos do Senhor se submetessem à inteligência carnal, o meu espírito tornar-se-ia carregado, a mente dormiria, o coração enjoar-se-ia, e tudo o que constitui força e calor humano apagar-se-ia. Mas “propôs-lhes uma parábola” (Mt 13,24).

Como o fogo jaz frio na pedra e inativo no ferro, mas aviva-se com a colisão entre pedra e ferro, assim uma palavra com sentido obscuro resplandece ao contacto entre palavra e inteligência. Se não houvesse mistérios para penetrar, não haveria distinção entre fiel e incrédulo, entre pio e ímpio, o devoto seria como o contumaz, o honesto como o mau, o vigilante como o dorminhoco; mas, enquanto a alma pede, a mente bate, os sentidos procuram, a piedade espera, a fé exige, a intenção é meritória, mostra-se distintamente também o fruto

do bom suor, e o castigo do transcurado; em tudo isto destaca-se também a justiça daquele que doa, porque tem mais sabor as coisas conquistadas do que as coisas já possuídas, as verdades descobertas do que as já evidentes. É também por este motivo que Cristo põe o véu da parábola na sua doutrina, cobre-a de figuras, envolve-a de mistérios, a tem obscura com significados escondidos. "Propôs-lhes uma parábola" (*l. c.*).

Sermo 95 (de parabola zizaniorum). — PL 52, 469 C.

FLÔRES OU PÃO?

266. "Se desejamos conhecer se há algum sentido espiritual para aprender desta leitura, não procuremos a florescência das palavras: quem procura os frutos para saciar-se, deixa de lado as belezas do campo: violetas, rosas, narcisos, são flôres lindas, sem dúvida nenhuma: mas o pão é mais aceito. O que é o perfume para o nariz, é a palavra enfeitada ao ouvido; o que dá o pão à vida, isto o dá a verdadeira ciência à salvação. Então: deixemos de lado o prazer da eloquência, enquanto estamos pedindo a fôrça da sabedoria".

Sermo 18 (de socru Petri infirma et sanata). — PL 52, 247 B.

CORRE BEM QUEM ACREDITA BEM.

267. "No estádio da vida atual muitos correm, e um sômente recebe a coroa. Correm os judeus com a lei, correm os filósofos com sua débil ciência, correm também os hereges com as doutrinas falsas, correm os católicos com a pregação da verdadeira fé: mas entre todos êstes um só recebe a coroa, o povo católico, que, recebido o caminho da fé, encontra-se em Cristo, onde se consegue o louro da vitória e a coroa da imortalidade. Eis porque os judeus, os filósofos, os hereges correm inútilmente: porque não seguem pela estrada certa da fé. O que serve aos judeus correr na observância da lei, se não reconhecem Cristo, dono da lei? Os filósofos correm com a vã sabedoria do mundo: corrida vã e supérflua, porque não conhecem a verdadeira sabedoria de Cristo. A verdadeira sabedoria de Deus é Cristo: ela não veste palavras, nem esplêndidas maneiras, mas se conhece com a fé do coração. Correm também os hereges com as afirmações venenosas da sua fé; preocupam-se também com jejuns e esmolos: mas não podem chegar à coroa, porque seguem por um caminho que não é fiel: sua fé falsa não poderá obter a graça da fé verdadeira".

Sermo 119 (de vero cursu). — PL 52, 525 A.

HÁ UMA MANEIRA MÁ DE APRENDER A PALAVRA DE DEUS.

268. “Cada vez que a vigilante perícia dos médicos receita a dosagem de um antídoto contra doenças mortais, servindo-se de sucos salutares, se o doente quiser aumentar a dose, ou tomar contra a prescrição do médico, ou fora da hora marcada, o que tinha sido preparado para sarar pode transformar-se em perigo grave.

Assim é com a palavra de Deus: se um ouvinte temerário quer aprendê-la fora do magistério, quer prescindir da doutrina e do dogma da fé, o que é substância de vida, transforma-se em ocasião de perdição.

Atenção, irmãos, porque aquilo que foi divinamente escrito para nossa vantagem, não se transforme, pela maneira má de aprender, em detrimento da alma!”

Sermo 156 (de Epiphania et magis). — PL 52, 611 C.

HONRA O MESTRE.

269. “Simão, tenho alguma coisa para dizer-te” (Lc 7,40). — Tenho alguma coisa a dizer para ti, que precisas de remédios e não os procuras; para ti, que enquanto chamas a êle de “Mestre”, descuidas da sua disciplina. Ou não sabes que está injuriando muito ao “mestre” quem se professa discípulo de alguém, de quem depois descuida da formação? Se a bondade do discípulo louva o mestre, do mesmo modo desonra o seu mestre um discípulo que não observa a disciplina dêle”.

Sermo 94 (de Phariseo murmurante). — PL 52, 465 B.

SÃO VICENTE DE LÉRINS

Monge
(† 450)

A GRANDE REGRA DE INTERPRETAÇÃO DA SAGRADA ESCRITURA.

270. “Procurando muitas vezes com grande estudo e suma aplicação entre muitos homens notáveis por santidade e doutrina de que modo se possa distinguir com uma regra, por assim dizer geral e constante, a verdade da fé católica da falsidade da depravação herética, quase sempre obtive de todos esta resposta: que qualquer um, eu ou outro, que queira tomar conhecimento das fraudes das heresias que surgem, para evitar as insídias e permanecer são e íntegro na reta fé, deve munir a sua fé, com o auxílio de Deus, por meio destes dois recursos: a autoridade da lei divina e a Tradição da Igreja católica.

Aqui talvez alguém pudesse observar: sendo completo o cânon das Escrituras e sendo mais que suficiente para tudo,

Lérins, pequena ilha defronte de Cannes (França) tem uma justa celebridade, devida exclusivamente ao fato de ter sido escolhida como sede de um mosteiro que deu bons frutos, até o ponto de Lérins ser chamada “ilha dos santos”: daí saíram vários Bispos de grande renome, como S. Hilário de Arles, Fausto de Riez, S. Cesário de Arles; aí passaram S. Patrício e S. Agostinho de Cantorbery. Quem continua a recordar-nos o nome desta ilha, que um dia de 732 viu o massacre de 500 monges e de seu Abade Porcário II por obra dos sarracenos, é S. Vicente, denominado, com efeito, *de Lérins*. Provavelmente êle passou tôda a vida naquele mosteiro e morreu pelo ano de 450. Por sua vez é conhecido unicamente pelas poucas páginas de seu *Commonitorium*, escrito em 434: êste escrito é vasado em têrmos tão incisivos e versa sôbre posições doutriniais tão fundamentais que foi sempre objeto de muita atenção, de maravilha pela clareza e eficácia de suas expressões e também de fortes disputas. É formidável a nitidez com que propõe a indispensabilidade do magistério eclesiástico e o valor da Tradição: notabilíssima ainda a clara definição do senso em que a fé e o dogma podem ter desenvolvimento. — Quanto à fórmula celeberrima e aqui referida: “*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus*” tão válida se tomada no sentido afirmativo bem intencionado do autor, poderia tornar-se faltosa quando o “ubique”, o “semper”, o “ab omnibus” fôsem tomados em sentido restritivo; isto é, quando quisesse diminuir o magistério supremo da Igreja que com autoridade plena e absoluta interpreta e propõe a doutrina revelada.

que necessidade há de acrescentar ainda a autoridade do pensamento eclesiástico? É por isso: porque a Sagrada Escritura, pela razão da sua mesma sublimidade, não é tomada por todos no mesmo e único sentido, mas as mesmas palavras há quem as interpreta de um modo, quem de um outro: até chegar quase ao ponto de serem tantas as explicações quantos são os homens. De fato foi com esta variedade que interpretaram Novaciano, Sabélio, Donato, Ário, Eunômio, Macedônio, Fotino, Apolinarie, Prisciliano, Joviniano, Pelágio, Celéstio, até Nestório. E por isso parece sumamente necessário que, por motivo de tão numerosos rochedos de diferente êrro, a linha de interpretação profética e apostólica seja traçada sôbre a norma do sentido eclesiástico e católico.

...Na Igreja Católica pois precisa cuidar muitíssimo de que é necessário ter o que *por tôda a parte, sempre, e por todos* foi acreditado: porque isso é verdadeiramente católico”.

Communitorium, II. — PL. 50, 639.

SÃO LEÃO MAGNO

Papa - Doutor da Igreja
(† 461)

NÃO VARIEDADE DE LUZ, MAS DE DISPOSIÇÃO.

271. “A manifestação da verdade está em dependência direta de sua luz interna: que a alguns brilhe menos e a outros mais, isso não depende da diversidade de luz, mas da fraqueza da contemplação”.

Sermo 69, 1. — PL 54, 376 B.

MESTRES DE ÊRRO, POR NÃO TEREM SIDO
DISCÍPULOS DA VERDADE.

272. “Haverá alguma coisa pior do que saber mal e não querer ceder aos mais doutos e mais sábios? Caem nesta forma de insipiência, aqueles que, em se encontrando obstaculados por alguma escuridão diante do conhecimento da verdade, em vez de recorrer às vozes proféticas, às cartas apostólicas, às autoridades evangélicas, recorrem a si mesmos: assim, transformam-se em mestres de êrro, porque não foram discípulos da verdade. Que conhecimento teve das páginas sagradas do Novo e do Velho Testamento quem não compreende nem mesmo os primeiros elementos do Símbolo? É o que por todo o

Nascido provavelmente na Toscana (ou em Roma?) pelo fim do século IV, S. LEÃO I teve um dos Pontificados mais gloriosos e mais longos da história da Igreja. Ainda simples diácono, a Igreja de Roma, com rara e admirável concórdia, elevou-o à Cátedra de Pedro, quando se encontrava nas Gálias, em uma missão de paz. — Grande organizador e extraordinário homem de govêrno, sua obra foi de inestimável vantagem para Roma e mesmo para o império então já em decadência; todos recordam a eficácia com que Leão deteve a invasão de Átila, “flagelo de Deus”. Pela organização da Igreja e pelo esplendor secular do primado de S. Pedro e de seus sucessores, o pontificado de S. Leão constitui um dos momentos mais claros e mais fecundos. — Clássico e efficacíssimo orador e escritor, suas páginas continuam a ser lidas na Igreja com o máximo fruto. Dêle restam-nos numerosos discursos e um abundante epistolário. A obra *De vocatione omnium gentium* é certamente de sua inspiração. Morreu em novembro de 461. — A S. Leão I, que é considerado o maior Papa da antigüidade cristã, justamente os contemporâneos deram o cognome de “Grande”. O título de Doutor da Igreja foi-lhe conferido oficialmente pelo Papa Bento XIV, em 1754.

mundo é proclamado pela voz dos pequenos batizando, não é compreendido por êsse velho infeliz”.

Epistola 28, 1 (Ad Flavianum episc. Constantinopolitanum). — PL 54, 757 A.

PALAVRA DE VERDADE, DOM DO ESPÍRITO SANTO.

273. “O Espírito Santo enche o seu órgão: o dedo de Deus toca as cordas dos santos, como se fôsem os fios de suas cordas. Tendo portanto no dia de Pentecostes exercitado o influxo prometido sôbre os Apóstolos e sôbre o povo dos crentes, apareceu sob forma de línguas de fogo e conseguiu que aquêles sôbre os quais havia pousado, falassem as línguas de tôdas as nações, a fim de que jamais houvesse dúvida de que o útil serviço de amor e a palavra racional (de verdade) é administrada por sua inspiração às almas dos fiéis. Isso o Senhor mesmo tinha insinuado nos discípulos, dizendo: “Quando vos prenderem, não fiqueis pensando no que dizer: ser-vos-á dado, no momento, o que deveis dizer, porque não sois vós que falais, mas o Espírito do vosso Pai fala em vós” (Mt 10,19-20).

Ora, nós cremos que tudo isso não acontece sômente nos momentos de grande provação, mas normalmente, mesmo em período de paz. Ouvimos o Apóstolo afirmar que, mesmo os nossos pensamentos, se não nos forem enviados por Deus, não podem ser retos, quando diz: “Tal confiança, nós a temos em Deus, por meio de Cristo: não que sejamos capazes por nós mesmos de fazer alguma coisa, como proveniente de nós, mas tôda a nossa capacidade vem de Deus” (2 Côr 3,4-5).

Epistola ad Demetriadem, c. 23. — PL 55, 179 A.

A OBEEDIÊNCIA É A PROVA DA GRAÇA.

274. “Diante de qualquer exortação e mandamento de Deus, há uma linha conjunta e constante de comportamento da graça de Deus e da obediência do homem: porque, jamais se dá uma ordem qualquer, por outro motivo, senão para que o homem se dirija a quem manda para ter ajuda. As vozes dos mestres e as letras das páginas que servem para a instrução de quem lê, possuem de fato a fôrça intrínseca daquele a quem servem: e quando a obediência chega a realizar o que é mandado, esta é a demonstração clara do efeito da divina intervenção”.

Epistola ad Demetriadem, c. 15. — PL 55, 174 D.

FÉ, PRINCÍPIO DE VIDA.

275. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (*Hebr 11,6*): sem ela nada é santo, nada é casto, nada é vivo, porque o justo vive de fé. Quem a tiver perdido, pelo engano do demônio, é um vivo que está morto”.

Sermo 24, 6. — PL 54, 207 D.

MAGISTÉRIO DE DEUS.

276. “Oh! quão veloz é a sabedoria de Deus e quanto se faz depressa, onde Deus é mestre, em aprender o que é ensinado! Não se exige trabalho de interpretação para se compreender, nem longo exercício para se fazer uso do saber, nem um longo tempo de estudo”.

Sermo 75, 2. — PL 54, 401 B.

NÃO TRANSFORMAR A LUZ EM TREVAS.

277. “A fé católica, diletíssimos, resista aos erros dos hereges barulhentos, que, enganados pela vaidade da sabedoria humana, separam-se do Evangelho de verdade e incapazes de entender a Encarnação do Verbo, transformam o princípio de toda iluminação em matéria de cegueira”.

Sermo 28, 4. — PL 54, 223 B.

CAMINHO, VERDADE E VIDA.

278. “Em ouvidos crentes não há lugar para a ignorância. Portanto, a semente da palavra, que vem através da pregação do Evangelho, deve crescer na terra do vosso coração, a fim de que superadas as tentativas de sufocamento dos espinhos e dos cardos, cresçam para a livre frutificação as plantações dos piedosos sentidos e os germes das retas vontades. Porque a Cruz de Cristo, que foi oferecida para salvar os mortais é ao mesmo tempo sacramento e exemplo: sacramento pelo qual se faz a obra divina, exemplo com que se exercita a devoção humana: porque aos libertados da escravidão, a redenção oferece isto também: poder segui-la com a imitação. Se a sabedoria do mundo vai tão além na glória de seus erros, que cada qual siga as opiniões e os costumes e tôdas as instituições de quem escolheu como mestre: que comunhão não devemos ter com o nome de Cristo, se não nos unirmos a êle, inefavelmente, a êle que, como o declarou pessoalmente, é o Ca-

minho, a Verdade e a Vida? O Caminho de um proceder santo, a Verdade de uma doutrina divina, a Vida de uma felicidade eterna”.

Sermo 72, 1. — PL 54, 390 B.

TORNAR-NOS VIVA A HISTÓRIA DO EVANGELHO.

279. “Mente cristã, afastada da mentira e discípula da verdade, usa, com tôda a confiança, da história evangélica: tudo o que aí se encontra, que tenha sido verdadeira e visivelmente realizado pelo Senhor, observa-o, ora com inteligência espiritual, ora com imaginação corpórea, como se tu também estivesses presente no grupo dos Apóstolos”.

Sermo 46, 2. — PL 54, 293 B.

A INEFÁVEL AÇÃO DA GRAÇA.

280. “Quando a palavra de Deus, pelo ministério dos pregadores, é introduzida no ouvido humano, ao som da voz humana mistura-se a operação do poder divino. Aquêlê que determinou o dever do evangelizador forma também o afeto do ouvinte. Então é doce à alma o alimento da palavra, as velhas trevas são espulsas pelo advento da nova luz, o olhar interno é livre da caligem do velho êrro; a alma passa de um tipo de vontade a outra vontade, mesmo se aquela que é expulsa detém-se ainda com alguma demora, opondo esforço de resistência; mas a nova, que é gerada, dedica-se a coisas eleitas, de modo que, no entanto, se apresente clara separação entre as duas leis reciprocamente adversas, do pecado e de Deus: de maneira que na dura luta da carne contra o espírito e do espírito contra as concupiscências carnis, o tentador possa fazer todo seu esforço do exterior, mas a alma, forte com o auxílio de Deus, chegue a vencer”.

De vocatione omnium gentium (prováv. de S. Próspero de Aquitânia), lib. I, c. 8. — PL 51, 656 B.

ESCRITURA ÍNTIMA DE CRISTO.

281. “O Senhor, que veio não para destruir, mas para aperfeiçoar a lei, com o auxílio da graça, levou a lei a ser uma ordem eficaz e multiplicando a clemência, eliminou-lhe o castigo, de modo a não castigar o pecado vingando-o, mas a cancelá-lo, perdoando-o. No-lo diz bem o caso da adúltera: ela por disposição da lei deveria ter sido apedrejada, mas libertou-a, ao invés, com disposição de verdade e de graça, quando

os executores da lei, aterrorizados no íntimo de sua consciência, abandonaram a infeliz atemorizada ao juízo daquele que tinha vindo salvar o que estava perdido. Ele, portanto, inclinando-se, isto é, adaptando-se às coisas humanas e inclinando-se à obra de nossa reforma, escrevia com o dedo no chão, para superar com a lei da graça a lei dos mandamentos e para mostrar que êle mesmo tinha dito: "Imprimirei a minha lei em suas entranhas e escreverei em seus corações" (*Jer* 31,33). O que êle faz precisamente todos os dias, enquanto insere sua vontade no coração dos chamados e, com o estilete do Espírito Santo, reconstrói tudo o que o demônio tinha falseado por inveja, nas páginas da alma".

De vocatione omnium gentium lib. I, c. 8. — PL 51, 656 A.

SÃO MÁXIMO

Bispo de Turim
(† depois de 465)

POUCOS VERSÍCULOS RESTAURAM OS POVOS.

282. “Não podemos temer que as sobras nos venham desgostar, porque as iguarias do Salvador são sempre íntegras, sempre ilibadas; não são deterioradas por qualquer contaminação; ao contrário, quando delas tomamos uma parte, logo são renovadas na sua beleza íntegra, em fôrça de um vigor íntimo e celeste.

É portanto um grande alimento aquêlo do qual se pode tomar quanto se quer e ainda fica tudo o que se tomou! De fato, a Sagrada Escritura é de tal fôrça germinativa, que, depois que se disse muitíssimo do que ela contém, resta-nos ainda sempre muito mais a se dizer: de modo que, quanto mais profunda é a penetração de quem anuncia, tanto mais alto objeto de compreensão se abre para a mente santa que a ela se dedica. Por isso, diz o Apóstolo: “Ó altura das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! quão imperscrutáveis são os teus juízos; quão impenetráveis os teus caminhos!” (*Rom* 11,33).

Não devemos, portanto, ter o mínimo temor de que, depois de um banquete tão suculento sobrevenha-nos o desgosto ou a fome. Na medida da nossa devoção consumimos tudo, mas, por fôrça da graça ficou tudo. Para que não pareça estranho o que eu digo, que tendo recolhido tudo, tudo ainda continua, ide com o pensamento à Escritura evangélica, e depois de a ler, vereis justamente que da mesa do Senhor se tira muito mais do que lá foi pôsto. Haviam sido trazidos cinco pães e no fim recolheram-se ainda doze cestos de restos.

SÃO MÁXIMO DE TURIM, dentre os grandes Bispos antigos, foi talvez aquêlo do qual nos ficaram mais escassas notícias: felizmente chegaram-nos através dos séculos seus numerosos e belos *Sermões*, que aos estudiosos lembram facilmente a comparação com Santo Agostinho e sobretudo, pela brevidade e pela incisividade que caracterizam sua eloquência, com o Papa S. Leão e com S. Pedro Crisólogo. — O que se sabe de S. Máximo é que foi Bispo de Turim, que em 451 participou de um Concílio em Milão e que em 465 estêve em um Concílio em Roma, onde ocupava o segundo lugar em autoridade, logo depois do Papa. — Os discursos que nos restam como certos são mais de 250. Não se conhece a data da morte de S. Máximo.

Encontram portanto mais os que recolhem os restos, do que tinha pôsto quem preparou o banquete; e assim, depois de se terem saciado cinco mil homens, com dificuldade os doze apóstolos conseguiram levantar os doze cestos cheios, enquanto o alimento, antes de ser distribuído, uma criança o trazia todo em uma das mãos. Nas mãos do Senhor, portanto, o pão é multiplicado quanto partido, cresce enquanto diminue, aumenta pelo fato de ser distribuído e o alimento sacia enquanto aumenta no seu útil dispêndio; cresce na bôca dos que comem aquêle alimento que parecia um nada nas mãos dos servidores. Por isso, dizia S. André: "Há aqui um menino que tem cinco pães de cevada: mas que é isso?" (*Jo* 6,9), com a continuação da narração.

Portanto, de modo milagroso, pela bênção de Cristo Senhor, a sólida natureza do pão, cresce, torna-se abundante e quase como por um impulso de fonte, transforma-se para os famintos num manancial, não de águas, mas de alimento.

Lemos nos profetas que o mesmo Senhor tinha dado de beber aos sedentos, fazendo jorrar água da pedra. Eis, agora, que a homens famintos oferece pão de uma fonte, para se saciarem. Lá, tinha soltado a pedra em riachos; aqui multiplicou o alimento em volumes: coisas que se devem figuralmente aproximar das Escrituras Evangélicas, as quais, com poucos versículos restauram os povos cristãos; as quais jamais vem a faltar; as quais com sua bênção alimentam as almas famintas; as quais, depois de terem saciado, são ainda mais abundantes; fenômeno compreensível, quando se pense que alguém, se fôr bem alimentado pelos mandamentos evangélicos, não sômente dará graças por se ter pessoalmente enriquecido como de um grande tesouro, ao qual sempre poderá atingir, mas do qual poderá também alimentar, por sua vez, a outros que sentem fome".

Sermo 106 (De quinque panibus et duobus piscibus). — PL 57, 741 B.

O MÔCHO NÃO É UM BOM MODÉLO.

283. "Não imite o môcho que vela de noite, e de dia fica na ociosidade, como um cego: tendo olhos enormes, gosta da escuridão e tem horror à luz do sol. Figura dos hereges".

Homilia 89 (De non timendis hostibus carnalibus. II). — PL 57, 458 C.

REFEIÇÃO QUE FORTALECE A ALMA.

284. "Não é bom aquêle alimento, depois do qual se nega o Senhor, depois do qual pode entrar o inimigo; não é bom

aquêle alimento, depois do qual se renega a Cristo e se devora o anticristo; não é bom aquêle alimento que não tem bênção e que termina em maldição. É-nos necessário aquêle alimento que dá a vida, que alimenta a alma, aquêle alimento depois do qual se segue a Cristo e se expulsa o inimigo. Devemos receber aquêle alimento depois do qual entra o Salvador, não o diabo, aquêle alimento que, tomado, torna-nos confessores, não traidores.

Foi dito muito bem, para êste tempo de jejum, que é a palavra de Deus que nos fortalece! isso nos adverte de que nossos jejuns não devem ser cheios de preocupações do mundo, mas devem-se passar em exercício sôbre as Sagradas Letras. Supera a fome do corpo quem toma os alimentos da leitura; não poderá ter grande cuidado do ventre quem se propicia o alimento da palavra celeste. Aquela é refeição que fortalece a alma, que enche as vísceras, quando tomamos alimento pelo elóquio imperecível das divinas Escrituras. Aquêle é o alimento que dá a vida eterna e que afasta de nós as insídias das tentações diabólicas. Ora, que a leitura da Sagrada Escritura é vida, atesta-o o Senhor, quando diz: "As palavras que eu vos disse, são espírito e vida" (*Jo 6,64*).

Sermo 15 (De Quadragesima I). — PL 57, 564 A.

A FONTE DE CRISTO E OS QUATRO RIOS DO EVANGELHO NO SEIO DA IGREJA.

285. "Tal disposição deu o Senhor ao tabernáculo da Igreja, como já tinha dado, quando se estava no Paraíso. A Igreja, de fato, é um paraíso protegido pela amenidade de árvores, como de diversas virtudes; paraíso de cujo grêmio sai Cristo, fonte limpidíssima; e como no paraíso, também aqui há a derivação de quatro rios correspondentes aos quatro evangelistas.

Os evangelistas podem bem ser comparados a rios, porque com sua doutrina é regada a presença de todo o povo: não há, de fato, alma cristã que não se dissidente na fonte santa dos evangelistas. O Evangelho é realmente como um rio, do qual também o santo Davi já dizia: "O ímpeto do rio alegra a cidade de Deus" (*Sl 45,5*). Alegra-se, de fato, a cidade de Cristo, quando nela, pelo correr da doutrina evangélica, entra o povo purificado e por um certo ímpeto de pregação o salão da Igreja transforma-se em comércio de santidade. Digo que o ímpeto do sermão evangélico alegra a cidade de Deus, porque nela muitas coisas introduz e muitas coisas purifica: aí

introduz as gemas da graça e limpa tôdas as manchas do pecado”.

Sermo 14 (De Jejunio generali). — PL 57, 561 A.

PEDRO E PAULO, MODÉLOS DAS TRANSFORMAÇÕES
QUE DEUS OPERA.

286. “Embora em Pedro ressalte-se mais a fé e em Paulo a doutrina, todavia a doutrina de Paulo é a plenitude da fé e a fé de Pedro, o fundamento da doutrina. A graça da visita e da escolha divina que êles receberam foi tanta que um passou de pescador a doutor e outro de perseguidor a defensor. Justamente nisso devemos exaltar a majestade do Onipotente, que, com maravilhosa intervenção, ao inculto deu a graça de ensinar, e levou o inimigo a amar o que odiava e a professar a fé que combatia. Ao primeiro não eliminou a pesca, sòmente mudou-a; ao segundo, ao invés, enviou a cecidade, a fim de que, alcançando a luz pela dura purificação, conseguisse perceber, com agudez de mente claríssima, além do sentido humano e natural das coisas”.

Homília 70 (De Natali SS. Apostolorum Petri et Pauli). — PL 57, 593 D.

BENEFÍCIO COMPLETO: PARA QUEM FALA
E PARA QUEM OUVE.

287. “A natureza da palavra espiritual é tal que, quando lhe vem o efeito, produz-se um recíproco benefício, isto é, refrigério para quem ouve e para quem fala. Assim, quando o arauto da verdade semeia a semente do Evangelho, se quem a recebe derrama-lhe por cima o humor da fé, obtém-se uma abundantíssima colheita de messes celestes.

Irmãos, para nossa salvação prestam as duas coisas indispensavelmente: fazer com grande desvêlo a misericórdia de semear e obedecer prontamente à quem anuncia as coisas santas, na firme esperança de receber do Senhor um prêmio abundante, perfeito”.

Sermo 105 (De calice aquae frigidae). — PL 57, 740 D.

SÃO CESÁRIO

Bispo de Arles
(470 - 543)

CORPO DE CRISTO E PALAVRA DE CRISTO.

288. “Eu vos interrogo, irmãos e irmãs. Dizei-me: em vossa opinião, que é que tem mais valor, a palavra de Cristo ou o Corpo de Cristo? Se quereis responder exatamente, deveis convir em que a palavra de Cristo não é menos importante do que o corpo de Cristo. E portanto, se no momento em que nos é ministrado o corpo de Cristo prestamos tôda a atenção para que nada caia das nossas mãos ao solo, do mesmo modo deve-se estar atento para que a palavra de Deus, quando nos é subministrada, não venha a se esvaír do nosso coração, em consequência de estarmos falando ou pensando noutra coisa. Quem tiver recebido negligentemente a palavra de Deus, não será menos culpado do que aquêle que, por falta de atenção, tenha deixado cair em terra o corpo de Cristo.

Pergunto eu a mim mesmo: — Se ao principiar a pregação da palavra de Deus, também se começasse a distribuir pedras preciosas, bríncos, anéis de ouro, porventura se quedariam desinteressadas as nossas filhas, ou correriam a apanhar as jóias? Imaginemos o que sucederia. Com a máxima ambição agarrariam elas tudo o que pudessem. Entretanto, nós não podemos nem devemos oferecer adornos corporais. E com isto não conseguiremos ser ouvidos de bom grado? Não é nada justo que nós, só porque administramos bens espirituais, sejamos julgados supérfluos. Quem escuta com boa vontade a palavra de Deus, recebe, enviados por êle da pátria do Paraíso — não duvideis disto — preciosíssimos adornos para a sua alma”.

(Entre as obras de S. Agostinho) Sermo 300 (Qualiter excipiendum Dei Verbum), 2-3. — PL 39, 2319.

S. CESÁRIO nasceu de família galo-romana em Chalons-sur-Saône, em 470. Aos vinte anos retirou-se para o famoso mosteiro de Lérins. Cinco anos depois, por motivo de saúde, passou para Arles. Ordenado sacerdote em 498, em 503 foi elevado à sede episcopal de Arles, de onde teve grande influência sôbre tôda a Igreja nascente em França, por quarenta anos. Morreu a 27 de agosto de 543. Sua ação desenvolveu-se sobretudo através dos numerosos Concílios dos quais participou ou aos quais presidiu. — De S. Cesário chegaram-nos cêrca de 150 Sermões, eminentemente práticos, de estilo simples. Escreveu também as Regras para as pessoas de vida religiosa da sua Diocese. Restam, além disso, três *Cartas* a Religiosas e dois opúsculos sôbre a Trindade e sôbre a Graça.

A FREIRA DIANTE DA ESCRITURA.

289. “Das fontes divinas das Escrituras, sempre tire a água de salvação: aquela de que dizia o Senhor: “Quem crê em mim, sairão de seu seio rios de água viva” (Jo 7,38). A alma santa procure também por se adornar sempre de flôres de paraíso, isto é, dos sentidos das Santas Escrituras, e continue sempre a pendurar em suas orelhas gemas preciosas, faça anéis e pulseiras e com o exercício das obras boas adapte-os sempre melhor à sua pessoa. Nas Escrituras procure remédio para as feridas, perfumes de castidade, holocaustos de compunção”.

Sermo ad sanctimoniales. — PL. 67. 1122 D.

SÃO BENTO ABADE

(480 - 543)

AS ADMOESTAÇÕES DA ESCRITURA, ALIMENTO CONTÍNUO DA VIDA RELIGIOSA.

290. “Ergamo-nos de uma vez, escutando a Sagrada Escritura, que nos estimula com as palavras: “Já é hora de nos sacudirmos do sono!” (*Rom* 13,11); e abertos nossos corações à luz deífica, volvamos atentamente nosso ouvido, favoravelmente surpreendido, ao que todos os dias nos diz a voz admoestadora de Deus: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais vossos corações” (*Sl* 94,8); e ainda: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (*Apc* 2,7).

E que diz? “Vinde, filhos, escutai-me; ensinar-vos-ei o temor do Senhor” (*Sl* 33,12). “Correi, enquanto tendes a luz, para que não vos surpreendam as trevas da morte” (*Jo* 12,35). E o Senhor procurando seu operário no meio da multidão do povo, clama-lhe ainda, com estoutras palavras: “Qual é o homem que quer a vida e deseja dias bons?” (*Sl* 33,13). E se tu, ouvindo isto, responde-lhes: “Sou eu!”, o Senhor te diz: Se queres ter vida verdadeira e perpétua, “impede o mal à tua língua e teus lábios não pronunciem palavras mentirosas; abstém-te do mal e faz o bem, procura a paz e segue-a” (*Sl* 33,

Nascido em Núrcia (Úmbria) pelo ano 480, BENTO, enviado a Roma para completar seus estudos, afastou-se daí, por uma íntima necessidade de solidão, para fugir aos perigos do mundo e pelo estímulo que lhe vinha da própria irmã, Escolástica, que se tinha consagrado a Deus. No refúgio da “sagrada gruta” perto de Subiaco, esteve sob a direção do santo monge Romano, que lhe cuidou também do sustento de penitente. Sua fama espalhou-se e foi procurado para abade de um mosteiro vizinho, em decadência (Vicovaro), mas sua ação aí foi quase inútil e até correu perigo de morte. Seguido por jovens discípulos, dirigiu-se depois para o sul, e a meio caminho entre Roma e Nápoles, subiu a uma colina perto da cidade de Cassino onde passou o resto de sua vida: aí surgiu seu grande mosteiro, farol de civilização; aí nasceu a “Regra”, que é a base de toda a vida religiosa da Igreja; aí se inicia aquela prática firme, constante, silenciosa de oração, de estudo, de arte, de trabalho que preparou, em germe, a nascente civilização ocidental e apresentou Montecassino, aos olhos da Idade Média, como o novo Monte Sinai. — Parece que S. Bento morreu a 21 de março de 543 a pouca distância da irmã, Santa Escolástica, cuja alma vira, resplandecente, entrar na eterna morada de Deus.

14-15). Depois que tiverdes feito estas coisas, meus olhos estarão sôbre vós e meus ouvidos escutarão as vossas palavras, e antes ainda que me chameis, estarei pronto para vos dizer: "Eis-me" (*Sl* 36,16; *Is* 58,9). Que há de mais doce para nós, que esta voz do Senhor, que nos convida, ó irmãos caríssimos? Eis! Com sua piedade o Senhor mostra-nos a entrada da vida.

Por isso, cingindo nossos rins com a fé e a observância dos atos bons, guiados pelo evangelho, sigamos seus caminhos, para merecermos ver aquêle "que nos chamou ao seu reino" (*I Tess* 2,12). Se queremos habitar no tabernáculo daquele reino, se não correremos com boas obras, lá não chegaremos. Mas, com o Profeta interroguemos o Senhor, dizendo-lhe: "Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Quem terá descanso em teu monte santo?" (*Sl* 14,1). Depois desta interrogação, irmãos, escutemos o Senhor que responde, e nos mostra o caminho àquele tabernáculo, dizendo: "Aquêle que entra sem mancha e que faz a justiça; que diz a verdade no seu coração, que não comete enganos com sua língua, que não causou dano ao próximo, que não aceitou más palavras contra seu próximo" (*Sl* 14,2-3); aquêle que, repelindo de sua presença o diabo, com tôdas as suas pérfidas insinuações, como êle se apresenta, "reduze-o a nada" (*Jud* 13,22) inutilizando a mesquinhez das suas maquinações e despedaçando-o em Cristo (*Sl* 136,9; *Ef* 1,18; *Sl* 14,4; *1 Cor* 10,4); aquêles que, temendo o Senhor (*Sl* 14,4) não se ensoberbecem com sua boa observância, mas reconhecem que o fazer o bem não se deve a sua capacidade, mas é dom de Deus; por isso "engrandecem" (*Lc* 1,46) o Senhor que opera nêles, dizendo com o Profeta: "Não a nós, Senhor, não a nós a glória, mas tôda ao teu nome" (*Sl* 113,1): assim como também o Apóstolo S. Paulo não pensou em se atribuir glória alguma na sua pregação, mas dizia: "Sou o que sou, pela graça de Deus" (*1 Cor* 15,10); e assim também acrescentou: "Quem se gloria, glorie-se no Senhor" (*2 Cor* 10,17).

Por isso, o Senhor diz no Evangelho: "quem ouve estas minhas palavras e as põe em prática, compará-lo-ei ao homem sábio, que edificou sua casa sôbre a pedra: vieram os rios, sopraram os ventos e fizeram fôrça contra aquela casa, ela porém não caiu, porque estava apoiada sôbre a pedra" (*Mt* 7, 24-25).

Regula. prologus. — PL 66. 217 A.

CASSIODORO

Estadista e monge
(485 - 583)

SALTÉRIO DA VIDA.

291. “Canta salmos ao Senhor, aquêlê que se esforça por o aplacar com boas ações. Esta é suavíssima virtude de harmonia: quando se pode perceber o acôrdo da voz com as obras. Se, ao invés, estas duas coisas se dissentem, desarmoniosamente, entre si, nunca nossas harmonias poderão tornar uma execução agradável, nem poderá chegar aos ouvidos do Senhor, o que se confunde por sua íntima contradição”.

Expositio in Psalmum 100, 1. — PL 70, 700 D.

FLORESCIMENO INÚTIL.

292. “Às ordens de quem obedecerá quem ignora aquêlê que nos deu a lei? Caminha sem estrada, olha sem luz, pensa sem saber, corre a tôda velocidade e não encontra o lugar onde quer chegar. Gente assim, no momento, pode florescer, não poderá, porém, mostrar-nos os frutos, porque a momentânea beleza não se fortalece nas raízes e esgota-se tôda na apresentação das fôlhas”.

De anima, c. 10. — PL 70, 1298 B.

CASSIODORO, nascido em Squillace (Calábria) de ilustre família, foi homem de Estado: questor do palácio imperial na idade de 20 anos, teve brilhante carreira política e foi ministro de quatro reis dos Gotos: Teodorico, Atalarico, Teodato e Vitige: sobretudo foi a alma do feliz govêrno de Teodorico. Teve vida muito honrada. A atividade política uniu a atividade literária e escreveu a história dos Gotos e deixou uma coleção de cartas e escritos, documentos da sua longa atividade de govêrno. — Aos 60 anos completos, começou no claustro de Vivarium (Calábria), uma nova vida. Organizou vida cenobítica, na qual, com a oração, dava-se amplíssimo lugar à atividade intelectual. — Cassiodoro, neste segundo período de sua vida, em que chegou quase aos cem anos de idade (morreu em 583) teve uma grande atividade espiritual e literária, e deixou obras que tiveram influxo determinante na Idade Média: sobretudo as *Institutiones divinarum et saecularium lectionum*, que ofereceram o programa de estudos no surgir de tôdas as Universidades. Escreveu um curso de História Eclesiástica e deixou, nas *Complexiones*, trabalhos de exegese bíblica, entre os quais muito importante, o sôbre os *Salmos*. — Cassiodoro morreu com fama de santidade, ainda que não tenha sido oficialmente venerado como santo.

PALAVRA É ESPADA.

293. “Espada” é chamada a palavra de Deus; porque com a ponta do seu poder, penetra nos corações corpulentos pelos vícios: e quando essa expressão de fôrça digna-se entrar, a fraqueza humana não pode resistir”.

Expositio in Psalmum 44, 4. — PL 70, 320 D.

PALAVRA É FOGO.

294. “A palavra do Senhor é de fogo” (Sl 118,140), porque purifica os corações mortais, manchados com as imundícies do mundo; e como o calor abrasador de uma fornalha derrete os metais e com obra de indispensável purificação consuma-lhes a escória, assim a palavra do Senhor, depois de eliminadas as manchas de pecados, torna puros os sentidos dos humildes”.

Expositio in Psalmum 118, 140. — PL 70, 886 A.

O ATRATIVO DAS ESCRITURAS.

295. “Observai, ilustres irmãos, como se desenvolve admiravelmente, como se torna agradável, a ordem nas divinas Escrituras: aí alimenta-se um desejo cada vez maior, daí nasce uma saciedade inexaurível, a gloriosa fome dos bem-aventurados: aí nunca se acha o que criticar que seja demais, mas, ao contrário, louva-se-lhe a freqüente abundância.

Tudo isso é justo, porque o que aí se aprende é notícia de coisas salutareis, oferece-se a vida aos que crêem e executam o que crêem; descrevem-se as coisas passadas sem falsidade; vêem-se as presentes muito melhor do que parecem e narram-se as futuras como se já tivessem sucedido. Nelas reina por tôda parte a verdade, irradia-se por tôda parte a virtude divina, manifestam-se por tôda parte coisas benéficas ao gênero humano...

Essas Letras não são uma descoberta da razão humana, mas por virtude celeste foram infundidas em homens santos: e chega-se a bem entendê-las, quando a mente devota delas se aproxima, crendo que elas dizem coisas verdadeiras e úteis. Que não encontrareis nessas Letras de útil e de suave, se as observardes com puríssimo lume de mente? Tôda a Escritura divina é como uma fôrça: é palavra que não cai em vão; nem tarda em produzir o efeito prometido, dando aos obedientes a salvação eterna e aos soberbos o suplício perene. Por

isso, aconselho não somente a ouvi-la, mas a realizá-la com obras santas”.

De institutione divinarum litterarum, c. 16. — PL 70, 1131 B.

MAGISTÉRIO DIVINO.

296. “Ensina-me a bondade, a disciplina, a ciência, porque eu tenho fé aos teus mandamentos” (Sl 118,66). Devemos perguntar-nos por que continua ainda a pedir para ser ensinado, quando, antes afirmava já tê-lo sido. O porquê é claro: das coisas boas jamais temos suficientemente: como um incêndio que se propaga tanto mais amplamente, quanto mais extenso campo de lenha seca lhe é oferecido. De fato os Apóstolos, inflamados no calor de sua fé, diziam: “Aumenta-nos a fé” (Lc 17,5).

Ora, Deus ensina a bondade quando inspira o desejo da caridade; ensina a disciplina quando nos leva a suportar as tribulações, ensina a ciência quando êle é reconhecido como doador das coisas que levam à salvação. Uma coisa, porém, é o ensinamento de Deus, outra, é o ensinamento do mestre humano; êste diz palavras, mas não pode dar a compreensão das coisas que diz: Deus, ao invés, antes ilumina o coração, a fim de que suas palavras desçam com firmeza à compreensão dos eleitos”.

Expositio in Psalmum 118, 66. — PL 70, 857 D.

A ATITUDE NA ESCOLA DE DEUS.

297. “Resta agora, homens, cheios de sabedoria e ricos de engenho que, superada salutarmente a aparência dêste mundo, ofereçamo-nos com presteza à misericórdia de Deus, do qual se recebe pleníssima iluminação sôbre todo o nosso esforço mental. Escutemos a Deus, amemo-lo e então verdadeiramente conheceremos a nós mesmos, se nos conhecermos através de sua munificência.

Êle é mestre poderoso e perfeito, que diz à nossa alma coisas verdadeiras e faz que, o que diz, seja concebido com mente bem iluminada. Na escola de Cristo não há coração indócil, porque, quem se lhe oferece com tôda a integridade da mente (isto é, quem entra deveras na sua escola) não pode não obter o que procura, nem pode perder o que recebe como pio prêmio da sua indagação. A alma, portanto, torna-se grande, preciosa, rica, quando compreende que, por si mesma, é pobre; torna-se poderosa, se não se afastar de salutar humil-

dade; torna-se, enfim, felicíssima, se, posta como está na carne, sabe conservar o que os anjos soberbos, no alto do céu, perderam.

A Ti, Senhor santo, ninguém chega elevando-se; chega somente humilhando-se; Tu és o Altíssimo, mas tornar-te-ás mais próximo dos que se inclinam na súplica. Nossa humildade agrada-te: gostas do que não procuras para ti, desejas o de que não tens necessidade. A humildade, de fato, é a mãe de nossa vida, é irmã da caridade, é defesa singular de toda alma febricitante, é inimiga e vencedora da soberba; e como a soberba por meio do diabo foi origem de todos os males, assim a humildade, por teu meio, é reconhecida como fonte de todas as virtudes”.

De alma, c. 12. — PL 70, 1306 B.

A IGREJA, QUE CRESCE EM BELÍSSIMA PIRÂMIDE,
PENHOR ÚNICO DOS DOIS TESTAMENTOS.

298. “Ó verdadeiramente santa e imaculada, ó perfeita Mãe Igreja que por dom da graça divina és a única que vivificas, que santificas e que restauras com tua formação o gênero humano, perdido por própria culpa: a cuja piedosa confissão nada se pode acrescentar, nada tirar: tu, que por meio de todos os Salmos e com as palavras de todos os hinos, apresentas os louvores da santa Trindade, de modo que a ela, de quem são as palavras sagradas que dizemos, sempre se dá louvor e cultíssima glória. Tu navegas constantemente entre a maldade deste mundo, com ininterrupto caminho de fé, sem perigo de dilúvio, à imitação daquela arca de Noé, que evidentemente era tua imagem. Tu somente navegas no mar deste século, por entre as terríveis procelas dos hereges, sem te prenderes a erro algum; enquanto tudo o que se encontra fora do teu seio vital, torna-se por fim, naufrágio mortal.

Enquanto Sabélio, detestável, erra contra o Pai, enquantoÁRIO, demente, erra contra o Filho, enquanto Mané, sacrílego, erra contra o Espírito Santo; enquanto outros diminuem o valor do Antigo Testamento e alguns não seguem a graça do Novo: tu somente, com fiel devoção, por graça de Deus, abraças tudo, de modo incorrupto. Ensinas o Pai ingênito, o Filho gênito e o Espírito Santo procedente do Pai e do Filho, único Deus, e pregas toda a Trindade santa, eterna a si mesma e igualmente onipotente, e quanto ao Senhor Cristo que é perfeito na sua divindade e na carne da humanidade assumida, confesas que é uma só pessoa, salva a propriedade das duas natu-

rezas. Dás garantia do Velho Testamento por meio do Novo e conheces que o Novo tem raízes no Velho. E para resumir tudo em pouco: tu só sabes dizer o que é plenamente útil à fé. E embora aqui te toquem as mais variadas tribulações e devas suportar as contrariedades do inimigo enganador, todavia, reunida como em círculo de todo o mundo, elevas-te resplendente em forma de belíssima pirâmide e és introduzida nos reinos eternos”.

Expositio in Psalterium, praefatio, 17. — PL 70, 23 A.

SÃO GREGÓRIO MAGNO

Papa - Doutor da Igreja
(540 - 604)

ALÉM DO SENTIDO LITERAL.

299. “A Sagrada Escritura, considerada em suas palavras ou em seus sentidos, é como a pintura, vista nas côres ou nas figuras que representa. Estulto seria aquêle que, examinando atentamente as côres, descuidasse as figuras do quadro. Se tomamos apenas as palavras que lemos e lhes desconhecemos o sentido, somos como aquêles que, ignorando as figuras, atendem sòmente às côres. Está escrito: “A letra mata, o espírito é que vivifica” (2 Cor 3,6). A letra envolve o espírito, como

Nasceu SÃO GREGÓRIO em Roma, da antiga e nobre família “Anícia”. Seguiu a carreira política: no ano de 570 era Prefeito de Roma. A certa altura deixou tôdas as honras mundanas, distribuiu seus haveres aos pobres e abraçou a vida religiosa. Fundou seis mosteiros na Sicília e um em Roma, sôbre o monte Célio, para onde êle mesmo se recolheu e onde surge hoje a Igreja que tem seu nome. O Papa se serviu dêle como Núncio em Constantinopla, onde permaneceu de 578 a 585; aí começou a escrever o livro intitulado “Moralia”, sua maior obra. Retornando a Roma, foi abade do seu mosteiro. No ano de 590 foi eleito Papa: opôs muita resistência, mas teve enfim de aceitar o grave encargo. Os seus 14 anos de pontificado sôbre êle atraíram a atenção de todos os séculos. Homem de extraordinária virtude, teve, como S. Leão Magno, excepcionais qualidades de governante, e além disso deixou numerosas obras, que o colocaram entre os quatro maiores Doutôres da Igreja Latina, ao lado de S. Agostinho, S. Ambrósio e S. Jerônimo. — A grande preocupação de seus escritos e de seu pontificado foi sobretudo pastoral. Homem de ampla visão apostólica, voltou sua atenção para os bárbaros, a fim de conquistá-los para Cristo e para a Igreja. Manteve estreitas relações com as novéis Igrejas da França e da Espanha, com os Longobardos da Itália e abriu as portas da Igreja à Inglaterra, para lá enviando missionários como S. Agostinho e outros quarenta monges beneditinos. — O título de humildade, que ainda hoje os papas empregam — Servo dos servos de Deus — foi por êle introduzido. Existem de São Gregório numerosas homilias sôbre o Evangelho e sôbre Ezequiel; são homilias simples e práticas. Escreveu “Moralia”, comentário moral sôbre o livro de Jó. Deve-se incluir seu livro de *Regras Pastorais* e os *Diálogos*. Há de se ter presente, enfim, sua grande obra litúrgica com o aperfeiçoamento e propagação daquele canto simples, casto e tão expressivo, que nasceu na Igreja e permanece sua íntima propriedade; canto que, pela organização que lhe deu S. Gregório, justamente chama-se de canto gregoriano. — S. Gregório morreu a 12 de março de 604.

a palha protege o trigo; mas nutrir-se de palha é próprio dos animais. Os homens se alimentam com trigo. Quem usa da razão despreza a palha e se apressa a comer o trigo do Espírito. E é mesmo útil que os mistérios sejam protegidos pelo invólucro da letra. Já foi dito: “Os sábios ocultam sua inteligência” (*Prov 10,14*). Por isso a inteligência espiritual está encoberta pelo véu da letra. Foi dito ainda: “Pertence à glória de Deus ocultar a palavra” (*Prov 25,2*). A inteligência que procura a Deus, tanto mais gloriosamente êle se manifesta, quanto mais sutilmente e internamente se empenha por essa manifestação. Ou será que, por Deus esconder algo no mistério, nós não o podemos buscar? Muito ao contrário; pois que naquele mesmo texto se diz ainda: “A glória dos Reis está em investigar a palavra” (*l. c.*).

Super cantica canticorum, prooemium. 4. — PL 79, 473 D.

APLICAÇÃO PESSOAL DA PALAVRA.

300. “Pela força da palavra divina é dada ao soberbo a humildade, ao tímido a confiança; purifica-se o luxurioso com o esforço da castidade; modera-se o avarento, arrefecendo o ardor da ambição; reanima-se o desencorajado com a reta orientação de seu zelo; refreia-se o iracundo da excitação de suas precipitações. É assim que Deus irriga com suas águas tôdas as coisas; adapta a força de sua palavra, em cada caso, conforme a diversidade do comportamento, a fim de que cada um encontre na sua palavra aquilo que lhe convém para levar o germe da virtude que lhe é indispensável”.

Moralium lib. VI, 22. — PL 75, 741 A.

SAGRADA ESCRITURA, TÊRMO DE VERDADE.

301. “Erra facilmente quem não sabe examinar, à luz preclara da verdade da Sagrada Escritura, aquilo que se recolhe por sua íntima contemplação. O Apóstolo denuncia o perigo, dizendo: “Satanás se transfigura em anjo de luz” (*2 Cor 11,14*). Ora, como se reconhecem as coisas falsas na clareza da verdadeira luz? Samuel corre até Heli tôdas as vezes que é chamado pelo Senhor, porque os santos pregadores, para não se enganarem com a imagem de falsa luz na sua íntima contemplação, examinam a sinceridade de sua oculta contemplação na manifesta verdade das páginas sagradas”.

In I Regum Expositionis lib. III, c. 1, 9. — PL 79, 148 D.

ASSIMILAÇÃO DA PALAVRA.

302. “Pensemos, meus caríssimos irmãos, como é bela a promessa que nos diz: “O teu ventre comerá e as tuas entranhas se encherão deste livro que eu te dou” (*Ez 3,3*). Muitos lêem e depois da leitura permanecem como se não tivessem lido. Muitos ouvem a voz da pregação e depois ficam vazios. Ainda mesmo que seus estômagos comam, suas entranhas não se satisfazem; pois mesmo se percebem em sua mente o sentido da palavra sagrada, esquecendo aquilo que ouviram, não conservam estas coisas no íntimo do coração. Compreende-se pois, porque o Senhor tenha feito esta advertência por meio de outro Profeta: “Considerai atentamente o vosso procedimento: tendes semeado muito e recolhido pouco; tendes comido, mas sem saciar-vos; tendes bebido e não matastes a sede” (*Ag 1,5-6*). Semeia muito e recolhe pouco aquele que, lendo ou ouvindo, chega ao conhecimento das vontades divinas, mas, agindo com negligência, pouco fruto produz. Come e não se sacia aquele que, não obstante ouvir a palavra de Deus, deseja riqueza e glória mundana. Diz-se, pois, que não se satisfaz completamente quem come uma coisa e tem fome de outra; bebe e não se inebria quem atende à pregação mas não muda o seu pensar. Ora, é muito normal que, pela embriaguez se altere o sentido dos que bebem. Quem se empenha em conhecer a palavra de Deus, mas deseja as coisas deste mundo, bebe e não se embriaga; se ficasse embriagado, sem dúvida alguma mudaria sua mente e não procuraria mais as coisas terrenas, não continuaria a amar as coisas vãs e caducas que até então amava. A respeito dos escolhidos diz o Salmista: “Serão inebriados pela abundância da tua casa” (*Sl 35,9*). Tornam-se tão cheios de amor de Deus onipotente, que, mudado o seu pensar, sentem-se outros diante de si mesmos: aplicação perfeita daquilo que foi escrito: “Quem quer vir após Mim negue-se a si mesmo” (*Mt 16,24*). Nega-se a si mesmo quem se volta para coisas melhores e começa a ser aquilo que não era, e deixa de ser aquilo que era”.

Homiliarum in Ezechielem lib. I, hom. 10, 7. — PL 76, 888 C.

RETER O ALIMENTO.

303. “As palavras do Senhor, recebidas pelo ouvinte, guardai-as em vossa mente. A palavra de Deus é alimento de nossa mente. Como acontece que um estômago doente devolve o alimento tomado, assim se dá também quando a palavra ou-

vida não é conservada pela memória. Para quem não retém os alimentos há muito que temer para sua vida”.

Homiliarum in Evangelia lib. I: homil. 15, 2. — PL 76, 1132 A.

PLENITUDE DA PALAVRA E PLENITUDE DO LIVRO.

304. “Da sua plenitude todos nós participamos” (*Jo* 1,16). Uma é a plenitude da palavra, outra a plenitude do livro. Da plenitude da palavra participam apenas os eleitos; da plenitude da Escritura podem participar também os réprobos. O livro do Apóstolo São João e o livro do Apóstolo São Paulo são plenitudes que dêles temos recebido. Paulo e João escreveram as palavras desses livros, mas o que cada um escreveu foi inspirado por aquêles que, nêles, ditava a palavra.

Quem recebe a palavra da Escritura não movido pelo amor, mas pela ciência, recebe da plenitude não da palavra, mas do livro. E por escolher uma coisa morta, não vive. Mas, que digo eu: morta a Escritura? Neste sentido não só é morta, más também mata. Está escrito: “A letra mata, é o espírito que vivifica” (*2 Cor* 3,6). Assim é com tôda a palavra divina: a letra é um corpo, e a vida dêste corpo é o espírito.

Infelizes os que remexem as Escrituras, que êles não amam, aquêles que muito falam sem experimentar em si mesmos nenhum sabor; enquanto outros aproveitam bem o alimento da Escritura que propõem, acontece que êles permanecem vazios, enquanto êstes são satisfeitos. Por isso, diz Samuel: “Sobe, para comeres hoje comigo” (*1 Rs* 9,19), porque aquilo que os bons mestres propõem aos discípulos, seja por êstes e aquêles ouvido e aproveitado”.

In I Regum Expositionis lib. IV, c. 4, 49. — PL 79, 267 D.

AQUECIMENTO RECÍPROCO.

305. “Enquanto os ouvintes são inflamados pela palavra dos mestres, aquecem-se suas vestes, como se estiverem em contacto com um corpo vivo. Por influência recíproca, do aproveitamento dos ouvintes usufruem também os mestres; e assim acontece como se das vestes aquecidas se refundisse o calor recebido. Mas, de maneira alguma queiram atribuir-se os mestres o progresso de seus súditos, como se dependesse de sua exortação apenas; porque, se o Espírito Santo não lhes enche os corações, em vão soará aos ouvidos corporais a voz de quem ensina. Os mestres podem emitir a voz, mas não podem fa-

zê-la ecoar no mais íntimo dos corações: “Nada é aquêlo que planta ou aquêlo que irriga; mas quem dá o incremento, Deus” (1 Cor 3,7).

Moralium lib. 27, 64. — PL 76, 437 D.

NUTRIR-SE DO LIVRO.

306. “Notemos bem o que nos diz o Profeta: “Abri a minha bôca e êle deu-me a comer aquêlo livro” (Ez 3,2). A Escritura, em sua imaginosa e peculiar linguagem, diz que existe uma como bôca do coração, afirmando: “Falam no coração, com palavras dolosas e com duplicidade” (Sl 11,3). Abrimos a bôca, quando dispomos a inteligência a compreender a palavra sagrada. Por isso, ao ouvir a voz do Senhor, o profeta abre a bôca, porque, ao som da palavra de Deus, expandem-se os desejos de nosso coração, para tomar algo do alimento da vida. Entretanto, também isto não estará ao nosso alcance, se não nos der o alimento aquêlo mesmo que nos ordena alimentar-nos: aqui, quem se alimenta, não está em condição de comer por si só. E já que nossa contingência não nos permite apreender devidamente as coisas celestes, a seu tempo Deus nos alimenta, dando-nos a justa medida de que precisamos. Ocorre de fato com a palavra sagrada, que compreendemos hoje o que ontem ignorávamos: isto se realiza por graça da economia divina, que nos proporciona o alimento quotidiano. Deus onipotente põe tantas vêzes sua mão à bôca do nosso coração; sim, quantas vêzes nos abre o entendimento, dando aos nossos sentidos o alimento da palavra divina. Deus nos dá, pois, a comer o Livro, quando, em sua Providência, nos abre o sentido da Escritura Sagrada e enche os nossos pensamentos de sua doçura”.

Homiliarum in Ezechielem lib. I, homil. 10, 5. — PL 76, 857 E.

QUATRO COLUNAS COM BASES DE PRATA.

307. “Nestas, assim chamadas, “bases da terra” (Jó 38,6), que outra coisa vemos figurada, se não os mestres da santa Igreja? Sôbre as bases estão as colunas, e sôbre as colunas apóia-se todo o pêso da construção. Não é pois sem propriedade, que os grandes mestres são chamados de bases, porque, enquanto ensinam doutrina justa e vivem em consonância com a sua pregação, sustentam deveras o pêso da Igreja; com a solidez de suas virtudes suportam as mais rudes provações da parte dos infiéis; e se há preceitos divinos que parecem difíceis aos

fiéis, êles, observando-os fielmente, demonstram como são exequíveis. Assim, pois, como outrora no antigo Tabernáculo, se entrevia uma figura da Igreja, vem bem a propósito o que foi dito a Moisés: "Farás quatro colunas e revestirás de prata as suas bases" (*Ex* 26,32). Na prata, que mais poderemos ver se não o brilho da palavra de Deus? Está escrito: "As palavras do Senhor são palavras puras, prata passada ao fogo, purificada sete vêzes" (*Sl* 11,7). Estas bases, revestidas de prata, sustentam as quatro colunas do Tabernáculo, porque os pregadores da Igreja, distinguidos como portadores da palavra divina, para se darem a todos como exemplo, levam em sua bôca e em suas ações os ensinamentos dos quatro Evangelhos".

Moralium lib. 28. 17. — PL 76, 457 C.

CONTÍNUO REABASTECIMENTO.

308. "Quer nas obras que fazem, quer nas palavras com que ensinam, esgotar-se-iam logo, se não voltassem sempre, prontamente, com grande disposição de alma, ao ponto de onde partiram. Se não reentrassem em si mesmos, em seus corações, e se não se unissem com sólidos vínculos de amor ao seu Criador, sua mão imobilizar-se-ia diante daquilo que estivesse fazendo; e sua língua tornar-se-ia infecunda naquilo que dissesse. Mas, retornando sempre à verdadeira fonte pelo amor, dela haurem continuamente aquilo que ensinam com suas obras e com suas palavras. Aprendem sempre de novo, amando aquilo que ensinam. Voltam sempre ao ponto onde nascem os rios, para poderem acompanhar seu curso; haurem a água da sabedoria na fonte mesma, porque ao longo do percurso poderia secar-se.

Em meio a tudo quanto fazemos, voltemos sempre prontamente à fonte da verdadeira luz!".

Homiliarum in Ezechielem lib. I, homil. 5, 16 — PL 76, 828 B.

SANTO ISIDORO

Bispo de Sevilha - Doutor da Igreja
(560 - 636)

POÇOS VELHOS E NOVOS DA ÁGUA DE DEUS E O POÇO DO "ALARGAMENTO".

309. "A Sagrada Escritura refere êste fato (cf. *Gên* 26). Isaac tendo-se tornado muito poderoso graças às bênçãos de Deus, começou a escavar novamente os poços que já haviam sido abertos uma vez pelos servos de seu pai Abraão. Mas os Filisteus que tinham inveja dêle fecharam-nos outra vez, enchendo-os de terra. Quem é êste Isaac, senão o nosso Salvador? Êle desceu à torrente de Gerar, e antes de mais nada tratou de pôr em ordem os poços que já haviam sido escavados pelos servos de seu Pai, isto é, Moisés, que havia cavado o poço da lei e Davi, Salomão e os Profetas que haviam escrito os livros do Velho Testamento, poços que tinham sido entulhados pela terrena e sórdida interpretação dos judeus.

Tendo, então, decidido abrir aquêles poços, Isaac, isto é, o nosso Senhor e Salvador, para mostrar que tudo o que tinham dito a lei e os Profetas o tinham dito dêle, e sendo que os filisteus, isto é, os judeus, estranhos do reino, haviam discordado com Êle, terminou por afastar-se dêles: porque não

S. ISIDORO nasceu em Sevilha por volta de 560, de uma família onde resplandeceu largamente a santidade: três irmãos Bispos (Leandro, Fulgêncio, Isidoro) e a irmã Florentina, monja, todos santos. Em 601 sucedeu ao irmão S. Leandro na cátedra episcopal de Sevilha, e sua ação no campo doutrinal, educativo e social tornou-se de máxima importância e teve o maior influxo, não só sobre o desenvolvimento cultural dos séculos sucessivos, mas sobre o futuro religioso da Espanha. Presidiu vários Concílios: sobretudo importante o IV Concílio de Toledo em 633. Teve morte edificantíssima em 636. — Escreveu muitíssimo, não somente sobre Teologia (*Sententiarum libri III*), e de interpretação bíblica (*Allegoriae quaedam sacrae Scripturae*), como também sobre tôdas as ciências profanas conhecidas e desenvolvidas até aquêl tempo (sobretudo nos 20 livros de *Etymologiae*); a cultura antiga passou pelas suas mãos, que a transmitiram organizada para os séculos da 1ª Idade Média. Isidoro é lembrado como um grande Mestre, nobre decôro da Igreja protetora das ciências: é chamado "educador da Idade Média". — Foi declarado Doutor pelo VIII Concílio de Toledo em 653 (Doctor egregius — Ecclesiae Catholicae novissimum decus) e proclamado como tal para tôda a Igreja pelo Papa Inocêncio XIII em 1722.

pode estar com aquêles que querem que nos poços haja terra em vez de água. E vai-se dizendo-lhes: “Eis que a vossa terra vai ficar deserta” (*Lv* 26,33; *Mt* 23,38).

Então Isaac cava um novo poço, aliás seus servos o escavam. Os servos dêste Isaac são Mateus, Marcos, Lucas, João, Pedro, Tiago, Judas e o Apóstolo Paulo. Todos êstes cavam o poço do Novo Testamento e fazem surgir dêle água viva, uma nascente que sobe para a vida eterna. Mas aqui, também há gente que gosta de brigar; são os que têm sabedoria de terra e não suportam que se abram novos poços enquanto nem quereriam que se limpassem os velhos: assim contradizem aos poços evangélicos, nem querem saber dos poços apostólicos: e como sua atitude é colocar-se contra tudo e estar sempre contra tudo, é dito para êles: “Visto que vos julgais indignos da vida eterna, eis que nos vamos para os gentios” (*At* 13,46). Eis então que depois disso Isaac escava um terceiro poço e chama aquêle lugar com o nome de “Alargamento”, dizendo: “Agora nos alargou o Senhor e crescemos nesta terra” (*Gên* 26,22). Na verdade, Isaac alargou-se e encheu tôda a terra com a ciência da divindade, e a Igreja estendeu êste alargamento a todo o mundo”.

In *Genesisim*, c. 22, 1-4. — PL 83, 254 A.

OS FRUTOS DE UMA ASSÍDUA LEITURA.

310. “Todo progresso vem da leitura e da meditação. Com a leitura aprendemos o que não sabemos; com a meditação asseguramos o que aprendemos. A leitura das Sagradas Escrituras nos traz dupla vantagem: instrui a nossa mente, e dissuadindo o homem das futilidades do mundo leva-o ao amor de Deus. Levados freqüentemente por aquelas palavras somos dissuadidos do desejo da vida mundana; e elevados ao amor da sabedoria, tanto nos resulta vil tôda esperança vã posta nesta mortalidade quanto mais, lendo, se esclarece e brilha a esperança eterna.

O leitor dotado de energia estará mui pronto em executar o que lê e não sòmente em entendê-lo. Constitui menor motivo de castigo o não saber o que se deve desejar do que sabendo-o não realizá-lo. Como, lendo, desejamos saber, assim sabendo devemos cumprir as boas coisas aprendidas.

Quanto mais se fôr assíduo às Sagradas Escrituras, tanto maior inteligência receber-se-á; como a terra que quanto mais cuidadosamente é cultivada, tanto mais abundantemente frutifica.

A respeito do empenho espiritual, deve-se dizer que somente perscrutar-se-á os secretos dos estatutos divinos se se tiver afastado o espírito das preocupações terrenas, e se se estiver introduzido com constante familiaridade nas Escrituras. De fato, é verdade que tanto pode caminhar o cego como o que vê, mas não com a mesma liberdade: o cego, avançando sem ver, vai de encontro aos obstáculos, enquanto o que vê, os evita e sabe onde deve chegar: do mesmo modo, se quem está ofuscado pelas nuvens de preocupações terrenas tenta perscrutar os mistérios de Deus, não o consegue porque, devido ao apêgo às coisas terrenas, não vê. Pode fazê-lo, no entanto, somente aquêlle que se abstrai das preocupações mundanas e se concentra integralmente na meditação das Escrituras”.

Sententiarum lib. III. c. 8. 3ss.; c. 9, 4. — PL 83, 679 B; 681 A.

RIQUEZA DOS PASTOS DA MONTANHA.

311. “O caminho para se chegar a Cristo é a lei: chega a Deus quem a compreende como deve ser compreendida. A amplitude das Santas Escrituras é como a dos pastos da montanha: quando chegam a êles as almas justas, alegram-se por terem achado o lugar de uma refeição que nunca chegará a faltar.

Nas Santas Escrituras, como sôbre excelsos montes, todos sentem-se à vontade: os homens perfeitos encontram aí a sublimidade do pensamento, com a qual, como se fôsem cervos, saltam pelos graus da contemplação; os simples como animais mais modestos aí encontram compreensões mais reduzidas, nas quais vão refugiar-se humildemente. A Sagrada Escritura para os que são débeis e de pouca sensibilidade parece humilde nas palavras e no sentido; mas com os homens de maior capacidade, desenvolve-se para o alto, porque manifesta-lhes os seus mistérios. É, portanto, comum a uns e outros: aos simplórios e aos perfeitos. A Escritura Sagrada é variada conforme a inteligência de cada um dos leitores, como o maná, que dava ao povo antigo um sabor diverso segundo o gôsto de cada um. De acôrdo com a capacidade de cada leitor a palavra de Deus se adapta. E enquanto tal acontece, permanece todavia uma em si própria.

Eis, portanto que nos livros sagrados, se encontram coisas escuras e claras, de modo que a inteligência e a diligência de quem lê sejam premiadas. Se tudo fôsse claro, as coisas compreendidas fâcilmente seriam depreciadas. Se tudo fôsse obscuro, logo se geraria a desconfiança. Portanto, para que não nos desesperemos diante de coisas obscuras, há as claras que

satisfazem; para que não nos enfademos com as coisas óbvias, há as misteriosas que excitam o desejo de penetrar: porque muitas coisas quanto mais árduas são, tanto mais estimulam o nosso estudo”.

Sententiarum lib. I. c. 18, 1-6. — PL 83, 576 A.

PROJEÇÃO DE UMA ANTIGA INSTITUIÇÃO
EM FIGURA DA IGREJA.

312. “Examinemos a arca do Testamento do Senhor, na qual estavam guardadas as tábuas da lei. Esta arca, que Moisés construiu com madeira incorruptível, pode significar a Igreja de Cristo, edificada por meio de todos os santos que incorruptos de mente e de corpo, guardam interiormente também as tábuas dos dois Testamentos, isto é a observância da lei e do Evangelho. A arca, além disso, era dourada por dentro e por fora: assim a Igreja deve resplandecer como o ouro, internamente com o esplendor da vida e externamente com a clareza da doutrina e da sabedoria...

Ordenou também, depois, que fizessem mesas douradas e fundissem as bases com prata. Que se deve entender por tais mesas se não os mestres e Apóstolos, ampliados no mundo pela sua pregação? Além disso, que entenderemos pelas bases de prata, senão, como já foi dito, os Profetas, que imutáveis e resplendentes, fazem-se de fundamento?”

In Exodum, c. 44, 1 — c. 52, 1. — PL 83, 310 A — 313 C.

SÃO JOÃO CLÍMACO

Abade do Sinai
(† 649)

NO CLIMAX DO ASCETISMO, TOTALMENTE AMBIENTADO COM A CARIDADE, O HOMEM ESPIRITUAL, NO ESPLENDOR DA CASTIDADE, FRUTO DA PALAVRA, OBTÉM O CONHECIMENTO DE DEUS.

313. “Quando, por fim, todo o homem fôr inundado, como que mesclado, impregnado da divina caridade, então, refletir-se-á como em um espelho, o fulgor da alma. Assim, todo envolto em glória, foi Moisés, o contemplador, o espectador de Deus. Os que souberam chegar a êste angélico grau de caridade, esquecem-se freqüentemente dos alimentos do corpo, aliás, o mais das vêzes, não provam nem o desejo dêles: não nos devemos maravilhar, sendo que muitas vêzes um desejo ou uma disposição contrária leva já a recusar o alimento: creio que o corpo dêstes incorruptos não seja mais, logo, vítima de aflições: porque já é santo e de certo modo pela chama da castidade que extinguiu a chama do corpo, atingiu um certo grau de incorrupção: e, portanto, penso que quando se lhe apresenta o alimento, acabe por recebê-lo longe de qualquer desejo.

A água subterrânea nutre a raiz da planta, e as almas dêstes são nutridas pelo fogo celeste. O desenvolvimento do

Um pensamento sôbre a palavra de Deus ainda da famosa obra ascética de S. João Clímaco, que tem como titulo a “Escada do Paraíso”. Este livro, que descreve aos monges o caminho da perfeição como uma subida de trinta degraus, à imitação da escada de Jacó ou dos trinta anos de vida íntima de Cristo, revela um escritor eficaz, sobretudo pela capacidade de condensar em poucos têrmos muitos pensamentos. O trecho que apresentamos é tirado do último degrau, onde se considera o asceta tendo atingido o máximo da proximidade com Deus, transformado pela caridade e purificado pela castidade: isto é, o grande fruto da palavra de Deus inserida no homem que tende para a santidade. — As notícias sôbre o santo autor são um pouco controversas. As mais certas parecem ser estas: S. João entrou aos dezesseis anos para um mosteiro do Monte Sinai; aos 20 anos empreendeu vida eremítica aos pés da santa montanha; por volta dos 60 anos foi escolhido como abade do Sinai: com a magnífica experiência da sua própria subida, escreveu então, em benefício dos seus monges, a “Escada” (Climax), que teve um sucesso grandíssimo e que conserva uma bela riqueza espiritual também para os modernos. — De acôrdo com uma opinião digna de crédito, Clímaco teria vivido até 649.

temor de Deus é o princípio da caridade; enquanto que o resultado da castidade é base segura para o conhecimento revelado. Aquêles cujos sentidos são perfeitamente unidos a Deus, são instruídos pelo próprio Deus de modo misterioso, com palavras de Deus. Mas se os sentidos humanos não atingiram esta união, então é verdadeiramente difícil o conhecimento de Deus. A palavra, penetrada no homem, torna a castidade perfeita, e com a sua presença dá a morte à própria morte. Ora, vencida a morte, eis que o discípulo da revelação já está iluminado. A palavra de Deus vinda de Deus é santa e permanece para a eternidade. Quem não conhece a Deus, falará das coisas divinas com base somente na probabilidade, como por conjecturas”.

Scala Paradisi, gradus 30. — PG 88, 1158 B

SÃO MÁXIMO, O CONFESSOR

Monge
(580 - 662)

TIRAR AS ESCAMAS DA ALMA.

314. “Brilhará claramente à alma a palavra de verdade, dando-lhe limpidez de ciência e afastando dos olhos espirituais presumidas persuasões de superioridade, que há em nós, à maneira de escamas, quando se conseguir sacudir de si mesmo as numerosas idéias fixas, como aconteceu com o grande e divino Apóstolo Paulo.

De fato, há como escamas, prêsas aos olhos da alma, que impedem aderir à sincera palavra de verdade e sôbre ela repou-sar: sejam, estas escamas, idéias que aderem, quase como prendendo-se a um corpo, à letra nua da Sagrada Escritura, ou sejam talvez visões particulares, a respeito das coisas visíveis, formadas com as impressões dos sentidos e mistos de afeições e de lascívia”.

Capitulum Theologiae et Oeconomiae centuria II, 75. — PG 90, 1159 B.

RÓCIO, ÁGUA, FONTE, RIO...

315. “A palavra de Deus chama-se e é rócio, água, fonte e rio, como está escrito: porque ela, segundo a fôrça e a receptividade que apresentam os que a recebem, é ou torna-se estas várias coisas.

S. MÁXIMO nasceu em Constantinopla, de família profundamente cristã e muito distinta: fêz carreira administrativa, chegando até primeiro secretário imperial. Em 613 deu adeus a tudo e fêz-se monge em Scútari. De claríssima fé católica e por isso contrário às inclinações doutriniais da côrte bizantina, ativo lutador contra a heresia do “monotelismo”, passou algum tempo na África Latina; transferiu-se depois a Roma em 646, e aí continuou àrdidamente a luta contra os erros orientais, até que em 653 foi prêso em Roma e levado à fôrça a Constantinopla, de onde, resistindo na verdadeira doutrina, foi exilado em 655; julgado outra vez em 662, mas firmissimo em sua fé, o que lhe valeu o glorioso título especialmente seu, de “confessor”, foi flagelado; parece que lhe foram amputadas as mãos e a língua e depois mandado ao Cáucaso, onde morreu por causa dêstes sofrimentos, a 13 de agôsto de 662. — Teólogo eminente, distinguiu-se sobretudo na *Cristologia*. Deixou cartas, obras de polêmica e teológicas, obras escriturais (especialmente *Respostas a Talássio*), obras ascéticas (entre as quais *200 Capita theológica et oeconomica*) e obras místicas (*A Mistagogia*).

Para alguns é *rócio* porque extingue o que do exterior vem quase a arder em redor de seu corpo; divino rócio contra o incêndio, contra a excitação e a ação da lascívia.

Para aquêles, ao invés, que são inflamados e quase queimados por dentro, na alma, ela é *água*, não sòmente pelo fato de que por disposição contrária tem a fôrça de apagar o que lhe é contrário, mas também porque contém em si e oferece fàcilmente a fecundidade para viver bem e felizmente.

É *fonte* para aquêles, aos quais, vindo como de um manancial inexaurível, oferece o hábito da contemplação e dá a sabedoria.

É *rio* para aquêles que prodigalizam, à maneira de rio, a pia, reta, salutar e abundante doutrina, como a inebriar à saciedade os homens, os jumentos, os animais, as árvores e os brotos: rio, com o qual os homens são embebidos de divindade, elevando-se por meio das coisas que sentem, a sentimentos mais sublimes: e aquêles que se afastaram, até se transformarem em jumentos pela prostração da lascívia e dos vícios, fá-los de novo homens, trazendo-lhes continuamente modos mais sadios de virtude, até os fazer recuperar a fôrça natural da razão; e aquêles que com hábitos desonestos e obras más formaram-se índole animalisca, acalmados e como anestesiados por suaves e doces advertências, fá-los voltar a sistemas mais conformes à natureza humana: e enfim, aquêles que como brotos não tem ainda o sentido do bem, fecundados pela profunda penetração da palavra, recebem o vigor para produzir frutos e ervas, fôrça de nutrição e abundância de doutrina.

Além disso: a palavra divina é “caminho” para os que percorrem o estádio da virtude, com retidão e energia de ação: para os que não se desviam nem para à direita da procura de uma glória inútil, nem para a esquerda de uma alma proclive aos vícios e aos prazeres da carne. A êles dá passos retos, movidos com religiosa piedade...

A palavra de Deus chama-se “porta”, que se abre para a ciência, mostrando de longe os lucidíssimos tesouros da sabedoria, aos que com irrepreensível dedicação de obras percorrem a estrada de tòda virtude preclara. Ela chama-se com a mesma propriedade, “caminho”, “porta”, “chave” e “reino”: caminho, como guia; chave, como abrindo e sendo aberta por aquêles que são dignos de receber as coisas divinas: porta, como dando passagem; reino, enfim, como aquela que é possuída por todos, é plena participação e gôzo de si mesma”.

316. “É claro: para quem tem o dom da palavra e do pensamento, nada há que, por natureza, lhe seja mais íntimo que a palavra e o pensamento; como nada há de mais conveniente, para o esplendor e para o candor das almas piedosas e religiosas, que o culto e a inteligência da palavra. Falamos obviamente, não daquela palavra, artificialmente composta, fruto somente de uma língua bem ágil, que com o lenocínio de bem formadas expressões visa acariciar o ouvido: tipo de palavra que podem cultivar e exercitar também homens maus; falamos, ao invés, da que a natureza humana, em forma essencial, fora de todo exercício retórico, por sua própria índole forma em si mesma, quer por segura análise das coisas, quer por reflexão, quer pela aquisição da verdadeira doutrina nos livros e nos escritos; aquela palavra que também o Espírito Santo de Deus favoravelmente acolheu para uso da vida social humana e mudou em um precioso dom divino, que, pelo esplendor do seu apresentar-se, brilha como uma estátua, à qual pelo dom da graça, nada falta daquelas coisas que por natureza pertencem à divindade.

Essa palavra é de fato o instrumento que sabe engenhosamente recolher e exprimir tôda a fôrça espiritual que emana das coisas, conforme à divina bondade; órgão que, em se inserindo segundo determinadas normas na magnífica organização das coisas criadas, eleva-se e enaltece o Pai e Criador de tudo, e enquanto nos parece como totalmente embebida de todo o atrativo que a natureza forneceu a cada uma das coisas, não se submete, todavia, a nenhuma coisa inferior ao seu Autor.

Nós, cultuando aquela palavra, tornamo-nos senhores de todos os maus afetos e vícios, libertamo-nos de tudo o que discorda da reta norma de natureza e fazemo-nos ativos cultores de tôdas as virtudes divinas: nós, que desejosos de tôda honestidade, tendemos a polir assiduamente e a harmonizar a aspereza terrena da alma para a beleza espiritual. Onde chegam a ter o primado a palavra e a razão, enfraquece-se e depois cessa o poder do sentido, ao qual se prende a lei do pecado, salvando a alma do extravio que pode advir do parentesco com a carne e defendendo-a dos deleites de tôda restante volúpia”.

Quaestiones ad Thalassium. prologus ad scholia. — PG 90. 263 A.

SANTO ILDEFONSO

Bispo de Toledo
(617 - 667)

FÉ ABSOLUTA NA VERDADE.

317. “A verdade permanece eternamente. É vivo o que é verdadeiro. Não esvaece o que nasce do verdadeiro. O verdadeiro não perece porque há o falso. A verdade não se deixa sufocar pelas mentiras. As coisas que são verdadeiras não se transformam em falsas. E se também externamente a verdade fôsse envolvida por mentiras, a verdade que está escondida dentro, acabará por revelar o que é verdadeiro. O que é falso não resistirá, o que é verdadeiro não perecerá; o que está fora da verdade é vão, o que está longe da verdade esvaziar-se-á, porque a verdade é Deus e o que é Deus é verdadeiro e o que vem de Deus subsiste somente pela verdade. Quem anuncia o Senhor narra a verdade. Quem diz coisas verdadeiras de Deus oferece o conhecimento da verdade. Quem afirma o que é verdadeiro, defende os direitos da verdade. Quem abraça a verdade ama o Senhor”.

De virginitate perpetua S. Mariae. introductio. — PL 96, 57 A.

ABERTURA DOS SETE SELOS EM SETE FASES DO MISTÉRIO DE CRISTO.

318. “O livro de tóda a Sagrada Escritura foi aberto por Cristo: êle de fato, deu aos homens a compreensão do livro quando tomou sôbre si e quis que se realizassem as coisas que tinha previsto e predisposto para a salvação do gênero humano. Ora,

S. ILDEFONSO nasceu em Toledo pelo ano 617; recebeu educação do tio S. Eugênio e de S. Isidoro; foi monge e abade no mosteiro dos SS. Cosme e Damião em Agali (Toledo), até que, em 657, sucedeu ao tio na cátedra episcopal de Toledo. Das muitas obras por êle escritas restam quatro: 1. *A Virgindade perpétua de Maria*: obra que é o ponto de partida de tóda a doutrina mariana na Espanha e valeu-lhe de Lopez da Vega o título de “El Capellan de la Virgen”; 2. *O conhecimento do Batismo*; 3. *Viagem pelo deserto*, depois do Batismo; 4. *Os homens ilustres*, continuação da obra homônima de S. Jerônimo e de S. Isidoro. — Sobretudo na primeira destas obras Ildefonso leva ao extremo o uso dos “sinônimos”, típico dos seus escritos e de que se encontra uma amostra nos trechos por nós apresentados. — Sua morte ocorreu em 667.

os selos que sucessivamente se abrem são sete: primeiro, a Encarnação, segundo o nascimento, terceiro a paixão, quarto a morte, quinto a ressurreição, sexto a glória, sétimo o reino. A abertura destes selos é a plena redenção do gênero humano”.

De cognitione Baptismi, c. 18. — PL 96, 120 A.

há quem ouve com fruto.

319. “Nicodemos, o chefe judeu que veio falar com Jesus de noite, e que era dos que tinham crido no nome de Cristo, chegou à clara compreensão à vista dos sinais e dos prodígios que fazia e que, estando no Templo de Jerusalém no dia da Páscoa, quando Jesus ensinava, ouviu sua doutrina tão eficazmente, que acreditou no seu nome, passando assim para o número dos ouvintes e sequazes de Cristo; assim, depois, foi falar com êle de noite, introduzindo-se com estas palavras: “Rabi, sabemos que vieste de Deus como Mestre: de fato ninguém pode fazer os milagres que tu fazes, se Deus não estiver com êle” (Jo 3,2). Em tudo isso demonstrou disposições de honesto competente, porque tendo-o ouvido ensinar no templo e tendo observado os sinais que êle fazia, passou eficazmente para o número dos ouvintes. Êle tornou-se depois deveras competente, quando, rompidas as trevas da ignorância, (pois veio a Jesus de noite), procurou decididamente a luz, e deu a Cristo o qualificativo de “Mestre que vem de Deus”. Sabendo prestar ao Mestre a justa honra e sabendo dar crédito à doutrina ouvida, recebe o dom de lhe desejar aceitar o magistério”.

De cognitione Baptismi, c. 30. — PL 96, 124 D.

FALA POUCO E ESCUTA MUITO.

320. “Apresenta, ó inimigo mal reduzido, primeiro o ouvido e não a língua; abre primeiro o ouvido, antes da língua; se elimina uma porta, elimina antes a do ouvido, que não a da boca, de modo a saber antes de falar, a compreender antes de responder, de ter refletido no coração antes de ter soltado pela boca. Para conhecer a plenitude desta verdade e para a poder afirmar, considera, perscruta, observa, compreende, pesa, presta atenção, persuade-te, tem sabedoria, aprende, conhece que êste Deus vem de Deus na verdade da sua natureza, precisamente aquêle que na Virgem se fêz homem, na verdade da nossa natureza. . .

Se êle fôr guia, eu o seguirei; se êle vai adiante, eu cor-

rerei atrás dêle; se êle antecede, eu lhe virei depois; se êle ajuda ou chama eu irei ter com êle, e segundo a graça por êle concedida, eu to afirmarei, mostrarei, contarei, manifestarei, desenvolverei, convencerei, provarei quem é o que vem, de onde vem, quando vem, onde vem, porque vem, como vem e que vem fazer”.

De virginitate perpetua S. Mariae, c. 4. — PL 96, 70 C.

HUMILDE ORAÇÃO PARA BEM FALAR.

321. “Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim” (Lc 18,38); “ilumina meus olhos” (Sl 12,4) para que eu veja como chegar a ti, para deter em ti meus passos, para não errar o caminho, para abrir minha bôca, de modo que eu possa falar de ti, que me deste a vontade de falar de ti, de todos os modos como eu o possa fazer. E pois que o amor do próximo é parte do amor de ti, concede-me interessar-me pelo bem do próximo, de modo que para êle seja salvação e se transforme em louvor e glória do teu nome”.

De cognitione Baptismi, c. 1. — PL 96, 112 C.

SÃO BEDA VENERÁVEL

Monge - Doutor da Igreja
(673 - 735)

SALVAÇÃO NA PALAVRA.

322. “José salvou o Egito da falta de trigo; Cristo salvou o mundo da fome da palavra de Deus”.

In *Genesisim*, c. 41. — PL 91, 269 A.

AS FONTES NAS MÃOS DO INIMIGO.

323. “Quando os reservatórios de água caem em mãos do inimigo, cai também a cidade, com toda facilidade. Se o antigo adversário nos arrebatar a fonte da palavra de Deus, nada impedirá que o feroz inimigo e subvertedor, penetre imediatamente na fortaleza da nossa alma”.

In *Esdram et Nehemiam allegorica expositio*. lib. III (c. 18). — PL 91, 893 A.

CRISTO BATE À PORTA COM A PALAVRA.

324. “Eis que eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e ceiarei com êle e êle comigo” (*Apc* 3,20). — O Senhor está realmente à porta e bate, quando através da voz do homem que ensina ou por sua direta inspiração interna, infunde em nosso coração o estímulo de sua vontade. Nós, por nossa vez, abrimos a porta para o receber,

De família anglo-saxônica, Beda entrou muito jovem para a abadia, apenas fundada, de Iarrow, onde ficou toda a vida, estudando, ensinando e pregando, e onde brilhou como um lumiar, não somente na sua ilha de Grã-Bretanha, que há pouco se convertera ao cristianismo, mas em toda a Igreja. — A grande tarefa de Mestre e educador de uma nação jovem, que desempenharam S. Isidoro na Espanha e S. Gregório de Tours na França, S. Beda a fez para a Inglaterra. — Escreveu 45 obras, entre as quais muitas de cultura vária. De particular importância é a *História Eclesiástica da nação inglesa*. Restam-nos dele também cartas e poesias. Por meio de Homilias e Comentários fez a exposição de quase toda a Bíblia, servindo-se amplamente das obras dos grandes Padres dos séculos precedentes. — Já a antiguidade como em uma espécie de canonização popular, tinha-lhe atribuído o título de “venerável”. E o Papa Leão XIII em 1899 inscreveu oficialmente o nome de S. Beda no número dos Doutores da Igreja.

quando, ouvindo sua voz, de boa vontade damos o assentimento às suas admoestações abertas ou íntimas, e nos pomos à obra para fazer o que compreendemos dever fazer”.

Homil. 22 (lib. 11) (in Natali S. Matthæi Apostoli). — PL 94, 253 A.

O EXEMPLO DA VIRGEM MARIA.

325. “A Mãe dêle guardava tôdas estas coisas no seu coração” (Lc 2,51). Tudo o que a Virgem Mãe sabia que tinha sido dito acêrca do Senhor e tudo o que fôra dito ou feito por êle, meditava-o no seu coração, com a maior diligência e o guardava, com todo cuidado, na memória, a fim de que quando tivesse chegado o tempo de pregar ou de escrever, com relação à Encarnação, pudesse explicar suficientemente a quem lho pedisse, tôdas as coisas como se tinham passado.

Meus irmãos, imitemos nós também a piíssima Mãe do Senhor, conservando, mui fixas no coração, tôdas as palavras e os fatos de Nosso Senhor e Salvador, e com o pensamento, noite e dia orientado por estas coisas, rejeitemos as importunas incursões de pensamentos inúteis e nocivos; além disso, com o repassar freqüente das palavras do Evangelho, poderemos evitar a nós mesmos e também ao nosso próximo as fábulas inúteis e os estultamente agradáveis colóquios de detração e acendermo-nos, ao invés, freqüentemente no louvor divino.

Irmãos caríssimos, se pela felicidade da vida futura desejamos habitar na casa do Senhor e louvá-lo perpétuamente, sem dúvida é indispensável que já neste mundo vamos mostrando o que desejamos fazer no futuro, intensificando nossa presença na igreja para aí cantarmos os louvores de Deus; o que faremos, não somente na igreja, mas também “em toda parte do seu domínio” (Sl 102,22), pondo em evidência com as palavras e com os fatos, tôdas as coisas que servem para louvor e glória do Criador”.

Homil. 12 (lib. 1) (in Dominica I p. Epiphaniam). — PL 94, 67 B.

O OFÍCIO DO PASTOR.

326. “E todos os que ouviram, ficaram admirados das coisas ditas a êles pelos pastôres” (Lc 2,18). Significa que nada deixaram no silêncio. É sobretudo a isto que são justamente destinados os pastôres: para anunciar os mistérios do Verbo de Deus e dizer, a quem escuta, as coisas maravilhosas que êles aprendem nas Escrituras. E dizendo pastôres, não dizemos

sòmente Bispos, Presbíteros, Diáconos e quem dirige os mosteiros: também todos os fiéis, que têm em custódia sòmente sua pequena casa, podem do mesmo modo e justamente, chamar-se pastôres, porque devem governar sua família com solícita vigilância. Assim também qualquer um de vós, em sua atividade quotidiana, atendendo a um ou dois irmãos, deve também dispensar o ofício de pastor, enquanto lhe é dada a incumbência, se tiver a possibilidade, de os nutrir com as iguarias da palavra.

Irmãos, vamos ainda mais além: cada um de vós, mesmo sendo simples indivíduo particular, tem o ofício de pastor: êle apascenta o rebanho espiritual e passa suas vigílias noturnas por êle, quando, provisto de grande abundância de bons atos e de pensamentos puros, esforça-se, depois, para os governar com retidão, nutri-los com o alimento das Escrituras celestes e guardá-los com vigilantíssima solicitude contra as insídias dos espíritos imundos”.

Homilia 6 (lib. I) (In aurora Nativitatis Domini). — PL 94, 36 D.

AS MULTIDÕES EM BUSCA DA PALAVRA.

327. “Reuniu-se de novo a multidão, de modo que êles não tinham mais nem o tempo de comer” (Mc 3,20). — Quanto foi feliz aquela ocupação do Salvador, quanto foi feliz êste reunir-se da turba que se ajuntava com tão grande desejo de ouvir a palavra de Deus e de obter a salvação, de modo que, ao Autor da salvação e àqueles que estavam com êle, não restou nem mesmo uma hora, quando pudessem deixar de dar aos míseros a consolação por êles pedida. O Senhor Jesus, mesmo nestes nossos dias, conceda tanta graça aos seus fiéis, ocupando seus mestres com tal desejo de saber, que lhes impeça totalmente o desejo de afazeres terrenos e não importa, se alguma vez, lhes tire mesmo a possibilidade de tomar o próprio alimento quotidiano”.

In Marci Evangelium lib. I, c. 3. — PL 92, 162 B.

SANTO ANDRÉ

Bispo de Gortina (Creta)
(660 - 740)

MEDITA-SE AO VIVO SÔBRE UMA PÁGINA DO EVANGELHO.

328. “Caríssimo, queres celebrar com alegria o dia de festa e apresentar-te em esplendor de vestes a Cristo que se encaminha para a paixão, afim de lhe mostrar tôda tua adesão? Compõe dentro de ti uma imagem ideal, dá vida à uma contemplação feita de um modo místico em teu coração, assiste como numa espécie de quadro, às coisas acontecidas naquele dia.

Imagina a Cristo viajando para Betânia: une-te à turma dos discípulos. Retoma o momento em que êle foi ao sepulcro do falecido: observa Lázaro com teus próprios olhos, vê suas irmãs que choram; assiste, como presente, a tudo o que aconteceu.

Continua depois, seguindo a Cristo, como seu companheiro de viagem, e juntamente com a multidão, leva também símbolos de triunfo.

Sê um dos que o honram, precedendo-o; vai no mesmo passo que os outros que o acompanham. Apresenta fôlhas de palmeira: uma vida bem adornada de virtudes. Leva fôlhas de oliveira: mãos estendidas para a misericórdia. Diante dêle não estendas vestes comuns ou cobertas, a “êle, que cobre o céu de nuvens” (Sl 146,8); prepara-te ao invés, tu mesmo, com a fé e comparece à presença daquele que todo se deu por teu amor; reveste-o todo como de um vestuário e recebe-o totalmente, porque êle vem por ti e por ti corre para a paixão.

S. ANDRÉ, chamado de Creta, nasceu em Damasco em 660. Fêz-se monge em Jerusalém e foi mandado em 685 em missão a Constantinopla, junto ao Imperador Constantino Pogonato; aí ficou e foi Diácono em Santa Sofia. Pelo ano 700 foi promovido a Bispo de Gortina, sede metropolitana da ilha de Creta. É conhecido sobretudo como orador e poeta, sendo considerado como o maior “melode” do século VIII. Dêle restam-nos homilias, panegíricos e hinos que são conhecidos sob o título de “cânones”: dentre todos, o mais importante é o Grande Cânon, canto de penitência para a Quaresma. Muito notável é a Teologia Mariana de S. André, desenvolvida profundamente em oito homilias, nas quais bem se delineia a doutrina da Imaculada Conceição. S. André foi também exímio defensor da doutrina da Igreja, na luta pelas imagens sagradas. Morreu em Pôrto de Erisso, na illia de Mitilene, a 4 de agôsto do ano 740.

Agrada-te? Transforma-te em jumentinho, mostra em sentido maturo juvenil alegria. Leva a Cristo, que vai a Jerusalém. Perguntarás, naturalmente: mas devo fazer-me jumentinho eu que sou dotado de razão? Sim, o podes: basta querer. Não ouviste Davi cantar: "Diante de ti fiz-me como um jumento?" (*Sl 72,23*). Imita portanto, ou melhor, faze-te jumentinho pela simplicidade da mente. E como aquêlé jumentinho seguiu os que tinham sido mandados a procurá-lo em Betfagé, sem se mostrar refratário, e logo se pôs a disposição daqueles que o conduziam, assim tu também, ensinando-te-se a abraçar a humildade de Cristo, submete-te; não ofereças a mínima resistência e serás digno de Cristo, livre de todo afeto grosseiro, próprio de jumento. Não caminharás em uma terra de saber terreno, não estarás curvo e quase esmagado pelo peso de apêgos irracionais, mas irás como aquêlé que caminha por sobre vestes de ações morais, como elevado por sobre a volúpia da carne, e como se, além disso, conculcasses o fasto inútil da glória. É assim que alguém se torna o jumentinho de Cristo. Assim se torna veículo do que se assenta por sobre os Querubins.

Sê como as crianças hebréias: sê criança na malícia: troca tuas cãs pela mansidão duma criança. De nada servem os cabelos brancos se falta a simplicidade. Corre com a multidão. Com a turba, precedendo-a, acompanha o Senhor. Repete a palavra dos Profetas, dança, canta, glorifica àquele que te eleva de glória em glória. Torna-te uma nova Sião: observatório de vida contemplativa. Torna-te alma jerosolimitana, verdadeira cidade de Deus, cidade glorificada, para receber a Deus, que vem a ti. "Eis que vem a ti, manso e salvador" (*Mt 21,5*). Não deixes passar aquêlé benefício. Abre as portas das tuas fadigas. Canta como as crianças, dizendo: "Bendito aquêlé que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel" (*Lc 13,35*). Dispõe teu coração como um cenáculo preparado para receber a Cristo, que come a ceia contigo: não a ceia de Lázaro, mas a ceia mística, que dá imagem da vítima espiritual. Esta ceia é um mistério: aquela era cheia de lágrimas: lá houve uma mulher que o perfumou com unguento: aqui há Cristo que se santifica por nós. Lá uma mulher com poucas lágrimas, apagou uma quantidade de graves pecados; aqui Cristo que lava os pés dos discípulos, dá exemplo de excelsa humildade. Aqui Cristo oferece a participação sem fim de um novo pão, de uma nova bebida; lá Judas desaprovando a efusão do unguento, preparava em sua alma ulcerada a venda do Cordeiro".

Oratio 9: in Ramos Palmarum. — PG 97, 1007 A

VESTES DA ESCRITURA.

329. “Há talvez um outro modo, com o qual se poderiam entender as vestes do Verbo e penso que não será indigno expô-lo no Espírito: elas são a magnificência e a suntuosidade do mundo, a que Deus deu existência: e além disso, a Sagrada Escritura.

A primeira, a magnificência das coisas, de qualquer modo manifesta aquêlê que está dentro como subentendido, o invisível ao qual nada pode conter, não misturado nem confundido com ela, mas causa e Criador; esta, ao invés, a Escritura, como quem o tem abundantemente em si mesma, mostra-o no Espírito àqueles que dela são dignos”.

Oratio 7: in Domini nostri Transfigurationem. — PG 97, 947 B.

SÃO JOÃO DAMASCENO

Monge - Doutor da Igreja
(675 - 749)

NAS ASAS DA POMBA.

330. “Tôda a Escritura é divinamente inspirada e é útil” (2 *Tim* 3,16). Por isso, é coisa ótima e extraordinariamente profícua para a salvação da alma, estudar-se a divina Escritura.

Como uma árvore plantada ao longo do curso das águas, assim a alma, irrigada pelas divinas Escrituras, torna-se próspera e chega a amadurecer o fruto, isto é, a fé reta, e sempre adornar-se de fôlhas verdes, isto é, de obras belas, diante de Deus. Justamente isso produzem as Sagradas Escrituras; dispõem à bondade das ações e à pura contemplação: porque é fácil encontrarem-se nelas, encorajamento para o exercício de tôdas as virtudes e desejo de afastamento de todo vício. Se portanto, temos interêsse em aprender, conseguiremos grande saber; porque com a diligência, com o esforço e o favor de Deus, que dá graça, tudo se pode obter. De fato, “quem pede obtém, quem procura encontra, a quem bate, será aberto” (*Mt* 7,8).

Batamos portanto à porta daquele bellissimo pomar das Escrituras, daquele jardim de extraordinário perfume, suave, elegantíssimo, que envolve nosso ouvido com variadíssimo canto de pássaros, espirituais e divinos, a fim de que toque nosso coração e se o encontrar aflito, console-o, se estiver perturbado pela ira o aplaque, enchendo-o de perseverante alegria; a fim

Nascido em Damasco, pelo ano 675, de família rica e distinta, teve excelente educação literária e filosófica, de que se valeu mais tarde, quando, deixando sua promissora posição de “Logoteta”, de tudo se afastou para passar ao serviço de Deus, dedicando-se ao estudo e ao ensino da verdade. — Restam-nos poucas notícias de sua vida: certamente foi sacerdote em Jerusalém, depois do ano 706, junto ao Patriarca João IV; aí ocupou a cátedra de religião e foi pregador muito ouvido. — Morreu em 749. — Escreveu obras de exegese (sôbre as Cartas de São Paulo) e de Ascética. Deixou célebres discursos e magníficas poesias religiosas, das quais, ainda dois séculos mais tarde, se escreveu que a todos causavam “um prazer divino”. Seus escritos principais foram dirigidos contra as heresias do tempo, sobretudo em defesa das imagens sagradas. Obras principais: *De fide Orthodoxa* e *Dialéctica*. — Com o Papa Leão XIII em 1890 a Igreja reconheceu-lhe o merecido título de Doutor da Igreja.

de que ponha nossa mente sôbre o dorso lucidissimo e aurifulgente da pomba, sôbre cujas fulgidissimas asas nos faça chegar até o Filho Unigênito e herdeiro da vinha e por obra sua, eleve-nos até o Pai da luz.

Não devemos porém, bater negligentemente, mas com disposição de alma alegre e constante, nem nos devemos cansar de bater: dêste modo, é certo que no fim ser-nos-á aberto. Se lermos uma vez ou duas, sem chegar a compreender tudo, não desanimemos: continuemos, meditemos, interroguemos. Está escrito: "Interroga teu pai, e êle te dará explicação; teus antepassados, e responder-te-ão" (*Dt 32,7*). Porque o saber não é de todos. Vamos pois buscar na fonte dêsse jardim as águas perenes e puríssimas que sobem à vida eterna: fiquemos no meio dêsse agradável prazer que jamais chega a cansar; assim é, de fato, a graça das Escrituras: não se esgotam. — Se pois acontece poder-se tirar alguma utilidade também de autores profanos, nada o proíbe: mas com a condição de que sejamos honestos e hábeis banqueiros, dos que ajuntam ouro autêntico e puro e sabem rejeitar o que é falso".

De fide orthodoxa, lib. IV, c. 17. — PG 94, 1175 B.

A ESCRITURA, IMAGEM EFICACÍSSIMA QUE AUTORIZA O USO DAS OUTRAS IMAGENS.

331. "Um quarto gênero de imagens é dado pela Sagrada Escritura, que compõe e apresenta figuras, formas e exemplos de coisas invisíveis e incorpóreas, exprimindo-as de modo sensível, a fim de que daí tiremos pelo menos um obscuro conhecimento de Deus e dos anjos: e isto pelo fato de que sem meios que se adaptem à nossa condição, jamais conseguiremos recolher algo de incorpóreo (como justamente ensina Dionísio Areopagita, peritissimo nas coisas divinas).

Essas formas e figuras foram excogitadas expressamente como forma e figura das coisas que delas carecem: todos o compreendem: quis-se ter presente nossa natureza particular, isto é, como nenhum de nós se pode elevar à consideração das coisas supra-sensíveis sem qualquer meio idôneo, são-lhe necessários os auxílios concedidos pela mesma natureza, para a êles nos elevarmos. Se portanto a Escritura, adaptando-se a nós, sugere, sob todo aspecto, aquelas coisas que nos podem transportar mais para o alto e adapta algumas formas àquelas coisas simplicíssimas e incapazes de qualquer forma (corpórea), como não poderá exprimir por imagens também aquelas coisas

que por sua natureza têm uma forma, e pelas quais ardemos em desejo, as quais todavia, pela sua distância, não podem ainda ser vistas?"

De imaginibus. oratio 3. 21. — PG 94. 1342 A.

A PEDRA DA VERDADE.

332. “Tu és o Cristo, filho de Deus vivo” (*Mt* 16,16). Bôca feliz, lábios felicíssimos! Alma rica de teologia! Mente cheia de Deus e digna de ser instruída por Deus mesmo! Instrumento divino, por meio do qual falava o Pai: “Deveras és bem-aventurado, Simão, filho de Jonas (disse-o aquêle que absolutamente não mente), porque nem a carne nem o sangue to revelou, nem uma mente humana, mas deu-te esta divina e arcana teologia, o Pai celeste” (cf. *l. c.*). De fato, ninguém conhece o Filho de Deus, senão aquêle que é conhecido sòmente pelo Filho, isto é, o Pai que o gerou e o Espírito Santo que também conhece as profundezas de Deus.

Esta é a fé, firme e inabalável, sôbre a qual está apoiada a Igreja como sôbre uma pedra firme, da qual tu tens o nome. Contra ela as portas do inferno, as bôcas dos hereges, os instrumentos do demônio atirar-se-ão sem resultado: tomarão as armas, mas sem expugná-la. Foram preparadas as setas dos pequenos, mas transformar-se-ão para êles em feridas; tornar-se-ão pérfidas suas línguas, mas acabarão por se voltar contra êles mesmos: quem resiste à verdade produz armas para seu próprio dano. Esta verdade êle a obteve com seu sangue e a confiou a ti, como a um fidelíssimo servo; esta verdade, tu, com tuas orações, conserva imune de tôda perturbação e tempestade. Nós simplesmente cremos que ela jamais será subvertida, jamais abalada, jamais vencida, tendo-o afirmado Cristo, por cuja palavra foram feitos os céus e foi estabelecida e feita sólida a terra. Diz de fato o Espírito Santo: “Com a palavra do Senhor foram feitos os céus” (*Sl* 32,6). Portanto, pedimos isto: que a tempestade se acalme e se nos conceda uma paz tranqüila, livre de fluxos adversos”.

Homilia in Transfiguratione Domini. 6. — PG 96. 555 A.

NAS ESCRITURAS A VOZ DO MESTRE: POR TRÁS DA LETRA O TÁLAMO DO ESPÓSO.

333. “Não possuímos a alma sòmente para viver de qualquer modo, mas nossa alma, envolvida pela carne como por um hábito, recebeu a mente à maneira de ôlho, que observando

e conhecendo, possa ter notícia e compreender as coisas: não, por si mesma, no entanto, nem somente com as próprias energias chegará a saber e compreender: ser-lhe-á preciso a obra do Mestre. Devemos por isso aproximar-nos desse Mestre, que é estranho a qualquer mentira, isto é, de Cristo, a mesma Verdade, êle que é a Sabedoria e a Verdade subsistente, na qual estão escondidos todos os tesouros da ciência; êle que é Sabedoria e Virtude de Deus Pai, a fim de que ouvindo sua voz por meio das divinas Escrituras, apreendamos a verdadeira ciência das coisas.

Por nossa parte, então, devemos nos aproximar com ânimo sincero e com toda diligência, para se evitar o erro de deixar embotar com afetos viciosos a agudeza intelectual de nossa alma. Já com dificuldade, mesmo com olhos puríssimos e limpidíssimos se consegue ver clara a verdade: e depois, se o lume que há em nós, isto é, nossa mente, é tenebroso, que proporções não de assumir então as trevas? Apressemos-nos, por isso, com toda a alma, com toda a mente.

Como um olho, que continua a vagar cá e lá, a se mover para diante e para trás, não pode ver com clareza o que lhe cai sob as vistas, mas ao contrário, para ver bem, é necessário que se fixe sobre o que observa, assim também, eliminada toda agitação de pensamento, é-nos necessário aproximar-nos da verdade, rejeitando toda feiura da matéria; não devemos pensar, em suma, que é suficiente termo-nos aproximado das portas, mas devemos bater e com força, talvez, para que se nos abra a porta do tálamo e possamos ver-lhe a elegância, na sua totalidade.

A porta é a letra; o tálamo colocado além da porta é a beleza do que está contido na letra, isto é, o Espírito de verdade. Batamos, portanto, com força: leiamos uma vez, leiamos duas, leiamos mesmo mais assiduamente, e escavando desse modo, encontraremos o tesouro da ciência e teremos riquezas abundantes. Procuremos, investiguemos, exploremos, informemo-nos. “Todo aquêle que pede, recebe, quem procura encontra, a quem bate abrir-se-lhe-á” (*Mt 7,8*).

Dialectica, c. 1. — PG 94, 530 B.

SÃO TEODORO ESTUDITA

Abade
(759 - 826)

ENÉRGICA ADVERTÊNCIA À DEFESA DA FÉ.

334. “O Senhor diz: “Abre tua bôca e eu a encherei” (*Sl* 80,11). É ordem taxativa do Senhor, não calar, especialmente quando a fé está em perigo. Ele o disse: “Fale, não fique calado” (*At* 18,9); e “Se, êle se esquivar, minha alma não se alegrará com êle” (*Hebr* 10,38). E além disso: “Se êles se calarem, as pedras clamarão” (*Lc* 19,40). Por isso, é claro, que em se tratando da fé, não há motivo para se poder dizer: Quem sou eu? Sacerdote? Não. Estou incumbido de dirigir? Também não. Sou um combatente? e onde? Tenho o officio de agricultor? Nem mesmo isso: sou apenas um pobrezinho, que está procurando o seu pequeno alimento quotidiano. O que se tornou objeto de luta não me obriga diretamente, é uma coisa que não me compete.

Mas que coisa! gritarão as pedras, e tu estarás tranqüilo?

Ouve a Deus a natureza falta de sentidos e tu não terás absolutamente ouvido? A natureza inanimada à qual em juízo de nada se pedirá contas, põe-se a gritar, como receiosa da ordem de Deus: e tu, que deverás comparecer diante de Deus

S. TEODORO nasceu em 759 em Constantinopla, de família rica e profundamente cristã; em 781, com a família inteira, a chamado do tio materno S. Platão, passou à vida religiosa. O Saccoudion, propriedade da família, transformou-se em mosteiro. Teodoro ordenou-se sacerdote em 787; tornou-se abade do mosteiro, que se tinha muito desenvolvido, em 794. Lutador valente, foi espancado e exilado pela fé, mas brilhou esplêndidamente por sua invencível firmeza e pela constância não comum de sua linha moral. Em 798 recebeu de S. Tarásio, Patriarca de Constantinopla, o Studion, para aí pôr em maior segurança e comodidade seus religiosos. — Foi campeão da ortodoxia, intrépido adversário da política iconoclasta. Exilado, ainda em 815, continuou sua atividade intensíssima de forma epistolar: trabalhou sempre pelo culto das imagens e para favorecer a mais profunda união com Roma: sob êste aspecto sua voz, uma das últimas no Oriente, é extraordinariamente forte e comovente. — Morreu em Nicomédia a 11 de novembro de 826. — Deixou escritos de polêmica e ascéticos, 278 cartas do máximo interesse histórico e doutrinal, discursos e poesias. Sua figura é vivíssima, porque teve a paixão da liberdade da Igreja.

para o juízo e deverás dar razão até mesmo de uma palavra ociosa, põe-te a dizer estultamente como um pobrezinho qualquer: que me interessa tudo isso?

“Isto, diz Paulo, apliquei a mim e a Apolo, com relação a vós, a fim de que nas nossas pessoas aprendais e não tenhais um sentimento diverso do que está escrito” (1 Cor 4,6). Pelo que, nas presentes circunstâncias, mesmo um mendigo fica sem desculpa, ante o juízo de Deus, se não falar: faça-o, como se fôsse submetido ao juízo, pelo menos por isto; quanto mais, portanto, quem é pôsto em autoridade: a êsse, como a quem é revestido de realeza, será reservado um juízo mais severo...

Fale portanto, meu senhor, fale!”

Epistolarum lib. II, epist. 81 (Pantoleonti Logothetae). — PG 99, 1322 A.

EUFÓRICA ADMIRAÇÃO DE UM PESCADOR DO EVANGELHO.

335. “Este grande Apóstolo (João Evangelista) foi feito por Deus pescador: detenhamo-nos portanto, para o observar um pouco, sob forma alegórica, enquanto está todo ocupado na pequena nave de sua intimidade, em limpar, não rêdes estragadas, mas os arnêses do Evangelho.

Qual é a sua vara de pescar? É o cálamo da doutrina. Qual a linha que êle usa? O nexo da Teologia. Qual o anzol? A cruz de três pontas. Qual a isca? A carne divina, isca que apanhou também aquêle gigantesco tubarão de Belial. Queres ver também em que pedra está assentado? É sôbre a firme fé.

Que maravilha! Lança seus arnêses, não, neste ou naquele ângulo de mar, mas em todo o grande oceano do mundo; estende o cálamo não a um pequeno espaço, mas o atira até os confins da terra; faz descer seu caniço, não a um abismo próximo, mas justamente no abismo da impiedade.

Agora, considera também a rica pescaria que faz, resultado de pescas isoladas, como também de grandes pescarias coletivas, isto é, de alguns peixes grandes e de um grande número de pequeninos, que andam em cardumes; peixes diferentes em hábitos e disposições, entre os menores e entre os maiores, entendo dizer quanto à idade e quanto à dignidade; alguns dêstes peixes tornaram-se furiosos por causa de doutrinas perversas, e êle os vai tirar da impiedade, como se os fôsse arrancar de cavernas ocultas no fundo do mar: a outros, mais simples de mente, apanha-os na rêde, enquanto estão vagando ao largo. Ora, devemos notar que não os apanha para os matar, mas para lhes garantir a vida e não para os

conservar nas águas corrompidas do pecado, mas nas doces correntezas do batismo; e não os segura com dinheiro, mas com um documento de adoção tira-os da escravidão do demônio, a cujo arbítrio estavam completamente abandonados. Isto nos deve causar muita admiração: quem jamais tinha ouvido falar de uma pesca dêste gênero? Quem conhecia um pescador como êste, possuidor de uma mercadoria tão variada e abundante? Porque se deve dizer que não apanhou somente centenas ou milhares de peixes, mas soube levar a Cristo Senhor, chefe dos pescadores, todos os povos para os quais tinha recebido ordem de anunciar a doutrina”.

Oratio 9 (Laudatio S. Joannis Evangelistae), 5. — PG 99, 775 C.

NECESSIDADE DO MESTRE.

336. “Os nossos Padres entregavam-se voluntariamente ao trabalho da palavra e da doutrina, como imitadores do Apóstolo Paulo, do qual se registram estas memoráveis palavras nos Atos: “Por três anos, de dia e de noite, não deixei de admoestar com lágrimas a cada um de vós” (*At* 20,31); e em outro lugar: “Os presbíteros que governam bem, sejam duplamente honrados, especialmente aquêles que se dedicam à pregação e ao ensinamento: diz, de fato, a Escritura: “Não prenderás a bôca do boi que tritura”, e “digno é o operário de sua recompensa” (1 *Tim* 5,17-18).

Vêde como é necessário ensinar! Como, para chegar ao fruto a plantinha tem necessidade de água, assim para o exercício da virtude os discípulos têm necessidade de ouvir o mestre; e se as plantas não regadas tornam-se áridas, os discípulos também, não assistidos, perdem todo vigor”.

Sermones catechetici: sermo 122. — PG 99, 668 D.

SÃO PEDRO DAMIÃO

Cardeal - Doutor da Igreja
(1007-1072)

“O QUE É ISTO?": RUMINAR A PALAVRA DE DEUS.

337. “Com tôda a atenção temos que pensar naquilo que foi dito: “Dei-te o maná, para mostrar que o homem não vive só de pão, mas de cada palavra que vem da bôca de Deus” (Dt 8,3): onde consta com clareza maior do que a luz que aquêle maná de que se nutriam carnalmente, era figura da comida da palavra divina, de que agora nos regalamos espiritualmente.

Ê para notar que, sôbre êste maná, está escrito no Êxodo: “Tendo visto isto os filhos de Israel disseram uns aos outros: Manhu? que quer dizer: Que é isto?” (Êx 16,15). Comem portanto êste maná, isto é, “que é isto?” os que enquanto lêem ou ouvem, pensam com diligência sôbre o que contém a palavra de Deus. Alimenta-se certamente com verdade de “que é isto?” quem atentamente se dedica à compreensão assídua da Sagrada Escritura. De fato quase com a bôca do coração

PEDRO nasceu em Ravena em 1007. Teve uma infância muito difícil, mas pelo interêsse do irmão Damião, sacerdote, de quem, por reconhecimento tomou o nome, conseguiu realizar bons estudos. Com 30 anos entrou na soledade camaldulense de Fonte Avellana, onde levou uma vida de extremo rigor e penitência. Com tal disciplina a Providência o preparou para sua tarefa de indômito lutador pela pureza e a independência da Igreja ao lado dos Pontífices daquele século. São Pedro Damião comparecerá um pouco em tôda parte, na Itália, na França, na Alemanha a lutar, sustentar, pacificar, desenvolvendo sua obra com a palavra e com o escrito. O Papa Estêvão IX, em 1057, o quis Cardeal e Bispo de Ostia. Em 1067 êle, porém, quis a solidão, voltando novamente ao mosteiro de Fonte Avellana. Grande têmpera de lutador, alma de fogo, êle se transfunde assim tal qual nos seus numerosos escritos. Restam-nos oito livros de seu epistolário; sermões; a vida de S. Romualdo e 60 opúsculos de vários tamanhos, todos de fundo moral ou ascético e dirigidos à grande obra de reforma do clero. Recordemos, entre muitos, o *Livro Gratissimo, O desprezo do século, A perfeição dos Monges, O Livro de Gomorra, a Castidade*. Tal intensa produção, de ótimo estilo e de profunda inspiração bíblica, lhe valeu o título de Doutor da Igreja, que lhe conferiu o Papa Leão XII em 1828. Ele é o primeiro grande escritor que surgiu depois do período quase vazio dos séculos IX e X.

comemos uma questão, isto é “o que é isto?” quando insistimos sobre a compreensão dos mistérios das Escrituras, e quando sutilmente ruminamos as idéias do elóquio divino”.

Epistolarum lib. VI: epistola 5. — PL 144, 381 A.

OLHOS BRILHANTES E DENTES CÂNDIDOS DA IGREJA.

338. “Olhos mais bonitos do que o vinho; dentes mais cândidos do que o leite” (*Gên* 49,12). Olhos de Cristo são os Apóstolos e os Evangelistas, que ofereceram o lume da sabedoria a todo o corpo da Igreja; enquanto a sua doutrina amolece o rigor e a dureza da lei primitiva, de certo modo a sua beleza supera a austeridade do vinho velho; e os preceitos evangélicos são muito mais esplêndidos do que os preceitos do Antigo Testamento.

Os dentes são os santos pregadores, que tiram da sociedade dos iníquos os homens convertidos e os inserem, quase com oportuna mastigação, no corpo de Cristo.

Com o nome de leite, depois, alude-se à doutrina da lei, que parecia nutrir com leite, como são nutridos os pequenos, um povo carnal; mais brilhantes do que este leite são os doutores da Igreja, porque eles mesmos esmiuçam e passam aos outros o alimento forte e sólido da palavra, de que dizia o Apóstolo aos hebreus: “A comida sólida é dos perfeitos” (*Hebr* 5,14).

Sermo 6 (De sancto Eleuchadio episcopo ravennate). — PL 144, 539 B.

SANTO ANSELMO

Bispo de Cantorbery - Doutor da Igreja
(1033 - 1109)

A GRANDE CEIA DE CRISTO E OS SEUS PRATOS.

339. “A sua grande ceia é a nova ciência espiritual, que, por fim, se dignou preparar-nos abundantemente êle mesmo, como também por meio dos Apóstolos e dos expositores das Sagradas Escrituras, a fim de cumular as nossas almas de delícias espirituais. A ciência acrescenta um outro prato quando alimenta do modo mais agradável a nossa mente com o seu amor. Acrescenta ainda um terceiro quando nos oferece perenemente, entre os anjos, a visão da sua divindade. Eis a ceia que preparou para os seus eleitos e para a qual fêz muitos convites” (cf. *Lc* 14,16).

Homilia 11. — PL 158, 652 A.

MARAVILHA PELAS SUAS RESPOSTAS.

340. “E todos os que o ouviam estavam maravilhados da sua sabedoria e das suas respostas” (*Lc* 2,47). Aquêles que o escutam ainda hoje com os ouvidos do coração, maravilham-se

Nascido em Aosta, no Piemonte, ANSELMO sentiu desde a infância o estímulo de Deus, diante da grandiosidade dos seus montes. Sofreu uma crise espiritual na juventude e refugiou-se na França, até que Deus, servindo-se da fama de Lanfranco, guiou-o ao mosteiro de Bec, onde permaneceu por mais de trinta anos, como aluno, professor e abade. Em 1093, tornou-se Arcebispo de Cantorbery, sede principal da Inglaterra. Fidelíssimo aos princípios do Papa Gregório VII na luta contra as investiduras, sofreu dura guerra por parte do Rei Guilherme II, o Vermelho, e teve de retirar-se para o exílio. Retornou em 1100, mas o sucessor de Guilherme obrigou-o a um novo exílio (que passou em Roma). Voltou para a sua sede em 1106 e aí permaneceu até a morte, que ocorreu a 21 de abril de 1109. Manifestou apenas uma mágoa, no leito de morte: não ter conseguido elucidar como teria desejado, o problema da origem da alma. — Santo Anselmo é considerado justamente “uma das figuras mais simpáticas da história da Igreja”. “Todos os bons que me conheceram, me amaram, e tanto mais profundamente, quanto mais me conheceram”. — Êle abriu magnificamente o grande período da Escolástica. Escritor finíssimo e profundo, deixou numerosas obras (*Monológion*, *Proslógion*, etc.), opúsculos, homilias, meditações, preces. Clemente XI, em 1720, inscreveu-o entre os Doutôres da Igreja.

igualmente da sua prudência: como o beato Jó, que entre os homens havia falado com sabedoria, mas que tendo ouvido uma vez as palavras de Deus confessou que se tinha comportado de modo insipiente. E as suas respostas, então, são dignas de admiração; o seu responder ensina com íntimas inspirações àquele que humildemente reconhece que não sabe: êle responde com o magistério do conselho interior e maravilhosamente ilumina a mente dos humildes. Responde como quando lhe foi dito: "Chama por mim, e eu te responderei: ou então falarei eu e tu responde-me" (Jó 13,22). O chamar de Deus é olhar-nos para nos amar e nos escolher. O nosso responder é obedecer ao seu amor com as nossas boas obras".

Homília 7. — PL 158, 629 B.

QUANTA PUREZA É NECESSÁRIA PARA APRENDER
VERDADEIRAMENTE!

341. "É impossível que uma alma tomada, ainda que levemente, por preocupações puramente humanas, ou que insista no seu trabalho com a idéia de encontrar a glória terrena, mereça o dom da verdadeira sabedoria, ou que se torne geradora de ciência espiritual, ou que permaneça realmente de posse das sagradas lições. Outra coisa é ter facilidade no falar e esplendor na palavra, outra coisa é entrar nas veias e na medula das palavras celestes e contemplar com limpidíssimos olhos do coração os mistérios profundos e ocultos: isto, de nenhum modo, a doutrina ou a erudição do mundo poderão dar; mas somente a pureza da mente através da erudição do Espírito Santo. Diz o Senhor: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8).

Quem quer que seja, que queiras chegar ao verdadeiro conhecimento das Escrituras, debes primeiro apressar-te para conseguir, antes de mais nada, uma persistente humildade de coração, que te leve não àquela ciência que ensoberbece, mas àquela que ilumina, através da perfeição da caridade. Além disso, depois de ter expulsado todo pensamento e preocupação terrena, debes realizar qualquer sacrifício para te tornares assíduo e até ininterruptamente afeito à leitura sagrada, a ponto de esta contínua meditação embeber totalmente a tua mente e te transformar à sua semelhança, fazendo-te, de certo modo, como uma arca do Testamento, que contém as duas tábuas de pedra, quer dizer, a perene firmeza do duplo instrumento; ao mesmo tempo deverás transformar-te em urna de ouro, isto é, ter uma memória pura e sincera que conserve com indefec-

tível estabilidade o maná aí oculto dos sentidos espirituais, e a celeste perene doçura daquele pão angélico.

Deverás ser como a vara de Aarão, isto é, o salutar cajado sempre florescente (nô reverdescer da sua memória imortal) do verdadeiro e sumo pontífice nosso Jesus Cristo: aquela mesma vara que cortada da raiz de Jessé, assim mortificada, reverdesce mais vivamente.

Tôdas estas coisas serão protegidas pelos dois Querubins, isto é, pela plenitude do sentido histórico e espiritual: querubins significa, na verdade, abundância de ciência: assim, êsses protegerão sempre o propiciatório de Deus, isto é o sossêgo do teu coração e guardá-lo-ão de tôdas as incursões das maldades espirituais. E assim a tua mente, transformada não sòmente em Arca do Testamento, mas também em reino sacerdotal, e de certo modo tôda absorvida nas ciências espirituais por um indissolúvel amor à pureza, transformará em ato a ordem pontifical que o legislador havia expresso nos seguintes têrmos: "Não sairá dos lugares santos, para não manchar o santuário do Senhor" (*Lev* 21,12), isto é, para não profanar o seu coração, no qual o Senhor se promete de habitar continuamente, como está escrito: "Eu habitarei nêles e andarei no meio dêles" (*2 Cor* 6,16).

De fato é impossível que uma alma impura atinja um saber espiritual: ninguém infunde num vaso fétido e estragado um unguento precioso, ou ótimo mel, ou qualquer licor estimado. É mais fácil que um vaso, uma vez embebido de horríveis odôres, contamine a mirra, apesar de esta ter um perfume fortíssimo, do que receba desta a graça da sua suavidade: fazem mais depressa a corromper-se as coisas limpas, que a purificar-se as coisas corruptas. É assim, também, para o vaso do nosso peito: se antes não fôr limpo de tôda suja infecção dos vícios, não merecerá receber aquêle unguento de bênçãos do qual fala o Profeta: "É como um azeite precioso derramado na cabeça, que desce sôbre a barba, a barba de Aarão, que desce sôbre a orla do seu vestido" (*Sl* 132,2); e nem conservará puras a ciência espiritual e as palavras da Escritura que são mais doces que o mel, mais puras que o mel virgem. "Que intimidade pode haver entre a justiça e a iniquidade? que união entre luzes e trevas? que pacto entre Cristo e Belial?" (*2 Cor* 6,14-15). A sabedoria repousa num bom coração".

ELEVAR-SE PARA VER.

342. “Elevemo-nos ao monte com o Verbo: faça-se ver “na sua beleza e no seu decôro, e triunfe e reine” (Sl 44,5). De fato, o próprio Verbo diminui ou cresce para nós segundo a medida da nossa capacidade, e se nós não nos elevamos ao cume de uma mais distinta prudência, não se nos mostrará a sabedoria, não se nos revelará o conhecimento dos mistérios, não nos aparecerá quanta seja a glória, quanto o decôro da palavra do Evangelho, aliás, parecer-nos-á que haja nela qualquer coisa de vil, de desprezível”.

Homília 4. — PL 158. 613 A.

EM MARIA TÔDA A PLENITUDE DA PALAVRA.

343. “Oh! que extraordinária abundância de doçura!” (Sl 30,20), recebeu a bem-aventurada Virgem quando “o Espírito Santo desceu sôbre ela, o poder do Altíssimo a cobriu, e concebeu do próprio Espírito Santo” (Lc 1,35).

O que não saboreava de Deus, ela, onde se ocultava a sabedoria de Deus, para adaptar-se um corpo no seu seio! “Cristo, diz o Apóstolo, é poder e sabedoria de Deus” (1 Cor 1,24) e “nêle estão ocultos todos os tesouros de sabedoria e de ciência” (Col 2,3). Ora, Cristo está em Maria: portanto, o poder de Deus, a sabedoria de Deus e todos os tesouros de sabedoria e de ciência estão em Maria. Ela não sômente quando estava sentada os seus pés, mas quando estava à cabeceira do Senhor, ouvia as palavras de sua bôca. Ela conservava tôdas as palavras dos Anjos, dos pastôres, dos magos, e naturalmente de seu próprio Filho, “meditando-as no seu coração” (Lc 2,19). Ninguém tanto como ela provou “quanto é suave o Senhor” (Sl 33,9). “Inebriava-se com a uerdade da casa de Deus, saciava-se na torrente da sua delícia” (Sl 35,9). Nenhuma maravilha: porque junto dela, aliás, dentro dela estava a fonte da vida, de onde emanava tôda a perfeição das duas vidas (conjuntas). Como Marta, ocupava-se de muitas coisas; como Maria deleitava-se apenas com uma: porque “uma só coisa é necessária” (Lc 10,42): as muitas serão eliminadas, mas aquela permanece”.

Homília 9. — PL 158. 648 C.

SÃO BERNARDO

Abade - Doutor da Igreja
(1090 - 1153)

MERECER O DOM DO ESPÍRITO.

344. “As coisas superiores não são aprendidas por nossa visão, mas unicamente por revelação do Espírito. Portanto, aquilo que a palavra não consegue explicar, deve ser procurado pela reflexão, pedido na oração, merecido pela vida, conquistado pela pureza”.

De *consideratione* lib. V, c. 3. — PL 182, 790 B.

Nascido no ano de 1090 em Fontaines-lez-Dijon, na França, BERNARDO, depois de haver vencido heróicamente algumas tentações, aos 22 anos, arrastando consigo um tio, quatro irmãos e vinte e cinco jovens, amigos seus, ingressou no mosteiro reformado de Cîteaux. Mais tarde atrairá também seu próprio pai. Após três anos, foi incumbido de fundar o mosteiro de Claraval. Quando de sua morte, em 1153, Claraval abrigará 700 monges e terá dado início a outras 160 abadias. São Bernardo, extraordinário propulsor da vida religiosa, na sua forma mais estreita e elevada, enquanto ama profundamente a vida contemplativa, é chamado a exercer uma atividade excepcional nos mais diversos campos. Deve combater o cisma de Anacleto II e restabelecer a tranqüilidade perturbada; combate as heresias e os perigos doutrinários e disciplinares nascentes; é conselheiro do Papa Eugénio III, seu filho espiritual; prega a segunda Cruzada, visitando Príncipes, falando e escrevendo por toda a parte. Em meio a todas estas atividades, escreve coisas sublimes, que lhe merecem a justa definição: “O último dos Padres e igual aos maiores dentre eles”, e que atraem sobre ele uma admiração extraordinária, que se resume no título de “Doutor Melífluo” que lhe foi dado há muitos séculos; título de Doutor reconhecido oficialmente pela Igreja no ano de 1830. — São Bernardo deixou-nos 132 *Sermões*, testemunhos de uma eloquência ardente e imbuída de Sagrada Escritura (como se poderá verificar por alguns tópicos que reproduzimos). Além disso, tem diversos tratados de vida espiritual, sobressaindo o tratado *De consideratione*, destinado ao Papa Eugénio III. Escreveu livros contra as heresias do seu tempo. Ficou-nos ainda dele um precioso epistolário, contendo 534 *cartas*, de imenso valor espiritual e histórico. — São Bernardo, extraordinário homem de ação, foi um grande místico, um homem de contínua oração, um dos maiores devotos da Santíssima Virgem.

A GRAÇA.

345. “Irmãos, o sermos procurados pelo Verbo é receber a sua íntima exortação; o sermos por êle encontrados é ficar persuadidos. Entretanto, nem todos compreendem esta palavra”.

In cantica, sermo 84, 7. — PL 183, 1187 B.

VOZ E LUZ, SÍMBOLOS DA PENETRAÇÃO DIVINA.

346. “Não é preciso esforço para conseguir ouvir a voz de Deus, antes, dever-se-ia fazer esforço para fechar os ouvidos a fim de não ouvi-la, porque a voz mesma se oferece, se introduz, não cessa nunca de bater à nossa porta. “Durante quarenta anos esta geração causou-me desgostos; e eu disse: é um povo de coração inconstante” (Sl 94,10). Sua voz nos é próxima hoje também; fala ainda, e talvez não haja entre nós quem a escute. Continua dizendo: “Êstes têm um coração inconstante” (l. c.). Clama ainda a Sabedoria em meio às praças: “Entrai em vós mesmos, ó prevaricadores” (Is 46,8). Esta é a primeira palavra que o Senhor faz ouvir; é ela que deve orientar a todos aquêles que entram em si mesmos: não apenas para adverti-los, mas para reconduzi-los a si mesmos.

Mas tal palavra não é somente uma voz poderosa; é também um raio luminoso que, ao mesmo tempo que recrimina aos homens os seus pecados, põe às claras aquilo que foi feito nas trevas. Entre a voz e a luz interna não há diferença alguma, assim como é um e o mesmo o Filho de Deus, *Verbo* do Pai e *Esplendor* da glória. Ademais também a alma humana, conforme sua natureza, espiritual e simples, sem nenhuma distinção substancial, é ao mesmo tempo tóda (se ainda se deve dizer “tóda”) visão, tóda audição.

Que se pode obter em seu íntimo com a luz ou com a palavra, a não ser que consiga conhecer a si mesma? Abre-se-lhe o livro da consciência; faz-se passar diante dela o triste currículo de sua vida; é chamada a deter-se sôbre algum determinado evento não bom de sua vida; ilumina-se-lhe a razão e se desenrola a memória das coisas como se estivessem sucedendo diante de seus olhos. Ora, uma e outra, a voz e a luz, não são apenas alguma coisa que tome contacto com a alma, mas são a mesma alma. Sendo ao mesmo tempo observadora e observada, a alma se volta contra si mesma e, constringida por certas manifestações de pensamentos que se apresentam, é impelida como ré a assistir ao próprio julgamento. Quem suportará tal julgamento implacável? “Dentro de mim

se deprime a minha alma" (Sl 41,7). Assim fala o Profeta do Senhor, e tu te admiras de que não consigas olhar-te de frente, sem encontrares motivo de recriminação, de perturbação, ou um pouco de confusão?"

Sermo de conversione ad clericos, c. 2. — PL 182, 835 D.

ESPELHO DE VERDADE.

347. "O Evangelho, espelho de verdade, não ilude a ninguém e a ninguém engana: ali cada qual descobrirá a si próprio como o é na realidade".

Dominica VI p. Pentecosten, sermo I. 1. — PL 183, 337 B.

ABUNDÂNCIA DE SEMENTE.

348. "Procurai fazer o bem, não só diante de Deus, mas também diante dos homens" (Rom 12,17). Nós somos plenamente conhecidos por Deus; mas dizendo *diante de Deus*, queria com isto referir-se aos que assistem constantemente ao vulto de Deus: a êsses com efeito agrada muitíssimo quando vêem que vós rezais a sós, ruminais o Salmo, ou vos dedicaís a algo semelhante. Pois bem, caros irmãos, semeai assim, e da mesma maneira produzi frutos.

Semeai também vós, sim, porque muitos semearam antes de vós; produzi frutos porque êles semearam por vós. Ó descendência de Adão, quantos semearam em ti, e que preciosa semente! Hás de perecer tristemente, mas justamente, se em ti perecer semente tão preciosa, e se fôr ao mesmo tempo inútil a fadiga dos semeadores. A que perdição serás lançado pelo agricultor, se em ti perecerem tôdas estas coisas!

Em nossa terra semeou a Trindade Santíssima, semearam os Anjos, semearam os Apóstolos, semearam os Mártires, os Confessores e as Virgens. Semeou Deus Pai, porque o seu coração gerou o Verbo eterno: "O Senhor deu a benignidade e a nossa terra deu o seu fruto" (Sl 84,13). Semeou o Filho: êle mesmo "saiu a semear a sua semente" (Lc 8,5). O Pai não veio, mas o Filho, procedendo do Pai, veio ao mundo, a fim de êle, que era o pensamento da paz no coração do Pai, se fizesse a nossa paz no seio de Maria. Semeou igualmente o Espírito Santo, vindo também êle, quando apareceu aos discípulos em forma de línguas de fogo. Assim tôda a Santíssima Trindade semeou: o Pai, a paz do céu; o Filho, a Verdade; o Espírito Santo a caridade".

De Sanctis. — In Natali S. Benedicti, 10. — PL 183, 381 A.

ADMIRÁVEL CONTEXTURA ESCRITURÍSTICA
SÔBRE A PLENITUDE DA "PALAVRA".

349. "Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática" (*Lc 11,28*).

Desejas conhecer esta bem-aventurança? Quando a voz divina ecoa na alma, antes de mais nada começa por inquietar, perturbar e julgar; mas, ao depois, se o ouvido não se faz surdo, reanima, liberta, afervora, ilumina, purifica. Em suma: ela é o nosso alimento, é a espada, é a medicina, é o repouso, é também a ressurreição e o aperfeiçoamento último. Não te admires de que já agora a palavra de Deus seja "tudo em todos" (*1 Cor 15,28*), por aquilo que diz respeito à justificação, porque será "tudo em todos" também por aquilo que concerne a glorificação.

Ouve-a o pecador e "comover-se-ão as suas entranhas" (*Habc 3,16*). O homem carnal "treme ao ouvir aquela voz" (*l. c.*), porque todo o segredo do coração será revelado e julgado pela "palavra viva e eficaz, perscrutadora dos corações e dos pensamentos" (*Hebr 4,12*); e, ainda que te encontres na morte do pecado, se "ouves a voz do Filho de Deus, viverás" (*Jo 5,25*), porque a sua palavra é "espírito e vida" (*Jo 6,64*).

Se o teu coração estiver empedernido, lembra-te da Escritura que diz: "Enviaré a sua palavra e o há de liquefazer" (*Sl 147,18*); diz ainda: "Minha alma liquefaz-se, ao ouvir a sua voz" (*Cânt 5,6*). Se estiveres morno, e receias "ser vomitado" (*Apc 3,16*), não abandones a palavra de Deus: ela te afervorará, porque "é ardente como o fogo" (*Sl 118,140*). Se deploras as trevas da ignorância, ouve com atenção "o que te inspira interiormente o Senhor Deus" (*Sl 84,9*), e "a palavra do Senhor será uma lâmpada para os teus passos e luz para os teus caminhos" (*Sl 118,105*). Pode no entanto acontecer que experimentes tanto maior angústia, quanto mais claramente conheceres os teus pecados, mesmo os mais leves: mas o Pai "há de santificar-te na verdade, pois a sua palavra é a Verdade" (*Jó 17,17*). Assim, como os Apóstolos, merecerás tu também ouvir: "Já estais puros, em virtude da palavra que vos anunciei" (*Jo 15,3*). E eis que, depois de "teres lavado tuas mãos entre os inocentes" (*Sl 25,6*), êle "preparará uma mesa diante de ti" (*Sl 22,5*), a fim de que "tu não vivas só de pão, mas de tôda a palavra que sai da bôca de Deus" (*Mt 4,4*), de modo que "com o vigor daquele alimento" (*3 Rs 19,8*), possas "correr pelo caminho de seus mandamentos" (*Sl 118,32*). Se em teu caminho encontrares "fôrças inimigas" (*Sl 26,3*) e "levan-

tar-se a luta das tentações" (*l. c.*), então "empunha a espada do espírito, que é a palavra de Deus" (*Ef 6,17*) e com ela triunfarás. Mas se por ventura, como sói acontecer nos combates, suceder que sejas ferido, "êle enviará a sua palavra para te curar e para te livrar do perigo da morte" (*Sl 106,20*), de modo que em ti também se realize aquilo que disse o Centurião, cuja fé se nos patenteia na sua feliz expressão: "Senhor, dizei uma só palavra e meu servo será curado" (*Mt 8,8*). Mas se ainda permaneceres hesitante, clama pelo Senhor: "Os meus pés por pouco não vacilaram; por pouco não se transviaram os meus passos" (*Sl 72,2*) e êle com suas palavras te fortalecerá; e assim conhecerás por própria experiência que "é pela palavra de Deus que foram feitos os céus, e pelo sôpro de sua bôca formaram-se os seus exércitos" (*Sl 32,6*).

Em meio a tudo isto sê perseverante e abnegado, "até que o Espírito diga que é chegada a hora de descansares de teus trabalhos" (*Apc 14,13*). Com tal palavra repousarás docemente, dormirás suavemente, até que chegue a hora em que todos "aquêles que estão nos sepulcros ouçam a voz do Filho de Deus e saiam" (*Jo 5,28*), mas para onde? "Alguns para a condenação, outros para a vida eterna" (*Jo 5,29*).

Mas "quem sabe se é digno de amor ou de ódio?" (*Eccl 9,1*). Sobretudo então "lembrar-te-ás, Senhor, da palavra dada ao teu servo, com a qual me deste esperança" (*Sl 118,49*), que "não terei tido a temer uma sentença funesta" (*Sl 111,7*); ao contrário, uma feliz sentença levar-me-á à visão, quando disseres: "Vinde, benditos de meu Pai" (*Mt 25,34*). Com efeito "todo aquêle que me confessar diante dos homens, eu o confessarei também diante de meu Pai e dos santos anjos" (*Mt 10,32; Lc 12,8*). Que esta graça digne-se de no-la conceder aquêle que foi "constituído juiz dos vivos e dos mortos" (*At 10,42*). Amém".

De diversis. Sermo 24, 2-4. — PL 183, 603 D.

COEXISTÊNCIA IMPOSSÍVEL.

350. "Oh! quão depressa te entediaste de Cristo, de quem no entanto está escrito que tem "leite e mel sob a língua!" (*Cânt 4,11*). Admiro-me de que te nauseie um alimento tão maravilhoso, depois que provaste quão doce é o Senhor. Mas, sem dúvida, não o experimentaste ainda; não sabes que sabor tem Cristo, por isso não apetecees aquilo que não conheces; ou talvez, se o experimentaste e não te pareceu agradável, tenhas o gôsto alterado; entretanto êle, a sabedoria de Deus, é que diz:

“Aquê! que me come terá mais fome, e aquê! que me bebe terá mais sêde” (*Eclo* 24,29).

Mas como pode ter fome e sêde de Cristo quem se regala quotidianamente das glandes dos porcos? Não podes tomar ao mesmo tempo o cálice de Cristo e o cálice do demônio (*1 Cor* 10,20). Cálice do demônio é a soberba; cálice do demônio é a detração e a inveja; cálice do demônio é a imoderação no comer e no beber: tudo isto, que te satisfaz a mente e o estômago, faz com que Cristo não encontre lugar em ti.

Não estranhes o que te estou dizendo. Na casa de teu tio não podes gozar da fartura da casa de Deus. Perguntar-te-ás por quê! Porque é um lugar de delícias. Como a água e o fogo não podem coexistir, assim também as delícias espirituais e as satisfações carnis não podem coexistir no mesmo indivíduo. Quando Cristo percebe a imoderação de quem arrota entre as garrafas, não se digna mais oferecer-lhe seus vinhos, mais doces do que o mel mais puro. Onde há tôda a espécie de iguarias, onde há uma multicolor variedade de ricas baixelas, que encham ao mesmo tempo os olhos e o estômago, o pão celeste deixa a alma vazia e faminta.

“Entrega-te, pois, à alegria, ó jovem, agora em tua adolescência (*Ecl* 11,9), pois que, diminuindo paulatinamente, com a idade, a alegria temporal, virá a apoderar-se de ti a tristeza que não tem fim! Oh! não! que isto não aconteça ao nosso bom jovem; que Deus afaste isto de seu filhinho. Ao contrário, que o Senhor afaste de ti todos os oferecimentos enganosos dos maus, que constantemente te incitam ao êrro, dizendo: “Eia, eia!” (*Sl* 34,21), e procuram perder-te!”

Epístola 2 (ad Fulconem puerum), 10. — PL 182, 85 D.

CRISTO É O SENTIDO DA ESCRITURA.

351. “Por que te admiras de que estejas sempre flutuando entre acontecimentos prósperos e adversos, se ainda não firmaste os teus pés sôbre a Rocha? Mas se tu te determinas a “observar os decretos da justiça do Senhor” (*Sl* 118,106), que te poderá separar do amor de Cristo? Oh! se soubesses o que te quero dizer com isto! “Olhos não viram, exceto tu, ó Deus, o que preparaste para os que te amam” (*Is* 64,4).

E tu, meu irmão que, como ouvi dizer, lê os Profetas, procuras compreender o que lê? Porque, se o compreendes, percebes sem dúvida que Cristo é o verdadeiro sentido dos livros proféticos. Se tens desejo de conhecê-lo, chegarás a obter

isto mais depressa seguindo-o que lendo-o. Por que estás procurando palavras sôbre a Palavra, quando esta já se fêz carne e já se manifestou? Deixou as obscuridades das figuras proféticas e se fêz ver pelos pescadores; deixou o monte umbroso e espêso “como o espôso deixa o seu tálamo” (*Sl* 18,6), e se lançou impetuosamente no campo do Evangelho. Quem tem ouvidos para ouvir, atenda-o quando clama: “Quem tem sêde, venha a mim e beba” (*Jo* 7,37), e “Vinde a mim todos que vos achais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (*Mt* 11,28).

Receias talvez de esmoreceres, quando é a própria Verdade que promete restaurar-te? Sem dúvida, se consegue dar-te tanto prazer a “água tenebrosa das densas nuvens” (*Sl* 17,12), quanto maior alegria encontrarás nas “puríssimas fontes do Salvador” (*Is* 12,3).

Epistola 106 (ad magistrum Henricum Murdach), I. — PL 182, 241 C.

ORDEM SOCIAL.

352. “Senhor, que queres que eu faça? E o Senhor lhe diz: levanta-te e entra na cidade; lá te será dito o que deves fazer” (*At* 9,6). Ó sabedoria, que dispõe suavemente tôdas as coisas! Envias aquêle, a quem estás falando, para ser esclarecido acêrca de tua vontade, a um homem: tu o envias a um outro homem, a fim de que seja manifesta a utilidade da ordem social, e também para que, orientado por meio de um homem, aprenda a ajudar os outros homens conforme a graça por êle mesmo recebida”.

De Sanctis. De conversione S. Pauli sermo I, 7. — PL 183, 364 B.

A PRESENÇA DO VERBO.

353. “Tu te interrogas: sendo absolutamente imperscrutáveis os caminhos do Verbo, como é que se pode saber se êle está presente? Eu bem o sei, porque é “vivo e eficaz” (*Hebr* 4,12); e apenas entrou, despertou minha alma sonolenta; moveu, abrandou, feriu o meu coração, que era duro como pedra e estava enfêrmo. Então, começou a arrancar e destruir, a edificar e a plantar, a irrigar a parte árida, a iluminar os recantos escuros, a abrir o que estava fechado, a aquecer o que estava frio, a dispor as coisas devidamente, a aplinar as escabrosidades; e assim minha alma se dispôs a bendizer ao Senhor e todo o meu ser voltou-se para o seu santo Nome” (*Sl* 102,1). Vindo, pois, a mim o Verbo divino, jamais me

fêz perceber sua entrada por qualquer indício de voz, de movimento, ou outro sinal de sua presença; nem mesmo se introduziu em meu interior por meio de algum dos meus sentidos; mas, como já disse, unicamente pelo movimento do coração percebi a sua presença; e, pela fuga dos vícios e pelo domínio dos afetos carniais, adverti-me de que estava em mim o seu poder; e pelo exame e recriminação das minhas ações escondidas, admirei a penetração de sua sabedoria; e pelo mínimo esforço de correção dos meus hábitos, experimentei a delicadeza de sua bondade; e pela renovação de meu espírito, ou seja, de meu "eu" interior, percebi de alguma maneira a sua beleza; e pela constatação de tudo isto, senti-me estupefato perante a infinidade de sua grandeza!"

In Cantica. sermo 74, 6-7. — PL 183, 1141 C.

NÃO SE ADMITE UM QUINTO EVANGELHO.

354. "O Apóstolo dos gentios recebeu do Senhor aquilo que nos transmitiu" (1 *Cor* 11,23). O Mestre dos mestres afirma que a doutrina que prega não é sua: "E não falo de mim mesmo" (*Jo* 7,16; 14,10).

Tu ao contrário nos dás do que é teu; dás-nos uma doutrina especial, que de ninguém recebeste. "Quem mente, fala do que lhe é próprio" (*Jo* 8,44). Fica, pois, com aquilo que é teu. Eu, porém, quero ouvir os profetas e os Apóstolos; quero obedecer ao Evangelho: mas não ao evangelho de Pedro (Abelardo). Pretendes por ventura dar-nos um novo Evangelho? A Igreja não recebe um quinto evangelista. Que ensinam a lei, os profetas, os Apóstolos e os homens apostólicos, que tu somente devas negar? Deus, feito homem para salvar o homem? "Ainda que um anjo do céu viesse pregar-nos outro evangelho, seja anátema!" (*Gál* 1,8).

Contra quaedam capitula errorum Abelardi, c. 5 (12). — PL 182, 1063 C.

OBEDIÊNCIA À PALAVRA.

355. "Agora, enquanto não nos é dada a visão eterna, esteja atento o ouvido para receber a verdade. Feliz aquêle, de quem a verdade pode dar um testemunho como êste: "Obedeceu-me, logo que me ouviu" (*Sl* 17,45).

Serei julgado digno de ver, se agora fôr obediente; verei com certeza aquêle, a quem prestei antes a homenagem de minha obediência. Quão feliz é aquêle que pode dizer: "O

Senhor Deus abriu-me o ouvido, e eu não o contradigo; não voltei atrás" (*Is 50,5*). Estas palavras descobrem uma forma de obediência voluntária e um exemplo de paciência: quem não contradiz, é espontâneo; quem não volta atrás, persevera. Estas duas coisas são necessárias, porque Deus ama a quem dá alegremente (*2 Cor 9,7*) e porque há de se salvar quem perseverar até o fim (*Mt 10,22*).

Oh! se também a mim o céu me abrisse o ouvido, e entrasse em meu coração a palavra da verdade; purificasse-me os olhos, e os preparasse para uma imensa visão, a fim de que também eu pudesse dizer: "O teu ouvido atendeu às disposições de meu coração" (*Sl 9,17*). Assim também eu, juntamente com aqueles que foram obedientes, poderei ouvir de Deus: "Vós estais puros em virtude da palavra que vos anunciei" (*Jo 15,3*). Nem todos aqueles que ouvem são por isso mesmo purificados; mas aqueles que obedecem: "Bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática" (*Lc 11,28*).

Tal atenção exige aquele que ordena nestes termos: "Escuta, Israel!" (*Dt 6,3*); tal atenção oferece aquele que diz: "Fala, Senhor, que o teu servo ouve" (*1 Rs 3,9*); tal garantia dá aquele que se empenha: "Quero ouvir o que diz o Senhor Deus em mim" (*Sl 84,9*).

In Cantica, sermo 28, 6. — PL 183, 923 D.

DISPOSIÇÃO DE MARIA: "FAÇA-SE EM MIM
SEGUNDO A TUA PALAVRA".

356. "Do Verbo faça-se em mim segundo a tua palavra. Que o Verbo, desde o princípio junto de Deus, torne-se carne de minha carne, consoante a tua palavra. Suplico: venha a mim não o "verbo" que se enuncia apenas, que passa, mas o Verbo concebido, a fim de que permaneça; ou seja, o "verbo" revestido de carne, não o vocábulo que soa tão somente. Venha êle a mim, não apenas audível aos meus ouvidos, mas visível aos meus olhos, palpável às minhas mãos, suave fardo em meus braços. Não venha a mim só o verbo escrito e mudo, mas encarnado e vivo, isto é, não feito de sinais mudos, traçados sobre matéria inerte, mas em forma humana, profundamente impresso em meu casto seio; e isto não por meio de uma pena insensível, mas por ação do Espírito Santo. Venha a mim de um modo a ninguém ainda concedido e que a ninguém jamais se concederá. Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos patriarcas e aos Profetas (*Hebr 1,1*): a alguns depositando o "verbo" em seu ouvido, a outros em seus lábios, a outros

ainda em suas mãos. Mas eu peço que seja depositado em meu seio. E não quero um "verbo" enunciado, figurado, ou em visão; mas inspirado silenciosamente, encarnado como pessoa, depositado corporalmente em minhas entranhas. Assim, o Verbo, que por si não podia nem precisava fazer-se, digne-se fazer-se em mim e por mim, segundo a tua palavra".

Super "Missus est" homilia 4, 11. — PL 183, 86 A.

CAMINHO, VERDADE E VIDA.

357. "O Senhor nos propõe o esforço da caminhada, prometendo-nos a recompensa do esforço. Disse-nos: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). Com o termo "caminho" entende-se a humildade que conduz à "verdade". Uma é o esforço; a outra, a recompensa do esforço. Dirás talvez: como posso eu admitir que se deva entender da humildade, quando ele falou indeterminadamente: Eu sou o Caminho? Ouve então o que ele disse mais claramente: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29). Propõe-se, portanto, a si mesmo como exemplo de humildade, como protótipo da mansidão. Se tu o imitares, não caminharás nas trevas, mas terás a luz da Vida. Que outra coisa é a luz da vida, senão a Verdade, que, iluminando a todo homem que vem a este mundo, mostra a cada um onde se acha a verdadeira Vida? Por isso, dizendo: "Eu sou o Caminho e a Verdade", acrescentou também: "Eu sou a Vida", como se quisesse dizer: Eu sou o Caminho, que conduz à verdade; eu sou a verdade que promete a vida; eu sou a vida, precisamente a vida que eu vos ofereço. Ele disse realmente: "Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, verdadeiro Deus, e aquêle que enviaste, Jesus Cristo" (Jo 17,3). Talvez penses contigo: contemplo o caminho, isto é, a humildade; desejo o fruto, isto é, a verdade. Mas que hei de fazer, se tal é a fadiga do caminho, que talvez não possa alcançar o prêmio que desejo? Ele responde: Eu sou a Vida, isto é, o alimento com que sustentar-te no caminho. Por isso, aos que aberram do caminho, ele clama: Eu sou o caminho; aos que duvidam e não crêem, diz: Eu sou a verdade; aos que estão no caminho, mas temem a fadiga, conforta: Eu sou a vida!".

De gradibus humilitatis et superbiæ, c. I. — PL 182, 941 C.

BEM-ESTAR ESPIRITUAL.

358. "Se alguém me ama, guardará as minhas palavras e meu Pai o amará e nós viremos a ele" (Jo 14,23). Que quer dizer

esta expressão: “Se alguém me ama guardará as minhas palavras?” Li em outro passo: “Quem teme o Senhor, fará boas obras” (*Eclo* 15,1). Mas nas palavras de Jesus, parece que se diz algo mais.

Onde, pois, se devem conservar as palavras? Sem dúvida no coração, como diz o Profeta: “Guardo no meu coração a tua palavra, para não pecar contra ti” (*Sl* 118,11). Mas, como se há de conservá-las no coração? Será o bastante retê-las na memória? Não será talvez aos que assim fazem que o Apóstolo adverte: “A ciência incha?” (*1 Cor* 8,1). Além do mais, a memória padece da contingência do esquecimento!

Guarda a palavra de Deus da mesma maneira como sabes guardar o alimento para teu corpo. Pois a palavra te é dada como pão vivo e como alimento de teu espírito. O pão ordinário, enquanto está na despensa, pode ser roubado, pode ser roído pelos bichos, pode corromper-se mesmo. Mas quando ao invés tu o comes, que tens a temer de tudo isto? É desta maneira que deves guardar a palavra de Deus: “Bem-aventurados os que a guardam” (*Lc* 11,28). Desça, pois, êste pão ao íntimo de tua alma; atinja as tuas afeições, atinja os teus costumes. Alimenta-te de boas obras, e a tua alma se há de alegrar na abundância. Não te esqueças de comer o teu pão, para que não se torne árido o teu coração, mas, antes, tua alma” seja saciada como de banha e de gordura” (*Sl* 62,6).

De tempore: De adventu Domini sermo 5, 2. — PL 183, 53 A.

SUBLIME ÓSCULO.

359. “Sob a impressão do ósculo divino, a alma pede e obtém de seu Espôso, o Verbo de Deus, o conhecimento e o amor da Verdade, que são como que os dois lábios, que transmitem a virtude e a sabedoria de Deus; pois a sabedoria comunica o conhecimento e a virtude comunica o amor.

Mas também a alma tem os seus dois lábios, com os quais oscula seu Espôso: são êles a razão e a vontade. A razão capta a sabedoria e a vontade a virtude. Se somente a razão aprendesse o conhecimento da sabedoria e a vontade não tivesse o amor da virtude, o ósculo não seria pleno; ou então, se só a vontade obtivesse o amor e a razão não atingisse o conhecimento, seria semipleno. Mas o ósculo só será pleno e perfeito, quando a sabedoria ornar a razão e a virtude levar a vontade à execução”.

De diversis: sermo 89, 2. — PL 183, 707 C.

ENSINARAM-ME A VIVER.

360. “Nossos mestres são somente aqueles que hauriram com maior plenitude do Mestre dos mestres os caminhos da vida, e no-los ensinam até hoje. Que nos ensinaram com efeito os santos Apóstolos? Não o ofício da pesca, nem o de fazer tendas ou outro semelhante; não nos ensinaram a ler Platão, nem a penetrar as subtilezas de Aristóteles, nem a investigar sempre, sem jamais chegarmos à verdade (2 *Tim* 3,7). Ensinaram-me a viver. Julgas, seja pouca coisa saber viver? É algo de grande; é o que há de mais importante. Não vive quem está inflado de soberba, quem está imerso na luxúria, quem foi acometido de outros males. Isto não é viver, não; isto é desconhecer a vida e aproximar-se das portas da morte. Entendo ao invés por vida reta saber sofrer adversidades, praticar boas ações e perseverar até à morte. Diz-se vulgarmente: vive bem quem come bem. Mas “a iniquidade enganou-se a si mesma” (*Sl* 26,12): não vive bem se não aquele que procede bem”.

De Sanctis: In festo SS. Petri et Pauli, sermo I. 3. — PL 183, 407 A.

QUEM OUVI PODE ENRIQUECER A QUEM FALA.

361. “Entre as coisas que nos dão maior confiança e motivo de esperança, esta, de que estamos falando, é sem dúvida a primeira entre todas: “Aquele que é de Deus, ouve a palavra de Deus” (*Jo* 8,47). Encontrarás por vezes ouvintes a quem não importa muito o que se está dizendo; não entram em si mesmos, não submetem a exame o seu procedimento, não refletem que aquilo que ouvem, poderia talvez interessar-lhes também. Mais ainda: se percebem que a palavra de Deus viva e eficaz se dirige contra os vícios de que são escravos, então dissimulam, desviam os olhos do coração, ou com qualquer escusa encobrem seus vícios e, infelizes! enganam-se a si mesmos. Nestes não encontro sinais de salvação, antes, receio que talvez não ouçam a palavra de Deus, exatamente porque eles mesmos não são de Deus.

Em vós, porém, meus irmãos (e isto é motivo de ação de graças a Deus!) eu encontro, em verdade, ouvidos atentos: percebe-se logo pelo fato de que imediatamente se vêem frutos da palavra divina em vosso aperfeiçoamento. Há mais: afirmo-vos que, enquanto falo, tenho a impressão de verificar o fervor de vossa dedicação. Deveras, quanto mais abundantemente vos sugardes, tanto mais se enche meu coração da doação do Espírito Santo; e com tanto maior abundância se me

concede aquilo que devo oferecer-vos, quanto mais atenta e sollicitamente receberdes o que se vos oferece. É por isso que eu vos falo assim muitas vêzes, o que, aliás, é de praxe em nossa Ordem. Eu bem sei quem é aquêle que disse: "Se gastares alguma coisa mais, eu to satisfarei quando voltar" (*Lc 10,35*).

De tempore: In Septuagesima, sermo 1, 2. — PL 183, 163 C.

ORAÇÃO AO MESTRE.

362. "Indicaste-me as sendas da vida, a plenitude dos gozos junto de ti, as tuas perenes delícias à tua direita" (*Sl 15,11*). De boa mente nós nos achegamos a ti, Senhor Jesus, como discípulos ao Mestre, como enfermos ao Médico, como escravos ao Senhor. Tu és o Mestre, cuja escola está na terra e cuja cátedra está no céu. Tu és aquêle Médico exímio, que só com a tua palavra restauras tôdas as coisas. "Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, e ensina-me as tuas sendas" (*Sl 24,4*). "Os teus caminhos são belos, e são de paz as tuas sendas" (*Prov 3,17*). Bem-aventurados aquêles que trilham os teus caminhos, Senhor Onipotente! Felizes os que seguem o aroma de teus perfumes; porque tu "exultas como o gigante a percorrer o caminho" (*Sl 18,6*), e não só a percorrê-lo, mas a "saltar sôbre os montes e a atravessar os outeiros" (*Cânt 2,8*).

Os gigantes filósofos alegraram-se, não com percorrer o teu caminho, mas com estarem à procura de uma glória passageira, envaidecendo-se em seus pensamentos, não na humildade ou no exercício de tuas virtudes, mas na exaltação de si mesmos. "Não conheceram o caminho da sabedoria, nem compreenderam as suas sendas; a sabedoria se retirou para longe dêles. Dela não se ouviu falar na terra de Canaã, nem foi vista em Temã" (*Bar 3,22-23*). Malditos aquêles que ousaram dizer ao Senhor Jesus: "Não queremos saber nada de teus caminhos" (*Jó 21,14*). — Nós, porém, te buscamos cada dia e queremos conhecer os teus caminhos".

De diversis: sermo 40, 1. — PL 183, 647 A.

PEDRO LOMBARDO

Bispo de Paris - Mestre das Sentenças
(† 1160)

PALAVRA LUZ.

363. “Faze-me conhecer o caminho que devo trilhar” (*Sl* 142,8). Este conhecimento Deus o deu, antes de tudo, quando acendeu a palavra profética. Como adverte S. Pedro, devemos considerá-la “como lume que brilha em lugar escuro, até que raie a luz do dia” (*2 Pdr* 1,19). Ele depois, colocou a si mesmo como luz em vaso de carne; e ao clarão desta luz devemos caminhar; seguindo-o na sua forma de escravo, chegaremos à forma de Deus, ao lume puro.

Commentarium in Psalmum 142, 10. — PL 191, 1251 B.

PASTÔRES E DOUTÔRES.

364. “A outros fêz Pastôres e Doutôres” (*Ef* 4,11). Refere-se aos Bispos, que no seu ensinamento, devem usar ao mesmo tempo a palavra e o exemplo, e por isso une os dois têrmos: a unificação das duas funções dá a entender aos pastôres, que, ao seu officio está inerente a doutrina: não será pastor se não tiver doutrina com que apascentar o rebanho”.

Collectanea in epist. ad Ephesios, c. 4, 11-14. — PL 192, 200 D.

A VOZ DÁ RELÊVO À ESCRITURA.

365. (Pensamento citado de S. Jerônimo). “A divina Escritura em si edifica, mas torna-se ainda mais eficaz se, de letra escrita se transforma em voz: a viva voz tem certamente uma grande fôrça, porque ressoando da bôca de quem a emite, traz em si tôda a fôrça de persuasão e de acento com que nasceu no mesmo coração do homem”.

Collectanea in epist. ad Galatas, c. 4, 15-21. — PL 192, 145 D.

Nascido em Novara, (Itália), de família de humilde condição, Pedro, ainda muito jovem, foi para a França. Foi mestre de Teologia em Notre-Dame. Naquele tempo escreveu o Comentário sobre os *Salmos* e sobre tôdas as *Cartas de S. Paulo*. Pelo ano 1150 terminou o famoso *Livro das Sentenças* que lhe valeu o título de *Magister Sententiarum*; êste foi o texto-base da Escolástica e mereceu o cuidadoso estudo e comentário dos mais célebres doutôres, entre os quais S. Tomás de Aquino. Em 1159 foi nomeado Bispo de Paris e morreu no ano seguinte. — Se a falta de notícias sobre sua vida deixa esta figura um tanto na sombra, todavia, o *Livro das Sentenças* dá a Pedro Lombardo um altíssimo relêvo, consagrando seu nome a uma fama imperecível.

INOCÊNCIO III

(1160 - 1216)

A SANTA IGREJA, QUE LÊ ÀS CLARAS A PALAVRA DE DEUS, DIANTE DE TODOS OS POVOS, PROTESTA CONTRA A SUA LEITURA NAS TREVAS, COM ESPÍRITO DE CONTRASTE E DE SEPARAÇÃO.

366. “Pelo cargo apostólico, que nos foi impôsto, tornamo-nos, na expressão do Apóstolo, “devedores àqueles que sabem e àqueles que não sabem” (*Rom 1,14*): por isso, devemos cuidar da salvação de todos, afastando os maus dos vícios e auxiliando os bons na virtude.

O Papa INOCÊNCIO III, sob cujo govêrno o pontificado romano atingiu o máximo fulgor no período medieval, nasceu em Gavignano de Segni, perto de Roma, por volta de 1160. Foi educado em Roma; estudou Teologia em Paris e Direito em Bolonha, isto é, nas universidades de maior prestígio da época. Promovido a Cardeal Diácono pelo Papa Clemente III, foi eleito Pontífice a 8 de janeiro de 1198. Nos dezoito anos de pontificado, Inocêncio III teve uma atividade tão extensa e eficaz nos vários campos referentes à jurisdição papal, que permanece como uma das maiores figuras na longa série dos Pontífices Romanos. Sua fundamental preocupação foi a obra diligente e incessante de reforma da Igreja, com grande promoção da vida cristã: foi exatamente sob esta orientação e com a larga aprovação dêste Papa que nasceram e se impuseram na sua justa forma, os grandes movimentos renovadores que têm como chefes S. Francisco e S. Domingos. Inocêncio III promoveu com tôdas as fôrças a IV Cruzada; combateu com todos os meios de que dispunha, as heresias valdense e cátara, que se haviam instalado na França meridional; e é diante desta preocupação pastoral, que é necessário entender a carta que transcrevemos, com referência à leitura da Bíblia. Pela sagacidade e superioridade de sua ação pontifical, Inocêncio III teve, além disso, uma forte ascendência sôbre todos os soberanos do tempo, e com êle se atinge o apogeu da ação política da Igreja: política, compreendida no sentido mais digno, como aplicação do pensamento cristão no govêrno e na civilização dos povos. Inocêncio III foi, além do mais, escritor notável, e restam vários volumes de suas obras. O epistolário ocupa um lugar predominante, pois nos dá a conhecer a imensa atividade de seu pontificado. Há porém, também, obras de gênero espiritual, ascético, exegético e oratório: o *De contemptu mundi* e o *De sacro altaris mysterio*, escritos antes da elevação à Cátedra suprema; depois, *Sermões* sôbre a vida e paixão do Senhor; comentário dos *Sete Salmos penitenciais* e numerosos *Sermões* sôbre a liturgia do Tempo e sôbre os Santos. A morte colheu êste Pontífice na idade de 55 anos, enquanto dedicava-se em Perúgia, à preparação da IV Cruzada.

Ora, é necessário para isso, uma visão mais ampla, sobretudo quando os vícios entram ocultamente, apresentando-se camuflados em virtudes e, quando o anjo de Satanás, dissimulando, faz-se passar por Anjo de luz. Com efeito, o nosso venerando irmão, Bispo de Metz, informou-nos, através de suas cartas, que, tanto na diocese como na cidade de Metz, há um avultado número de homens (leigos) e mulheres, que levados, de certo modo, pelo desejo das Escrituras, verteram para a língua francesa os Evangelhos, as Cartas de S. Paulo, o Salterio, o Livro de Jó, e vários outros, entregando-se à leitura desta versão com tanta dedicação (e quisesse Deus com outro tanto de prudência!), até tratar dessas coisas eles mesmos, leigos e mulheres, reunindo-se secretamente, e pregando uns aos outros. Chegaram até mesmo a não quererem mais unir-se àqueles que acham que não seja louvável misturar-se nessas suas reuniões secretas, julgando, destarte, estranhos a si todos os que não prestam atenção a tais iniciativas.

Alguns sacerdotes, adidos às paróquias, pensaram em corrigi-los dêsse desvio: mas eles resistiram-lhes, procurando ter razão com as Escrituras, para não serem, de maneira nenhuma, disciplinados por eles. Há entre êsses alguns que mal suportam a simplicidade dos sacerdotes, quando lhes propõem a palavra de salvação. Murmuram ocultamente, dizendo que a acham muito melhor nos seus livros, e que poderiam dizer as mesmas coisas com maior sabedoria”.

367. *Ótima coisa é ler a Escritura: mas há qualquer coisa que não se pode louvar.* — “Ora, apesar do desejo de compreender as divinas Escrituras e de se servir delas para exortação seja por si irrepreensível, antes seja recomendável, há porém pontos sobre os quais eles parecem merecer advertência: que eles realizam conciliábulos ocultos, usurpando para si o ofício da pregação, iludem a simplicidade dos sacerdotes e desprezam a união com aquêles que não se prestam a essas reuniões.

De fato, Deus, verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a êste mundo, detesta de tal modo as obras das trevas que, quando preparava seus apóstolos para mandá-los a todo mundo pregar o seu Evangelho a tôdas as criaturas, lhes havia dado esta ordem claríssima: “O que eu vos digo nas trevas, dizei-o às claras; e o que vos é dito ao ouvido, pregai-o sobre os telhados” (*Mt 10,27*), dando assim a entender com tôda a evidência, que a pregação evangélica não deve ser proposta em reuniões secretas, como as dos heréticos, mas públicamente, nas

Igrejas, segundo o costume católico. Com efeito, de acôrdo com o testemunho da Verdade, “quem age mal, odeia a luz e não vem à luz para que não sejam repreendidas as suas obras, mas quem, ao invés, pratica a verdade, vem à luz, para que se manifestem as suas obras, que são feitas em Deus” (Jo 3,20-21). Por isso, tendo o Pontífice interrogado Jesus acêrca de seus discípulos e de sua doutrina, êle respondeu: “Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei nas sinagogas e no templo onde se reúnem todos os judeus, e não ensinei nada ocultamente” (Jo 18,20).

Ora, se alguém quisesse objetar que, segundo o preceito do Senhor, não se pode dar o que é santo aos cães, e não atirar as pérolas aos pés dos porcos, tendo ainda Cristo dito não a todos, mas só aos Apóstolos: “A vós foi dado conhecer o mistério de Deus, mas aos outros só em parábolas” (Lc 8,10), compreenda que cães e porcos não se devem entender aquêles que recebem com alegria reconhecedora as pérolas, mas aquêles que dilaceram as coisas santas e desprezam as pérolas, como são aquêles que não veneram como católicos as palavras do Evangelho e os mistérios eclesiásticos, mas os abominam como heréticos, sempre litigando e blasfemando: aquêles de quem o Apóstolo fala que depois da primeira e da segunda admoestação devem ser evitados”.

368. *Pregar a palavra de Deus exige uma missão.* — “Todavia os ocultos mistérios da fé não devem ser postos indistintamente nas mãos de todos, uma vez que podem não encontrar em todos uma suficiente inteligência: devem ser dados àqueles que estão em grau de atingir dêles uma suficiente compreensão. Por êsse motivo dizia o Apóstolo aos mais simples: “Como a crianças em Cristo, eu vos dei leite, não alimento sólido” (1 Cor 3,2): o alimento sólido é para os maiores, como êle mesmo dizia aos outros: “Falamos com sabedoria entre os perfeitos. — Entre vós eu não julguei saber coisa alguma a não ser Jesus Cristo e êste crucificado”. (1 Cor 2,6,2). Tal é de fato a profundidade da divina Escritura, que não só os simples e os analfabetos, mas também os prudentes e os doutos não estão totalmente à altura de sua compreensão...

Como são muitos os membros do corpo, e nem todos os membros têm o mesmo ato a cumprir, assim na Igreja, há muitas ordens, mas nem tôdas têm o mesmo dever, porque, segundo o Apóstolo, alguns Deus deu como Apóstolos, outros como Profetas, outros como Doutôres, etc. Sendo portanto a

ordem dos Doutôres entre as principais na Igreja, não deve qualquer um arrogar-se o direito de exercer, sem distinção, o officio da pregação. Com efeito, consoante o Apóstolo, “como pregarão, se não foram enviados?” (Rom 10,15) e a própria Verdade nos ordena: “Rogai ao Senhor da messe para que mande operários para a sua messe” (Mt 9,38).

369. *Que se deve pensar de uma missão “invisível?”* — “Alguém poderia talvez argutamente responder que aquêles tais são mandados invisivelmente por Deus, conquanto não sejam mandados visivelmente pelo homem, e que a missão invisível é muito mais digna do que aquela visível, e o mandato divino muito superior aos humanos (de modo que não se lê que João Batista tenha sido enviado por homem, mas por Deus, como disso testemunha o evangelista: “Foi enviado por Deus um homem que se chamava João” (Jo 1,6): mas a isso pode-se e deve-se logo de início responder que, aquela missão interna sendo oculta, não basta que alguém afirme simplesmente ser um enviado de Deus porque é exatamente isso que afirma qualquer herético: é necessário, ao invés, que confirme aquela missão invisível realizando um milagre ou com especial testemunho da Escritura... De fato, para aquêles que se sabe terem sido expressamente enviados por Deus, o Evangelista atesta que êles, “tendo ido, pregaram em tôda parte, e o Senhor cooperava e confirmava a sua palavra com os milagres que se seguiam” (Mc 16,20).

370. *Não ativos, mas obedientes à Igreja.* — “Deve, pois, ser evitada por todos aquela atitude, que tem muito de altivez farisaica, pela qual como se fôsem justos somente êles, chegam a desprezar os outros: desde os primeiros inícios da Igreja até hoje, houve muitos homens santos, que não consta que assim fôsem, nem que aderissem a homens daquele tipo, enquanto se lê que surgiram como novidade tais homens que, mais desejosos de ensinar do que de aprender, merecem que se refira a êles o que diz o Senhor: “Não queirais, irmãos meus, tornar-vos muitos de vós mestres” (Tg 3,1).

Portanto, filhinhos, assim como vos amamos com paternal afeto, para evitar que caiais no abismo do êrro sob um pretexto de verdade, e que sob a aparência de virtude não caiais no laço dos vícios, ordenamos que separeis língua e espírito das coisas que notamos acima como repreensíveis: observai a fé católica e a regra Eclesiástica, para que não aconteça serdes

enredados e enredar os outros com palavras falazes: se não receberdes com disposição humilde e devota esta nossa correção e admoestação paternas, deveremos depois do óleo, infundir também o vinho, usando da severidade eclesiástica: de modo que, quem não se decidiu a obedecer espontâneamente, aprenda a concordar, mesmo contra a vontade”.

Universis Christifidelibus tam in urbe metensi quam eius dioecesi constitutis.
1* Collect. Decretallum, tit. XIII (37). — PL 216, 1210 A.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

(1182 - 1226)

CARTA QUE MANDOU NO FIM DA VIDA AO CAPÍTULO GERAL E A TODOS OS FRADES.

371. "Pôsto que "quem é de Deus ouve as palavras de Deus" (Jo 8,47), nós que mais espiritualmente servimos ao Senhor, não só devemos ouvir e fazer o que Deus prescreve, mas também conservar com cuidado no templo todos os vasos sagrados e os outros utensílios que guardam suas santas palavras, para fazer ver em nós a grandeza do nosso Criador e a nossa sujeição. Por isso, advirto todos os meus frades e os encorajo em Cristo, para que, em qualquer lugar onde encontrem escritas as divinas palavras, venerem-nas do melhor modo e no que diz respeito a elas, se não estão bem conservadas, ou se se en-

FRANCISCO nasceu em Assis de família abastada. Na juventude gostava de alegres reuniões e de empresas guerreiras. Começando em 1202, por uma prisão de vários meses, por uma doença e sucessivamente por uma visão, resolveu orientar-se para o espírito religioso. Uma gradativa e profunda transformação levou-o a abandonar tudo e tornar-se o amante de "Madona Pobreza". O trecho do Evangelho que fala sobre a missão dos Apóstolos, ouvido na festa de S. Matias, a 24 de fevereiro de 1209, conduziu-o à vida apostólica, no que foi seguido por vários discípulos. Em 1210, dirigiu-se ao Papa Inocêncio III em Roma, para obter a aprovação da nova forma de vida religiosa. Em 1212, com Santa Clara, deu origem à ordem segunda franciscana. Em 1221 deu a regra para a ordem terceira. Francisco tentou algumas viagens em missão no estrangeiro e chegou até à presença do Sultão da Síria, mas sempre, por vários motivos, teve que tornar à Itália. — Os últimos anos de sua vida foram uma ascensão cada vez mais sublime para Deus, através das etapas da vida mística, que em Verna, em 1224, tiveram uma excepcional manifestação externa no prodígio dos estigmas que deram a Francisco, conforme a expressão de Dante, "o último selo". Os últimos dois anos de vida foram de sofrimentos contínuos. A 3 de novembro de 1226 em Assis, onde havia nascido e onde havia-se desenvolvido a sua obra, recostado sobre a terra nua, depois da leitura da Paixão de Cristo segundo S. João e da recitação do Salmo 141, entregou sua santa alma a Deus. A palavra de Deus teve uma de suas encarnações mais expressivas em S. Francisco de Assis, e determinou os momentos mais profundos de sua ascensão espiritual. S. Francisco foi canonizado pelo Papa Gregório IX, a 15 de julho de 1228, apenas dois anos após sua morte.

contram indecorosamente espalhadas em algum lugar, recolhiam-nas, conservem-nas, honrando, nas palavras, o Senhor que no-las disse. Pois que muitas coisas são santificadas com as palavras de Deus e é em virtude das palavras de Cristo que se consagra o Sacramento do Altar”.

Escritos completos de San Francisco de Assis. — B. A. C., Madrid 1949, pág. 58.

FRANCISCO CONSULTA DEUS ABRINDO HUMILDEMENTE A BÍBLIA.

372. “Certo dia, acercando-se do sagrado altar que havia sido erguido na ermida para onde se havia retirado, e tomando o livro onde estão escritos os Santos Evangelhos, colocou-o com a máxima reverência sobre o altar. Depois disso, prostrando-se, com o coração e com o corpo em afetuosa oração, rogou humildemente ao benigníssimo Senhor e Pai de toda misericórdia e Deus de toda consolação, que se dignasse comunicar-lhe de modo preciso toda a sua vontade. Para melhor satisfazer o desejo concebido há tempo com toda simplicidade e reta intenção de saber o que fosse mais conveniente para ele, pedia que o Senhor lho manifestasse, ao abrir o livro. Desta forma procedia de acordo com o espírito dos homens mais santos e perfeitos, que desejando maior santidade, haviam feito coisa semelhante, com intenção devota e perfeita. Assim, finda a oração, ergueu-se e humildemente, com o espírito compungido, armando-se primeiramente com o sinal da santa cruz, tomou o livro do altar e com grande reverência e temor abriu-o. E a primeira coisa que se lhe ofereceu aos olhos foi a história da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas no ponto onde é feita a predição dos seus sofrimentos. No entanto, para não iludir-se e assegurar-se de que o ocorrido não era fruto do acaso, por outras duas ou três vezes que tornou a abrir o livro, outras tantas lhe apareceram os mesmos textos ou semelhantes. Com isso, o santo, cheio do Espírito de Deus, compreendeu que estava destinado a entrar no reino de Deus através de grandes tribulações, angústias e numerosos martírios. Mas, o fortíssimo soldado não se perturbou com as lutas iminentes que o esperavam; ao contrário, com espírito generoso, resolveu combater nas batalhas do Senhor, pelos campos deste mundo”.

Celano, Vida de S. Francisco, lib. II, c. 2. — O. c., pág. 92.

373. “Apesar de como homem simples, Francisco não ter estudado as ciências, tendo contudo aprendido a sabedoria que vem de Deus e iluminado pelas luzes do esplendor eterno, compreendia não pouco a Sagrada Escritura. Entendia, portanto, no seu sentido genuíno as profundezas dos mistérios, e onde não atingia a ciência do mestre, socorria o afeto do amante. De quando em quando lia os sagrados livros e o que penetrava uma vez no seu espírito, ficava indefectivelmente gravado no seu coração. Servia-lhe de livro a memória, porque não ouvia inútilmente uma leitura, mas a reconsiderava com devoção contínua. Afirmava que este é o modo de ler e aprender com o máximo proveito, melhor do que devorar milhares de tratados. Julgava muito bem orientado o filósofo que não antepusesse nada ao desejo da vida eterna. Afirmava também que o conhecimento de si próprio deve conduzir facilmente ao conhecimento de Deus, para aquêles que, estudando as Escrituras, investiga com humildade e não com presunção. Muitas vezes resolvia as dúvidas em algumas questões, e apesar de não ser eloquente na palavra, explicava o sentido e a aplicação.

Estava o santo em Sena, e apareceu ali um religioso da Ordem dos Pregadores, homem espiritual e douto em sagrada Teologia. Tendo visitado o Beato Francisco, ambos, o sábio e o santo se recrearam durante algum tempo na dulcíssima conversação sobre Deus. Por fim, o citado mestre interrogou-o a respeito do texto de Ezequiel: “Se não exprobrares o ímpio pela sua impiedade, pedirei a ti contas da sua alma” (Ez 3,18). E acrescentou logo: eu próprio, meu bom Padre, conheço muitos que vivem em pecado mortal, e nem sempre os repreendo pela sua descrença. Será possível que se me peçam contas pela perda destas almas? Como o beato Padre se recusasse a responder sobre essa sentença da Sagrada Escritura, dizendo-se ignorante, e necessitando mais ser ensinado que ensinar, insistiu o humilde mestre dizendo: “Irmão, apesar de ter ouvido de muitos sábios a explicação desta passagem, todavia, ouvirei com prazer o teu parecer sobre aquêles texto”. Respondeu Francisco: “Se o texto deve ser entendido na sua totalidade, eu o tomo neste sentido: o servo de Deus deve brilhar pela vida e pela santidade, de tal modo que com a luz do exemplo e com a eloquência da conduta, repreenda sempre os ímpios. Dêste modo, o esplendor da vida e o perfume da fama acusarão a todos pela iniquidade de seus pecados”.

O sábio retirou-se altamente edificado, e disse aos companheiros do santo: “Meus irmãos, a teologia dêste homem obtida na pureza e na contemplação, ergue-se como águia real, enquanto a nossa ciência se arrasta penosamente pela terra”.

Celano. Vida segunda, parte II, c. 8. 102. — O. c., pág. 447.

AGONIA COM O EVANGELHO DE S. JOÃO;
MORTE COM O SALMO 141.

374. “Era sexta-feira, 2 de outubro, véspera da morte. A recordação do Sacramento do Amor, fê-lo pensar nos Evangelhos, especialmente no escrito pelo Apóstolo que mais havia sentido o bater do coração divino. E o próprio Francisco, pediu que lhe fôsse lido do Evangelho de S. João o capítulo cujos primeiros versos são recitados na quinta-feira santa: o Evangelho do amor: “Antes da festa da Páscoa, sabia Jesus que chegara a hora de passar dêste mundo ao Pai: e tendo amado os que estavam no mundo, amou-os até o fim”. Todos sentiam no palpitar do moribundo o palpitar de Jesus. E era tanta a união dos seus pensamentos, que a idéia de ler o Evangelho da última Ceia e do último adeus, já havia ocorrido ao frade que o assistia, antes mesmo que êle a manifestasse.

Foi trazida a Bíblia completa para ler, e ao abri-la apresentou-se exatamente o capítulo onde estão escritas as palavras daquele adeus...

Assim, chegou o dia marcado para êle. Sábado, 3 de outubro, êle próprio entoou o Salmo 141 (“Voce mea ad Dominum clamavi”), grito de menino que à noite é tomado de pavor e se abandona ao seio da mãe, onde adormece em paz. A prece angustiosa que findava num suspiro de paz, dizia a sua agonia:

Com minha voz levo o meu clamor ao Senhor,
com minha voz imploro ao Senhor.
Derramo diante dêle a minha prece,
e lhe exponho as minhas angústias.
Quando meu espírito, dentro de mim esmorece,
tu bem conheces o meu caminho.

.....

Tira do cárcere a minh'alma
para celebrar o teu nome:
esperam-me os justos
pelo momento em que me deres a recompensa.

Lenda dos três sócios, em: G. Salvadori, Ricordi di S. Francesco di Assisi, Firenze 1926, pág. 335 s.

SANTO ANTÔNIO DE LISBOA

Doutor da Igreja
(1195 - 1231)

OUVIR É TEMER A DEUS. — CRISTO “VARA VIGILANTE”.

375. “Quem é de Deus, ouve suas palavras” (Jo 8,47). Deus, em hebraico, significa temor. É de Deus quem teme a Deus,

ANTÔNIO, cujo nome de batismo era Fernando, nasceu em Lisboa (Portugal) em 1195. Entrou na Congregação dos Cónegos Regulares de S. Agostinho. Fêz seus estudos no mosteiro de S. Vicente em Lisboa e, noutro, de S. Cruz, em Coimbra. Diante das relíquias de cinco franciscanos mortos mártires em Marrocos, despertou-se nêle a vocação franciscana e ao martírio. Esse desejo intenso pô-lo no caminho da África, que, na vista superior de Deus tê-lo-ia levado a um outro lugar e missão. Na África, de fato, adoeceu gravemente e o navio que o trazia de volta à Europa foi levado pelo vento às costas da Sicília, pelo que Antônio continuou a viagem chegando a Assis, onde no Capítulo Geral de Pentecostes de 1221, encontrou-se com S. Francisco. Encerrado o capítulo e tendo ficado um pouco como ave sem ninho, Antônio pediu para ser recebido na Província franciscana de Romanha, e foi-lhe indicado o convento de Montepaulo, em Forlì. Aí passou um tempo em vida humilima e penitente. O que o pôs em evidência foi uma prática que foi obrigado a fazer improvisamente para uma ordenação sacerdotal: revelando-se o tesouro escondido, logo a luz foi colocada no candelabro: e pela santidade da vida, pelos extraordinários dotes místicos, pela fama de seus milagres, pela eficácia de sua pregação, sua luz foi de tal modo brilhante na Igreja, que a memória de Antônio foi seguida por uma devoção verdadeiramente excepcional, em tôdas as partes da terra e sua figura foi coroada pela auréola de Doutor da Igreja, que lhe decretou o Papa Pio XII, com o Breve “*Exulta Lusitania felix*”, de 16 de janeiro de 1946. — S. Antônio pregou em muitas cidades da Itália e da França; em 1228 pregou em Roma, na presença do Papa Gregório IX, que admirado da excepcional ciência bíblica do santo, definiu-o “Arca do Testamento e escrínio das Sagradas Escrituras”. S. Antônio dedicou-se também ao ensino da ciência sagrada, em Bolonha, em Montpellier e em Tolosa. — Se Portugal exulta feliz pela grandeza dêsse seu filho, lumiar da Igreja, não exulta menos a cidade de Pádua, que teve a sorte de recolher seus restos mortais. Antônio morreu, de fato, em Pádua, na Arcella, a 13 de junho de 1231, com a idade de 36 anos. Foi canonizado pelo Papa Gregório IX, a 30 de maio de 1232, apenas 11 meses depois de sua morte. — De S. Antônio temos algumas coleções de discursos que lhe revelam evidente conhecimento da palavra de Deus. Sua glorificação como Doutor da Igreja é devida também ao fato de que êle caracteriza uma época, com seu grande magistério e pela orientação social de sua ação e de sua pregação.

e quem teme a Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso, o Senhor diz: "Levanta-te e desce à casa do oleiro, e aí ouvirás as minhas palavras" (*Jer 18*): levanta-se cheio de temor quem se arrepende de ter feito aquilo que fêz; desce à casa do oleiro, quando reconhece estar imundo e teme que o Senhor o despreze como um vaso de argila; e por isso, ouve as palavras do Senhor, porque é de Deus e teme a Deus. Um grande sinal de predestinação é ouvir de bom grado a palavra de Deus, e os rumôres da pátria celeste, como quando alguém ouve de bom grado os rumôres da pátria terrena é um sinal de obstinação. "Por isso vós não ouvistes, porque não sois de Deus", como se disesse não ouvistes as palavras porque o não temeis. "A quem falarei? Quem conjurarei a escutar-me? Eis que são incircuncisos seus ouvidos e são incapazes de ouvirem, eis que a palavra do Senhor tornou-se-lhes um motivo de opróbrío e não a receberão" (*Jer 6,10*). "Eis que eu faço vir calamidades sôbre êste povo, frutos de seus pensamentos, porque não ouviram as minhas palavras e rejeitaram a minha lei. Por que me trazeis vós o incenso de Sabá, e canas de suaves perfumes de terras longínquas?" (*Jer 6,19-20*). Sabá quer dizer rêde ou cativa: incenso, oração. Na cana se designa a confissão do crime ou do louvor. Aquêlê que não ouve a palavra de Deus, despreza a sua lei, que é a caridade, porque o amor é a plenitude da lei.

Cristo executa por obras tudo o que prega com palavras, e se chama vara vigilante: por isso, assim como o ladrão vigiando de noite, furta tirando com a vara, em que está o gancho, as coisas das casas dos que dormem, assim Cristo com a vara da humildade, ou humanidade, e com o gancho da sua cruz furta as almas ao diabo. Donde se diz: "Quando fôr exaltado da terra, atrairei tudo a mim" (*Jo 12,32*), com o gancho da cruz".

Sermão da 5. Dominga da Quaresma. — Sermões de S. Antonio (Lisboa 1895) pág. 24s.

FIGURAS E RELÊVOS SÔBRE OS EVANGELISTAS.

376. "Como a água fresca para a pessoa que tem sêde, assim é uma boa-nova que vem de um país distante" (*Prov 25,25*). Isto convém prôpriamente aos evangelistas. Porque evangelista quer dizer o que traz boas novas. Por isso, os evangelistas comparam-se as águas. Por que a água não termina no próprio limite, mas vai sempre correndo, e pára no limite alheio. Assim é o Evangelista, e especialmente S. Mateus, que por

muito tempo seguiu as próprias concupiscências, (“o coração do ímpio é como um mar tempestuoso que não pode estar parado” *Is* 57,20). Por isso se diz no Eclesiástico, 18,30: “Não te deixes ir atrás de tuas paixões e refreia os teus apetites”: e isto deve ter-lhe sido dito por Cristo, quando lhe ajuntou: “Segue-me!” por que o sol de justiça atrai a si os evangelistas para instrumento de sua fé, e pela pregação espalha pela terra as palavras dêles. “Aquêles que chama as águas do mar e as derrama sôbre a face da terra: êle se chama o Senhor” (*Am* 5,8). Ora, atrai quando diz: “Segue-me”, e espalhou-os sôbre a face da terra, quando os mandou a pregar.

A água doce entra no mar e a amarga de novo se torna doce por movimentos subtis. Assim os evangelistas foram doces no princípio, falando do nascimento e da infância de Cristo, mas no meio, amargos, tratando dos trabalhos e sofrimentos. Finalmente outra vez doces, ao tratar da glória da ressurreição, do triunfo da ascensão e da missão do Espírito Santo. Eis por que o seu evangelho é significado pelo livro que foi doce na bôca de Jesus Cristo, mas amargo no ventre, isto é, no meio: “E tomei o livro da mão do anjo e o devorei: na bôca era doce como mel, mas devorado, meu ventre tornou-se amargo” (*Apc* 10,10).

A água lava as imundícies, assim como os evangelistas ensinam a lavar e limpar o pecado original pelo batismo (de que falam S. Mateus e S. Marcos nos seus últimos capítulos) e o mortal por meio da penitência (“fazei penitência!” *Mt* e *Lc* 3); e os restos do pecado pela dor da contrição (“Bem-aventurados vós que chorais!” *Mt* 6); o venial com a oração (“portanto, rezareis assim: Pai Nosso que estais nos céus” *Mt* 5 *Lc* 11).

As águas irrigam as plantas para frutificarem, assim os evangelistas farão frutificar tôda a Igreja mediante a sua doutrina: por isso, são designados pelos quatro rios do paraíso.

Notai: esta água doce aplicam-na à alma sequiosa. A sêde é o desejo do frio, do úmido, e das coisas doces; assim os evangelistas foram aptos para extinguir a sêde da alma, foram frios, sem o calor da luxúria, úmidos sem a avidez da avareza, e doces sem a amargura, a austeridade da soberba. Notai que assim deve ser aquêles que deseja ser agradável ao Senhor.

Notai ainda: O mensageiro é bom quando é veloz, fiel, verdadeiro e anuncia coisas alegres e úteis. Assim, os evangelistas foram velozes, porque seguiram o Senhor ao primeiro

convite, como S. Mateus, que também foi o primeiro a escrever; foram fiéis porque nada atribuíram a si mesmos, mas tudo ao Senhor. (S. Bernardo diz: és ministro fiel se acontece que não se apega coisa alguma às tuas mãos da muita glória do teu Senhor, a qual passa por ti, e não sabe de ti). Anunciaram coisas alegres e úteis, porque foi a obra de nossa redenção. Do mesmo modo foram verdadeiros: “Este é aquêlê discípulo que dá testemunho destas coisas e que as escreveu, e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro, etc.” (Jo 21,24). Estes são os mensageiros que, sendo recebidos por Raab, ela ficou livre e salva”.

Sermão de um Evangelista. — O. c., pág. 65ss.

STO. TOMÁS DE AQUINO

Doutor angélico da Igreja
(1225 - † 7 de março de 1274)

O EXECUTAR LEVA A CONHECER.

377. “Uma vez que alguém se esforça para observar o mandamento, é levado ao conhecimento”.

In epistolam ad Colossenses, I, 10. — In omnes S. Pauli Ap. Epistolas
Commentaria, Torino 1917. — Vol. II, pág. 117.

SANTO TOMÁS DE AQUINO nasceu em 1225 de uma das mais nobres famílias italianas da época. Seu pai, o conde Landolfo de Aquino, ofereceu-o ainda menino à abadia de Montecassino: aí êle passou os anos de 1230 a 1239, até que, em vista dos tempos tumultuosos, a abadia teve de ser abandonada. Tomás continuou então os estudos na Universidade de Nápoles e foi naquela cidade que conheceu a nascente Ordem dos Padres Pregadores e a vocação à qual o chamava a Divina Providência. Encontrou sérios obstáculos no seu caminho, por parte da família, e só ficou verdadeiramente livre aos vinte anos, depois de ter vencido algumas tentações bem duras. Em Paris ouviu as lições de S. Alberto Magno que, em 1248 o levou consigo a Colônia (Alemanha) associando-o aos seus estudos. Foi ordenado sacerdote em 1250. Firmíssimo na sua vida religiosa, recusou toda honra e toda oferta, que o pudesse afastar do caminho iniciado. Em 1252 começou sua grande atividade de mestre e de escritor que durou até a morte: 22 anos de uma seara excepcional no campo da Igreja, e fruto cêntuplo, que ficou. Êle ensinou em Paris, de 1252 a 1259 tendo de permeio uma dura luta, pelo direito de ensinar. Escreveu nesses anos o *Comentário aos livros das Sentenças* de Pedro Lombardo, e as *Questões de Veritate*. No ano de 1259 o Papa quis que Tomás fôsse para Roma, Teólogo da Cúria Romana: aí ficou, atendendo também ao ensinamento na sua Ordem, até 1268. Nesse tempo dedicou-se à revisão das *Obras de Aristóteles*; escreveu o *De potentia* e o *De malo*; publicou a *Summa contra Gentiles* e em 1267 iniciou sua altíssima obra-prima, a *Summa Theologica*, da qual cuidou até o fim da vida. No início de 1269 teve que voltar com urgência a Paris, onde se atacavam os religiosos mendicantes e também a nova orientação por êle dada aos estudos teológicos; escreveu vários opúsculos em defesa da vida religiosa e de alguns pontos doutriniais. No outono de 1272 começou dar aulas na Universidade de Nápoles, por insistência do Rei Carlos de Anjou. Enquanto continuava a composição da Suma Teológica e dava aulas na universidade, fez outra imensa obra de *Comentário as Obras de Aristóteles*, e de exegese escritural: comentou *Jó*, *os Salmos*, *o Evangelho de S. João*, e, com uma grande amplitude, todas as *Cartas de São Paulo* e por fim, membro fiel da Ordem dos Pregadores, dedicou-se com êxito à pregação: res-

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ VERDADE.

378. “Observa que o afastamento da caridade é causa de doutrina errada: quem não ama a caridade, cai no engano”.

In I ad Timotheum, 1, 6. — O. c., vol. II, pág. 186.

DIANTE DA ESCRITURA: EQUILÍBRIO DE INTELIGÊNCIA
E DE CORAÇÃO.

379. “Nas outras ciências basta que o homem seja perfeito na ordem da inteligência; aqui porém se requer que seja perfeito na inteligência e no afeto”.

In epistolam ad Hebraeos, 5, 14. — O. c., vol. II, pág. 348.

tam-nos os esquemas das suas pregações feitas em Nápoles, na Quaresma de 1273, sobre o *Pater*, a *Ave Maria*, o *Credo* e os *Dez Mandamentos*. — Havia-se, no entretanto, iniciado o Concílio de Lião e o Papa Gregório X quis que êle tomasse parte no mesmo: partiu então de Nápoles em Janeiro de 1274, mas chegando a abadia cisterciense de Fossanova, ficou gravemente enfêrmo, e morreu aos 50 anos, a 7 de março de 1274. Santo Tomás foi canonizado em 1323, declarado Doutor da Igreja por S. Pio V em 1567 e proposto repetidamente pelos Sumos Pontífices, como guia dos estudos teológicos e filosóficos para tôda a Igreja. — A importância da obra do anjo das escolas na história do pensamento cristão é conhecida: suas duas Sumas, pelo equilíbrio perfeito, pela amplitude e pela magnífica concatenação do pensamento são de tal construção que se eleva acima de tudo. — Cabe-nos apenas relevar que esta excepcional penetração da palavra de Deus em um espírito humano, que transformou o pequeno oblato de Montecassino em um sol resplandecente sobre tôda a cristandade, foi favorecida por uma especialíssima inocência de vida, por uma grande humildade e espírito de oração, pela obediêntíssima sujeição à sua Ordem religiosa que estava no seu início (e devemos notar que, como S. Tomás para os Pregadores, assim S. Boaventura para os Franciscanos são os símbolos mais excelentes daqueles valores que tôda nova Instituição religiosa aprovada pela Igreja introduz com fôrça, quase como de uma nova fonte, no seio mesmo da Igreja); enfim que o auge da glória dêste Doutor “querubínico” ou “angélico” ou “comum”, segundo as várias qualificações que lhe foram dadas, é constituído, a êle que na celebração da santa Missa se desfazia em lágrimas, pela Liturgia para a festa do Corpus Domini, por êle inteiramente composta, e que, pondo o grande Doutor das Sumas em contato com o povo cristão, fá-lo para sempre presente em todos os cantos da terra, através das palavras quotidianas do *Ave verum*, *Adoro te devote*, *Lauda Sion*, *Pange lingua*, com suas estrofes conclusivas, adorantes, do *Tantum ergo*.

380. “Como o discípulo chega a conhecer a sabedoria do mestre mediante as palavras que ouve d’êle, assim o homem podia chegar a conhecer a sabedoria de Deus através das criaturas feitas por êle, como diz S. Paulo: “Invisibilia enim ipsius...” Mas o homem, por causa da vaidade do seu coração, desviou da retidão do divino conhecimento.

Por isso, Deus conduziu os fiéis ao salvífico conhecimento de si mesmo por outros meios, que estão fora dos meios ordinários das criaturas: esta é a razão por que pelos homens mundanos, que não se elevam sôbre as coisas humanas, tais meios são julgados loucura. Dêste tipo são os documentos da fé. — É sempre o mesmo: como um mestre, que tendo presente que o seu pensamento não foi compreendido pelos seus discípulos mediante a explicação que foi dada, esforça-se para encontrar outros modos com os quais manifestar o que tem para dizer”.

In Epistolam I ad Corinthios, 1, 24. — O. c., vol. I, pág. 230.

O QUE SIGNIFICA “INSPIRADA E ÚTIL”.

381. “Aqui ensina que as Cartas sagradas são a via da salvação. E desenvolve três conceitos: apresenta a Escritura na razão do seu princípio, da sua utilidade e do seu fruto máximo, que é a perfeição.

Se se considera no seu princípio, a Sagrada Escritura tem privilégio sôbre tôdas as outras: porque estas nos são entregues pela razão humana, enquanto que a Sagrada Escritura é divina. Por isso diz: divinamente inspirada. Poderás dizer, porém: como se pode afirmar que também as outras escrituras não sejam inspiradas, quando, conforme S. Ambrósio, tôda a verdade, por qualquer pessoa seja dita, procede do Espírito Santo?

Assim se deve dizer: Deus tem um duplo modo de operação: um imediato, como coisa própria, por exemplo os milagres; outro que é produzido mediante as causas inferiores, como as obras naturais (“Manus tuae fecerunt me, etc”), que pertencem porém à operação da natureza. E assim: Deus, no homem, instrui o intellecto imediatamente por meio das Sagradas Escrituras, e, mediatamente, através de outros escritos.

Ora o efeito desta Escritura é duplo, isto é, ensina a conhecer a verdade e convence a agir com justiça. *Paraclitus autem Spiritus Sanctus docebit vos*, isto é, as coisas que devem ser conhecidas, *et suggeret*, isto é, as coisas que devem ser feitas.

Por isso, *é útil* para conhecer a verdade e para orientar à operação”.

In Epistolam II ad Timotheum, 3, 16. — O. c., vol. II, pág. 251.

OBSTÁCULOS PARA A COMPREENSÃO.

382. “De dois modos a soberba é raiz de erros. Primeiro, porque os soberbos querem se intrometer nas coisas que não compreendem, e por isso é inevitável o erro, é inevitável que falhem. Ainda mais: porque não querem submeter o intelecto a outros, mas apóiam-se sobre a prudência deles, e por isso não querem obedecer à Sagrada Escritura. Contra isto está escrito: *Ne inniteris prudentiae tuae. — Ubi humilitas, ibi sapientia.*

E além disso há também o defeito de inteligência.

Aqui é necessário saber que, como no corpo a saúde depende de um certo equilíbrio de humores, assim a verdade é uma espécie de igualdade no intelecto, porque a verdade é a correspondência da coisa e do intelecto. Por isso, como o doente quando não há igualdade na sua complexão, é prejudicado, por qualquer pequeno movimento contrário, assim no intelecto, quando o homem não se baseia na verdade, cai no erro diante da dificuldade de qualquer questão. Por isso diz: *tem a doença das questões, etc.*

In Epistolam I ad Timotheum, 6, 4. — O. c., vol. II, pág. 221.

O SENTIDO DA ESPADA DE DOIS GUMES.

383. “Entre tôdas as coisas, a espada é a mais penetrante por causa da sua agudeza: ainda mais a espada de dois gumes, afiada como está nas duas partes. Sendo que a palavra de Deus é aguda, seja para operar como para conhecer, é por isso que é comparada à espada de dois gumes. Ou pode entender-se também de dois gumes pelo tipo de sua operação, que tem o lado para promover o bem e o lado para destruir o mal.

Ou ainda por causa do conhecimento. Diz-se: *mais de qualquer espada de dois gumes*, isto é, mais que qualquer intelecto humano, que por sua vez se diz de *dois fios* porque tem a via aberta para uma e outra parte da conclusão, até que chega ao fim da perscrutação, onde finca o seu acume, isto é, na verdade. Na ordem das coisas notemos que sempre a causa primeira opera mais intimamente do que aquela que vem depois; por isso é mais íntimo o que é produzido pela

natureza do que o que é produzido pela arte. Sendo portanto Deus simplesmente a causa primeira, por isso a sua operação produz mesmo o que é mais íntimo à coisa mesma: o seu ser”.

In Epistolam ad Hebraeos, 4, 12. — O. c., vol. II, pág. 338.

AS CONDIÇÕES PARA “SABER COMO SE DEVE SABER”.

384. “Se alguém se lisonjeia de saber alguma coisa, êste ainda não conheceu de que modo se deve saber” (1 Cor 8,2).

A êste respeito precisa notar que, para saber como se deve saber, são necessárias nove coisas:

1. humildemente, sem inchar-se. (*Scio humiliari — Si non humiliter sentiebam*).
2. sòbriamente, sem presunção. (*Non judicavi me scire. — Non plus sapere quam oportet*).
3. firmemente, sem hesitação. (*Scio cui credidi et certus sum*).
4. verdadeiramente, sem êrro. (*Semper discentes, et nunquam ad scientiam veritatis pervenientes*).
5. simplesmente, sem engano. (*Oppositiones falsi nominis scientiae*).
6. salutarmente, com caridade e amor. (*Si habuero omnem scientiam, caritatem autem non habuero*).
7. útilmente, com edificação do próximo. (*Alii datur sermo scientiae in eodem spiritu*).
8. liberalmente, com gratuita comunicação. (*Ponam in lucem sapientiam eius*).
9. eficazmente, com boa operação. (*Scienti enim bonum, et non facienti, peccatum est illi*).

A primeira condição (humildade do saber) censura os sábios soberbos, a sobriedade censura os curiosos, a certeza os indecisos, a verdade os hereges, a simplicidade os enredados, a salubridade os airosos, a utilidade os iníquos, a liberalidade os avarentos, a eficácia os ociosos”.

In epistolam I ad Corinthios, 8, 2. — O. c., vol. I, pág. 298.

“QUANDO VIERES, TRAZE CONTIGO OS LIVROS” (2 Tim 4,13)

385. “Mas que importância tinham os livros para o Apóstolo, cheio como era de Espírito Santo? Ainda mais que se aproximava ao seu fim.

Respondo: interessavam-lhe os livros por dois motivos:

primeiro, porque lendo encontrava confôrto (“Habentes solacio sanctos libros”). Nos livros está o remédio para os sofrimentos.

Diz isto talvez também para evitar que os livros sagrados caíssem nas mãos dos infiéis.

Por fim: quanto mais aproximava à morte, tanto mais escrevia; como se diz também de Ambrósio, que não deixou de escrever até o fim da sua última doença, e que morreu depois de ter escrito aquela expressão do Salmo 47: “Magnus Dominus et laudabilis nimis”.

In Epistolam II ad Timotheum, 4, 13. — O. c., vol. II, pág. 257.

CRISTO FÊZ BEM EM NÃO ESCREVER?

386. “Respondo que foi conveniente Cristo não ter escrito sua doutrina.

Primeiro: por sua dignidade: porque, a mais nobre mestre, convém um modo mais nobre de ensinamento: e por isso a Cristo, como ao Mestre mais excelente, convinha êste modo: imprimir sua doutrina diretamente no coração de quem o escutava. Por isso, se diz que “ensinava como quem tem poder” (*Mt* 7,29). Por isso também entre os gentios Pitágoras e Sócrates que foram mestres excelentíssimos, nada quiseram escrever: tendo a escritura êste fim: imprimir alguma coisa no coração dos ouvintes.

Segundo: pela excelência da doutrina de Cristo, que não pode estar limitada em letras, segundo o que diz João: “Há ainda muitas outras coisas que Jesus fêz, que, se se escrevessem por extenso, penso que nem mesmo todo o mundo poderia conter os livros que se teriam de escrever” (*Jo* 21,25): e a êste respeito Santo Agostinho comenta assim: “não se deve entender tal capacidade em sentido espacial, mas no sentido da capacidade dos leitores”. Ora, se Cristo tivesse confiado aos escritos a sua doutrina, os homens pensariam que, verdadeiramente tudo se reduz ao que fôra escrito, isto é, que nada há de mais alto.

Terceiro: para que sua doutrina chegasse a todos, mediante certa ordem: êle queria instruir diretamente seus discípulos, e êstes, por sua vez, teriam ensinado aos outros com a palavra e com os escritos. Ora, se êle mesmo tivesse escrito, sua doutrina teria chegado a todos de forma direta (o que estava fora da ordem pensada por Deus). Pelo que também da sabedoria de Deus se diz que “mandou suas servas chamar à fortaleza” (*Prov* 9,8).

Summa Theologica, p. III, q. 42, a. 1, c.

OS MOTIVOS DA REVELAÇÃO.

387. “Foi necessário, para a salvação dos homens, que, além das disciplinas filosóficas, guiadas somente pela razão humana, houvesse também uma doutrina proveniente da revelação divina.

Primeiro: porque o homem é ordenado a Deus como a fim que sobrepuja a compreensão da mente humana (segundo aquelas palavras: “O olho não viu, ó Deus, fora de ti, o que preparaste a quem te ama” (Is 64,4): ora, é preciso que o fim seja conhecido precedentemente pelos homens, porque eles devem orientar suas intenções e seus atos a ele. Por isso foi necessário aos homens, para se salvarem, que se lhes notificassem, por revelação divina, coisas que estão acima da razão humana.

Segundo: também por aquelas noções que se referem a Deus e que se podem conhecer somente com a razão, foi necessário que o homem fôsse instruído, por meio da revelação divina: porque a verdade que se refere a Deus, investigada somente pela razão humana, acabariam por a ter somente uns poucos homens, depois de muito tempo e entremeada de muitos erros: e todavia, do conhecimento desta verdade depende toda a salvação do homem, (salvação) que reside em Deus. Por isso, a fim de que viesse ao homem a salvação de modo mais conveniente e mais certo, foi necessário que fôssemos instruídos, em mérito às coisas divinas, também por meio da revelação divina. Foi portanto necessário ter, além das disciplinas filosóficas, que se desenvolvem por meio da razão humana, também uma doutrina sagrada, tirada da revelação”.

Summa Theologica, p. I. q. 1. a. 1. c.

SÃO BOAVENTURA

Cardeal - Bispo de Albano - Doutor da Igreja
(1221 - † 14 de julho de 1274)

CORAÇÃO, BÔCA, LÍNGUA, PENA, LIVRO DE DEUS.

388. “Tôda a Escritura é coração de Deus, é bôca de Deus, é língua de Deus, é pena de Deus, é livro escrito por fora e por dentro. Eis no Salmo 44: “Saiu do meu coração uma palavra sublime; eu dedico ao Rei êste meu poema: a minha língua é como pena de ágil escriba”. Coração de Deus: bôca do Pai,

S. BOAVENTURA nasceu no ano de 1221 em Bagnorégio, perto de Viterbo (Itália). Tendo sido curado por intercessão de S. Francisco, na infância, de uma doença grave, entrou na sua Ordem em 1243. Estudou em Paris. Desde 1248 começou êle mesmo a ensinar naquela cidade, até o ano de 1254: foi neste tempo que escreveu muitas das suas obras. Em Paris, ao mesmo tempo, ensinava Sto. Tomás de Aquino: os dois juntos combateram pelo direito dos Religiosos no ensino, direito, que por alguns era fortemente combatido: ganharam muito bem sua causa e juntos foram solenemente introduzidos como Mestres aos 23 de outubro de 1257. Mas mesmo agora Boaventura teve que deixar o ensino, porque eleito Superior Geral da sua Ordem. Tinha 36 anos. Governou com muita sabedoria, encaminhando para boas soluções alguns problemas da Ordem franciscana e favorecendo muito os estudos. Grande orador, viu muitíssimos perto do seu púlpito, também as maiores personalidades da Igreja. Em 1273 foi criado Cardeal e feito Bispo de Albano: com isto Papa Gregório X pensava de tê-lo continuamente ao seu lado para preparar o Concílio de Lião, em que deveria se realizar a reunião dos Gregos com Roma: tal união de fato foi assinada aos 6 de julho de 1274; infelizmente durou pouco tempo. — S. Boaventura morreu naqueles dias, aos 14 de julho de 1274, com a idade de 53 anos. Foi canonizado em 1432 e declarado Doutor da Igreja pelo Papa Xisto V em 1587. A característica que o distingue entre o grupo de suprema distinção dos Doutôres da Igreja é a de “seráfico”, atributo que, enquanto sublinha o calor particular dos seus escritos, denota também a tendência geral da Ordem franciscana em pôr em primeiro plano, também nos estudos, o amor. — Entre as múltiplas obras de S. Boaventura, assinalamos: *O Comentário sobre os quatro livros das Sentenças*; o *Brevilóquio*, que é uma pequena Suma de Teologia; o *Itinerário da mente à Deus*; a *Redução das artes à teologia*; as 23 Conferências (*Collationes*) sobre o *Exâmeron*. Ficam ainda muitos *sermões* pronunciados pelo santo em diferentes ocasiões. Para o uso espiritual da sua Ordem, o Santo Doutor escreveu uma série de opúsculos ascéticos, entre os quais: *A triplíce via*, o *Solilóquio*, o *Madeiro da vida*, as *Seis asas dos serafins*.

língua do Filho, pena do Espírito Santo. O Pai de fato fala por meio do Verbo ou língua; quem depois completa e fixa na memória é a pena de quem escreve. Eis portanto a Escritura “bôca de Deus”. Por isso Isaías diz: “Infelicidades a vós, que vos meteis no caminho para descer no Egito (isto é, nas ciências profanas) e não consultastes a minha vontade” (isto é, a Sagrada Escritura) (*Is* 31,1): de fato não se deve descer a outras ciências para alcançar certeza, se não se recebeu antes o testemunho sôbre o monte, ou seja a palavra de Cristo, de Elias e de Moisés, isto é, do Novo Testamento, dos Profetas e da Lei.

Do mesmo modo a Escritura é “língua”, por aquilo que está escrito: “Leite e mel debaixo da sua língua” (*Cânt* 4,11); “Oh como são doces ao meu paladar as tuas palavras! São melhores do que o mel na minha bôca” (*Sl* 118,103). Esta língua dá sabor aos alimentos: por isso esta Escritura é comparada aos pães, que tem sabor agradável e nutrem.

Assim também é “pena de Deus”, e tal é o Espírito Santo: porque, como quem escreve pode escrever neste momento as coisas passadas, presentes e futuras, do mesmo modo nas Escrituras são contidas as coisas passadas, presentes e futuras.

É livro escrito “por fora” (*Ez* 2,9), porque contém histórias bonitas e ensina as propriedades das coisas; e é escrito também “por dentro” (*l. c.*) porque inclui mistérios e diferentes inteligências”.

Collationes in Hexaameron. XII. 17. — Obras de San Buenaventura. B. A. C., Madrid, tomo 3 (1947), pág. 405.

ORIGEM, DESENVOLVIMENTO, FRUTO DA SAGRADA ESCRITURA.

389. “Dobro os meus joelhos diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual tôda a família que está no céu e na terra toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados em virtude, segundo o homem interior, pelo seu Espírito, e que Cristo habite pela fé nos vossos corações, de sorte que, arraigados e fundados na caridade, possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade (do amor de Cristo para com todos os homens): e conhecer também aquêle amor de Cristo, que excede tôda a ciência, para que sejais cheios de tôda a plenitude de Deus” (*Ef* 3,14-19).

O grande Doutor das gentes e pregador da verdade, cheio de Espírito Santo como vaso eleito e santificado, com estas palavras manifesta a origem, o desenvolvimento e o fim da

Sagrada Escritura, chamada também teologia, e insinua que a *origem* da Escritura está no influxo da Bem-aventurada Trindade, o seu *desenvolvimento* é conforme às exigências da capacidade humana, e o seu *fim* ou *fruto* é a superabundância de uma felicidade pleníssima”.

390. *Origem: a Santíssima Trindade. — A fé: lâmpada, porta, alicerce da Escritura.* — “A origem da Sagrada Escritura, digo, não se obtém por humana investigação, mas só por revelação divina: ela brota do “Pai das luzes, de quem vem tôda a paternidade nos céus e sôbre a terra” (Ef 3,15): dêle, mediante o seu Filho Jesus Cristo promana para nós o Espírito Santo e por meio do Espírito Santo que distribui os seus dons “a cada um como quer” (1 Cor 12,11) recebe-se a fé, “mediante a qual Cristo habita nos nossos corações” (Ef 3,17). Dêste conhecimento de Jesus Cristo, como do seu princípio original promana a certeza e a inteligência de tôda a Sagrada Escritura. Por isso é impossível que alguém chegue a conhecê-la se antes não tenha recebido em si a fé de Cristo como lâmpada, como porta, como alicerce de tôda a Escritura. De fato “enquanto vivemos longe do Senhor” (2 Cor 5,6) é a fé que por tôdas as iluminações sobrenaturais constitui o fundamento que dá firmeza, a lâmpada que orienta e a porta que introduz: e conforme a medida desta fé é necessário que nos seja medida a sabedoria que nos vem de Deus, para que “ninguém saiba mais do que lhe convém saber, mas saiba com sobriedade, e cada um conforme Deus lhe distribuiu a medida da fé” (Rom 12,3). É mediante esta fé, portanto, que se conhece a Sagrada Escritura, pelo influxo da bem-aventurada Trindade, conforme insinua o Apóstolo na primeira parte do texto do que iniciamos”.

391. *Desenvolvimento: abraça largura, comprimento, altura, profundidade de tudo.* — “Quanto ao desenvolvimento da Sagrada Escritura, não é limitado às leis dos raciocínios, das definições e das divisões como as outras ciências, nem se limita a uma parte de todo o grande complexo das coisas: mas, procedendo mais garantidamente conforme a luz sobrenatural, para dar ao homem que está em caminho, conhecimento suficiente das coisas necessárias para a salvação, descreve, parte com palavras claras, parte com palavras místicas, o conteúdo de todo o universo, quase numa Suma ou compêndio geral: nisto consiste a *largura*; descreve o caminho de todos os tempos:

e aqui consiste o *comprimento*; descreve a excelência dos que chegarão à eterna salvação, e nisto está a *sublimidade*; descreve a miséria dos que serão condenados, e nisto consiste a *profundidade* não só do mesmo universo, mas também do juízo de Deus.

Assim a Sagrada Escritura descreve todo o universo quanto convém conhecê-lo para a salvação, conforme a sua amplitude, comprimento, sublimidade, profundidade. Estas quatro propriedades são contidas em todo o desenvolvimento da Escritura, como declarar-se-á mais adiante, porque assim era necessário à condição da capacidade humana, capaz como é de compreender muitas e grandes coisas dum modo magnífico e múltiplice, como um espelho nobre em que se pode descrever não só naturalmente, mas também sobrenaturalmente a universalidade das coisas do mundo, para que dêste modo o desenvolvimento da Sagrada Escritura seja conforme as exigências da capacidade humana”.

392. *Fim ou fruto: a felicidade.* — “A respeito do fim ou fruto da Sagrada Escritura, deve-se dizer que não é um fruto qualquer, mas a plenitude da felicidade eterna. As palavras desta Escritura são “palavras de vida eterna” (Jo 6,69) e foi escrita não só para que acreditemos, mas também para que cheguemos à vida eterna, na qual verdadeiramente enxergaremos, amaremos e constataremos que serão mais que satisfeitos os nossos desejos e logo conheceremos a caridade, que supera tôda a inteligência. Assim estaremos cheios de tôda a plenitude de Deus que se esforça para nos introduzir na divina Escritura, como nos ensina a citada sentença do Apóstolo. Portanto: com êste fim e com esta intenção deve ser estudada, ensinada e também ouvida a Sagrada Escritura”.

393. *Meio: a oração humilde.* — “Para chegar a êste fim ou fruto, andando firmes pelo caminho reto das Escrituras, devemos começar bem: aproximarmo-nos com fé ao Pai das luzes; dobrando os joelhos do nosso coração para que êle, mediante seu Filho, no Espírito Santo, nos dê os verdadeiros conhecimentos de Jesus Cristo e com o conhecimento o seu amor: assim conhecendo-o e amando-o, e como confirmados na fé e arraigados na caridade, poderemos conhecer a amplitude, o comprimento, a altura e a profundidade da mesma Sagrada Escritura, e por êste conhecimento chegar ao conhecimento pleno e ao amor arrebatador ou extático da beatíssima Trindade,

lá para onde se volvem os desejos dos santos: lá onde se encontra o fim e o complemento de tudo o que é verdadeiro e de tudo o que é bom”.

In Breviloquium. prologus. 1-6. — O. c., tomo 1. pág. 166ss.

O BELÍSSIMO POEMA.

394. “Todo êste universo está descrito pela Escritura desde o início até o fim com procedimento muito ordenado, como num bellissimo poema artisticamente formado, onde cada um pode contemplar, no desenvolvimento do tempo, a variedade e a multiplicidade e também a simplicidade, a ordem, a retidão e a beleza dos múltiplos juízos que nascem da sabedoria de Deus que governa o mundo. E assim como ninguém pode relevar a beleza de um poema senão abrangendo com o olhar todos os versos, assim ninguém perceberá a beleza da ordem e do govêrno do universo se não observar tudo no seu conjunto. Mas homem nenhum é de tão grande idade que possa ver tudo com os olhos da sua carne; ninguém pode sozinho prever as coisas futuras; eis então que o Espírito Santo providenciou dando-nos o Livro das Sagradas Escrituras, cuja amplidão se proporciona a todo o govêrno universal”.

L. c., pág. 179.

DO “A B C” DA ESCRITURA AOS SENTIDOS MAIS RECÔNditos.

395. “Quem deseja aprender, procure a ciência na sua fonte, isto é, na Sagrada Escritura, porque nos filósofos não há ciência que dá perdão dos pecados: esta ciência não se encontra nem nas Sumas dos mestres, porque atingiram nos comentários dos santos e êstes por sua vez na Sagrada Escritura. Por isso S. Agostinho diz que pode se enganar êle e podem-se enganar também os outros: na Sagrada Escritura porém, há tanta autoridade que não pode haver engano. E S. Dionísio nos confirma na sua obra de *Divinis Nominibus* que não devemos aceitar nada, além daquilo que nos foi manifestado por Deus nas páginas sagradas.

O discípulo de Cristo deve estudar na Sagrada Escritura como as crianças, que aprendem “a b c” etc. e depois começam a soletrar e em seguida a ler, e mais tarde a unir o sentido das frases. Do mesmo modo devemos nos aplicar em primeiro lugar no texto, e segurá-lo diante de nós, e compreender bem o sentido exato da palavra e não fazer apenas como o judeu que sempre se enquadra no sentido cru e imediato. Tôda a

Escritura é como uma cítara e a corda mais baixa não faz uma harmonia sôzinha, mas deve unir-se ao som das outras. Do mesmo modo um trecho da Escritura depende de um outro, ou melhor: a um trecho da Escritura referem-se mil outros”.

Collationes in Hexameron, XIX, 7. — O. c., vol. III, pág. 544.

NÃO DESCER AO MAR MORTO, MAS SUBIR ÀS FONTES.

396. “A reta ordem exige que antes de tudo o homem se aplique na Sagrada Escritura, seja quanto à letra como quanto ao espírito; só depois passe para os comentários, submetendo-os às Escrituras; em seguida do mesmo modo passe para os escritos dos Mestres e dos filósofos; aqui porém como de passagem e quase roubando, como se não se devesse parar. O que ganhou Raquel, roubando os ídolos de seu pai? Ganhou que foi obrigada a mentir e simular doença; e teve que escondê-los debaixo da sela do camelo e sentou-se em cima: como acontece quando se escondem os cadernos dos filósofos. As nossas águas não devem descer ao Mar Morto, mas devem subir para a sua primeira fonte.

Em segundo lugar, é necessário ter assiduidade: a leitura feita sem ordem é um inconveniente grave, como quem planta ora aqui ora ali, assim ler um pouco de cada coisa. Esta superficialidade externa é sinal da interna e é claro que quem assim age não pode tirar proveito, porque nada lhe se fixa na memória. S. Gregório nos dá êste exemplo: quando alguém vê o rosto de um outro uma vez só, não o reconhece logo; mas enxergando-o muitas vêzes, acabará reconhecendo-o bem. Diga-se a mesma coisa a respeito da Sagrada Escritura: no início apresenta-se escura, mas depois, vendo-a muitas vêzes, torna-se familiar.

Em terceiro lugar é necessário gostar. Como Deus nos faz gostar do alimento porque deu sabor à comida e deu ao gôsto a capacidade de escolher, e estas coisas nos favorecem para assimilar o alimento, assim também é necessário gostar antes da Sagrada Escritura, depois mastigá-la, e no fim, assimilá-la. Para que tomar água turva? Jeremias diz: “Descendo ao Egito, o que deseja's fazer, ir tomar água turva? (*Jer 2,18*) — Antes toma água salutar, isto é, água da sabedoria”.

L. c., pág. 547.

LEVAVA O EVANGELHO DE CRISTO SÔBRE O SEU PEITO.

397. “Entre os outros elogios feitos sôbre as virtudes da santíssima virgem Cecilia, lê-se que levava sempre sôbre o peito o Evangelho de Cristo. Esta coisa parece que deve ser assim interpretada: ela, da vida do Senhor que nos ficou por meio do Evangelho, escolhera talvez algumas coisas para sua particular devoção, e sôbre elas meditava dia e noite com coração puro e íntegro, com atenção férvida e summa e com retôrno cíclico, recomeçando sempre e cada vez mais ruminando com gôsto doce e suave. Assim tudo colocava no segrêdo do seu peito.

Aconselho que tu também faças coisa semelhante. Entre todos os exercícios espirituais êste é o mais necessário, estimo-o o mais profícuo, e estou certo que pode conduzir ao grau mais alto. Em nenhum outro livro poderás ser ensinado assim contra os atrativos vãos e contra as coisas caducas, contra as tribulações e as adversidades, contra as insídias dos inimigos e contra os vícios, como pode ser na vida de Cristo, que foi, fora de qualquer mínimo defeito, perfeitíssima. Pela freqüente e assídua meditação sôbre sua vida, a alma é levada a uma certa familiaridade, confidência e amor dêle, até desprezar e rejeitar o restante. Ainda mais a alma é fortificada e instruída sôbre o que deve fazer e o que deve fugir. Digo antes de tudo que a meditação contínua sôbre a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo fortalece e firma a mente contra as coisas vãs e caducas, como aparece na bem-aventurada Cecilia, como dissemos, a qual tinha de tal modo enchido seu coração da vida de Cristo, que nela não podiam encontrar lugar as coisas vãs: encontrando-se portanto entre o luxo das bodas, mesmo lá onde se fazem muitas coisas vãs, ao som do órgão ela com coração firme atendia sômente a Deus, dizendo: “Senhor, seja imaculado meu coração e meu corpo, para que eu não seja confundida” (SI 118,80).

Meditationes vitae Christi, prologus.

QUEM ENCONTROU ÊSTE LIVRO, ENCONTROU A VIDA.

398. “A sabedoria está escrita tôda em Cristo Jesus, como no livro da vida, em que Deus Pai escondeu todos os tesouros da sabedoria e da ciência. É por isto que o unigênito Filho de Deus, como Verbo não criado é o livro da sabedoria, é a luz na mente do Artífice sumo. Como Verbo inspirado resplandece das razões eternas no intelecto dos anjos e dos bem-aventurados: e como Verbo Encarnado resplandece nas mentes ainda unidas

à carne, de modo que a multiforme sabedoria de Deus, dêle e nêle resplandece para todo o reino, como num espelho em que se refletem o decôro e a beleza de tôda a espécie e de tôda a luz, como um livro em que, conforme os mistérios profundos de Deus, foram escritas tôdas as coisas. Oh se pudesse eu encontrar êste livro, cuja origem é eterna, cuja essência é incorruptível, cujo conhecimento é vida, cuja caligrafia é indelével, cujo estudo é desejável, cuja doutrina é fácil, cuja ciência é doce, cuja profundidade é imperscrutável, cujas palavras são inenarráveis: livro que porém é constituído de uma Palavra só, em que tudo se encontra!

Verdadeiramente quem encontra êste livro encontrou a vida e atinge a saúde do Senhor!"

Lignum vitae, fructus XII (45). — O. c., vol. II, 1946, pág. 348.

CRISTO MESTRE, CAMINHO, VERDADE E VIDA.

399. "Um é o vosso Mestre, Cristo" (*Mt 23,10*). Neste texto declara-se qual é o princípio fundamental da iluminação do conhecimento, isto é, Cristo, que sendo "o resplendor do Pai e vivo retrato da sua substância e tudo dirigindo com sua poderosa palavra" (*Hebr 1,3*) como se lê na Epístola aos Hebreus, é também a origem de tôda a sabedoria, conforme o Eclesiástico: "Fonte da sabedoria é o Verbo de Deus nos céus" (*Eclo 1,5*). De fato, Cristo é a fonte de todo o conhecimento direito, porque é o "Caminho, a Verdade e a Vida" como diz S. João (*Jo 14,6*).

Três são os graus de um conhecimento certo e direito, conforme Hugo (de S. Victor), no tratado de Sacramentis: "Êstes são os três graus que aumentam a fé; com êles, aumentando a fé, procura-se a perfeição e alcança-se: o primeiro, escolhendo por meio da piedade; o segundo, provando por meio da razão; o terceiro apreendendo por meio da verdade". Sôbre estas bases, existem três modos de conhecer: o primeiro é por meio de um devoto assentimento; o segundo por meio de um bom uso da razão; o terceiro por meio da clareza de uma límpida contemplação. O primeiro pertence ao hábito da virtude, chamado fé; o segundo ao hábito do dom, chamado intelecto; o terceiro ao hábito da felicidade, chamado pureza de coração. Sendo portanto três as divisões do conhecimento, isto é, pela fé, pelo raciocínio e pela contemplação, Cristo é o princípio e a causa de todo êste completo conhecimento: da primeira forma porque é o *Caminho*; da segunda porque é a *Verdade*; da terceira porque é a *Vida*".

Christus unus omnium Magister. — O. c., vol. I, pág. 676.

S. ALBERTO MAGNO

Bispo de Ratisbona - Doutor da Igreja
(† 1280)

“VERBO”, DE “VERBERAR”: EFICÁCIA DA PALAVRA.

400. “Escutai a palavra” (Is 1,10). — Escutai para entender, isto é, escutai espiritualmente. Mt 13,9: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”: porque se o ouvido não escuta é um ouvido

ALBERTO nasceu no início do século XIII (parece em 1206) na cidadezinha de Lauingen, na Svevia (Alemanha). Muito prêso pelos estudos e grande admirador da natureza, quando estava na universidade de Pádua, foi atraído à Ordem Dominicana pelo Bem. Giordano de Saxônia. Ensinou em vários conventos dominicanos na Alemanha, e também em Paris (pelo ano 1245). Durante longos anos ocupou-se em compilar sua Enciclopédia científica. De 1248 a 1254 foi chefe geral dos estudos dominicanos em Colônia e teve entre seus alunos S. Tomás de Aquino. De 1254 a 1257 foi Provincial da Ordem na Alemanha. Em 1260 o Papa Alexandre IV fê-lo Bispo de Ratisbona. Reorganizada rapidamente a diocese, em 1263 foi para a Itália para continuar seus estudos: mas o Papa confiou-lhe ainda a pregação de uma Cruzada para a Terra Santa. Conseguiu depois continuar os estudos e o ensino, trabalhos aos quais se dedicou até o fim de sua vida, embora entremeados de freqüentes missões de paz em várias cidades da Alemanha. Morreu em Colônia a 15 de novembro de 1280. — S. Alberto gozou de um prestígio excepcional, mesmo durante sua vida: “nostri temporis stupor et miraculum”: um verdadeiro fenômeno, pela vastidão da sua cultura, pelo ardor e o modo novo da sua indagação (que o fêz ser tido como “mago” na opinião popular), pela habilidade nos vários campos em que se exercitou, e pela particularíssima tendência ao estudo da natureza. Sua produção pode verdadeiramente dizer-se imensa e estende-se a todos os campos do cognoscível. Restam-nos 11 obras de *filosofia natural*, compreendendo as várias ciências, sobretudo os problemas referentes à biologia; 13 livros de *metafísica* etc.; estudos de *matemática* (super Geometriam Euclidis); vários escritos de *filosofia moral*. Extensíssima foi também sua produção no campo teológico, na qual sobressaem comentários às *Obras de Dionísio Areopagita* e às *Sentenças de Pedro Lombardo*; estudos sobre os *Sacramentos*, sobre a *Eucaristia*, sobre a *Santíssima Virgem*. Restam-nos além disso centenas de *Sermões* que acompanham o ano litúrgico. Grande parte da sua atividade foi consagrada ao estudo da Sagrada Escritura: deixou explicações dos seguintes livros: *Jó*, *Salmos*, *Provérbios*, *Jeremias*, *Lamentações*, *Baruc*, *Isaias* (apostilhas), os *doze profetas menores*, *Mateus*, *Marcos*, *Lucas*, *João*. — Há ainda fragmentos sobre o *Cântico dos Cânticos*, *Ezequiel* e sobre as *cartas de S. Paulo*. —

falto de capacidade racional. — *Sl* 113,14: “Têm ouvidos e não escutam”: isto é, tem somente uma aparência de ouvido.

Palavra do Senhor: palavra do Senhor é verdadeiramente *verbo*, que *verbera* a mente e imprime-se profundamente no espírito, a fim de ser percebida: por isso diz-se que é “enxertada”. *Tg* 1,21: “Na mansidão deveis receber o verbo enxertado, que pode salvar as vossas almas”. — *Prov* 20,12: “O ouvido que escuta e o olho que vê, o Senhor fêz a ambos”: fêz o ouvido que ouve, justamente para que antes de tudo ouça a palavra do Senhor”.

Postilla super Isaiam, c. 1, 10. — Opera omnia (Monast. Westfalorum 1952), vol. XIX, pág. 18.

VALOR DA PALAVRA.

401. “*Palavra que foi vista*” (*Is* 2,11). — A palavra vem do oráculo e a visão, da intuição profética: são coisas diferentes, como já notamos. Verbo vem de *verberar*, propriedade que se convém principalmente à palavra divina que verbera a mente e induz ao consentimento. *Hebr* 4,12: “Viva é a palavra de Deus e eficaz e mais penetrante do que tôda espada de dois gumes, que chega até à divisão da alma e do espírito, das juntas e das medulas e perscruta os pensamentos e as intenções do coração”. E tudo isto possui o verbo da verdade divina, pelo fato de ser lume que orienta para tôda verdade. Dêste verbo procede o espírito de caridade. E assim a palavra é fogo que acende o afeto e impele para se orientar para a palavra, a fim de a conceber profundamente e a conservar — *Jer* 20,9: “Eis em meu coração um fogo devorador, fechado nos meus ossos, e eu senti-me desfalecer, não o podendo mais suportar”. — A palavra, pela firmeza da verdade é martelo. *Jer* 23,39: “Talvez minhas palavras não são fogo e como um martelo que quebra as pedras?”

Assim, portanto, pela luz, a palavra informa e prende o intelecto, pelo fogo incendeia o afeto e o faz tender ao que é exigido pela palavra e quebra com a firmeza da verdade tudo o que se ergue contra Deus. — *2 Cor* 10,4-5: “Destruímos

Estas breves notícias dão-nos a razão da extraordinária admiração que cercou êste homem no seu tempo e do título de Doutor da Igreja, solenemente conferido-lhe, juntamente com a canonização, pelo Papa Pio XI em 1931. A denominação muito própria de S. Alberto Magno, no alto círculo dos Doutôres da Igreja é “*Doctor universalis*”, devida à vastidão do seu trabalho em todos os campos do cognoscível.

os designios e qualquer altura que se eleva contra a ciência de Cristo”.

Crítica-se a expressão: “Palavra que foi vista”: porque a palavra não se vê mas ouve-se, também na revelação intelectual: uma coisa é perceber a palavra no oráculo e outra é ver uma coisa por luz inspirada. Por isso não se deveria dizer: palavra que foi vista, mas que foi ouvida. — A êsse respeito devemos dizer que palavra e visão referem-se à mesma coisa quanto à realidade inspirada, ainda que seja diverso o modo da recepção da palavra, que vem pelo oráculo e da percepção visual. Por isso o sentido é: palavra, isto é, realidade, história a mim inspirada pelo oráculo, por isso uma coisa “vista”, quer dizer, recebida como por uma intuição do intellecto iluminado. *Êx* 20,18: “Todo o povo via as vozes”.

O. c., cap. 2, 1. Pág. 35.

SENTIDO DO LIVRO.

402. “*Toma um livro grande*” (*Is* 8,1). — Livro é têrmo que denota a eternidade da verdade. Escreve-se com a finalidade que das coisas que se escrevem fique memória eterna. *Mal* 3,16: “Foi escrito um livro para recordar diante dêle os que temem o Senhor”. Também Platão diz que é suma a utilidade dos livros porque por seu meio as memórias dos passados transmitem-se aos que virão. Ora, o livro de que aqui se trata é uma revelação profética, que é como um espelho de eternidade, em que os profetas lêem a vontade de Deus relativa às coisas futuras. *Bar* 4,1: “A sabedoria é o livro dos mandamentos de Deus e a lei que dura eternamente: todos os que a observam chegarão à vida, os que a abandonam, precipitam-se no abismo da morte”.

O. c., cap. 3, 1. Pág. 120.

RETRATO DO DISCÍPULO, EM QUE SE SELA A LEI.

403. “Sela a lei nos meus discípulos” (*Is* 8,16). — *Sela a lei*. “A lei, segundo que diz Túlio, é o direito escrito, que sanciona o honesto e proíbe o contrário”: isso o devemos dizer sobretudo da lei imaculada do Senhor. — *Prov* 6,23: “O preceito é uma lâmpada, a lei é uma luz e a correção da disciplina é o caminho para a vida”. Esta lei portanto imprime ou “sela” dem odo que seus caracteres fiquem gravados no coração. *Cânt* 8,6: “Põe-me como um sêlo sôbre teu coração”. *Sl* 4,7: “Está impressa sôbre nós a luz do teu rosto, Senhor”.

Nos meus discípulos. Será discípulo se professar a verdade, se estiver unido na caridade, se estiver humildemente sujeito, se escutar com tôda mansidão. Não é discípulo da verdade aquêle que não a professa com todo o empenho e meditação. *Jo* 8,31-32: "Se permanecerdes na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres". Além disso, não é discípulo da verdade quem não a ama. *Jo* 13,25: "Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes recíprocamente". Ainda, não é discípulo da verdade, aquêle que não se sujeita humildemente, prostrado aos pés da verdade. *Dt* 33,3: "Aquêles que se prostram aos seus pés receberão sua doutrina". Enfim, quarto, não é ainda discípulo da verdade aquêle que é protervo e soberbo, não recebe com mansidão a verdade compreendida. *Mt* 11,29: "Aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração".

O. c., cap. 8, 16. Pág. 131.

O "MÍSSIL" DA PALAVRA.

404. "Colocou-me como uma flecha escolhida" (*Is* 49,2). — A flecha é um objeto que é lançado pelo arco e representa editos, ordens, estatutos, sentenças que saem da bôca do Rei. Ora, flecha escolhida é aquela que fere precisamente segundo a intenção do atirador e, perfurando, penetra na mais profunda intimidade. E isto o pode fazer a flecha que tem estas quatro qualidades: reta, aguda, limpa, untada. Reta, pela justiça; aguda pela verdade; limpa pelo esplendor da razão e da equidade; ungida pela gratidão da clemência. *Sl* 119,4: "As flechas do poderoso são agudas": o que é lançado pelo Rei com estas qualidades penetra em tudo e tudo submete ao império real. *Is* 7,24: "Entrarão lá com flechas e arco". — *2 Rg* 1,22: "A flecha de Jônatas nunca voltou atrás".

Escondeu-me na sua aljava. — Aljava é o estôjo onde se guardam os dardos, a Escritura Sagrada e o tesouro da sabedoria divina, de que devem proceder todos os mísseis que do Rei são endereçados ao povo. Diz-se que estão *escondidos*, porque a profundidade da sabedoria divina está oculta e é conhecida sômente por uns poucos. *Mt* 13,35: "Manifestarei coisas ocultas desde a constituição do mundo".

O. c., cap. 49, 2. Pág. 486.

S. GERTRUDES, A GRANDE

(1256 - 1303)

NA ESCOLA DE CRISTO: UMA ALUNA DILIGENTE E AMANTE.

405. “Ó amor mestre, Senhor Deus, mais alto do que os céus e mais profundo do que os abismos, cuja sabedoria admirável só com sua vista forma tôdas as coisas bem-aventuradas, tu que por sôbre os Querubins olhas com transbordante caridade no vale de lágrimas os sêres humildes e recolhes os pequenos para ouvir os teus salutaes ensinamentos, não deixes de lado a mim vilíssima, mas restaura-me, te peço, com a tua doutrina vital. Agrade-te, te peço, receber-me por tua filha, de modo que eu te possua plenamente. Começa desde já a exercer em mim teu magistério, desapegando-me de mim mesma para que eu atenda ao teu amor como ao meu especial ministério. Ó amor, possui, santifica e preenche o meu espírito”.

406. *Intellecto, sentidos, purificação.* — “Sou tua serva, amantíssimo Jesus: dá-me inteligência para compreender os teus preceitos. Ó Deus amor, quanto bem e com quanta diligência tu acalentas e nutres os teus pequenos no regaço do amor! Apraza-te abrir-me a escola da casta dileção, onde aprenderei tua preciosíssima ciência e assim conquistarei uma alma, não só boa, mas santa e perfeita. Ó amor, compenetra meus sentidos com a medula da tua caridade, onde eu me torne por ti uma aluna aplicada e tu mesmo sejas para mim pai, mestre e doutor na verdade. Sob tua bênção paternal, o meu espírito

Menina ainda, em 1261, GERTRUDES entrou para o mosteiro cisterciense de Helfta (Alemanha): aí passou tôda a vida. Apaixonada cultora dos estudos clássicos, passou por um período de tibieza religiosa, de que se livrou em 1281, com uma visão que deu início a uma vida de intensa virtude, de contemplação, de riqueza mística. O estudo dos santos Padres e da Sagrada Escritura deu viva substância aos seus escritos, feitos com uma encantadora fineza de expressão, devida à sua profundeza espiritual, à superabundância dos dons naturais e sobrenaturais recebidos e à rara preparação clássica. Seus escritos são as *Revelationes*, em cinco livros e os *Exercitia spiritualia*, de que extrairemos um gracioso trecho, que nos apresenta a “aluna engenhosa” na escola de Cristo. — S. Gertrudes, que é considerada a maior mística do século XIII, morreu, parece, no ano 1303. Seu culto foi estendido a tôda a Igreja pelo Papa Clemente XII em 1731.

seja inteiramente purificado, como por meio do fogo, de tôda a mancha de pecado, tornando-se assim apto e idôneo a compreender tuas ardentes palavras. Enfim habite em mim, ó amor, teu espírito reto, santo e soberano. Amém”.

407. *Alfa-beta.* — “Que todos os meus pensamentos, palavras e obras possam, ó amantíssimo Jesus, ser dirigidos à observância de tuas leis, em todos os tempos! Ó Deus amor, como estás pronto a auxiliar aquêles que te procuram! Como és doce e amável para os que te encontram! Oh! agora coloca diante de mim teu admirável alfabeto para que eu me dedique contigo a um mesmo estudo. Ensina-me agora, por experiência, o que seja o glorioso *Alfa* do teu amor. Não me ocultes o frutuoso *Beta* da tua sabedoria. Mostra-me acuradamente, ponto por ponto, com o dedo do teu Espírito, cada uma das letras da tua caridade, onde eu, com o ôlho do coração purificado pela verdade, penetre até as tuas delícias as mais escondidas, e perscrute, estude, aprenda, saiba e conheça, quanto é possível nesta vida, os caracteres do alfabeto celeste”.

408. *Tau-omega.* — “Ensina-me com a cooperação de teu Espírito o *Tau* da suprema perfeição e conduze-me ao *Omega* da completa consumação de amor. Faze com que nesta vida, eu aprenda bem a tua escrita, cheia de amor, para que não fique em mim um só *Iota* vazio do teu amor e me seja, por isso, ocasião de demora, quando, ó Deus, doce amor meu, me chamares a ti para te contemplar perpétuamente em ti mesmo. Amém.”

409. *Progresso.* — “Dá-me, ó Jesus, a tua dulcíssima bênção, amado e verdadeiro legislador, para eu progredir de virtude em virtude e ver-te em Sião, ó Deus dos deuses. Deus de amor, quem não te ama é mudo e criança e só aproveita aquê-le que permanece totalmente unido a ti e te ama para sempre. Oh! que na tua escola de caridade eu não fique sòzinha, como um pinto encerrado no ôvo, mas em ti e por ti, ou melhor, contigo avance de dia em dia, de virtude em virtude: faze que cada dia eu recolha novos frutos no campo do teu amor. Não me basta obsequiar-te, mas desejo e anseio intensamente conhecer-te, mesmo no sentido íntimo, amar-te forte, doce e sàbiamente e aderir a ti para sempre, até o ponto de começar a viver não mais por mim sòmente, mas por ti e em ti. Agora, ó amor, faze com que eu te conheça na verdade e coloque na minha alma a tua morada em tôda a santidade. Amém”.

Em: G. Roatta, *Gesù Maestro*, Roma 1955, pág. 330ss.

DANTE ALIGHIERI

(1265 - 1321)

QUANTO SANGUE CUSTOU!

410. De opiniões não tendes fixidade
filosofando, tanto vos transporta
da ostentação e de o pensar vaidade.
No céu menos que isto se suporta
ser a Santa Escritura desdenhada
ou ter inteligência errada e torta.
Para ser pelo mundo semeada
quanto sangue custou pouco se atenta,
e quanto a crença humilde a Deus agrada.
Qual para alardear engenha, inventa;
quando o Santo Evangelho está calado
tais invenções o púlpito comenta.
.....
Desta arte a ovelha, que não sabe o engano
do pasto volta tímida de vento,
desculpa não lhe dá não vendo o dano.

Estes versos são do *Paraíso* de DANTE, terceiro cântico da *Divina Comédia*. Em um poema de arte sublime, todo empregnado de palavra de Deus e de ciência teológica, o autor, o máximo cantor do cristianismo, introduz também a defesa e a exaltação da divina palavra. — A *Divina Comédia*, dividida em três cânticos, do Inferno, Purgatório e Paraíso, é, sob forma de uma maravilhosa viagem aos reinos do além-túmulo, o grande canto do pensamento cristão e a apresentação alegórica da passagem da alma da perturbação do pecado à mais sublime união com Deus. — Dante Alighieri nasceu em Florença em 1265, num clima de liberdade e de grande renovação religiosa, ligada aos nomes de Francisco, Domingos, Tomás de Aquino e Boaventura, que êle canta no seu Paraíso; alcançou alta responsabilidade política, que o levou a uma longa vida de dor e de exílio: e foi justamente o exílio que lhe arrancou os mais sublimes acentos de dor e de amor expressos na *Divina Comédia*. Dante escreveu também algumas obras menores, em poesia e em prosa, dentre as quais a *Vida Nova*, o *Convívio*, a *Monarquia*, e o *De Vulgari eloquentia*. — Dante Alighieri morreu em Ravena em 1321. No sexto centenário de sua morte, dentre muitas outras glorificações do sumo Poeta, houve uma Carta apostólica do Papa Bento XV, "In Praeclara Summorum", que colocou em justa evidência tôda a grandeza dêste cantor das verdades cristãs.

Não disse Jesus Cristo ao seu convento:
parti e ao mundo apregoai mentira;
mas deu-lhes de verdade o fundamento;
ela tão alto, em sua voz se ouvira,
que foi-lhes o Evangelho escudo e lança
nos prélios, de que a Fé vitriz saíra.
Ora em sermões o trocadilho, a chança
estão na voga: o riso provocando
incha o capuz; por nada mais se cansa.

Paraiso, canto XXIX, vers. 85-96; 106-117. — A Divina Comédia, tradução
de José Pedro Xavier Pinheiros, São Paulo (ed. Letra) 1946.

QUE MAIS QUEREIS POR VOSSO SALVAMENTO?

411. As razões pesai bem, que vos inspiram,
cristãos! não sêde pluma a qualquer vento!
As nódoas com tôda a água se não tiram!
Tendes o Velho e o Nôvo Testamento
e da Igreja o Pastor, que os passos guia:
que mais quereis por vosso salvamento?
Se má cobiça o peito vos vicia,
homens sêde e não brutos animais:
que entre vós o judeu de vós não ria.
Como o cordeiro simples não façais,
que contra si combate petulante,
da mãe o leite não querendo mais!

O. c., — Paraiso; canto V, vers. 73-84.

S. CATARINA DE SENA

(1347 - 1380)

SUBLIME PREDOMÍNIO DA VERDADE.

412. “Oh! Verdade, Verdade! e quem sou eu para dar-me a tua verdade? Eu sou aquela que não sou: portanto a verdade tua é aquela que age e fala e sustém tôdas as coisas, porque eu não sou. . .

Oh! divindade, Amor, Verdade, e que posso dizer da tua Verdade? Tu, Verdade, fala da verdade, porque eu não sei dizer nada da verdade, mas sòmente das trevas, sendo que não segui o fruto da tua Cruz, mas segui apenas e conheci as trevas”.

Orationes IX-XIV. Em: J. Joergensen, S. Catarina da Siena, Torino 1940. Págs. 469-70.

SANTA CATARINA, vigésima-quarta filha de J. Benincasa e Lapa Piagenti, nasceu em Sena no ano de 1347. Viveu trinta e três anos, levando sua existência maravilhosamente no sinal de Deus. Aos seis anos teve uma visão; fêz voto de virgindade aos sete anos; passou a primeira juventude em rigorosa e voluntária penitência; em 1363 entrou para as Irmãs Mantellatas de S. Domingos, que se dedicavam às obras de misericórdia. É difícil resumir-se tudo o que de admirável se verificou na peregrinação terrena dessa jovem espôsa de Cristo: da dura penitência à caridade mais heróica, do exercício de um magistério forte, viril, desenvolvido em favor de discípulos reunidos em tôrno dela de várias proveniências religiosas, ao influxo sôbre os reinantes, sôbre as mais altas personalidades da Igreja, sôbre o Papa; da bela atividade de escritora à vida mística nas suas expressões mais preciosas e excepcionais; da humilde serva dos pobres e dos enfermos à exortadora real do Papa no indispensável empenho de reconquistar seu lugar na cátedra de S. Pedro em Roma. Esta vida, que no seu brevíssimo curso terreno teve tanta eficácia de obras, apresenta-se como um dos mais sublimes testemunhos de como Deus “glorifica-se e torna-se admirável nos seus santos” (2 Tes 1,10). — A morte de S. Catarina, que ocorreu em Roma, a 29 de abril de 1380, transformou-se num grande triunfo. Foi canonizada por Pio II em 1461. — Santa Catarina deixou um escrito importante, uma espécie de colóquio entre Deus-Pai e a alma, intitulado o *Diálogo da Divina Providência*, e além disso, um grande número de *Cartas*, cheias de doutrina e de fôrça, dirigidas aos seus discípulos, a Sacerdotes, a Bispos, a Cardeais, a Reis, a Rainhas, e a Papas. Impressionante é o vigor com que se exprime a sua personalidade: o contínuo repetir-se da palavra “sangue” nessas páginas tão fortes, atesta-nos bem que ela, escrevendo, molhava profundamente sua pena no seu coração e sobretudo no sangue redentor do seu Espôso divino.

“És AQUELE MESTRE QUE FAZES E DESFAZES”.

413. “Deus eterno, ó bom Mestre, que fizeste e formaste o bote do corpo da tua criatura com o barro: ó dulcíssimo Amor, de tão vil coisa o formaste e ali colocaste tão grande tesouro, como é a alma, que leva a tua imagem, Deus eterno. Tu, Mestre bom, meu doce Amor, és aquele Mestre que fazes e desfazes; tu quebras e reajustas êste bote, como apraz a tua bondade. A ti, Pai eterno, eu miserável novamente ofereço a minha vida para a tua doce Espôsa (a Igreja), para que, quantas vêzes quer a tua bondade, me tires do corpo, cada vez com mais sofrimentos, basta que eu veja a reformação desta doce Espôsa, a santa Igreja”.

Oratio XXVI. — O. c., pág. 501.

UMA GRANDE IMAGEM DE MISTÉRIO NO ANTIGO TESTAMENTO.

414. “Depois que eu fiz tôda a coisa boa e perfeita, fiz também a criatura racional à imagem e semelhança minha, e coloquei-a neste jardim. O qual jardim, pelo pecado de Adão criou espinhos, onde antes havia flôres perfumadas, puras de inocência e de grandíssima suavidade. Tôda a coisa era obediente ao homem; mas, pela culpa e desobediência cometida, encontrou a rebelião em si e em tôdas as criaturas. Tornou-se selvagem o mundo e o homem, homem que por sua vez é um outro mundo. Mas eu providenciei para que, mandando ao mundo a minha Verdade, o Verbo Encarnado, tirasse a selvajaria; tirei os espinhos do pecado original e o fiz um jardim irrigado pelo sangue de Cristo crucificado, plantando as árvores dos sete dons do Espírito Santo, tirando o pecado mortal. E isto não foi antes mas somente depois da morte de meu Filho Unigênito.

Assim como foi figurado no Antigo Testamento (4 Rs 4,18 ss), quando foi pedido a Eliseu que ressuscitasse o jovem que morrera; mas êle não foi; mandou Giezi com o bordão dêle, dizendo que o colocasse sôbre o rosto do menino. Andando Giezi e fazendo o que Eliseu disse, não ressuscitou, porém. Vendo Eliseu que não tinha ressuscitado, foi êle mesmo e ajeitou-se sôbre o menino por completo e insuflou sete vêzes na bôca do menino. E o menino respirou sete vêzes, dando sinal que ressuscitara. Isto foi figurado por Moisés, que eu mandei com o bordão da lei sôbre o morto da humana geração; porque esta lei não tinha vida, mandei o Verbo (que foi figurado por Eliseu) do Unigênito meu Filho, que se conformou com êste menino morto, mediante a união da natu-

reza divina unida com a vossa natureza humana. Com todos os membros se uniu esta natureza divina, isto é, a potência minha com a sabedoria de meu Filho e com a clemência do Espírito Santo, todo o meu eu, Deus, abismo de Trindade, conformado e unido com a natureza vossa humana.

Depois desta união, o doce e amoroso Verbo fêz outra, correndo como namorado para a morte vergonhosa da cruz. Aí se deitou. E depois desta união doou os sete dons do Espírito Santo a êste filho falecido, inspirando na bôca do desejo da alma, tirando-lhe a morte no santo Batismo. Êste respira dando sinal que tem vida, atirando longe de si os sete pecados mortais. Assim que é feito jardim enfeitado com doces e suaves frutos”.

Dialogo della Divina Provvidenza, Torino 1946, pág. 390s.

“A GLORIOSA LÂMPADA DA SANTÍSSIMA FÉ”.

415. “Oh! abismo, oh! divindade eterna, oh! mar profundo! O que mais podias dar a mim que dar-te a ti mesmo? És fogo que sempre queimas e não consumes: és fogo que consumes no teu calor todo o amor próprio da alma; és fogo que tiras todo o frio; iluminas; com a tua lâmpada me fizeste conhecer a tua verdade; tu és aquela lâmpada sôbre qualquer lâmpada, que fazes luz sobrenatural nos olhos do intelecto, com tão grande abundância e perfeição que iluminas a lâmpada da fé; na qual fé vejo que minh’alma tem vida e nessa luz recebe a ti, luz.

Na luz da fé adquire a sabedoria do Verbo teu Filho; na luz da fé sou forte, constante, perseverante; na luz da fé espero que não me deixes desfalecer pelo caminho. Esta lâmpada ensina-me a via, e sem esta lâmpada caminharía nas trevas; e por isso eu disse a ti, Pai eterno, que me iluminasses com a luz da santíssima fé.

Verdadeiramente esta luz é um mar, porque nutre a alma em ti, mar de paz, Trindade eterna. A água não é turva e por isso não há medo, porque conhece a verdade; ela é cristalina, porque manifesta as coisas ocultas; onde é abundante a abundantíssima luz da tua fé quase certifica a alma daquilo que crê. Ela é um espelho, conforme que tu, Trindade eterna, me fazes conhecer; porque, olhando neste espelho, segurando-o com a mão do amor, me representa em ti, a mim que sou tua criatura, e a ti em mim, pela união que fizeste da divindade na nossa humanidade.

Nesta luz conheço e me represento a ti, sumo e infinito

Bem; acima de qualquer outro bem, bem feliz, bem incompreensível e bem inestimável. Beleza acima de qualquer beleza; sabedoria acima de qualquer sabedoria, também tu és esta sabedoria. Tu, alimento dos anjos; com o fogo de amor te entregaste aos homens. Tu, agasalho que cobre tôda a nudez, alimentas os famintos na doçura tua. Doce sem nenhuma amargura. Oh! Trindade eterna, na tua luz que me deste, recebendo-a com a luz da santíssima fé, conheci, por meio de muitas e admiráveis declarações: aplanando-me a via da grande perfeição, para que com luz e não com trevas eu sirva a ti, seja espelho de boa e santa vida e afaste-me da minha vida miserável; porque sempre, por defeito meu, te servi nas trevas. Não conheci a tua verdade, e assim não a amei.

Por que não te conheci? Porque eu não te vi com a gloriosa luz da santíssima fé, uma vez que a nuvem do amor próprio embaciou o olho do meu intellecto.

E tu, Trindade eterna, com a tua luz diluístes as trevas. E quem poderá chegar na tua altura e agradecer-te o dom tão grande e benefícios amplos quanto aquêles que me fizeste, da doutrina de verdade que me entregaste? Porque é uma graça particular, além da geral que fazes à outras criaturas. Quiseste corresponder à minha necessidade e à das outras criaturas, que dentro se espelharão.

Responde, ó Senhor: tu mesmo entregaste, e responde e satisfazes tu mesmo, infundindo uma luz de graça em mim, para que com esta luz eu te agradeça. Cobre-me, cobre-me de ti, Verdade eterna, para que eu corra essa vida mortal com obediência verdadeira, e com luz da santíssima fé, com a qual parece que novamente embriagas a minh'alma. Deo grátias. Amém”.

O. c., pág. 489-90.

DEVER DA VONTADE: ABRIR A PORTA À LUZ INFINITA DE DEUS.

416. “A tua luz entra em cada alma que abre a porta da vontade, porque ela fica na porta da alma e logo que se lhe abre entra dentro como o sol que fere a janela fechada e logo que ela se abre entra em casa: assim convém que a alma queira conhecer-te, com a vontade abra a vista do intellecto, e então tu, verdadeiro sol, entras na alma e a iluminas de ti. E logo que entras, o que fazes tu, luz de piedade, dentro da alma? Afugentas as trevas e entregas a luz; tiras a umidade do amor próprio e fica o fogo da tua caridade, libertas o coração, porque na tua luz conheceu quanta liberdade tu nos deste”.

Em: J. Joergensen, o. c., pág. 465.

SÃO BERNARDINO DE SENA

(1380 - 1444)

EVANGELHO AUTÊNTICO.

417. “E se não fôr preciso repreender-te, então pregas verdadeiramente o Evangelho.

Outra coisa não é o Evangelho, senão que o homem seja virtuoso, deixe o vício e siga a virtude, tema a pena e ame a glória.

Tôdas as vêzes que me ouvires falar contra o Evangelho, apedreja-me. Se me souberes ensinar doutro modo, como é feito o Evangelho, eu quero sabê-lo. Já ouve tempo em que eu não o pregava, e agora sei que o prego; houve um tempo que eu o balbuciava como sabia e jamais notei fruto algum; agora, de 15 anos para cá, vi que isto é melhor do que eu fazia. Aqui se nos mostram tôdas as coisas e digo-te e afirmo-te que esta é a verdadeira pregação do Evangelho.

Sabes o que faz esta pregação? É como estar-se em um prado, onde há muitas flôres e tu colhes esta flor e mais aquela e aquela outra, e assim fazes uma grinalda e a colocas à cabeça, quando aprendes o que te é necessário aprender.

Se queres salvar a alma para a entregar a Deus, ou não vês que a santa Igreja ordenou tôdas as coisas para a salvação das almas? As Epístolas de São Paulo e dos outros são Evangelhos; ainda que não sejam evangelhos, não são, porém,

BERNARDINO nasceu em Massa Marittima (Siena) da nobre família sienense dos Albizzeschi, em setembro de 1380; ficou órfão aos seis anos; entregou-se bem cedo a diligente estudo das Escrituras e das ciências sagradas e entrou na Ordem dos Frades Menores aos 22 anos. Ordenado sacerdote em 1405, dedicou-se quase em seguida à pregação, que ocupou integralmente sua vida. Em 1417 saiu dos limites de sua Toscana e seu nome tornou-se conhecido por tôda parte. Pregou a Quaresma em um grande número de cidades da Itália, com grande fruto de conversões e de vida cristã: êsses frutos nasciam da santidade de sua vida, da forma popular de sua pregação e do profundo nutrimento escritural da sua eloquência. Teve de sofrer mal-entendidos e acusações, sobretudo pela devoção ao Nome de Jesus de que êle foi o grande apóstolo. Bernardino foi também o principal propagador da reforma dos Observantes na Ordem dos Frades Menores. Dêle restam-nos um grande número de Sermões em latim e em língua vulgar. Morreu em Áquila a 20 de maio de 1444. Foi canonizado no ano de 1450.

contra os evangelhos; mas você diga o que é salvação para os povos e sempre pregarás o Evangelho.

Estas são palavras de Cristo: jamais as ouviste lembrar? Oh! êle foi a boa criatura que disse: "A fructibus eorum cognoscetis eos" (Mt 7,16): do Evangelho vem o fruto. O que julgas que é o Evangelho? É o nome de Jesus, o qual significa Salvador, o qual salva as almas que fazem sua vontade: jamais se quisera pregar outra coisa que não a utilidade das almas.

E a mulher diz: eu quisera que se pregasse o Evangelho como êle é; e eu te digo que seria, às vêzes, melhor que ficasses em casa fiando, antes que à procura de tais Evangelhos.

Procura o que te faz sair da estrada dos pecados e assim matar as ervas e os vermes das ofensas, que se fazem a Deus. Se assim se fizesse matar-se-iam os erros e pecados e vermes e más ervas.

E esta vida tinha S. Francisco, sempre procurando matar tôda erva que poderia produzir uma má semente".

Le prédiche Volgari. Milano, Pág. 1080.

SANTO ANTONINO

Bispo de Florença
(1389 - 1459)

QUEM QUISER VOAR, PONHA AS ASAS!

418. “Todos os dias, como te disse acima, me parece bem que muitas vêzes te ocupes com qualquer devota e útil lição: e isto me parece muito necessário, porque, como dizem os santos, a lição e a oração são duas asas que mantêm a alma devota suspensa no céu, e não a deixam nunca pousar na terra, isto é, em coisas terrenas, por afeto ou por desejo. E assim, como aos pássaros não é possível voar com uma só asa, à alma é quase impossível agradar a Deus perfeitamente, sem lição e sem oração: uma ajuda a outra, e depois a santa contemplação, fá-la andar direito, e isto assemelha-se ao rabo do passarinho (que dá a direção). Recomendo então à tua caridade, que cada dia leias mais vêzes alguma devota lição: e não gostaria que leses muito de uma só vez, de modo que te enfadasses, mas pouco por vez, e alterná-la com a oração, pois que as duas são irmãs: isto é, lê um pouco e depois aplica-te outro pouco à oração. É dêste modo que os santos Padres conduziram sua vida”.

Opera a ben vivere, Firenze 1923. Parte III, 7, pág. 139.

SANTO ANTONINO, da família Pierozzi, nasceu em Florença em 1389. Entrou para a Ordem dos Padres Dominicanos em 1405 e foi ordenado sacerdote em 1413. Teve vários encargos na Ordem: foi superior em Cortona, Fiésolo, Nápoles e Roma. Foi Vigário Geral da Ordem para a Itália central e meridional. Em 1446 teve de assumir o govêrno da Arquidiocese de Florença, onde desenvolveu uma intensa ação em todos os aspectos concernentes a vida cristã. Homem de grandíssima prudência, entre os moralistas mais insignes da história da Igreja e hábil em tôdas as questões jurídicas, exerceu com eficácia que se tornou célebre o difícil apostolado do conselho, a um tal ponto que foi chamado “Antoninus consiliorum”. — As suas maiores obras são a *Summa moralis* e as *Cronicae*. Tem vários outros tratados menores de índole moral, endereçados aos confessores e aos fiéis. Resta ainda uma pequena coleção de cartas. — Aos 66 anos êste homem, sobrecarregado de ocupações, mas do qual foi escrito que sabia ocupar “maravilhosamente” o tempo, encontrou o tempo para escrever, em favor de uma jovem dama de Florença, Dianora Tornabuoni, uma bela regra de vida espiritual, intitulada “*Opera a bem vivere*”, da qual extraímos os dois trechos. — Santo Antonino morreu perto de Florença a 2 de abril de 1459. Foi canonizado a 3 de maio de 1522 pelo Papa Adriano VI.

419. “Sendo que a tua caridade é conjugada e que deves ser sujeita e obediente ao teu marido, por essa razão não te digo de levatares no meio da noite, como os religiosos, para dizer o officio; mas aconselho-te que te levantes com presteza e boa vontade de manhã cedinho. E antes que comeces a vestir-te, ao te ergueres, arma-te com o sinal da santa cruz, dizendo 3 vêzes com o Glória Patri, “Deus in adjutorium meum intende”, isto é, Senhor Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em ajudar-me” (Sl 69,2). E depois, enquanto te vestes, gostaria que, se fôsse possível, tivesses ânimo de aprender de cor aquêlo glorioso Salmo “Qui habitat in adjutorio Altissimi”, o qual S. Agostinho louva por muitas e infinitas virtudes; do qual diz que parece quase impossível a quem o recite, o dia possa decorrer mal, por causa do demônio ou dos homens. E caso não tenhas disposição para dizê-lo, dize algum outro bem.

Salmo 90. – Tu que vives sob a proteção do Altíssimo, que moras à sombra do Onipotente, dize ao Senhor: “Meu refúgio e meu baluarte, meu Deus, em que confio”.

Porque êle me livrará do laço dos caçadores, e da peste perniciosa.

Proteger-te-á com as suas penas, e te acolherá debaixo das suas asas, escudo e broquel é a sua fidelidade.

Não terás mêdo do terror noturno, nem da seta que voa de dia, nem da peste que vagueia nas trevas, nem da calamidade que devasta em pleno meio-dia.

Caiam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não se aproximará de ti.

E tu com os teus olhos contemplarás e verás a paga dos pecadores.

Porque o teu refúgio é o Senhor, puseste o Altíssimo por tua defesa.

O mal não virá sôbre ti, e o flagelo não se aproximará da tua tenda.

Porque mandou aos seus anjos em teu favor, que te guardem em todos os teus caminhos.

Eles te levarão nas suas mãos, para que o teu pé não tropece em alguma pedra.

Sôbre o áspide e o basilisco andarás e calcarás aos pés o leão e o dragão.

Porque se agarrou a mim, livrá-lo-ei, protegê-lo-ei, porque conheceu o meu nome. Invocar-me-á, e eu o ouvirei; com êle estarei na tribulação, livrá-lo-ei e o honrarei. Saciá-lo-ei de dilatados dias, e mostrar-lhe-ei a minha salvação”.

Depois que estiveres vestida, a primeira coisa que deves fazer é te enfeitares bem, o quanto seja possível, não o corpo, mas a alma, adornando-a com devoção, antes de começar o trabalho, imaginando na tua mente que devas estar presente diante de Deus, e de sua gloriosa Mãe e de todos os seus anjos e santos, e ter de falar-lhes. Por isso, dizem os santos que quando nós oramos, falamos com Deus, e quando lemos, Deus fala conosco”.

O. c., parte III, 9, pág. 142s.

TOMÁS DE KEMPIS

(1379 - 1471)

AS ESCRITURAS DEVEM SER LIDAS COM O MESMO ESPÍRITO
COM QUE FORAM DITADAS.

420. “Nas Sagradas Escrituras deve procurar-se a verdade, não a eloquência. Devem ser lidas com o mesmo espírito com que foram ditadas. Busque-se antes a utilidade que a subtileza da linguagem.

Devemos ler, com igual boa vontade, tanto os livros simples e piedosos, como os sublimes e profundos. Não te mova a autoridade de quem escreve, se é de pouca ou de muita erudição; seja o puro amor da verdade que te leve à leitura. Não procures saber quem disse, mas o que foi dito.

Os homens passam, mas “a verdade do Senhor permanece eternamente” (*Sl* 116,2).

De vários modos nos fala Deus, sem acepção de pessoas. Nossa curiosidade, muitas vêzes, nos prejudica na leitura das Escrituras: porque pretendemos entender e discernir tudo, quando conviria, simplesmente, ir além.

Se queres tirar proveito, lê com humildade, com fé e simplicidade e não aspires jamais a ter fama de letrado.

De boa vontade consulta e ouve calado as palavras dos santos: nem te enfades com as sentenças dos mais velhos, porque êles não as proferiram sem razão”.

Imitação de Cristo, lib. I, c. 5.

Esta página tão linda sôbre a leitura da Bíblia é tirada da “Imitação de Cristo”, o livro mais lido e mais universalmente eficaz, depois das páginas da revelação. — Houve longa discussão sôbre o autor da “Imitação”, e parece mais universalmente aceita a paternidade do monge agostiniano *Tomás de Kempis* (Kempen, perto de Krefeld na Renânia, Alemanha), da escola espiritual de Windesheim, na Holanda. De Tomás não temos muitas notícias. Nasceu em 1379, foi sacerdote em 1413; foi superior de Windesheim. Sabe-se que transcreveu a Bíblia tôda 4 vêzes, e deixou bom número de escritos ascéticos, dentre os quais: *De elevatione mentis*, *De mortificata vita*, *De tribus tabernaculis*, *Manuale parvulorum*, *Vallis lilionum*, *Hortulus rosarum*, etc. A *Imitação de Cristo*, dado que lhe pertença, sobressai entre todos de modo excepcional. — A morte de Tomás ocorreu no ano de 1471.

SÃO FRANCISCO XAVIER

Padroeiro de tôdas as missões
(1506 - 1552)

PODER UM DIA CITAR EM PRÓPRIO FAVOR
AS PALAVRAS DE MATEUS 25,20!

421. “Não se fazem muitos cristãos, por estas bandas, porque não há pessoas que se ocupem de coisas tão piedosas e santas. Muitas vêzes vem-me a idéia de ir às Universidades dêsses lugares, especialmente aí, à Sorbona, clamando como um louco, a muitos que têm mais cultura que vontade, para que se disponham a produzir fruto, com ela: quantas almas deixam de alcançar a glória e vão talvez ao inferno por causa dêles! E se assim, como se dedicam às ciências, estudassem que Deus nosso Senhor pedir-lhes-á contas daquelas almas e do talento que lhes deu, muitos dentre êles mover-se-iam, tomando meios e exercícios espirituais para conhecer e sentir dentro de suas almas a vontade divina, para se conformar muito mais com

FRANCISCO XAVIER nasceu em Navarra (Espanha) de nobre família, a 7 de abril de 1506. Doutorou-se em Paris e começou, com felizes esperanças seu magistério. Foi a presença, ao seu lado, de S. Inácio de Loiola que veio dar outra orientação, completamente diversa à sua existência. A 15 de agosto de 1534 com Inácio e outros cinco fêz em Montmartre o voto de ir como peregrino à Terra Santa e dedicar-se à vida apostólica em pobreza e castidade. Foi ordenado sacerdote em 1537. A pedido do Rei João de Portugal e por designação de S. Inácio, partiu para o Oriente a 7 de abril de 1541. Realizou sua intensa e frutuossíssima missão na Índia, de 1542 a 1547. Atraído por algumas circunstâncias para o Japão, aí evangelizou entre 1548 e 1551. De volta do Japão para a Índia, fêz todo esforço para penetrar no imenso império chinês. Por isso ficou oito meses na ilha de Sanciano, onde, por fim, sozinho, sem meios de espécie alguma, adoeceu de pneumonia e morreu a 3 de dezembro de 1552. — Foi canonizado pelo Papa Gregório XIII em 1622. Em 1927 Pio XI proclamou-o, com S. Teresa do Menino Jesus, padroeiro de tôdas as missões. — A vida de S. Francisco Xavier, na plenitude de toda sua manifestação, é uma esplêndida exaltação da “palavra de Deus”: não somente no ardor e no sacrifício imenso por êle realizado para a levar aos grandes povos do Oriente, mas também nas origens de sua profunda transformação espiritual, nascida da meditação muitas vêzes a êle sugerida por S. Inácio, das palavras de S. Mateus (16, 26): “De que serve ao homem ganhar todo o mundo, se depois vier a perder a alma?”

esta vontade do que com suas próprias inclinações, dizendo: "Senhor, eis-me, que quer que eu faça? Mande-me para onde quiser: e se fôr necessário mesmo para a Índia!" Como viveriam mais contentes e com grande esperança da misericórdia divina para a hora da morte, quando se apresentarem ao juízo particular, do qual ninguém se há de eximir, podendo então citar para si mesmos: "Senhor, deste-me cinco talentos, eis aqui, que, com êles, ganhei outros cinco!" (Mt 25,20).

Docum. 20 (A seus companheiros em Roma, 15-1-1544), 8. — Cartas y escritos de San Francisco Xavier, B. A. C. Madrid, 1953. Pág. 115.

UMA PALAVRA PARA DETERMINAR UMA VIDA.

422. "Se soubesse que o Rei conhece o amor sincero que lhe tenho, pedir-lhe-ia um favor, a fim de lhe prestar um bom serviço: e seria isto: que todos os dias se ocupasse por 15 minutos para pedir a Deus nosso Senhor, que lhe desse a graça de bem compreender e melhor sentir em sua alma aquelas palavras ditas por Jesus Cristo: "De que serve ao homem ganhar todo o mundo se depois vier a perder a alma?" (Mt 16,26); e tomasse por prática de devoção, acrescentar no fim de tôdas as suas orações esta pergunta: "De que serve ao homem ganhar todo o mundo, se depois vier a perder a alma?"

Ao P. Simon Rodríguez, 20-1-1548. O. c., pág. 253.

S. TOMÁS DE VILANOVA

Bispo de Valência
(1488 - 1555)

DEUS TORNA-SE MESTRE MAIS DIRETAMENTE NA ESCRITURA, DEPOIS DA ESCOLA DA CRIAÇÃO.

423. "A lei do Senhor é imaculada e converte as almas; o testemunho do Senhor é fiel e dá o conhecimento aos pequenos" (Sl 18,8). Este livro é aquêle da Sagrada Escritura.

Não era suficiente ao homem o conhecimento natural: precisava da sabedoria revelada; porque, como diz o Apóstolo, "êles conheceram claramente o que se pode conhecer de Deus" (Rom 1,19), conheceram-no, isto é, nas criaturas, em que se revela a sua sabedoria, a sua grandeza, a sua bondade, a sua eternidade; mas não se revela aí a Trindade, nem a Encarnação, nem a Redenção, nem a misericórdia, nem a justiça, nem a recompensa para os bons, nem o castigo para os maus, nem o juízo, nem, enfim, a via da virtude, da fé, da esperança, da caridade, da paciência, etc.: coisas cujo conhecimento é necessário ao homem que procura o céu. Deus, portanto, por sua piedade, vendo que não era suficiente o livro da natureza, acrescentou a revelação, para se tornar êle mesmo

São Tomás nasceu em 1488 em Fuellana, província de Toledo, em um momento, em que a família tinha abandonado, por perigo de contágio, sua casa em Villanueva de los Infantes. Em 1503 iniciou seus estudos superiores em Alcalá, para os completar depois na universidade de Salamanca. Foi em 1516, que, depois de madura deliberação, vestiu o hábito religioso na Ordem de S. Agostinho. Em 1520 foi ordenado sacerdote e dois anos depois iniciou aquêle apostolado da pregação que deu grande valor ao seu sacerdócio e ao seu episcopado e que lhe conserva um lugar cada vez mais distinto na memória da Igreja. Foi prudente diretor de almas e exerceu importantes cargos no seio de sua Ordem. Tinha conseguido evitar o episcopado de Granada; mas em 1544, quando era prior em Valladolid, não conseguiu mais fugir à ordem superior e foi designado para a Igreja catedral de Valença. Seus 11 anos de episcopado foram grande modelo de atividade pastoral, de rigorosa disciplina pessoal e de uma caridade que ficou em grande bênção. Morreu em extrema pobreza no ano de 1555. Restam-nos de S. Tomás alguns tratados espirituais sôbre: leitura, meditação, oração, contemplação e explicação das bem-aventuranças. Mas a maior herança é constituída pelos *Sermões*, entre os quais são de grande excelência pela profunda doutrina e piedade os que têm por objeto a SS. Virgem.

Mestre, depois que fôra Criador: e dignou-se de fazer escrever para ensinamento do mundo, ampliando e explicando mediante a lei escrita o conhecimento natural.

Por isso, diz o Apóstolo S. Tiago: "Recebei com docilidade a palavra que é inserida em vós" (1,21): uma vez que o que fôra pela criação impresso na natureza, no-lo dá ainda mais explícito por meio do seu ensinamento: e o que já dissera pelas criaturas, no-lo diz mais explicitamente mediante as Escrituras.

Que grande dívida temos! Que sabedoria admirável e digna de veneração! Ela não saiu da bôca de Sócrates nem de Platão, mas sim da fonte perene, do abismo da divina Sabedoria".

Sermões de la Virgem y obras castellanas. Serm. I. — B. A. C., Madrid 1952, pág. 179ss.

MARIA, O PERGAMINHO VIRGINAL SÔBRE O QUAL
FOI ESCRITO O LIVRO EXEMPLAR DO VERBO.

424. "Grande clemência e providência admirável de Deus! O Senhor conheceu muito bem a nossa grosseria, rudeza e ignorância, e também a nossa incapacidade de compreender a sua palavra e de tomar conhecimento da sabedoria revelada, por que temos escassas capacidades. Por isso, movido pela piedade, transcreveu praticamente em outro livro exímio, claro e ideal, quanto já teòricamente nos tinha ensinado no livro da natureza e no livro da Escritura: fêz como aquêles que, querendo nos dar uma idéia de uma casa, desenharam-na e a recopiam sôbre pergaminho; como os geômetras que traçam com um compasso sôbre o papel o que ensinam, para que entre pelos olhos o que não é possível perceber ouvindo. Êste livro é o Verbo Encarnado, em que nos foi designada tôda a vida espiritual e cristã, como nos foi proposta no Evangelho e nos outros escritos, para que aí possamos ler claramente a caridade, a penitência, a humildade, a mansidão, a santidade, o desprezo do mundo e tôdas as demais virtudes.

Êste é o livro dos justos: êles o perscrutam; sempre têm êste manual entre as mãos e debaixo dos olhos; êste manual do qual Jó dizia: "Quem me dera que aquêle que julga descrevesse o processo êle mesmo?" (31,35): quer dizer que o juiz escreva em si mesmo a sabedoria da vida que manda. "A cada um dos meus passos repetiria suas palavras" (31,37), isto é, sempre terei diante dos meus olhos êste exemplar, nos meus negócios, nos meus jantares, nas minhas viagens, em

qualquer trabalho em que me ocupo. “E o apresentaria como a um príncipe” (31,37), isto é, servir-me-ia de leitura e de imolação.

O amanuense dêste livro é Deus mesmo; a pena é o Espírito Santo; o pergaminho é o seio da Virgem; a tinta é o seu puríssimo sangue. No seu seio foi escrito, compaginado e encadernado êste livro: com o seu sangue foi desenhado o sacratíssimo caráter do Verbo divino...

Vejamos agora como foi escrito. “A minha língua transformou-se em pena de ágil escriba” (Sl 44,2). De que língua se trata? Observemos: “Não sois vós que falais então, mas o Espírito Santo que fala em vós” (Mt 10,20); e no Credo: “E no Espírito Santo, Senhor, que falou por meio dos Profetas”. É esta a língua que se transformou em pena, empaginando e compondo no seio da Virgem: “O Espírito Santo descera sobre ti” (Lc 1,35). Ele escreve muito veloz. Com que velocidade escreve! Num instante foi formado o corpo, dotado de órgãos, vivificado, feito cheio de graça, de sabedoria, de glória, como se encontra agora no céu. A graça do Espírito Santo, diz S. Ambrósio, não conhece a lentidão nas suas obras.

Oh! escritura ilustre, oh! incisão excelentíssima, em que se esconde tal Verbo eterno! Oh! escritura excelsa, que agora nos é proposta como leitura para todos os mortais: “Em que estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus” (Col 2,3). Sôbre a beleza e sublimidade desta escritura continua: “Ês o mais formoso entre os filhos dos homens: a graça está difundida nos teus lábios” (Sl 44,3). Em que livro, em que papiro encontra-se incisa esta escritura? No puríssimo pergaminho virginal, sem marca infamante de pecado”.

L. c.

SABER OUVIR A PALAVRA.

425. “E que fazia lá aos pés? — Ouvia a sua palavra divina” (Lc 10,39).

Não deixes que na contemplação fale a tua alma: ó alma, vieste para ouvir, não para falar. Porque, gracinha que és! tens que interromper o Senhor que fala? O Salmista diz: “Ouve, ó filha e considera” (Sl 44,11). Não diz: “fala”. E insiste: “Ouvirei o que Deus, meu Senhor, dirá”: porque fala dentro de mim, e a minha inteligência resultará quase sua língua, por meio da qual me diz o que deseja.

Oh! palavra doce, palavra quente! Quanto deleita, excita e eleva minh'alma esta linguagem!... Estas tuas palavras, ó Senhor, estimulam-me a trabalhar, purificam-me, confortam-me, deleitam-me, robustecem minh'alma para tôdas as boas obras".

Sermo 8. O. c., pág. 480.

A VIRGEM À FONTE DAS ESCRITURAS.

426. "Veio no mundo o núncio de Deus, e encontrou a Virgem perto da fonte das águas, isto é, quando estava meditando as Cartas divinas e tirando celestiais inspirações da profundidade da Escritura".

Serm. 3. O. c., pág. 280.

S. INÁCIO DE LOIOLA

(1491 - 1556)

PRIMEIROS CONTATOS HUMILDES COM A PALAVRA DE DEUS.

427. “Não se preocupando com nada, perseverava em sua leitura e nos seus bons propósitos e o tempo em que permanecia com os de casa, dedicava-o às coisas de Deus, de que eles tiravam proveito para suas almas.

Sentindo muito prazer naqueles livros veio-lhe o pensamento de copiar as coisas mais essenciais da vida de Cristo

S. Inácio nasceu em 1491 no castelo-fortaleza de Loiola, em Guipuzcôa (Espanha). Educado religiosamente, teve uma juventude toda ocupada em interesses mundanos, até o dia do ferimento em Pamplona (20 de maio de 1521) que o obrigou a longa inatividade e convalescência: será este o caminho pelo qual Deus o levará à sua grande missão. Nos dias de sua enfermidade, os livros “Flos sanctorum” e “Vida de Cristo” de Ludolfo de Saxônia inspirar-lhe-ão novos pensamentos, acompanhando-o gradativamente ao serviço de Cristo. A gruta de Manresa em 1522 pô-lo-á em altíssimo contato com Deus e o fará iniciar os apontamentos que constituirão os *Exercícios espirituais*, obra tão recomendada pela Igreja pela forte orientação das almas. Em 1523 S. Inácio fez uma peregrinação à Terra Santa. Depois consagrou-se ao estudo: em Barcelona, Alcalá, Salamanca, Paris, Bolonha, Veneza. Em 1534 em Paris reuniu o primeiro grupo de adeptos, homens de valor, como Fabro, Xavier, Laines, Salmeron, Bobadilla, Rodriguez, com os quais fez em Montmartre, a 15 de agosto de 1534, este voto: apostolado em pobreza e castidade até o martírio por Cristo, em plena obediência ao Romano Pontífice. Em 1539 foi oficialmente fundada a Companhia de Jesus: a primeira profissão teve lugar na Basílica de S. Paulo em Roma em 1541. Em 1548 obteve a aprovação papal do livro e da prática dos exercícios espirituais. Em 1551 fundou o Colégio Romano. Nos anos 1546-1549 escreveu as Constituições da Companhia. Em 1550, com a aprovação definitiva da Companhia pelo Papa Júlio III, S. Inácio procurou retirar-se da direção do seu Instituto, mas, unanimemente confirmado, dedicou-se a organizar por toda parte a obra dos seus religiosos e a confirmar em forte espírito de obediência a atividade de suas casas. S. Inácio morreu em Roma a 31 de julho de 1556. Foi canonizado a 12 de março de 1662. Além do livrinho precioso dos Exercícios, restam ainda de S. Inácio as *Constituições* para a Companhia de Jesus, a *Autobiografia*, o *Diário espiritual* de um período de sua vida, que nos revela os dons místicos por ele amplamente recebidos (especialmente durante a celebração da Santa Missa) e 155 *Cartas* dirigidas a altas personalidades e a seus religiosos.

e dos santos: e assim começou a escrever um livro com muita diligência, porque já começava a se levantar um pouco por casa: as palavras de Cristo as transcrevia com tinta de uma côr, e as de Nossa Senhora com tinta azul e o papel era lustroso e pautado e de boa caligrafia, porque escrevia muito bem. Passava parte do tempo escrevendo e parte orando”.

Autobiografia, 1ss. — Obras completas de S. Inácio d. L. B. A. C. Madrid 1952, pág. 36.

CONGRATULAÇÕES COM S. FRANCISCO XAVIER POR SE TER ABERTO NO JAPÃO A PORTA PARA O EVANGELHO.

428. “Não recebemos aqui êste ano vossas cartas, que ouvimos dizer que escrevestes do Japão e que ficaram em Portugal; apesar de tudo isso, alegramo-nos muito no Senhor porque chegastes com boa saúde e abriu-se a porta à pregação do Evangelho, nessa região. Praza àquele que a abriu, fazer por ela sair da infidelidade e entrar no conhecimento de Jesus Cristo, nossa salvação e salvação de suas almas, essa gente. Amém”.

Carta 71 (ao P. Francisco Xavier, 31-1-1552). O. c., pág. 809.

FUNDAMENTO ESCRITURAL DO GOVÉRNO E DA OBEDIÊNCIA.

429. “É de máxima eficácia o exemplo de Cristo nosso Senhor, que vivendo com seus pais “era-lhes submisso” (*Lc 2,51*). Também era submissa nossa Mãe comum, a Virgem Maria, à José: a êle o anjo fala como ao chefe. “Toma contigo o Filho e sua Mãe” (*Mt 2,13*). O mesmo Cristo nosso Senhor, vivendo com os discípulos, dignou-se fazer-se-lhes de superior e devendo depois afastar-se, com sua presença corporal, deixou S. Pedro como chefe dos outros e de tôda a Igreja, confiando-lhe a missão de governar: “Apascenta minhas ovelhas” (*Jo 21,17*). E fêz isso também depois que os Apóstolos se encheram do Espírito Santo. Ora, se êles tiveram necessidade de um superior quanto mais qualquer outra congregação! Lemos também que a Igreja primitiva de Jerusalém teve como chefe S. Tiago Menor; e nas sete Igrejas da Ásia havia os sete chefes que S. João no Apocalipse chama de anjos: e o mesmo nas outras igrejas: os chefes eram constituídos pelos Apóstolos e S. Paulo exorta a obedecer-lhes: “Obedecei aos vossos superiores e sêde-lhes submissos” (*Hebr 13,17*). E assim agiram todos os que sucederam a êles até hoje. De modo especialíssimo então, entre as pessoas religiosas, começando-se pelos anacoretas e pelos primeiros fundadores de congregações reli-

gias, até os nossos dias, sempre se terá observado o seguinte: que onde estão reunidas várias pessoas, entre êles há um chefe que fala com autoridade e governa os outros membros.

Além dos exemplos, movem-nos também as razões. Porque, se devemos ter como melhor aquêlo modo de viver no qual se presta o mais agradável serviço a Deus, encontrá-lo-emos onde todos fazem a oblação da obediência, que é aceita sobre todos os sacrifícios: "A obediência vale mais que o sacrifício e a docilidade, mais que a gordura dos cordeiros" (1 Rs 15,22). E isso não é sem motivo, porque se oferece bem mais, oferecendo-se o próprio modo de ver, a vontade e a liberdade, coisa máxíma no homem, do que se se oferecesse qualquer outra coisa. Além disso, êsse sistema de vida ajuda a conseguir tôda a virtude, porque, segundo o que diz S. Gregório (Agostinho), "a obediência não é tanto uma virtude, como, de preferênciam, mãe de virtudes" (Agost PL 42,613).

E não é nada de se admirar, porque ela faz conseguir-se de Deus tudo o que se pede, como diz êsse mesmo Padre: "Se obedecermos aos nossos Superiores, Deus obedecerá às nossas orações" (Agost PL 40,1344). — Di-lo alhures também a Sagrada Escritura, antes dêle, falando de Josué, que soube muito bem obedecer a Moisés, seu superior e dizendo que, justamente por isso, não somente a êle obedeceu o sol, parando à sua ordem: "Sol, para em Gabaão" (Jos 10,12), mas que o mesmo Deus onipotente obedeceu-lhe, o mesmo criador do sol e de tôdas as coisas: "Javé escutou a voz de um homem!" (Jos 10,14).

Carta 38 (aos Padres e Irmãos de Gandia, 29-7-1547). O. c., pág. 736ss.

Bem-aventurado JOÃO DE ÁVILA

Apóstolo da Andaluzia
(1500 - 1569)

A QUE PREÇO SE RECEBE O DOM DE COMPREENDER AS ESCRITURAS.

430. “Para a compreensão da Sagrada Escritura, digo-lhe que é Deus nosso Senhor que a entrega, em troca de perseguição. “A vós — é o próprio Senhor que fala — foi dado de conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos outros por parábolas” (Mc 4,11).

Quem são êstes “vós”? A vós, discípulos meus, que não colocais os vossos desejos neste mundo, antes, o desprezais; a vós, perseguidos por minha causa, transformados em lixo dêste mundo. Se um pouco daquela compreensão Deus me concedeu — e a recebi — isto foi em troca desta outra. E sem isto para nada serve saber ler. Parece-me enxergar que muitos lêem S. João e S. Paulo e Isaías, e logo pensam de saber a Escritura, e vejo muitos, que lêem, que depois não sabem nada dela. E assim constato que se apreende sòmente se abre, des-

JOÃO DE ÁVILA nasceu em Almodovar del Campo, em 1500. Ficou conhecido de todos, sob a denominação de “Mestre Ávila”, e verdadeiramente, o nome de Mestre no sentido mais nobre e completo, como convém a um santo sacerdote, é o que melhor caracteriza êste homem de Deus. Através de uma intensa obra de pregação (à qual se entregou, depois de ter renunciado às missões da América), de direção espiritual, de instituição de escolas, de formação e direção do Clero, êle exerceu um influxo dos mais benéficos, fortalecendo muito os espíritos contra os erros da pseudo-reforma. Exerceu seu apostolado, primeiro em Sevilha, depois em Córdoba e por fim, em Granada: na Andaluzia sua ação teve a maior amplitude, pelo que é conhecido como o “Apóstolo da Andaluzia”. Ai êle fundou diversos colégios, dentre os quais o mais importante é a Universidade de Baeza, iniciada em 1538. Com um grupo de sacerdotes que se tinham reunido a êle, o Bem. João cuidou das missões populares, da direção espiritual e do ensino da juventude. Foi amigo e diretor espiritual de vários santos que lhe testemunharam a máxima estima: dentre êles S. João de Deus, S. Francisco Borja, S. Inácio de Loyola, S. Teresa de Ávila. Além do precioso escrito, verdadeira obra-prima da literatura mística, intitulado *Exposição do versículo: Audi filia et vide* (Sl 44), resta-nos de João de Ávila, um abundante epistolário, que nos revela em cada página sua fortaleza de espírito e sua segurança na direção das almas. João morreu em Montilla (Córdoba) a 10 de maio de 1569.

obre e ensina o sentido da Escritura aquêlê Senhor que segura a chave, o poder, a autoridade no reino espiritual da Igreja, figurada no reino de Davi. Aquêlê que é tanta verdade, que, como diz S. Jerônimo, nenhum outro pode ensinar o verdadeiro sentido da Escritura senão o Senhor, êle só.

Padre, eu não sei mais o que lhe dizer, senão que os leia portanto; e quando não os compreende, procure algum santo que os tenha interpretado, especialmente leia S. Agostinho, *Contra Pelagianos* e contra outros daquela seita; e tome um crucifixo e diante dêle compreenda tudo, porque êle é tudo e todos pregam-no. Reze, medite e estude. Não sei outra coisa”.

Epístola 2. — Obras completas. B. A. C., Madri 1952, vol. I, pág. 276.

DEUS AUTOR DA PALAVRA, TAMBÉM SENDO PAULO QUE ESCREVEU.

431. “Espera: não disseste que esta palavra foi dita por S. Paulo?

— Sim, mas não é mais verdade o que foi pregado por Deus Encarnado daquilo que foi escrito por S. Paulo.

— Mas não há diferença entre Deus e S. Paulo?

— Se Paulo tivesse falado como Paulo, de acôrdo. Mas Paulo empresta a língua e a garganta, Paulo empresta a voz: a palavra, porém, ela é de Cristo. Diz Agostinho: quando alguém vai semear, leva um saco, que pode até estar sujo de barro; mas a semente que está dentro é linda: a semente que está no saco não será boa pelo simples motivo de estar no saco.

S. Paulo, Isaiás, Jeremias sabeis quem são? Recipientes da semente ou palavra de Deus: não desprezeis a semente, também se o cesto fôsse desprezível. O Concílio de Trento... aprovou como canônicos todos os livros da Bíblia, a exceção do terceiro e quarto livro de Esdras. O que diz S. Paulo nas suas Epístolas é verdade como o que disse Cristo no Evangelho, porque tudo é dito por um único e mesmo Espírito”.

Serm. 28. — O. c., (vol. II), pág. 406.

FALSA GLÓRIA EM PREJUÍZO DA PALAVRA DE DEUS. — BASE DE INTERPRETAÇÃO: O PENSAMENTO DOS SANTOS E A ABSOLUTA GARANTIA DA IGREJA ROMANA.

432. “Duas são as coisas em que erraram muito, com erros irremediáveis. Uma é quando chegam a dizer: “O Espírito

de Deus me ensina; êle me dá satisfação”: porque então nasce nêles a impressão que se submeter ao parecer dos outros seja crer mais ao homem do que a Deus, e fogem do remédio de Deus, pondo em exposição a glória de Deus, quando na realidade servem à própria soberba.

A outra coisa é vangloriar-se a si mesmos com a palavra de Deus e com a inteligência que dela procuram. Estes costumam exaltar bastante a honra da divina Palavra, e é tão grande o seu êrro que enquanto pensam em orientar-se por meio dela, são ao invés dirigidos pelo próprio sentido, porque querem entender a palavra de Deus como apraz a êles, e não de modo certo; e, concluindo, dizem que só a palavra de Cristo tem que reinar, mas chegam a querer que reine sua própria idéia, porque estabelecem que são êles que dão o sentido à palavra de Deus, e dão um jeito para que diga isto e aquilo.

Haveria alguma coisa mais mutável e incerta do que a Igreja cristã, se tivéssemos que acreditar em cada um que afirma possuir o sentido da palavra de Deus? Isto seria verdadeiramente ser dirigidos pelo parecer de homens, porque também se há a palavra de Deus, a compreensão é pessoal de cada um.

Ê por isso que o Senhor, que nos deu a sua palavra, nos deu também os homens santos nos quais viveu, para que nos declarassem a Escritura naquele mesmo sentido em que foi escrita, para entender a qual não é suficiente nem fina inteligência, nem juízo bem calculado, nem as muitas disciplinas, nem o contínuo estudo, mas sômente a verdadeira luz do Senhor, de que somos muito mais certos que residiu nos santos Mestres passados, do que nestes de hoje que não são santos. E se os passados, como homens, tivessem errado em alguma coisa, para isto existe a santa Igreja Romana, à qual foi entregue, no seu Pontífice, o poder das chaves do reino dos céus e de apascentar a Igreja universal: e a quem foi entregue isto, foi dada também a luz para distinguir e julgar qual é a verdadeira doutrina e o verdadeiro sentido da Sagrada Escritura: porque, como teria a chave, senão abre a verdade, por quanto possa ser fechada? E quem apascentaria senão me dissesse o que tenho que acreditar, sendo que o alimento, na realidade, é constituído de doutrina?”

Epistola 9. — O. c., vol. I, pág. 306.

PALAVRA: REMÉDIO AMARGO INFALÍVEL.

433. “Não há giló, nem comprimido desagradável que revolte o estômago como a palavra de Deus. Ninguém espere ser consolado por Deus, se antes não fôr por êle amargurado. Se queres ser consolado, debes ter dores e temores, debes ficar agitado, com o perigo, se não fôr assim, de que não seja palavra de Deus aquela que ouviste”.

Serm. 28. — O. c., vol. II, pág. 407.

SANTA TERESA DE ÁVILA

(1515 - 1582)

EVANGELHO, FONTE.

434. “Bendito seja êle, que nos convida para que vamos beber no seu Evangelho!”

Caminho de perfeição. XXXI. 8. — Obras completas. B. A. C.. Madrid 1954. vol. II, pág. 159.

Sobre a vida espiritual e sobre a obra desenvolvida por SANTA TERESA DE ÁVILA, somos informados pela “Vida” que ela mesma escreveu, a fim de que seus diretores espirituais tivessem dela o conhecimento indispensável. Nascida em Ávila em 1515, de nobre família, ela entrou aos 20 anos para a Ordem Carmelitana. Seus primeiros anos de profissão religiosa foram de grande fervor, embora não favorecidos pela saúde. Recuperada esta, em 1540, caiu em um período de uns 15 anos de mediocridade e relaxamento espiritual, pontilhado de vários defeitos, a ponto de ela falar de autêntica “conversão” quando, em 1555, na contemplação do “Ecce homo” e à leitura das “Confissões” de S. Agostinho, enveredou para uma vida de alta perfeição, que Deus se dignou acompanhar com favores excepcionais. A esplêndida floração de santidade na Espanha daquele século, deu-lhe o auxílio indispensável para sua grande obra de Reforma: S. Francisco Borja, o Bem. João de Ávila, S. Pedro de Alcântara, S. João da Cruz, socorreram-na em vários tempos com as melhores orientações. Foi em 1560 que a santa se encaminhou para o apostolado, chegando a abrir seu primeiro mosteiro reformado em 1562: foi o mosteiro de S. José em Ávila. Nos anos seguintes S. Teresa fundará outros 16 mosteiros, e com S. João da Cruz cuidará também da reforma na Ordem Carmelitana masculina. Naturalmente nem tudo lhe será fácil: ao contrário, terá lutas; mas a obra, desejada por Deus, dará seus grandes frutos. Longe de a privar de sua exuberante vida interior, a obra das fundações (que ela narra justamente no *Livro das Fundações*) torna-se-lhe de auxílio e de confirmação na união com Deus e no seu grande apostolado de escritora. — Em 1577 compôs sua grande obra-prima, intitulada *O Castelo interior*. Outros escritos de Santa Teresa são as 66 relações, que completam a Vida; as *Exclamações* ou *orações*; *Pensamentos sobre o Cântico dos cânticos*; as *Constituições*; cerca de 300 *Cartas* e um bom número de *Poesias*. — Estes escritos, que atestam como Deus se digna operar para o bem da sua Igreja “etiam in sexu fragili”, não somente com o martírio e a virgindade mas também com a obra difícil e delicada do magistério da pena, exaltam a vida mística e põem em evidência de modo insuperável os vários graus e a graça da oração: é sobretudo neste campo que se costuma conceder à grande mística espanhola a auréola do “doutorado” comumente reconhecido, ainda que não oficialmente decretado. — Grandes amarguras favoreceram a última purificação de Santa Teresa, em preparação para o céu. — Morreu em viagem para Ávila a 4 de outubro de 1582. Foi canonizada em 1622.

CRISTO MESTRE NOS AMA ATRAVÉS DO EVANGELHO.

435. “Sempre tive afeição e me edificaram mais as palavras dos Evangelhos do que de outros livros mais eruditos; especialmente se não eram de autor muito aprovado, não tinha vontade de os ler.

Vinculada, portanto, a êste Senhor e Mestre de sabedoria, quem sabe lá que não vos ensine alguma coisa que vos torne contentes? Não digo que darei explicações sôbre estas orações divinas — porque já foram escritas até demais, e não ousaria fazê-lo também se não existisse nenhuma, porque seria despropósito — mas só alguma consideração sôbre as palavras do Pai-Nosso. Porque às vêzes com muitos livros parece que se está perdendo a devoção mesmo lá onde deveríamos ter mais; enquanto que está claro que o Mestre, quando ensina uma coisa gosta do discípulo e dá um jeito para contentá-lo com o que lhe ensina e o ajuda mais que pode para que êle aprenda. Assim fará conosco êste Mestre celeste”.

Caminho de perfección. — O. c., vol. II, pág. 171.

MAL SUPREMO DO MUNDO: NÃO CONHECER
A VERDADE DAS ESCRITURAS.

436. “Nesta majestade foi-me dado de entender uma verdade que é completamente de tôdas as verdades; não sei dizer como, porque não vi nada; mas foi-me dito, sem ver quem, e compreendi bem que era a verdade mesma: “Não é pouco isto que faço para ti, antes é uma das coisas pela qual mais deves ser obrigada: porque todo o mal que vem no mundo é por não conhecer com verdade segura a verdade da Escritura: dela não cairá um só til”. A mim me parece que sempre tivesse acreditado nisto e que acreditassem também todos os fiéis. Disse-me: “Ah! filha, são poucos que me amam de fato! se me amassem, eu não esconderia os meus segredos. Sabes o que é me amar de fato? Compreender que é tudo falso o que não agrada a mim...”.

Aqui o Senhor disse-me uma palavra especial, de grandíssimo favor. Não sei como isto foi, porque não enxerguei nada, mas fiquei, que nem sei dizer como, e com grandíssima fôrça e tomando muito a sério o dever de praticar com tôdas as minhas fôrças a mais pequena parte da Escritura divina”.

Libro de la Vida, c. 40, Iss. — O. c., vol. I, pág. 568.

SÃO JOÃO DA CRUZ

Doutor da Igreja
(1542 - 1591)

AGORA TUDO SE COMPENDIA EM CRISTO,
PALAVRA ÚNICA DE DEUS.

437. *O motivo pelo qual se multiplicavam as revelações na antiga Lei.* — “A causa principal por que essas perguntas feitas a Deus eram lícitas na antiga Lei, era não estarem bem assentados os fundamentos da fé, nem estabelecida a lei evangélica. Assim era mister interrogar a Deus e receber as suas respostas, fôsse verbalmente, ou por meio de visões ou revelações, fôsse em figuras ou símbolos, ou afinal por sinais de qualquer outra espécie. Porque tôdas essas palavras e revelações divinas eram mistérios da nossa fé, referentes ou relacionadas a ela. Ora, não sendo as realidades da fé próprias da criatura humana, mas de Deus, reveladas por sua própria bôca, era necessário que os homens fôsem conhecê-las em sua mesma fonte. Eis por que o Senhor os repreendia quando não o consultavam; e com as suas respostas os encaminhava, através dos acontecimentos e sucessos, para a fé, por êles ainda desconhecida, por não estar ainda fundada. Agora, já estabelecida a fé em Cristo, e a Lei evangélica promulgada na era da graça, não há mais razão para perguntar daquele modo nem

Nascido em Fontiberos (Velha Castela, Espanha) em 1542, João entregou-se primeiro a vários ofícios, enquanto estudava; depois, entrando na Ordem dos PP. Carmelitanos, tornou-se sacerdote em 1567. Encontrando-se com S. Teresa, recebeu aquela decisiva orientação para sua vida religiosa, que êle depois soube fazer frutificar abundantemente, no curso de seu sacerdócio, como assistente espiritual da obra de reforma de S. Teresa. S. João sobressai muitíssimo como diretor de almas. Na guerra interna, suscitada pela reforma religiosa, João foi encerrado em uma cela de prisão, por mais de sete meses. Ali, no sofrimento, nasceu-lhe aquêle Cântico Espiritual que comentará, com profundo desenvolvimento, nas suas obras de mística: a *Subida ao Monte Carmelo*, a *Noite escura*, a *Viva chama de amor*, o *Cântico Espiritual*. — Homem de vida interior excepcional, João teve também incumbências externas: nunca, porém, ocupou lugares de primeiro plano. Sua oração: “sofrer e ser desprezado” foi amplamente ouvida pelo Divino Mestre. Morreu desconhecido a 14 de dezembro de 1591. — S. João da Cruz é o grande Doutor da Teologia Mística. Sua canonização ocorreu em 1726; a proclamação a Doutor da Igreja foi feita pelo Papa Pio XI em 1927.

aguardar as respostas e os oráculos de Deus, como antigamente. Porque em dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra única (e outra não há), tudo nos falou de uma vez nessa Palavra e nada mais tem para falar.

438. *Tudo completo em Cristo.* — “Este é o sentido do texto em que São Paulo quer induzir os hebreus a se apartarem daqueles primitivos modos de tratar com Deus conforme a Lei de Moisés, e os convida a fixar os olhos unicamente em Cristo, dizendo: “Tudo quanto falou Deus antigamente pelos Profetas a nossos Pais, de muitas formas e maneiras, agora, por último, em nossos dias, nos falou em seu Filho, tudo de uma vez” (*Hebr 1,1*). O Apóstolo dá-nos a entender que Deus emudeceu, por assim dizer, e nada mais tem para falar, pois o que antes falava por partes aos Profetas, agora nos revelou inteiramente, dando-nos o Tudo que é seu Filho.

Se atualmente, portanto, alguém quisesse interrogar ao Senhor, pedindo-lhe alguma visão ou revelação, não só cairia numa insensatez, mas agravaria muito a Deus em não pôr os olhos totalmente em Cristo sem querer outra coisa ou novidade alguma. Deus poderia responder-lhe deste modo, dizendo: Se eu te falei já tôdas as coisas em minha Palavra que é meu Filho, e não tenho outra palavra a revelar ou responder que seja mais do que êle, põe os olhos só nêle; porque nêle tenho dito e revelado tudo, e nêle acharás ainda mais do que pedes e desejas. Porque pedes palavras e revelações parciais? se olhares o meu Filho acharás nêle a plenitude; pois êle é tôda a minha palavra e resposta, tôda a minha visão, e tôda a minha revelação. Ao dar-vos êle como irmão, mestre, companheiro, preço e recompensa, já respondi a tôdas as perguntas e tudo disse, revelei e manifestei. Quando no Tabor descí com meu espírito sôbre êle, dizendo: “Este é meu Filho amado em quem pus tôdas as minhas complacências, ouvi-o” (*Mt 17,5*), desde então aboli tôdas as antigas maneiras de ensinamentos e respostas, entregando tudo nas suas mãos. Procurai, portanto, ouvi-lo; porque não tenho mais outra fé para revelar, e nada mais a manifestar. Se dantes falava, era prometendo o meu Cristo; se os meus servos me interrogavam, eram as suas perguntas relacionadas com a esperança de Cristo, no qual haviam de achar todo o bem (como o demonstra tôda a doutrina dos Evangelhos e dos Apóstolos). Mas interrogar-me agora e querer receber minhas respostas como no Antigo Testamento, seria de algum modo pedir novamente Cristo e mais

fé; tal pedido mostraria, portanto, falta desta mesma fé já dada em Cristo. E assim seria grande agravo a meu amado Filho, pois, além da falta de fé, seria obrigá-lo a encarnar-se novamente, vivendo e morrendo outra vez na terra. Não acharás, de minha parte, o que pedir-me nem desejar, quanto a revelação ou visões; considera-o bem, e acharás nêle, já feito e concedido tudo isto e muito mais ainda.

439. *Nêle, só nêle, tôda a variedade de palavras.* — “Queres alguma palavra de consolação? Olha meu Filho, submisso a mim, tão humilhado e aflito por meu amor, e verás quantas palavras te responde. Queres saber algumas coisas ou acontecimentos ocultos? Põe os olhos só em Cristo e acharás mistérios ocultíssimos e tesouros de sabedoria e grandezas divinas nêle encerrados, segundo o testemunho do Apóstolo: “Nêle estão encerrados os tesouros da sabedoria e da ciência” (*Col 2,3*). Êsses tesouros da sabedoria ser-te-ão mais admiráveis, saborosos e úteis que tudo quanto desejarias conhecer. Assim glorificava-se o mesmo Apóstolo, quando dizia: “Porque julguei não saber coisa alguma entre vós, senão a Jesus Cristo, e êste crucificado” (*1 Cor 2,3*). Enfim, se fôr de teu desejo ter outras visões ou revelações divinas, ou corporais, contempla meu Filho feito homem e acharás mais do que pensas, conforme disse também S. Paulo: “Porque nêle habita tôda a plenitude da divindade corporalmente” (*Col 2,9*).

440. *A plenitude de Cristo em sua Igreja: aquêle que dela prescindir, corre supremo perigo.* — “Não convém, pois, interrogar a Deus por via sobrenatural, nem é necessário falar-nos dêsse modo; tendo manifestado tôda a fé em Cristo, não há mais fé a revelar, nem jamais haverá. Querer receber conhecimentos por via extraordinária é, conforme dissemos, notar falta em Deus, achando não nos ter dado bastante em seu Filho. Mesmo quando se deseja essa via sobrenatural dentro da fé, não deixa de ser curiosidade proveniente de fé diminuta. Assim não havemos de querer nem buscar doutrina ou outra coisa qualquer por meio extraordinário. Quando Jesus expirando na cruz exclamou: “Tudo está consumado” (*Jo 19,30*), quis dizer terem-se acabado todos êsses meios, e também tôdas as cerimônias e ritos da Lei antiga. Guiemo-nos, pois, agora, pela doutrina do Cristo-Homem, de sua Igreja e seus Ministros, e por êste caminho, humano e visível, encontraremos remédios para nossas ignorâncias e fraquezas espirituais, pois, para tôdas

as necessidades aí se acha abundante remédio. Sair dêsse caminho não só é curiosidade, mas muita audácia. Não havemos de crer, por via sobrenatural, senão unicamente o que nos é ensinado por Cristo, Deus e Homem, e seus Ministros, homens também. É isto o que nos diz São Paulo nestas palavras: "Se algum anjo do Céu vos ensinar outra coisa fora do que nós, homens, vos pregamos, seja maldito e excomungado" (*Gál 1,8*)...

Deus gosta tanto de ver o homem governado e dirigido por outro homem seu semelhante, regido e guiado pela razão natural, que quer de modo absoluto não se creia nas comunicações sobrenaturais, nem se confirmem estas com segurança, senão quando hajam passado por êste canal humano da boca do homem. Dêste modo, quando Deus diz ou revela algo a uma alma, inspira-lhe ao mesmo tempo a inclinação de comunicá-lo a quem convém dizer; e até que isto se faça, não costuma êle dar plena satisfação, porque não a tomou o homem de outro que lhe é semelhante".

A subida do Monte Carmelo, lib. II, c. 22, 3-9. — Obras de S. João da Cruz. Petrópolis (Vozes) 1960, vol. I, pág. 148ss.

P. JOSÉ ANCHIETA SJ.

(1534 - 1591)

NUM CANTINHO DO APOSENTO.

441. “Ó Virgem, glória primeira da casa de Sion,
o coração me impele a visitar teu santuário,
a lançar um murmúrio junto aos santos umbrais,
a ver se abres a êste pobrezinho as tuas portas,
a ver se um cantinho
embora minúsculo de tua habitação,
me dá guarida, sequer por um instante.
Ser-me-ia grato, se tu mo permites
contemplar sôfregamente
teus olhos e teu celeste semblante.
Rogo-te, formosa irmã, abras as portas
com teu sorriso afável:
não desdenhes
os direitos de teus irmãos no sangue.
Se grandes são as manchas de nossa alma,
aí está a enchente de teu amor
para inundar-nos. . .
Eis que se abre a entrada do asilo virginal:

A preciosa idéia, dada aqui com um tom tão inflamado, da Virgem entregue, no seu recolhimento de Nazaré, à meditação das antigas escrituras em preparação à Encarnação do Verbo, nós a encontramos no *Poema da Virgem*, composto sôbre a inóspita praia de Iperoig (hoje Ubatuba), pelo ven. P. José Anchieta, S.J., durante o período duríssimo em que, no ano de 1563, ficou como refém dos Tamoios. Um quadro famoso de Benedito Calixto apresenta-nos o Jesuíta que, na falta de papel e tinta, está escrevendo seus versos na areia, diante do imenso mar. — A admirável via Anchieta que liga o mar com a metrópole Paulista e o brônzeo monumento erecto ao Jesuíta, na praça da cathedral em S. Paulo, recordam para sempre a parte determinante, tida pelo devoto cantor de Maria, no nascimento da cidade de São Paulo e de todo o Brasil católico. — O P. José de Anchieta nascera em La Laguna, nas ilhas Canárias, em 1534. Entrando para os Jesuítas em 1551, foi mandado, dois anos depois, para a missão do Brasil; e aqui em 1554, P. Nóbrega, seu Provincial, mandou-o abrir, na localidade chamada Piratininga, a missão de S. Paulo, que no decurso de quatro séculos se transformou na hodierna, grandiosa metrópole, ainda em rápido, incessante desenvolvimento. Foi, o P. Anchieta, Provincial com sede na Bahia, de 1578 a 1586. Morreu em Reritiba (hoje Anchieta), a 9 de julho de 1591, em odor de santidade.

descansa, ó minha alma, piedosa e humildemente!
Aí se correrá o véu
aos mistérios escondidos a todos os séculos
e aos desígnios da mão onipotente.
Quê o que a Virgem
profundamente revolve em sua mente
e nota as palavras que lhe brotam dos lábios.
Dize-me, ó Virgem, em que te afadigas?
que cuidado incessante te agrilhoa o peito?
Nas asas do espírito voas até aos astros
e sacias tua fome de riquezas celestes.
Enlevada nas promessas divinas e na lei do Senhor,
deslizam-te as noites e deslizam-te os dias.
Com humildade folheias os sagrados livros,
sondando os misteriosos ditos dos velhos Profetas.
Almejas que se rasguem os selos de ouro
do livro fechado
e que transbordem as torrentes celestes...

O Poema da Virgem, vers. 989-1016. Edições Paulinas, S. Paulo 1958, pág. 95a.

SÃO LOURENÇO DE BRÍNDISI

dos Padres Capuchinhos - Doutor da Igreja
(1559 - 1619)

ESCOPO DE TÔDA A ESCRITURA; A DESTRUIÇÃO DO PECADO.

442. “A língua má é a espada de Satanás, que mata na alma piedosa a virtude e a bondade; a boa língua é a espada de Cristo, afiada nos dois gumes, que mata o vício e o pecado: por isso a palavra de Deus é definida: “espada do espírito” (Ef 6,17). Tôda a Sagrada Escritura nos foi dada por isso: para a destruição do pecado: por isso a lei, por isso os Profetas, por isso o Evangelho e por fim, tôda a Escritura divina, que é no seu complexo, como uma grande aljava de setas que Deus atira contra os pecados”.

Perla 3^a domin. III Quadragesimae. Opera omnia. Patavii 1936, vol. IV. (quadragesimale primum), pág. 272.

SÃO LOURENÇO NASCEU em Bríndisi (baixa Itália) em 1559; entrou para o noviciado na Ordem dos Padres Capuchinhos em 1575; foi ordenado sacerdote em 1583. Foi homem de grande cultura, sobretudo bíblica, e de uma atividade fora do comum. Durante os 35 anos da sua vida sacerdotal pregou ininterruptamente, usando com perfeição, além da língua italiana e do latim, não só o alemão, como também o hebraico: atribuía a perfeito conhecimento desta última língua e do aramaico a um particular favor da Virgem Santíssima. Por alguns anos ensinou também ciências sagradas. Foi ministro provincial da sua Ordem na Toscana, no Vêneto, na Ligúria; comissário geral na Boémia, na Áustria e na Baviera-Tirol; foi também ministro geral da sua Ordem. Encarregado pelos Pontífices Gregório XIII e Clemente VIII, deu repetidamente lições de Sagrada Escritura aos hebreus residentes em Roma. Homem de singular força e coragem, tomou parte determinante na vitória obtida em Alba Real (Hungria) em 1601 contra as armadas turcas de Maomé III. — A obra de São Lourenço escritor e Doutor da Igreja é bem extensa. Escreveu uma *Explanatio in Genesim*, grande comentário aos onze primeiros capítulos da Bíblia; deixou um enorme número de *Sermões*, especialmente quaresmais, que nos dão a conhecer a vastidão de sua cultura bíblica; excelente a parte chamada “Mariale”, onde desenvolve com largueza e profundidade a doutrina católica sobre a Santíssima Virgem; enfim, na obra *Lutheranismi Hypotyposis*, São Lourenço faz um atencioso estudo sobre a origem histórica e doutrinal do protestantismo. — Encarregado pelos pontífices Romanos de várias missões, partiu ainda uma vez de Nápoles em 1618, em não boas condições de saúde, para uma missão junto de Felipe III em Lisboa. Agravando-se o seu estado, morreu em Belém, perto de Lisboa a 22 de julho de 1619. São Lourenço foi canonizado por Leão XIII em 1881 e declarado Doutor da Igreja pelo Papa João XXIII em 1959.

PALAVRA "SEMENTE BOA". OUTRAS DENOMINAÇÕES
DA PALAVRA.

443. "Semeou boa semente no seu campo" (*Mt* 13,24). Semente é a palavra de Deus, sumo bem e suma bondade: a semente que êle lança portanto, tem de ser boa. Semente boa: pura, sem joio, sem mistura de êrro ou falsidade, porque Deus é a suma verdade e a suma sabedoria, não pode enganar-se nem enganar. Semente boa: pura, incorrupta, na qual como não há nenhum engano contra a verdade, assim, também não há nenhuma maldade contra o sentido moral (porque "corrompem os bons costumes as más palavras" (*1 Cor* 15,33)). Semente boa: como um tesouro, cheio de uma múltipla bondade: "é semelhante o reino dos céus a um tesouro oculto num campo" (*Mt* 13,44).

É por isso que a Teologia simbólica, nas divinas Escrituras, pinta-nos a palavra de Deus com muitos outros símbolos e figuras. De fato a palavra de Deus ora é chamada luz, ora fogo, ora pedra preciosa, ora ouro, ora mel e favo de mel, ora pão de vida e água, ora vem expressa com mil outros nomes. Conclui-se que a palavra de Deus é cheia de uma múltipla bondade, sendo como um tesouro de todos os bens: dela nasce a fé, a esperança, o amor: dela tôdas as virtudes, todos os dons do Espírito Santo, tôdas as beatitudes, tôdas as boas obras, todos os méritos da vida, tôda a glória do Paraíso: "Recebei a palavra que vem inserida dentro de vós, que pode salvar as vossas almas" (*Tg* 1,21). A palavra de Deus, de fato, é luz para o intelecto e fogo para a vontade, para que o homem possa conhecer e amar a Deus; para o homem interior, que vive para Deus no espírito, mediante a graça, a palavra é pão e água, mas um pão mais doce que o mel do favo e uma água melhor que o vinho e o leite: "todos vós, que tendes sêde, vinde às águas; e os que não tendes dinheiro, apressai-vos, comprai e comei; vinde, comprai sem dinheiro e sem nenhuma troca, vinho e leite" (*Is* 55,1). A palavra é para a alma um tesouro espiritual de méritos e por isso é chamada ouro e pedra preciosíssima. Por fim, contra a dura obstinação do coração nos vícios, é como um martelo, e contra a carne, o mundo e o demônio é uma espada que mata todos os pecados.

Cristo, todavia, hoje, chama a palavra de Deus "semente", uma vez que essa é princípio radical de todos os bens espirituais de graça e de glória, já que se a fé, como disse o Apóstolo "é substância das coisas que se devem esperar e argumento daquelas que não se vêem" (*Hebr* 11,1), a fé, como êle declara,

nos vem mediante o ouvido: quer dizer que a fé nos vem por meio da palavra de Cristo” (*Rom 10,17*).

In Dominica Sexagesimae. — O. e., vol. V, pág. 50.

PARA ENTENDER E EXPLICAR A ESCRITURA
É NECESSÁRIO REZAR.

444. “Começando a tratar os sagrados sentidos das divinas Escrituras, é necessário começar com a prece, rogando que o Espírito Santo, sob cuja iluminação os santos homens de Deus falaram, se digne assistir-nos, certos que sob sua inspiração encontraremos aquêles mesmos sentidos que êle quis enfeixar nas Escrituras, de modo que não nos percamos atrás de sonhos da nossa cabeça, indo acabar longe do bom fim da sinceridade e da verdade. Na Sagrada Escritura há muitas coisas que têm tanta caligem que nenhum engenho humano poderia explicá-las com absoluta clareza: por exemplo, a descrição das rotas em Ezequiel e também a do templo no Apocalipse do divino João: para entender justamente estas coisas é necessário aquêle mesmo Espírito que inspirou os Profetas a escrevê-las. É portanto necessária a prece para entender a Sagrada Escritura”.

Explanatio in Genesim, dissert. IV. — O. e., vol. III, pág. 52.

O SILÊNCIO, A PALAVRA, A DOÇURA DO CANTO
INSPIRADO DA VIRGEM MÃE.

445. “*Magnificat anima mea Dominum...*”
O primeiro canto do Novo Testamento é êste diviníssimo cântico da Virgem Santa: e como o primeiro canto do Velho Testamento, saído da salvação e da libertação do povo, depois que o Faraó foi submerso no Mar Vermelho, foi cantado por Maria, a profetisa, irmã de Moisés, assim o primeiro canto do Novo Testamento nos vem de Maria, que é a primeira entre os Profetas, a Mãe de Cristo, a verdadeira Mãe de Deus. Maria disse: “Minha alma glorifica o Senhor...” Ora êsse diviníssimo canto é cheio de sabedoria e piedade. Entre os grandes louvores da forte mulher, que foi como idealizada e pintada com vivas côres por Salomão, o principal é sem dúvida êste: “Abriu a sua bôca à sabedoria e na sua bôca está a lei da clemência” (em hebraico: “lei de piedade está sob a sua língua”; e aquêle têrmo “sapientiae”, em hebraico é: “na sabedoria” ou “com sabedoria”: quer dizer, fala sãbiamente e piamente)” (*Prov 31,26*).

Ora, qual é o ideal da mulher perfeitíssima, e sob todos os aspectos sublime, senão a Virgem Santíssima que por isso mesmo foi chamada pelo Anjo “cheia de graça” (*Lc 1,28*)? Eis porque nos cânticos se louva freqüentemente a linguagem da espôsa: “Ressoe a tua voz aos meus ouvidos, porque a tua voz é doce” (*Cânt 2,14*); “os teus lábios são como uma fita de escarlate: e o teu falar doce” (*l. c. 4,3*); “os teus lábios, ó Espôsa, são como um favo que distila mel; o mel e o leite estão debaixo da tua língua” (*l. c. 4,11*); “as palavras elegantes são um favo de mel” (*Prov 16,24*), isto é, um falar elegante e erudito; “come, meu filho, do mel porque é bom, e do favo, dulcíssimo à tua garganta. Tal é para a tua alma a doutrina da Sabedoria” (*l. c. 24,13*). Exatamente dêste modo, o cântico da Virgem Mãe é todo cheio do mel da sabedoria e da piedade.

Penso, além disso, que tenha a sua razão de ser também esta outra expressão de Salomão: “abriu a sua bôca” (*Prov 31,26*): porque ela conservava a bôca geralmente fechada: mantinha o silêncio. O silêncio, na mulher, é uma raridade (*rara avis*). Eis, portanto, o valor daquela expressão: “Os teus lábios são como uma fita de escarlate”: compara os lábios da espôsa a uma fita que prende os cabelos soltos, quando enfeitam a cabeça; e pode-se também aplicar a ela estas outras palavras: “Jardim fechado és minha irmã e espôsa, jardim fechado e fonte selada” (*Cânt 4,12*): êste fechamento denota o silêncio: de fato, o sábio diz nos Provérbios (25,28): “Cidade aberta e sem muros é o homem que não sabe freiar o seu espírito no falar”. Lemos que a Virgem Mãe falou sete vezes. Duas vezes com o Anjo: “Como se fará isso?...” “Eis aqui a escrava do Senhor” (*Lc 1*); uma terceira vez quando saudou Isabel. Outra vez quando encontrou o Senhor no templo: “Filho, porque procedeste assim conosco?” (*Lc 2,48*). Depois a Cristo por ocasião das bodas: “Não têm mais vinho”, e aos serventes: “Fazei tudo o que êle vos mandar” (*Jo 2,2-5*), e finalmente quando se expressou no seu diviníssimo cântico: “*Magnificat...!*”

Aqui não se declara que a Virgem fôsse antes cheia do Espírito Santo, como se nota em relação a Isabel e Zacarias, que cheio do Espírito Santo disse: “Bendito seja o Senhor Deus de Israel” (*Lc 1,68*). Maria, de fato, tinha sido plena do Espírito Santo bem antes: “O Espírito Santo sobrevirá em ti” (*Lc 1,35*): é portanto claro que fala sob a inspiração do Espírito Santo. Por isso se diz nos cânticos (8,13): “Ó tu que habitas nos jardins, os nossos amigos estão atentos; faze-

-me ouvir a tua voz". Maria, irmã de Moisés, sob o impulso do Espírito divino, cantou o seu cântico diante de todos os filhos de Israel: a Virgem Maria, canta, em vez, diante dos Anjos: "Os nossos amigos estão atentos", isto é, estão prontos para ouvir o teu canto: "faze-me ouvir a tua voz" (*Cânt* 8,13). O Senhor prefere a voz da Virgem à voz dos Anjos, que é "como um concerto de harpistas que soam seus instrumentos" (*Apc* 14,2): é de fato muito mais doce, muito mais suave e alegre aos ouvidos de Deus a voz da Virgem que a dos anjos: e essa é também alegríssima aos próprios anjos: "Os nossos amigos estão atentos".

Ora, poderia causar espanto o fato de que quando no Velho Testamento se introduz Maria que canta o primeiro cântico, esta é apresentada com muita majestade: a profetisa, a irmã de Moisés, que era guia e chefe dos hebreus: é apresentada como a primeira entre todas as mulheres de Israel. Da Virgem Santíssima, em vez, não se diz nada: nada mais que isto: "Disse Maria" (*Lc* 1,46). Quanta parcimônia de palavras, bom Deus! Mas já antes o Evangelista sob o testemunho do Arcanjo Gabriel e de Isabel, aliás sob o testemunho do Espírito Santo, pela boca de Isabel, tinha declarado quem era Maria.

O cântico daquela primeira Maria é cheia de divina sabedoria, pois que falava movida pelo Espírito Santo: era, também, cheio de piedade para com Deus, porque nêle rendia graças a Deus que dava todo o bem, pelo benefício e salvação obtida: "Cantemos ao Senhor, por que fez brilhar a sua glória; precipitou no mar o cavalo e o cavaleiro. Ele é o meu Deus, e eu o glorificarei; o Deus de meu pai, e eu o exaltarei" (*Ex* 15,1-2). Assim também o cântico da Virgem Mãe é cheio de insigne piedade e sabedoria; tanto mais insigne quanto Maria excede soberanamente sobre aquela: aquela era serva de Deus, esta é a Mãe de Deus, rainha dos Anjos e de todos os espíritos celestes".

In Canticum Virginis Deiparae. serm. 2. — O. c. vol. I (mariale), pág. 260ss.

SÃO ROBERTO BELARMINO

Cardeal, Bispo de Cápua - Doutor da Igreja
(1542 - 1621)

LOUCURA DE QUEM QUER PRESCINDIR DAS ESCRITURAS, PARA DEPENDER DO SEU ESPÍRITO INTERNO.

446. *Solene testemunho inicial a favor das Escrituras.* — “Cristo confirma o seu mandato antes de tudo com o testemunho da Sagrada Escritura, com aquelas palavras do Profeta: “O espírito do Senhor me enviou” (Is 61,1). Depois refuta os saduceus por meio das Cartas divinas: “Não errais talvez porque não conheceis as Escrituras?” e pouco depois: “A respeito da ressurreição dos mortos, não tendes lido nos livros de Moisés, etc.?” (Mc 12,24-26). E como fêz calar os fariseus, senão com argumento tirado de Davi? E manda que os judeus empreguem as Escrituras e não algum espírito interno: “Perscrutai as Escrituras” (Mt 22,43; Jo 5,39).

São João Batista também, como testemunho de sua missão não alegou um juízo de espírito interno, mas as palavras do Profeta Isaías: às perguntas que lhe fizeram, respondeu: “Eu sou a voz de quem grita no deserto; preparai a via do Senhor, como disse Isaías profeta” (Jo 1,23). Nos Atos dos Apóstolos, em louvor dos de Beréia relata-se que, tendo ouvido a pregação do Apóstolo Paulo, todos os dias examinavam as Escrituras, para ver se as coisas fôsem mesmo assim (At 17,11). Mesmo os Apóstolos Pedro, Paulo, João, Tiago, Judas, não só nas suas

S. ROBERTO BELARMINO nasceu em Montepulciano (perto de Sena) em 1542 e entrou na Companhia de Jesus em 1560. Ensinou literatura desde 1563 até 1567; em seguida fêz os estudos de Teologia em Pádua e Lovânia e foi ordenado sacerdote em 1570. Logo foi destinado para ensinar Teologia. Em 1576, no Colégio Romano, tornou-se titular do curso de *Controvérsia*, para a preparação dos sacerdotes pertencentes às nações que tinham passado para o protestantismo. Ensinou até 1588 e, como fruto do seu ensinamento, escreveu a grande obra *De Controversiis*, de notável tamanho. A obra, profunda e completa, expõe as bases sólidas de tôda a doutrina católica, defendendo-a de todos os ataques do protestantismo. Em 1599 Belarmino foi criado Cardeal e Arcebispo de Cápua, cidade em que ficou de 1602 a 1605. O Santo Doutor colaborou muito eficazmente com os Pontífices do seu tempo. S. Roberto deixou ainda tratados de ascética, entre os quais uma consideração sôbre as *Sete Palavras de Cristo na cruz; Elevação da mente a Deus, a Eterna felicidade dos Santos*, etc. — Falecido em 1621, São Roberto foi canonizado pelo Papa Pio XI em 1930 e proclamado Doutor da Igreja no ano seguinte.

síngulas cartas usam muito o testemunho da lei e dos profetas, que seria longo demais reportar aqui, mas proclamam em termos universalmente compreensivos a autoridade das Escrituras. S. Pedro diz: "Temos uma palavra profética mais firme, à que fazei bem dirigir-vos, como à uma lâmpada que resplandeça num lugar de trevas" (2 *Pdr* 1,19). E S. Paulo: "Desde a infância conheces as sagradas Cartas, que podem dar-te a sabedoria que leva à saúde, mediante a fé que é em Cristo Jesus. Tôda a Escritura, divinamente inspirada, é útil para ensinar, redargüir, corrigir, educar à justiça, para fazer que o homem de Deus seja perfeito e preparado para qualquer obra boa" (2 *Tim* 3,15). No fim, Deus mesmo inculca a Josué: "Não seja afastado o volume desta lei da tua bôca, mas medita-a dia e noite" (1,8). Os que desprezam as Sagradas Escrituras e os oráculos divinos combatem portanto contra Moisés, contra os Profetas, contra os Apóstolos, contra Cristo mesmo, contra Deus Pai e contra o Espírito Santo.

447. *Necessidade de uma regra certa e conhecida.* — "Além disso: a regra de fé católica deve ser certa e conhecida: se não é conhecida, não pode ser regra; e se não é certa, também não pode ser regra. Ora a revelação particular do espírito, embora em si possa ser certa, todavia de modo algum poderia ser conhecida, senão através de um testemunho divino, isto é, através de milagres autênticos: mas padecem de uma absoluta penúria de milagres mesmo os que, especialmente neste nosso século, como nos outros tempos, inaltecem muito seu espírito.

Quem me pode garantir que quando a Anabatista declara-se sob o impulso do espírito não esteja me enganando? Mas muito bem: admitamos que não esteja enganando: mas com que método poderei ter garantia que aquêle espírito é um espírito de luz e não de trevas? Porque, sendo que nos nossos dias há uma infinidade de gente que se gloria de ter o Espírito Santo como guia e mestre, e todavia entre os que afirmam há uma completa diferença, até o ponto que uns são hereges para os outros, não se pode admitir que todos digam a verdade: portanto, ou erram todos, ou (daqui não se escapa) erra pelo menos alguém: assim sendo, quem terá coragem de dizer de não estar entre o número dos que são enganados pelo espírito de Satanás? Nada, porém, é mais conhecido, nada é mais certo do que as Sagradas Escrituras contidas nas Cartas proféticas e apostólicas: de modo que é para se estimar estultíssimo quem nega que se deva prestar fé a elas. Que as Escrituras são conhecidíssimas é testemunha

todo o mundo cristão, com consenso de todos os povos, junto aos quais já por muitos séculos sempre gozaram de suma autoridade.

E que as Sagradas Escrituras sejam certíssimas e absolutamente verdadeiras e que elas não contêm humanas invenções, mas oráculos divinos, há também as maiores garantias”.

448. *Realização das profecias.* — “Primeiro testemunho é a realização das profecias, argumento que S. Agostinho já expunha: “A fé da Escritura não injustamente tem uma admirável autoridade em todo o mundo e entre todos os povos, dos quais, entre tôdas as coisas verdadeiras anunciadas com autêntica divindade havia também predito que teriam acreditado”. E ainda: “Muito menos é para acreditar naqueles livros cheios de notícias fantásticas antigas que quiseram apresentar contra a autoridade dos conhecidíssimos e divinos Livros, enquanto, tendo as Escrituras afirmado que todo o mundo teria acreditado, que sejam verdadeiras as coisas aí contidas, é demonstrado justamente pelos anúncios feitos e que com tanta verdade se realizaram” (*De Civ. Dei*, XII, 9-10).
449. *A divina concórdia dos hagiógrafos.* — “Segundo testemunho da certeza das Escrituras é a incrível e verdadeiramente divina identidade de pensamento nos muitos homens que escreveram em diferentes lugares, tempos, línguas, ocasiões: concórdia de tal evidência pela qual eles já não aparecem como muitos escritores diferentes, mas como diferentes penas de um mesmo e único escritor. Justamente portanto Teodoreto na introdução dos Salmos e S. Gregório na introdução de Jó acharam que as línguas e as mãos dos escritores sagrados não deviam ser chamadas outra coisa, senão penas do Espírito Santo” . . .
450. *A prova dos milagres.* — “No fim, outro testemunho, é o número quase infinito de milagres divinos que foram feitos em todos os séculos para comprovar as verdades contidas nas Sagradas Escrituras. Sendo, portanto, a Sagrada Escritura, uma regra de fé tão certa e segura, por conseguinte não será sã de mente quem a transcurar para se entregar ao juízo do espírito interno, muitas vezes enganador, sempre incerto. S. Agostinho justamente no prólogo da Doutrina Cristã advertia os fiéis com estas palavras: “Evitemos tais tentações superbíssimas e cheias de perigo e com tôda diligência pensemos que o próprio Apóstolo Paulo, também se vencido e instruído diretamente pela voz divina, todavia foi enviado a

um homem para receber os sacramentos e para ser admitido na Igreja; e que o centurião Cornélio, embora certificado pelo anjo do que tinham sido ouvidas as suas orações e aceitas as suas esmolas, todavia, para ser instruído, foi enviado a Pedro, de quem devia não só receber os sacramentos, mas também aprender o que devia crer, esperar e amar”.

451. *Deus dirige as coisas conforme a sua natureza.* — “Acrecentaremos a isto, o fato que a divina Providência rege e governa as coisas conforme as exigências de cada uma. Ora, sendo a natureza humana constituída de alma e corpo, e sendo mais imediato para o homem entender as coisas corporais do que as espirituais, Deus estabeleceu conduzir o homem para as coisas espirituais e celestes, como por diferentes degraus, com coisas que atingem os sentidos. Deus portanto não ensina a cada um o que deve crer e o que deve fazer mediante palavra interna: mas ensina por meio de cartas sensíveis, que se possam ver e ler. “Daquela cidade longe da qual estamos peregrinando, diz Agostinho, vieram-nos cartas: são as Escrituras, que nos incitam a viver bem” (in Ps 90).

Nem se deve dizer, pelo fato que Davi, Moisés, Isaías, Pedro, Paulo, João e outros poucos, quase incluídos entre o côro dos anjos, atingiram por si a sabedoria diretamente à fonte, que os outros homens não precisem das divinas Cartas ou não precisem de mestres: uma é a ordem dos fundamentos, outra a das paredes, outra dos montes, outra das colinas. São talvez todos Apóstolos? ou todos Profetas? são todos alicerces? são todos montes? e se todos são montes, onde estarão as colinas? Se todos fôsem alicerces, onde estaria a casa? se todos Apóstolos e Profetas, onde a sinagoga dos povos, sôbre a qual está escrito no Salmo 7: “Et synagoga populorum circumdabit te?” Nós, portanto, como diz o Apóstolo, fomos construídos sôbre os alicerces dos Apóstolos e dos profetas, por cuja pregação e cujas cartas fomos instruídos e eles que viram e foram ministros da palavra, por sua vez têm fundamento e se baseiam sôbre a pedra fundamental de ângulo, Cristo Jesus”.

452. *Divisão de atribuições na Igreja.* — “Quando aparece o sol, os cumes dos montes são iluminados; de lá os raios luminosos se espalham sôbre as colinas e alcançam as profundidades dos vales. Assim, conforme o Salmo 71, “suscipiant montes pacem populo”, “para que as colinas possam receber a justiça”. “Os montes, diz S. Agostinho, são as almas exímias, as colinas são as almas pequenas: por isso os montes recebem

a paz, porque as colinas possam receber a justiça. Qual é a justiça que as colinas recebem? a fé: porque o justo vive de fé. Mas as almas menores não receberiam a fé, se as almas maiores, chamadas montes, não fôsem esclarecidas pela sabedoria mesma, para que pudessem passar aos pequenos e que êstes podem receber". E mais adiante: "Quando levantamos os nossos olhos às Escrituras, sendo que as Escrituras nos são entregues por homens, elevamos os nossos olhos ao monte, de onde vem a nós o auxílio".

453. *Respeito indispensável às instituições, para o bem dos homens.* — "No fim, se em qualquer sociedade humana, tiradas as leis e as instituições dos antepassados fôsse permitido a cada um o que parece melhor ao seu juízo, quantas perturbações nasceriam em tudo! Quanta confusão surgiria! Como acabaria em breve tempo tôda inteira a sociedade desde os ali-cerces! E todavia nas coisas humanas não há ninguém que não saiba ao menos alguma coisa, ou que falte totalmente de qualquer critério. O que aconteceria então naquela sociedade, mais divina que humana, em que existem muitas coisas que necessariamente devem ser acreditadas acima da razão natural, muitas coisas que devem ser executadas acima da possibilidade das forças humanas, quando se tirassem as sagradas Palavras e tivéssemos que nos basear e dirigir unicamente com o próprio espírito interno? O que aconteceria, sendo que a maior parte dos homens é constituída de ignorantes, de gente não suficientemente preparada, que nunca, nem sonhando, teve a sensação que lhe fôsse indicada alguma coisa divinamente? O que aconteceria a êstes? Deveriam esperar sempre? Entretanto não acreditariam em nada? Pereceriam para tôda a eternidade? ou alcançariam a justiça sem fé? ou a felicidade sem a justiça?"

Controversiarum de Verbo Dei lib. I, c. 2. Opera Omnia.
Parisiis 1870, Tom. I, pág. 63 ss.

SÃO FRANCISCO DE SALES

Bispo de Genebra - Doutor da Igreja
(1567 - 1622)

DEUS OUVIU AS NOSSAS PALAVRAS COMO NÓS OUVIMOS AS SUAS.

454. "Sê devota da palavra de Deus. Escutando-a nas conversações familiares com teus amigos espirituais, ou nos sermões, faze-o sempre com atenção e reverência; tira proveito dela e não permitas que ela caia por terra; recebe-a como um precioso bálsamo para teu coração à imitação da Santíssima Virgem, que conservava atentamente no coração tôdas as palavras que diziam em honra de seu Filho.

Recorda que nosso Senhor recebe as palavras que lhe di-

Nascido em Sabóia de nobre família, em 1567, FRANCISCO DE SALES estudou durante 7 anos em Paris com os Padres Jesuítas. Em seguida passou a Pádua, para a universidade de direito. Em 1586 superou uma grave tentação de desespero e com a graça de Deus saiu-se dela sereno e otimista. Em 1593 renunciou a tôdas as belas perspectivas que se lhe ofereciam e tornou-se sacerdote. Os primeiros anos do seu sacerdócio (1594-1598) foram assinalados pela obra de evangelização do Chablais, que soube reconquistar à fé católica. Foi nesse tempo que nasceu sua atividade jornalística, com a periódica distribuição de papéis circulantes para explicar os vários pontos da doutrina católica, papéis esses que depois da morte do santo Bispo foram reunidos no volume das "Controvérsias". Em 1599 tornou-se coadjutor do Bispo de Genebra ao qual sucedeu em 1602. Por 20 anos exerceu um episcopado admirável, em que à atividade episcopal costumeira, toda entremeada de delicada docura, uniu uma vasta atividade como Diretor de almas, através da pregação, da direção espiritual, e dos luminosos escritos, sua preciosa herança à Igreja. Como pregador, o Breve pontifício que o declara Doutor, define-o como "restaurador e mestre da eloquência sagrada". Como diretor de almas, exerceu uma ação vastíssima através do confessorário e da correspondência: restam como testemunhos disso mais de 2.000 cartas, modelos sublimes de correspondência religiosa. Como escritor tem profundidade e visão que lhe merecem o justo título de Mestre moderno de espiritualidade. Suas obras principais: *Introdução à vida devota* (Filotea); *Tratado sobre o amor divino* (Teótimo), que revela profundos conhecimentos místicos. S. Francisco é, com S. Joana Francisca de Chantal, o fundador da Congregação das Irmãs da Visitação. — Faleceu em Lião a 22 de dezembro de 1622. Foi canonizado em 1655 e declarado Doutor da Igreja por Pio IX em 1877.

rigimos nas nossas orações, do mesmo modo que recebemos as que êle nos diz por meio da pregação de seus ministros”.

Introdução à vida devota (Filotea), p. II, c. 17. — Obras selectas de San Francisco de Sales, B. A. C., Madrid 1953, vol. I, pág. 109.

AMOR EFETIVO, DE OBEDIÊNCIA.

455. “Enquanto nosso Senhor dizia palavras de vida eterna, uma mulher levantou a voz e disse: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que sugaste” (Lc 11,27). Vêde que quando nosso Divino Mestre prega, esta mulher exalta Maria. Isto é lógico e com razão, uma vez que da devoção a nosso Senhor nasce a devoção à sua Mãe: ninguém poderá amar a um sem amar à outra. Depois que a boa mulher tinha clamado: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que sugaste” Jesus respondeu: Pois bem, como se dissesse: Seja! Porém, “bem-aventurados antes aquêles que ouvem a palavra de Deus e a observam” (l. c.) ou seja, põem-na em prática.

Alguns, ouvindo a morte do Salvador, choram muito ternamente, mas com isso não deixam de alimentar em si próprio mil formas de imperfeições contra esta santa Paixão que constituiu a causa de seu pranto.

Vós que fazeis profissão de espiritualidade sabeis a diferença entre o amor efetivo e o afetivo. Nosso Senhor não se contenta com o afetivo; pede mais: quer que se lhe dedique também o efetivo. Cuidai que êle não diz apenas: “Bem-aventurados antes aquêles que ouvem a palavra de Deus”, mas acrescenta: “e a observam”. Deus mostra assim que não julga que ouçam a sua palavra aquêles que não o fazem com sentimento de submissão e obediência; e se lamenta de seu povo, pois, tendo-lhe êle falado, não lhe foi dispensada atenção: isto é, os homens não puseram em prática as suas exortações, apesar de tê-las ouvido bem.

E não basta ouvir: êle quer que o ouçamos com o propósito de levar a efeito o que se ouve. Quando o nosso divino Mestre disse dos Superiores: “Quem vos ouve a mim ouve; quem vos despreza a mim despreza” (Lc 10,16), é como se dissesse: quem vos obedece a mim obedece; quem despreza as vossas palavras e não as põe em prática é como se desprezasse as minhas próprias palavras”.

Sermão na festa de N. Senhora da Neve. — O. c., vol. I, pág. 464.

PROTEGER EM NÓS A PALAVRA DE DEUS.

456. “Lembro-me de ter explicado neste púlpito como devemos ouvir com proveito a palavra de Deus e a pregação. Agora acrescento que além da indispensável intenção de aplicar-nos a pô-la em prática e da atenção que devemos prestar ao ouvi-la, devemos, depois, permanecer durante algum tempo como que fechados na nossa própria alma, quero dizer, recolhidos em nós mesmos para reconsiderar o que se ouviu. E para que as distrações não venham a introduzir-se no nosso coração e perturbar-lhe o repouso, é necessário fazer o que fez Salomão com seu templo: todo o teto era de ouro mas com receio do que os passarinhos o sujassem fazendo ali o seu ninho e repousando sôbre êle, fê-lo cobrir com pontas que não permitissem a danificação do mesmo. Do mesmo modo se queremos preservar o nosso coração dos conselhos e distrações do espírito maligno, convém, terminada a pregação, protegê-la com aspirações e jaculatórias sôbre o assunto tratado, invocando a divina misericórdia para que nos fortifique e nos permita levar a efeito o que ouvimos”.

L. c., pág. 465.

INCLINA O TEU OUVIDO.

457. “Que grande sorte é poder fazer por obediência tudo o que fazemos. Sabeis de onde vem a felicidade destas almas verdadeiramente religiosas? Do fato de obedecerem à palavra que Deus lhe dirige por meio do Profeta Davi: “Escuta, filha minha, inclina o teu ouvido, esquece o teu povo e a casa de teu pai” (Sl 44,11). Cuidai que êle não se contenta apenas com que se ouça, mas quer que se incline o ouvido para demonstrar que deseja ser ouvido com particular atenção e afeto. Mas, dize-me, santo Profeta: que se ganha com isso? Declara-o a continuação do mesmo discurso: “E o Rei cobiçará a tua beleza”: isto é, far-te-á sua espôsa e bem amada e porá em ti as suas delícias. Vêde como a obediência compreende em si a sorte e a felicidade destas almas?”

L. c., pág. 470.

VENERAÇÃO A QUEM NOS TRAZ A PALAVRA.

458. “Gostaria, minhas caras filhas, que se tivesse grande estima e respeito para com aquêles que vêm trazer-nos a palavra de Deus, isto é, os pregadores: e isto, por muitas razões:

são mensageiros celestes que vêm a nós, mandados por Deus para nos indicar o caminho da salvação. Consideremo-los assim e não como simples homens. Ainda que não falem bem como os anjos, devemos sempre acolher com humildade e reverência a palavra de Deus como se no-la dissessem os anjos. Quando escrevo a uma pessoa num papel pouco fino e com caligrafia descuidada, ela me fica igualmente reconhecida, como se lhe tivesse escrito num papel muito fino e com uma caligrafia esplêndida. Por que? Porque não lhe interessam nem o papel nem a caligrafia, mas o que eu lhe escrevo. A mesma coisa acontece com a palavra de Deus: não prestemos atenção a quem a diz: basta-nos saber que Deus se serve daquele pregador para nos dar tais conselhos. Como poderemos deixar de estimar e respeitar essa pessoa se Deus a estima tanto a ponto de querer falar-nos por intermédio dela?"

Conversações espirituais. Conv. 13. 5. — O. c., pág. 683.

BLAISE PASCAL

(1623 - 1662)

459. Ano de graça de 1654. Segunda-feira, 23 de novembro, dia de S. Clemente, Papa e Mártir, e de outros do martiro-lógio. — Vigília de S. Crisógono Mártir e de outros. — Das 10,30 da noite até à meia-noite e meia aproximadamente.

F O G O

Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó.

Não dos filósofos e sábios.

Certeza. Certeza. Sentimento. Alegria. Paz.

Deus de Jesus Cristo.

Deum meum et Deum vestrum.

“O teu Deus será o meu Deus”.

Esquecimento do mundo e de tudo, exceto de Deus.

Ele somente é encontrado através dos caminhos indicados no

Grandeza da alma humana.

[Evangelho.

“Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci”.

Alegria, alegria, alegria, lágrimas de alegria.

Eu estava afastado d'ele.

De BLAISE PASCAL reproduzimos a famosa página que foi encontrada cosida dentro da bainha de suas vestes, depois de sua morte: ela recorda uma espécie de experiência mística, a “noite de fogo”, de 23 de novembro de 1654: com fôrça única, reproduz a impressão profunda de certas palavras divinas que se tinham gravado com caracteres de fogo no seu espírito ardente. — Nascido em Clermont-Ferrand, em 1623, dotado de uma inteligência excepcional, Pascal aos 16 anos havia atraído sobre si a admiração do mundo pelo seu *Tratado das secções cósmicas*. Sua vida religiosa tinha-se desenrolado aos tropeções: mas, a experiência da “noite de fogo” em 1654 uniu-o muito mais fortemente a Deus. Infelizmente o seu espírito não conseguiu tôda a liberdade que o seu gênio teria solicitado, pois viu-se envolvido nos movimentos de Port-Royal e do Jansenismo. Assim, suas 18 “*Provinciales*” não são apreciáveis apesar de serem literariamente um esplêndido trabalho. Mas a riqueza dos seus “*Pensées*”, trechos apontados para uma apologia geral do cristianismo que êle estava fazendo amadurecer, mas que não pôde levar a termo, constituem uma tal prova de genial profundidade e de amor à revelação cristã, que garantem a Pascal um lugar seguro entre aquêles que usaram nobremente sua inteligência e sua pena em favor da religião revelada. Pascal morreu ainda jovem em 1662.

“Dereliquerunt me fontem aquae vivae”.

Deus meu, tu me abandonarás?

Que eu não seja separado de ti eternamente.

“Esta é a vida eterna, que êles te conheçam a ti, único e aquêle que tu enviaste, Jesus Cristo”. [verdadeiro Deus,

Jesus Cristo!

Jesus Cristo!

Eu me tinha afastado dêle: fugi, reneguei-o, crucifiquei-o.

Que eu não seja nunca mais apartado dêle.

Êle sòmente se conserva pelos caminhos indicados no Evangelho.

Renúncia total e suave.

Submissão total a Jesus Cristo e ao meu diretor.

Eternamente na alegria, por um dia de piedade na terra.

“Non obliviscar sermones tuos”. Amém.

Pensieri, Edizioni Paoline, Alba 1955, pág. 27-28.

AVENTURA DA PALAVRA.

460. “*Ecce exiit qui seminat seminare*” (Mt 13,3).

Diz Cristo, que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina. Bem parece êste texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas faz também caso do sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão-nos de medir a sementeira, e hão-nos de contar os passos. O mundo, aos que lavrais com êle, nem vós satisfaz o que despendeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear, são os que vão pregar na Índia, China, Japão: os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que tem a seara em casa, pagar-lhes-ão a sementeira: aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a sementeira, e hão-lhes de contar os passos. Ah! dia do Juízo! Ah! pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: *Exiit seminare*”.

461. *Sair, mas não retornar.* — “Mas daqui mesmo vejo que notais (e me notais) que diz Cristo que o semeador do Evangelho saiu, porém não diz que tornou; porque os pregadores

ANTÔNIO VIEIRA nasceu em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608, e foi trazido ainda menino para a Bahia, no Brasil (em 1615). Entrou na Companhia de Jesus fugindo da resistência dos seus parentes, e fêz profissão em 1625. Foi ordenado sacerdote em 1635. Teve tôda uma vida de pregação e nela elevou-se de modo a conseguir verdadeiros triunfos. Ligado de vários modos à casa reinante de Portugal e às vicissitudes políticas do tempo, teve uma vida muito movimentada, e não poucas penas e desilusões. Do ano de 1642 em diante, pregou em Lisboa. Voltou ao Brasil em 1652 e ficou vários anos na missão do Maranhão. Voltou de novo à Europa em 1661 e pregou com grande êxito em Roma em 1673. Aos 73 anos de idade voltou à Bahia, onde morreu quase com noventa anos, a 18 de julho de 1697. Sua fama está tôda ligada aos numerosos e brilhantes “Sermões”, que lhe granjearam enorme fama e lhe dão um lugar de distinção entre os clássicos da língua portuguesa.

evangélicos, os homens que professam pregar e propagar a Fé, é bem que saíam, mas não é bem que tornem. Aquêles animais de Ezequiel (1,12) que tiravam pelo carro triunfal da glória de Deus, e significavam os pregadores do Evangelho, que propriedades tinham? *Nec revertebantur, cum ambularent*: uma vez que iam, não tornavam. As rédeas por que se governavam era o ímpeto do espírito, como diz o mesmo texto; mas êsse espírito tinha impulsos para os levar, não tinha regresso para os trazer; porque sair para tornar, melhor é não sair. Assim argüis com muita razão, e eu também assim o digo”.

462. *As oposições.* — “Mas pergunto: e se êsse sementeiro evangélico, quando saiu, achasse o campo tomado; se se armassem contra êle os espinhos; se se levantassem contra êle as pedras, e se lhe fechassem os caminhos, que havia de fazer?

Todos êstes contrários que digo, e tôdas estas contradições experimentou o sementeiro do nosso Evangelho. Começou êle a semear (diz Cristo) mas com pouca ventura. Uma parte do trigo caiu entre espinhos, e afogaram-no os espinhos: *Aliud cecidit inter spinas, et simul exortae spinæ suffocaverunt illud*. Outra parte caiu sôbre pedras, e secou-se nas pedras por falta de umidade: *Aliud cecidit super petram, et natum aruit, quia non habebat humorem*. Outra parte caiu no caminho, e pisaram-no os homens e comeram-no as aves: *Aliud cecidit secus viam, et conculcatum est, et volucres coeli comederunt illud*”.

463. *Tôdas as criaturas se opõem.* — “Ora vêde como tôdas as criaturas do mundo se armaram contra esta sementeira. Tôdas as criaturas quantas há no mundo se reduzem a quatro gêneros: criaturas racionais, como os homens; criaturas sensitivas, como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis, como as pedras: e não há mais. Faltou alguma destas que se não armasse contra o sementeiro? Nenhuma. A natureza insensível o perseguiu nas pedras; a vegetativa nos espinhos; a sensitiva nas aves; a racional nos homens. E notai a desgraça do trigo, que onde só podia esperar razão, ali achou mais agravo. As pedras secaram-no, os espinhos afogaram-no, as aves comeram-no, e os homens? Pisaram-no: *Conculcatum est. Ab hominibus* (diz a Glossa)”.

464. *Quatro graus de humanidade.* — “Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo mundo, disse-lhes desta maneira: *Euntes in mundum univèrsam, praedicate omni creaturae*: ide, e pregai a tôda a criatura. Como assim, Senhor? Os animais

não são criaturas? As árvores não são criaturas? As pedras não são criaturas? Po's hão os Apóstolos de pregar às pedras? Hão de pregar aos troncos? Hão de pregar aos animais? Sim: diz S. Gregório, depois de S. Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a tôdas as nações do mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em tôdas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. E quando os pregadores evangélicos vão pregar a tôda a criatura, que se armem contra êles tôdas as criaturas? Grande desgraça!"

465. *Aventura dos pregadores.* — "Mas ainda a do sementeiro do nosso Evangelho não foi a maior. A maior é a que se tem experimentado na seara onde eu fui, e de onde venho. Tudo o que aqui padeceu o trigo, padeceram lá os semeadores. Se bem advertirdes, houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo colhido e trigo pisado. Trigo mirrado: *Natum aruit, quia non habebat humorem*; trigo afogado: *Exortae spinæ suffocaverunt illud*; trigo comido: *Volucres coeli comederunt illud*; trigo pisado: *Conculcatum est*. Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na bôca do grande rio das Amazonas: houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Arnãs; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados de fome e de doença onde tal houve, que andando vinte e dois dias perdidos nas brenhas, matou somente a sêde com o orvalho que lambia das fôlhas. Vêde se lhe quadra bem o *Natum aruit, quia non habebat humorem*? E que sôbre mirrados, sôbre afogados, sôbre comidos, ainda se vejam pisados e perseguidos dos homens: *Conculcatum est*? Não me queixo, nem o digo, Senhor, pelos semeadores: só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados".

466. *E voltar como um raio?* — "Agora torna a minha pergunta. E que faria neste caso, ou que devia fazer o sementeiro evangélico vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia ocio-

so no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a casa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isto desistir? Seria isto tornar atrás? Não por certo. No mesmo texto de Ezequiel, com que argüistes, temos a prova. Já vimos como dizia o texto, que aquêles animais da carroça de Deus, quando iam não tornavam: *Nec revertebantur, cum ambularent*. Lêde agora dois versos mais abaixo, e vereis que diz, o mesmo texto, que aquêles animais tornavam, à semelhança de um raio ou corisco: *Ibant, et revertebantur in similitudinem fulguris coruscantis* (1,14). Pois se os animais iam e tornavam, à semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam não tornavam? Porque quem vai, e volta como um raio, não torna. Ir, e voltar como um raio, não é tornar, é ir por diante. Assim o fêz o sementeiro do nosso Evangelho. Não o desanimou, nem a primeira, nem a segunda, nem a terceira perda; continuou por diante no semear, e foi com tanta felicidade, que nesta quarta e última parte do trigo se restauraram com vantagem as perdas do demais: nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se, achou-se que por um grão multiplicara cento: *Et fecit fructum centuplum*".

467. *Otimismo*. — "Oh! que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh! que grande exemplo me dá êste sementeiro! Dá-me grandes esperanças a sementeira, porque ainda que se perderam os primeiros trabalhos, lograr-se-ão os últimos. Dá-me grande exemplo o sementeiro, porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira parte do trigo, aproveitou a quarta e última, e colheu dela muito fruto. Já que se perderam as três partes da vida, já que uma parte da idade a levaram os espinhos, já que outra parte a levaram as pedras, já que outra parte a levaram os caminhos, e tantos caminhos, esta quarta e última parte, êste último quartel da vida, por que se perderá também? Por que não dará frutos? Por que não terão também os anos o que tem o ano? O ano tem tempo para as flôres, e tempo para os frutos. Por que não terá também o seu outono a vida? As flôres, umas caem, outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pegam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as discretas, só essas são as que duram, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o mundo".

Sermões completos, Porto 1959, vol. I, pág. 3-8.

T. BENIGNO BOSSUET

Bispo de Meaux
(1627 - 1704)

O MÁXIMO DEVER DOS CRISTÃOS: OUVIR O MESTRE DIVINO:
"IPSUM AUDITE!"

468. *Diante do magistério de Cristo cedem lugar a Lei e os Profetas.* — "Este é meu Filho bem-amado, no qual pus as minhas complacências: escutai-o" (Mt 17,5). — Entretanto, farei uma observação que me parece muito importante. Moisés e Elias apareceram com grande majestade junto do Salvador:

TIAGO BENIGNO BOSSUET nasceu em Dijon de uma família de magistrados em 1627. Foi ordenado sacerdote em 1651. Depois de 1659, por dez anos, pregou em Paris, pondo as bases daquela atividade apostólica, que dêle fará um dos máximos oradores cristãos. Em 1669 foi eleito Bispo de Condom, mas em setembro de 1671, chamado à côrte, como preceptor do Delfim, renunciou àquele Bispado: foi neste ofício, de formador do jovem príncipe, que Bossuet escreveu o famoso *Discurso sobre a história universal*. Em 1681 foi eleito para a Diocese de Meaux, a qual governou com grande solicitude, mesmo atendendo, dada a proximidade dessa cidade de Paris, às necessidades mais gerais da Igreja da França. Bossuet admirou S. Vicente de Paulo, sob cuja direção tinha feito a preparação imediata ao sacerdócio e de cujo exemplo aprendeu a fugir as insídias de uma pregação vazia e inútil às almas. Foi também íntimo amigo do abade Rancé, fundador da Trappa. A maior observação que se deve fazer sobre esta grande figura de Bispo, é a bondade da sua formação, tôda baseada na Sagrada Escritura e na Tradição. Teve um conhecimento muito extenso e profundo da Bíblia e continuou durante a vida tôda a se alimentar nas grandes obras dos Padres da Igreja, de preferência S. Agostinho, S. João Crisóstomo e Tertuliano. Por isso facilmente se pode compreender como, em um período de eloquência vazia e estéril, quase afastada das verdadeiras fontes cristãs, o Bispo de Meaux tenha podido alcançar tal profundidade de pensamento e prodigalizar um alimento tão substancioso, como o que se obtém de sua imensa obra oratória e dos vários seus escritos. Restam-nos de Bossuet 230 *Sermões* sobre o Evangelho. Famosíssimos os elogios fúnebres por êle pronunciados por ocasião da morte das mais ilustres personalidades do tempo. Bossuet escreveu outras obras, de controvérsia contra o Protestantismo, sobretudo a *Exposição sobre a Doutrina da Igreja Católica*, obra que Leibnitz definia "tôda de ouro", e a *História das variações das Igrejas protestantes*. Contra certos erros do quietismo, Bossuet escreveu as *Instruções sobre os estados de oração*. Precioso também êste livro que o Autor não conseguiu terminar: *Defesa da Tradição*

"*visi in majestate*". A lei e os profetas vieram prestar-lhe testemunho e reconhecê-lo. Mas o que nos deve mostrar a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo é que S. Marcos e S. Lucas fazem notar que no mesmo instante em que foram ouvidas as palavras do Eterno Pai mandando-nos escutar seu Filho, desapareceram Moisés e Elias. Entraram os dois Profetas numa nuvem, e Jesus ficou só: "*Et dum fieret vox, inventus est Jesus solus*" (Lc 9,36). E se perguntardes por que Moisés e Elias se escondem ao serem pronunciadas as palavras do eterno Pai, eu vos explicarei o místico segrêdo, tal como nos foi exposto pelo Doutor dos Gentios na divina Epístola aos Hebreus: "Deus — diz o grande Apóstolo — tendo falado outrora a nossos pais, de diferentes maneiras pela bôca dos Profetas (prestai atenção às expressões: *outrora, agora, nos últimos tempos*), falou-nos por seu próprio Filho" (Hebr 1,1). É a razão pela qual no momento em que Jesus Cristo aparece como Mestre, Moisés e Elias se retiram. A lei, por mais imperiosa que se mostre, faz questão da glória de ceder ao Salvador a primazia; os Profetas, por mais clarividentes que sejam, ocultam-se na nuvem, como se dissessem ao divino Jesus, por meio do ato que praticam: "Outrora, falamos em nome de vosso Pai e por sua ordem — *olim Deus* — agora, porém, que tomais a palavra e que "o Único que estava no seio do Pai" vem êle mesmo explicar os segredos do céu, o nosso encargo está terminado, a nossa autoridade se confunde na autoridade superior, e, sendo nos apenas servidores, humildemente cedemos a palavra ao Filho".

Cristãos, é a palavra do Filho que ressoa por todos os lados nas cátedras evangélicas. Já não é a cátedra de Moisés que ocupamos, mas sim a de Jesus Cristo, e dela fazemos ouvir a sua voz e o seu Evangelho. (Vinde) aprender em que espírito se deve escutar a nossa palavra, ou antes, a palavra do próprio Filho de Deus; (e peçamos) as orações daquela que, no dizer de S. Agostinho, primeiramente o concebeu pelo ouvido, e que, em virtude da obediência que prestou à palavra eterna, se

e dos santos Padres. Escreveu ainda várias obras de caráter filosófico, como o *Conhecimento de Deus e de si mesmo*, o *Tratado do livre arbítrio*. Enfim, saíram da pena da Aguiã de Meaux também vários tratados espirituais, entre os quais: *Meditações sobre o Evangelho*, *Elevações sobre os mistérios*, *Discurso sobre o ato de abandono*, etc. — Bossuet terminou sua vida terrena no ano de 1704.

tornou digna de concebê-la nas suas entranhas abençoadas.
Ave, Maria.

469. *Dois lugares igualmente sagrados: o altar e a cátedra.* — “No templo de Deus, cristãos, há dois lugares augustos e veneráveis: o altar e o púlpito. No primeiro são apresentadas as nossas súplicas, no segundo são divulgadas as prescrições; naquele, os ministros das coisas sagradas falam a Deus por parte do povo, no outro falam ao povo por parte de Deus; no primeiro, Jesus Cristo se faz adorar na realidade do seu corpo, no segundo faz-se reconhecer na verdade de sua doutrina. Há muito estreita aliança entre êsses dois lugares sagrados. E as obras que nêles se efetuam, têm admirável relação entre si. Tanto do altar como do púlpito, um alimento celestial é distribuído aos filhos de Deus: Jesus Cristo prega num e noutro. No primeiro, fazendo reviver em nosso pensamento a lembrança de sua paixão e ensinando-nos do mesmo modo a nos sacrificarmos com êle, prega-nos o Salvador, mas de maneira inaudível; no segundo, dá-nos instruções animadas pela voz natural. E se quiserdes maior analogia ainda, notai que no altar, em virtude do poder do Espírito Santo e por efeito das palavras da consagração, nas quais não devemos pensar sem um estremecimento interior, transformam-se os dons do ofertório no corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo; do púlpito, em virtude do mesmo Espírito e também pelo poder da palavra divina, os fiéis de Jesus Cristo devem ser intimamente transformados, para que se tornem seu corpo e seus membros.

Por motivo dessa relação admirável entre o altar e o púlpito foi que alguns antigos doutôres não recusaram ensinar aos fiéis que se aproximassem de um e de outro com veneração semelhante. E a êste respeito, cristãos, sem dúvida folgareis de ouvir umas palavras notáveis de Santo Agostinho, celebradas entre os sábios e que reproduzirei na íntegra já no comêço desta oração, à qual devem elas servir de base. Eis como se exprime o grande Bispo: *“Interrogo vos, fratres: — Dicite mihi: quid vobis plus videtur verbum Dei an corpus Christi? Si verum vultis respondere, hoc utique dicere debetis, quod non sit minus verbum Dei, quam corpus Christi, et ideo quanta sollicitudine observamus quando nobis corpus Christi ministratur, ut nihil ex ipso de nostris manibus in terram cadat, tanta sollicitudine observamus ne verbum Dei quod nobis erogatur, dum aliquid aut cogitamus aut loquimur, de nostro corde cadat, quia non minus reus erit qui verbum Dei negligenter audierit, quam ille qui corpus Christi in terram cadere negligentia sua per-*

miserit". — "Eu vos pergunto, meus irmãos, qual destas duas coisas vos parece de maior dignidade, a palavra de Deus ou o corpo de Jesus Cristo? Se quereis dizer a verdade, sem dúvida respondereis que a palavra de Jesus Cristo não vos parece menos estimável do que o seu corpo. Por isto, se tomamos cuidado para não deixar cair por terra o corpo de Jesus Cristo que nos é apresentado (na Comunhão), a mesma precaução devemos tomar para não deixar cair de nosso coração a palavra de Jesus Cristo que nos é anunciada, pois não é menos culpado quem ouve negligentemente a palavra sagrada do que aquêle que deixa cair, por culpa sua, o próprio corpo de Jesus Cristo". Eis os termos mesmos de Santo Agostinho, e eles me dão margem, cristãos, para aprofundar hoje a encoberta relação existente entre o mistério da eucaristia e o mistério da palavra, porque não encontro nada mais eficaz com que inspirar respeito pela santa pregação, e também nada mais aconselhável para explicar as disposições com as quais devemos escutá-la.

470. *Triplíce grau de audição.* — "A relação de que falamos consiste em três coisas que peço escuteis atentamente. Primeiramente vos digo, cristãos, que animados da mesma religiosidade com que desejais receber no altar a realidade do corpo de Nosso Senhor, também deveis desejar que vos preguem do púlpito a verdade de sua palavra. É a primeira disposição. Mas precisamos ir mais longe. Não basta que recebais externamente a realidade do pão celestial. Tanto assim que vos sentis obrigados a abrir a bôca, não tanto a do corpo como a do coração. Do mesmo modo, para bem ouvirdes a palavra sagrada, deveis estar atentos no interior de vós mesmos e prestar ouvidos com o coração. Entretanto, ainda não é bastante, cristãos. Veremos agora a perfeição da analogia e a consumação do mistério. Assim como ao receber no coração o alimento sagrado (que é a Eucaristia) dêle vos deveis sustentar de tal maneira que em virtude de vossas boas disposições, se note que fostes alimentados à mesa do Filho de Deus, também deveis aproveitar a palavra divina de sorte que por vossa maneira de viver, se perceba terdes recebido instrução na escola de Jesus Cristo. Se adotardes hoje estas santas disposições, ouvireis a Jesus Cristo como êle quer que o ouçamos: *Ipsum audite*. Ouvireis externamente a verdade de sua palavra; ouvireis no íntimo de vós mesmos a sua pregação interior. Enfim, ouvi-lo-eis pondo fielmente em prática os seus princípios, mostrando que sois discípulos seus, pela obediência: *Ipsum audite!* . . .

471. *Cristo continua a estar presente como que encarnado na sua palavra.* — “A fim de confirmar essa analogia, estabeleço o fundamento necessário de que, segundo o conselho de Deus, ao nos dispensar o mistério do Verbo Encarnado, deveria êste mostrar-se de duas maneiras diferentes aos homens. Em primeiro lugar cumpria-lhe aparecer na realidade de sua carne; em segundo lugar cumpria-lhe dar-se a conhecer na verdade de sua palavra. E a sólida razão dessas duas apresentações diversas consiste em que, sendo êle o Salvador do mundo, precisava manifestar-se a todo o mundo. Por conseguinte, não bastava que êle aparecesse na Judéia e num recanto da terra; era necessário que se apresentasse em todos os lugares onde a vontade do Pai lhe predestinara eleitos. Tanto é assim que êste mesmo Jesus que se mostrou somente na Palestina, pela realidade de sua carne, em seguida foi levado a todo o universo pela verdade de sua palavra. E, neste estado, cristãos, é que êle agora se revela a nós enquanto esperamos o dia abençoado em que o vejamos na sua glória.

O mistério de que vos falo nesta prédica, apresenta-se de modo bastante claro no nosso evangelho da Transfiguração. É coisa digna de nota que no mesmo instante em que S. Pedro, admirando a Jesus Cristo circundado de luz, cogita de preparar domicílio no Tabor para gozar eternamente a maravilha que estava vendo, no mesmo momento, cristãos, *adhuc eo loquente*, “enquanto êle ainda falava”, desaparece o esplendor que cercava a Jesus Cristo, e uma nuvem cobre os discípulos, dela saindo a voz do eterno Pai: “Êste é o meu Filho bem-amado, escutai-o”. Foi como se tivesse dito a S. Pedro, ou melhor, na pessoa do Apóstolo Pedro aos fiéis que deveriam seguir-se a êle: “Esta vida mortal e caduca não é um período de tempo para se ver a Jesus Cristo; uma nuvem o ocultará aos vossos olhos no momento em que êle virá tomar o seu lugar na glória do seio paterno. Todavia não penseis que inteiramente o perdereis de vista, pois, deixando de vê-lo na realidade de seu corpo, podereis contemplá-lo sempre na verdade de sua doutrina. Vinde ouvi-lo, e olhai o divino Mestre no seu Evangelho, nesse livro onde êle mesmo se encerrou: *Ipsum audite*”.

Foi isto o que fêz Tertuliano dizer, no livro da Ressurreição, que a palavra vital é como a carne do Filho de Deus: *Itaque sermonem constituens vivificatorem... eundem etiam carnem suam dixit*; e ao sábio Orígenes fêz dizer que a palavra que nutre as almas é uma espécie de corpo adicional de que

o Filho de Deus se revestiu; *Panis quem Deus verbum corpus suum esse fatetur, verbum est nutritorium animarum*. Que querem êles dizer, meus senhores, e que semelhança conseguiram encontrar entre o corpo de nosso Salvador e a palavra do seu Evangelho? Direi o que significa, no fundo, essa idéia. É que o Filho de Deus privando-nos de sua aparência visível, e desejando, não obstante, permanecer com os seus fiéis, tomou uma espécie de corpo adicional, isto é, a palavra do seu Evangelho, que efetivamente é como um corpo, de que a verdade está revestida. E por meio dêsse novo corpo, santas almas, Jesus ainda vive conosco e ainda nos fala; Jesus está sempre em atividade e continua trabalhando pela nossa salvação; Jesus não deixa de pregar, e todos os dias nos transmite ensinamentos de vida eterna, renovando a nossos olhos todos os seus mistérios.

Agora, para nada confundir, reflitamos sôbre tôda a doutrina precedente. Se a compreendestes de modo satisfatório, já estareis convencidos de que os pregadores do Evangelho não sobem ao púlpito animados a fim de proferir prédicas vãs que seja interessante ouvir por diversão. Praza a Deus que não pensemos assim! Sobem os pregadores ao púlpito animados do mesmo espírito com que sobem ao altar, para celebrar no púlpito um mistério, e um mistério semelhante ao da Eucaristia. É que o corpo de Jesus Cristo, não está com maior realidade no adorável sacramento da Eucaristia, do que a verdade de Jesus Cristo está na pregação evangélica. No mistério da Eucaristia, as espécies que vêdes são indícios; mas o que nelas se contém é o próprio corpo de Jesus Cristo. Ora, nos sermões, as palavras que ouvis são também indícios: mas o pensamento que os produz e que êles levam aos vossos espíritos, é a própria doutrina do Filho de Deus”.

472. *Tremenda responsabilidade para quem fala e para quem ouve.* — “Que cada um dos ouvintes fale aqui à sua consciência, e interrogue-se a si mesmo para saber em que espírito ouve a pregação; e decida, diante de Deus, se é pequeno delito o nosso hábito de considerar simples entretenimento e diversão o mais sério, o mais importante e o mais necessário encargo da Igreja, que é como os santos concílios denominam o ministério da palavra. E imaginai agora, meus irmãos, até que ponto chega a audácia daqueles que esperam e mesmo exigem dos pregadores outra coisa que não o Evangelho; que querem que lhes adocemos as verdades cristãs, ou pretendem que, para torná-las agradáveis, a elas misturemos as invenções do espírito huma-

no. Com a mesma licença, poderiam ter a veleidade de nos ver profanar a santidade do altar, falsificando-lhe os mistérios. É uma idéia que vos causa horror. Sabei, entretanto, que existe igual obrigação de tratar com verdade a palavra sagrada e os santos mistérios. E daí somos levados a tirar a conclusão — que deve fazer estremecer tanto pregadores como ouvintes — de que o crime de quem efetuasse ou exigisse a celebração dos mistérios divinos diversamente do que nos foram êles legados por Jesus Cristo, seria tal como o atentado dos pregadores ou dos ouvintes, se desejassem êstes a palavra do Evangelho alterada, e se aquêles a pregassem de maneira diversa do que ela foi confiada à Igreja pelo celeste pregador, que hoje o Eterno Pai nos manda ouvir: *Ipsium audite!*

É a razão por que o Apóstolo S. Paulo ensina aos pregadores que devem empenhar-se não em se fazer mencionar por sua eloqüência, “mas em se tornarem recomendáveis à consciência do homem pela manifestação da verdade” (2 Cor 4,2). E assim lhes ensina duas coisas: em que lugar e por que meio devem tornar-se recomendáveis. Onde? Nas consciências. Como? Pela manifestação da verdade. E uma coisa é consequência da outra. Porque os ouvidos se comprazem na harmonia e arranjo das palavras, a imaginação se regozija com a delicadeza das idéias, e o espírito é às vêzes conquistado pela verossimilhança do raciocínio; a consciência porém, quer a verdade. E como é à consciência que os pregadores falam, cumpre-lhes buscar não o brilhantismo e as fulgurações do espírito que diverte, nem uma harmonia que deleite, nem as evoluções de idéias que lisonjeiam, mas o relâmpago que abre caminho, o trovão que comove, o raio que parte os corações. E onde encontrarão êles tôdas essas grandes coisas, se não fazem resplandecer a verdade, se não fazem falar o próprio Jesus Cristo? Deus tem na mão as tempestades; só a êle pertence fazer estalar nas nuvens o ruído do trovão. Pertence-lhe mais ainda resplandecer e tropejar nas consciências, fender com repentina faísca os corações endurecidos. E se houver um pregador bastante temerário para esperar de sua eloqüência êsses grandes efeitos, parece-me que Deus lhe dirá como a Jó: *Et si habes brachium sicut Deus, et si voce simili tonas*, isto é, “se acreditas ter um braço como o tem Deus, e se podes tropejar com semelhante voz”, termina, e faz todo o papel de Deus: “eleva-te nas nuvens, aparece em tua glória, em teu furor faz cair por terra os soberbos”, e dispõe das coisas humanas à tua vontade: *“Circumda tibi decorem, et in sublime erigere, et esto gloriosus... disperge superbos in furore tuo”*.

Mas que dizemos? Imitar com tão débil voz o trovão do Deus vivo! Não caíamos na afetação de imitar a fôrça todo-poderosa da voz de Deus com a nossa pobre eloquência”.

473. *Posição adequada para a eloquência cristã.* — “Se quereis saber agora que parte pode então ter a eloquência nas prédicas cristãs, S. Agostinho vos dirá que ela não tem permissão de aparecer senão em seguimento da sabedoria: *Sapientiam de domo sua, id est, pectore sapientis procedere intelligas, et tamquam inseparabilem famulam etiam non vocatam sequi eloquentiam.* Há aqui certa ordem que deve ser conservada: a sabedoria caminha à frente, como senhora que é; a eloquência adiante-se depois, como a segui-la. Entretanto, não notais, cristãos, a circumspecção de S. Agostinho, que diz que a eloquência deve seguir a sabedoria sem ser chamada? Quer êle significar que a fim de que a eloquência seja digna de ter algum lugar nas prédicas cristãs, não devemos buscá-la com demasiado estudo. É preciso que ela surja como que por si mesma, atraída pela importância do assunto, para servir de intérprete à sabedoria que fala. Mas, senhores, qual é essa sabedoria que deve falar do alto dos púlpitos senão Nosso Senhor Jesus Cristo, sabedoria do Eterno Pai, que hoje nos manda ouvi-lo? Nestas condições, o pregador evangélico é aquêle que faz falar Jesus Cristo. Todavia, êle não o faz exprimir-se em linguagem de homens, porque receia dar estranho corpo à sua verdade eterna. É o motivo pelo qual o pregador tudo colhe das Escrituras, repetindo mesmo as suas sagradas expressões, não apenas para fortalecer a oração que pronuncia, mas para embelezá-la. Animado da aspiração de conquistar as almas, procura apenas as coisas e os sentimentos. Como diz S. Agostinho, não é que êle menospreze os ornamentos da eloquência, quando os encontra de passagem e os vê florescer diante de si em virtude dos bons pensamentos que os sugerem. Apenas não enfeita demais com êles a sua linguagem. Serve-lhe todo aparelhamento, contanto que seja um espelho em que Jesus Cristo apareça na sua verdade, um conduto donde jorrem com tôda pureza as águas vivas do seu Evangelho, ou, se fôr preciso alguma coisa mais animada, um intérprete fiel que não altere a sua santa palavra, não lhe mude o sentido, não lhe acrescente nada nem a torne menos vigorosa”.

II Sermon pour la deux. dimanche de Carême. — Oeuvres complètes de Bossuet (Bruxelles 1848), vol. II, pág. 108 ss.

474. *O imprescindível limite humano.* — “Sobrevém às vezes na Igreja uma tempestade, e é a curiosidade que a provoca. Curiosidade, cristãos, que é uma peste dos espíritos, a ruína da piedade e a mãe das heresias. A fim de que se entenda bem esta verdade, é necessário notar, antes de tudo, que a sabedoria divina estabeleceu um termo para os nossos conhecimentos. A Providência infinita, vendo que as águas do mar se espalhavam por toda a terra, cobrindo-lhe a superfície toda, prescreveu-lhes limites que não lhes permite ultrapassar; e assim também, sabendo que a intemperança dos espíritos se estenderia até o infinito em consequência de uma curiosidade desmesurada, marcou limites a esta, determinando-lhe que nêles detivesse o seu curso. “Irás até ali — disse êle — e não passarás mais além”: *usque huc gradieris, et non procedes amplius: et hic confringes tumentes fluctus tuos*” (Jó 38,11).

Foi por isso que Tertuliano sàbiamente disse “que o cristão não quer saber senão muito poucas coisas, porque — continua êste grande homem — as coisas certas contam-se em pequeno número”: *“Christiano paucis ad scientiam veritatis opus est: nam et certa semper in paucis”*. Não quer êle perder-se nas intermináveis questões que são definidas pelo apóstolo: *Infinitas quaestiones devita* (Tit 3,9); restringe-se humildemente aos pontos que Deus revelou à sua Igreja; sente segurança em não saber o que Deus não revelou; detesta a ciência vã que é usurpada pelo espírito humano; e aprecia a douda ignorância que a lei divina prescreve: “Não saber mais, diz êle, é saber tudo”: *nihil ultra scire, omnia scire est*.

475. *O homem indócil está a mercê dos fluxos.* — “Todo aquêle que se mantém nas suas limitações e sabe regular a sua fé pelo que aprende de Deus através da Igreja, não tem por que recear a tempestade. Mas a curiosidade dos espíritos soberbos não pode suportar essa modéstia: “Elevam-se as suas ondas — diz a Escritura — até os céus, descem até os abismos”: *Exaltati sunt fluctus eius, ascendunt usque ad coelos, et descendunt usque ad abyssos* (Sl 106,25-26). Aí temos uma agitação muito violenta, imagem viva dos espíritos curiosos. Seus vagos e agitados pensamentos atropelam-se uns aos outros como se atropelam as ondas. E se avolumam e se elevam desmesuradamente. Imaginam poder atingir até o que há de mais elevado no céu e que há de mais recôndito nas profundezas do

inferno: *Ascendant usque ad coelos*. Os conselhos da divina Providência, as causas dos seus milagres, a série impenetrável dos seus mistérios, tudo êles pretendem submeter ao próprio julgamento. *Ascendant*. Desventurados os que, agitando-se dêsse modo, não percebem que estão passando pelo que sucede aos que caem nos tormentos da tempestade: *Turbati sunt, et moti sunt sicut ebrius*: “ficaram perturbados como êbrios”. Anda-lhes em volta a cabeça no tempestuoso movimento, *Et omnis sapientia eorum devorata est*: “dissipa-se tôda sua sabedoria”. E tendo infelizmente perdido o caminho, esbarram contra os rochedos, jogam-se em abismos, extraviam-se em heresias. Ário, Nestório, perdeu-vos a vossa curiosidade. Eis aí a tempestade levantada pela curiosidade dos heréticos. E é assim que êles seduzem os simples, porque — diz S. Agostinho — “tôda alma ignorante é curiosa”: *omnis anima indocta curiosa est*. Isso é novo: escutemos; a maneira como nos propõem essa doutrina agrada-nos. Ário, Nestório e outros, por que procurais o que não se pode encontrar? “Não é permitido procurar além do que nos é dado encontrar”: *Amplius quaerere non licet, quam quod inveniri licet*”.

476. *Salvação na Igreja*. — “Para impedir os extravios causados por essa curiosidade perniciosa, o único recurso, meus irmãos, é escutar a voz da Igreja, e submeter o nosso julgamento às suas infalíveis decisões. Falo a vós, filhos mais novos que a Igreja engendrou; é na estabilidade desta Igreja que deveis apoiar os vossos espíritos, os quais, na falta dêste apoio, se tornariam vacilantes. Sois curiosos da verdade? Quereis ver? Quereis ouvir? Vinde ver e escutar na Igreja: *sicut audivimus sic vidimus*. Disse Davi terem ouvido e terem visto. E onde? *In civitate Domini virtutum* (Sl 47,9): na cidade do nosso Deus, isto é, em sua santa Igreja. “Aquêles que está fora da Igreja — ensina S. Agostinho — por mais curiosidade que tenha e seja qual fôr a ciência de que se vangloria, não vê nem ouve; quem quer que faça parte da Igreja, não é nem surdo nem cego”: *extra illam qui est, nec audit nec videt; in illa qui est, nec surdus est nec coecus est*”.

Portanto, se é assim, cristãos, que não vá mais longe a nossa curiosidade. A Igreja falou: é o bastante. Tal individuo desligou-se da Igreja, e prega e dogmatiza e ensina. Que diz êle? Que é que prega? Qual é a sua doutrina? Ó homem fútilmente curioso! de mim direi que não me informo a res-

peito da doutrina de tal indivíduo: é impossível que êle ensine bem, porque não ensina na Igreja. Um mártir illustre, doutor muito esclarecido, S. Cipriano, vos afirmará isto. Antoniano, um de seus colegas, escreveu-lhe a respeito do cismático Novaciano, a fim de saber qual a heresia por que êste tinha incorrido em censura. Deu-lhe o santo doutor esta bela resposta: *Desiderasti ut rescriberem tibi quam haeresim Novatianus introduxisset. . . . Quisquis ille fuerit, multum de se licet jactans, et sibi plurimum vindicans, profanus est, alienus est, foris est.* “No tocante a Novaciano, de quem me pedis vós escreva qual foi a heresia que introduziu, sabeí primeiramente que nem mesmo devemos ter curiosidade de tomar conhecimento do que êle ensina, visto que ensina fora da Igreja. Seja êle quem fôr, vanglorie-se êle como quer que seja, o caso é que não é cristão, já que não faz parte da Igreja de Jesus Cristo”.

477. *Igreja mãe do homem.* — “Empina-se o orgulho dos heresiarcas: “O que? Deverei eu crer baseado na fé dos outros? Quero compreender as coisas eu mesmo!” Soberba linguagem. Reconhecei-a, meus caros irmãos: é a linguagem que faláveis em outros tempos. A Igreja falou: não é isso bastante? Mas o caso é que ela pode enganar-se! — Filho que desonras tua mãe, em que Escritura lêste tu que a Igreja pode enganar seus filhos? Reconhecei que ela é mãe. Só ela pode engendrar os filhos de Deus. Ora, se ela pode gerá-los, quem põe em dúvida que possa nutri-los? Como é sabido, a terra, que produz as plantas, também lhes fornece a nutrição adequada: jamais faz a natureza qualquer mãe sem fazer ao mesmo tempo uma nutriz. Seria a Igreja a única que engendrasse filhos e não tivesse leite para lhes dar? Êste leite dos fiéis é a verdade, é a palavra de vida.

Filhos desnaturados que saís das entranhas maternas e rejeitais os peitos, se eu tenho entranhas que vos contiveram, também tenho seios para vos amamentar. Vêde aqui, vêde o leite que escorre dos meus seios, a palavra de verdade que êles destilam. Aproximai-vos, sorvei êste leite e vivei. Não leveis vossos lábios a fontes envenenadas!

Mas é preciso saber qual é essa Igreja! Ah! como é fácil excluir a vossa, outra vez erigida, igreja construída sôbre a areia. Ó divino Jesus, vós acreditais haver edificado sôbre rocha. Foi sôbre areia movediça que edificastes a confissão da fé! Assim o vosso edifício desabou. Tornou-se necessário que

Lutero e Calvino viessem erguê-lo novamente: Filhos meus, respeitai os meus cabelos grisalhos; atentai para esta antiguidade venerável; eu não me torno decrépita porque não morro nunca; mas sou antiga, isto sim. Como vos gabais então de me ter restabelecido? Será possível? Porventura fizestes vossa mãe? Se a fizestes, donde provindes vós? E dizeis que caí por terra? Logo eu, que de tantos perigos me livreí!”

Sermon pour le samedi après les cendres: sur l'Eglise. O. c., pág. 10ss.

S. LUIZ M. GRIGNION DE MONFORT

Fundador dos Missionários de Maria e das Filhas da Sabedoria
(1673 - 1716)

A DEVOÇÃO À VIRGEM SUSCITARÁ OS FORTES CAMPEÕES DA PALAVRA DE DEUS.

478. “Quem serão êsses servidores, êsses escravos e filhos de Maria?

Serão ministros do Senhor ardendo em chamas abrasadoras, que lançarão por tôda parte o fogo do divino amor. Serão “*sicut sagittae in manu potentis*” (Sl 126,4), flechas agudas nas mãos de Maria todo-poderosa, pronta a traspassar seus inimigos.

Serão filhos de Levi, bem purificados no fogo das grandes tribulações, e bem colados a Deus, (1 Cor 6,17), que levarão o ouro do amor no coração, o incenso da oração no espírito e a mirra da mortificação no corpo e que serão em tôda parte para os pobres e os pequenos o bom odor de Jesus Cristo, e para os grandes, os ricos e os orgulhosos do mundo, um odor repugnante de morte.

S. Luís MARIA nasceu em Monfort-sur-Meu a 31 de janeiro de 1673 e foi ordenado sacerdote em 1700. Trabalhou sobretudo em catequizar os pobres do campo e em difundir a devoção à SS. Virgem. Fundou os Missionários da Companhia de Maria e a Congregação das Filhas da Sabedoria, com o objetivo mencionado: missões entre os pobres e devoção à Virgem. Foi em peregrinação, a pé, a Roma e do Papa Clemente XI, que o dissuadiu das missões estrangeiras, recebeu a confirmação sobre seu trabalho entre os pobres da França, a que se dedicou com profunda solicitude até à morte, ocorrida em abril de 1716. No *Tratado da verdadeira devoção à SS. Virgem*, o principal dos seus escritos, e fundamental para a devoção da SS. Virgem, o santo escrevia: “Prevejo muitos animais furiosos, que vêem despedaçar com seus diabólicos dentes, êste breve escrito e aquêle, de quem o Espírito Santo se serviu para o escrever; ou pelo menos, para o envolver nas trevas e no silêncio de um cofre, a fim de que não apareça; êles atacam e perseguirão aquêles que o lerem e que o puserem em prática”. Tudo isso aconteceu ao pé da letra: o autor foi objeto de contínua e grande perseguição até à morte, da parte dos jansenistas, e o manuscrito do Tratado, escondido em uma caixa, durante os tenebrosos dias da revolução francesa, foi encontrado e publicado somente em 1842. Desde aquela data, orientou à devoção à Virgem SS. uma infinidade de almas. — S. Luís Maria foi beatificado por Leão XIII em 1888 e canonizado por Pio XII em 1947.

Serão nuvens trovejantes esvoaçando pelo ar ao menor sôpro do Espírito Santo, que, sem apegar-se a coisa alguma nem admirar-se de nada, nem preocupar-se, derramarão a chuva da palavra de Deus e da vida eterna. Trovejarão contra o pecado, e lançarão brados contra o mundo, fustigarão o demônio e seus asseclas, e, para a vida ou para a morte, transpassarão lado a lado, com a espada de dois gumes da palavra de Deus, todos aquêles a que forem enviados da parte do Altíssimo.

Serão verdadeiros apóstolos dos últimos tempos, e o Senhor das virtudes lhes dará a palavra e a fôrça para fazer maravilhas e alcançar vitórias gloriosas sôbre seus inimigos; dormirão sem ouro nem prata, e, o que é melhor, sem preocupações, no meio dos outros padres, eclesiásticos e clérigos, "*inter medios clericos*" (Sl 67,14) e, no entanto, possuirão as asas prateadas da pomba, para voar, com a pura intenção da glória de Deus e da salvação das almas, aonde os chamar o Espírito Santo, deixando após si, nos lugares em que pregarem, o ouro da caridade que é o cumprimento da lei" (Rom 13,10).

Trattato della vera devozione alla S. Vergine, 56-58. — Roma 1955, pág. 49.

A VIRGEM, INSTRUMENTO DE DEUS PARA O MAIS BELO CÂNTICO REVELADO, "O MAIOR SACRIFÍCIO DE LOUVOR QUE DEUS TENHA RECEBIDO NA LEI DA GRAÇA".

479. "Para agradecer a Deus pelas graças que concedeu à Santíssima Virgem, dirão freqüentemente o *Magnificat*, a exemplo da bem-aventurada Maria d'Oignies e de muitos outros santos. É a única oração e a única obra composta por Maria, ou, melhor, que Jesus fez por meio dela, pois êle fala pela bôca de sua Mãe Santíssima. É o maior sacrificio de louvor que Deus já recebeu na lei da graça. É, dum lado, o mais humilde e o mais reconhecido e, doutro, o mais sublime e mais elevado de todos os cânticos. Há neste cântico mistérios tão grandes e tão ocultos, que os próprios anjos ignoram.

Gerson, que foi um doutor tão sábio quanto piedoso, depois de empregar grande parte de sua vida escrevendo tratados cheios de erudição e piedade, sôbre os mais difíceis temas, tremeu e vacilou no fim da carreira, ao empreender a explicação do *Magnificat*, com que tencionava coroar tôdas as suas obras. Num volume in-folio, êle nos diz coisas admiráveis do belo e divino cântico. Entre outras, afirma que a Santíssima Virgem o recitava muitas vêzes sôzinha, principalmente depois da Santa Comunhão, em ação de graças".

O. c., n. 255, pág. 202.

A GRAÇA DE SER VERDADEIRO DISCÍPULO
DA ETERNA SABEDORIA.

480. “Ó Mãe de misericórdia! Faze-me a graça de obter a verdadeira sabedoria de Deus e por isso de colocar-me no número daqueles que tu amas, os quais ensinas, que guias, que alimentas e guardas como filhos teus e teus escravos. Ó Virgem fiel, faze que em tudo eu me torne tão perfeito discípulo, imitador e escravo da Sabedoria Encarnada, Jesus Cristo teu Filho, que eu consiga chegar, por graça da tua intercessão, a exemplo teu, à plenitude de sua idade aqui na terra e de sua glória nos Céus. Assim seja”.

O. c., consecração, pág. 219.

SÃO PAULO DA CRUZ

Fundador dos PP. Passionistas
(1694 - 1775)

PALAVRAS BÍBLICAS QUE INFUNDEM GRANDE CORAGEM.

481. “Tenham coragem, pelo exemplo do grande sacerdote Neemias, como se lê no livro de Esdras. Este santo sacerdote, depois de ter obtido as cartas credenciais do rei Assuero por meio da santa Rainha Ester, correu a Jerusalém para reedificar o Templo do verdadeiro Deus e a cidade santa, destruída pelos Caldeus.

Chegando a Jerusalém começou a grande construção e os trabalhos aumentavam maravilhosamente, quando os samaritanos e outros inimigos, invejosos de que se executasse tão grande obra, uniram-se para o impedir e tomando armas chegaram até junto dos muros da cidade santa. Neemias, cora-

PAULO DANEI, conhecido pelo nome religioso de Paulo da Cruz, nasceu em Ovada, na região entre o Piemonte e Gênova, no ano de 1694. Teve da juventude dons extraordinários de Deus, e sobretudo a inspiração de se tornar Apóstolo do culto da Paixão e da penitência, ante um século que seguia um processo de descristianização, em crescente adoração da natureza. Essa foi a grande vocação que se lhe revelou no ano de 1720 e que o levou à fundação dos Padres Passionistas e das Irmãs da Paixão. Essa obra, unida a uma santidade excepcional, faz dele, com S. Afonso de Liguori, uma das mais sólidas colunas da Igreja no curso do século XVIII. A fundação foi iniciada por S. Paulo, juntamente com um seu irmão mais moço, no monte Argentaro, perto de Orbetello, no ano de 1721 e chegou, depois de várias vicissitudes a se fixar em Roma, no monte Célio, em 1770, quando já se tinha tornado notavelmente grande. S. Paulo passou em Roma os últimos anos de sua vida e morreu santamente em 1775. — Este santo deixou como herança aos seus filhos e à Igreja, além de uma vocação árdua e o exemplo de uma santidade em altíssimo nível, também um grande número de cartas (milhares) que nos continuam a revelar-lhe o espírito e estender seu forte convite ao culto da Paixão, a semear grande paz e serenidade nos espíritos e a convidar a um completo abandono na fé em Deus. Esse precioso epistolário (são quatro respeitáveis volumes de cartas o mais das vezes breves, simples, expressivas), tem algo de luminoso; há serenidade, abundância de sentido sobrenatural e muitas vezes contém observações lépidas e briosas. A “Palavra de Deus” está sempre presente no epistolário, denotando, da parte de S. Paulo da Cruz, amplo conhecimento da Escritura e a viva impressão que algumas palavras reveladas lhe tinham produzido no espírito.

josamente continuou o trabalho com seus bons israelitas e os inimigos insultavam-no com zombarias e ameaças, convidando-o por fim a descer e confabular com êles: mas o valoroso santo sacerdote Neemias respondeu-lhes estas grandes palavras, dignas de serem escritas no coração dos cristãos, com caracteres de ouro: "*Opus grande ego facio: ideo non possum descendere*: — tenho entre mãos uma obra grande, e não posso descer" (2 *Esdr* 6,3), e depois ordenou a tôda a sua gente que se armasse, e tendo uma das mãos no trabalho, com a outra empunhasse a espada: e assim fizeram e conseguiu terminar a obra, com grande glória para Deus.

Assim faça você quando se encontrar no meio das mencionadas tempestades: com o coração voltado para Deus diga: "*Opus grande ego facio, ideo non possum descendere*", e não duvide de que bem depressa verá terminada a obra. Encoraje bastante a plebe humilde e o senhor Estêvão faça o mesmo e arme-se com as citadas palavras de Neemias. Se se contraírem dívidas serão pagas com facilidade: o banco de Deus jamais faliu. E ai! maldição terrível para aquêles que se opuserem a esta obra santa, porque não estarão escritos "*in scriptura domus Israel*" e cedo ou tarde ver-se-ão castigados e suas casas em desolação. Coragem, portanto, caríssimo Senhor Dom Francisco, amatíssimo Senhor Estêvão. Deus quer ser servido por sua parte e a remuneração será muito grande. Tenhamos sempre no coração e na bôca: Eu trabalho por Deus, fadigo-me por seu amor. *Opus grande ego, facio, etc.*".

Carta n. 1403 (Al Canonico F. Scarsella, 18-8-1761). — *Lettere di San Paolo della Croce*, Roma 1924, vol. III, pág. 506.

NA HUMILDADE "SERÁS MINHA BÔCA".

482. "Fico recomendando-me às suas santas orações e rogo-lhe, transmita minhas cordialíssimas saudações a todos, professos e noviços. Santifiquem-se e estudem no verdadeiro livro de seu verdadeiro nada, para bem se firmar no próprio conhecimento, porque dêsse modo serão santos. "*Si separaveris pretiosum a vili quasi os meum eris*" (*Jer* 15,19).

Carta n. 548 (al P. Fulgenzio di Gesù, Orbetello). — *O. c.*, vol. II, pág. 111.

SÔMENTE A VIDA INTERIOR PREPARA PARA A PALAVRA.

483. "Ontem em Soriano, hoje no confessionário; e na mesa um punhado de cartas: paciência! Ah! caríssimo P. Reitor! quanto o amo em Deus, não o sei dizer. Conserve-se no reino

interior, beba na fonte de vida, embriague-se bem, porque depois "*eructabit cor tuum verbum bonum*" (Sl 44,2), para inflamar a todos. E o vice-Reitor, que faz êsse bom homem? Cumprimente-o cordialmente, que carregue sua cruz alegremente e viva em santa solidão interior".

Carta n. 552 (ao mesmo). O. c., vol. II, pág. 123.

S. AFONSO M. DE LIGÓRIO

Bispo de S. Ágata dei Goti - Fundador dos PP. Redentoristas
- Doutor da Igreja
(1696 - 1787)

A ESPADA É AFIADÍSSIMA, MAS PARA QUE SERVE,
DENTRO DA BAINHA?

484. “A palavra de Deus não tem necessidade de ornamentos afetados nem de tantas flôres, porque já tem o ornamento do seu natural decôro: daí se deduz que quanto mais simplesmente fôr exposta, tanto mais luminosa aparecerá. Eis aqui palavras do P. Natale Alexandre, adequadas ao caso: “Que o pregador seja bastante humilde a ponto de usar aquela simplicidade de

Nascido em Nápoles, de distinta família, em 1696, S. AFONSO dirigiu-se para a carreira de advogado. Perdida uma causa importante em 1723, reconheceu neste fato desagradável o seu “caminho de Damasco”, e orientou-se profundamente para a vida espiritual. Em 1726 era sacerdote. Desejava partir para missões distantes, mas impressionado pela visão direta do abandono em que se encontravam as populações dos arredores de Nápoles, dedicou-se com ardor ao seu serviço. Foi exatamente para o apostolado nas aldeias que fundou, em 1732, a Congregação do Santíssimo Redentor. Durante 30 anos, com seus filhos espirituais, atendeu as missões entre o povo. Em 1762, não obstante as suas fortes recusas, foi feito Bispo de S. Ágata dei Goti, perto de Nápoles. Aí permaneceu por 13 anos, que foram vantajosos não só para aquela Diocese mas para tôda a Igreja, já que, sobretudo durante aqueles anos pôde escrever as suas famosas obras, destinadas a combater o espírito do jansenismo e a difundir as formas populares de piedade, o espírito de oração, o uso dos sacramentos, a devoção à Santíssima Virgem e a Jesus Crucificado. Foi o dique mais eficaz ao gelo que se estava difundindo por tôda parte, por causa dos princípios do jansenismo. — Obras principais de S. Afonso, além da sua obra-prima teológica que é a *Teologia Moral*, e alguns livros de prática pastoral, são as conhecidíssimas: *Preparação para a morte*, *O grande meio da oração*, *o Caminho da salvação*, *A prática de amor à Jesus Cristo*, *As glórias de Maria*, etc. — Em 1775 S. Afonso pediu e foi desobrigado do pêso da Diocese, e passou os últimos anos atendendo à sua Congregação, entre amarguras que fizeram de sua vida um holocausto sempre maior a Deus. Morreu com mais de 90 anos, em 1787. Foi canonizado em 1839 e declarado Doutor da Igreja por Pio IX em 1871. Destaca-se entre todos como o Doutor da Teologia Moral, mas pelo imenso zêlo que marcou a sua ação pastoral, foi-lhe dado o cognome especial de “Doctor zelantissimus”.

linguagem que não está em contraste com a eloquência cristã, nem com a beleza natural e não artefata. Quanto mais humilde se mostra e mais longe de servir-se dos meios humanos e das affectações da eloquência mundana, tanto mais brilharão o espírito e a virtude de Deus, que se mostrarão eficazes na conversão das almas". Daqui se depreende, que quanto mais clara se apresentar a palavra de Deus, tanto mais fortemente ferirá o coração dos ouvintes, uma vez que, no dizer do Apóstolo, "a palavra de Deus é viva e penetrante, e mais cortante que uma espada de dois gumes" (*Hebr 4,12*). O próprio Deus já havia dito por meio de Jeremias: "A minha palavra não é como o fogo e como um martelo que quebra as pedras" (*Jer 23, 29*), isto é, os corações mais duros? Ouçamos ainda o que sôbre isso diz o autor da *Obra Imperfeita*: "A palavra de Deus, ainda se simples e popular, é cheia de vida e vivifica quem a ouve, porque contém em si a verdade de Deus, enquanto a palavra do homem por muito rebuscada e escolhida que seja, é palavra morta, e não produzirá nenhum fruto porque não é assistida pela força de Deus". Outro sábio autor, o P. José Mansi, observa que a palavra de Deus, quando está despojada da superabundância humana, e dos seus ornamentos, é então que penetra nos corações; que se, ao contrário, é recoberta de flôres, é semelhante a uma espada posta na bainha, que não pode ferir: "Para ferir — são palavras suas — a espada deve estar nua, porque enquanto estiver metida na bainha, ainda que seja bem afiada, não poderá ferir; sucede a mesma coisa com a palavra divina, que não poderá ferir os corações dos maus se não fôr despojada das figuras e das flôres da vã eloquência".

Carta a um religioso seu amigo. — *Obras asceticas*, B. A. C., Madrid 1954, vol. II, pág. 351.

POUCAS CITAÇÕES, BEM ESMIUÇADAS.

485. "Há jovens missionários que enchem os seus sermões de citações da Escritura e de extensas passagens dos santos Padres, uma ao lado da outra. Mas, para que tantas citações latinas, quando o povo não as entende? Está certo quanto aos trechos da Sagrada Escritura, que conferem autoridade a quem dêles se serve, mas sômente se são poucos e bem esmiuçados, de acôrdo com a capacidade do povo. Vale mais apresentar um só texto bem explicado, extraindo-lhe a correspondente conclusão moral, que reunir um grande monte dêles".

L. c., pág. 355.

486. “Adornar a pregação com pensamentos muito eruditos e com dicção refinada para conquistar fama, afastando-se da simplicidade evangélica, é precisamente adular a palavra de Deus, do que se guardava o Apóstolo, de acôrdo com o que escrevia aos fiéis de Corinto: “Não somos como tantos que adulteram a palavra de Deus, mas com o coração sincero, como da parte de Deus, falamos de Cristo na presença de Deus” (2 Cor 2,17). S. Gregório comenta esta passagem dizendo que o adular a palavra de Deus é procurar obter dela frutos não espirituais, mas frutos impuros e pecaminosos de satisfações humanas. Aos adúlteros pouco importa ter filhos: aliás, até aborrecem-nos e só procuram a sua satisfação. Assim fazem aquêles que pregam não com o fim principal de conquistar almas mas para conquistar glória e estima.

Temam êstes profetas que Deus os afaste de si, como já ameaçou com Jeremias: “Por esta causa eis que venho contra êsses Profetas, diz o Senhor, que roubam as minhas palavras cada um ao seu vizinho... Eu vos hei de arrojar para longe de mim” (Jer 23,30). Quem são aquêles que roubam a palavra de Deus? São precisamente aquêles que se valem dela para darem-se o nome de grandes pregadores, roubando assim a glória de Deus, para atribuí-la a si próprios. S. Francisco de Sales dizia que o pregador carregado de folhagens, isto é, de palavras rebuscadas e de pensamentos esquisitos, corre o risco de ser cortado e atirado ao fogo, como a árvore estéril do Evangelho; porque o Senhor disse aos seus discípulos, e nêles a todos os sacerdotes, que os havia escolhido “para trazer frutos, e frutos que durassem” (Jo 15,16).

L. c., pag. 381.

ÁGUA DE ROSAS PARA APAGAR UM INCÊNDIO?

487. “Quando se incendia uma casa, escreve o P. Mansi, que loucura seria procurar apagar o incêndio com um pouquinho de água de rosas comprada na farmácia! Quando às vêzes ouço falar de um fruto extraordinário que se obtém, tenho vontade de rir e observo que isto não é possível. Por quê? Porque sei que Deus não concorda com êste modo de pregar. “As minhas palavras e a minha pregação, dizia o Apóstolo, não foram persuasivas palavras de sabedoria, mas demonstração de espírito e de força” (1 Cor 2,4). Para que servem tôdas nossas palavras, se não forem animadas pelo espírito e

pela força da graça divina? “Estas palavras do Apóstolo, diz Orígenes comentando-as, que significam, senão que as nossas palavras não têm o poder por si próprias de comover as almas, se o pregador não é ajudado pela virtude da graça do Alto, conforme a palavra do Salmista: palavra de força dá o Senhor?” (Sl 67,12). Deus presta o seu concurso a quem prega a sua palavra como é, simplesmente e sem vaidade; a tais sermões dá força e vigor para tocar os corações que ouvem, e não dá semelhante vigor aos sermões de estilo rebuscado e refinado. A linguagem muito escolhida e cultivada de acordo com a sabedoria humana, diz S. Paulo, como antes fizemos notar, enerva a força da palavra divina e faz com que se desvaneça o bem que dela se poderia esperar”.

L. c., pág. 364.

P. HENRIQUE D. LACORDAIRE O. P.

(1802 - 1861)

QUE PROFUNDA IMPRESSÃO, SABER QUE É
“A PALAVRA DE DEUS!”

488. “Sabes que as Sagradas Escrituras foram redigidas sob a influência da inspiração de Deus, que moveu a vontade dos escritores, suscitou e dirigiu os seus pensamentos, de modo que elas não são apenas um admirável monumento da antigüidade, unidade e santidade, mas um monumento divino, a obra substancial da verdade infinita, para a qual os Profetas apenas

P. H. LACORDAIRE nasceu em Recey-sur-Ource (França) em 1802. Foi educado em Dijon, onde recebeu uma excelente formação literária mas, dado o ambiente e a orientação dos estudos, obscureceu-se-lhe a fé. Voltará ao contato com o pensamento cristão em Paris, enquanto fará prática de advogado: as questões sociais, tão agitadas na época, fizeram-lhe compreender que elas nunca alcançariam soluções adequadas fora dos grandes princípios cristãos: voltou então à fé com grande entusiasmo. Entrou no seminário de S. Sulpício e foi ordenado sacerdote em 1827. Em 1830 uniu-se a Lamennais e deu ampla colaboração ao jornal “L’Avenir”: mas quando o periódico foi claramente desaprovado pela santa Sé, enquanto Lamennais caía infelizmente na apostasia, Lacordaire, em uma profunda e salutar reação, encontrava o verdadeiro impulso para sua vida. Foi em 1834 que Lacordaire começou seu frutuoso apostolado intelectual, no Colégio Stanislás: o feliz êxito, levou-o em 1835 ao púlpito de Notre-Dame e o esplendor e a eficácia da sua eloqüência foram tais, que àquela cátedra, à qual no correr de mais de um século continuaram a subir os melhores oradores da França, foi garantido um prestígio excepcional e uma bela função de defesa e de divulgação da doutrina cristã. Em 1836 Lacordaire resolveu tornar-se Dominicano e em 1838 entrou para aquela Ordem em Roma. Publicou nos anos seguintes uma *Memória pelo restabelecimento na França da Ordem dos Pregadores* e a *Vida de S. Domingos*. A Ordem, de fato, renasceu naquela nação para uma vida nova e em 1850 foi elevada a Província, governada pelo mesmo Lacordaire. O grande dominicano voltou muitas vezes à cátedra de Notre-Dame e pregou em muitas cidades da França. Na restauração e na direção de sua Ordem passou por amarguras, sobretudo nos últimos anos. Ele morreu a 21 de novembro de 1861. — Além dos escritos mencionados, o P. Lacordaire escreveu as belas *Cartas a um jovem sobre a vida Cristã* e a *Vida de S. Maria Madalena*. A maior parte da sua obra é constituída todavia pelas famosas *Conferências* em que se funde a alma do apóstolo com a do poeta e que continuam a ser largamente benéficas, à serviço da fé.

contribuíram com a roupagem do seu estilo e a voz de sua alma, a fim de que nas Escrituras, como em tudo, houvesse alguma coisa do homem, e que a imutável divindade do fundo transparecesse mais ainda através dos acidentes variáveis do elemento humano. Obra de quatro mil anos, nela se nota a mão de diversos; mas uma só inteligência preside o trabalho, e é a conjunção do único e do múltiplo, em tão longo espaço de tempo, que constitui o primeiro milagre na sublime redação.

Quando se abrem as Escrituras como um simples livro, sem conhecer o seu verdadeiro autor, não se pode deixar de sentir a influência do seu caráter, e nelas se reconhece, quando menos, o mais estupendo monumento que existe debaixo do céu, em matéria de história, legislação moral e eloquência. Mas quanto a nós, que sabemos quem foi o historiador, o legislador e o poeta do Livro, um sentimento bem diverso se apodera do nosso espírito: não é somente a admiração nem o assombro: é a adoração da fé e o estremecimento de uma gratidão sobrenatural. Ali, desde a primeira página, vem cair aos nossos pés o erro do homem pueril e o erro do homem degenerado, as ficções da idolatria, que vê Deus em toda parte, e as negações do panteísmo, que não o vê em parte nenhuma. "No princípio criou Deus o céu e a terra" (*Gên 1,1*). Desta primeira frase até a última, "Que a graça de Nosso Senhor esteja convosco" (*Apc 22,21*) a luz avança, aumentando sempre, semelhante a um sol que não tivesse ocaso e cuja ascensão contínua fizesse aumentarem a todo momento a luminosidade e o calor. Já não é um texto, é uma palavra! já não são páginas de letra morta que encerram nas suas dobras verdades descobertas pelo raciocínio e a observação. É uma palavra viva. É a palavra eterna de Deus!

Que expressão, Emanuel, a palavra de Deus! Nada existe mais doce que a palavra do homem quando dimana de uma inteligência reta e de um coração que nos quer bem. Penetra-nos no íntimo, comove-nos, encanta-nos, adormenta as nossas dores e exalta as nossas alegrias, é o bálsamo e o incenso de nossas vidas. Que não será então a palavra de Deus para quem sabe reconhecê-la e ouvi-la? Que não deve ser esse privilégio de poder alguém dizer a si mesmo: Deus inspirou este pensamento, é Deus que nêle me fala, é para mim que êle está expresso, sou eu que ouço a Deus. E depois, seguindo de página em página, quando se chega à própria palavra de Jesus Cristo, a essa palavra que não foi apenas uma inspiração interior e profética, mas o elemento sensível da divindade, a expressão tangível do Verbo de Deus, ouvida tanto pelas

multidões como pelos discípulos, então que resta fazer senão quedar-nos calados aos pés do Mestre, deixando ressoar em nossa alma o eco do que êle disse?"

Lettres a un jeune homme sur la vie chretienne (deux. lettre). — Oeuvres du R. P. H. Lacordaire (Paris, Poussielgue), tome IX, pág. 284ss.

O LUGAR DA BÍBLIA NA VIDA CRISTÃ.

489. "A história de Jesus Cristo divide-se em três períodos distribuídos por quatro mil anos: os tempos proféticos, os tempos evangélicos e os tempos apostólicos. No primeiro período Jesus Cristo é esperado, preparando-se-lhe a vinda; no segundo, êle se manifesta, vive e morre entre nós; no terceiro, funda a sua Igreja por intermédio dos Apóstolos, que com êle viveram, que receberam os seus ensinamentos e herdaram podêres seus. Esta urdidura não sofre interrupção alguma e traz consigo, por si mesma, a demonstração de sua verdade. Mas uma coisa é sentir a verdade de uma prova, e outra coisa é alimentar-se da verdade sentida. Assim como há dois momentos na amizade, aquêle em que nos certificamos de que nos querem bem e aquêle em que gozamos a felicidade de ser estimados, também na vida sobrenatural do Cristianismo há dois momentos distintos, o momento em que reconhecemos a Jesus Cristo na divindade de sua história e o momento em que nos abandonamos à inefável doçura desta história verificada. Neste segundo momento, sumiram-se as dúvidas, a certeza impõe-se como senhora absoluta. Já não se fazem buscas, já não se efetuam verificações, nada há que nos escandalize: a história transforma-se em palavra, a própria palavra de Deus, e esta palavra nos corre pela alma como um raio de luz e piedade. Penetra ela até os extremos das nossas mais remotas energias, do mesmo modo como o sangue que anima as nossas veias chega até às extremidades dos nossos mais recônditos órgãos; faz-nos desgostar de todos os outros alimentos espirituais, ou antes, tudo o que pensamos se transfigura ao contato dessa onda de graça e de verdade que nos vem da Escritura, e, pela Escritura, do próprio Espírito de Deus.

Porque importa que o notes bem: o Espírito Santo é que é o inspirador dos nossos livros sagrados. O símbolo cristão no-lo diz expressamente: Creio no Espírito Santo, que falou pelos Profetas. E São Pedro afirmava a mesma coisa nestes termos: "Não foi uma vontade humana que nos fêz a dádiva das profecias; mas foram santos homens de Deus que, inspirados pelo Espírito Santo, as proferiram" (2 Pdr 1,21). O

próprio Jesus Cristo não tomou a palavra para nos instruir senão depois que o Espírito Santo sobre ele desceu no dia do Batismo. E na iminência de se separar dos seus discípulos, deixou-lhes como testamento esta última promessa: "Eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito que permanecerá em vós eternamente, o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece, mas que vós conhecereis porque habitará convosco e estará em vós" (Jo 14,16-17). E foi o milagre de Pentecostes que, realizando esta promessa, deu aos Apóstolos a luz de sua fé e a coragem do seu amor.

Até então eles tinham sido apenas homens investidos da confiança do seu Mestre e de prerrogativas que só compreendiam por metade: a efusão do Espírito Santo em suas almas tornou-os mártires, evangelistas, profetas, e deles fez as colunas inabaláveis da Igreja e os pais de toda a posteridade dos santos. O mesmo mistério realiza-se em nós. Ainda que o Verbo de Deus seja o facho em que se ilumina a nossa razão, e ainda que a sua palavra divulgada do púlpito seja o princípio do que decorre a nossa fé, mesmo assim, nem como Verbo nem como Cristo basta ele só para a transfiguração sobrenatural do nosso ser. Para tanto é necessário ainda a ação do Espírito Santo, que, constituindo o vínculo entre o Pai e o Filho, por uma caridade coeterna em todos os três, também é em nós o alento do amor, e, pelo amor, o laço que nos prende à cruz e ao facho luminoso de Jesus Cristo.

Assim como ele inspirou os profetas, por nossa vez nos inspira, em menor proporção; é o Espírito Santo que nos prepara para ler os Livros que ditou, e é ainda o Espírito Santo que tornamos a encontrar em cada página desses livros, para ser aí a nossa íntima unção, mas uma unção que nos reconduz a Jesus Cristo, nosso mediador, nosso exemplo e nossa vida.

Isto pôsto, meu caro Emanuel, qual é o lugar que deve ser reservado às Escrituras na tua existência de cristão? Para ti ficarão fechadas? Será que as olharás como um livro selado que só o sacerdote tem o direito de abrir; dom misterioso feito ao santuário, carta de aliança do Novo Testamento escondida atrás dos véus do templo, e que os fiéis não podem ver com os seus olhos nem tocar com as suas mãos? Já chegaste pelo menos a sentir a necessidade de conhecê-las?

Tu que estudaste os livros da antigüidade pagã, que lançaste ávidos olhares a todos os monumentos da Literatura e da História, terás folheado, uma só vez, as páginas em que

a sabedoria divina reuniu, com trabalho de quarenta séculos, os anais de sua Providência sôbre o gênero humano? Porventura lêste o Evangelho a não ser no texto grego em que o teu espírito era exercido nos harmoniosos torneios do heilenismo? Duvido.

E não me admiraria se por tua vez me perguntasses se é permitido a um simples cristão aventurar-se nas profundezas da palavra de Deus, se não há abismos escondidos neste oceano que sustenta a nave da Igreja, e se não é tocar as raias do protestantismo ler a Bíblia com a intenção de nela fortalecer a fé e inflamar a caridade.

L. c., pág. 291ss.

SERÁ PROIBIDO LER A BÍBLIA?

490. “É verdade, caro amigo, que no século treze, pela primeira vez, o Papa Inocêncio III proibiu a antepassados nossos, os fiéis da França, a leitura dos santos Livros traduzidos em idioma corrente. Até então a Igreja não tinha desaprovado essas traduções nem o seu uso. E nada é mais célebre na Antigüidade do que o são os trabalhos de Origenes para difundir entre o povo as versões primitivas do Antigo Testamento, e os trabalhos de S. Jerônimo para dar à Igreja do Ocidente um texto latino mais puro do que o texto por ela usado. Segundo o testemunho dêste Padre, confirmado por S. Agostinho, existiam, no seu tempo, inúmeras traduções romanas da Bíblia, entre as quais se distinguia uma que era chamada a “Itálica”, e que, conservada em muitos trechos, mas na maior parte substituída pela dêle, tornou-se essa Vulgata que o Concílio de Trento declarou autêntica. O empenho de multiplicar as versões era geral. Correspondia êle às necessidades dos povos e às exortações que os Padres das duas Igrejas do Oriente e do Ocidente não cessavam de dirigir aos seus fiéis, a fim de lhes inspirar o gôsto pelos textos sagrados. Ainda se tinha contato com Jesus Cristo e com os Apóstolos, naqueles tempos em que a verdade era unicamente hebraica, e os homens se apressavam em tirá-la de um idioma limitado demais, a fim de lhe abrir, pelas duas línguas grega e romana, tôdas as portas do mundo civilizado.

Mas no século treze a situação não se revestia do mesmo caráter, e a visão de Inocêncio III percebeu nas heresias nascentes da Idade Moderna o declive que deveria levá-las ao protestantismo, isto é, à negação da autoridade nos assuntos de

ordem sobrenatural, e, por conseqüência, à substituição do senso da Igreja pelo senso privado. A Escritura tornava-se, assim, não a arma de um erro dogmático, como haviam sido o arianismo ou o nestorianismo, e em geral tôdas as heresias de origem grega, mas a arma de uma conjuração direta e premeditada contra a sociedade cristã. Em lugar de doutôres extra-vidados pelo orgulho da ciência e que disputavam à Igreja fragmentos da verdade, o que se acabaria vendo era o próprio povo chamado a se constituir julgador dos têrmos da revelação, e já não reconhecer, para se guiar nos mistérios da palavra divina, senão as fantasias do seu próprio espírito.

Havia então perigo em deixar as Sagradas Escrituras nas mãos de uma multidão sem preparo e que a docilidade de uma fé sincera não mais preservava das ciladas da ignorância. Assim pensou Inocência III. Longe de interditar os domínios das Escrituras à cristandade, êle apenas lhes fechou o acesso por onde um povo inculto poderia precipitar-se, e, de resto, não os fechou êle senão a um povo, aquêle que, na França, se encontrava sob a ascendência imediata do movimento valdense e albigense.

Três séculos mais tarde, quando finalmente o protestantismo, por muito tempo incubado nas entranhas do espírito europeu, explodiu sôbre a Igreja, o Soberano Pontífice Pio IV, inspirando-se nas preocupações de Inocência III, estendeu-as a tôdas as regiões da cristandade, mas reservando aos Bispos a faculdade de permitir a leitura da Bíblia em idioma corrente àqueles a quem considerassem capazes de lê-la sem virem a abusar do sagrado texto. Vinte anos depois, Clemente VIII retirou dos prelados essa faculdade, transferindo-a para a Congregação do Index. Esse rigor, apesar de bastante moderado, não tardou a se abrandar mais pela força mesma dos acontecimentos, à medida que o protestantismo, julgado por suas obras, foi perdendo o prestígio que lhe emprestara a primeira flama de sua erupção. Viu-se aparecerem então traduções da Bíblia em todos os idiomas da Europa, emanadas de autores sinceramente devotados à Igreja; viram-se traduções impressas e difundidas até com a aprovação dos pontífices romanos, como, por exemplo, a versão polonesa publicada em Cracóvia, sob a legítima proteção dos Papas Gregório XIII e Clemente VIII; assim também como a versão italiana de Martini, Arcebispo de Florença, em época mais próxima, recomendada pelo Papa Pio VI. Não há nação católica que atualmente não tenha ao seu alcance as Escrituras traduzidas para o idioma nacional por

escritores de fé irrepreensível, com a anuência expressa ou tácita, quer do episcopado, quer da Santa Sé.

O espírito da Igreja não muda. Depositária da palavra de Deus, ela jamais recebeu expor aos olhos da humanidade o texto verdadeiro em que a palavra de Deus está reproduzida; não o conservou escondido, sob a mortalha de uma língua hierática, como segrêdo de santuário, e, atribuindo à versão latina o caráter de autenticidade, permitiu a todos os povos cristãos que a tornassem própria, através de interpretação acessível ao povo. Respeitou as fontes primitivas, criou uma tradução privilegiada, tomou as providências que se impunham no que diz respeito às versões secundárias, concordou com toda propagação imbuída de sinceridade, e assim, ao mesmo tempo conservadora e liberal, deu à palavra de Deus uma difusão que abrange o universo.

L. c., pág. 293 ss.

PREPARADOS PELA IGREJA, LER A BÍBLIA NA SUA INTEGRIDADE.

491. “...Meu caro Emanuel, pode-se dizer mais ou menos a mesma coisa de todos os intérpretes da Escritura. A missão deles consiste em suavizar para nós a divindade, tal como se faz quando se mistura com água preciosa em si mesma uma gota de perfume penetrante demais para ser respirado por nossos fracos órgãos. Os católicos estão habituados a êsses cuidados da bondade de Deus. Não se consideram diminuídos por lerem os santos Padres e os Doutôres da Igreja, por escutarem a voz de seus pastôres ou a eloquência que perpetua na cátedra evangélica as tradições do apostolado. Têm a convicção de que tudo é vivo na obra de Jesus Cristo, e que a própria Escritura, passando do “mar de bronze” (3 Rs 7,23) que a conserva aos lábios que a divulgam, não perde a sua natureza nem a sua eficácia. Entretanto, não tires daí a conclusão de que a leitura direta do texto sagrado seja inútil para o cristão que nela se aplica. Não é necessária: é, porém, proveitosa. Assim se manifestam todos os Padres da Igreja. Seguindo-lhes os passos, faço questão de te abrir êste caminho, um dos mais consolantes que a alma pode escolher a fim de se elevar para Deus.

Efetivamente, os pregadores da palavra divina ou os doutôres da ciência cristã, façam eles o que quer que seja, só nos ministram a Escritura gota a gota, em ordem alterada pelo plano de suas prédicas ou pela finalidade de seus trabalhos, e,

embora se colha de sua exposição a doutrina celeste, esta já não tem, sob a forma assim apresentada, a concatenação luminosa e progressiva que o Espírito de Deus lhe imprimiu no decurso dos tempos. O pão está partido, é eficaz e é distribuído segundo tôdas as necessidades e na proporção de tôdas as forças; mas a sua estrutura desapareceu pelo próprio resultado da caridade. Se, ao contrário, lentamente instruídos pela Igreja, penetrados do seu alento vivificante, entramos, com dócil coração, no monumento mesmo da verdade tal como o construiu Deus, encontraremos muitas sombras nas profundezas, passagens onde será necessário curvar a cabeça, subtilezas em que a nossa inteligência estará a pique de falhar; entretanto, amparados pela própria Igreja, nossa intemerada companhia, caminharemos de claridades em claridades sob o firmamento da palavra sagrada, entrando com ela nos planos desvendados da eternidade, admirando cada vez mais a Jesus Cristo que se aproxima, esperando-o com os patriarcas, com os profetas vendo-o vir, saudando-o na harpa dos Salmos, até que, por fim, no limiar do segundo templo, êle nos aparece carregado de sua glória e de sua morte, vítima predestinada da reconciliação das almas, soberana explicação de tudo o que é, por tudo o que foi. Esta visão de Jesus Cristo não ocupa ela só, o extenso tecido dos livros santos, mas nêle se entrelaça com os grandes acontecimentos do mundo. O cristão aí os vê sob o domínio da Providência, conduzidos por leis de justiça e de bondade”.

L. c., pág. 307.

ORDEM CERTA DA LEITURA.

492. “Mas em que ordem lerás a Sagrada Escritura? Será ao acaso, conforme te guie o instinto, ou então segundo uma idéia diretriz? Como o acaso nada mais é que o abandono da pessoa ao desconhecido, não poderás fiar-te nêle em assunto tão sério como o de se comunicar com Deus por sua palavra. Assim sendo, adotarás um método preconcebido. Qual será êle?

A Escritura tal uma elevada montanha pela qual se oriente a humanidade, divide-se em duas vertentes, a vertente da Antigüidade e a dos tempos modernos, uma que olha para o ocidente da humanidade e a outra que olha para o lado oposto. As duas têm o nome de Testamento, porque ambas encerram o Testemunho de Deus e a carta de sua aliança com o homem; mas no lado que dá para a preparação dessa aliança, o testa-

mento divino toma o nome de antigo, e no lado que dá para a consumação da mesma aliança, toma o nome de Novo. Um e outro, considerados em sua distribuição interior, compõem-se dos mesmos elementos: a história que fala do passado, a profecia que fala do futuro, a teologia que une o passado e o futuro no seio da verdade eterna.

Ora, entre essas duas perspectivas, uma das quais nos transporta a tempos que apenas foram um preâmbulo, e outra a tempos que duram ainda e só terminarão com o mundo, não vacilo por um momento sequer. Nascestes nos tempos de Jesus Cristo: o século dêle é o teu século, a sua luz iluminou tôdas as luzes, e, assim como os que existiram antes de Jesus Cristo contemplavam a sua vinda, os que vieram depois devem contemplá-lo já vindo. Tanto antes como depois, é êle o ponto único em que o céu e a terra se encontram”.

L. c., pág. 314.

EVANGELHO, LIVRO QUE AMA COMO MÃE.

493. “Oh! que escreverei sôbre o Evangelho, já que o Evangelho está escrito? Abre-o tu, a quem êle tornou meu filho, e, depois de havê-lo beijado serenamente, entrega-te a êle como à alma de tua mãe. Tua mãe veio de Deus e te amava; também o Evangelho vem de Deus, e é o único livro a que foi concedido o dom de amar. Por um prodígio tão admirável como êle próprio, quatro homens o escreveram sob a inspiração daquêle que o tinha transmitido de viva voz, e apesar da diversidade pessoal do caráter e do gênio dos quatro escritores, encontra-se em todos êles a mesma índole sublime e simples, o mesmo acento de expressão, a mesma verdade, o mesmo amor e o mesmo Deus. É sempre o Evangelho, porque é sempre Jesus Cristo”.

L. c., pág. 317.

O OCEANO DA PROFUNDEZA PAULINA.

494. “S. Paulo é o teólogo do Novo Testamento e o último grau da profundidade nos assuntos divinos. Tendo surgido depois de Jesus Cristo, quando estava consumada a revelação de todos os mistérios, homem de ciência antes de ser homem de Deus, fêz êle penetrar nos abismos da Encarnação e da Redenção tão forte raio de luz, que primeiramente esta luz nos ofusca;

e levou aos mesmos abismos uma intrepidez de fé cuja expressão é de tal modo abrupta que provoca uma espécie de vertigem às inteligências não preparadas para tanto. S. Paulo tem linguagem tôda sua, usa uma espécie de grego inteiramente impregnado de hebraísmo, emprega torneios de frases bruscas, ousados, breves, qualquer coisa que pareceria menos-prêzo pela clareza do estilo, porque uma claridade superior inunda o seu pensamento e lhe parece suficiente para que se faça ver por si mesma. Descuidado da eloquência e da clareza, a princípio êle afugenta a alma que se prostra a seus pés. Mas depois que nos apoderamos da chave de sua linguagem, e, a fôrça de o reler, pouco a pouco nos elevamos a ouvi-lo, caímos no puro enlêvo da admiração. Todos os golpes de seu raio abalam e arrebatam; já não há nada acima dêle, nem mesmo Davi, o poeta de Jeová, nem mesmo S. João, a águia de Deus. Se êle não tem a lira do primeiro nem o impulso de asa do segundo, em compensação seu espírito paira sôbre todo o Oceano da verdade e sôbre a calma das ondas que se calam. Davi viu a Jesus Cristo do alto do monte Sião, S. João reclinou-se sôbre o peito do Mestre por ocasião de uma ceia; quanto a São Paulo, estando a cavalo, o corpo banhado em suor, os olhos em chamas, o coração transbordando dos ódios da perseguição, foi que êle viu o Salvador do mundo, e então, jogado ao chão pelo golpe da graça divina, disse a Jesus estas palavras de paz: "Senhor, que quereis que eu faça?"

Meu caro Emanuel, depois que tiveres estudado e saboreado S. Paulo, as Escrituras te pertencem. Poderás abri-las em qualquer página, e as lerás cômodamente na ordem em que a tradição da Igreja colocou os livros sagrados. Chegarás assim ao Apocalipse de S. João, que é a profecia do Nôvo Testamento e de todo o futuro da Igreja neste mundo".

L. c., pág. 322.

SANTO ANTÔNIO M. CLARET

Bispo de Cuba - Fundador dos Filhos do Imaculado Coração de Maria
(1807 - 1870)

TODOS OS DIAS, A ESCOLA E A LIÇÃO DO MESTRE DIVINO.

495. “Jesus Cristo, além de Redentor, é também nosso Mestre, dado-nos pelo eterno Pai, quando disse: “*Ipsum audite*”, escutai-o (*Mt 17,5*), fazei tudo o que êle vos disser e ensinar. “*Magister vester unus est, Christus*” (*Mt 23,10*).

Não somente é Mestre, mas também modelo e exemplar, porque antes fazia o que depois ensinava. E o eterno Pai diz a cada um de nós: “*Inspice et fac secundum exemplar quod tibi in monte monstratum est*” (*Êx 25,40*). Observa Jesus Cristo no monte Calvário, pregado na cruz e copia-o em ti mesmo, até que possas dizer: “Vivo, não já eu, mas é o Cristo que vive em mim” (*Gál 2,20*), a fim de te poder tornar perfeito discípulo e poderes dizer com tua conduta o que dizia o Apóstolo: “*Imitatores mei estote, sicut et ego Christi*”: *imitai-me como eu imito a Cristo* (*1 Cor 4,16*).

Cada dia o sacerdote estudará a lição, isto é, lerá um capítulo, pelo menos, do Evangelho, assistirá à aula, que é a meditação, e assim também todos os dias fará uma hora ou pelo menos meia, de meditação sobre a vida, paixão e morte de Jesus Cristo”.

Escritos espirituales: *Imitacion evangélica de Cristo, c. 1. — Escritos biográficos y espirituales. B. A. C., Madrid 1959, pág. 660.*

ANTÔNIO M. CLARET nasceu em Sallent, diocese de Vich (perto de Barcelona) em 1807. Vocação tardia, tornou-se sacerdote em 1835. Estêve algum tempo em Roma, à disposição da Congregação de *Propaganda Fide*. Voltando à pátria, ficou algum tempo com os Jesuítas, depois dedicou-se ao ministério paroquial, e às missões diocesanas, com outros sacerdotes. Em 1850 foi eleito Bispo de Cuba, nas Antilhas. Voltou à Espanha em 1857, chamado para confessor da Rainha Isabel. Exerceu por muito tempo o apostolado da palavra e iniciou o da imprensa, que lhe granjeou adversários e perseguições. — Em 1849 com outros cinco companheiros tinha fundado no Seminário de Vich, a Congregação dos Missionários do Coração Imaculado de Maria, hoje bem florescente. — Voltando do Concílio Vaticano em 1870, morreu na França, na abadia cisterciense de Font-froide. — Deixou sua autobiografia e numerosos escritos, todos de escopo prático, pastoral.

496. “As vidas dos santos que liamos à mesa todos os dias e minhas leituras espirituais em particular, tudo me ajudava; mas o que mais me movia e excitava, era a leitura da Bíblia Sagrada, à que sempre dediquei grande estima. Havia passagens que me causavam uma impressão tão forte, que me parecia ouvir uma voz, dizendo-me pessoalmente o que se lia. Eram muitas estas passagens. . .

Em várias partes da Sagrada Bíblia eu ouvia a voz do Senhor, que me chamava, para que eu sáísse a pregar. Na oração sucedia-me a mesma coisa, de modo que resolvi deixar meu cargo, ir a Roma e apresentar-me à Congregação de *Propaganda Fide*, para que me mandasse a alguma parte do mundo”.

Autobiografía, p. II, c. 1, 113-120. — O. c., pág. 221ss.

PÃO DA VIDA E PÃO DO INTELECTO: TUDO PELA IGREJA.

497. “O que devemos pedir e solicitar continuamente é o pão da alma, que se chama “*panis vitae et intellectus*” (*Eclo* 15,3), isto é, a Sagrada Eucaristia e a Bíblia ou palavra divina. . .

Além do pão da vida, que é a Eucaristia, objeto e vida de amor, é necessário ao homem, o pão da inteligência, que é a verdade, que encontraremos de um modo especialíssimo na Santa Bíblia. Mas devemos procurá-lo como é de direito, se o queremos encontrar. Como diz o mesmo Deus, “*si quaeritis, quaerite*” (*Is* 21,12).

Assim como Deus se serve da Igreja para nos dar o Verbo divino encarnado ou consagrado, assim, quer se servir da mesma Igreja para nos dar o *Verbum divinum scriptum et traditum*: a divina palavra, que é o pão da inteligência. Por isso S. Paulo chama a Igreja de “coluna e apoio da verdade” (*1 Tim* 3,15). De fato, a comparação não poderia ser mais exata, porque, do mesmo modo que uma coisa cai se lhe tirarmos o apoio e os arcos ruem se lhes vier a faltar a coluna sôbre a qual estão apoiados, assim cai por terra e se parte a verdade da santa Bíblia, se não se apoiar na coluna da Igreja: pelo que dizia S. Agostinho, que não acreditaria nem mesmo no Evangelho, se não lho tivesse ensinado a autoridade da Igreja”.

Escritos espirituales: La Inmaculada victoriosa, 6. — O. c., pág. 716.

PALAVRAS PRONUNCIADAS NO CONCÍLIO VATICANO
A 31 DE MAIO DE 1870.

498. “Sumamente desejo, eminentísimos e reverendíssimos Padres, que todos conheçamos e confessemos esta verdade. Na vida de Santa Teresa lemos que Nosso Senhor Jesus Cristo apareceu-lhe e lhe disse: “Minha filha, todos os males dêste mundo provêm do fato de que os homens não entendem as Santas Escrituras”. Na verdade, se os homens entendessem as Sagradas Escrituras, veriam aberta e claramente esta verdade: que o Sumo Pontífice Romano é infalível, porque esta verdade está contida na Sagrada Escritura. Mas, qual é a causa pela qual não se entendem as Escrituras? São três: 1) porque os homens não têm amor a Deus, como disse também Santa Teresa; 2) porque não têm humildade, como diz o Evangelho: “Agradeço-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e prudentes, segundo o mundo, e as revelaste aos humildes” (*Mt 11,25*). 3) Finalmente, porque há alguns que não as querem entender, porque não querem fazer o bem. E por isso, digamos como disse Davi: “Deus se digne ter compaixão de nós e abençoar-nos, faça resplandecer seu rosto santíssimo sôbre nós, tenha compaixão de nós” (*Sl 66,2*). Tenho dito”.

Documentos autobiográficos, XIV. — O. c., pág. 501.

SÃO JOÃO BOSCO

(1815 - 1888)

O NOVO TESTAMENTO NASCE NA IGREJA.

499. “Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de haver pregado de viva voz sua doutrina, subiu aos céus sem deixá-la escrita nem reunida em livro algum ditado por êle. Por que fêz assim? Para nos ensinar que êle tinha feito depositários de sua doutrina os Apóstolos, isto é, a Igreja, que devia depois explicá-la aos fiéis, ensinando-nos também que o principal instrumento de sua divina palavra devia ser a viva voz de sua Igreja. Com efeito, nos primeiros tempos, durante o curso de não poucos anos, o Santo Evangelho foi conservado, ensinado e professado somente por meio da palavra viva dos Apóstolos e dos primeiros crentes.

Nosso Senhor Jesus Cristo, querendo por outra parte que ao menos uma grande parte da sua doutrina fôsse confiada à palavra escrita, por inspiração divina moveu alguns dos Apóstolos e primeiros discípulos a escrever sua vida e doutrina; e os livros por êles escritos formam juntos o que nós chamamos *Novo Testamento*. Compreendem êstes escritos: os quatro Evangelhos escritos por S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S.

Dom Bosco nasceu em Castelnuovo (hoje Castelnuovo Dom Bosco) perto de Turim. Na cidade de Turim, que assistia a excelsas formas de santidade e de atividade social como as de S. Cottolengo e de S. Cafasso, Dom Bosco respondeu dõcilmente ao chamamento de Deus que o queria como um dos maiores educadores na história da Igreja. — Não há palavras a se empregarem sôbre sua obra e sôbre seus princípios educativos nem sôbre a instituição dos Salesianos, das Filhas de Maria Auxiliadora e da União dos Cooperadores Salesianos: coisas que brilham por todo o mundo. — Devemos aqui recordar a forte atitude de fidelidade e de apoio de Dom Bosco à Suprema Autoridade da Igreja, durante decênios em que o Papado, na tormenta histórica que atravessava, elevava-se a novíssima glória: o sentido da Igreja foi vivíssimo em Dom Bosco. — Devemos além disso recordar Dom Bosco escritor e apóstolo da imprensa. Em todo o mundo conhece-se a História Sagrada, a História Eclesiástica e as Leituras Católicas: obras que prestaram e continuam a prestar grande serviço a tôda a juventude e ao povo cristão. A paginazinha que reproduzimos da *História Eclesiástica* põe em evidência nos termos mais breves e mais claros, a relação Escritura-Tradição na Igreja. — S. João Bosco morreu em Turim a 31 de janeiro de 1888. Foi canonizado por Pio XI em 1934.

João; os Atos dos Apóstolos; as quatorze epístolas de S. Paulo; duas de S. Pedro, uma de S. Tiago, uma de S. Judas e finalmente três Epístolas e o Apocalipse de S. João. Estes livros sempre têm sido conservados com grande veneração por todos os cristãos, pois que foram inspirados por Deus. Sem embargo, como já foi dito, não se acham nêles todos os feitos da vida de Jesus Cristo, nem tôdas as verdades ensinadas por êle. As verdades não escritas foram ensinadas e transmitidas pelos Apóstolos e seus sucessores, como um sagrado depósito que se chama *Tradição divino-apostólica*.

A Tradição divino-apostólica, contém não só as verdades que não se encontram escritas nos sagrados Livros, mas também a interpretação dêstes mesmos Livros. Por isso, quando a Igreja define um artigo de fé, que não está manifesto na Sagrada Escritura, o tira dêsse depósito chamado Tradição. Assim aconteceu com o Dogma da Imaculada Conceição da B. Virgem Maria”.

História eclesiástica, 6ª edição brasileira (S. Paulo 1960), pág. 32.

Card. J. H. NEWMAN
(1801 - 1890)

EXPERIÊNCIA E SOFRIMENTOS, NOS ABREM MELHOR
O LIVRO DE DEUS.

500. “Não é difícil reparar que as palavras dos autôres clássicos, como por exemplo Homero e Horácio, têm influência diferente sobre os jovens e os velhos. Alguns trechos, para um môço, não passam de pedaços comuns de retórica, nem me-

JOHN HENRY NEWMAN nasceu em Londres a 21 de fevereiro de 1801, de família protestante. O esplendor e a santidade desta vida resulta da constante procura e aprofundamento da verdade, que através do estudo da Sagrada Escritura, dos santos Padres e da História eclesiástica, levou-o ao seio da Igreja católica: verdadeira “testemunha da luz”, através das diferentes fases, dos numerosos escritos e das duras provações da sua vida de crente. — Estudou em Oxford; foi ministro da Igreja Anglicana; foi professor e pregador muito ouvido, especialmente pelos estudantes de Oxford. Sua honesta procura do verdadeiro e o forte atrativo que exercia sobre discípulos e ouvintes, levou-o pouco a pouco a ser alma daquele que foi definido “o movimento de Oxford”, isto é, a corajosa revisão das posições religiosas inglesas, para se orientar, como muitos fizeram, para a Igreja católica romana. Na ação crescente de Newman tiveram grande importância os *Tracts*, isto é, as publicações periódicas de pequenos tratados sobre argumentos de pesquisas religiosas. Fundamentais também os “Sermões” semanais pronunciados na Igreja de S. Maria em Oxford, quando ainda era protestante, desde 1828 até 1843. A magnífica autobiografia com o título “Apologia pro vita sua”, faz-nos reviver todo o tormento cheio de dignidade e de merecimento que acompanhou sua evolução e sua conquista religiosa, fruto de profundo estudo, de honestidade e de humildade. Aos 8 de outubro de 1845 Newman foi oficialmente recebido na Igreja católica. Em 1847 foi ordenado sacerdote em Roma. Desde então desenvolveu uma intensa atividade de escritor católico, que se completou através de uma longa e bela purificação do seu espírito nobre, tendo tido que passar, por causa do seu talento não comum e pela clareza das suas posições avançadas, entre muros de desconfianças, seja por parte dos antigos correligionários como, ao menos aparentemente e por diverso tempo, por parte dos novos. — Papa Leão XIII, em 1879, tirou toda a dificuldade, dando a Newman, com a eleição de Cardeal, o máximo reconhecimento da Igreja romana. Newman passou ainda 11 anos no ermitério de Birmingham, onde morreu em agosto de 1890. — A figura e as obras do Card. Newman, tão dignas, tão profundamente esculpidas, são cada vez de maior atualidade na lembrança e nos estudos da santa Igreja.

lhores nem piores que muitos outros escritos por hábeis escritores; trechos que êle decora, que julga muito bonitos e imita com sucesso (assim ao menos êle pensa) nos seus ensaios de composição poética. Mas, depois passam os anos, e êle adquire grande experiência da vida. Os mesmos trechos então se apresentam a êle, penetram profundamente na sua alma, com a sua melancólica seriedade e vívida exatidão, como se não os tivesse nunca conhecidos. Começa então a compreender como aquêles versos que narram as coisas que aconteciam manhã e noite nas festas Jônias ou sôbre as colinas Sabinas, se tenham transmitido de geração em geração, por milênios, exercitando seu influxo sôbre os espíritos e uma fascinação que a literatura contemporânea com todos os seus valores e vantagens, está muito longe de poder alcançar. Esta é talvez a razão pela qual na Idade Média considerava-se Virgílio como profeta e Mago: as suas palavras e as suas frases, os seus versos patéticos e doces exprimiam, como a própria voz da natureza, aquela dor e aquêle cansaço e, ao mesmo tempo, aquela esperança de dias melhores, que estão na base da experiência dos homens de todos os tempos.

O sentido religioso, quando é cultivado com dedicação, faz, pela Sagrada Escritura, tudo o que a experiência faz para uma melhor compreensão dos autores clássicos. Ao homem devoto e espiritual, a Sagrada Escritura, palavra divina, fala de realidades e não de noções vazias. Mas, a quem é aflito, desconsolado, tentado, sofredor, a Sagrada Escritura traz, mesmo por meio da dura provação, mais amplidão de visual, que lhe permite ver, na dor, o que nunca antes tinha visto. Por isso, encontra nos ensinamentos da Sagrada Escritura uma realidade que é também, por êle, o melhor argumento da sua origem divina.

Daí a prática da meditação sôbre os textos sagrados, tão altamente estimada pelos católicos. Lendo, como fazemos, o santo Evangelho desde a nossa infância, temos o perigo de adquirir demasiada familiaridade com êle, de tornar-nos insensíveis à sua fôrça e de considerá-lo sômente como um livro de história. O escopo da meditação é o de fazer-nos viver o Evangelho, e de pôr os seus acontecimentos diante do nosso espírito como objetos reais, de modo tal que a fé os possua como coisas vivas.

Espontâneamente agora lembro-me do uso indigno que alguns oradores populares fazem, das partes mais solenes do sagrado texto. Seja que se trate de ensinamentos, seja que

se trate de orações, lêem como se se tratasse de um livro bem escrito, de alta inspiração poética e de grande musicalidade. As verdades mais terríveis não são, para êles, que belas e sublimes concepções, usadas oportuna e inoportunamente, para enfeitar o seu estilo e arredondar os períodos. É suficiente, porém, que o seu coração seja ferido por alguma dor aguda ou por alguma ansiedade profunda para que a Sagrada Escritura torne-se-lhes um livro novo. É esta a mudança que muitas vêzes se verifica naquela que se chama conversão religiosa. É sempre uma mudança para o melhor, também se acompanhada por deficiências e erros. O patriarca Jó sugere esta coisa, quando põe em contraste a idéia que tinha de Deus, antes das suas aflições, com a que teve depois. Diz que tinha uma idéia certa sôbre os divinos atributos seja antes como depois das suas provações; mas quando chegou a dor, uma grande mudança verificou-se no caráter desta idéia. Diz êle de fato: "Eu já te ouvi com os meus ouvidos, mas agora os meus próprios olhos te vêem. Por isso acuso-me a mim mesmo e faço penitência no pó e na cinza" (Jó 42,5-6).

De: Grammatica dell'assenso, in: Regina, II Card. Newman nei suoi scritti, Alba 1956, pág. 145ss.

CERTAMENTE A SAGRADA ESCRITURA NÃO AJUDA A DEIXAR A IGREJA.

501. "Talvez ouvistes dizer que, alguma vez, alguns católicos abandonaram a Igreja depois de uma leitura estudiosa da Sagrada Escritura; ela teria aberto os olhos — emprego as palavras dêles — "à não conformidade da Igreja com a Sagrada Escritura". Não, não foi a Sagrada Escritura a torná-los incrédulos: isto é impossível; êles não tinham fé: quando abriram a Bíblia, abriram-na com espírito incrédulo e com finalidade de incredulidade. Não a teriam aberto, se não tivessem previsto, e, poderia dizer, esperado, de encontrar afirmações contrárias ao ensinamento católico. Começaram com o orgulho e a desobediência, e acabaram na apostasia. Esta é portanto a razão óbvia e certa pela qual a Igreja não pode permitir aos seus filhos a liberdade de duvidar da verdade de suas palavras. Quem realmente crê nela não pode pensar que, pelo futuro, possa descobrir razões capazes de mover a sua fé. Quem pode imaginar tal coisa, não tem fé. Muitos protestantes pensam que esta seja na Igreja uma espécie de tirania, com que ela impede aos seus filhos de duvidar de seu ensinamento. Não, isto demonstra sômente que os protestantes ignoram o

que seja a fé. Para êles, a fé é uma idéia muito estranha. Não há um meio térmo: ou se deixa de duvidar ou se deve deixar de se chamar filhos da Igreja”.

De: Discorsi a Cattolici e Protestanti. 1849. — O. c., pág. 289.

RACIONALISMO, ISTO É, INCAPACIDADE
DE ACEITAR A PALAVRA DE DEUS.

502. “Racionalismo é aceitar uma revelação para depois rejeitá-la; falar dela como de palavra de Deus, e tratá-la, na prática, como palavra de homem; não aceitar que nos fale em seu favor; querer descobrir o porquê e o modo como Deus agiu conosco assim como o demonstra a Revelação, para depois atribuir a êle um escopo excogitado por nós mesmos; vacilar pelo imparcial conhecimento que êle nós dá do seu modo de agir; deixar de lado o que há de obscuro, como se nunca tivesse sido dito; aceitar só a metade de tudo o que foi revelado e rejeitar a outra metade; pretender que o conteúdo da Revelação se identifique com as provas dela; excogitar algumas hipóteses gratuitas acêrca das verdades reveladas e depois escolher algumas destas, comentá-las e colori-las, ordená-las, recortá-las e contorcê-las para poder amoldá-las à nossa idéia preconcebida.

Quando o rico Senhor de Samaria disse: “Também se o Senhor abrisse as cataratas do céu, poderia talvez acontecer tal coisa?” (4 Rs 7,2) pensou como racionalista, professando a sua impossibilidade para descobrir como se poderia ter realizado a profecia de Eliseu e pensando, dêste modo, de desculpar a sua incredulidade. Quando Naaman, depois de ter reconhecido o poder sobrenatural do profeta Eliseu, recusou de tomar banho no Jordão, agiu como racionalista e pensou de ter acertado, não vendo em que modo o Jordão pudesse curar a sua lepra melhor que os seus rios de Damasco.

“Como podem acontecer estas coisas?” foi a objeção de Nicodemos à doutrina da regeneração (Jo 3,4). Quando a doutrina da Santa Comunhão foi anunciada pela primeira vez, os judeus começaram a discutir entre si, objetando a quem divinamente os informava: “Como pode êste homem dar-nos para comer a sua carne?” (Jo 6,53). Quando S. Tomé, que aliás acreditava em Jesus, duvidou da sua Ressurreição, também se nós não conhecemos a razão disso, foi certamente a causa da natureza surpreendente e indizível daquele acontecimento.

Tal desejo de julgar com os próprios meios, exclusivamente, encontra-se também na queda original do homem. Eva não acreditou na palavra do tentador mais do que não tivesse acreditado na palavra de Deus, até que não viu que “o fruto era bom para ser comido” (*Gên. 3,6*). Assim ainda agem como racionalistas alguns homens que, também professando-se cristãos, perguntam-se como a oração possa ter influência realmente no curso da divina Providência, ou como uma punição eterna possa não ir contra a infinita misericórdia de Deus...

Tal comportamento em matérias tão importantes tem, em geral, uma causa óbvia: o racionalista põe-se êle mesmo no centro, ao invés do seu Criador; não vai a Deus, supõe que Deus tenha que vir a êle. Êste é, infelizmente, o espírito que hoje dirige muitos de nós. Não olhamos fora de nós mesmos e não procuramos entrever a obra de Deus por tôda a parte, prostrando-nos à espera diante dêle, mas ficamos em nossa casa, centralizando em nós tudo, erigindo-nos nos nossos pontos de vista pessoais, refutando de crer em tudo o que não se apresenta como evidentemente verdadeiro. Para nós, o nosso juízo particular é tudo; é contemplado, reconhecido e consultado como árbitro de tôda a questão, independente de qualquer coisa fora de nós. Sômente o que a nossa mente compreende existe. A noção de conhecimentos parciais, de aproximações, de suposições, de esperanças e temores, de verdades aprendidas fracamente e não inteiramente compreendidas, de acontecimentos isolados no grande esquema da Providência, numa palavra, a idéia do mistério, é deixada de lado”.

De: Schizzi storici, 1872-73. -- O. c. pág. 184-86.

O ADMIRÁVEL REFLEXO PESSOAL DA “PALAVRA DE DEUS” NOS HAGIÓGRAFOS, NOS SANTOS, EM MARIA.

503. “Ora, não falo dos que receberam dons, mas dos que são profetas. Ser profeta é qualidade muito mais pessoal do que ter dons. É um ofício sagrado, que implica uma missão a se cumprir, é uma alta distinção não dos inimigos, mas dos amigos de Deus: esta é a regra da Escritura. O primeiro Profeta e pregador de justiça foi Enoc que caminhou “na fé e agradou a Deus” (*Eclo 44,16*), depois de ter sido tirado de um mundo rebelde. O segundo foi Noé, que “condenou o mundo e foi feito herdeiro da justiça que nasce da fé” (*Hebr 11,7*). Depois dêste, o primeiro grande Profeta foi Moisés, o legislador do povo eleito, “o mais doce entre todos os homens que vivem

sobre a terra" (*Nim* 12,3). Em seguida veio Samuel, que desde a sua infância servira a Deus no templo; depois veio Davi, que caiu em pecado, mas logo se arrependeu, e foi homem "conforme o coração de Deus" (*1 Rs* 13,14). Assim também Jó, Elias, Isaías, Jeremias, Daniel, e, acima de todos, S. João Batista; e ainda S. Pedro, S. Paulo, S. João e outros. Todos estes são exemplos de virtudes heróicas e modelos aos seus irmãos. Judas é uma exceção permitida para aumentar a humilhação e os sofrimentos de Nosso Senhor.

Memo a natureza dá testemunho da existência de uma conexão entre a santidade e a verdade. Ela faz-nos compreender que a fonte donde surge uma doutrina pura deveria ser pura ela mesma, que a sede do divino ensinamento e o oráculo da fé deveriam ser a habitação dos anjos; que a moradia consagrada, onde se elabora a Palavra de Deus, e donde sai para a salvação dos homens, deveria ser santa como a palavra mesma. Aqui se vê a diferença que existe entre o ofício de Profeta e o simples dom, por exemplo, de fazer milagres. Os milagres são uma simples e direta obra de Deus. Quem os faz não é senão um instrumento e um órgão, e, por isso, não é necessário que seja santo, porque, propriamente falando, não tem nenhuma parte na ação. Também o poder de administrar os sacramentos, que é sobrenatural e milagroso, não implica nenhuma santidade pessoal. Que Deus conceda este dom, também o dom dos milagres a homens maus, não é coisa mais surpreendente do que conceder a eles dons e talentos naturais, de força, de agilidade, de eloquência ou sabedoria médica. A coisa muda de aspecto, quando se trata do ofício de pregar ou de profetizar. De fato, a verdade entra primeiramente no espírito de quem fala e dele toma a forma; depois, daí, brota como de uma fonte. A palavra divina, se gera e se desenvolve nêle, e o fruto leva a impressão dos seus traços e os manifesta. Os profetas não são como "o animal mudo" (*Jud* 10) montado por Balaão, que falava com voz de homem e que era simples instrumento da palavra de Deus. Eles receberam "a unção do santíssimo e conhecem tôdas as coisas" (*1 Jo* 2,20); "onde há o Espírito do Senhor aí há liberdade" (*2 Cor* 3,17). Enquanto anunciam as coisas recebidas, exprimem também aquilo que sentem e que sabem. S. João diz: "Temos acreditado e conhecido a caridade que Deu tem por nós" (*1 Jo* 4,16).

504. *Hagiógrafos e santos.* — "Assim aconteceu através de tôda a história da Igreja. Moisés não escreveu do mesmo modo de

Davi, nem Isaías como Jeremias, nem S. João como S. Paulo. Assim é com os grandes Doutôres da Igreja: S. Atanásio, S. Agostinho, S. Ambrósio, S. Leão e S. Tomás: cada um tem seu modo, cada um exprime os próprios pensamentos, também se, no mesmo tempo, exprime os pensamentos de Deus. Falam por sua conta, na própria pessoa, falam de coração, conforme sua experiência, usando seus argumentos, com as suas deduções e com seu estilo particular. Como se poderá imaginar que tais corações, que tais sentimentos não sejam santos? Como poderia ser assim, sem que a palavra de Deus fôsse corrompida, e por isso aniquilada? Se é suficiente um pouco de amargo para estragar os alimentos mais delicados, como poderá ser eficaz uma palavra de verdade e de santidade que venha de lábios impuros e de corações humanos? Não, como é a árvore assim são os frutos.

“Guardai-vos dos falsos profetas” diz o Senhor (*Mt 7,15*); e ainda acrescenta: “conhecê-los-eis pelos seus frutos. Por ventura se colhe uva dos espinhos ou figos dos abrolhos?” (*Mt 7,16*). E não é mesmo assim? Quem entre vós iria pedir conselho a um que, também se culto, valente e experimentado, fôsse conhecido como perverso? Também estando garantidos que a absolvição dada por um sacerdote mau vale quanto aquela dada por um santo, todavia, precisando de conselhos, de conforto e de instrução, não iríeis nunca com um que não respeitais. “A bôca fala da abundância do coração” (*Mt 12,34*); “um homem bom tira o bem do tesouro do seu coração; o mau tira o mal do seu coração malvado” (*l. c. 35*). Assim acontece com a alma, e também com o corpo. Como o fruto da santidade é santo nos nascimentos espirituais, assim é também nos nascimentos físicos. O filho é como os pais”.

505. *Maria*. — “Maria não foi um simples instrumento de distribuição das graças de Deus. O Verbo de Deus não se limitou a entrar nela, para depois sair, não passou simplesmente através dela, como poderia fazer conosco na S. Comunhão. Não foi um corpo celeste que o eterno Filho assumiu, não um corpo formado pelos anjos e depois transportado para este mundo. Não: êle assimilou na sua divina Pessoa o sangue e a carne de Maria, fêz-se homem por meio dela, recebeu dela os traços, os lineamentos e a aparência externa, e também o caráter com os quais deveria se manifestar ao mundo. Era reconhecido pela sua semelhança com Maria, porque era seu filho. É assim que Maria é a primeira entre os profetas,

porque dela veio o Verbo sob a forma corpórea. É o único oráculo da verdade, porque o Caminho, a Verdade e a Vida dignou-se nascer dela. É o único modelo da divina Sabedoria, que nela tomou forma de um modo indelével. É certo que “e o primeiro fruto é santo, é santa tôda a massa; se é santa a raiz, os galhos também são santos” (*Rom 11,16*). Era natural e lógico que assim acontecesse. Era conveniente que tudo o que o Onipotente tivesse podido fazer como homem, se realizasse nela. Se devem ser santos os Profetas aos quais vem a palavra de Deus, que deveríamos dizer daquela de quem nasceu a verdadeira e substancial Palavra, e não só a voz ou a sombra dela? Que diremos daquela que foi não só o instrumento da mensagem de Deus, mas que foi a origem da sua existência humana, fonte viva de quem êle tirou o seu preciosíssimo sangue e a matéria de que plasmar o seu Corpo santíssimo? Não era conveniente que o eterno Pai a preparasse para êste officio com uma preparação excelente? Por acaso não fazem assim os pais com seus filhos? Entregam-nos talvez a estrangeiros ou a qualquer pessoa, para que sejam criados? Se também os pais mais relaxados mostram, nestes coisas, ternura e solicitude, não terá que mostrá-la Deus, entregando seu Verbo eterno ao homem? Se o Filho era Deus, era justo que a Mãe tivesse que ser digna dêle, quanto uma criatura pode ser digna do Criador; era conveniente que a graça tivesse que ter nela a sua Obra-Prima. Quem teria dado à vida à Sabedoria eterna devia ser uma sabedoria criada, em que “residissem tôda a graça da via e da verdade” (*Eclo 24,25*). Aquela que era a “Mãe do amor, e do temor, da ciência e da santa esperança” (*Eclo 24,24*), devia “emanar perfume semelhante ao cinamomo, ao bálsamo e sua-vidade como a mirra escolhida” (*l. c.* 20). Que limites poderemos encontrar para a santidade daquela que foi a Mãe do Santíssimo?

É esta uma verdade que a Igreja sempre nutriu no íntimo do seu coração, e que os seus filhos proclamaram com solicitude: à santidade de Maria não podem ser colocados outros limites do que os que são essenciais e próprios da criatura”.

De: Discorsi a Cattolici e Protestanti, 1849. — O. c., pág. 352-56.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS

(1873 - 1897)

O EVANGELHO DECLARA O MISTÉRIO DA VOCAÇÃO RELIGIOSA.

506. “Abrindo o Santo Evangelho, os meus olhos depararam logo estas palavras: “Subindo Jesus ao monte, chamou para junto de si os que êle quis” (*Mc 3,13*). Eis o mistério da minha vocação, da minha vida inteira e principalmente o mistério dos privilégios com que Jesus houve por bem mimos-sear a minha alma. Chama Deus a quem lhe apraz e não já a quem o merece. Declara-o São Paulo, citando as palavras de Deus a Moisés: “Eu terei misericórdia com quem me aprouver ter misericórdia e terei piedade com quem me aprouver ter piedade. Logo isto não é do que quer, nem do que corre, mas de Deus que dispensa misericórdia” (*Rom 9,15-16*).

La Storia di un'anima, Aiba, 1943, Cap. I, 2, pág. 27.

UM SALMO QUE SE REALIZA NUMA VIDA.

507. “O momento da minha existência em que me encontro, permite-me lançar um olhar retrospectivo aos anos decorridos; minha alma tem amadurecido no crisol das provações interiores e exteriores, e agora, como a flor depois do temporal, posso erguer a fronte e reconhecer que se realizam em mim as palavras do Salmo: “O Senhor me apascenta: nada me falta;

SANTA TERESA DO MENINO JESUS nasceu em Alençon em 1873, de família de profundíssimo espírito cristão, a qual, praticamente por inteiro, se transformou em uma grande e exemplar oferta a Deus. A vida da “santa das rosas” encerra-se em poucas datas: entra no Mosteiro do Carmelo de Lisieux aos 15 anos; aí passa nove anos de vida religiosa em uma ascensão espiritual surpreendente e morre aos 24 anos, vítima de amor, a 30 de setembro de 1897. Em 1895, por obediência, escreveu, no tempo livre, sua autobiografia, intitulada “A história de uma alma”. Restam-nos ainda suas cartas e poesias. — É sobretudo a *História de uma Alma* que nos revela a incomparável altura à qual Deus, com amorosa predileção, quis levar, na máxima simplicidade, a alma eleita desta virgem. Esse escrito revela-nos também em cada página a incomparável graça de inteligência e de segura posse vital da “palavra de Deus” alimento escolhidíssimo das almas eleitas. — Santa Teresinha foi canonizada por Pio XI em 1925, e por êle mesmo, em 1927, declarada protetora das missões, juntamente com S. Francisco Xavier: tão grande fôra o valor da sua oferta vital pela Obra Missionária da Igreja.

em verdes pastos me fêz recostar. Conduz-me junto das águas para descansar; reconforta a minha alma, guia-me por veredas retas, por causa do seu nome... Ainda que eu ande por um vale tenebroso, não temerei males, porque tu estás comigo” (Sl 22,1-4).

O. c., cap. I, 9, pág. 29.

UMA ESTUPENDA IMAGEM DE EZEQUIEL DESCREVE DE MODO PERFEITO A OBRA DE DEUS EM TERESA.

508. “Estava na idade mais perigosa para as jovens; todavia o Senhor fêz por mim o que Ezequiel diz em sua profecia: “Passando junto de mim me olhou, e eis que viu que era chegado o momento de eu ser amada e fiquei sendo sua: estendeu sôbre mim o seu manto, lavou-me com preciosos perfumes; vestiu-me de roupas louças, dando-me colares e aromas de subido valor. Nutriu-me copiosamente da fina flor-de-farinha, de mel e de azeite. Tornei-me então formosa aos seus olhos e fêz de mim uma poderosa rainha” (Ez 16,8,9,13). Sim, tudo isto fêz Jesus por mim! Poderia retomar cada palavra que acabo de escrever e provar que ela se realizou a meu favor; mas as graças que relatei acima são uma prova suficiente; falarei sômente do alimento que êle me prodigalizou “em abundância”.

O. c., cap. V, 177, pág. 96.

O DOUTOR DOS DOUTÔRES NOS APRESENTA O LIVRO MAIS BELO.

509. “Se abro um livro, por mais belo e admirável que seja, aperta-se-me logo o coração e não consigo compreender o que leio; ou, se por acaso o compreendo, o meu espirito fica-se como entorpecido, sem poder meditar.

Assim tolhida por esta espécie de paralisia socorro-me da Imitação e da Sagrada Escritura, em cujas páginas se me depara um maná escondido, substancioso e puro; porém, o que melhor que tudo o mais me entretém na oração mental, é o Evangelho, onde encontro quanto necessita a pobrezinha da minha alma. Aí descubro de contínuo novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos. Entendo e sei por experiência “que o reino de Deus está dentro de nós” (Lc 17,21).

Jesus não há mister de livros nem doutôres para instruir as almas, pois o Doutor dos doutôres ensina sem ruído de palavras. Nunca lhe ouvi a voz, e contudo tenho certeza de

que está dentro de mim, sei que me guia e inspira incessantemente, e percebo clarões até então desconhecidos, exatamente na hora em que me são necessários”.

O. c., cap. VIII, 306 s., pág. 148s.

OS LIVROS SAGRADOS SÃO GUIA LUMINOSO
NO CAMINHO DO CÉU.

510. “Quero procurar o meio de chegar ao céu por uma sendazinha direta, por um atalho, uma veredazinha inteiramente nova. Estamos vivendo num século de grandes inventos; já não custa fadigas galgar os degraus de uma escadaria; as casas abastadas têm lá ascensores que a substituem vantajosamente. Quisera eu também descobrir um ascensor para me levar até Jesus, pois sou tão pequenina, que me falecem as forças para virar até o tópo a escada íngreme da perfeição.

Pedi logo aos Livros sagrados que me indicassem o ascensor cobiçado, e deparei com estas palavras da mesma Sabedoria eterna: “Todo aquêlê que é simples e pequenino venha a mim” (*Prov* 9,4). Cheguei portanto a Deus, persuadida de ter enfim descoberto o que andava procurando; e desejosa de saber ainda o que o Senhor faria a êste pequenino, prossegui nas minhas pesquisas e encontrei mais o seguinte: “Hei de trazer-vos ao colo, embalar-vos sôbre os meus joelhos. Do mesmo modo que uma mãe acaricia o seu filhinho, assim eu vos consolarei” (*Is* 66,12-13). Ah! mais ternas e melodiosas palavras nunca soaram para deleitar a minha alma. O ascensor que me há de guindar até ao céu são os vossos braços, ó Jesus! Para isto não é necessário que cresça, devo antes ficar tamanhinha e empenhar-me em o ser sempre mais. Meu Deus, fôstes muito além de quanto podia esperar e quero agora celebrar-lhe as misericórdias: “Ensinaste-me, ó Deus, desde a minha mocidade; e eu publicarei as tuas maravilhas, que tenho experimentado até agora. E até a velhice e idade avançada, ó Deus, não me desampares, até que anuncie a força do teu braço a tôdas as gerações que hão de vir” (*Sl* 70,17,18).

O. c., cap. IX, 319s. pág. 154.

SIRVO-ME NA MINA FECUNDA DO EVANGELHO.

511. “Ciente de como “a caridade cobre todos os delitos” (*Prov* 10,12), valho-me desta mina inexaurível, aberta por Nosso Senhor no seu Sagrado Evangelho. Vou escavando as profun-

dezas de suas adoráveis palavras e exclamo com Davi: "Corri pelo caminho dos teus mandamentos, quando dilataste o meu coração." (Sl 118,32). E só a caridade me pode dilatar o coração... Ó Jesus, desde que esta suave chama o vem consumindo, corro entre delícias pelo caminho do vosso preceito novo, e por êle quero correr incessantemente até o venturoso momento em que, unida ao cortejo virginal, terei a dita de vos acompanhar pelos espaços infinitos, entoando o vosso Cântico nôvo, que há de ser o do Amor".

O. c., cap. X, 374. pág. 173.

NO CAPÍTULO 13 DA PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS
"ENCONTREI O REPOUSO".

512. "Meu Jesus, abri o vosso Livro de Vida, em cujas páginas vêm referidos os feitos de todos os santos; pois bem, queria eu ter praticado tôdas essas ações por vosso amor!

Que haveis de dizer de todos êstes desvaneios? Haverá sôbre a terra uma alma mais pequenina, mais débil que a minha? E contudo, tendo precisamente em vista a minha fraqueza, houvestes por bem satisfazer todos os meus pequeninos desejos infantis, e quereis ainda hoje satisfazer a outros desejos maiores que o universo...

Como estas aspirações se iam tornando um verdadeiro martírio para mim, abri um dia as Epístolas de S. Paulo, aflita por encontrar algum lenitivo ao meu tormento. Dei com os olhos nos capítulos XII e XIII da primeira Epístola aos Coríntios, onde li que não podem todos ser a um tempo apóstolos, profetas e doutôres; que a Igreja é composta de diferentes membros e não podem os olhos ser as mãos ao mesmo tempo.

A resposta era bem clara, mas ainda assim não valia a satisfazer os meus votos e não me tranquilizava. Abismando-me então na profundeza do meu nada, a tais alturas remontei o vôo que logrei atingir o alvo que mirava. Sem perder alento, prossegui na minha leitura e achei alívio neste conselho: "Aspirai a melhores dons, e eu vou mostrar-vos um caminho ainda mais excelente". E o Apóstolo explica como todos os dons, ainda os mais perfeitos, nada são sem o Amor, e como a caridade é o mais excelente caminho para chegarmos a Deus com segurança.

Acabava finalmente de achar descanso!"

O. c., cap. XI, 453a. pág. 206a.

LEÃO XIII

(1810 - 1903)

A SAGRADA ESCRITURA É FONTE DE SANTIDADE: DAÍ A EXTRAORDINÁRIA DILIGÊNCIA QUE A IGREJA DEDICOU-LHE EM TODOS OS TEMPOS.

513. “Certamente, para a própria santificação e para a santificação dos outros acham-se nas Santas Letras preciosos socorros, e êles são abundantíssimos, mormente nos Salmos. Todavia, só aproveitarão dêles os que prestarem à divina palavra não somente um espírito dócil e atento, mas ainda uma boa vontade perfeita e uma grande piedade. Esses livros, com efeito, ditados pelo próprio Espírito Santo, contém verdades importantíssimas, ocultas e difíceis de interpretar em muitos pontos; para compreendê-las e explicá-las, precisaremos sempre da presença dêsse mesmo Espírito (*S. Hier.*, in *Mich* 1,10), isto é, da sua luz e da sua graça, que, como os salmos nos advertem

Papa LEÃO XIII, Joaquim Pecci, nasceu em Carpineto, não longe de Roma, em 1810. Ordenado sacerdote em 1838, foi Núncio Apostólico em Bruxelas em 1843, Bispo de Perúgia por 32 anos, Cardeal em 1853, e Papa em 1878. Pela duração, foi o terceiro pontificado, depois do de Pio IX e de S. Pedro: mas o pontificado dêle se distingue sobretudo pelo alto prestígio ao qual elevou a obra da Santa Sé e pelo impulso dado a solução dos grandes problemas sociais e doutrinários que se agitavam no cenário do mundo e no âmbito da Igreja. — Notabilíssima a Encíclica “*Rerum Novarum*” que dá ao movimento operário e à complexa questão social a solução certa e a profunda linha diretiva da doutrina católica: esta encíclica é a “magna-charta” de toda a atividade católica no campo social e político. No quadro dos estudos é de se fazer notar a firmeza de visão e a alta compreensão com que Leão XIII encaminhou toda a orientação da Teologia e da Filosofia a S. Tomás de Aquino. No campo espiritual deu decisivo incremento, entre outros, à devoção do Santo Rosário, à Sagrada Família e a S. José. No campo bíblico temos, outro documento fundamental do pontificado de Leão XIII, a encíclica “*Providentissimus Deus*”, que reivindicando à Igreja as altíssimas beneméritos seculares com relação à palavra de Deus, traça as linhas de defesa e de conquistas ulteriores diante dos ataques dos adversários e também diante das necessidades da Igreja, para sua vida interna e seu apostolado. — O luminoso pontificado de Leão XIII depois de ter consagrado a Deus o nascente século XX, com solene jubileu, fechou-se a 20 de julho de 1903, com a morte dêste Papa (que a pseudo-profecia preconizava justamente como “*Lumen in coelo*”), na idade de 93 anos.

longamente, devem ser implorados pela oração humana, acompanhada de uma vida santa. E é nisto que aparece magnificamente a providência da Igreja. “Para que não ficasse descurado êsse tesouro dos Livros Santos, que com suma liberalidade o Espírito Santo entregou aos homens” (Conc. Trid, sses. V, decret. de reform. 1), ela em todos os tempos multiplicou as instituições e os preceitos”.

514. *A Bíblia, substância da oração e do estudo secular da Igreja.* — “Decretou não somente que uma grande parte das Escrituras fôsse lida e meditada por todos os seus ministros no officio cotidiano, como também que essas Escrituras fôssem ensinadas e interpretadas por homens instruídos, nas catedrais, nos mosteiros, nos conventos dos regulares, onde os estudos pudessem ser prósperos; por um rescrito ordenou que nos domingos e festas solenes os fiéis fôssem nutridos das salutaes palavras do Evangelho (*Ibid.* 1,2). Assim, graças à sabedoria da Igreja, o estudo das Sagradas Escrituras mantém-se florecente e fecundo em frutos de salvação”.

515. *Obra dos Padres. — Padres Apostólicos.* — “Para corroborar nos Nossos argumentos e exortações, apraz-nos lembrar como todos os homens notáveis pela santidade da sua vida e pela ciência das verdades divinas sempre cultivaram assiduamente as Sagradas Escrituras. Vemos que os mais próximos discípulos dos apóstolos entre os quais citaremos Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo, e depois os apologistas, especialmente Justino e Irineu, nas suas cartas e livros tendentes quer à conservação quer à propagação dos dogmas, introduziram a doutrina, a força, a piedade dos livros santos”.

516. *Escolas de catequese bíblica.* — “Nas escolas de catequese e de Teologia que foram fundadas junto a muitas sés episcopais, e das quais as mais célebres foram as de Alexandria e de Antioquia, o ensino dado só consistia, por assim dizer, na leitura, explicação, defesa da palavra de Deus escrita. Dêsses estabelecimentos saíram a maior parte dos Padres e escritores, cujos estudos profundos e obras notáveis se sucederam durante três séculos em tamanha abundância, que êsse período foi chamado idade de ouro da exegese bíblica”.

517. *Padres Orientais.* — “Entre os do Oriente, o primeiro lugar cabe a Orígenes, homem admirável pela pronta concep-

ção do seu espírito e pelos trabalhos ininterruptos. Nas suas numerosas obras e nos seus imensos *Héxaplos* foi que beberam quase todos os seus sucessores. Dêstes cumpre enumerar vários, que estenderam os limites dessa ciência; assim, entre os mais eminentes, Alexandria produziu Clemente e Cirilo; a Palestina, Eusébio e o segundo Cirilo; a Capadócia, Basílio Magno, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa; Antioquia, aquêlê João Crisóstomo, em quem uma erudição notável se unia à mais alta eloquência”.

518. *Padres Ocidentais.* — “Menos glória não adquiriu a Igreja do Ocidente. Entre os numerosos doutôres que nela se distinguiram, ilustres são os nomes de Tertuliano e Cipriano, de Hilário e Ambrósio, Leão Magno e Gregório Magno, porém, sobretudo, os de Agostinho e Jerônimo. Um se mostrou de uma penetração admirável na interpretação da palavra de Deus, e de uma habilidade consumada em tirar partido para apoiar a verdade católica; o outro, possuindo um conhecimento extraordinário da Bíblia e tendo feito sôbre os Livros Santos magníficos trabalhos, foi honrado pela Igreja com o título de Doutor Máximo”.

519. *Os grandes compiladores.* — “Desde essa época até o século XI, embora êsses estudos não tenham sido ardentemente cultivados e tão fecundos em resultados como precedentemente, foram florescentes, graças sobretudo ao zêlo dos Padres. Êstes, com efeito, tiveram o cuidado de recolher as obras que seus predecessores tinham deixado sôbre êsse assunto tão importante, ou de difundi-las depois de as haverem estudado a fundo e enriquecido com seus próprios trabalhos; foi assim que agiram, entre outros, Isidoro de Sevilha, Beda, Alcuino. Muni-ram de glosas os manuscritos sagrados, como Valfrido Estrabão e Anselmo de Laon, ou trabalharam por processos novos para manter a integridade dos textos, como o fizeram Pedro Damiano e Lanfranco”.

520. *A obra da Escolástica.* — “No século XII, a maioria dêles empreenderam com muito êxito a explicação alegórica das Sagradas Escrituras; neste gênero, S. Bernardo distinguiu-se facilmente entre os outros; seus sermões quase só se apóiam nas Letras divinas. Mas também novos e abundantes progressos foram feitos graças ao método dos Escolásticos. Êstes, se bem que se tenham aplicado a fazer investigações relativas ao ver-

dadeiro texto da versão latina, como o provam as Biblias corrigidas que elles fizeram publicar, puseram entretanto mais zêlo ainda e mais cuidado na interpretação e explicação dos Livros Santos. Tão erudita e tão claramente como qualquer dos seus predecessores, distinguiram elles os diversos sentidos dos termos latinos, estabeleceram o valor de cada um sob o ponto de vista teológico, marcaram os diferentes capítulos dos livros e o assunto dêsses capítulos, escavaram o significado das palavras bíblicas, explicaram a ligação dos preceitos entre si. Tôda gente vê que a luz foi assim trazida aos pontos obscuros. Além disso, os livros dêles, quer relativos à teologia quer comentadores das próprias Sagradas Escrituras, manifestam uma ciência profunda bebida nos Livros Sagrados. A êste título, S. Tomás de Aquino alcançou entre elles a palma”.

521. *Renascimento e invenção da imprensa.* — “Porém, depois que Clemente V, Nosso predecessor, agregou ao ateneu de Roma e às célebres universidades mestres de línguas orientais, êstes começaram a estudar a Bíblia, a um tempo sôbre o manuscrito original e sôbre a tradução latina. E quando, em seguida, os documentos da ciência dos gregos nos foram reconduzidos, sobretudo quando a arte nova da imprensa foi inventada, o culto da Sagrada Escritura espalhou-se muito. É de admirar o quanto, em pouco tempo, se multiplicaram as edições dos Livros Sacros, sobretudo da Vulgata; elas encheram o mundo católico de tal sorte que, mesmo naquela época tão difamada pelos inimigos da Igreja, os livros divinos eram amados e honrados”.

522. *Dedicação das Ordens Religiosas.* — “Não se deve deixar de lembrar que grande número de homens doutos, pertencentes sobretudo às Ordens Religiosas, desde o Concílio de Viena até o Concílio de Trento trabalharam para a prosperidade dos estudos bíblicos. Êstes, graças a socorros novos, à sua vasta erudição, ao seu notável talento, não sòmente aumentaram as riquezas acumuladas pelos seus predecessores, mas de alguma sorte prepararam o caminho aos sábios do século seguinte, durante o qual, em seguida ao Concílio de Trento, pareceu recommençar a época tão próspera dos Padres da Igreja”.

523. *As altas iniciativas dos Papas.* — “Realmente, ninguém ignora, e grato nos é relembrá-lo, que nossos predecessores, de Pio IV a Clemente VIII, fizeram com que se publicassem no-

táveis edições das versões antigas, da de Alexandria e da Vulgata. As que apareceram depois por ordem e sob a autoridade de Sisto V e do mesmo Clemente são hoje em dia de uso comum. Sabe-se que naquela época foram editadas, ao mesmo tempo que outras versões antigas da Bíblia, as bíblias políglotas de Antuérpia e de Paris, muito bem dispostas para a investigação do sentido exato”.

524. *Florescimento de exegese.* — “Não há nenhum livro dos dois Testamentos que não tenha então encontrado mais de um hábil intérprete. Não há questão alguma ligada a esses assuntos que não tenha exercitado de maneira frutuossíssima o talento de muitos eruditos, certo número dos quais, mormente os que mais estudaram os santos Padres, adquiriram um nome notável. Finalmente, desde essa época, o zêlo não tem faltado aos nossos exegetas. Homens distintos hão bem merecido dos estudos bíblicos e têm defendido as Santas Letras contra os ataques do racionalismo, ataques tirados da filosofia e das ciências análogas, e que eles têm refutado com argumentos do mesmo gênero”.

525. *Foi uma diligência ininterrupta: e não há motivo para um incitamento que venha por pessoas estranhas à Igreja.* — “Todos os que considerarem sem idéia preconcebida esta revista, conceder-nos-ão certamente que a Igreja jamais faltou à providência, que sempre fez manar para seus filhos as fontes salutares da divina Escritura, que sempre conservou esse apoio, a cuja guarda foi preposta por Deus, que o fortificou por toda sorte de trabalhos, de modo que nunca precisou nem precisa ainda ser a isso excitada por homens que lhe são estranhos”.

Encíclica “Providentissimus Deus”, ns. 24-38. — Documentos Pontifícios (n. 28).
Petrópolis 1957, pág. 9-14.

O PROFUNDO CONHECIMENTO DO TEXTO SAGRADO É, ALÉM DE TUDO, BOM GUIA TAMBÉM NAS CIÊNCIAS HUMANAS.

526. “Com paternal amor advertimos enfim todos os discípulos e todos os ministros da Igreja a cultivarem as Santas Letras com respeito e piedade vivíssimos. A sua inteligência, com efeito, não pode abrir-se de maneira salutar, como importa, se eles não afastarem a arrogância da ciência terrena, e se não empreenderem com ardor o estudo “dessa sabedoria que vem do alto”. Uma vez iniciado nessa ciência, esclarecido e fortalecido por ela,

o seu espírito terá um poder estupendo mesmo para reconhecer e evitar os erros da ciência humana, colhê-lhe os frutos sólidos e referi-los aos interesses eternos. A alma tenderá assim com mais ardor para as vantagens da virtude e será mais vivamente animada do amor divino. "Felizes os que perscrutam os seus testemunhos, que os investigam de todo o seu coração!" (Sl 118,2).

O. c., n. 20, pág. 26.

SÃO PIO X

(1835 - 1914)

EM DEFESA DO "DEPÓSITO" DIVINO.

527. "Rebeldes, infelizmente, são aquêles que professam e difundem sob formas enganadoras os erros monstruosos, sôbre a evolução do dogma, sôbre o retôrno ao Evangelho puro, isto é, podado, como êles dizem, das explicações da teologia, das definições dos Concílios, das máximas da ascética; sôbre a emancipação da Igreja, porém, de um modo novo, sem se rebelar para não ser postos fora, mas nem mesmo se submeter, para não faltar às próprias convicções; e finalmente, sôbre a adaptação aos tempos em tudo, no falar, no escrever e no pregar uma caridade sem fé, terna demais para os incrédulos, que abre a todos infelizmente o caminho da ruína eterna.

Bem vêdes, irmãos caríssimos, se nós, que devemos defender com tôdas as fôrças o depósito que nos foi confiado, não temos razão de nos angustiarmos ante êste ataque, que não

S. Pio X (José Sarto) nasceu em Riese (Treviso) em 1835. Deus o levou por tôda a experiência da vida pastoral como preparação à grande missão da renovação cristã, que o aguardava na cátedra de S. Pedro. Foi capelão, pároco, diretor espiritual de seminário, Bispo de Mântua, Patriarca de Veneza. Foi eleito Papa, com o nome de Pio X a 4 de agôsto de 1903. Tôda a Igreja tem viva recordação da sua santidade e da sua eficaz obra pastoral: ela está colhendo-lhe os frutos em muitas manifestações da sua vida. Seu programa de "restaurar tudo em Cristo" desenvolveu-se, antes de tudo, em favor dos pequeninos, através da intensa e solícita prática eucarística; continuou-se depois na grande obra de restauração litúrgica, na defesa do sagrado depósito da fé, com a luta decidida contra o modernismo, com a organização dos altos estudos bíblicos da Igreja, com a obra de codificação do Direito Canônico e com tôda ordem de providências para a vida pastoral da Igreja. — Os documentos mais importantes do pontificado de S. Pio X, são a Carta Encíclica "Pascendi" (1907), contra os erros do modernismo; a encíclica "Acerbo nimis" (1905), para o ensinamento do Catecismo; o decreto "Quam singulari" que abria a fonte de Vida para as crianças, ao primeiro desabrochar do uso da razão. Com a Carta Apostólica "Vinea electa" São Pio X fundava em Roma a 7 de maio de 1909 o Pontifício Instituto Bíblico. — S. Pio X morreu a 20 de agôsto de 1914, quando rebentava na Europa a primeira grande guerra. O povo venerou-o espontâneamente como santo. Sua canonização teve lugar a 29 de maio de 1954 na grande praça de S. Pedro.

é uma heresia, mas o compêndio e o veneno de tôdas as heresias, que tende a abalar os alicerces da fé e aniquilar o cristianismo. Sim, aniquilar o cristianismo, porque a Sagrada Escritura para êstes hereges modernos, não é mais a fonte segura de tôdas as verdades que pertencem à fé, mas um livro comum; a inspiração para êles restringe-se às doutrinas dogmáticas, entendidas, porém, a seu modo e por pouco não se diferencia da inspiração poética de Êsquilo ou de Homero. Legítima intérprete da Bíblia é a Igreja, mas sujeita à chamada ciência crítica que se impõe à teologia e a torna escrava. Pela tradição, finalmente, tudo é relativo e sujeito a mudanças, e por isso é reduzida a nada a autoridade dos santos Padres. E todos êstes, e mil outros erros, êles os propagam por meio de opúsculos, em revistas, em livros ascéticos e até mesmo em romances e os envolvem em certos têrmos ambíguos, em certas formas nebulosas, com que sempre têm aberta uma válvula para a defesa, para não incorrerem em uma condenação aberta e apazhar assim os incautos em suas rêdes.

Nós, por isso, contamos muito também com o vosso trabalho, veneráveis irmãos, porque, quando conhecerdes, com os Bispos vossos sufragâneos nas vossas regiões, êstes semeadores de discórdia, vos unais a nós, para combater, nos informeis do perigo ao qual estão expostas as almas, denunciéis seus livros à sagrada Congregação Romana e nesse ínterin, usando das faculdades que pelos sagrados cânones vos são concedidas, solenemente os condeneis, persuadidos da obrigação altíssima que assumistes, de ajudar o Papa no govêrno da Igreja, de combater o êrro e de defender a verdade, até o derramamento do sangue”.

Concistoro aos novos Cardeais, 17-4-1907. — Doctrina Pontificia: documentos bíblicos, B. A. C., Madrid 1955. Pág. 274.

FUNDAÇÃO DO PONTIFÍCIO INSTITUTO BÍBLICO.

528. “Para perpétua recordação. — Desde o início do nosso govêrno apostólico, seguindo as pegadas dos nossos predecessores, temos lutado com tôdas as fôrças, para conseguir que a vinha escolhida da Sagrada Escritura ofereça todos os dias mais frutos, tanto aos pastôres da Igreja como aos fiéis, em geral. Induzia-nos a isso, sobretudo a presente necessidade da Igreja, originada da confusão e perturbação que as discussões bíblicas inocularam nas mentes. Impelia o desejo que concebemos em nossa alma, a obrigação inerente ao nosso officio, de promover segundo as nossas fôrças, o estudo das Sagradas Escrituras e de oferecer aos jovens católicos principalmente, elementos ca-

tólicos de estudo, para que não se vejam tentados a se dirigir, com perigo para a doutrina, a autores heterodoxos, expostos, por isso, a ficar embebidos do espírito dos modernistas.

Para opor a êstes males da Igreja, novos e eficazes remédios, e para obter um maior incremento nos estudos bíblicos, já Leão XIII, de feliz memória, tinha projetado a ereção em Roma de um Ateneu Bíblico, dotado dos melhores mestres e de todos os subsídios de erudição bíblica e que tivesse sobretudo abundância de excelentes professôres, para explicar nas escolas católicas os Livros Sagrados.

Solidários com êste propósito salutar e utilíssimo do nosso Predecessor, já na nossa carta "Scripturae sanctae" de 23 de fevereiro de 1904, advertimos que nos parecia oportuníssimo o projeto de fundar êsse Ateneu Bíblico em Roma, onde "se reúnam jovens escolhidos, de tôdas as partes, para se tornarem mestres na ciência da palavra divina"; e acrescentávamos nossas esperanças boas e certas, de que a possibilidade de o levar a efeito, a qual então a nós, como antes ao nosso Predecessor faltava, um dia nos teria sido oferecida pela liberalidade dos católicos.

Assim, portanto, para o bem da catolicidade, com nossa Autoridade Apostólica, com o presente "Motu próprio", de ciência certa e depois de madura deliberação, erigimos nesta Cidade o Pontifício Instituto Bíblico".

Carta Apostólica "Vinea electa" (17-5-1909). — O. c., pág. 327.

BENTO XV

(1854 - 1922)

O EXEMPLO DE S. JERÔNIMO NO ESTUDO DA BÍBLIA.

529. *Desapêgo do mundo.* — “Que trilha e que método seguir para procurar, com a agradável e-perança de descobri-lo, êsse precioso tesouro que o Pai celeste deu a seus filhos como consolação no seu exílio? O próprio S. Jerônimo no-lo indica pelo seu exemplo. Êle nos pede antes de tudo trazermos ao estudo da Escritura uma cuidadosa preparação e um coração bem disposto. Vejamo-lo, a êle próprio, após o seu batismo: para afastar todos os obstáculos exteriores que pudessem contrariar o seu piedoso desígnio, imitando o personagem do Evangelho que, “na sua alegria” por haver achado um tesouro, “vai, vende tudo o que tem e compra o campo” (Mt 13,44), êle dá adeus aos prazeres efêmeros e frívolos dêste mundo, apaixonou-se de solidão, e abraça uma vida austera com tanto mais ardor quanto melhor se capacitou do perigo que até então a sua salvação corria por entre as seduções do vício”.

BENTO XV (Tiago Della Chiesa), nasceu em Gênova em 1854. Foi ordenado sacerdote em 1878; começou sua atividade diplomática na Santa Sé, ocupando vários cargos, sobretudo na Secretaria do Estado até que se tornou arcebispo de Bolonha, em 1907. Foi elevado ao sólio Pontifício a 3 de setembro de 1914. Seu pontificado, que se passou quase inteiramente durante a grande guerra européia e nos primeiros anos, difficilimos, depois da cessação do conflito, foi todo de tal solicitude e caridade, para com os vários povos, que terminou por se impor à admiração mesmo dos povos mais remotos, a ponto de que em 1920 por iniciativa dos muçulmanos, israelitas e greco-cismáticos surgiu um monumento a Bento XV em Constantinopla. Nas duríssimas vicissitudes da época, êle surgiu diante de todo o mundo, como o “Campeão da civilização e da fraternidade humana”, além da caridade cristã. Em 1917 promulgou o Código do Direito Canônico. No meio das infinitas preocupações da guerra que sacudiu tão profundamente a humanidade, Bento XV não se descuidou do que se referia à vida espiritual e aos estudos da Igreja. Entre outras encíclicas temos em 1920 a “*Spiritus Paraclitus*”, para o centenário de S. Jerônimo, em que se propõe à Igreja, diante das necessidades da época, o espírito e o método dos estudos bíblicos, fazendo reviver a figura de S. Jerônimo, o Doutor máximo no campo Bíblico. — Bento XV morreu, chorado por todo o mundo, a 22 de janeiro de 1922.

530. *Mentalidade cristã e oração.* — “Aliás, devia êle ainda, depois de afastar êsses obstáculos, dispor sua mente para adquirir a ciência de Jesus Cristo e para se revestir daquele que é “manso e humilde de coração”. Com efeito, êle experimentara as mesmas repugnâncias que Agostinho confessava também ter sentido quando empreendia o estudo das Santas Letras. Depois de, durante a mocidade, se haver mergulhado na leitura de Cícero e de outros autores profanos, Agostinho quis volver a mente para a Sagrada Escritura; e escreve: “Ela me pareceu indigna de ser comparada as belezas ciceronianas. A minha ênfase tinha horror à simplicidade dela, e a minha inteligência não lhe penetrava a medula: penetramo-la tanto melhor quanto mais pequenos nos fizermos, mas repugnava-me fazer-me pequenino, e a ênfase da minha suficiência fazia-me crescer aos meus próprios olhos” (S. Agost., *Conf.*, III, 5: cf. VIII, 12). Como Agostinho, Jerônimo saboreava a tal ponto a literatura profana até no fundo da sua solidão, que a pobreza do estilo das Escrituras ainda o impedia de reconhecer nelas Cristo na sua humildade. “Assim, diz êle, eu levava a loucura até o ponto de me privar de comer para ler Cícero. Depois de passar muitas noites sem sono, depois de derramar lágrimas que do fundo do meu coração fazia jorrar a lembrança das minhas faltas passadas, era Plauto que eu tomava em mão. Se, tornando a mim mesmo, me sucedia empreender a leitura dos Profetas, o seu estilo bárbaro me revoltava, e, quando meus olhos de cego ficavam fechados à luz, eu acusava por isso não os meus olhos, porém o sol” (*Ep* XXII, xxx,2). Breve, no entanto, êle se apaixonou tanto da loucura da cruz, que ficou sendo a prova viva das facilidades que para a inteligência da Bíblia fornece um espírito humilde e piedoso. Côncio como êle estava de que “na explicação das Sagradas Escrituras temos sempre necessidade do socorro do Espírito Santo” (In *Mich* 1,10,15), e de que para a leitura e interpretação dos Santos livros é preciso ater-se ao sentido que o Espírito Santo tinha em mira quando ela foi escrita, Jerônimo chama com suas súplicas, fortalecidas pelas preces de seus amigos, o socorro de Deus e as luzes do Espírito Santo. Conta-se também que, começando os seus Comentários dos Livros Sagrados, êle os recomendava à graça de Deus e às orações de seus irmãos, aos quais atribuía o êxito quando os acabava”.

531. *Firme adesão à Tradição.* — “Tanto quanto à graça divina, êle se remete tão plenamente à autoridade da tradição,

que pode afirmar ter aprendido “tudo o que sabe, não por si mesmo, isto é, na escola do bem triste mestre que é o orgulho, mas junto aos ilustres doutôres da Igreja” (*Ep* CVIII, XXVI, 2): êle confessa, com efeito, que nunca se fiou em suas próprias forças em matéria da Sagrada Escritura, e eis aqui como, numa carta a Teófilo de Alexandria, êle formula a lei segundo a qual ordenara a sua vida e os seus santos labôres: “Ficai sabendo, pois, que nada temos mais a peito do que salvaguardar os direitos do cristianismo, não mudar coisa alguma à linguagem dos Padres, e nunca perder de vista essa fé romana de que o Apóstolo fêz o elogio” (*Ep* LXIII,2).

532. *Entrega total ao magistério da Igreja.* — “À Igreja, mestra soberana na pessoa dos Pontífices romanos, Jerônimo é dedicado e submisso de tôda a sua alma. E eis aqui o que, do deserto da Síria onde está em luta com as facções dos hereses, êle escreve ao Papa Damásio, querendo remeter à Sé Apostólica a solução da controvérsia dos Orientais sôbre o mistério da Santíssima Trindade: “Julguei, pois, bom consultar a Cátedra de Pedro e a fé glorificada pelo Apóstolo, pedindo hoje o alimento de minha alma lá mesmo onde outrora recebi as librés de Cristo. Não querendo outro guia senão Cristo, mantenho-me na estreita comunhão com Vossa Beatitude, isto é, com a Cátedra de Pedro. Sei que sôbre essa pedra é que está edificada a Igreja... Pronunciai, conjuro-vos: se assim decidirdes, não hesitarei em admitir três hipóstases; se o ordenardes, aceitarei que uma fé nova substitui a Nicéia, e que, ortodoxos, nós nos servíamos das mesmas fórmulas que os arianos” (*Ep* XV, 1,24). Enfim, na carta seguinte, êle renova essa notabilíssima confissão de fé. “Enquanto isso, eu clamo a quem queira ouvi-lo: Estou com todo aquêle que está unido à Cadeira de Pedro” (*Ep* XVI, II, 2). Perseverantemente fiel, no estudo da Escritura, a essa regra de fé, êle invoca êste único argumento para refutar uma falsa interpretação do texto sagrado: “Mas a Igreja de Deus não admite essa opinião” (*In Dan* III,37); e eis aqui as únicas palavras pelas quais êle recusa um livro apócrifo que o herege Vigilâncio invocara contra êle: “Esse livro, nunca o li. Que necessidade temos nós de recorrer àquilo que a Igreja não conhece?” (*Adv. Vig*, 6).

Encíclica “*Spiritus Paraclitus*” (15-9-1920), nn. 33-37. — Documentos Pontifícios, n. 44 (Petrópolis 1952), pág. 21 ss.

PIO XI

(1857 - 1939)

A IGREJA MANTÉM-SE À ALTURA DA EXPOSIÇÃO E DA DESPESA DO VALOR DIVINO DAS ESCRITURAS.

533. “Quanto a Igreja tenha sempre estimado a ciência bíblica, os escritos publicados para ensinar e defender a fé, desde o início da religião cristã até aos nossos dias, demonstram-no.

A razão é esta: nos Livros Sagrados, uma das fontes da revelação cristã junto com o ensino tradicional não escrito, baseia-se tudo o que sabemos de Deus, de Cristo Redentor dos homens, da constituição nativa da Igreja e da disciplina dos costumes. Por isso tanto mais floresceram os estudos bíblicos, quanto mais foi necessário ou ilustrar a verdade, ou rejeitar os erros insidiosamente proferidos contra a divindade de Cristo e contra a Igreja; e tendo chegado os acatólicos e os racionalistas em sua temeridade e audácia, até o ponto de atacar a autoridade mesma das Escrituras santas e a sua imunidade de erros, foi necessário que os nossos, fornecidos de grande abundância de sã erudição, saíssem ao combate para defender a divina herança da Sabedoria celeste contra os enganos da falsa sabedoria. E se nesta palestra todos os alunos de um e

Pro XI (Aquiles Ratti) nasceu em Désio (Milão) em maio de 1857, e teve estas etapas principais, na vida que o levou ao supremo Pontificado: foi sacerdote em dezembro de 1879, prefeito da Biblioteca Ambrosiana (Milão) em 1907, prefeito da Biblioteca Vaticana em 1914, Núncio Apostólico na Polônia em 1919, Arcebispo de Milão em 1921, Papa em fevereiro de 1922. — Difícil resumir-se toda a obra robusta, prudente, de longo alcance, que torna extraordinário o seu grande pontificado. Pio XII, seu sucessor imediato, definiu mais de uma vez a excepcional estatura deste Papa com as seguintes palavras: “Pio XI é daqueles homens que a Providência dá ao mundo por volta de séculos”. Entre outras coisas deve-se lembrar a criação da Cidade do Vaticano, fruto da reconciliação com a Itália, a organização vigorosa da Ação Católica, o grandíssimo impulso das missões, a organização da Pontifícia Academia das Ciências e a reorganização dos estudos superiores eclesiais; a resistência indomável aos movimentos totalitários que caracterizaram, por fora, o período do seu Pontificado. Eis as Encíclicas mais notáveis de Pio XI: a “Divini illius Magistri”, magna-carta da educação cristã, a “Quadragesimo anno”, sobre a questão social, a “Divini Redemptoris”, condenação do comunismo ateu. — Pio XI morreu a 10 de fevereiro de 1939.

outro Clero, durante o curso de seus estudos sagrados, devem ser profundamente instruídos e exercitados, convém de modo especial que adquiram um conhecimento pleníssimo e acertado das coisas bíblicas os que por uma particular inclinação de sua inteligência parece que sejam atraídos e destinados a ensinar esta disciplina nos seminários e universidades, ou para escrever sobre êste argumento: êstes, também se por pouco se afastassem do pensamento da Igreja, colocariam em perigo a integridade da fé em muitos outros”.

Motu proprio "Bibliorum scientiam" (27-4-1924). — Doctrina Pontificia: documentos bíblicos. B. A. C., Madri pág. 473.

SETENTA ANOS: MEDITAÇÃO BÍBLICA A 31 DE MAIO DE 1927.

534. “Pio XI costumava repetir o versículo que fixa o termo da vida normal do homem aos setenta anos. Reflexivo como sempre, habituado a viver com os olhos na eternidade, quis dedicar aquêle dia de aniversário a um retiro espiritual. Suspensas as audiências, o Papa passou o dia sozinho, em meditação e oração: devia pensar unicamente na sua alma.

Aquêle mesmo autógrafo permite penetrar no silêncio fecundo daquele retiro, conhecer os temas das meditações, seguir o vasto e maravilhoso desenvolvimento daquele recolhimento. Com a sua bela caligrafia, Pio XI tinha transcrito alguns versículos do capítulo 38 de Isaías, e dos Salmos 70, 38 e 89, onde cada palavra tem um significado e um convite: a idade atual, o passado de mocidade, a situação do presente, os sofrimentos e as alegrias, as esperanças da alma, a sua confusão, a sua confiança em Deus.

É só transcrever aquêle piíssimo manuscrito, fonte de reverente admiração.

31-V-27

- Is* 38,15 Repassarei diante de ti pela memória todos os meus anos na amargura da minha alma.
- 17 Encontrarei paz na minha amargosíssima aflição. E tu livraste a minha alma para ela não perecer, lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados.
- 19 O que vive, o que vive, êsse é o que te louvará, como eu o faço hoje; o pai fará conhecer aos filhos a tua verdade.
- 20 Senhor, salva-me e nós cantaremos os nossos salmos, todos os dias da nossa vida, na casa do Senhor.

Sl 70, 1 A ti, Senhor, me acolho: não permitas que eu seja para sempre confundido;

2 segundo a tua justiça, põe-me a salvo e livra-me; inclina para mim o teu ouvido e salva-me.

3 Sê para mim rochedo de refúgio, cidadela fortificada, para me salvars: porque tu és o meu rochedo e a minha cidadela.

4 Deus meu, livra-me da mão do iníquo, do punho do malvado e do opressor.

5 Porque tu és a minha esperança, ó meu Deus, Senhor, tu és a minha esperança, desde a minha mocidade.

6 Em ti me firmei desde o meu nascimento, tu és o meu protetor, desde o ventre de minha mãe: em ti esperei sempre.

7 Fui considerado por muitos como um prodígio; mas tu foste o meu poderoso protetor.

8 A minha bôca estava cheia do teu louvor, da tua glória todo dia.

9 Não me desampares no tempo da velhice; quando faltarem as minhas fôrças, não me abandones.

12 Ó Deus, não te afastes de mim, Deus meu, acode em meu socorro.

14 Eu porém, esperarei sempre (em ti), e cada dia contribuirei mais para teu louvor.

Sl 38, 5 Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim, e qual é o número dos meus dias, para que eu saiba quanto sou caduco.

6 Eis que fixaste aos meus dias a medida de poucos palmos, e a minha vida é como nada diante de ti; sim, todo homem não é mais que um sôpro.

7 O homem passa como uma simples sombra, é em vão que se afadiga; entesoura e não sabe quem desfrutará.

8 E agora, Senhor, posso eu esperar? A minha confiança está em ti.

13 Ouve, Senhor, a minha oração e atende ao meu clamor: diante das minhas lágrimas não sejas surdo. Porque eu sou diante de ti um hóspede, um peregrino, como todos os meus pais.

14 Afasta de mim o olhar, para que respire, antes que parta e deixe de existir.

Sl 89,10 A soma dos nossos anos é setenta anos...

Assim com os setenta anos e com reticências termina o autógrafa.

Mas o Senhor enumerou Pio XI *in potentatibus* e fê-lo atingir e superar os oitenta anos, consentidos como privilégio no sucessivo versículo escritural. No limiar, porém, daquele clímax de idade gloriosa, o Senhor enviou-lhe o então anunciado sofrimento. Aquêlê versículo do Salmo interrompido 10 anos antes, Pio XI completou-o na comovida mensagem que, do leito de enfêrmo, sem fôrças, com voz cansada, dirigiu ao mundo, na vigília do Natal de 1936: exatamente aos 80 anos, recordando: "*et amplius eorum labor et dolor!*"

C. Confalonieri, Pio XI visto da vicino, Torino 1957, pág. 300sa.

Servo de Deus P. TIMÓTEO M. GIACCARDO

Sacerdote da Pia Sociedade de São Paulo

(1896 - 1948)

NÃO SE QUERERIA JAMAIS FECHAR.

535. "O grande livro que forma à humildade é o Evangelho: é impossível ler uma só de suas páginas sem sentir o coração a transbordar de humildade. Nêle, Jesus fala de humildade, porém, mais do que suas palavras, encontramos no Evangelho o Espírito de Cristo, que penetra e infunde humildade, aquela humildade que agrada, atrai, comove e conquista.

Quem lê o Evangelho familiariza-se com a voz de Jesus, torna-se humilde, bondoso de coração, íntimo com Jesus. O Evangelho é palavra de luz, palavra que dá vida. O Evangelho é assim: se não se abre, nunca se desejaria fazê-lo; se, pelo contrário, começa-se a abri-lo, jamais se quererá fechá-lo".

Lamera, Lo spirito di don Timoteo Giaccardo, II ediz., Roma 1956, pág. 329.

Creemos justo inserir no elenco dos grandes devotos do Divino Mestre e da sua palavra, o Servo de Deus, P. TIMÓTEO GIACCARDO, cujo nome começa apenas, através do processo de beatificação, a despontar no grande campo de distinção da santidade, mas cuja vida é conhecida de muitos (também de quem escreve) através de uma longa convivência e de estudos que já saíram em várias edições. Pe. Timóteo Giaccardo revestiu-se de uma riqueza espiritual extraordinária e soube refletir vivamente em si a palavra de Deus. Manteve um programa espiritual constante, determinado pelas palavras da Epístola aos Gálatas, 2,20: "Vivo autem, jãm non ego: vivit vero in me Christus", que o orientou desde jovem clérigo e o acompanhou ininterruptamente durante a vida inteira, com desenvolvimento de grande perfeição. O estudo das Sagradas Escrituras, especialmente das Epístolas de São Paulo, feito regular e assiduamente nas horas de adoração a Jesus Mestre, alimentou com abundância toda a sua vida. Sua atividade incansável: comunicar com abundância e com infinito amor, na pregação, na direção espiritual e nos escritos, a palavra de Deus, em honra do Mestre Divino, que era a sua devoção por excelência. — P. Giaccardo, primeiro sacerdote ordenado na Pia Sociedade de S. Paulo, nasceu em Narzole, perto de Alba (Piemonte) em 1896. Foi ordenado sacerdote em 1919. Dirigiu por muitos anos as casas principais da jovem Congregação. Vigário Geral da Pia Sociedade de S. Paulo, foi chamado por Deus à eternidade no dia 24 de janeiro de 1948, festividade de S. Timóteo.

O IDEAL NO MESTRE.

536. "Jesus Mestre! Esta simples expressão, pronunciada como uma invocação, é luz que indica o ideal; é síntese de vida espiritual; método completo de vida, fórmula de comunhão espiritual pela qual Jesus dá-se a nós e nós a êle".

D. Timoteo Giacardo, *Dal tetti in su*, Roma 1956, pág. 7.

ENTRE JESUS MESTRE E SÃO PAULO: RESPONSÓRIO!

537. "São Paulo formula uma espécie de admirável responsório com o Divino Mestre. Jesus Mestre diz:

— Eu sou a Verdade: crede em mim. (*Jo 14,6; 14,1*).

São Paulo responde:

— Vivo na fé do Filho de Deus que me amou. (*Gál 2,20*).

— Eu sou o Caminho: vinde a mim. (*Jo 14,6; Mt 11,28*).

São Paulo responde:

— Estou pregado na cruz com Cristo. (*Gál 2,19*).

— Eu sou a vida: permaneci no meu amor. (*Jo 14,6; 15,9*).

São Paulo responde:

— Não sou mais eu que vivo: vive em mim o Cristo. (*Gál 2,20*).

O. c., pág. 47-48.

AS EPÍSTOLAS DE SÃO PAULO.

538. "É impossível aproximar-se de São Paulo e não ser transformado. A devoção é primeiramente conhecimento: as Epístolas de São Paulo revelam-nos seu espírito; a devoção é amor: as Epístolas fazem-nos amar São Paulo; prova do amor é a imitação: as Epístolas fazem-nos conhecer o comportamento íntimo de São Paulo; máxima devoção é viver o espírito de São Paulo: as Epístolas têm o poder de introduzir-nos no espírito paulino".

O. c., pág. 53.

PIO XII

(1876 - 1958)

EVANGELHO, "EXTRAORDINÁRIO ARTÍFICE DE MARAVILHAS ESPIRITUAIS".

539. "O que de mais feliz nos poderia sobrevir no ministério pastoral que a Divina Providência quis consignar à nossa humilde pessoa, do que êste aparecimento de nôvos astros no céu da Igreja, como que a nos tranqüilizar da vigilante guarda do alto, e obrigar o mundo a olhar, com atenção, e a refletir nas maravilhas espirituais de que o Evangelho é o extraordinário artífice?"

Para a beatificação de Giustino de Jacobis (28-6-1939). — Atti e discorsi di Pio XII (Edizioni Paoline, Roma) vol. I, pág. 130.

Pio XII nasceu em Roma em 1876. São conhecidas as datas principais de sua vida e o brilho imorredouro de seu pontificado. É conhecido, sobretudo, o dia de sua sagração episcopal, por mãos do Papa Bento XV, em feliz coincidência com a primeira aparição da Santíssima Virgem, em Fátima, a 13 de maio de 1917. Mons. Eugênio Pacelli foi, desde então, Núncio Apostólico na Baviera e depois em tôda a Alemanha. Feito Cardeal, no ano de 1929, sucedeu ao Cardeal Pedro Gasparri, no alto cargo de Secretário de S.S. Pio XI. Além da excelência de sua ação diplomática pela Santa Sé, o Cardeal Pacelli distinguiu-se, naqueles anos, como representante do Papa nos principais acontecimentos do mundo cristão, como as celebrações de Lourdes e Lisieux e os Congressos Eucarísticos Internacionais de Buenos Aires e de Budapest. Pio XII foi eleito Papa no dia do seu 63º aniversário natalício, a 2 de março de 1939. — Os vinte anos de pontificado de Pio XII estão entre os que viram reconhecido pela humanidade inteira a alta função espiritual do Representante de Cristo. A extensa obra de caridade, promovida pela Santa Sé durante e depois da guerra de 1939-1945; a obra de pacificação na justiça, procurada e sugerida com todos os meios por Pio XII; a excepcional obra de magistério, ininterruptamente desenvolvida pelo Pastor Angélico, são os elementos que mais se imprimiram na memória dos homens. O acorrer-se à Cátedra de Pedro de tôdas as partes da terra, por parte de tôdas as camadas sociais e dos representantes de todos os movimentos científicos, artísticos, sociais, esportivos, etc., foi o espetáculo que, nascido depois da guerra, cresceu incessantemente até a morte do Papa, que ocorreu em outubro de 1958. 19 volumes, que contêm os atos e os discursos de Pio XII são testemunhos desta obra de magistério universal. Entre as numerosas Encíclicas de Pio XII, sobressaem a "*Mystici corporis Christi*", que expõe ampla-

A REVELAÇÃO, ÍNTIMA CONFIDÊNCIA DE DEUS.

540. “A revelação é, antes de tudo, a confiança paternal que Deus faz ao homem dos seus segredos, segredos de sua natureza e de sua vida, de suas perfeições, de suas magnificências, de suas obras, de seus planos. Compreendeis perfeitamente tudo quanto uma tal “confidência” encerra em si de amor e de ternura, de confiança e de generosidade?

Jovens esposos, o primeiro grande testemunho, que vós destes um ao outro de vossa afeição, não foi talvez exatamente aquêle de trocardes mutuamente vossas confidências? Fazer-vos conhecer reciprocamente, falar das grandes e das pequenas coisas de vossa vida de ontem; de vossas mínimas ansiedades como de vossas mais nobres aspirações para a vida de amanhã; da história, das tradições, das lembranças de vossas famílias; não foi êsse talvez o argumento mais vivo de vossos colóquios afetuosos? E tais confidências não cessareis de repeti-las e de continuá-las, sem, porém, jamais dizer tudo, porque promanam do amor de que o coração transborda, e o negro dia em que tal efusão cessasse seria sinal de que a fonte teria secado. Entre essas recordações de vosso passado, lembrareis a hora em que o vosso pai, vossa mãe, julgando-vos enfim “grandes” condescenderam convosco seus pensamentos, seus interesses, labôres, preocupações, angústias e os sofrimentos que, a custa do próprio esforço, iam suportando para vos garantir uma vida mais bela, qual sonhavam e almejavam êles para vosso futuro. Aquela intimidade foi, para vós, uma aurora de alegria: compreendestes o amor que a inspirava e vos sentistes orgulhosos em vos tornar confidentes de vossos pais.

Jovens espôso, elevai-vos sôbre vós mesmos; também Deus faz-se espôso das almas; e não é talvez Jesus Cristo o Espôso de sua Igreja e a Igreja sua espôsa querida, feita com seu próprio sangue depositária e guarda de seus divinos segredos e desejos? Eis que êste Deus de infinita bondade se humilha às confidências para conosco, a fim de elevar-nos até a êle: majestade imensa, senhor, criador, mestre soberano, juiz infalível, remunerador generosíssimo, digna-se fazer-nos seus filhos, participantes de seus desígnios e de seus admiráveis tesouros, no-los

mente a doutrina do Corpo Místico, a “*Mediator Dei*” sôbre a Liturgia; a “*Divino afflante Spiritu*” sôbre os estudos bíblicos. — Memoráveis as celebrações do ano jubilar de 1950 com a definição do dogma da Assunção, e a canonização de S. Pio X, a 29 de maio de 1954.

revelando e no-los concedendo, mesmo quando não temos capacidade para tudo compreender.

Usa os mais doces e caros nomes que se ouvem na família, e nos chama de filhos, irmãos, amigos, e quer aparecer como pai, mãe, espôso admiravelmente amante e cioso de nosso bem-estar e de nossa felicidade. Ouvi o Salvador que fala aos seus Apóstolos: "Já não vos chamarei de servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Mas vos chamarei de amigos, porque tudo aquilo que ouvi do Pai, vos dei a conhecer" (*Jo* 15,15). Quanta ternura do Deus de Verdade! Haveria homens tão desdenhosos da luz, tão inimigos de um mais alto conhecimento revelado, tão insensíveis a todo sentido de amor, tão soberbos na sua pobre razão humana a ponto de negar e rejeitar o que êles chamam o jugo da fé? Pobres pássaros noturnos, que do seu esconderijo se apiedam da águia que em pleno meio-dia fixa, imóvel, a pupila no sol!"

Aos novos espôsos (5-5-1943). — O. c., vol. V, pág. 48ss.

DOCILIDADE, GRANDE ATO DE INTELIGÊNCIA.

541. "Pensai agora, por um instante, numa sombra no quadro que, há pouco, vos descrevemos. Seja essa sombra um dos filhos, daqueles que superaram a ingenuidade dos pequenos e não alcançaram ainda a prudência e a reserva dos grandes, que, impaciente, aguarda de mau humor o fim da conversação, para ir encontrar-se com seus companheiros e recomeçar seus brinquedos, mostrando externamente que em nada participa daquilo que se fala. Seus irmãos não ficariam ofendidos, indignados, escandalizados? Não apareceria uma nuvem no rosto da mãe? Não parece que àquele filho venha a faltar a inteligência ou o coração, ou também ambas as coisas? Essa sombra tem também ela um quê de paralelo com a revelação e a fé.

As verdades reveladas, objeto da fé, alargam ao infinito, além dos confins da ciência humana, o horizonte de nossos conhecimentos de Deus e das obras divinas na elevação e na reparação do gênero humano; e dilatam o campo de nossa atividade religiosa e moral; estimulam e ativam o coração na firmeza da esperança; aquecem-no e o confortam no vínculo da divina caridade; mas um elevado número de cristãos não dá nenhuma importância, nenhuma atenção à palavra de Deus, às confidências de Cristo, de que estão cheios os Evangelhos; não se preocupam, senão com as coisas transitórias, momentâneas e materiais, das leituras e dos discursos frívolos, dos di-

vertimentos e dos passatempos, das novelas e das histórias mais inúteis à vida e às ações. Perderam a candura das crianças, sem adquirir a austera docilidade das almas vigorosas. Não é, de fato, a docilidade, para quem a considera no seu sentido original, o sinal do vigor que anima, sustenta e forma um espírito bastante aberto para conhecer a estreiteza do saber humano, e apto, portanto, a receber, com reconhecimento e adesão, a doutrina de quem sabe e tem autoridade para ensinar?

Procurar, com espírito de amor, conformar-se, na certeza de que a palavra entendida é revelação de Deus, nada mais legítimo; prestar-lhe o razoável obséquio com a aplicação da mente e das ciências humanas, desejando e estudando para melhor compreendê-la e penetrá-la, para mais saboreá-la e amá-la e pôr em prática seus ensinamentos, nada mais louvável. Mas que contraste, se observamos o comportamento de não poucos pretensos espíritos fortes, que não desejam receber nada de revelado sem avaliá-lo com suas falsas balanças!"

Aos novos esposos (12-5-1943). — O. c., vol. V, pág. 62ss.

APROVEITAR LARGA E SANTAMENTE O TESOURO.

542. "Considerando as imensas lidas abraçadas pela exegese católica, por quase dois mil anos, a fim de que a palavra de Deus, comunicada aos homens nas Sagradas Letras, se compreenda cada dia mais perfeitamente e mais ardentemente se ame, deve espontaneamente nascer a convicção de que os fiéis e particularmente os sacerdotes têm a grave obrigação de aproveitar ampla e santamente aquêlê tesouro acumulado durante tantos séculos pelos maiores talentos. Deus não deu aos homens os Livros Santos para satisfazer-lhes a curiosidade, ou para lhes fornecer matéria de estudo e de investigações, mas, como adverte o Apóstolo, para que êstes divinos oráculos nos pudessem "instruir para a salvação pela fé em Jesus Cristo", e para que "seja perfeito o homem de Deus, bem armado para tôda obra" (2 *Tim* 3,15-17). Portanto, os sacerdotes que, por ofício, devem procurar a eterna salvação dos fiéis, depois de terem estudado diligentemente as sagradas páginas, e de as ter assimilado com a oração e a meditação, distribuam com o devido zêlo nos sermões, homilias e práticas, as celestes riquezas da divina palavra; confirmem a doutrina cristã com sentenças dos Livros Santos. Ilustrem-na com os preclaros exemplos da História Sagrada, e sobretudo do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; e tudo isso — evitando com diligente cuidado, aquêles sensos acomodaticios de inventivas da fantasia

particular e longamente sofisticados, sentidos esses que são, antes, um abuso do que uso da palavra divina — exponham-no com tal facúndia e clareza, de maneira que os fiéis não só se sintam comovidos e afervorados a melhorar a própria vida, mas também concebam uma máxima veneração pela Sagrada Escritura”.

Encíclica "Divino afflante Spiritu" (30-9-1943). — O. c., vol. V, pág. 293.

O EVANGELHO, FUNDAMENTO DA ORDEM SOCIAL.

543. “Para estas feridas mortais do consórcio humano, quem poderia trazer remédio senão aquêle a quem o Príncipe dos Apóstolos, cheio de amor e de confiança, dirigia estas palavras: “Senhor, a quem havemos de ir? Pois só tu tens palavras de vida eterna” (*Jo* 6,69). A êste misericordiosíssimo Redentor nosso, devemos, pois, com todo o entusiasmo, reconduzirmos todos os homens. Êle é o divino consolador dos aflitos, êle é quem ensina a todos, tanto às autoridades como aos súditos, a verdadeira honradez, a incorrupta justiça, e a generosa caridade, êle, enfim, só êle é que pode ser sólido fundamento e esteio seguro da paz e tranqüillidade, pois que “ninguém pode lançar outro fundamento além daquele que está lançado e que é Cristo Jesus” (*1 Cor* 3,11). Dêste autor da salvação, Cristo, os homens tanto mais pleno conhecimento terão, quanto mais ardente amor conceberem, tanto mais felizmente imitarem os exemplos, quanto mais afeto tiverem ao conhecimento e à meditação das Sagradas Letras, sobretudo do Novo Testamento, pois, que como disse o estridonense: “Ignorar a Sagrada Escritura é ignorar a Cristo”, e “se há coisa neste mundo que sustenha o sábio e o convença a permanecer de ânimo sereno em meio das tribulações e tempestades do mundo, julgo que é, em primeiro lugar, a meditação e ciência das Escrituras”. De fato, delas, quem estiver ferido e oprimido pelas adversidades e pelas desventuras haurirá os verdadeiros confortos e uma soberana fôrça para sofrer com paciência; nelas, nos Santos Evangelhos, Cristo se apresenta a todos, sumo e perfeito exemplar de justiça, de caridade, de misericórdia; nelas, a todo o gênero humano, dilacerado e trepidante, são abertas as fontes daquela divina graça, sem a qual, ou desprezada e descurada, os povos e dominadores de povos não poderão jamais obter ou consolidar a tranqüillidade do Estado, nem a concórdia dos espíritos; nelas, enfim, aprenderão todos a Cristo, “que é cabeça de todo o principado e potestade” (*Col* 2,10), e que “foi feito por Deus nossa sabedoria e justiça e redenção” (*1 Cor* 1,30).

L. c., pág. 227.

JOÃO XXIII

(n. 25-XI-1881)

PALAVRAS DO MESTRE UNIVERSAL NO 50º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DO PONTIFÍCIO INSTITUTO BÍBLICO.

544. “Na Carta Apostólica “Vinea electa”, que é como a “magna charta” de vosso Instituto, S. Pio X diz com palavra cristalina: “*Finis Pontificio Instituto Biblico sit, ut in urbe Roma altiorum studiorum ad libros sacros pertinentium habeatur centrum, quod efficaciore quo liceat modo, doctrinam biblicam et studia omnia eidem adiuncta, sensu Ecclesiae catholicae promoveat*” (A. A. S. I, 1909, p. 447 s.). Eis, pois, que amplo e nobre horizonte se descortina diante de vós: o Livro Sagrado, em tôda sua riqueza escondida; o ensinamento, “doutrina”, nêle contido. Que esplêndido programa para vossas inteligências; e ainda que júbilo para o Papa que vos fala, cujas solitudes primárias se dirigem para o mesmo propósito!

Na homilia feita a 10 de novembro de 1958 “*infra Missarum solemniam*” em nossa Catedral Arquibasílica Lateranense,

João XXIII, gloriosamente reinante, nasceu em Sotto il Monte, perto de Bérgamo, a 25 de novembro de 1881. Foi ordenado sacerdote em Roma em 1904. Por vários anos foi secretário do Bispo de Bérgamo, D. Radini-Tedeschi, depois participou da grande guerra européia. Em 1920 foi chamado a Roma para servir na Congregação de *Propaganda Fide*. Tendo-o Pio XI destinado Visitador Apostólico na Bulgária, foi consagrado Bispo a 19 de março de 1925. Em 1931 foi para a mesma nação como Delegado Apostólico. Em 1935 foi transferido como Delegado Apostólico para a Turquia, com delegação “ad interim” também para a Grécia. Em 1944 foi mandado como Núncio Apostólico à França. Feito Cardeal por Pio XII em janeiro de 1953, a 15 do mesmo mês foi destinado para a Sé Patriarcal de Veneza. A Providência, que tinha preparado Ângelo José Roncalli através desta longa sucessão de responsabilidades no serviço da Igreja, destinava-o à Cátedra de S. Pedro, como sucessor de Pio XII. A eleição deu-se a 28 de outubro de 1958. A Encíclica “*Ad Petri Cathedram*” expõe o programa do seu pontificado. É constatação que se faz todos os dias, a da crescente admiração de tôdas as classes religiosas e sociais do mundo pelo representante de Cristo, modelo tão alto de singela e paterna bondade, de nobre sentimento moral e de forte iniciativa pastoral. Todos acompanham a obra à qual o Papa destinou sobretudo sua atenção de Vigário de Cristo: a celebração frutuossíssima do Concílio Ecumênico Vaticano II; e rezam para que se possa realizar o anseio mais profundo do Papa e de tôda a Igreja: a reunião na única Igreja de todos os crentes em Cristo.

quisemos afirmar, como que traçando as linhas mestras de nosso Pontificado: “Sobretudo sentimos dever suscitar de todo modo e com ação contínua o entusiasmo por cada uma das manifestações do Livro divino que é feito para iluminar desde a infância até a idade mais avançada o caminho da vida... Infelizmente, algumas nuvens tenebrosas de certo ensino, que pouco tem a ver com a verdadeira ciência, impedem em todos os tempos o horizonte, na tentativa de velar a verdade e os esplendores do Evangelho. Tal é o apêlo, tal é o intento do Livro aberto sôbre o altar: ensina a verdadeira doutrina, a reta disciplina da vida, as formas de elevação do homem para Deus” (A. A. S., 1958, p. 917).

545. *Serviço à verdade.* — Muito nos alegra o pensamento de que êste santo escopo forma o luminoso estandarte e a alta missão do vosso Instituto. Sua dedicação ao estudo do Livro divino bem corresponde ao serviço daquela “verdade”, que propusemos como primeiro objeto de nosso govêrno pontifical. O Instituto Bíblico portanto procura, esclarece e divulga a verdade proposta nas Sagradas Escrituras, participando assim da sublime missão de Jesus Redentor “*Ad hoc veni in mundum, ut testimonium perhibeam veritati*” (Jo 14,6). Êste trabalho a serviço da verdade significa duas coisas: seriedade, solidez, lealdade científica no estudo e no ensino e, ao mesmo tempo, absoluta fidelidade ao sagrado depósito da fé e ao magistério infalível da Igreja.

546. *Seriedade científica.* — A “seriedade científica” é vosso primeiro e elevado título de honra, que já vos granjeou tanta estima neste período de tempo do qual hoje comemoramos um termo feliz. Consiste, como sabeis, tanto no uso dos novos meios que o progresso da ciência vai fornecendo aos poucos, como na coragem de enfrentar os problemas apresentados pelas novas pesquisas e descobertas, reexaminando — como disse Pio XII — “as dificuldades até hoje ainda não resolvidas para tentar uma sólida explicação” (A. A. S. 1943, p. 319). Ê verdade que êste trabalho, movendo-se em um campo não ainda suficientemente resolvido, exige grande prudência e sobriedade para não apresentar como definitivo aquilo que talvez seja apenas uma hipótese de trabalho. Mas isto não obsta a que sejam abertas as questões que preocupam os espíritos e criam embaraços e perigos para a fé de tantos cristãos. Sob vosso paciente trabalho científico, que se serve dos modernísimos meios das

disciplinas positivas, há, pois, e deve haver uma intenção pastoral, um esforço para comunicar às almas as verdades descobertas e possuídas.

547. *Finalidade pastoral.* — Não se trata de descuidar-se daquelas disciplinas, porque a seriedade científica vos impõe o conhecimento aprofundado; nem mesmo seria digno de vosso empenho dedicar-vos, no ensino e na pesquisa, aos problemas, digamos assim, da atualidade, desleixando grande parte do tesouro que é a palavra de Deus e a grande obra interpretativa dos santos Padres e dos insignes Doutôres da Igreja.

Como vêdes, aquilo de que fazemos questão é particularmente o estudo das questões concernentes à sagrada doutrina: "*Doctrinam biblicam... promoveat*", diz a citada Carta de São Pio X. Aí está o fim de vosso Instituto, que tende a formar não apenas especialistas em matérias bíblicas e profanas, mas estudiosos ardentes do zêlo sacerdotal, almas de profetas e de apóstolos. Na citada Encíclica *Divino afflante Spiritu*, Pio XII, de veneranda memória, compendiava com felicidade o escopo de vossos estudos: "*Ostendant potissimum que sit singulorum librorum vel textuum theologica doctrina de rebus fidei et morum, ita ut haec explanatio... sacerdotibus etiam adjumento sit ad doctrinam christianam coram populo enucleandam, ac fidelibus denique omnibus ad vitam sanctam nomine christiano dignam agenda adserviat*" (A. A. S. I. c., p. 310). Isto porque a Sagrada Escritura não é um objeto qualquer, embora altíssimo, de estudo, mas a revelação de Deus, que é difundida como a luz reflexa da aurora ou com a plenitude do meio-dia resplandece em Jesus Cristo, Salvador do mundo, pelas páginas do Antigo e do Novo Testamento: "Quando ouvimos um Salmo, uma profecia, a Lei... todo o nosso esforço deve concentrar-se aí em ver Cristo, aí reconhecer Cristo", como de modo profundo ensina S. Agostinho (Enarr. in Ps 98,1. PL 37, 1260). Pelas páginas inspiradas éle a cada momento fala e ensina e oferece substancioso alimento espiritual às almas.

548. *Pensamentos de São Lourenço Giustiniani.* — "As profundas palavras do grande Doutor e Bispo de Hipona fazem eco às admiráveis de um outro grande Doutor e Bispo, o Proto-Patriarca de Veneza, São Lourenço Giustiniani, cuja doutrina sobre o valor pastoral e santificador das Sagradas Escrituras se tornou familiar ao nosso espírito, como expusemos a cerca

de quatro anos em Carta Pastoral ao Clero e aos fiéis de Veneza. Ouvi com que expressões fala êle sôbre o livro sagrado na obra *De contemptu mundi*: “Para evitar os laços da humana sabedoria, eis os oráculos dos Profetas, as escrituras dos Apóstolos, a vasta erudição dos santos, que não falam por própria conta, mas por que Cristo nêles está... Oh! quanta e quão grande é a autoridade das divinas Escrituras! Qual tesouro de verdade sob o véu das palavras! Verdade tôda santa, tôda ordenada de sentenças sublimes. Nada de sórdido no Livro divino, nada de tortuoso, nada de vazio, nada que não mereça veneração. Verdade esplêndida por si mesma, aos homens dá alta e saborosa inteligência; forma os fiéis, nutre os que a amam, dirige os que caminham, peregrinos, pela terra, infunde alegria em quem espera; pois, cada vez que lemos as Escrituras, escutamos Cristo que nos fala e nos concede paciência e consolação” (Divi Laurentii Justiniani “Opera omnia”, Venezia 1721: *De contemptu mundi*, p. 422).

Vosso trabalho é, portanto, excelentemente sacerdotal e deve ser animado por aquêlo zêlo que tem em mira apenas as almas, suas necessidades e os perigos que as ameaçam; que tem presentes as necessidades e os desejos mesmo de vossos ex-alunos, agora dispersos pelo mundo, a fim de dar-lhes a orientação, as diretrizes e a necessária informação para a vida de estudo e de ensino com a qual formem as novas gerações de jovens sacerdotes.

549. *No sentido da Igreja católica.* — A tal luz compreende-se com facilidade a referida, basilar exigência de absoluta “fidelidade ao sagrado depósito da fé e ao Magistério da Igreja”. A Bula de fundação do Instituto Bíblico confia-vos o delicado encargo de promover uma sã doutrina bíblica “*sensu Ecclesiae Catholicae*”, isto é, que seja “conforme às normas já dadas ou por se estabelecer por esta Sé apostólica” (cf. 1909, p. 448). Se esta exigência de fidelidade à Igreja, “*columna et firmamentum veritatis*” (1 Tim 3,15) é requerida de todos os dignos filhos da Igreja, tanto mais deverá ser a divisa daqueles que, como vós, — por expressa vontade da Sé Apostólica e por nobre vocação — têm por objeto de seus estudos os altos e imperscrutáveis segredos de Deus contidos no Livro sagrado. Tratando-se de sublimes realidades, é portanto necessário que quem ama a verdade e não queira alterá-la “de um só iota ou de um só ápice” (Mt 5,18), se atenha com suma fidelidade ao Magistério da Igreja. Unir a absoluta seriedade científica à plena submissão ao sagrado depósito da fé e ao ensino do magistério

eclesiástico requer, na prática, não pouca agudeza e prudência; de fato é preciso, por um lado, estabelecer claramente o verdadeiro significado e o grau de certeza de uma conclusão científica, e, por outro, o sentido e o alcance da doutrina teológica ou de uma decisão do magistério da Igreja. Somente a plena seriedade do saber e a perfeita docilidade ao "*sensus Ecclesiae*" poderão levar a descobrir a justa resposta aos vários problemas e preservar os estudiosos de lamentáveis erros.

550. *A graça do Senhor.* — Seja-nos de boa mente permitido aqui a lembrança do que, por ocasião do recente Sínodo Romano no segundo discurso ao Clero, aconteceu-nos aludir: "A graça do Senhor assegura uma satisfação íntima às boas vontades e fortificadas pela bela cultura, haurida não de pequenos regatos, mas das obras vigorosas, das quais também nosso tempo é capaz, em humilde e corajosa emulação com as grandes publicações do passado: Padres, escritores e Doutores da Igreja sempre mestra da verdade em todos os séculos. S. Pedro adverte em sua segunda Epístola sobre o especial respeito que se deve ter em matéria de estudo bíblico: "...*cui bene facitis attendentes* — são palavras suas — *quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco, donec dies elucescat et lucifer oriatur in cordibus vestris: hoc primum intelligentes, quod omnis prophetia Scripturæ propria interpretatione non fit*" (2 Pdr 1,19-20).

Veneráveis Irmãos e caros Filhos! A meta certamente não é fácil e não basta só o estudo. É preciso invocar a luz reconfortadora do Espírito Santo, "*qui omnia scrutatur, etiam profunda Dei*" (1 Cor 2,10) e a assistência de seus dons de sabedoria e de conselho, de ciência e de piedade. Seja portanto a oração o alimento e a respiração de vossa vida de estudiosos, segundo o conselho de S. Agostinho: "*Orent ut intelligant. In eis quippe Litteris, quarum studiosi sunt, legunt quoniam Dominus dat sapientiam, et a facie eius scientia et intellectus*" (De doctr. christ. 3,56. PL 34,89 s.). Lembramo-vos, por conseguinte, a preciosa entrega de S. Pio X: "Eu vos deixo o Sagrado Coração": neste Coração, manso e humilde, encontra-se a salvaguarda contra toda presunção e vaidade intelectual e além disto nêle estão encerrados "todos os tesouros da sabedoria e da ciência".

Discurso para o 50 aniversário do Pontifício Instituto Bíblico (Osservatore Romano 19-2-1960).

P. TIAGO ALBERIONE

Fundador da Família Paulina
(n. 4-4-1884)

DEUS, MODÉLO DO ESCRITOR.

551. “Para bem exercer a missão de apóstolo da imprensa, que requer a doação da verdade da doutrina, do bem da moral e do belo da forma, não é necessário escrever sempre acêrca de religião, mas é preciso escrever sempre cristãmente. Isto é possível a todo escritor cristão. Mas, o apóstolo deve ir além. Sua missão específica é: prolongar no tempo e no espaço a obra de Deus, Autor da Sagrada Escritura. Deus é o modelo. A Bíblia é a extensa carta que Deus enviou aos homens convidando-os ao céu. A Bíblia tem um caráter que lhe é próprio: é o livro divino: contém as leis que devemos praticar, as verdades que devemos crer, aponta os meios da graça para crer e agir como filhos de Deus. É, em outros termos, o caminho, a verdade e a vida dos homens.

Tais devem ser os escritos dos apóstolos: ter como base a Bíblia, ou seja, tratar do mesmo assunto, no mesmo modo e ter a idêntica finalidade.

Nascido em S. Lourenço de Fossano (Piemonte) a 4 de abril de 1884, ordenado Sacerdote em 1907, P. TIAGO ALBERIONE iniciou aos 30 anos a sua instituição religiosa, que tem como finalidade essencial, a “divulgação da palavra de Deus através dos meios mais céleres e frutuosos”: imprensa, cinema, rádio, televisão, discos, publicidade, etc. Fazem parte desta complexa organização, estendida rapidamente em muitas nações, cinco Congregações religiosas e três Institutos seculares, centralizados na Pia Sociedade de S. Paulo. Toda atividade, a mais variada, de redação, técnica e propaganda nas suas diferentes formas, tem por centro a Bíblia, à qual orientam-se no espírito tôdas as outras edições do apostolado paulino. A palavra de Deus está orientada de um modo especialíssimo a espiritualidade paulina, que tem por centro a devoção a Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida das almas. — Padre Tiago Alberione, que após 47 anos da primeira fundação (20 de agosto de 1914) permanece ativo na direção das suas oito Congregações, escreveu muitos livros, especialmente de caráter ascético e formativo, além de um número incontável de artigos publicados em várias revistas, pelas suas Congregações. — Transcrevemos aqui do livro “O Apostolado das Edições”, que é o manual de formação e de apostolado para os Padres e as Irmãs Paulinas. — Do riquíssimo livro de “Orações” das Instituições Paulinas, reproduzimos enfim as duas simples orações que precedem e seguem a leitura quotidiana do Texto Sagrado.

A Bíblia trata das verdades relativas a Deus e à alma: tudo quanto se reveste de caráter espiritual. São, portanto, reveladas e expostas a obra de Deus Pai, a obra de Deus Filho e a obra de Deus Espírito Santo. Abrange ainda os deveres relativos à alma, que estão compreendidos nos mandamentos, nos conselhos evangélicos e nas virtudes: ademais, encerra todos os meios de santificação.

Estes devem ser os temas tratados pelo apóstolo escritor. Mas, como deve tratá-los? De modo bíblico, ou seja, com aquela simplicidade que é verdade e timbre de divindade. O apóstolo escreva, pois, com a simplicidade de estilo e de forma com que foram escritos os Livros Sagrados: estilo fluente, forma artística sim, mas popular e clara. Simplicidade sem pretenções, seguindo o exemplo do Mestre Divino, que, mantendo-se coerente a sua declaração: "Fui enviado aos pobres" (Lc 4,18), não quis exibição de cátedras, de escolas, de maneiras estereotipadas, nem tampouco oratória exuberante e abstrusa: quis, pelo contrário, a máxima simplicidade de lugar, de auditório, de tom de voz, de frases, de exemplos e de parábolas. . .

Simplicidade eucarística. A Eucaristia apresenta-se sob as aparências do alimento mais comum e no entanto, contém Jesus Cristo, Deus-Homem. Assim o apóstolo da imprensa. Sob a forma humilde de um livro ou de um folheto, que se apresenta sem exigências, deve dar a verdade divina aos homens de tôdas as condições; é preciso que seja uma edição econômica, acessível a todos, como o pão. Tudo isso, por vêzes, requer ingente sacrifício que, todavia, deve ser oferecido com generosidade, pois é um convite do próprio Deus. Além disso, o apóstolo tenha sempre presente a mesma finalidade que teve Deus quando mandou escrever o Livro santo: Glória à Deus e salvação das almas. Glória à Deus: portanto, não a própria satisfação, não o lucro, não a honra; salvação das almas, de tôdas as almas, porque Deus quer que todos sejam salvos: "*Deus vult omnes homines salvos fieri*" (1 Tim 2,4) e nesta sua vontade eficaz, Deus enviou a todos os seus filhos a carta que convida ao céu".

L'Apostolato delle Edizioni (Edizioni Paoline, Roma 1950), cap. 5, pág. 115ss.

IMPORTÂNCIA DA BÍBLIA.

552. "A Bíblia, comparada aos demais livros, é semelhante a um monte de ouro, diante de um fio de prata, perdido nas profundezas da terra. E isto, seja quanto ao Autor, ao conteúdo e ao espírito que a vivifica.

A Bíblia tem por autor principal o próprio Deus. Os hagiógrafos são apenas instrumentos de que Deus quis servir-se para escrever tudo quanto tencionava. Eis o motivo principal de sua importância.

Um livro atrai pelo autor: todavia, interessa pelo seu conteúdo; e qual livro poderá existir no mundo que apresente um conteúdo mais interessante do que o Livro de Deus? Os livros dos homens poderão expor coisas belas e boas, mas nenhum pode, por si, resolver terminantemente questões de importância capital para a humanidade como sejam aquelas relativas a Deus, ao homem, à origem e fim das coisas. Verdades estas que somente Deus podia revelar-nos e no-las disse na Bíblia.

Da mesma forma, somente Deus podia revelar-nos as coisas futuras, que acontecerão neste mundo ou na eternidade. Somente êle podia revelar-nos o seu desígnio de salvar-nos da condenação eterna através da Encarnação, Paixão e Morte de seu próprio Filho. Só Deus podia revelar-nos a nossa elevação mediante a filiação divina: indicar-nos o modo e administrar-nos os meios para caminharmos decididamente pelo rumo da felicidade eterna. E Deus fez tudo isso na Bíblia. Pode haver, pois, livro mais interessante, mais importante do que o Livro de Deus?

A Bíblia diferencia-se dos demais livros pelo espírito que a penetra e vivifica. É o grande sacramento do Verbo de Deus. Sob suas páginas arde o fogo divino do Espírito Santo. À semelhança daquele que, recebendo a Hóstia toma um alimento celestial de virtude incomparável, assim todo aquêl que se alimenta com as palavras da Bíblia, sente acender-se no espírito um fogo divino de inefável atividade, que penetra no âmago da alma e a renova espiritualmente. Quem come o pão da vida viverá eternamente. Quem se nutre com as palavras da Bíblia, tendo as devidas disposições, compenetra-se do Espírito Santo. Na verdade, o Espírito que vivifica a Bíblia não se equipara àquele dos livros humanos, finito e mutável. É o mesmo Espírito Santo, Deus que tudo conhece e que conheceu desde o princípio aquêles que teriam lido o seu Livro. Escreveu, por meio dos Hagiógrafos, palavras de infinita sabedoria, de valor eterno: palavras que, atualmente, animam e vivificam com sua virtude, como se as escrevesse no mesmo instante em que são lidas.

A Bíblia é, portanto, o livro por antonomásia: aquêl que exerceu mais profundamente sua influência sobre a humanidade, influência imensamente superior àquela exercida pelos

grandes gênios. A civilização está permeada, a arte e a literatura são inspiradas na Bíblia”.

O. c., cap. 6, pág. 122ss.

ORAÇÃO, ANTES DA LEITURA DA BÍBLIA.

553. “Ó nosso Mestre Jesus Cristo, que sois o Caminho, a Verdade e a Vida, fazei-nos aprender a excelsa ciência do vosso amor, no espírito de S. Paulo Apóstolo e da santa Igreja Católica. Enviai-nos o vosso Espírito Santo para nos explicar o que ensinastes com o beneplácito do Pai”. — Ó Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, tende piedade de nós!”

Orações da Pia Sociedade de São Paulo, pág. 169.

ORAÇÃO, DEPOIS DA LEITURA DA BÍBLIA.

554. “Ó Mestre Divino Jesus Cristo, vós tendes palavras de vida eterna. Eu creio, ó Jesus, meu Senhor e minha Verdade, mas aumentai a minha fé. Eu vos amo com tôdas as forças, ó Jesus, meu Senhor e meu Caminho, pois vós ordenastes que se observem perfeitamente os vossos mandamentos. Eu vos peço, ó Jesus, meu Senhor e minha Vida: aceitai a minha adoração, o meu louvor e os meus súplices agradecimentos pelo dom que me concedestes da Sagrada Escritura. Com Maria lembrarei as vossas palavras e as conservarei na minha mente, meditando-as no meu coração. Ó Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, tende piedade de nós”.

L. c., pág. 170.

ÍNDICE ANALÍTICO

N. B. — Os números entre parênteses correspondem aos números colocados à margem dos 554 trechos da seleta.

A B C — ALFABETO. — O abc das Escrituras (395) — O alfabeto de Deus, nas letras mais indicativas, aprendido na escola do Divino Mestre (407-408).

ABELHA. — Exemplar das colheitas feitas nas Escrituras (169) — A abelha diligente nos campos da Escritura (207) — Profetas como abelhas (243) — Abelha espiritual e industriosa, aquela que intensamente sobrevoa o campo escritural e enriquece o seu depósito (248).

ADULTERAR. — Frutos adulterinos (falsa glória) da palavra (432) — Sentido do adutério com a palavra de Deus (486).

ÁGUA. — Convite às águas da palavra de Deus (17) — Água que sobe: superabundância da palavra (191) — Estar perto das águas (192) — Lenta penetração da água na terra, símbolo da lenta e certa penetração da palavra (193) — Água que recebe valor pela palavra nos Sacramentos (222) — Águas incorruptíveis (258) — A freira convidada às águas de saúde (289) — Deus irriga tudo com suas águas (300) — Para o apóstolo, haurir na própria fonte: o rio, no seu curso, poderia secar (308) — Água viva nos poços dos livros sagrados, limpos por Cristo (309) — Água subterrânea que nutre a planta espiritual (313) — Palavra de Deus na multiforme comparação com a água: rocío, fonte, rio etc. (315) — Água indispensável à planta, para produzir fruto (336) — Um pouco

de água de rosa não se presta contra o incêndio; a palavra humana não adianta, para substituir a palavra de Deus (487).

ALIMENTO. — Convite para nutrir-se do vinho e do leite da palavra de Deus (17) — Palavra como alimento nas entranhas (25) — Alimento venenoso ou salutar (176) — Alimento adequado a qualquer idade da vida (202) — Palavra, alimento da virgindade (206) — Nutrir-se no seio da Igreja, onde residem os dois Testamentos (232) — Nada vale alimentar-se das palavras, se não nasce apóstolado (240) — Palavra alimento ou pasto espiritual (255) — Quem não tem dentes e não é capaz de forte alimento, escarnece duma doutrina mais sublime (259) — Alimento da palavra feita doce pela graça (280) — Multiplicação dos pães, símbolo da superabundância escritural (282) — Características do bom alimento divino (284) — Inexaurível o alimento oferecido pelas Escrituras (295) — O homem nutre-se de trigo, os jumentos de palha: o trigo é o sentido interno das Escrituras (299) — Razão por que muitos ficam em jejum, apesar de ter-se alimentado com a palavra (302) — Alimento da nossa mente: a palavra de Deus (303) — Perigo de nutrir os outros, descuidando-se de si próprio (304) — Continua alimentação no manancial (308) — Nas Escrituras há riquezas de alimento como nos pastos da montanha (311) — Nutrir-se da palavra, indispensável para o pastor (326) — O alimento de Cristo não

se pode receber com os alimentos do mundo (350) — Palavras de Deus são verdadeiramente eficazes, se descem nas entranhas como o alimento (358) — Sabor dos alimentos, símbolo do sabor da palavra (396) — Uma coisa é sentir a verdade de uma prova, outra coisa é alimentar-se da verdade sentida (489).

AMOR. — Amor leva ao conhecimento (164) — Amor, ferida íntima pela palavra (242) — Quem se aproxima com a ciência, mas não com o amor, não recebe a plenitude da palavra escritural (304) — Amor, motivo do contínuo retorno à palavra (308) — Ama a Deus quem abrange a verdade (317) — Amor ao próximo, parte do amor de Deus (321) — A página evangélica sobre o amor, acompanha a agonia de São Francisco (374) — Amor é mestre (405).

APÓSTOLOS. — Expressão direta da vontade de Deus (59) — Temos a verdade só ascendendo à Igreja dos Apóstolos (80) — Fundadores das Igrejas na unidade da doutrina (93) — Apóstolos, olhos e lucerna do corpo da Igreja (114) — Nossos verdadeiros mestres e ministros da palavra (142) — Eles nos transmitiram os livros sagrados (160) — Os Apóstolos são as doze horas de Cristo, dia da humanidade (181) — Certificados por Cristo do fruto de sua obra no mundo (257) — Os Apóstolos, cordas tangidas pelo Espírito Santo (273) — Figurados nas bases de prata da arca santa (312) — Apóstolos e evangelistas, olhos de Cristo (338) — Ministros da grande ceia escritural preparada por Cristo (339) — Verdadeiros mestres dos crentes (360) — O apóstolo da imprensa tem por modelo Deus escritor (551).

APRENDER. — O sentido de "aprender a Cristo" (205).

ARTE. — Arte do demônio e arte de Cristo com os homens (176) — Obra de arte o dom da palavra que os homens receberam do Espírito (316).

ÁRVORE. — Árvore junto às águas: quem cresce junto das Escrituras

(192) — Árvore e suas raízes: símbolo de humildade (220) — Árvore seca e estéril, figura do homem não renovado por Cristo (248) — Árvore verdejante, fruto das Escrituras (330).

ASSIDUIDADE. — Deve tornar-se empenho constante de toda a vida (174) — Indispensável para o fruto da Escritura na vida (187) — Ficar continuamente no paraíso das Escrituras: não somente por uma ou duas horas (192) — Assiduidade até que se tornou "biblioteca de Cristo" (198) — Assiduidade gera inteligência (310) — Assiduidade demonstra a determinação de uma preparação direta para as coisas eternas (325) — Indispensável o estudo diligente das Escrituras (330) — Constância em bater às portas do tálamo, para ver-lhe toda a beleza (333) — "Ruminar" a palavra: expressão de assiduidade (337) — Qualquer sacrifício, até alcançar constância no estudo da palavra (341) — Assiduidade é indispensável para a penetração da palavra e para a troca da fisionomia do homem (396) — Frutos da constância na leitura do Evangelho (397).

BEBIDA. — Bebidas diversas, na pedra de Cristo e no cálice áureo de Babilônia (176) — Bebida de licor suave, os cantos humanos relativos aos acontecimentos divinos (246) — Bebe mas não chega a inebriar-se quem ouve a palavra, mas não muda pensamento e vida (302) — Beber no Evangelho: convite de Cristo (434).

BEIJO. — Beijo sobre a orelha: símbolo de amor (86) — Beijo ao Evangelho (125; 493) — Beijo do Espôso: purificação e dom da palavra (171) — Beijo profundo ao sagrado texto de Isaías (196) — Beijo recíproco entre a alma e o Espôso divino: sentido dos dois lábios (359).

BÍBLIA. — Primeiro: conhecer-lhe os livros (213) — Bíblia, norma inspiradora de São Francisco (372) — Belíssimo poema de Deus (394) — Livro maravilhoso, que exprime a condescendência de Deus para com os homens (424) — Proibiu a Igreja

a leitura da Bíblia? (490) — Na Bíblia, o pão da inteligência (497) — Integralidade da Bíblia, modelo para o escritor apóstolo (551) — Bíblia formadora de civilização — Sacramento do Verbo — Relação entre Bíblia e Eucaristia — Autor e conteúdo da Bíblia. Monte de ouro (552).

BÍBLICO (INSTITUTO). — Ato de fundação (528) — Sua missão, celebrada por João XXIII no 50º aniversário (544ss.).

BIBLIOTECA. — O peito de um sacerdote transformado em biblioteca de Cristo (198).

BISPOS. — Os Bispos são o pensamento de Cristo no mundo (65) — Na Igreja interpretam as Escrituras fora de qualquer perigo (80) — Transmitem os livros sagrados à Igreja (160) — Dupla função episcopal: pastor-doutor (364) — Defensores da fé (527).

BÔCA. — Bôca tocada por Deus para introduzir suas palavras (23) — Bôca do Sacerdote, guarda da ciência de Deus (29) — Bôca do Espôso, fonte de palavra (171) — Bôca do demônio, fala palavras da Escritura, mas não se santifica (194) — No sacerdote a bôca deve concordar com o pensamento e com as mãos (200) — Bôca humana, insuficiente para exprimir os mistérios divinos, assim como o coração não é suficiente para compreendê-los (239) — Abrindo-se a bôca, Deus enche-a (251) — Bôca do coração: profundo sentido do abrir a bôca (306) — Perigo de abrir a bôca antes de ter pensado (320) — Bôca feliz, aquela de São Pedro na sua declaração de fé (332).

CALOR. — Calor das palavras evangélicas (199) — Aquecimento recíproco entre quem fala e quem ouve (305).

CAMINHO. — Retidão dos caminhos do Senhor, percebida pelos verdadeiros inteligentes (15) — Cristo caminho da salvação (57) — Cristo leva

a Deus pelos caminhos das Escrituras (85) — Importância de um caminho seguro (104) — Caminho iluminado pela palavra (116) — Caminho da verdade está na boa conduta (122) — Caminho efficacíssimo para a verdade é o amor (164) — Porque o desfalecimento ao longo do caminho (177) — Impossível manter o bom caminho sem a luz da palavra (178) — Caminhos do Senhor: as páginas do Antigo e do Novo Testamento (203) — Confessar e aprender os caminhos (215) — Caminho único, Cristo (260) — Está no caminho certo quem tem fé certa: por isso estão fora do caminho os filósofos da gentildade, os judeus, os hereges (267) — Impossível o caminho da vida para quem desconhece o autor da lei (292) — Por caminho entende-se a palavra de Deus (315) — Atitude do bom discípulo para com Cristo caminho (320) — Os caminhos do Verbo para se introduzirem na alma do homem, imperscrutáveis ao homem (353) — Felicidade e boa disposição para encontrar os caminhos de Deus (362) — Cartas sagradas: via da salvação (381).

CAMINHO, VERDADE E VIDA. — Em relação ideal com o título de mestre, Cristo é o caminho de um proceder santo, a verdade de uma doutrina divina, a vida de uma felicidade eterna (278) — Sentido do trinômio divino em São Bernardo (357) — Caminho, verdade e vida, expressão completa do magistério de Cristo (399).

CAMPO. — Cristo, o nôvo, bonito e fértil terreno, para os corações humanos (74) — Terreno nôvo para quem sabe entender as Escrituras (98) — Campo fértil, símbolo da alma que recebe a semente da palavra de Deus (248) — Escritura, campo rico, onde, em artísticos ramalhetes, colhem-se as flores mais bonitas (250).

CANTO. — Surge como fruto da boa leitura escritural (218) — O canto das obras divinas enaltece a alma, santificando-a e honrando-a (246) — O canto da Virgem Santíssima (445).

CARIDADE. — Síntese de toda a Escritura sagrada (103) — Ponto de vista essencial no estudo das Escrituras (214) — O conhecimento de nossa ignorância deve dispor o espírito à caridade com os outros (228) — Princípio de toda luminosidade para o homem (313) — Muito perigosa a leitura da Bíblia fora da caridade (366) — Caridade, atmosfera da verdade (378) — Da palavra de Deus nasce o espírito de caridade (401) — As letras da caridade no alfabeto de Deus (408) — Caridade, caminho simples a Deus, indicado nas Cartas de São Paulo (512).

CATEDRA. — Mútua relação entre cátedra e altar (469).

CIÊNCIA. — Chave da ciência para abrir, não para fechar (225) — Ingresso na ciência por meio da palavra (315) — A nova ciência espiritual é a grande ceia de Cristo (339) — Abundância da ciência simbolizada pelos Querubins (341) — Contribuição da ciência humana para a Escritura (396) — A ciência humana sob a assistência da revelação (526).

CONHECIMENTO. — Dificuldade e firme empenho, no estudo de Deus, alcançarão como prêmio um grande conhecimento (165) — Conhecimento: grande fruto da palavra de Deus meditada (168) — Três graus de conhecimento em correspondência com as três propriedades de Cristo: Caminho, Verdade e Vida (399).

CORAÇÃO. — Coração duro e mole: o efeito da palavra depende da atitude do coração (253-254) — Máxima pureza de coração para ter verdadeira fé em Deus (341).

CRISTO. — Plenitude da revelação (40) — O Filho proclamado pelo Pai (51) — Tesouro escondido nas Escrituras (79) — Renovador e aperfeiçoador de tudo por meio do Novo Testamento (90) — Abre as Escrituras e acende o coração (94) — Fonte de luz (99) — Mestre nas palavras e nas obras (107) — Cristo, palavra única que tudo transcende: guia dos estudos (162) — Completador e fim

da lei (163) — Sublime anunciador de Deus (165) — O infinito crescer de Cristo na história humana (166) — Forma inicial e forma renovadora do homem (170) — Cristo, nas Escrituras se oferece como bebida ao homem (176) — Ele é o valor supremo à disposição do homem (180) — Cristo dia da humanidade: apóstolos, suas doze horas (181) — Pode ser encontrado nos caminhos das Escrituras (203) — Fala nos mestres da Igreja (205) — Salvou o mundo passando do silêncio do presépio ao silêncio da cruz (207) — Mestre interior (229) — Cristo iluminador (248) — Sua hábil variedade no uso da palavra (252) — Pela esperança em Cristo se alcança a verdade (256) — Cristo com a palavra eterniza os homens (262) — Completador da lei, reconstrutor do homem (281) — Figurado em Isaac, escavador e limpador dos poços (309) — Salvou o mundo da fome da palavra de Deus (322) — Cristo, sentido integral das Escrituras (351) — Cristo vara vigilante (375) — Cristo livro de toda a sabedoria eterna e criada (398) — Único Mestre e luz (399) — Verdadeiro legislador e Mestre (409) — Dono das Escrituras (430) — Cristo Palavra única de Deus (438) — Nêle toda a possível variedade de palavras (439) — Sua função de mestre solenemente proclamada pelo Pai (468) — Cristo prega do altar e da cátedra (469) — Cristo mestre, modelo, exemplar (495) — Por que Cristo não escreveu? (499) — Cristo, fundamento de ordem social humana (543) — Cristo plenitude das Escrituras (547).

DEMÔNIO. — Pai da mentira e de toda heresia (140) — Princípio da divisão (141) — Procura lançar-nos fora do Paraíso das Escrituras (191) — Ele perturba a leitura sagrada: êle tenta tirar-nos o olho direito da alma (245) — Entorpeceu a humanidade com o frio das falsas doutrinas (248) — Mata com sua palavra de falsa persuasão (262) — Só entra no tabernáculo de Deus aquele que reduz a nada o demônio, destroçando-o em Cristo (290) — Foi origem de

todos os males por meio da soberba (297) — Transfigura-se em anjo de luz (301) — Olha diretamente para as fontes da palavra (323) — O cálice do demônio (350; 176).

DIDÁTICA. — Função didática das parábolas e dos trechos obscuros da revelação (149; 265).

DISCIPLINA. — Deus aplica a disciplina, pelo castigo e a prova, ao ouvido humano, a fim de torná-lo mais sensível (156).

DISCÍPULO. — Sômente o discípulo pode dizer bem "Mestre" (96) — O homem é essencialmente discípulo (172) — Atitude certa: olhar para o magistério, para ter forte estímulo em aprender a palavra de Deus (195) — Difícil correspondência do discípulo com o mestre (202) — O verdadeiro discípulo: não sômente vizinho, mas imerso na palavra de Deus (227) — O homem sempre é discípulo, mesmo quando ocupa lugar de mestre (228) — Os discípulos de Cristo escreveram livros sagrados por ser membros do seu corpo (241) — Discípulos bons, como cêra mole, em que se grava profunda a palavra de Deus (254; 144) — A bondade do discípulo torna-se honra do mestre (269) — A mente, discípula da verdade, procura viver o evangelho como se estivesse presente no grupo dos discípulos, com Cristo (279) — Verdadeiro discípulo, que faz muito progresso, aquêle que se oferece a Deus com plena humildade (297) — O discípulo da revelação recebe a iluminação pela vitória sôbre a morte (313) — Nicodemos: ótimo exemplar de discípulo (319) — Atitude certa: querendo aprender o abc de Deus (395) — Quatro condições para ser verdadeiro discípulo da verdade (403) — Como o Mestre deseja o discípulo (435).

DOCILIDADE. — Torna os homens capazes de retransmitir o magistério de Cristo (142) — O homem indócil está à mercê dos fluxos (475) — Docilidade à palavra, grande sabedoria por parte do homem (541).

DOENÇA. — É sinal evidente de doença não desejar a palavra de

Deus (128) — Tratamento atento que exige a doença (268) — Quem não retém a palavra, como quem não retém o alimento, deixa supor estado de doença grave (303) — Os homens como doentes diante do Médico (362).

DOCTRINA. — Doutrina de Cristo, tão certa e sublime que merece o sangue (72) — Possui uma terrível majestade, é eficaz, é descanso suavíssimo (73) — Como nasce e se desenvolve uma falsa doutrina (124) — A doutrina cristã tem profunda eficácia até sôbre os bárbaros: transforma-os (139) — Cristo veio ao mundo quando já era necessária uma doutrina mais perfeita (184) — Doutrina sã, que se aprende para exortar (200) — Doutrina sublime, escarrecida pelos incapazes e estultos (259) — Superabundância de doutrina pelo rio da palavra (315) — Doutrina vital, restauradora da alma (405) — A doutrina de Deus requer canais puros para apresentar-se aos homens (503) — Doutrina sagrada: primeira finalidade dos estudos bíblicos (547).

EFICÁCIA. — Palavra, eficaz como a chuva e a neve que descem ao chão (18) — Vária eficácia da palavra depende das disposições íntimas do homem (36) — Eficácia da palavra controlada por São Paulo (43) — Eficácia da palavra, penetrante como espada (48) — Eficácia singular da palavra divina sôbre Santo Antônio (112) — Eficácia excepcional dos Salmos (152) — Palavras do Evangelho: purificam, iluminam, confortam, vivificam (173) — Da palavra de Deus vem a verdadeira racionalidade do homem (174) — Palavra eficaz na vocação e na conversão (183) — Eficácia da Escritura para dar alegria, fortalecer a virtude, confirmar, tirar os males contrários (185) — As palavras são eficazes quando ferem, não quando fazem carícias (208) — Eficácia sacramental da palavra (222) — Valor da espada aguda (242) — Particular eficácia do magistério divino (249) — Eficácia da palavra sôbre os corações permeáveis (253) — Fôrça da

palavra quando penetra na alma acompanhada pela graça (274) — Palavra, como espada, como fogo (293-294) — Diversa eficácia da palavra em cada pessoa (300) — Trecho de São Bernardo onde se reúnem as indicações da revelação sobre o valor da palavra (349) — "Verberação" da palavra (400) — Valores múltiplos das palavras divinas (425) — Fôrça de algumas palavras bíblicas ante as dificuldades nas obras de Deus (481) — Ineficiência da palavra de Deus, quando sufocada pela eloquência humana (484-487) — Leitura da Bíblia, eficaz, como se Deus falasse no próprio momento em que se lê (496).

ELOQUÊNCIA. — Sua glória: colocar-se aos pés da Palavra (161) — Como o perfume para o nariz (266) — Norma da eloquência cristã, no pensamento de S. Agostinho e Bossuet (473) — De todo jeito deve-se evitar sufocar ou enfraquecer a palavra de Deus (484-487).

ENSINO. — Haurir nas Escrituras a fim de ensinar (200) — Ensino de Deus não só para saber, mas para fazer (215-216) — Ensino de Cristo: começa pela humildade (219) — Ensino vital dos Apóstolos (360).

EQUILÍBRIO da alma humana diante da palavra de Deus (379).

ESCOLA. — Na escola de Cristo se pode alcançar o domínio da morte (137) — Na escola de Cristo não há coração indócil (297) — Segunda escola do eterno Mestre: a Escritura (380) — Escola da casta dileção, na qual se aprende o sublime alfabeto de Deus (406-407-408-409) — Escritura, grande escola de Deus, após a criação (423) — Saindo da sagrada pregação, dever-se-ia perceber que estivéramos na escola de Cristo (470) — Todos os dias na escola do Mestre divino (495) — Escolas de ensino escritural constituídas pela Igreja (514) — Escolas de catequese (516) — Obra da "Escolástica" pela Sagrada Escritura (520).

ESCREVER. — Convite de Deus para escrever (22) — Finalidade de S.

João, escrevendo os milagres de Cristo (42) — Como se pode dizer, com S. Agostinho, que Cristo escreveu (241) — Útil insistência no escrever (252) — Cristo escrevendo no chão: profundo sentido deste ato (281) — Necessidade de escrever, para as almas apostólicas (385) — Por que foi conveniente Cristo não ter escrito nada (386) — Como foi escrito o Nôvo Testamento (499) — Deus modelo do escritor (551).

ESCRITURA. — Explicada por Nosso Senhor (39) — Suma utilidade das Escrituras na formação do jovem escolhido por Deus (47) — As Escrituras não dependem de interpretação particular (51) — Lei de Deus e Profetas: salvação do mundo (76) — Quem lê as Escrituras, vendo nelas Cristo, é perfeito discípulo (79) — Alimento oferecido na Igreja pelas Escrituras (82) — Escrituras: caminho para assemelhar-se a Deus (83) — Adorável plenitude das Escrituras (91) — Escritura, como trombeta que unifica as energias e chama para forte combate (127) — Empenho diurno e noturno na meditação das Escrituras (134) — A Sagrada Escritura é pura e incontaminada (148; 548) — Finalidade pedagógica das dificuldades escriturais (149) — Cheia de pinturas animadas de ações morais: quem lê, aprende a pintar o bem na sua própria vida (155) — Divinas Escrituras, fundamento da fé (158) — Altíssima finalidade da Escritura para a alma (163) — Escritura, remédio e refúgio (175) — Penetra nas veias e transforma-se em vida (176) — Fôrça íntima da Escritura (182) — Comparação da Escritura com o jardim (185) — Escritura como o paraíso, plantado nas almas dos fiéis, em todo o mundo (189 ss) — Semelhante a nuvens que chovem sobre a terra (193) — Escrituras, vestes luminosas de Cristo (204; 329) — Importante a brevidade e a essencialidade da Escritura (208) — Escrituras, castos deites dos santos (209) — Admirável a sua profundidade (210) — Espelho do homem (218) — Infinita profundidade escritural: terminando de perscrutá-las, estamos como no princípio (238) — Escritura: depósito de mel (243) — Grandíssima riqueza na Escritura

(250) — Nela os melhores pastos para o espírito humano (255) — Sua sublimidade é tal que é difícil interpretá-la fora da regra eclesiástica (270) — Indefectibilidade e superabundância das Escrituras (282) — Nas Escrituras: remédios para as feridas, perfumes de castidade, holocaustos de compunção (289) — Admoestações quotidianas das Escrituras (290) — Origem celeste das Escrituras (295) — Escritura, termo da verdade (301) — Quando a Escritura pode-se tornar letra morta, e até matar (304) — Sua adaptação para as várias almas: como o maná, varia no sabor (311) — Escritura, pasto celestial (326) — Multiplique utilidade no estudo das Escrituras (330) — Adaptação das Escrituras à natureza e à capacidade receptiva dos homens (331) — Escritura, voz do Divino Mestre (333) — Quais os aspectos da utilidade das Escrituras (381) — Escritura: coração, boca, língua, pena de Deus: livro escrito dentro e fora (388) — Origem da Escritura nas três Pessoas da Santíssima Trindade (390) — Fim da Escritura: eterna felicidade do homem (392) — Escritura como a cítara: a corda mais baixa deve concordar com as outras (395) — No céu não se admitem os desvios na exposição das Escrituras (410) — O preço a ser pago para entender as Escrituras (430) — Que precisa para se entender retamente as Escrituras (432) — Todo o mal do mundo vem do fato de não se conhecer a verdade das Escrituras (436; 498) — Finalidade da Escritura: destruição do pecado (442) — Cristo e os Apóstolos explicitamente se basearam nas Escrituras (446) — Escritura: regra de fé (447) — Deus às vezes fala diretamente: mas sempre manda o homem às Escrituras (450) — Por que Deus se serviu das Escrituras (451) — Escrituras pelos homens (452) — Escritura, fonte e norma da eloquência cristã (473) — As citações da Escritura somente servem se poucas e bem esmiuçadas (485) — Caracteres divinos das Escrituras (488) — O lugar da Escritura na vida cristã (489) — Qual a ordem para se ler a Sagrada Escritura (492) — A Escritura oferece reali-

dades, não noções literárias vazias (500) — Sagrada Escritura, base para a santificação do homem (513) — Desnaturação modernística da Sagrada Escritura (527) — Aparente modestia literária das Escrituras (530) — Conhecer as Escrituras para conhecer a Cristo (543; 197) — Não somente altíssimo objeto de estudo, mas revelação de Deus (547) — Valor pastoral e santificador da Escritura (548).

ESPÍRITO SANTO. — Inspirador dos hagiógrafos (51) — Doador, por meio da Igreja, do alimento espiritual aos homens (143) — Grande obra didática do Espírito na preparação dos Salmos (152) — Esculpe na mente os oráculos de Cristo (165) — Leva ao fruto do conhecimento (168) — Espírito Santo: artista, mestre, formador (170) — Com seus dons alimenta os rios escriturais (191) — Espírito como orvalho através das Escrituras (192) — Princípio do magistério interno de Deus (216) — Espírito, mestre pela sua unção interna (229) — Luz, aura fecunda para a alma que se abre a Deus e quer cantar (246) — Dá a plenitude às Escrituras (250) — Tocou o órgão apostólico e continua doando a palavra de verdade às almas (273) — Espírito Santo, estilete com que Deus grava a lei nas almas (281) — Se o Espírito não enche os corações, é vã a voz de quem ensina (305) — O Espírito adaptou a palavra humana como um grande dom divino (316) — A revelação das coisas divinas provém somente do Espírito (344) — O Espírito doa palavra tanto mais abundante, quanto maior recepção encontra nos ouvintes (361) — Espírito, pena de Deus (388) — Autor do bellissimo poema das Escrituras (394) — Dedo do Espírito, mestre da alma (407) — A árvore dos sete dons do Espírito Santo (414) — Espírito, língua de Deus (424) — O Espírito Santo não ajuda a soberba e o espírito da independência humana (432) — Por que precisa a assistência do Espírito Santo na exposição das Escrituras (444) — Maria falou sob a inspiração do Espírito (445) — Espírito Santo guia e mestre, através das Escrituras (447)

— Obra do Espírito na Escritura: Não sômente prepara os escritores, mas também os leitores (489) — Indispensável sua presença para a compreensão das Escrituras (513) — Socorro do Espírito diante das Escrituras (530) — Espírito, escrutador das profundezas de Deus (550) — Autor da Bíblia (552).

EVANGELHO. — Obrigação de anunciar o Evangelho (45) — Norma de tôda ação cristã (56) — Refúgio e documento firme (60) — Excelência do Evangelho, completamente de tudo (61) — Quatro evangelhos como quatro ventos, quatro colunas, quatro partes do mundo (78) — Evangelho, expulsor de tôda velhice (90) — Expressão viva da palavra de Deus (91) — O valor do Evangelho não depende do homem (108) — Magistério completo de Deus no Evangelho (110) — Necessitamos de meditá-lo com freqüência, com diligência unida à piedade (157) — Emação íntima de calor (199) — Evangelho, como um rio (285) — Sob o guia do Evangelho nosso caminho de boas obras (290) — Evangelho, espelho da verdade (347) — Não se admite um quinto evangelho (354) — Evangelho, livro doce e amargo (376) — O Evangelho sôbre o peito das virgens (397) — Escudo e lança dos primeiros pregadores (410) — Cuidado com certos evangelhos! (417) — Algumas palavras do Evangelho aconselhadas a um rei como meditação quotidiana (422) — O Evangelho no Japão (428) — Evangelho, fonte de vida (434) — Melhor o Evangelho do que qualquer outro livro (435) — Evangelho, livro unitário, livro que ama, livro ao qual nos devemos entregar como à nossa mãe (493) — Livro da vocação (506) — Evangelho, mina inexaurível (511) — O sofisma do Evangelho puro (527) — Livro da humildade: aberto, não se quereria jamais fechar (535) — Evangelho, extraordinário artifice de maravilhas espirituais (539) — Evangelho, sublime apresentação de Cristo modelo, força, chefe do homem (543).

EXEGESE BÍBLICA. — Grande florescimento de exegese na Igreja, sobretudo, nos tempos recentes (524).

FAZER. — Atitude indispensável diante da palavra de Deus (52) — Fazer, a fim de que o que se ensina tenha eficácia (200) — Graça de fazer: parte do magistério divino (215-216) — Obrigação de fazer: não fazendo, torna-se adversário da palavra de Deus (236) — Fazer é a resposta verdadeira às solicitações do Senhor quando quer entrar (324).

FÉ. — Princípio de vida (22) — Mãe dos fiéis (66) — A fé está garantida pela Igreja católica e una (87) — Geração da fé pela doutrina apostólica (93) — Disposição fundamental diante da palavra (102) — Baseada totalmente nas divinas Escrituras (158) — Deve ser muito firme (164) — A verdadeira vida se inicia pela fé (174) — Fé frutuossíssima de Maria (179) — Antes a fé: depois tôdas as questões bíblicas (233) — Na fé determinou-se a divina maternidade (239) — Meio para receber a sabedoria de Cristo e percorrer o bom caminho (267) — Princípio de todo ato vital (277) — A fé de Pedro, fundamento da boa doutrina (286) — O humor da fé sôbre a semente da palavra, faz germinar (287) — Fé, princípio de vida (295) — Base sôbre a qual, em Pedro, edifica-se a Igreja (332) — Todos somos responsáveis diante da fé (334) — Fé: lâmpada, porta, alicerce das Escrituras (390) — Fé, como lâmpada vivíssima que abre aos homens os mais sublimes conhecimentos (415) — Indispensáveis as Escrituras para basear nossa fé (447) — Clareza e incerteza da noção da fé (501).

FLÔRES. — Ramalhetes de flôres bíblicas (250) — As flôres embelezam, mas não nutrem (266) — Os vários sentidos das Escrituras como flôres de Paraíso que enfeitam a alma (289) — Eflorescência momentânea, sem esperança de frutos para aquêles que não têm raízes na fé (292).

FOME. — Profecia sôbre a fome e a sede da palavra (14) — Cristo salvou o mundo da fome da palavra de Deus (322) — Fome da palavra, apresentada com tanta insistência até não permitir ao Mestre e aos seus

discípulos o legítimo nutrimento (327) — Fome e sede de Cristo só em determinadas condições (350).

FONTE. — Fonte escritural que origina inumeráveis e abundantíssimos rios (191) — As grandes vantagens de ficar junto da fonte escritural (192) — Sagradas Escrituras, fonte superna da sabedoria e do canto humano (246) — Escritos dos santos Apóstolos, fontes de águas incorruptíveis (258) — Fonte é a palavra de Deus, sendo que oferece tôda abundância da contemplação e da sabedoria (315) — Perdendo a fonte da palavra, tudo é perdido (323) — Fonte inexaurível de águas vivas e delectáveis as divinas Escrituras (330) — Fonte da vida em Maria (343) — Evangelho fonte (434).

FORÇA. — Força contra qualquer dificuldade encontra-se na fonte escritural (192) — A Escritura tôda é uma força (295).

FORMAÇÃO. — Obra profunda, de tôda a vida (202) — A verdadeira forma humana só se alcança contemplando a Verdade (204).

FRUTO. — Fruto da palavra, garantido pela vontade de Deus (18) — Variedade e abundância de frutos da palavra (97) — Frutifica sômente a palavra acompanhada pela graça (100) — Os frutos das nossas obras nutrem-nos para o bem ou para o mal (147) — Cristo, pela fé, é o fruto de todos (179) — Não ficará sem fruto a leitura da Escritura (187) — O fruto de ficar perto das águas escriturais (192) — Fruto, não pelo trabalho do agricultor, mas no incremento interno (229) — Fruto de mente e de língua são os dignos escritos (246) — Fruto duplo da palavra de Deus: para quem fala e para quem ouve (287) — As Escrituras, como bellissimo jardim e pomar, oferecem tôdas as espécies de frutos (330) — Não tem desculpa quem não produz fruto, sendo tão abundante a semente divina (348) — Frutos imediatos da palavra, que se refundem de quem ouve sobre quem fala (361) — Frutos no campo do amor (409) — Ai de quem não pro-

duz frutos mediante a ciência! (421) — Frutos da palavra doce e quente (425) — Realismo e otimismo diante do fruto da palavra de Deus (466-467) — Falsos frutos da palavra de Deus (486).

GLOSAS à Sagrada Escritura no período da alta Idade Média (519).

GRAÇA. — Incremento divino para a boa semente da Escritura (98) — Se a graça acompanha, a palavra frutifica (100) — Conhecemos a Deus só pela graça de Deus (115) — A graça do Espírito defende o paraíso das Escrituras (190) — Graça no magistério divino (215-216) — A graça tingê eficazmente as palavras sagradas que penetram na alma (249) — Graça duma reta inteligência (251) — Graça para quem fala e para quem ouve (261) — Graça e obediência: duas realidades que sempre se correspondem (274) — A graça acompanha a palavra entre o ouvido do homem (280) — Ressalte da graça em Pedro e Paulo (286) — Graça de Deus que oferece o alimento à boca interna do homem (306) — Graça: base da persuasão (345).

HAGIOGRAFOS. — Falaram inspirados pelo Espírito Santo (51) — Os melhores conselheiros do homem (180) — Sua tarefa na comunicação da palavra de Deus (431) — Concórdia pleníssima dos hagiógrafos: testemunho da divindade da Sagrada Escritura (449) — Extensão e limites de sua contribuição pessoal à palavra de Deus (488) — Seu cunho pessoal no oferecimento da palavra (504).

HEREGES — HERESIAS. — Advogados da morte (63) — Morrem por falta de caridade e de união com a Igreja (64) — Herege, primogênito de Satanás (67) — Heresias: rochedos mortais (76) — Discípulos e sucessores de Simão Mago: enganam com o nome de Cristo (77) — Julgam saber mais que a própria verdade: instáveis, cegos (82) — Surdos à verdade, inúteis, caem por

terra (86) — Usam chaves falsas, enganando a muitos: doutrinas de cunho adúlterino (87) — Persuadem com artifício (89) — Todos concordam na mentira (140) — As heresias nascem pelo fato que não se lê toda a Escritura (187-188) — Tropeçam na Escritura e se dirigem para a perdição (203) — Não têm valor jejuns e esmolas, para aqueles que estão fora do reto caminho (267) — A regra da Tradição Eclesiástica permite descobrir as heresias (270) — A vaidade da sabedoria humana afasta os hereges do Evangelho de verdade (277) — Pela escolha das trevas em lugar da luz, os hereges figurados no môcho (283) — Contraste dos diversos hereges com a linearidade e segurança de fé na Igreja (298) — Nascimento das heresias (475).

HUMILDADE. — Deus rejeita o homem presunçoso (11) — Atitude indispensável diante da palavra (19) — Humildade, primeiro ensino de Cristo (219) — Único meio para progredir deveras com Cristo (220) — Humildade: reconhecimento de que tudo nos provém de Deus (290) — Humildade, princípio de toda grandeza, riqueza, potência, mãe de nossa vida etc. (297) — Primeira coisa diante da Escritura: um coração humilde (341) — Humildes diante da Igreja (370) — Profunda sabedoria da humildade (382) — Humildade, a primeira entre as nove condições para saber verdadeiramente (384) — Indispensável para ler as Escrituras (420) — Terríveis consequências da falta de humildade diante da palavra de Deus (475) — A humildade pode tornar o homem quase "boca de Deus" (482) — Falta de humildade afasta da palavra de Deus e da Igreja (501) — Erguer-se como juizes da palavra de Deus não permite recebê-la (502) — Humildade, indispensável para a ciência das coisas divinas (526).

IGNORÂNCIA. — Ignorância das Escrituras é precipício e bártro (187) — Causa de todos os males: a ignorância das Escrituras (195) —

Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo (197) — Ignorância das Escrituras: o mal supremo do mundo (436).

IGREJA. — Herdeira de toda a riqueza do Verbo (70) — Nas Igrejas os portos da salvação (76) — Tem suas quatro colunas nos Evangelhos (78) — Sômente na Igreja a tradição que vem dos Apóstolos (80) — Possui o lumê de Cristo (81) — Educadora por meio das Escrituras — Como o Paraíso pela abundância escritural (82) — Na unidade da Igreja a semelhança com Deus, o fundamento da fé, o princípio de toda grandeza (87) — Uma igreja nova nasce da unidade na doutrina apostólica (93) — Não faltar com a fé, na própria Igreja, casa da fé (102) — Igreja, esplêndido princípio de toda unidade (109) — A Igreja tem por cabeça a verdade, os dois Testamentos são suas mãos, os Apóstolos são os seus sentidos (131) — Igreja, transmissora da palavra de Deus aos homens (143) — A Igreja nos garante os livros sagrados (159) — Ler sômente o que lê a Igreja (160) — Só na Igreja a palavra tem todo o valor entendido por Deus (222) — A Igreja, garantida pela autoridade da Escritura, por sua vez, nos garante a Escritura (231) — A Igreja nos alimenta com o leite dos dois Testamentos, que formam os seus peitos (232) — Não se revoltar contra o seio materno (235) — A Igreja introduz na humanidade o fermento das Escrituras, nas três medidas da lei, dos profetas, dos Evangelhos (264) — Igreja, única verdadeira formadora do gênero humano; única com a perfeita confissão do mistério de Deus; única que navega sem tropeçar em erros; única que dá garantia e conhecimento certo do Velho e do Nôvo Testamento; única que só sabe dizer o que contribui para a fé: ela eleva-se, como belíssima pirâmide, para o céu (298) — Igreja, figurada no antigo tabernáculo (307) — Figurada na arca onde se guardavam as tábuas do Testamento, e formada da madeira incorruptível da santidade (312) — Fiel guarda da Escritura (354) — Divisão de atribuições na Igreja (368; 453) — Oferta de vida para a Igreja, espôsa de

Deus (413) — A Igreja orienta toda a Escritura para a salvação do homem (417) — No Concílio de Trento definiu os livros inspirados (431) — Igreja: norma absoluta para a interpretação das Escrituras (432) — Ousadia de quem prescinde da Igreja na procura da palavra de Deus (440) — Origem das tempestades na Igreja (474) — Princípio de salvação contra toda paixão e desvio humano da palavra: quem se afasta da Igreja perde a verdade (476) — Geradora, educadora, guarda, garantia dos fiéis (477) — A Igreja perante a Bíblia: difusora e disciplinadora (490) — Temos garantia pela leitura feita sob a preparação e o guia da Igreja (491) — Igreja, meio para receber o Verbo divino consagrado e o Verbo divino escrito e transmitido: coluna e firmamento da verdade (497) — A Igreja e a tradição divino-apostólica (499) — A Bíblia não ajuda a ninguém para sair da Igreja (501) — O trabalho da Igreja junto às Escrituras (513-525) — A Igreja estabelecida por Deus para guardar as Escrituras (525) — A Igreja defende a doutrina revelada (527) — Entrega completa ao magistério da Igreja por parte de quem procura entender retamente a doutrina revelada (532) — Por que a Igreja sempre defendeu com todo o cuidado a Sagrada Escritura (533) — Novos astros, fruto do Evangelho, no céu da Igreja (539) — Mestra das Escrituras, norma para os estudos bíblicos (549) — Mestra de verdade em todos os séculos (550).

IMAGEM. — São doutrina, princípio de geração à imagem (151) — Homem, moeda ou imagem viva de Deus (224) — Largo uso das imagens na Escritura e sua finalidade didática (331) — Como a imagem de Deus foi transtornada e reformada (414) — Imagem bíblica que representa a ação de Deus em uma alma (508).

INEBRIAR-SE. — É fruto da bebida no Evangelho de Cristo (176) — Beber e inebriar-se na fonte de vida (483).

INSPIRAÇÃO. — No seu sentido preciso reserva-se à Sagrada Escritura (381).

INTERROGAR. — Pela voz dos Profetas podemos aprender a interrogar a Deus (290).

JOÃO EVANGELISTA (SÃO). — Testemunha da palavra de Deus, no Apocalipse (53) — Exaltação de S. João na sua tarefa de pescador (335) — Comparação entre S. João e S. Paulo (494).

JERÔNIMO (SÃO). — Doutor máximo da Sagrada Escritura (518) — Modelo para todos os que se dedicam ao estudo da Sagrada Escritura (529-532).

LEI. — Aprovada e completada em Cristo (159) — Máximo louvor para a lei: ter preparado a humanidade para o Mestre (184) — Levada à plena eficácia por Cristo (281) — Lei, caminho a Cristo (311).

LEITURA. — Solene leitura da palavra de Deus durante um particular momento histórico (30) — A leitura nos coloca na escola do único Mestre (101) — Leitura da Bíblia: ocupação contínua (174) — Leitura da Escritura: piloto da vida (185) — O modo da leitura: ler tudo; freqüentemente voltar aos assuntos, procurando um mestre (186) — Bom modelo de leitor: o eunuco da Rainha da Etiópia (186; 188) — Leitura da Escritura: baluarte contra o pecado (187) — Perigos de uma leitura que se limita ao que é do nosso gosto (188) — A leitura da Escritura, superior a qualquer conforto de amigos, superior a qualquer potência deste mundo (192) — Leitura contínua (200) — Ordem para ler: intervenção divina na conversão de S. Agostinho (211) — Na leitura Deus fala com o homem (217) — As grandes utilidades da leitura escritural (245) — Leitura determina o progresso espiritual: sua dupla vantagem (310) — Só uma longa insistência na leitura abrirá o tesouro da palavra de Deus (333) — Leitura da Bíblia em língua vulgar (366) —

Leitura da Bíblia acompanhando a agonia de um santo (374) — Leitura quotidiana; indispensável para a vida espiritual (418) — Leitura da Escritura: com o mesmo espírito com o qual foi escrita (420) — Eficácia da leitura em S. Inácio de Loyola (427) — Vantagens duma leitura integral da Bíblia (491) — Leitura viva, como se Deus falasse enquanto se lê (496) — Leitura profunda da Bíblia, favorecida pelo sofrimento (500).

LETRA. — Relação entre letra e espírito: como na pintura as côres e as imagens; como no trigo a palha e o grão (299) — Perigo de apegar-se à letra nua da Escritura: pode colocar escamas sobre os olhos, impedindo a verdade (314) — A letra é como a porta da Escritura: atrás da letra está o tálamo do esposo (333).

LÍNGUA. — Língua má e língua boa, igualmente espada: do demônio ou de Deus (442).

LIVRO. — Livro da lei: meditação quotidiana e princípio de ação (4) — Livro, apresentado a Ezequiel para ser devorado (25) — Livros sagrados, conforto de uma nação (33) — Livro divino nas mãos desde a aurora (134) — Os livros que devemos ler: os que são lidos na Igreja (160) — Livros sagrados, guia para a grande ascensão a Deus (165) — Na igreja ouvir, em casa penetrar os livros sagrados (192) — Não o lugar onde estão os livros é que tem importância, mas o conteúdo deles (194) — Procurar os livros aptos para o tratamento da nossa vida (195) — Livro sagrado, objeto de grande veneração (196) — Nunca se acaba de compor livros: perigo na multidão dos livros (208) — Nos livros da Bíblia, aquele que teme a Deus procura a vontade dele (213) — Os livros sagrados apresentam infinitas questões: não se pode chegar a uma total compreensão de todas (233) — Os judeus reduziram-se a portadores de livros para os cristãos (234) — A parte superior da alma dos santos, como um livro sobre o qual Deus escreve o que entende seja apresentado aos

homens (244) — Livros sagrados, a melhor substância dos carnes humanos (246) — Livro das cartas paulinas, aderindo ao peito de Martiniano, salvou-o do naufrágio (247) — Livros das Escrituras, caminhos de Cristo (260) — A plenitude do livro pode ser coisa extrínseca (304) — Livros do Velho Testamento repletos de terra pela sordida interpretação dos judeus (309) — Livro da Escritura, aberto por Cristo nos seus mistérios (318) — Além das Escrituras outros livros também podem ajudar: mas precisa distinguir cuidadosamente entre ouro autêntico e falso (330) — O livro da consciência sob a iluminação divina (346) — Importância do livro (385) — O livro da vida (398) — Sentido do livro: eternidade da palavra (402) — Livro para ser oferecido ao príncipe (424) — Único livro que ama: o Evangelho (493) — Os livros humanos não podem contentar profundamente quem está à procura de Deus (509) — Livros sagrados, indicadores do caminho para ascender a Deus (510) — Livro da vida, pleno dos fatos dos santos (512) — Livros santos, base do ensino dos primeiros discípulos dos Apóstolos e dos Padres da Igreja (515 ss.) — Contrastes entre os livros humanos e os livros divinos (530) — Livros sagrados, fundamento da doutrina da Igreja (533) — Livros santos: escopo pelo qual nos foram dados por Deus (542) — Sentido do livro aberto sobre o altar (544) — Bíblia: livro por excelência (552).

LUZ. — Cada manhã Deus dá a luz da sua palavra (21) — Cristo luz do mundo (41) — Com a doutrina de Cristo a mente humana reabre-se como flor à luz (57) — Luz de Cristo, toda na Igreja (81) — Qual a fonte da luz e por que varia a iluminação (99) — Luz e raios, símbolo da unidade da Igreja (109) — Luz da palavra, deve ficar sempre viva (114) — Luz, fruto da vida (122) — Luz onde está Deus: primeiro fruto da luz: conhecer a luz (164) — Cristo luz (166) — Luz nasce da absorção das Escrituras (176) — Merece repressão quem não fica sempre na luz (178) — A luz de Cristo ilumina a lei e os Profetas (204)

Para merecer a luz, confessar-se cego (212) — Luz, fruto da vinda de Cristo (248) — Luz interna da verdade (271) — Observando com puríssima luz da mente encontrar-se-á na Escritura qualquer coisa útil e suave (295) — Iluminação do coração: parte do especialíssimo magistério de Deus (296) — Plena iluminação sôbre o esforço mental do homem por parte da misericórdia de Deus (297) — Luz plena à alma, dependendo da eliminação das escamas, das idéias fixas, e de todo apêgo terreno (314) — Procura da luz por parte de Nicodemos (319) — Contradição e perigo do lume que são trevas (333) — Luz, símbolo da penetração divina no espírito humano (346) — Luz, expressão adequada da palavra de Deus (363) — Luz, atmosfera autêntica da palavra de Deus: ai de quem lê nas trevas (367) — A luz de Deus através da fé: seus múltiplos efeitos (415) — Como a luz chega a entrar livremente nas almas (416).

MARIA. — Modelo perfeito de aceitação da palavra (38) — Aquêlue que pela sua palavra nutria o mundo, nutria-se do leite de Maria (129) — Maria, livro sigilado, complemento das profecias, bôca dos Apóstolos: pede-se-lhe inteligência e dedicação às Escrituras (133) — Supremo exemplar da fé plenamente possuída e da geração da palavra (179) — Maria alcança a divina maternidade pela conceição feita mediante a fé (239) — Maria introduz o fermento do Verbo na humanidade (264) — Maria, modelo perfeito de como se devem guardar no coração as palavras reveladas (325) — Em Maria tôda a plenitude da palavra de Deus (343) — Descrição dos pensamentos de Maria diante da palavra e do Verbo de Deus (356) — Maria, preciosíssimo pergaminho sôbre o qual está escrito o livro vivo de Deus (424) — A Virgem à fonte das Escrituras (426) — A Virgem na meditação dos livros proféticos (441) — Exaltação do canto, da palavra e do silêncio de Maria (445) — Modelo perfeito de como se recebe a palavra (454)

— Devção a Maria nasce da devoção a Cristo: as duas são inseparáveis (455) — Maria concebeu Cristo antes pelo ouvido, através da obediência à palavra (468) — Os grandes e sinceros devotos de Maria previstos como os melhores ministros da palavra (478) — Maria, instrumento de Deus para o melhor cântico inspirado: o Magnificat (479) — Maria e os discípulos da eterna sabedoria (480) — Intimidade completa da palavra de Deus com a alma de Maria (505).

MÉDICO-MEDICINA. — Escritura, como uma farmácia onde há remédios para tôdas as enfermidades (152) — Livros sagrados, verdadeira medicina (195) — Pacientes diante do médico (220) — Atitude recíproca, do médico e do doente (224) — Remédios vários e sempre novos encontram-se na palavra (252) — Extremamente perigosa uma medicina fora de justa receita (268) — Cristo médico exímio, que tudo restaura com a palavra (362).

MEDITAÇÃO. — Condições para uma verdadeira meditação (242) — Garante o fruto da leitura (310) — A meditação das palavras do Evangelho tem a vantagem de tirar-nos de muitos pensamentos inúteis e nocivos (325) — Exemplo de meditação sôbre uma página do evangelho (328) — Meditação assídua: "o que é isto?" (337) — A meditação impregna totalmente a alma de palavra (341) — Fortaleza que nasce para a alma da meditação do Evangelho (397) — Meditação da Bíblia, prática mui estimada entre os católicos (500).

MESTRE. — Anúncio do Mestre, por meio de Moisés (2) — Magistério interno de Deus (8) — Cristo Mestre na palavra e no silêncio (62) — Com o mestre precisa uma entrega total (75) — O magistério torna os homens imagens do seu mestre: o magistério divino torna os homens imagens de Deus (85) — Como e quem pode dizer bem a palavra "mestre" (96) — Mestre na palavra e nos fatos (107) — Magistério completo no Evangelho (110) — Mestre único, doador de sabedoria, de ciên-

cia e de felicidade, cuja sublimidade avilta-se sobre as línguas humanas (130) — Aquêlê que divide não é bom mestre (141) — O mestre, às vêzes, castiga para despertar sensibilidade (156) — Suma superficialidade dos homens em tornarem-se mestres (167) — Mestre, título apropriado para o Espírito Santo, tendo em vista sua obra de formador e de artista (170) — Único Mestre: aquêlê que não aprendeu para ensinar (172) — A vinda do Mestre longamente preparada pela lei (184) — Indispensável o mestre para o aprofundamento da Escritura (186) — No Mestre é indispensável o equilíbrio entre ensino e vida (200) — Mestre, gerador de prole espiritual (202) — Mestre interior (205) — Mestre autêntico (207) — Integralidade do magistério divino, que leva até ao querer e ao fazer (215-216) — Sômente um é o Mestre, ao qual pertence toda a verdade: os outros são discípulos dêle (228) — Unção de Deus, magistério íntimo no homem (229) — Cristo mestre integral (230) — Paulo, mestre que ama o leitor de coração puro (247) — Pobreza do mestre humano (251) — Os mestres, sobretudo aquêles que explicam as Escrituras, continuam na colaboração secular aos Apóstolos (257) — O mestre recebe de Deus o que o ouvinte merece (263) — Magistério, indispensável para uma leitura frutuosa da palavra de Deus (268) — Relação direta entre mestre e disciplina: desonra o mestre quem não lhe aplica a disciplina (269) — Mestre do êrro aquêlê que pretende ensinar sem ter sido discípulo da verdade (272) — As vozes dos mestres desfrutam da força daquele a quem servem (274) — Deus mestre opera com suprema eficácia (276) — Como Deus ensina a bondade, a disciplina e a ciência: eficácia diversa entre o magistério de Deus e do homem (296) — Deus, mestre poderoso, perfeito, efficacíssimo (297) — Eficácia e limites dos mestres humanos: mútuo aquecimento entre êles e os discípulos (305) — Mestres da Igreja, bases da terra (307) — Mestres, bases de prata da Igreja (312) — Deus, mestre interno do homem (313) — Magistério da palavra, que eleva gra-

dativamente o homem do domínio do sentido à esfera de Deus (316) — Como Nicodemos obteve a graça de dar a Cristo o título de mestre (319) — Magistério de Cristo, quando êle bate à porta do coração humano, manifestando sua vontade (324) — Mestre, Cristo verdade e sabedoria, indispensável ao espírito humano para o conhecimento (333) — Necessário o magistério para a formação humana (336) — Magistério interno de Cristo (340) — Delicado magistério interno do Verbo de Deus (353) — Mestre dos mestres (360) — Mestre cuja escola é na terra, cuja cátedra é nos céus (362) — Atitude de Mestre que Cristo tomou nas Escrituras (380) — Os mestres não podem ser senão meios para as Escrituras (395) — Único Mestre: fundamento e desenvolvimento dêste princípio (399) — Tu és aquêlê mestre que faz e desfaz (413) — Deus, mestre através das Escrituras (423) — Preciosidade dos santos mestres dos tempos pretêritos para entendermos as Escrituras (432) — Magistério de Cristo através do Evangelho (435) — Necessidade das Escrituras e dos mestres (451) — Diante do divino Mestre, Moisés e Elias afastam-se da cena (468) — Cristo Mestre, como modêlo e exemplar de vida (495) — Mestre dos Mestres (509) — Mestre, síntese de vida espiritual (536) — Cristo, mestre de apostolado (551).

MIOLO. — A doçura das Escrituras acha-se no miolo (201).

MISTÉRIO. — Utilidade da penetração do mistério quanto mais possível: confere progresso à alma (117) — Tarefa estimulante do mistério (265) — Utilidade dos mistérios, escondidos sob a letra da palavra de Deus (299) — Contraposição e função própria das coisas simples e das coisas difíceis nas Escrituras (311) — O mistério da ceia de Cristo em Jerusalém (328).

MOISÉS. — Modêlo de energia unida à mansidão (155) — Exemplar do mestre que gera filhos (202) — Esculpe sobre pedra legal (246) — Reanunciador de Cristo na velhice das antigas imagens (248) — Espectador

de Deus, exemplar da mais alta luminosidade (313) — Seu comparecimento e seu desaparecimento junto de Cristo sobre o monte (468).

MÚSICA. — A razão é, no homem, como o plectro na música (136).

NEGLIGÊNCIA. — Negligência em ouvir a palavra de Deus diminui a força e a importância da palavra (118) — Negligência no estudo da Bíblia agravada pela diligência dedicada a coisas fúteis, como os espetáculos desportivos e teatrais (188).

NÓVO TESTAMENTO. — Sempre verdadeiramente novo, e não envelhece (153) — Relação íntima entre o Novo e o Velho Testamento (237) — Novo Testamento escrito na Igreja (499).

OBDIÊNCIA. — Obediência à palavra de Deus: prova certa da graça (274) — Pronta obediência a quem anuncia as coisas sagradas (287) — Obediência: autêntica resposta a Deus (340) — A obediência verdadeira abre o caminho para a visão (355) — A obediência nos coloca diante da luz (415) — Atitude da obediência (425) — Princípio e prática da obediência, nas Escrituras (429) — Homem guiado pelo homem: programa certo de Deus (440) — Obediência não somente afetiva, mas também efetiva (455) — Excepcional benefício da obediência (457).

OBRAS. — Indispensável resposta à inteligência escritural (295) — A falta de obras correspondentes torna inútil a leitura da Escritura (302) — Indispensáveis as obras para garantir o fruto da Bíblia (310).

OLHO. — Olho da fé (219-242) — Naas, a serpente intelectual, visa tirar-nos o olho direito (245) — Olhos enormes, de môcho, símbolo da heresia (283) — Precisa olho limpidíssimo e firme para as coisas reveladas: deve-se fixá-las com firmeza para colher a verdade (333) — Olhos puríssimos diante da revelação (341)

— Olhos do coração desviados às vêzes de propósito da palavra (361).

ORAÇÃO. — Resposta de Deus à oração é a sua própria palavra (27) — Rezar para a difusão da palavra (44) — Oração para a luz (71) — A oração aperfeiçoada por Cristo no Novo Testamento (90) — Oração ao Cordeiro a fim de que abra o livro (94) — Alternar oração e leitura (101) — A forma da oração dada pelo Mestre (110) — Indispensável rezar antes da navegação pelo grande mar da revelação (168) — Oração, objeto especial do magistério de Cristo (230) — Oração para o aumento da fé: como incêndio que se espalhe, devorando tudo (296) — Deus responde à oração com sua palavra (297) — Oração para seguir bem a Cristo, confirmar-se no bem, fazer bom uso da palavra (321) — Oração de São Francisco antes de consultar a Bíblia (372) — Necessária a oração para aproximar-se do lume da revelação (393) — Leitura e oração: duas asas da alma (418) — Oração escritural, já ao levantar-se (419) — Necessidade da oração para entender a Escritura (444) — Deus ouve nossas orações como nós ouvimos suas palavras (454) — Indispensável rezar para o frutuoso estudo da Bíblia (550) — Orações antes e depois da leitura bíblica (553-554).

ORDEM. — Ordem certa para abeibrar-se da Escritura (176) — Ordem progressiva no estudo dos livros sagrados (213) — Admirável a ordem interna das Escrituras (295) — Ordem certa para o estudo da Sagrada Escritura (396).

OUVIDOS. — Pois que o sentido do amor comunica-se pelo ouvido, os meninos beijam as orelhas (86) — Método divino para abrir os ouvidos (156) — A palavra de Deus os penetra tingida duma graça inefável (249) — Em ouvidos crentes não há lugar para a ignorância (278) — Deixar que o nosso ouvido seja favoravelmente surpreendido pelas quotidianas admoestações de Deus (290) — O homem preciso do uso do ouvido muito mais abundante do que

da língua (320) — Ouvidos do coração (340) — Sentido profundo do abrir o ouvido (355) — Ouvidos incircuncisos (375) — Favores para aquele que sabe inclinar seu ouvido à palavra de Deus (457).

OUVIR. — Ouvir a palavra como ouviríamos a nós mesmos (218) — É de Deus quem ouve a Deus (361) — Ouvir, sinônimo de temer. Sinal de predestinação (375).

PADRES DA IGREJA. — Incansáveis na missão de apresentar a doutrina revelada (336) — Ótimos guias para entendermos as Escrituras (430) — Tarefa dos padres e doutores da Igreja diante da Bíblia: seu pensamento a respeito da leitura da Bíblia (491) — Como cada um deles, exprime a palavra de Deus de modo pessoal (504) — Estudiosos e expositores da Sagrada Escritura (517 ss.).

PALAVRA DE DEUS. — Argumento fundamental da vida humana (1) — Palavra de Deus, fácil, vizinha, íntima (3) — Deus fala ao homem (5) — Palavra de Deus: prata finíssima (6) — Ouro puríssimo, mel virgem (7) — Procurar a intimidade com a palavra (9) — Felicidade para quem ouve a palavra (10) — Potência na palavra de Deus (13) — Perenidade da palavra de Deus (16) — Palavra como fogo, como martelo que quebra as pedras (24) — Palavra como inflexível guerreiro, onipotente (32) — Palavra como pedra de fundamento (34) — Palavra de Deus mais resistente que o céu e que a terra (35) — Palavra como semente da vida humana (36) — Palavra de Deus, juiz do homem (41) — Palavra de Deus e palavra de homem (43) — Arma potente contra os inimigos espirituais (46) — Palavra como espada de dois gumes (48) — Palavra, pedra angular ou pedra de tropêço (50) — Palavra reveladora, como luz nas trevas (51) — Palavra de verdade, geradora da vida (52) — Comparada ao farol (76) — Provém inalterada e incorruptível só da Igreja (80) — Palavra se fez carne e deve encarnar-se no homem (88) — Encontramo-la, do modo mais

alto, no Evangelho (91) — Palavra é maná; pode-se transformar em verme que rói (95) — Comparada à videira: gradual produção de frutos (97) — Comparada à semente em bom terreno (98) — A virgem cristã deve-se preocupar muito mais com a palavra do que com a beleza (106) — Comparada ao orvalho e à chuva (113) — Palavra, ôlho e lucerna para os homens e a Igreja (114) — Palavra, lucerna sobre o caminho (116) — Riqueza e nutrimento da palavra (121) — Deve-se investigar profundamente, de todo o coração (123) — Palavra fonte, mesa cheia de abundância (125) — Palavra como pão e água, alimentos fundamentais da vida (126) — É benéfica e bem recebida pelo simples; mas perturba os astuciosos (132) — Dia e noite na boca da alma piedosa (134) — Palavra é vida: seu crescimento no homem (135) — Como a variedade dos alimentos, adapta-se às várias situações da vida humana (138) — Confiada aos Apóstolos, e por eles à Igreja (142) — Remédio calmante, óleo, atadura (145) — Apta para resolver todos os problemas da vida humana (154) — Impressão nova da palavra diante do castigo de Deus (156) — Brilhante como o sol, obscurece todas as palavras humanas (161) — Palavra de Deus, como um mar (168) — Palavras do Espôso: espírito e vida (171) — Palavras de Cristo, autêntica bebida para o homem (176) — Palavra luz (178) — Palavra comparada ao incenso (182) — Penetrante como óleo e como água (193) — Calor das palavras evangélicas (199) — Palavra como semente, e seu desenvolvimento (202) — Palavra de Cristo pelos mestres da Igreja (205) — Palavra, alimento de virgindade (206) — Palavras dos sábios, como agulhões (208) — Palavra do homem, ponto de partida para chegar à palavra de Deus: prodígio múltiplo desta palavra (221) — Fôrça da palavra nos Sacramentos (222) — Palavra, adversário e juiz do homem (223) — Concordar com a palavra (224) — As palavras duras e difíceis da revelação produzem a seleção dos crentes (235) — Se a palavra de Deus nutre realmente o homem, deve levar ao apostolado (240)

— Palavras de Deus, alimento doce, de mel (243) — Palavra criadora, objeto do mais bonito canto humano (246) — Palavras bíblicas, princípio de fertilidade no campo do espírito humano (248) — Palavra de Deus, como carimbo que se grava na cêra mole dos corações humanos (254) — Palavra, alimento apto para a vida (255) — Palavra, dom de Deus: seu predomínio absoluto sobre tudo (263) — Pode tornar-se perigosa, se tomada fora da norma do magistério (268) — Palavra de verdade, sempre é dom do Espírito Santo (273) — Palavra fortificadora da alma (284) — Palavra, eficiente como espada (293) e como fogo (294) — Palavra de Deus não cai em vão, mas chega a efeito certo (295) — Glória do Rei investigar a palavra (299) — Palavra, apta para toda a situação da alma humana (300) — Plenitude da palavra, diferente da plenitude do livro (304) — Porque a palavra de Deus se compara com a prata (307) — Vária e adaptável para todo gosto humano, a palavra de Deus fica perfeitamente una em si mesma (311) — Palavra, princípio de castidade, dominadora da morte (313) — Em qual sentido a palavra de Deus compara-se ao rocío, à água, à fonte, ao rio; em que sentido compara-se com o caminho, a porta, a chave, o reino (315) — Palavra e pensamento: as coisas mais íntimas do homem. Grandeza da palavra; culto e inteligência da palavra (316) — Palavra, prefigurada no maná (337) — A palavra de Deus comunica-se na medida em que nós nos elevamos (342) — Palavra, meio pela multiforme ação de Deus (349) — Palavra de Deus, luz que brilha nas trevas (363) — Quais os possíveis sentidos da espada de dois gumes (383) — Uma só palavra constitui o livro da vida (398) — Palavra fogo, luz, martelo (401) — Palavra, missil ou flecha: suas qualidades (404) — Quanto sangue custou espalhá-la no mundo (410) — Palavra, remédio amargo, giló infalível (433) — Por que se multiplicavam as palavras de Deus na lei antiga (437) — Todas as palavras de Deus em Cristo (439) — Motivo da "espada" (442) — As melhores figuras da palavra: semente, luz,

fogo, pedra preciosa, ouro, mel, pão e água (443) — Palavra de Deus, base da sociedade cristã (453) — Não se deve permitir que a palavra de Deus caia em terra (454) — Proteger em nós a palavra de Deus (456) — Palavra de Deus: deve-se tratar como a Eucaristia (469; 472; 288) — Palavra de Deus continua ressoando em todas as cátedras da Igreja (468) — Finalidade transformadora da palavra de Deus (469) — A espada deve estar nua: a palavra foga dos ornamentos inúteis da eloquência humana (484) — Nada de mais doce e profundo da palavra; qual impressão saber que estamos diante da palavra de Deus! (488) — Profunda penetração da palavra de Deus (489) — A palavra de Deus tinge-se do canal humano pelo qual passa (503).

PÃO. — Partido abundantemente para todos (177) — Ótima e inevitável a fadiga de comer o nosso pão, palavra de Deus (226) — Para a substância de nossa vida, preferível o pão da ciência divina às flores da eloquência (266) — Pão da palavra figurado na multiplicação dos pães (282) — Não esquecer de comer o próprio pão (358).

PAPA. — Clara indicação do Papa Inocêncio III acêrca da leitura da Bíblia (366 ss.) — O Pastor da Igreja, guia dos fiéis (411) — Nas mãos do Papa a chave para entender retamente a Escritura (432) — Normas dos Papas a respeito da leitura da Bíblia (490) — Fundamento escritural da infalibilidade pontificia (498) — Obras dos Papas para a Sagrada Escritura (521-523).

PASTOR. — Pastores da Igreja, estabelecidos por todo mundo, para apascentar os homens na doutrina (255) — Ofício de pastor no seu conceito e na sua extensão (326) — Pastor e doutor: relação das duas tarefas (364).

PAULO (SÃO). — Ninguém pode alcançar a sabedoria d'ele (66) — Muitos conhecem o esporte pormenorizadamente; desconhecem, porém, o número e o enderço das cartas paulinas (188) — Paulo aconselha a gradualidade no aprendizado espi-

ritual (193) — Perfeito modelo do mestre que gera filhos para Deus (202) — Compenetrado, no caminho do erro, pelo agulhão da palavra de Deus (208) — Por meio de suas cartas, continua exercendo o ofício de salvador nos naufrágios (247) — Sua útil insistência nos escritos (252) — Exemplo da graça transformadora de Deus (286) — Modelo de mestre (336) — Importância dos livros para São Paulo (385) — Os termos com que Paulo define a origem, o desenvolvimento e o fim da ciência sagrada (389) — Paulo é somente canal da palavra de Deus (431) — Paulo, teólogo do Nôvo Testamento e último grau de profundidade em assuntos divinos: tôda a Escritura pertence àquele que logrou compreender São Paulo (499) — As cartas de São Paulo oferecem a Santa Teresa do Menino Jesus a calma da união espiritual com Deus (512) — As respostas de São Paulo aos pedidos do Mestre Divino (537) — Paulo, transformador dos seus discípulos (538).

PEDRO (SÃO). — Modelo da operação da graça (286) — Fundamento firmíssimo da Igreja, contra todo o ataque do erro (332) — Sua parte na transfiguração (471).

PLENITUDE. — Todos recebemos da plenitude do Verbo (40) — Plenitude da palavra e plenitude do livro (304) — Plenitude da palavra de Deus (349).

POÇOS. — Poços de Isaac, símbolos das Escrituras limpas e atualizadas por Cristo: poços novos pelos autores do Nôvo Testamento; o poço do alargamento por meio da Igreja (309).

PREGADOR-PREGAÇÃO. — Pregação a todo o mundo (37) — Honrar o pregador, porque representa o Senhor (54) — Pregador, órgão do Espírito Santo, deve apresentar com todo o cuidado a palavra de Deus (119) — Pregador, como o capitão do navio que se põe ao largo (168) — Pregação, como chuva que cai com regularidade e penetra lentamente, para adaptar-se à capacidade humana (193) — Pregadores, bases da Igreja, revestidas de prata (307) — Os dois motivos pelos quais os santos prega-

dores podem ser considerados como os dentes da Igreja (338) — Pregação requer precisa e autêntica missão (368-369) — Falsa pregação (410) — Qual o sinal de que verdadeiramente se prega o Evangelho (417) — A estima que Deus tem para com os pregadores: a estima que nós devemos ter (458) — Mérito da pregação feita longe ou em própria terra (460-461) — Aventuras dos pregadores (465) — Os pregadores da palavra são representantes de Cristo (468) — Qual o respeito e a disposição para ouvir a pregação (469-470) — Vera mentalidade do pregador: pregação, tarefa primeira e fundamental da Igreja (471) — Figuras da pregação (478) — Uso não adequado de passagens escriturais na pregação (500).

PROFETAS-PROFECIAS. — Escolha e sa- gração de um Profeta (23) — Deus garante sua palavra só através dos Profetas (28) — O sentido dos Profetas explicado por Cristo (39) — Tarefa dos Profetas explicada por São Pedro (49) — Os Profetas têm estrita participação no Evangelho (60) — Compreensão completa dos Profetas somente em Cristo (351) — Profeta: flecha colocada na fâretra de Deus (404) — A realização das profecias, prova basilar da verdade das Escrituras (448) — A missão altíssima e a participação pessoal do Profeta (503).

PURIFICAÇÃO. — Indispensável para tornar homem nôvo com doutrina nova (68) — Purificação como consequência da leitura escritural (83) — Necessária como a obra de quem preparava as tabuinhas com cêra para a antiga escritura (144) — Purificação: condição indispensável para um digno canto humano (246) — Não se pode prescindir dela na penetração dos mistérios (310) — Tirar as escamas dos olhos, para que brilhe a verdade (314) — Sem purificação completa não se alcança a verdadeira sabedoria (341) — Primeiro ato diante da magistério de Deus: purificar-se (405-406) — Purificação de São Jerônimo diante do estudo escritural (529).

REGRA. — Regra de São Vicente de Lérins para a reta interpretação da Escritura (270) — Exortação à meditação escritural no prólogo da Regra de São Bento (290) — Regra eclesiástica, indispensável na leitura da Bíblia (370).

RESPEITO. — Grandíssimo respeito à palavra de Deus: nem tirar nem acrescentar (53-91-146) — Excepcional respeito à palavra indicada por São Francisco de Assis (371).

RESPOSTA. — Pronta resposta: "sou eu", às admoestações da revelação. Resposta quotidiana nos fatos (290) — Respostas de Cristo, suscitadoras de continuas maravilhas (340).

REVELAÇÃO. — Manifestação do desígnio de Deus (69) — Feita de modo especial aos discípulos (70) — A quem se revela a verdade (256) — Motivos por que Deus nos deu a revelação (387) — Ofensa a Deus pedindo-lhe nova revelação, após a vinda de Jesus Cristo (438) — Impossível a revelação para o racionalista (502) — Revelação: ilustrada magnificamente por Pio XII como íntima confidência de Deus ao homem (540).

SABEDORIA. — Maravilhosa didática da sabedoria para com o jovem que a deseja (31) — Em Cristo sabedoria imortal (57) — Sabedoria constituiu responsabilidade (58) — Sabedoria de Deus por meio da Escritura e da Cruz (79) — Sabedoria humana sem a graça não dá fruto (100) — Sabedoria honrada pela abelha, símbolo daquele que colhe no campo das Escrituras (169) — Uso da sabedoria na leitura do Evangelho (173) — Sabedoria de Deus, completa em Maria (343) — Sabedoria de Deus na disposição social da Igreja (352) — Sabedoria de São Francisco na interpretação da Bíblia (373) — Nove condições para a verdadeira sabedoria (384).

SACERDÓCIO. — Lábios dos sacerdotes guardam a ciência (29) — Primeiro empenho do sacerdote católico: apresentar a palavra de Deus (veja João

XXIII, pág. 141) — Sacerdotes, autênticos ministros da palavra de Deus (366-367-368) — Convidados para nutrir-se todos os dias na Escritura (514) — Convite para cultivar muito o estudo da Escritura (526) — Os sacerdotes deverão aproveitar muito do tesouro da palavra de Deus, para depois participá-la ao povo (542) — Exposição da Bíblia, obra eminentemente sacerdotal (548).

SALMOS. — O canto dos Salmos alegre a refeição frugal (105) — O Salmo seja recebido profundamente, como nas entranhas (120) — O Salmo 118 indica o bom método para aproximar-se da verdade (122) — Possuir o Saltério, aprender os Salmos (134) — Harmonia dos Salmos, exemplo da harmonia da alma (136) — Grande valor pedagógico dos Salmos (152) — Salmos, nas mãos do Espírito, como a variedade dos instrumentos com que trabalha o escultor (170) — Salmo, símbolo da íntima harmonia entre voz e obras (291) — No céu nossa meditação sobre os Salmos agrada (348) — O Salmo 141 acompanhou a morte de São Francisco (374) — Uso e eficácia do Salmo 90 (419) — Um Salmo descreve a situação da vida espiritual de Santa Teresa do Menino Jesus (507) — Acenos de meditação do Papa Pio XI sobre os Salmos no dia dos seus 70 anos (534).

SÊLO da lei nos discípulos (403).

SEMENTE. — Semente da palavra, princípio de vida (36) — A semente da doutrina gera filhos espirituais (151) — Desenvolvimento da comparação entre o evoluir-se da matéria seminal no seio materno e da semente da palavra nas almas (202) — Semente do Verbo e seu desenvolvimento (278) — Da semente da palavra nasce duplo benefício: para quem fala e para quem ouve (287) — Superabundância da semente divina na história humana (348) — Característica da semente: motivo pelo qual Cristo compara sua palavra à semente (443) — O mérito de sair para semear (460) — As oposições à semente (462-463-464) — Garantia de fruto (466).

SILÊNCIO. — Oportunidade do silêncio diante de Deus (12) — Elemento indispensável para receber a palavra (150) — Silêncio redentor de Cristo (207) — O silêncio da Virgem Mãe (445).

SINCERIDADE constitui o agrado de Deus (8).

SOBRIEDADE. — O porquê da especial sobriedade da palavra divina (111) — Conselhos de sobriedade no Eclesiastes (208) — Sobriedade, expressão de seriedade científica (546).

TRADIÇÃO. — Receber quem está na tradição (55) — Firmes na tradição inicial (67) — Não discordar da autoridade dos antigos (208) — A grande regra da tradição católica garante a reta interpretação das Escrituras (270) — Relação entre tradição e palavra de Deus: sentido da Tradição divino-apostólica (499) — Indispensável olhar para a tradição no estudo e na exposição escritural (531).

VELHO TESTAMENTO. — Revelado em Cristo (79) — Na leitura do Velho Testamento nada que possa prejudicar um espírito bem disposto (148) — O Velho Testamento nos leva ao Nôvo (176) — No Velho Testamento uma bela prefiguração da realidade do Nôvo (414).

VERBO: de "verberar", símbolo da máxima eficácia (400-401).

VERDADE. — Verdade absoluta nas palavras reveladas: nada se lhe deve acrescentar, nada tirar (53) — Muitos elementos humanos ajudam a verdade: a Sagrada Escritura a possui e a doa (83) — A verdade tem íntima força de persuasão (89) — Seleção dos homens diante da verdade (92) — A verdade é de difícil compreensão (150) — Verdade escritural, ponto de encontro de todos os povos e de todas as línguas do mundo (190) — Verdade completa não nos Patriarcas, nem nos Pro-

fetas, nem nos Apóstolos, mas toda somente em Cristo (204) — Se não interessa a verdade, que nos interesse o seu fruto: a liberdade (227) — A verdade por quem quer que venha, vem daquele que é a própria Verdade (228) — Difícil descobri-la a beleza: merece, porém, todo o esforço (256) — A verdade é luminosa: penetrá-la mais ou menos depende da íntima disposição do homem (271) — As obscuridades diante da verdade só se vencem recorrendo humildemente às Escrituras (272) — Escritura: reino da verdade (295) — A verdade, por sua natureza, adere à alma, se esta não lhe opõe obstáculos (314) — Firmeza, força, vitalidade da verdade (317) — Quem resiste à verdade fabrica armas em seu próprio dano (332) — Verdade, o tálamo das Escrituras (333) — Princípio da restauração humana (351) — A verdade é o que existe; o homem não é: Deus somente pode falar em verdade (412) — A verdade veio para tirar a selvajaria do mundo (414) — Na Escritura deve-se procurar não a eloquência, mas a verdade (420) — Terrível a falta de verdade para o mundo (436) — Verdade, preocupação primeira e absoluta da pregação cristã (472) — Verdade revelada, pão da inteligência humana (497) — As verdades reveladas estendem ao infinito, o conhecimento humano (541) — Verdade, sublime missão do Redentor (545).

VÉU. — Vêu sobre os olhos e sobre o coração, símbolo da negligência que impede a compreensão da Escritura (94) — Impede o caminho da Escritura (203).

VESTES. — Vestes esplêndidas de Cristo: as divinas Escrituras (204) — Aquecimento das vestes na mútua relação entre mestres e discípulos (305) — As nossas vestes no encontro com Cristo no seu ingresso em Jerusalém (328) — Vestes do Verbo na criação e na Sagrada Escritura (329) — Veste: a carne que envolve a nossa alma (333).

VIDA. — Vida na obediência à palavra de Deus (17) — Vida a quem ama a sabedoria (31) — Vida rece-

bida por geração da palavra (52) —
Vida pelo alimento das Escrituras
(284) — Nas Escrituras se oferece
a vida àqueles que crêem (295) —
Qual é a verdadeira vida (360) —
Forte expressão de Pascal: Cristo
e suas palavras princípio de vida
(459) — Relação palavra=vida (471).

VIRGINDADE. — As virgens pertence
muito mais cuidar da palavra do que
da beleza de sua pessoa (106) —
Alimenta-se tôda da palavra de Deus
distribuída pela Igreja (206).

Visão da palavra: que sentido tem?
(401).

Voz. — Voz do Senhor na cidade
(20) — A voz é bela, mas ninguém
ouve (26) — A voz do homem é vã
quando não é acompanhada do ín-
timo magistério de Deus (229) —
Nada mais doce do que a voz do
Senhor que nos convida para o me-
lhor (290) — Na Escritura a voz do
Mestre (333) — Voz de Deus nunca
falta na história humana (346) —
A viva voz torna mais eficaz a Es-
critura (365).

Í N D I C E

"NUVEM DE TESTEMUNHAS" (<i>Introdução</i>)	págs. 7-80
O mistério da palavra	8
A onda da unidade	15
1. <i>Unidade no tempo</i>	18
2. <i>Unidade na forma</i>	21
3. <i>Unidade no método</i>	35
4. <i>Unidade no fruto</i>	42
5. <i>Unidade no magistério</i>	59
6. <i>Unidade na inteligência amorosa</i>	66
Um hino à unidade	72
Como leremos a palavra de Deus?	75
MOISÉS	83
1. Palavra: argumento da vida. — 2. Anúncio do Mestre. —	
3. Palavra fácil, vizinha, íntima.	
JOSUE	86
4. Palavra: princípio de ação.	
SAMUEL	87
5. Fala, Senhor!	
DAVI	89
6. Prata finíssima. — 7. Ouro finíssimo, mel virgem. — 8.	
Alegre e agradável palavra de perdão.	
PROVÉRBIOS	92
9. Base de formação. — 10. Sabedoria de quem ouve.	
JÓ	94
11. Primeira condição. — 12. Ao homem o silêncio.	
AMÓS	96
13. Potência. — 14. Fome e sede.	
OSEIAS	98
15. Inteligência.	
ISAIAS	99
16. Perenidade. — 17. Nutrimento. — 18. Fruto. — 19. O	
humilde agrada.	
MIQUEIAS	103
20. Voz clara.	
SOFONIAS	104
21. Cada manhã.	
HABACUC	105
22. Resposta.	
JEREMIAS	106
23. Deus no ato de dar a palavra. — 24. Fogo e martelo.	

EZEQUIEL	pág. 108
25. Come o livro. — 26. A voz é bela, mas ninguém ouve.	
DANIEL	110
27. No início da súplica saiu uma palavra.	
ZACARIAS	111
28. Não foi por minha ordem.	
MALAQUIAS	113
29. Lábios do sacerdote.	
NEEMIAS	114
30. Festa em torno da palavra.	
JESUS, FILHO DE SIRAC	116
31. Amor.	
SABEDORIA	117
32. Onipotência.	
MACABEUS	118
33. Conforto.	
SÃO MATEUS	119
34. Fundamento. — 35. Eternidade.	
SÃO MARCOS	121
36. Palavra "semente" ou princípio de vida. — 37. Missão.	
SÃO LUCAS	124
38. Adesão vital. — 39. A chave.	
SÃO JOÃO	126
40. Plenitude. — 41. O juízo pela palavra. — 42. Base de fé.	
SÃO PAULO	129
43. Palavra de Deus. — 44. Difusão. — 45. Dever. — 46. Arma potente. — 47. Formação. — 48. Espada de dois gumes.	
SÃO PEDRO	135
49. Tudo com relação a Cristo. — 50. Pedra de tropeço. — 51. Obra do Espírito.	
SÃO TIAGO	138
52. Gerados com a palavra.	
APOCALIPSE	139
53. As palavras são autênticas, de Deus: ai de quem tira, ai de quem ajunta!	
DIDAKÊ	143
54. Honra a quem nos dá a palavra de Deus. — 55. A insígnia da verdade está em quem procura construir. — 56. Tudo como no Evangelho.	
SÃO CLEMENTE ROMANO	144
57. Em Cristo, "a inteligência abre-se como flor à luz". — 58. Responsabilidade. — 59. Tudo "ordenadamente da vontade de Deus".	
SANTO INÁCIO MARTIR	146
60. Completamento geral no Evangelho. — 61. Excelência do Evangelho. — 62. Cristo Mestre na palavra e no silêncio. — 63. "Advogados da morte". — 64. Fora da caridade e da vida da Igreja não existe verdade. — 65. Pensamento dos Bispos, pensamento de Cristo.	
SÃO POLICARPO	149
66. Fé, "mãe de todos nós". — 67. Firmes na doutrina primitiva.	
CARTA A DIOGNETO	150
68. Doutrina nova, homem novo. — 69. O designio de Deus na revelação. — 70. O Verbo renova sempre o seu magistério.	

SÃO JUSTINO, FILÓSOFO, MARTIR	pág. 152
71. Oração. — 72. É uma doutrina que merece o sangue. — 73. Possui uma terrível majestade. — 74. Cristo: terreno nôvo, bonito e fértil.	
SÃO TEÓFILO	154
75. Único procedimento com o mestre: entrega total. — 76. A verdade nas maravilhosas ilhas da Igreja.	
SANTO IRINEU	156
77. Firme oposição a quem recorta as Escrituras. — 78. Quatro Evangelhos como quatro colunas da Igreja. — 79. O Antigo Testamento esclarecido em Cristo. — 80. A verdade revelada, garantida na sucessão da Igreja dos Apóstolos. — 81. A luz de Cristo consignada à Igreja. — 82. "Alimentar-se nas Escrituras" no seio da Igreja.	
CLEMENTE DE ALEXANDRIA	160
83. Fruto da Escritura: purificação da vida. — 84. A verdade grega e a "Verdade" do Filho de Deus. — 85. Nas Sagradas Escrituras: transformação na imagem do Mestre. — 86. Beijo sôbre a orelha. — 87. Unidade da Escritura na unidade da Igreja.	
TERTULIANO	164
88. Absorção da palavra. — 89. Artificio e Verdade. — 90. Renovação no Nôvo Testamento. — 91. Ai de quem acrescenta e de quem tira! — 92. Autêntica seleção diante da verdade. — 93. Nasce uma Igreja com a participação de uma idêntica doutrina.	
ORIGENES	167
94. Precisa rezar para que se abra a Escritura. — 95. Palavra como verme que rôi. — 96. Dizer "bem": Mestre! — 97. Progresso da palavra na vida. — 98. O bom terreno. — 99. Luz e seus graus. — 100. Não a sabedoria do mundo mas a graça da palavra.	
SÃO CIPRIANO	173
101. Oração e leitura. — 102. Fé, com Deus que fala! — 103. Síntese geral no amor. — 104. Firme adesão à palavra de Deus. — 105. Os Salmos alegrem a refeição frugal. — 106. Mais a palavra do que a beleza! — 107. Mestre nas palavras e nos fatos. — 108. Não depende do homem. — 109. Igreja: esplêndido princípio de unidade. — 110. Evangelho: magistério completo.	
L. C. FIRMIANO LATANCIO	177
111. Sobriedade de Deus que fala exige sobriedade no homem que escuta.	
SANTO ANTÔNIO ABADE	179
112. Eficácia do Evangelho em uma vida.	
SANTO HILARIO	181
113. A chuva da palavra sôbre a aridez da alma. — 114. Palavra lucerna. — 115. Conhecimento de Deus é dádiva de Deus. — 116. Palavra sôbre o caminho da vida. — 117. Útil o estudo do mistério. — 118. A insídia da falta de atenção. — 119. Humilde cuidado no apresentar a palavra de Deus. — 120. O Salmo nas entranhas. — 121. Riqueza. — 122. Importância da conduta para atingir o conhecimento. — 123. Com todo o coração. — 124. Miséras aparências de verdade.	
SANTO EFRÊM SÍRIO	187
125. Amo e beijo o teu Evangelho. — 126. Alimento. — 127. Som de trombeta. — 128. Sinal de doença. — 129. Nutria-se	

	do leite de Maria. — 130. Um é o Mestre. — 131. Organização da verdade na Igreja. — 132. Não somos juizes da palavra. — 133. Expressões à Virgem.	
SANTO ATANASIO	134. Desde a aurora, com o livro de Deus. — 135. Palavra é vida. — 136. Harmonia dos Salmos e harmonia da alma. — 137. Na escola de Cristo, garantia de vitória. — 138. Palavra, idônea a cada momento da vida espiritual. — 139. Influxo social da verdade divina. — 140. Continuamente em ação o pai da mentira. — 141. Na unidade a verdadeira doutrina. — 142. Discípulos dos santos.	pág. 191
SÃO BASILIO, O GRANDE	143. De Deus à Igreja, da Igreja às almas. — 144. Gravação das formas divinas. — 145. Remédio é a palavra; óleo é a palavra; atadura é a palavra. — 146. Supremo respeito às Escrituras. — 147. Privados da luz, privados da palavra, privados da verdade. — 148. Não se encontra nela a menor impureza. — 149. A Escritura é estímulo à procura. — 150. Alto princípio para querer o silêncio. — 151. Semente e filiação espiritual. — 152. Exaltação da particular didática divina no "Livro dos Salmos". — 153. Sapatos gastos. — 154. "A palavra que resolveria todos os problemas...". — 155. Pintura moral. — 156. Um sistema de Deus para abrir os ouvidos.	195
SÃO CIRILO	157. Aconselha ao imperador a meditação do Evangelho. — 158. Escritura, base da fé. — 159. A Igreja garante-nos os Livros Sagrados. — 160. Norma para o filho da Igreja.	203
SÃO GREGÓRIO NAZIANZENO	161. Palavra de Deus como o sol. — 162. Cristo e o estudo. — 163. Finalidade suprema da Escritura. — 164. O amor facilita o conhecimento. — 165. Dos livros à visão de Deus. — 166. Reunir o mundo nas leis de Cristo. — 167. Fácil imprudência humana diante da palavra de Deus.	205
SÃO GREGÓRIO NISSENO	168. Oração propiciatória diante do grande mar da palavra de Deus. — 169. O exemplo da abelha. — 170. O Espírito Santo faz obra de arte pedagógica por meio da Escritura. — 171. A boca à nascente.	209
SANTO AMBRÓSIO	172. Único Mestre, aquele que não aprendeu para poder ensinar. — 173. Valor das palavras divinas. — 174. A verdadeira racionalidade da vida vem-nos da palavra de Deus. — 175. Escritura, refúgio. — 176. O cálice inebriante. — 177. Por que desanimaste? — 178. Sem luz não se anda. — 179. Como Maria, devemos gerar a palavra. — 180. Tens os melhores conselheiros à disposição. — 181. Cristo, dia da humanidade: os Apóstolos, as suas doze horas.	213
SÃO JOÃO CRISÓSTOMO	182. Incenso e fogo: palavra e alma. — 183. O anzol da palavra divina. — 184. Antigo Testamento: preparação para o Mestre. — 185. Riquezas e frutos das Escrituras. — 186. Começa a ler: Deus dar-te-á o mestre. — 187. Não pode não ter efeito a palavra de Deus. — 188. Sabe de cor todo o esporte e não sabe quantas são as cartas de S. Paulo. — 189-193. A Escritura é o verdadeiro Paraíso. — 194. Não o lugar, nem a boca, mas o coração. — 195. Ovelhas sim, mas não sem razão.	219

AURELIO PRUDENCIO	pág. 229
196. Veneração comovente do texto sagrado.	
SÃO JERÔNIMO	230
197. Quem desconhece a Escritura não conhece a Cristo. —	
198. Biblioteca. — 199. Calor das palavras. — 200. Nutrição pela	
palavra. — 201. Leitura profunda. — 202. A semente. — 203.	
As Escrituras são os caminhos de Deus. — 204. Divinas Es-	
crituras, vestes luminosas da Transfiguração. — 205. Que	
significa "aprender a Cristo?" — 206. Faltando a palavra,	
desfalecerá a virgindade. — 207. Belo elogio de S. Jerônimo.	
208. Palavras semelhantes a agulhões; breves e acessíveis	
palavras.	
SANTO AGOSTINHO	238
209. Humildade e amor diante das Escrituras. — 210. "A sua	
profundidade, Deus meu, é maravilhosa!" — 211. "Toma e lê;	
toma e lê": a página da conversão. — 212. Disposição	
inicial. — 213. Método seguro e progressivo. — 214. Diante	
do estudo escritural sempre vale a sentença: "A ciência infla,	
a caridade edifica". — 215. Graça, toque eficaz do magistério	
divino. — 216. Magistério de Deus, magistério integral. —	
217. Na leitura, Deus fala. — 218. Ao espelho da Escritura.	
— 219. Magistério de humildade, introdução à escola de Cristo.	
— 220. Progresso real só na humildade. — 221. O grande	
mistério da palavra de Deus no homem. — 222. A altíssima	
função da palavra sacramental. — 223. Indispensável acôrd	
com a palavra. — 224. Palavra, eficaz remédio. — 225. Chave	
da ciência para dar ingresso, não para impedir de entrar. —	
226. É melhor cansar-nos de comer do que morrer por ina-	
nição. — 227. A verdade não te interessa? Que te interesse	
a liberdade. — 228. Um só é o Mestre. — 229. Cátedra no	
céu; magistério íntimo, no coração do homem. — 230. Mestre	
em tudo. — 231. Mútua garantia entre a Escritura e a Igreja.	
— 232. No peito da Igreja os dois Testamentos. — 233. Pri-	
meiramente crêde. Depois serão examinados todos os porme-	
nores das Escrituras. — 234. Portadores de livros. — 235. Se-	
leção dos verdadeiros crentes em face da palavra de Deus.	
— 236. Obrigação de fazer; obrigação de dizer. — 237. In-	
timidade entre Antigo e Nôvo Testamento. — 238. Chegando-se	
ao fim, está-se como no princípio. — 239. Maternidade divina	
operada pela fé. — 240. Da palavra deve nascer apostolado.	
— 241. Jesus Cristo escreveu? — 242. A palavra, penetrante	
como a espada, princípio e símbolo de tôdas as profundas pe-	
netrações divinas. Oração sublime de adesão.	
SÃO NILO, O SINAITA	259
243. A doçura do mel. — 244. Palavra de Deus na alma dos	
santos. — 245. Atenção com a serpente intelectual.	
SÃO PAULINO	261
246. Deixa enfim as musas! Ergue-te para os livros sagrados!	
— 247. Um salvamento estupendo, através das cartas de São	
Paulo.	
SÃO CIRILO	264
248. Das trevas à luz fecunda. — 249. Palavras tingidas de	
graça. — 250. Colheita de flôres. — 251. Dom de inteligência.	
— 252. Insistir com a palavra. — 253. Dureza de coração. —	
254. Cêra mole. — 255. Pastôres. — 256. A verdade é difícil.	
— 257. Continua-se a lançar a rêde. — 258. Pão e água. —	
259. Quem não compreende escarnece. — 260. O caminho de	
Cristo nas Escrituras.	

SÃO PEDRO CRISÓLOGO	pág. 270
261. Fruto da graça. — 262. A palavra eterniza os homens. — 263. Temos que merecer o dom da palavra. — 264. A Igreja, com a Escritura, e a Virgem Maria com o seu seio, oferecem o fermento à humanidade. — 265. Profunda didática do ensino por parábolas. — 266. Flores ou pão? — 267. Corre bem quem acredita bem. — 268. Há uma maneira má de aprender a palavra de Deus. — 269. Honra o Mestre.	
SÃO VICENTE DE LÉRINS	274
270. A grande regra de interpretação da Sagrada Escritura.	
SÃO LEÃO MAGNO	276
271. Não variedade de luz, mas de disposição. — 272. Mestres de erro, por não terem sido discípulos da verdade. — 273. Palavra de verdade, dom do Espírito Santo. — 274. A obediência é a prova da graça. — 275. Fé, princípio de vida. — 276. Magistério de Deus. — 277. Não transformar a luz em trevas. — 278. Caminho, Verdade e Vida. — 279. Tornar-nos viva a história do Evangelho. — 280. A inefável ação da graça. — 281. Escritura íntima de Cristo.	
SÃO MAXIMO	281
282. Poucos versículos restauram os povos. — 283. O môcho não é um bom modelo. — 284. Refeição que fortalece a alma. — 285. A fonte de Cristo e os quatro rios do Evangelho no seio da Igreja. — 286. Pedro e Paulo, modelos das transformações que Deus opera. — 287. Benefício completo: para quem fala e para quem ouve.	
SÃO CESÁRIO	285
288. Corpo de Cristo e palavra de Cristo. — 289. A Freira diante da Escritura.	
SÃO BENTO ABADE	287
290. As admoestações da Escritura, alimento contínuo da vida religiosa.	
CASSIODORO	289
291. Saltério da vida. — 292. Florescimento inútil. — 293. Palavra é espada. — 294. Palavra é fogo. — 295. O atrativo das Escrituras. — 296. Magistério divino. — 297. A atitude na escola de Deus. — 298. A Igreja, que cresce em belíssima pirâmide, penhor único dos dois testamentos.	
SÃO GREGÓRIO MAGNO	294
299. Além do sentido literal. — 300. Aplicação pessoal da palavra. — 301. Sagrada Escritura, termo de verdade. — 302. Assimilação da palavra. — 303. Reter o alimento. — 304. Plenitude da palavra e plenitude do livro. — 305. Aquecimento recíproco. — 306. Nutrir-se do livro. — 307. Quatro colunas com bases de prata. — 308. Contínuo reabastecimento.	
SANTO ISIDORO	300
309. Poços velhos e novos da água de Deus e o poço do "Alargamento". — 310. Os frutos de uma assídua leitura. — 311. Riqueza dos pastos da montanha. — 312. Projecção de uma antiga instituição em figura da Igreja.	
SÃO JOÃO CLÍMACO	304
313. No climax do ascetismo, totalmente ambientado com a caridade, o homem espiritual, no esplendor da castidade, fruto da palavra, obtém o conhecimento de Deus.	
SÃO MAXIMO, O CONFESSOR	306
314. Tirar as escamas da alma. — 315. Rócio, água, fonte, rio... — 316. O culto da palavra.	

SANTO ILDEFONSO	pág. 309
317. Fé absoluta na verdade. — 318. Abertura dos sete selos em sete fases do mistério de Cristo. — 319. Há quem ouve com fruto. — 320. Fala pouco e escuta muito. — 321. Humilde oração para bem falar.	
SÃO BEDA VENERÁVEL	312
322. Salvação na palavra. — 323. As fontes nas mãos do inimigo. — 324. Cristo bate à porta com a palavra. — 325. O exemplo da Virgem Maria. — 326. O ofício do Pastor. — 327. As multidões em busca da palavra.	
SANTO ANDRÉ	315
323. Medita-se ao vivo sobre uma página do Evangelho. — 329. Vestes da Escritura.	
SÃO JOÃO DAMASCENO	318
330. Nas asas da pomba. — 331. A Escritura, imagem efficacíssima que autoriza o uso das outras imagens. — 332. A pedra da verdade. — 333. Nas Escrituras a voz do Mestre: por trás da letra o tálamo do Espôso.	
SÃO TEODORO ESTUDITA	322
334. Enérgica advertência à defesa da fé. — 335. Eufórica admiração de um pescador do Evangelho. — 336. Necessidade do mestre.	
SÃO PEDRO DAMIÃO	325
337. "O que é isto?": ruminar a palavra de Deus. — 338. Olhos brilhantes e dentes cândidos da Igreja.	
SANTO ANSELMO	327
339. A grande ceia de Cristo e os seus pratos. — 340. Maravilha pelas suas respostas. — 341. Quanta pureza é necessária para aprender verdadeiramente! — 342. Elevar-se para ver. — 343. Em Maria toda a plenitude da palavra.	
SÃO BERNARDO	331
344. Merecer o dom do Espírito. — 345. A graça. — 346. — Voz e luz, símbolos da penetração divina. — 347. Espelho de verdade. — 348. Abundância de semente. — 349. Admirável contextura escriturística sobre a plenitude da "palavra". — 350. Coexistência impossível. — 351. Cristo é o sentido da Escritura. — 352. Ordem social. — 353. — A presença do Verbo. — 354. Não se admite um quinto Evangelho. — 355. Obediência à palavra. — 356. Disposição de Maria: "Faça-se em mim segundo a tua palavra". — 357. Caminho, Verdade e Vida. — 358. Bem-estar espiritual. — 359. Sublime ósculo. — 360. Ensinaram-me a viver. — 361. Quem ouve pode enriquecer a quem fala. — 362. Oração ao Mestre.	
PEDRO LOMBARDO	344
363. Palavra luz. — 364. Pastores e Doutores. — 365. A voz dá relêvo à Escritura.	
INOCÊNCIO III	345
366-370. A Santa Igreja, que lê às claras a palavra de Deus, diante de todos os povos, protesta contra a sua leitura nas trevas, com espírito de contraste e de separação.	
SÃO FRANCISCO DE ASSIS	350
371. Carta que mandou no fim da vida ao Capítulo Geral e a todos os frades. — 372. Francisco consulta Deus abrindo humildemente a Bíblia. — 373. Francisco tem, da Bíblia, o conhecimento do Santo. — 374. Agonia com o Evangelho de S. João; morte com o Salmo 141.	

SANTO ANTONIO DE LISBOA	pág. 354
375. Ouvir é temer a Deus. — Cristo “vara vigilante”. —	
376. Figuras e relêvos sôbre os evangelistas.	
SANTO TOMÁS DE AQUINO	358
377. O executar leva a conhecer. — 378. Fora da caridade não há verdade. — 379. Diante da Escritura: equilíbrio de inteligência e de coração. — 380. Escritura: segunda escola do Mestre. — 381. O que significa “inspirada e útil”. — 382. Obstáculos para a compreensão. — 383. O sentido da espada de dois gumes. — 384. As condições para “saber como se deve saber”. — 385. “Quando vieres, traze contigo os livros” — 386. Cristo fêz bem em não escrever? — 387. Os motivos da revelação.	
SÃO BOAVENTURA	365
388. Coração, bôca, língua, pena, livro de Deus. — 389-393. Origem, desenvolvimento, fruto da Sagrada Escritura. — 394. O bellissimo poema. — 395. Do “a b c” da Escritura aos sentidos mais recônditos. — 396. Não descer ao Mar Morto, mas subir às fontes. — 397. Levava o Evangelho de Cristo sôbre o seu peito. — 398. Quem encontrou êste livro, encontrou a vida. — 399. Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida.	
SANTO ALBERTO MAGNO	373
400. “Verbo”, de “verberar”: eficácia da palavra. — 401. Valor da palavra. — 402. Sentido do livro. — 403. Retrato do discípulo, em que se sela a lei. — 404. O “missil” da palavra.	
SANTA GERTRUDES, A GRANDE	377
405-409. Na escola de Cristo; uma aluna diligente e amante.	
DANTE ALIGHIERI	379
410. Quanto sangue custou! — 411. Que mais quereis por vosso salvamento?	
SANTA CATARINA DE SENA	381
412. Sublime predomínio da Verdade. — 413. “Es aquêlê Mestre que fazes e desfazes”. — 414. Uma grande imagem de mistério no Antigo Testamento. — 415. “A gloriosa lâmpada da santíssima fé”. — 416. Dever da vontade: abrir a porta à luz infinita de Deus.	
SÃO BERNARDINO DE SENA	385
417. Evangelho autêntico.	
SANTO ANTONINO	387
418. Quem quiser voar, ponha a asas! — 419. Ao levantar-se de manhã cedo: Salmo 90!	
TOMÁS DE KEMPIS	390
420. As Escrituras devem ser lidas com o mesmo espirito com que foram ditadas.	
SÃO FRANCISCO XAVIER	391
421. Poder um dia citar em próprio favor as palavras de Mateus 25,20! — 422. Uma palavra para determinar uma vida.	
SÃO TOMÁS DE VILANOVA	393
423. Deus torna-se Mestre mais diretamente na Escritura, depois da escola da criação. — 424. Maria, o pergaminho virginal sôbre o qual foi escrito o livro exemplar do verbo. — 425. Saber ouvir a palavra. — 426. A Virgem à fonte das Escrituras.	
SANTO INÁCIO DE LOIOLA	397
427. Primeiros contatos humildes com a palavra de Deus. — 428. Congratulações com S. Francisco Xavier por se ter aberto no Japão a porta para o Evangelho. — 429. Fundamento escritural do governo e da obediência.	

Bem-aventurado JOÃO DE ÁVILA	pág. 400
430. A que preço se recebe o dom de compreender as Escrituras. — 431. Deus autor da palavra, também sendo Paulo que escreveu. — 432. Falsa glória em prejuízo da palavra de Deus. — Base de interpretação: o pensamento dos santos e a absoluta garantia da Igreja Romana. — 433. Palavra: remédio amargo infalível.	
SANTA TERESA DE ÁVILA	404
434. Evangelho, fonte. — 435. Cristo Mestre nos ama através do Evangelho. — 436. Mal supremo do mundo: não conhecer a verdade das Escrituras.	
SÃO JOÃO DA CRUZ	406
437-440. Agora tudo se compendia em Cristo, Palavra única de Deus.	
PADRE JOSÉ ANCHIETA SJ.	410
441. Num cantinho do aposento.	
SÃO LOURENÇO DE BRÍNDISI	412
442. Escopo de toda a Escritura: a destruição do pecado. — 443. Palavra "semente boa". Outras denominações da palavra. — 444. Para entender e explicar a Escritura é necessário rezar. — 445. O silêncio, a palavra, a doçura do canto inspirado da Virgem Mãe.	
SÃO ROBERTO BELARMINO	417
446-453. Loucura de quem quer prescindir das Escrituras, para depender do seu espírito interno.	
SÃO FRANCISCO DE SALES	422
454. Deus ouve as nossas palavras como nós ouvimos as suas. — 455. Amor efetivo, de obediência. — 456. Proteger em nós a palavra de Deus. — 457. Inclina o teu ouvido. — 458. Veneração a quem nos traz a palavra.	
BLAISE PASCAL	426
459. Fogo.	
PADRE ANTONIO VIEIRA S.J.	428
460-467 Aventura da palavra.	
T. BENIGNO BOSSUET	432
468-473. O máximo dever dos cristãos: ouvir o Mestre divino: "Ipsum audite!" — 474-477. Em tudo, filhos da Igreja.	
SÃO LUIZ M. GRIGNION DE MONFORT	444
478. A devoção à Virgem suscitará os fortes campeões da palavra de Deus. — 479. A Virgem, instrumento de Deus para o mais belo cântico revelado, "o maior sacrifício de louvor que Deus tenha recebido na lei da graça". — 480. A graça de ser verdadeiro discípulo da eterna Sabedoria.	
SÃO PAULO DA CRUZ	447
481. Palavras bíblicas que infundem grande coragem. — 482. Na humildade "serás minha boca". — 483. Somente a vida interior prepara para a palavra.	
SANTO AFONSO M. DE LIGÓRIO	450
484. A espada é afiadíssima, mas para que serve, dentro da bainha? — 485. Poucas citações, bem esmiuçadas. — 486. O adultério e o furto com a palavra. — 487. Água de rosas para apagar um incêndio?	
PADRE HENRIQUE D. LACORDAIRE O.P.	454
488. Que profunda impressão, saber que é "a palavra de Deus!" — 489. O lugar da Bíblia na vida cristã. — 490. Será proibido ler a Bíblia? — 491. Preparados pela Igreja, ler a	

	Bíblia na sua integridade. — 492. Ordem certa da leitura. — 493. Evangelho, livro que ama como mãe. — 494. O oceano da profundidade paulina.	
SANTO ANTÔNIO M. CLARET	pág. 464
	495. Todos os dias, a escola e a lição do Mestre divino. — 496. A palavra ressoou profunda no seu coração. — 497. Pão da vida e pão do intelecto: tudo pela Igreja. — 498. Palavras pronunciadas no Concílio Vaticano a 31 de maio de 1870.	
SÃO JOÃO BOSCO	467
	499. O Novo Testamento nasce na Igreja.	
CARDEAL J. H. NEWMAN	469
	500. Experiência e sofrimentos, nos abrem melhor o Livro de Deus. — 501. Certamente a Sagrada Escritura não ajuda a deixar a Igreja. — 502. Racionalismo, isto é, incapacidade de aceitar a palavra de Deus. — 503-505. O admirável reflexo pessoal da "palavra de Deus" nos hagiógrafos, nos santos, em Maria.	
SANTA TERESA DO MENINO JESUS	477
	506. O Evangelho declara o mistério da vocação religiosa. — 507. Um Salmo que se realiza numa vida. — 508. Uma estupefata imagem de Ezequiel descreve de modo perfeito a obra de Deus em Teresa. — 509. O Doutor dos doutores nos apresenta o Livro mais belo. — 510. Os Livros sagrados são guia luminoso no caminho do céu. — 511. Sirvo-me na mina fecunda do Evangelho. — 512. No capítulo 13 da primeira Carta aos Coríntios "encontrei o repouso".	
LEÃO XIII	481
	513-525. A Sagrada Escritura é fonte de santidade: daí a extraordinária diligência que a Igreja dedicou-lhe em todos os tempos. — 526. O profundo conhecimento do texto sagrado é, além de tudo, bom guia também nas ciências humanas.	
SÃO PIO X	487
	527. Em defesa do "depósito" divino. — 528. Fundação do Pontifício Instituto Bíblico.	
BENTO XV	490
	529-532. O exemplo de S. Jerônimo no estudo da Bíblia.	
PIO XI	493
	533. A Igreja mantém-se à altura da exposição e da defesa do valor divino das Escrituras. — 534. Setenta anos: meditação bíblica a 31 de maio 1927.	
Servo de Deus P. TIMÓTEO M. GIACCARDO	497
	535. Não se quereria jamais fechar. — 536. O ideal no Mestre. — 537. Entre Jesus Mestre e São Paulo: responsável! — 538. As Epístolas de São Paulo.	
PIO XII	499
	539. Evangelho, "extraordinário artífice de maravilhas espirituais". — 540. A revelação, íntima confidência de Deus. — 541. Docilidade, grande ato de inteligência. — 542. Aproveitar larga e santamente o tesouro. — 543. O Evangelho, fundamento da ordem social.	
JOÃO XXIII	504
	544-550. Palavras do Mestre universal no 50º aniversário de fundação do Pontifício Instituto Bíblico.	
PADRE TIAGO ALBERIONE	509
	551. Deus, modelo do escritor. — 552. Importância da Bíblia. — 553. Oração, antes da leitura da Bíblia. — 554. Oração, depois da leitura da Bíblia.	

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS GRÁFICAS DAS EDIÇÕES
PAULINAS - CIDADE PAULINA -
VIA RAPOSO TAVARES, KM 18,555
ESCRITÓRIO CENTRAL: P R A Ç A
DA SÊ, 180 - CAIXA POSTAL
8107 - SÃO PAULO - A. D. 1961